ONDE OS DOIS MUNDOS SE ENCONTRAM

Arthur Findlay

Tradúçóo: Amadeu Antônîo

DEDICADO a JOHN CAMPBELL SLOAN

que, durante cinquenta anos, disponibilizou à humanidade, sem pensar em recompensa nem na sua própria conveniência, o uso do seu corpo para fornecer a substância necessária a permitir que aqueles que morreram fizessem vibrar a nossa atmosfera com as suas vozes e assim nos falassem.

PREFÁCIO

DURANTE a Segunda Guerra Mundial, o Sr. John Campbell Sloan prestou amavelmente os seus serviços, de tempos a tempos, sem cobrar, nas casas de diferentes pessoas, para que elas e os seus amigos pudessem obter o fenómeno conhecido como Voz Direta. A Srta. Jean Logan Dearie, que mora em 16 Atholl Gardens, Glasgow, W2, assistiu a algumas dessas reuniões e fez registos taquigráficos verbatim de tudo o que ocorreu.

Ela reuniu vinte e quatro registos desse número de sessões e, em dezembro de 1950, escreveu-me a perguntar se eu achava que se poderia fazer algo para dar a conhecer ao público o conteúdo desses documentos. Pedi-lhe que mos enviasse e, depois de os ler, percebi que constituíam um valioso acréscimo aos registos das sessões que eu já publicara no meu livro No Limiar do Etérico. Quando tudo ficou satisfatoriamente combinado entre nós, pus-me a dar-lhes forma para publicação em livro.

A Srta. Dearie é uma taquígrafa perita e trabalha como secretária particular de um dos diretores de uma das principais empresas comerciais da Escócia. A sua competência e integridade são indiscutíveis, e estou satisfeito, após cuidadosa averiguação, de que os registos apresentados neste livro são exatos. Felizmente, isto pode ser confirmado, porque ela enviou, a expensas suas, e após o decurso de apenas alguns dias, uma cópia a papel químico do seu registo do que se passou em cada sessão a cada pessoa que esteve presente. Escrevi, por conseguinte, a sete dos participantes habituais para lhes pedir que me autorizassem a declarar neste livro que estavam satisfeitos por tudo o que ela registou estar correto e que nada fora omitido nem acrescentado que não tivesse acontecido.

A este pedido recebi não só os testemunhos que desejava, como, além disso, cada um expressou a sua apreciação pela Srta. Dearie em termos calorosos e afetuosos, sublinhando a sua bondade, o seu altruísmo e a sua disposição para ajudar em todas as ocasiões. Mais ainda, pediram-me que registasse que todos, sem exceção, estavam completamente convencidos de que tinham falado com aqueles que afirmavam ser as pessoas que haviam conhecido na Terra pelos

nomes que deram. Nada jamais alterará esta opinião, e tenho a sua autorização para a tornar pública neste livro.

Quanto à exatidão dos relatórios taquigráficos verbatim da Srta. Dearie, isto foi o que me escreveram:

SR. G. H. MORITZ, ANTIGO CHEFE DE SERVIÇOS DA SEDE,
UNIÃO BANCÁRIA DA ESCÓCIA, GLASGOW.

"Os registos da Srta. Dearie são exatos em todos os aspetos, pois eu lia-os depois de cada sessão."

SRA. MORITZ.

"Considero que os registos da Srta. Dearie são palavra por palavra perfeitos."

SR. ALEX. HART, M.A., UNIVERSIDADE DE GLASGOW,
ANTIGAMENTE PROFESSOR NA PORT GLASGOW E SUBDIRETOR EM GREENOCK, AGORA REFORMADO.

"A excelência da Srta. Dearie levou-me a abandonar a tomada de notas."

SRTA. MCROBBIE, PROFESSORA, PERCY STREET
SPECIAL SCHOOL, MARYHILL, GLASGOW.

"As notas da Srta. Dearie estavam bem organizadas e singularmente claras. Ela nunca omitiu nada. As minhas próprias notas, que tirei, eram quase idênticas às que ela me enviou. É uma mulher de grande integridade."
SRTA. COLQUHOUN, 265 KENMURE STREET,
POLLOKSHIELDS, GLASGOW, S.1.

"Sentei-me na maioria das sessões em que a Srta. Dearie esteve presente a tomar notas. Ela enviou-me todos os registos, que li, e verifiquei que era tão exata que era palavra por palavra perfeita."

SRA. BOWES, 107 ST. ANDREW'S DRIVE, MAXWELL
PARK, GLASGOW, S.1.

"Dá-me muito prazer acrescentar o meu testemunho quanto à excelência dos registos da Srta. Dearie das sessões com o Sr. Sloan."

SRTA. ELIZABETH DUFF, ENFERMEIRA HOSPITALAR REFORMADA,
12 CLEVELAND GARDENS, GLASGOW, W.2.

"Desejo declarar que os registos da Srta. Dearie das sessões do Sr. Sloan são exatos em todos os detalhes e foram tomados pela Srta. Dearie exatamente como chegaram do outro lado."

Lamento muito não poder apresentar o testemunho da Sra. Lang, mas ela já partiu. Ela e o marido eram frequentadores habituais dos círculos de Sloan quando, entre 1918 e 1924, eu também era participante regular. Tinha por ambos grande consideração e eram muito estimados por todos. Ela juntou-se ao marido e ao filho em 1948.

É muito gratificante que estes tributos tenham sido prestados à Srta. Dearie, pois realizou um trabalho notável, cuja importância não se apercebeu na altura. Fez vinte e quatro registos completos da Voz Direta, abrangendo os anos de 1942 a 1945, e duvido que este fenómeno maravilhoso alguma vez tenha sido antes registado com tanto cuidado e exatidão por um período tão longo. Outros taquígrafos fizeram registos no escuro do que as vozes disseram, como no caso da Srta. Millar, que atuou como minha anotadora quando eu investigava os fenómenos produzidos na presença do Sr. Sloan, mas não conheço mais ninguém cujas notas ascendam a quase 150 000 palavras como acontece com estes vinte e quatro registos feitos pela Srta. Dearie.

A melhor explicação de como o conseguiu é dada por ela própria:

"Começava com um caderno novo para cada sessão, que segurava no colo, e punha o polegar (mão esquerda) no início da primeira linha antes de se apagar a luz. Quando chegava ao fim de uma linha, deslizava o polegar um espaço para baixo e continuava a fazê-lo até sentir que estava no fim da página; então virava e simplesmente adivinhava onde começava uma linha na página seguinte. Nem sempre ficava na linha, mas as minhas notas eram bastante direitas e regulares, e a escrita sempre legível.

Nunca olhei para o meu caderno enquanto escrevia, mas olhava em volta como os outros presentes e assim conseguia ver todas as luzes espirituais e fenómenos que ocorriam. Nunca achei cansativa a tomada de notas e não tenho dúvida de que recebi ajuda do outro lado nesse trabalho."
À noite, depois de cada sessão, transcrevia as suas notas à máquina, mas estavam em papel fino dos tempos de guerra, com espaçamento simples, e não eram de fácil apreensão.

Não havia diferenciação de tipo ou cor entre os que falavam na Terra e os que falavam do outro lado. Por conseguinte, cada página tinha de ser revista cuidadosamente, paragrafada e rebatida à máquina para tornar isto bem claro, de modo que o tipógrafo pudesse colocar em tipos diferentes o que cada lado disse. Este trabalho exigente ocupou-me a mim e à minha secretária durante mais de três meses e só então foi possível aperceber-se do valor destes documentos.

Estas conversas registadas passaram, então, a poder ser lidas e entendidas com facilidade, estando aptas para impressão em formato de livro. Depois tive de obter dos presentes a confirmação de que tudo o que lhes fora dito estava correto e fora entendido. Isto foi dado de boa vontade e, em todos os casos, as suas respostas confirmaram que o que fora dito estava correto. A seguir, tiveram de ser acrescentadas ao texto numerosas notas e explicações para esclarecer o que se passou. Só quando tudo isto ficou feito é que pude começar a escrever a Introdução, a fazer os meus comentários no fim de cada capítulo e a redigir o resumo que compõe o último capítulo.

A Srta. Dearie, como disse, fez um registo verbatim de cada sessão que teve com Sloan, vinte e quatro no total, mas aqui dou apenas dezanove, porque o livro ficaria demasiado longo e caro se os incluísse a todos. Os omitidos eram tão probatórios e interessantes quanto os aqui publicados, mas tive de traçar um limite em algum ponto e estes dezanove escolhidos são representativos de todos. Outro ponto que quero salientar é que todas as trinta e quatro pessoas diferentes que participaram nas reuniões em vários momentos estiveram realmente presentes, como é mostrado no início de cada capítulo, e os seus endereços são conhecidos.

Consequentemente, os nomes indicados são os de pessoas reais e vivas, e estou-lhes grato por permitirem que os seus nomes fossem publicados e os seus assuntos familiares privados tornados públicos. Finalmente, este livro dá uma cópia exata do que a Srta. Dearie transcreveu. O texto do que foi dito, tanto deste lado como do outro, foi escrupulosamente respeitado e só em poucas ocasiões tive de deixar de fora algo dito do outro lado. Isto foi feito a pedido, porque as observações eram de caráter tão pessoal e privado; mas, em todas as ocasiões, assinalei que foi feita uma omissão a pedido. Fora isso, repito que o que foi dito por ambos os lados está exatamente como foi registado nos registos originais da Srta. Dearie.

Quero exprimir os meus agradecimentos a todos os que me ajudaram na preparação deste livro e responderam às minhas muitas perguntas, mas especialmente à Srta. Dearie, ao Sr. Hart, ao Sr. Moritz, ao meu irmão, o Sr. John Findlay, e à minha esposa por reverem as provas tipográficas. A Sra. Calvert, minha Secretária, tem sido tão exata e expedita a dactilografar os registos da Srta. Dearie que a ela também é devido um especial voto de agradecimento.

Posso concluir este Prefácio com uma observação pessoal? Foi em 1931 que publiquei No Limiar do Etérico e, durante estes últimos vinte anos, escrevi mais de dois milhões de palavras sobre o Espiritualismo, as suas provas, a sua filosofia, a sua história e o seu ensino. Este número de palavras teria preenchido

trinta livros de tamanho médio, e despendi o tempo e a energia necessários apenas para difundir a verdade e aumentar o conhecimento. Não ganhei dinheiro com este trabalho, pois os meus livros nunca foram vendidos acima do custo de impressão, encadernação, venda e publicidade.

Tomei providências para que estejam sempre disponíveis em impressão.

ARTHUR FINDLAY
Stansted Hall, Essex
Julho de 1951

CAPÍTULO I
INTRODUÇÃO

O SR. JOHN SLOAN é um homem único, um indivíduo que a natureza raramente produz, e toda a sua vida ocorreram acontecimentos supranormais na sua presença. Quando está numa sala escura com outras pessoas, ouvem-se vozes que afirmam ser de indivíduos que em tempos viveram na Terra e que eram conhecidos pelos nomes que dão. Quando Sloan não está presente, essas vozes não se ouvem. É chamado Médium porque fornece, sem o saber, algo do seu corpo que pessoas invisíveis podem usar para se fazerem ouvir na Terra. Esse algo é o nexo entre este mundo e a Etéria, geralmente conhecida como o Mundo dos Espíritos.

Essa substância chama-se Ectoplasma e será explicada mais adiante; mas, além de possuir isto em grau muito superior ao das pessoas comuns, ele consegue ver homens, mulheres e crianças que são invisíveis para a maioria. A isto chama-se Clarividência. Além disso, é clariaudiente, pois consegue ouvi-los falar quando as pessoas ao seu lado não conseguem. Nas sessões registadas neste livro todos ouviram o que as vozes disseram — eram objetivas — e este fenómeno é conhecido como Voz Direta. Quando apenas o médium ouve vozes, chama-se Clariaudiência.

Mas não é tudo, porque ele pode entrar em transe — condição semelhante à de uma pessoa sob anestesia — e, nesse estado, fica inconsciente do que o rodeia. Então não pode ver nem sentir nada, mas pode ser usado por uma inteligência invisível para dizer o que essa pessoa invisível deseja que diga. Quando volta ao normal, não tem consciência do que disse ou fez durante o período de transe. Além disso, possui outras faculdades anómalas, pois, quando está presente, objetos podem ser movidos sem contacto aparente e foram vistos a flutuar pela sala sem qualquer contacto físico. A isto chama-se Telecinese, ou movimento de objetos sem contacto físico; e, por fim, aquilo a que se chama aportes foi trazido para salas onde ele estava.

Aportes podem ser quaisquer coisas manuseáveis, e esses objetos são colocados, por alguém invisível, nas mãos da pessoa presente ou no seu colo. Uma vez, um charuto aceso foi colocado entre os dedos de um visitante enquanto ele conversava com Sloan em sua casa. Espantado, olhou em volta e acabou por sair, encontrando o dono do charuto a procurá-lo por todo o passeio.

Certa vez, deixei uma caixa de fósforos de ouro, com as minhas iniciais, no bolso para bilhetes do meu sobretudo. Nada disse a ninguém, pendurei o casaco no corredor de entrada, entrei na sala da sessão, tranquei a porta, meti a chave no bolso, encostei um tapete à base da porta e ocupei o meu lugar com os demais, sentados em círculo para a sessão que ia começar. Havia duas trombetas no centro do círculo para as vozes falarem, e não tardou, depois de se apagar a luz, que uma trombeta viesse à frente do meu rosto e um objeto metálico fosse sacudido no seu interior.

Uma voz disse: "Por favor, estenda a mão", quando se ouviu algo a deslizar pelo interior da trombeta até à minha mão. Era a mesma caixa de fósforos de ouro que eu colocara no bolso para bilhetes do meu sobretudo. Quando a sessão terminou, encontrei a janela ainda bem fechada com postigos, o tapete estava na porta como o deixara e a porta continuava trancada. É isso que se chama um aporte.

Por fim, Sloan é singular porque estes dons, se assim se lhes pode chamar, não lhe interessam. Nunca os explorou por dinheiro; na verdade, é bastante indiferente ao dinheiro. Consequentemente, tem dado sessão após sessão ao longo dos últimos cinquenta anos e nunca recebeu um tostão. Nada lhe foi pago pela sua presença nas Reuniões registadas nas páginas que se seguem. Em vez de obter algo delas, deu-se a trabalho e teve despesas para poder comparecer. Recebeu prendas de vez em quando, oferecidas por participantes agradecidos, mas nunca pede nada e nunca espera recompensa pelos seus serviços.

A terra natal de Sloan é Dalbeattie, em Kirkcudbrightshire, e, ainda muito jovem, foi para o mar, regressando depois para trabalhar em tecidos e, mais tarde, em alfaiataria. Depois foi para Glasgow, voltou a Dalbeattie e ali casou. A sua esposa, que conhecia desde a infância, era escriturária nos Correios, em Edimburgo. Depois disso, fixou-se em Glasgow, seguindo diversas ocupações. Trabalhou vários anos em diferentes departamentos dos Correios, depois como embalador num armazém e, na meia-idade, voltou ao mar durante alguns anos, regressando a Glasgow para abrir uma pequena papelaria/tabacaria. Seguiram-se outras formas de emprego e, então, estabeleceu-se numa casa em West Kilbride, em Ayrshire, onde passou os anos mais felizes da sua vida até à morte da esposa.

Mais adiante terei oportunidade de me referir ao excelente caráter da Sra. Sloan. Em jovem, ela chamava-lhe Jack; quando vieram os filhos, passou a chamá-lo Daddy; e, finalmente, chamava-lhe sempre "o meu velhote", nome que ele tanto gostava de ouvir da sua boca. Foi o nome que ela lhe chamou no último lampejo de consciência antes de partir; e agora, quando regressa, usa o mesmo nome, com a mesma afeição com que o fazia na Terra.

Toda a vida, Sloan trabalhou honesta e bem para o seu sustento, que nunca foi mais do que o de um trabalhador médio. De carácter, é modesto, humilde e reservado, franco, íntegro e de elevados princípios, embora ele próprio admita que, por vezes, resmunga e pode ser algo teimoso e taciturno. Nunca se murmurou uma palavra que diminuísse a sua retidão e honestidade de propósitos. Tem modos calmos, é de constituição franzina, leu muito pouco por causa da fraca visão e tem uma expressão algo sonhadora. A sua bondade e altruísmo veem-se na sua prontidão em sentar-se nestas sessões, porque sabia o conforto e o alento que significavam para tantos amigos — e para os amigos que eles traziam. Nunca ninguém foi mal-recebido, desde que fosse um verdadeiro investigador da vida além.

Tanto sobre Sloan, o Médium; mas como é que estas vozes, que este livro regista, são produzidas e ouvidas, se os interlocutores são invisíveis? À medida que avançarmos, será dito como é que nos falam; porém, temos de aceitar o que nos dizem, pois não temos meios de o comprovar por nós mesmos. Antes de podermos entender o que nos dizem, é necessário compreender algo do verdadeiro mundo em que vivemos, e só então seremos capazes de apreciar este fenómeno extraordinário. Devemos, antes de mais, saber algo sobre as leis relativas à matéria, a substância que compõe este nosso mundo. Em segundo lugar, precisamos de saber algo sobre a nossa própria constituição — o que é realmente o ser humano, o que é a vida e qual a diferença entre algo vivo e algo morto. Quando compreendermos estes dois problemas, muito do mistério que até aqui rodeou a mediunidade desaparece e o conhecimento toma o lugar da ignorância.

Do nascimento até à morte vivemos no que se chama mundo físico, composto por substâncias que vibram dentro de determinados limites fixos, a que damos o nome de "matéria". Desde que nele nascemos, aceitamo-lo como se abrangesse tudo. E, no entanto, quão diferentes as coisas são do que parecem. A matéria, que parece tão sólida, na realidade não é sólida de todo. O que vemos quando olhamos, por exemplo, para uma mesa ou uma cadeira, são as vibrações de um certo número de eletrões, que giram a imensa velocidade em torno de um

centro conhecido como núcleo. A matéria é constituída por átomos e estes, por sua vez, são compostos por eletrões e protões.

Consoante o número de eletrões num átomo, assim é a substância, mas o peso é condicionado pelo número de protões. Esta, então, é a matéria física, que é, na realidade, uma rede aberta de eletrões e protões, sendo imensa a distância entre eletrões e protões num átomo individual em relação ao seu tamanho. Se considerarmos o núcleo como ocupando no átomo a mesma posição que o Sol no nosso sistema solar, então as distâncias relativas a que os eletrões estão uns dos outros e dos protões podem ser tomadas como equivalentes às distâncias dos planetas entre si e ao Sol. Se considerarmos um átomo como algo do tamanho de um grande cinema, uma cabeça de alfinete representaria o tamanho relativo de um dos eletrões que o compõem.

Estes protões e eletrões no átomo estão, pois, muito separados, movendo-se a enorme velocidade, e são ligados pelo éter invisível que ocupa a maior parte do espaço dentro do átomo. A matéria é constituída por minúsculas cargas elétricas, positivas e negativas, que não se movem ao acaso, mas livre e ordenadamente, e estão ligadas entre si pelo éter invisível, que pode ser a substância básica do Universo.

Esta substância invisível é o meio entre as coisas materiais e os nossos sentidos, mas a matéria física é hoje considerada esse mesmo éter em certos estados fixos de vibração. Os eletrões no átomo são partículas de eletricidade negativa e os protões são, certamente, elétricos na sua natureza. Ambos são Espíritos, e a matéria é apenas éter num certo estado. Todo o éter é potencialmente matéria e toda a matéria potencialmente éter. A matéria física, que apela aos nossos sentidos, é apenas aquela secção do éter que, por acaso, vibra dentro de determinados limites fixos.

Assim, parece que o éter do espaço pode agora ser tomado como o grande elo unificador entre o mundo da matéria e aquilo a que chamamos etérico, visto ser a substância comum a ambos os mundos. Ambos estão contidos nesta substância, ambos fazem parte dela e ambos são formados a partir dela. Este mundo e a Etéria fazem parte do mesmo Universo e a vida em ambos é por ele condicionada. Aqui, neste mundo de matéria em que funcionamos, estamos apenas conscientes de uma escala inferior de vibrações, ao passo que, no mundo etérico — onde a vida também funciona — a consciência existe numa escala superior de vibrações.

O éter é, para outra vida no Universo, tanto quanto é para nós. O meio que os envolve é tão substancial e real para eles como o nosso é para nós. A vida

funciona na substância etérica e é igualmente capaz de o fazer quando livre da matéria física como quando revestida de matéria; na verdade, pode imaginar-se uma vida mais plena e mais ampla quando o corpo físico é descartado. Só os ignorantes afirmam que é real apenas aquilo que percebemos e que, para além desse alcance sensorial, nada existe. O nosso alcance sensorial — visão, tato, olfato e audição — é limitado ao extremo. Sabemos que o espetro do espectroscópio demonstra o quão limitado é o alcance da nossa visão comum e que outras gamas de vibrações daquilo que seria cor, se as víssemos, se estendem para ambos os lados. Diz-se que as vibrações percebidas, comparadas com as não percebidas, são muito menos do que uma polegada em relação a uma milha.

É evidente que existe uma região imensa para outra vida habitar à volta e no interior deste nosso mundo, uma região totalmente para além das nossas perceções sensoriais normais. (Ver o quadro no início do livro.) Até compreendermos claramente que aqui os nossos sentidos respondem apenas a uma gama muito limitada de vibrações — as que denominamos matéria física — e que, fora dessas, há um Universo cheio de vida, que responde a uma gama mais elevada de vibrações, irreal para nós, mas mais real para essa vida do que a matéria física, não poderemos apreender nem compreender em toda a sua plenitude os fenómenos que se desenvolvem através da mediunidade.

Qual é a causa de uma árvore em flor conservar a sua forma e as suas folhas, enquanto outra, a que se chama "morta", se desfaz em pedaços ao menor toque e se reduz a pó? Tem de existir um algo, a que damos o nome de "vida", que anima o organismo vivo e está ausente do organismo morto. Esse algo tem o poder de dar à substância forma e expressão, ao passo que, quando esse algo está ausente, vão-se a forma e a expressão e a substância que antes era animada volta a integrar a terra.

É evidente que existe algo que não podemos ver nem manusear e que, no entanto, é real e poderoso, além de possuir a faculdade de criar formas a partir da terra inanimada. Digo que tem de ser poderoso porque é capaz de erguer a matéria contra a força da gravidade e de a manter em posição ereta, pois, quando abandona a substância, a força da gravidade volta a assumir o controlo e a substância em causa fica sujeita a todas as forças da natureza.

Um homem, um animal, uma árvore, podem manter-se direitos quando essa força vital os permeia, mas, quando não, caem por terra. A vida, portanto, é uma força organizadora que pode contrariar a tendência da matéria para se desorganizar. A vida é uma força formativa e pensante que entra na matéria e a ordena, ao passo que a matéria, sem ela, é inerte e desprovida de personalidade.

A vida, portanto, não pode ser parte da matéria mais do que o oleiro pode ser parte do barro que usa nos seus moldes e, além disso, tem personalidade. Todo o ser vivo tem personalidade, porque tudo o que vive é diferente de tudo o mais que vive. Esta força vital, por este encadeamento de raciocínio, possui poderes muito para além dos atribuídos à matéria. É mais poderosa do que a matéria, pode organizar a matéria e, portanto, pensa. Para além disso, tem individualidade.

Conseguimos, assim, dar com segurança mais um passo em frente e afirmar que essa força organizadora é influenciada pela mente e que aquilo a que chamamos Mente tem de ser a força viva, ativa, dominante e controladora no Universo. A mente controla a vida e a vida controla a matéria. A morte pode, portanto, ser descrita como a separação da mente da sua associação com a matéria, e seria ilógico concluir que a mente e o seu veículo de expressão da vida, o corpo etérico, que têm tal poder sobre a matéria, deixam de existir quando deixamos de ver as suas faculdades organizadoras.

Embora não vejamos a mente a atuar, é lógico e razoável supor que aquilo que pode controlar a matéria não pode ser destruído. Este argumento geral, se não tivéssemos prova direta, poderia nunca nos conduzir a algo tangível. Poderíamos sempre ter razão ao supor a indestrutibilidade da mente e da sua expressão, a vida, mas, se os fenómenos psíquicos não nos tivessem vindo em auxílio, teríamos ficado apenas a meio caminho do objetivo. O objetivo, porém, foi agora alcançado, e o caminho foi preparado para que a mente humana percorra todo o trajeto.

Logicamente, é uma suposição razoável que a mente continue a existir após a morte, à parte da sua associação com a matéria, mas agora temos a prova, vinda da ciência psíquica, de que isso acontece e de que o corpo etérico, que sobrevive, é o corpo real e aquele que mantém unido o corpo físico durante a vida na Terra. A morte, dizem-me, é tão fácil e simples como adormecer e depois despertar. O nosso corpo etérico duplicado — cada célula etérica um duplicado de cada célula física — desliza para fora do corpo físico, levando consigo a mente, e despertamos para o novo meio, encontrando os nossos amigos e familiares prontos para nos ajudar e instruir na nova vida.

A morte é, simplesmente, a separação desse corpo, ou estrutura, etérico do corpo físico. O corpo físico regressa à terra e o corpo etérico, controlado pela mente, continua a funcionar na Etéria que, embora esteja dentro e também fora do físico, não pode ser por nós apreciada enquanto formos habitantes do corpo físico. O nosso alcance de visão e tato é demasiado limitado para apreciarmos essas vibrações mais subtis.

A nossa individualidade, portanto, continua à parte da matéria física, e continuamos a pensar à parte do físico, porque a mesma mente que funcionava quando associada ao corpo físico passa a fazê-lo através do corpo etérico duplicado. Assim, continuamos a existir como unidades pensantes separadas na Etéria, muito como hoje, mas em novo ambiente. Com a mesma capacidade de expansão do pensamento que temos aqui, as nossas mentes desenvolvem-se — e, ao que parece, desenvolvem-se mais rapidamente à parte da matéria física. Os nossos corpos Espíritos são semelhantes aos atuais, célula por célula — e essa é a conclusão lógica quando admitimos o que já foi dito: que o etérico mantém juntos os elementos físicos.

Esse corpo etérico, além disso, tem peso assim como forma, pois o peso é apenas uma questão de grau. No mundo etérico, o peso — que no físico é determinado pela gravidade — é determinado por outra força de natureza semelhante. Teremos, pois, peso, solidez, forma, individualidade e seremos os mesmos em mente e corpo na Etéria tal como agora; mas quanto ao nosso meio envolvente? No que respeita a isso, podemos aceitar o que nos é dito nestas comunicações do outro mundo, porque podemos fazer certas deduções lógicas com base no nosso meio físico. Informam-nos de que a Etéria é semelhante a este mundo.

O nosso mundo é composto por indivíduos e por outros seres vivos animados por uma força a que chamamos "vida", controlada pela mente. Não é, portanto, irrazoável concluir que essa força, combinada com a mente, que tem o poder de atuar sobre a matéria física e produzir aquilo que experimentamos no mundo físico, tem igualmente o poder de influenciar a matéria etérica.

É, por conseguinte, razoável acreditar que a Etéria contém árvores, animais e flores, sendo em tudo semelhante a este mundo, e que, quando fizermos a mudança chamada morte, nos encontraremos num mundo muito parecido com o em que vivemos hoje, com a diferença de que não estaremos onerados pela matéria física. Consequentemente, a nossa mente será mais ativa e os nossos pensamentos e movimentos mais rápidos.

Há outro mundo, à nossa volta e em nosso redor, que interpenetra este mundo físico, para o qual passamos na morte. Foi-me descrito por aqueles que me falaram a partir dele, mas apenas em linguagem adequada às nossas mentes finitas. Quando perguntei como o explicar melhor aos outros, disseram-me para o comparar a um mar de éter, no qual o movimento pessoal é ainda mais rápido e fácil do que o de um peixe na água. Tomemos, por exemplo, o mar em que flutua uma esponja submersa. Isto pode ser comparado à nossa Terra no espaço.

À volta dessa esponja há um mar de água que sustenta a vida, tal como há um mar de éter a envolver a Terra que sustenta a vida.

A Etéria pode ser comparada à água que rodeia a esponja, com esta diferença: a esponja absorve apenas parte da água, ao passo que a Etéria não está apenas fora da nossa Terra, mas também dentro dela, porque a sua substância tem uma frequência vibratória mais elevada do que a da nossa Terra. "Interpenetra" é a única palavra que temos para descrever algo real a ocupar o mesmo espaço que outra coisa real, e é na superfície deste maior globo etérico que um dia viveremos.

Além disso, existem outros globos maiores e ainda maiores, de substância cada vez mais fina, todos interpenetrando-se mutuamente, nas superfícies dos quais um dia habitaremos. Começamos na Terra e, à medida que as nossas vibrações aumentam, à medida que o nosso veículo mental — o corpo — se torna cada vez mais refinado, subimos esta escada através das esferas, degrau a degrau. Ao atingirmos a primeira etapa após a morte, apreendemos um novo aspeto e deixamos de sentir a Terra e, assim, após cada mudança, o mundo anterior torna-se apenas uma memória.

É isto que os Espíritos chamam o nosso progresso através das esferas; para onde tudo conduz, só podem supor. Não obstante, este acréscimo de conhecimento alarga a nossa visão e aumenta o nosso esforço rumo à perfeição, ao mesmo tempo que confere a todos um propósito e uma maior compreensão da vida na Terra.

Um homem ou mulher etérico, a quem chamamos fantasma, pode atravessar uma parede ou uma porta terrestres sem dar por isso, por causa das vibrações mais baixas das coisas físicas.

Contudo, como as vibrações dos seus corpos Espíritos são de frequência mais elevada, não poderiam atravessar uma parede ou uma porta na Etéria, porque a frequência das vibrações das paredes e portas etéricas corresponde à frequência das vibrações dos seus corpos. Vendo pelo outro prisma, nós não conseguimos atravessar as nossas paredes e portas, mas não damos por as deles existirem — embora elas, e muito mais, existam, ainda que não as possamos apreender.

Para a nossa ordem, as coisas físicas são sólidas; para a sua ordem, as coisas etéricas são sólidas, ao passo que os objetos físicos podem ser por eles atravessados sem que reparem. Não obstante, podem pensar-se de volta à Terra e apreciá-la, se quiserem; nós, porém, não podemos pensar-nos para dentro da Etéria.

No corpo físico estamos em harmonia com o meio físico. Na morte deixamos o corpo físico e funcionamos no nosso corpo etérico. Passamos para um novo ambiente de vibrações mais frequentes, que nos envolve — um ambiente que sustenta a vida, tal como a água sustenta a vida. Nós, na Terra, estamos neste mar de éter, embora não tenhamos consciência disso; e assim é agora tanto quanto alguma vez será. A diferença que a morte nos traz não é tanto uma mudança de localização como uma mudança de apreensão. Agora só apreendemos o físico; então apreenderemos o etérico.

Só quando o desejarmos é que voltaremos a entrar em contacto com o físico, pois o físico pertence à substância física e o etérico à substância etérica, cada qual na sua ordem — com a única diferença de que os do mundo etérico podem voltar até nós à vontade, ver-nos e apreender-nos, a nós e ao nosso meio. A nós cabe apenas ouvir o que nos dizem e tentar imaginar. Somos como uma pessoa cega aqui na Terra, pois, em condições normais, não vemos esses homens e mulheres do mundo etérico; mas podem produzir-se condições que nos permitam vê-los e ouvi-los e, a partir do que nos é dito, podemos imaginar o melhor que pudermos.

As condições são produzidas por nós na Terra, e elas agem sobre elas. Consequentemente, quando nós, os participantes, temos connosco alguém que possui uma superabundância de ectoplasma, eles podem tomar esse ectoplasma e tratá-lo quimicamente com os seus próprios químicos, e produzir uma substância que tem o poder de vibrar a nossa atmosfera. Esta matéria ectoplásmica, sobre a qual será dito mais adiante, é pressionada pelo orador etérico e adere aos seus órgãos vocais, de modo que, quando ele fala, a nossa atmosfera é vibrada.

Ouvimos através da voz que vibra a atmosfera e, consequentemente, quando eles falam, quando os seus órgãos vocais estão revestidos de ectoplasma, conseguem fazer-nos ouvir. O ectoplasma faz parte do nosso corpo, mas na grande maioria não existe em quantidade suficiente para ser usado com o propósito da produção de voz e, por conseguinte, os participantes fornecem apenas uma quantidade relativamente pequena. O Sr. Sloan, contudo, possui este ectoplasma em grandes quantidades, e é por isso que eles conseguem falar connosco na sua presença com tanta facilidade e durante tanto tempo.

Os nossos maiores pensadores não têm a mínima conceção das propriedades que compõem o Universo. Os nossos líderes do pensamento atual, ignorando, como muitos fazem, a sala de sessões espiritualistas e o mediunidade, perdem grandes oportunidades de instrução. O pensamento ortodoxo de hoje sustenta a opinião de que o espaço está vazio de outra vida. Eu digo que não, mas que

contém vida e forma e feição, porque assim me foi dito por aqueles que o habitam, e seguramente eles sabem mais sobre a sua própria pátria do que nós. A substância, formada por uma infinidade de vibrações diferentes, é o Universo, compõe o Universo, está em todo o lado no Universo, não há lugar algum onde não esteja, nunca teve princípio, e nunca terá fim. Está em constante movimento, evoluindo ou involuindo do nosso ponto de vista.

Não existe tal coisa como espaço vazio. Esta substância, que em certos estados de movimento se nos apresenta como matéria física, em outros estados apresenta-se aos Espíritos em Etéria tal como a matéria física se nos apresenta a nós. Consequentemente, eles têm o seu mundo tangível onde as coisas vivem e progridem, tal como nós temos o nosso. Estamos apenas a começar a discernir o verdadeiro Universo e a sua constituição, e o Rei desta região ilimitada, a Mente, está apenas a começar a ser vagamente compreendido. De facto, a procura pelo último fundamento, por parte da humanidade, tem sido longa e acidentada. Muitos foram os desvios percorridos e os erros cometidos antes de chegar sequer às suposições atuais, mas estas afirmações têm muito que as justifique, embora seja imprudente, sem maior conhecimento, avançar demasiado depressa ou demasiado longe.

À medida que Etéria se nos vai revelando cada vez mais, assim estaremos melhor preparados para compreender o Universo de forma mais global, e não olhá-lo apenas do ponto de vista físico. Esta visão limitada nunca explicará o Universo. Tempo e espaço irão sempre confundir-nos, e só incluindo o etérico, e a mente, será o Enigma do Universo alguma vez explicado.

A mente é o fator comum entre esta Terra e os outros planos Espíritos da existência. A substância física e etérica, governada pela mente, assim compõe o Universo, e, tanto quanto se sabe, nada existe para além ou acima disto. Onde quer que a mente esteja, aí se encontrará substância física ou etérica, e assim torna-se impossível imaginar um Universo limitado porque ele tem de ser tão ilimitado quanto é a mente. A mente não pode operar no nada. Mente e substância devem andar juntas, porque, se não houver mente, não há substância, e se não houver substância não há mente.

Consequentemente, enquanto e onde quer que a mente exista, também deve existir substância, sendo o Universo limitado apenas pelos limites da mente. Cada um de nós tem a sua parte desta mente universal, e a sua interação com a matéria física é evidentemente com o propósito de a treinar na criação de imagens mentais. A mente, quando individualizada, possui a peculiar faculdade de formar, ou moldar-se, nas imagens e movimentos do seu meio envolvente.

Estes pode reproduzi-los à vontade e, através do meio da matéria física, provocar mudança e movimento aqui na Terra.

Em Etéria, tem o poder de moldar a substância etérica de forma mais direta, e, pelo pensamento, a substância etérica circundante pode ser transformada nas formas que a mente imagina. A Terra, então, é o campo de treino da mente que se tornou individualizada. Aqui é treinada na criação de imagens através do contacto com os meios mais grosseiros da Terra e, à medida que se desenvolve, assume cada vez maior controlo sobre o seu meio. Quando cessa de funcionar através da matéria física, assume um controlo ainda maior do seu meio em Etéria, até que, em última análise, nós, representados pelas nossas mentes e pelos nossos meios, nos tornamos exatamente aquilo que pensamos.

Cada mente individual, a frequência vibratória mais elevada que conhecemos, é, portanto, treinada no pensamento criativo através do contacto com a Terra, sendo esse treino o que condiciona o nosso meio aqui e no além. A mente, evidentemente, nunca morre, mas continua a desenvolver-se, e, com o seu crescente domínio sobre o meio, tanto o espaço como o tempo se tornam cada vez menos relevantes. A minha mente sou "eu" e a tua mente és "tu". Ela existiu por toda a eternidade, embora não tão individualizada como agora. Quando inicia a sua experiência terrestre, entra num caminho que lhe permite moldar cada vez mais o seu meio à medida que pensa, e o seu destino, o meu destino e o teu destino, o destino de cada mente individualizada, é tornar-se exatamente como pensa.

As nossas mentes acabarão por ter completo controlo do nosso meio e, tal como pensamos, assim seremos e faremos. Isto, dizem-me Espíritos instruídos que me falaram, é o nosso destino, e o nosso primeiro passo para alcançar este controlo sobre o nosso meio, sobre o tempo e o espaço, é o nosso tempo na Terra, sendo para atingir este fim que nós, enquanto mentes individualizadas, passamos pelas nossas experiências terrenas.

Numa sessão espírita encontramos aqueles que já passaram a primeira curva desse caminho, mas que conseguem voltar e falar connosco por um tempo limitado. As conversas que temos com eles, como será revelado nos capítulos que se seguem, fluem suavemente. O que não era recordado pelos participantes no momento era geralmente lembrado mais tarde, mas eu fiz perguntas específicas para ter a certeza de que os participantes estavam satisfeitos com o que lhes tinha sido dito. Verifiquei que assim era.

Quando as observações são algo vagas é por um propósito, porque os Espíritos têm cuidado em não dizer nada que pudesse ser ressentido. Sabem muito sobre

as nossas vidas privadas, mas percebem que não desejamos que os nossos amigos e familiares tenham conhecimento de tudo o que pensamos e fazemos. Assim, são cautelosos no que dizem, embora por vezes digam algo que a pessoa em questão preferiria manter privado. Nestas raras ocasiões, quando revelam algo de carácter privado, suprimi as observações e mencionei que o fiz.

Deve também lembrar-se que estes Encontros não foram os primeiros a que os participantes regulares assistiram, já tinham ido a outros antes, alguns tinham-se sentado com Sloan durante anos, e estavam bem conscientes de como criar as condições mais perfeitas possíveis para a receção. Assim, quando as vozes falaram nas sessões aqui registadas, e algumas deram apenas o primeiro nome, os participantes sabiam quem eram e, consequentemente, não foram feitas perguntas para estabelecer identidade. Quando, contudo, falam recém-chegados que nunca tinham falado antes, têm de ser identificados, e isso é feito perguntando sobre as suas vidas na Terra, perguntas que os oradores têm de responder corretamente para serem aceites como as pessoas que afirmam ser.

Com a maioria dos que falaram nos Encontros registados neste livro, este processo de triagem já tinha sido realizado em sessões anteriores, e isto explica porque a maioria dos que falaram foi aceite sem mais perguntas. O caderno do Sr. Hart, que me enviou para eu rever, contém os nomes de alguns destes oradores regulares de Etéria desde 1938, e eu próprio reconheço alguns que falaram quando me sentei com Sloan em trinta e nove ocasiões entre 1918 e 1924.

Ler sobre o que aconteceu é muito diferente de realmente experienciar os fenómenos. Apenas alguns relativamente poucos tiveram a sorte de possuir este privilégio, mas, quando é experienciado, toda a visão da vida de uma pessoa é transformada, e posso compreender plenamente como foi que a vida do Apóstolo Paulo foi transformada pela sua experiência psíquica no caminho para Damasco. Muitos outros indivíduos chegaram até nós na História que tiveram experiências semelhantes, e tiveram a sua visão da vida alterada, mas tais ocorrências precisam de ser experienciadas por cada indivíduo antes de poderem ser plenamente apreciadas.

A coisa mais próxima disto é ler sobre o que essas pessoas afortunadas experienciaram, e não conheço nenhum registo mais longo, mais informativo e consecutivo do que aquele que está contido entre as capas deste livro. Isto deriva da invenção da estenografia, que permitiu registar um relato contínuo e correto de tudo o que aconteceu. Este registo está agora organizado em forma de livro para aqueles que desejem lê-lo.

No passado, vozes supranormais semelhantes falaram, mas, se alguém escreveu um relato do que foi dito, provavelmente foi breve e acabou perdido e esquecido. Quando poucos sabiam ler ou escrever, quando os livros, como hoje os conhecemos, não existiam, e quando a escrita rápida era desconhecida, poucos tomaram conhecimento do que as vozes etéricas diziam, e tudo o que sabemos sobre elas é o relato, que ocorre com tanta frequência na literatura antiga, de que vozes falavam a partir do vazio. Consequentemente, a religião dogmática organizada floresceu, e a humanidade ignorante foi instruída pelos sacerdotes sobre o que devia acreditar, sob pena de sofrer as consequências de pensar por si própria.

Este livro não é senão uma história de descoberta, e a maioria das pessoas pode sentir-se emocionada com tal narrativa. O país descoberto não é imaginário mas real, não é um lugar que nunca se verá, mas um lugar que todos alcançarão num prazo relativamente curto a partir de agora, dentro dos próximos sessenta ou setenta anos para alguns, e para outros muito menos. Este livro é a história do que foi contado por alguns habitantes desse país às pessoas a quem em breve serão apresentados.

Foi contado pelas suas próprias vozes em inglês claro e audível, e agora sabemos como é a sua terra, onde se situa, como lá chegaram, como se sentem, como se parecem, e como devemos viver na Terra para nos adaptarmos rapidamente às condições mais intensas que lá iremos experienciar. Aí teremos de ser capazes, se quisermos ser felizes e satisfeitos, de nos adaptar a uma nova sociedade de altos ideais, e o conhecimento prévio que nos dão coloca-nos numa posição privilegiada, porque, para a vasta maioria da humanidade, tal é totalmente desconhecido.

Para tornar este livro mais fácil de ler e compreender, mandei imprimir o que vem de Etéria em tipo diferente, e esta distinção torna as conversas simples de seguir. Este uso de tipo distinto, e a compreensão do que contém este capítulo introdutório, tornarão o que se segue mais facilmente compreendido, mas mais explicações serão dadas no final de cada capítulo.

Consequentemente, vou agora levar-vos até ao pequeno grupo que se reuniu numa pequena sala da casa da Sra. Bowes, no dia 11 de abril de 1942, juntamente com o médium Sr. John Sloan. Sentam-se nos seus lugares, que foram dispostos em círculo, e no chão estão duas trombetas de alumínio em posição vertical, com cerca de sessenta centímetros de comprimento. Quando todos estão acomodados, apagam-se as luzes, e a sala fica em completa escuridão, porque a persiana da janela está descida e as cortinas pesadas estão corridas.

Assim, vamos agora iniciar o próximo capítulo e ler o relato da Srta. Dearie sobre o que aconteceu.

CAPÍTULO II

ENCONTRO NA CASA DA SRA. BOWES
MAXWELL PARK, GLASGOW

Sábado, 11 de abril de 1942

Presentes: Sra. CRISSIE LANG, Sr. ALEXANDER HART,
Sr. GEORGE MORITZ, Sra. HILDA MORITZ,
Srta. JEAN DEARIE, Srta. CRISSIE COLQUHOUN,
Sr. JOHN SLOAN.

Abrimos o Encontro com o hino *Mais perto quero estar, meu Deus, de Ti* e, depois de terminarmos de cantar, a Sra. Moritz comentou que tinha a certeza de que uma voz do outro lado se juntara a nós, uma voz muito bonita, e perguntou ao Sr. Sloan se ele tinha estado a cantar.

O Sr. Sloan respondeu:
— Não, eu não sei cantar de todo, por isso não fui eu, mas não notei nada de especial no canto. Talvez cantes de novo, amigo, se de facto cantaste.

Uma voz masculina respondeu:
— Não vou voltar a satisfazer-te, Sloan, com o meu canto, tu não o aprecias.

E depois voltou-se para a Sra. Moritz:
— Esta é a única entendida aqui, mas dou-lhe os parabéns, Sr. Hart, pelo seu bonito canto.

Começámos então a falar sobre as rações e sobre como era difícil conseguir coisas nas lojas, como as pessoas com família numerosa recebiam senhas até para bebés e não conseguiam usá-las todas. Uma voz de criança interveio e disse:
— Mas as Mamãs podiam usá-las.

Rimo-nos e dissemos:
— Sim, querida, é verdade, as Mamãs podem usá-las bem.

Uma voz masculina falou então, dizendo:
— Deixem lá as rações por um tempo. Não te queixes, John Sloan, que ainda podes vir a receber muito menos.

Rimo-nos e perguntámos quem falava, e a resposta foi:
— Bem, eu não sou filho de Jock Tamson, de certeza.

Disto concluímos que não tinha sido o Sr. Lamont a falar, já que ele costuma usar esse velho dito. "Somos todos filhos de Jock Tamson" é uma expressão escocesa que significa que ninguém é melhor do que ninguém.

A Srta. Dearie então comentou:
— Estava mesmo a pensar sugerir que cantássemos algo alegre.

Quando a voz respondeu:
— Muito bem, muito bem, mas cuida de ti, Sloan. Eu não quis dizer o que disse há pouco — não, não. Não quis dizer, apenas queria tirar-te do assunto das rações.

Cantámos *Ó Deus de Betel, por cuja mão*, e uma voz do outro lado cantou connosco. Enquanto cantávamos vimos luzes a mover-se; uma, do tamanho de um lápis, era extremamente brilhante, e outras mais enevoadas.

Um de nós começou então a contar o que tinha saído nos jornais sobre um poltergeist que tinha causado estragos numa mansão do campo, atirando coisas e incendiando quartos, e como a Companhia de Seguros tinha pago alegando que os incêndios tinham sido causados por forças desconhecidas. Uma voz do outro lado disse então:
— Tens aí uma oportunidade para queimar as tuas velharias, Sloan.

O Sr. Sloan respondeu:
— Não, não, fico com as minhas coisas velhas. Servem-me muito bem, mas devias ter vergonha de fazer um comentário desses.

A resposta veio:
— Bem, não podes esperar que eu me torne um anjo de repente.

Pedimos-lhe que nos dissesse quem era, e ele respondeu:
— Não, por Deus, não vou dizer.

O Sr. Sloan comentou:
— Bem, vieste parar a uma boa casa, de qualquer forma.

E recebeu a resposta:
— Não tenho dificuldade nenhuma em entrar em qualquer casa.

Ao que o Sr. Sloan observou:
— Bem, não consegues esconder a tua nacionalidade, de qualquer forma. Toda a gente sabe que és escocês, tal como eu.

A voz disse:
— Tens vergonha do teu país ou esqueceste-te de que és alemão?

O Sr. Sloan respondeu:
— Estás enganado, amigo, eu de certeza que não sou alemão.

E a resposta veio:
— É melhor ires ver a tua certidão de nascimento.

O Sr. Sloan disse:
— Bem, sei que o meu pai era escocês e a minha mãe era uma Campbell e falava gaélico, por isso não há muito de alemão nisso.

A voz desconhecida deixou de provocar Sloan e prosseguiu:
— E tu, Srta. Colquhoun, o teu nome soa muito a Cowen ou Cohen, e este último é judeu — mas não reclamas Cohen, pois não, Srta. Colquhoun?

A Srta. Colquhoun disse:
— O meu nome soa realmente a Cohen, mas é Colquhoun (pronuncia-se "Cuhoon").

A voz disse:
— Claro que é Colquhoun; de certeza que não tens vergonha do Clã.

E ela respondeu:
— Não, não tenho vergonha, mas receio não saber muito sobre ele.

E veio a resposta:
— Não sabes a história do teu próprio Clã? Ora, ora, ora; não esperava isso de ti.

(Podemos considerar que a voz comunicante estava a tentar ser divertida ou, mais provavelmente, a tentar aliviar a tensão entre os participantes, que atrasa os fenómenos.)

A trombeta então tocou na Srta. Dearie e afagou-lhe a cabeça e o rosto. Ela perguntou quem era, e uma voz disse:
— Sou o teu querido — é o James.

A Srta. Dearie disse:
— Mas receio não saber quem é James.

A voz disse:
— Isso é uma mentirinha. Tu conheces-me.

O Sr. Sloan disse então:
— Srta. Dearie, não teve a senhora um James ligado a si na infância? Vai ter de recuar aos tempos de escola ou até antes.

A Srta. Dearie disse:
— Pode ser que sim, mas não consigo lembrar-me de nenhuma ligação próxima com esse nome. Se ele me dissesse o apelido, isso podia ajudar.

O Sr. Moritz comentou:
— Sim, ou de onde era; isso ajudava a situá-lo.

Não tivemos resposta a isso, mas a trombeta voltou a acariciar a Srta. Dearie na cabeça e no rosto. Ela disse:
— Obrigada, James, seja lá quem fores. Tentarei lembrar-me de ti mais tarde.

O Sr. Sloan comentou:
— Já me aconteceu muitas vezes — não conseguir situar alguém que falou comigo, e depois mais tarde recordar-me de quem era.

Alguém disse que James podia ser apelido, ou até nome do meio, mas isso não teve resposta do outro lado.

Uma voz masculina disse então:
— Olá, estão todos aí, Sloan? Estás muito mais exigente hoje. Não sei o que se passa contigo.

(E depois, como se falasse com alguém do seu lado, disse:)
— Entra.

(Como se estivesse a convidar alguém para a sala.)

Ele perguntou então:
— Conheces o William Crosher? Bem, é com grande pesar que tenho de admitir que o encontrei aqui.

Este indivíduo espirituoso continuou:
— Não fiquem demasiado sérios — mantenham o ânimo, que isso ajuda-nos.

O Sr. Moritz comentou que tinha a certeza de ter visto o nome Crosher nos anúncios de óbitos há pouco tempo, mas ninguém conhecia o Sr. Crosher nem sabia nada sobre ele.

Começámos então a falar sobre o Sr. Peter Galloway, em vida um destacado espírita de Glasgow, quando uma voz do outro lado comentou:
— Ele também tinha um estilo dominador.

O Sr. Sloan respondeu que era um ótimo sujeito, e o nome da Sra. Galloway foi mencionado, quando uma voz masculina disse:
— Eu conheci a Sra. Galloway. Ela era uma supermulher, ou senhora, devo dizer.

Fazia questão de ajudar os outros em qualquer altura, dentro do que a sua consciência lhe permitia.

Uma voz masculina falou então ao Sr. Moritz, dizendo:
— Como está, Sr. Moritz?

O Sr. Moritz perguntou quem era, e obteve a resposta:
— Já o encontrei muitas vezes em casa da Sra. Lang desde que cheguei aqui, e conhecia-o bem quando estava no corpo. Lembro-me de toda a minha vida terrena — ah, sim — não é um registo muito bonito. Podia ter sido melhor.

O Sr. Moritz perguntou: "Mas não me pode dizer quem é?", e recebeu a resposta:

"Ah, sim, tenho muito gosto em fazê-lo. Sou o Robin Howat."

O Sr. Moritz respondeu: "Bob Howat — que contente fico por o ouvir falar!"

A resposta do Sr. Howat foi:

"Sabes que é humano toda a gente escorregar um pouco na vida terrena. Fiz o meu melhor, embora não tenha sido um melhor muito bom."

A Sra. Moritz comentou então para nós, no círculo: "Tive a impressão de que era o Robin Howat mesmo antes de ele nos dizer o nome. Não é estranho? — Não sei o que me fez pensar nele." O Sr. Howat disse:

"Vim dar-vos boas notícias. Eu vi o vosso filho e ele está bem. Fui até à costa com um amigo. Sabes como eu gostava do mar. Eu não vivia junto ao mar, mas interessava-me sempre por homens do mar. Limitei-me a pedir que me pusessem no caminho de encontrar alguém (na Terra) que eu conhecesse, por isso fiz uma longa viagem e visitei um navio; não um navio muito grande.

Vi o vosso filho. Eles (os meus amigos em Etéria) apontaram-mo e disseram: 'Aí está um jovem cavalheiro cujos pai e mãe com quem falarás hoje. Hás de lhes entregar esta mensagem da parte dele: "Está tudo bem."' Foi por isso, Sra. Howat, que teve a impressão de que era eu."

Claro que ele devia ter dito "Sra. Moritz", mas este engano ficou esclarecido mais tarde. Prosseguindo, o Sr. Howat disse:

"Quis que soubessem que ele está bem. Deixar-vos-á satisfeitos saber, Sr. e Sra. Moritz, que esta fé que vós próprios abraçastes, e sobre a qual falastes com o vosso rapaz, tem sido uma grande ajuda para ele na aflição e na dureza, e também vos agradará ouvir que ele está a transmitir este conhecimento a outros

sempre que tem oportunidade. Ele beneficiou muito da instrução que lhe destes nesta certeza da continuidade da vida."

A Sra. Moritz observou que o filho lhe dissera ter ouvido alguns dos rapazes no mar discutir o assunto, e que um deles dissera que o aceitava por causa das experiências da Mãe.

Uma nova voz disse então:

"Não consigo deixar de ouvir o que está a dizer agora, Sra. Moritz — 'por causa das experiências da Mãe'. Sabe como a palavra de uma Mãe pesa para um rapaz. Podemos ir contra o velho às vezes, mas nunca contra a Mãe. Há momentos em que todos estamos inclinados a pensar em coisas sérias, e sei que está a pensar em mim neste momento, querida Mãe. Sou o Arthur." (Arthur Lang, que foi morto na Primeira Guerra Mundial.)

A Sra. Lang respondeu: "Estava precisamente a pensar, Arthur, no teu aniversário e a desejar que ainda estivesses comigo." O Arthur continuou:

"Se eu tivesse ficado contigo, querida Mãe, agora já estaria a ficar um velho. Eu faria cinquenta esta semana."

A Sra. Lang respondeu: "Não, querido, para a semana — dia 16 — eu não podia esquecer essa data, sabes, Arthur." A isto veio a resposta dele:

"Perdi a conta do tempo, mas sei que era dia 16. Foi em 92, não foi? — 16 de abril de 1892."

A Mãe respondeu: "Sim, é essa a data", e então o Arthur disse:

"Sabes, Mãe, eu não aparento cinquenta agora. Sabes aquela fotografia que tens de mim, Mãe? — pois, estou exatamente com o mesmo ar juvenil, mas sem a farda, claro." (Referindo-se ao seu uniforme.) "Vejo-te a olhar para ela às vezes, queridíssima Mãe, e dou-te um beijo, mas tu não sabes."

Ouvimo-lo então dizer aos seus amigos do seu lado:

"Sim, esta é a minha Mãe."

A Sra. Moritz disse: "Trouxeste alguém contigo, Arthur?", e ele respondeu:

"Não, estou apenas a dizer ao pequeno grupo aqui que esta é a minha Mãe; a melhor, a mais leal e a mais nobre."

A Sra. Lang disse: "Arthur, terias sido um grande apoio se ainda estivesses comigo", e a isto ele respondeu:

"Sim, queridíssima, mas eu estou sempre junto de ti, e sei que tens consciência desse facto."

A Sra. Lang disse: "Oh, sim, eu sei disso." O Arthur então observou:
"E como está, Srta. Colquhoun? Diga ao grupo que não quero que a minha conversa a perturbe nada, mas dá-me grande prazer falar com a Mãe e com os presentes. Eu conheci-a na vida terrena, Sra. Moritz?"

A Sra. Moritz disse: "Não, Arthur, nessa altura não", e ele prosseguiu:

"Mas agora conheço-a — conheço todos os presentes."

A Srta. Dearie comentou: "Sr. Lang, eu conheço um amigo seu — o Dr. Mavor — ele fala de si no livro dele. Penso que esteve na Universidade com ele — ou na escola?"

O Arthur disse:

"Sim, conheci-o. Eu era um grande favorito e protegido da Mãe dele — a Sra. Mavor — mas achava que ela às vezes fazia demasiadas festas a meu respeito. Nunca gostei de 'manteiga', receio que eu tivesse um feitio bastante direto."

O Sr. Sloan disse: "Bem, Arthur, eu não sei quanto a manteiga a mais, mas eu nem margarina consigo arranjar agora." O Arthur respondeu:

"Não é desse tipo que falo, e vou dizer-te o que penso de ti quando te apanhar deste lado, meu rapaz. Também não vais querer manteiga. Quando se chega aqui há uma grande alegria e satisfação em reencontrar amigos que conheceste no pedregoso caminho da vida, que tropeçaram talvez e soçobraram um pouco, mas que sempre se ergueram de novo e tentaram marchar firmes em frente até que o velho tabernáculo de barro fica para trás e o espírito, o homem real e a mulher real, emerge para viver uma vida mais nobre, mais elevada e mais perfeita." A Sra. Sloan (ou Mamã Sloan, como ela própria se chamava), que partiu em janeiro de 1940, falou de seguida com a Srta. Colquhoun e com o Pai (o Sr. Sloan). Disse:

"Sentes sempre uma vibração linda vinda do Arthur, não sentes? Penso muitas vezes em todos vós nestes tempos terríveis; eu passei por tudo isso. (Guerra de 1914-1918.) O querido Bob (Bob Howat) tem sido uma ajuda esplêndida para mim desde que cheguei aqui. Ele é dos melhores, Pai. Não te preocupes com ele; ele está bem, e o bonito testemunho que ele me deu é muito mais do que eu mereço."

A Sra. Moritz disse então: "Devem estar todos muito ocupados neste momento com tantos a chegar por causa da guerra", e o Sr. Howat respondeu, dizendo:

“Sim, estamos todos no meio disso, Sra. Moritz. Onde quer que seja precisa ajuda lança-se um apelo, e se os vossos amigos não vêm (a estas sessões) fiquem certos de que estão ocupados noutro serviço. Creio que compreende o que quero dizer. Não o desejariam de outra maneira.”

O Sr. Sloan disse: “Pergunto-me, Bob, se me poderias dizer se chegas a ver o pequeno Tommy.”

O Sr. Howat respondeu:

“Vejo-o muitas vezes. Embora eu não fosse marinheiro, são as pessoas do mar que mais gosto de ajudar. Tive dificuldade antes de apanhar uma vibração hoje, mas agora já a tenho bem. Vou falar em termos compreensíveis para todos. Sabem o que é o rádio? Pois bem, se saíres um nadinha da estação, há um chiar e não recebes a mensagem. Estamos a trabalhar num princípio assim. Temos de obter a vibração exata antes de conseguirmos fazer passar uma mensagem.” Uma senhora do outro lado falou então com o Bob Howat, de modo que todos a pudéssemos ouvir, e disse:

“O que é que quiseste dizer, Bob, quando chamaste há pouco à Sra. Moritz, Sra. Howat?”

O Sr. Howat respondeu:

“Foi apenas um lapso — não estavas a ouvir bem”, e ela respondeu:

“Claro que ouço bem — eu sou a Myra.”

O Sr. Sloan exclamou então: “Myra, caramba, que contente fico por te ouvir falar! Eras uma rapariga muito bonita, Myra; não admira que o Bob quisesse passar para o teu mundo para ficar ao teu lado; pois, eras muito bonita!” A Myra respondeu:

“É demasiado lisonjeiro para mim, Sr. Sloan.”

Rimo-nos, e esperávamos que a Myra continuasse, mas nada mais foi dito. Ficámos sentados em silêncio durante alguns minutos, quando outra voz disse:

“Não é para ficarem demasiado sérios, meus senhores. Assim não pode ser de maneira nenhuma, sabem? Não estão em nenhum melodrama. Não perderam de todo os vossos amigos, e nós queremos manter-vos felizes, e quando sorriem nós também ficamos felizes.”

Perguntámos quem era, e veio a resposta:

— Bem, eu era um homem de Paisley, mas não filho de Jock Tamson.

A Srta. Dearie disse: — O meu pai também era de Paisley.

A voz respondeu:
— O meu nome também é Lang, Sra. Lang.

A Sra. Lang perguntou se tinha sido o Provost Lang. Ele respondeu:

— Não, mas sou o pai dele, e digo-lhe que fui um homem melhor do que ele alguma vez foi.

Uma voz exclamou então:

— Não consigo afastar-me de Albert Drive. Sou o William Crosher.

Perguntámos se conhecia alguém ali, e ele respondeu:
— Não.

Comentávamos que era um nome um tanto estranho, quando ele retorquiu:

— Não há nada de errado com o nome, pois não? Espero tê-lo carregado com dignidade.

Dissemos: — Claro, desculpe-nos, apenas comentávamos que era um nome pouco comum.

O Sr. Crosher disse:
— Não conheço esta casa, mas vi a luz e consegui entrar. Algum de vós conhece o Sir John Hunter? Sei que ele me ajudaria se pudesse. Sinto-me um pouco estranho. Parece que não consigo afastar-me das imediações de Albert Drive.

Um de nós perguntou: — Viveu em Albert Drive? — e o Sr. Crosher disse:

— Sim, essa é a minha casa. Vi este homem sair do elétrico e segui-o até aqui. (Provavelmente o Sr. Sloan.) Tenho de ir agora. Receio ter abusado da vossa hospitalidade.

Todos dissemos: — Oh, não, estamos muito contentes por poder falar connosco — e a Srta. Dearie perguntou: — Quer afastar-se de Albert Drive?

Ele respondeu:
— Oh, não, quero firmar os pés antes de ir mais além.

Um de nós disse: — Bem, talvez se conseguir falar connosco aqui, isso possa ajudá-lo.

A este pedido, o Sr. Crosher respondeu:
— Sim, fico contente por me poderem ouvir. Em casa não parecem ouvir-me. Estão tão angustiados e eu não consigo falar-lhes.

A Srta. Colquhoun disse: — Não, eles não poderão ouvi-lo lá — e então a Srta. Dearie disse: — Quer deixar alguma mensagem para os de casa, Sr. Crosher? — ao que ele respondeu:

— Não, só os iria perturbar. Eles não sabem nada sobre este assunto, mas agradeço-vos.

A trombeta tinha caído uma ou duas vezes enquanto ele falava, e a Srta. Colquhoun voltara a erguê-la.

O Sr. Crosher prosseguiu:
— Muito lhe agradeço, Srta. Colquhoun, pela sua gentil ajuda. Curvo-me diante de si, minha querida. Estava a tentar usar essa pequena trombeta, mas não a consegui manejar corretamente. Parece que me entendo melhor com a grande.

A Srta. Colquhoun respondeu: — Sim, essa está sempre magnetizada.

Interessada no que o Sr. Crosher dissera, a Srta. Dearie foi ao escritório do *Glasgow Herald* e consultou os anúncios de óbito, encontrando o seguinte:

"**CROSHER.** Em 350 Albert Drive, Pollokshields, a 30 de março de 1942, William Crosher, Diretor-Geral da Rivet, Bolt and Nut Co. Ltd. Funeral hoje (quarta-feira) no Crematório (Western Necropolis) ao meio-dia."

Outra voz falou então, com um certo sotaque estrangeiro. Perguntámos quem era, e ele respondeu:
— Bem, eu não sou o Sr. Crosher. Penso que deviam conhecer-me, claro. Estou agora numa fase à qual o Sr. Crosher também chegará algum dia — espero que em breve. Ele tem a vantagem sobre mim, porém, de conhecer a vossa língua, que eu não conheci durante muito tempo depois de ter vindo para aqui. Eu sou "Estrela da Paz" (um Índio Americano), e desejava que o meu nome personificasse esse sentimento de paz no vosso pobre velho mundo. Os nossos corações sangram — digo-o de forma paradoxal para compreenderem como nos sentimos — pela dor que se abate sobre todos os corações humanos no mundo de hoje, e oramos para que seja dada calma a todos vós que estais no meio dela. Que o Espírito de todo o Bem lance os seus braços protetores em redor de cada um dos vossos entes queridos que estão em perigo. Fala-vos a "Estrela da Paz".

— Obrigado — respondemos, e um de nós disse então: — Pergunto-me se alguém nos poderá dar uma mensagem para a Sra. Bowes, já que ela não está aqui hoje.

Uma voz respondeu, dizendo:
— O Jim (na Terra) vai ficar bem. Não posso dizer muito, mas não será nada de

grave, penso eu. Digam à minha querida esposa, embora eu creia que ela própria já saiba a esta hora, que não há motivo de alarme. Não me é permitido aproximar-me dele. Sou o William Bowes. (O Jim recuperou.)

O amigo holandês da Sra. Bowes falou então com sotaque estrangeiro, dizendo:
— Muito bom, oh bom, eu estou a ajudá-lo; o rapaz ficará completamente bem de saúde. Vai ficar bom em pouco tempo. É tão belo entrar em contacto convosco, povo inglês-escocês, e obter um pouco de conhecimento dos vossos modos e fala. Compreendem o que quero dizer com isto. Se ouvem fala, é apenas som, se não conhecem o sentido dela. Compreendem o que digo? Eu sou o Holandês.

A Sra. Lang respondeu que se lembrava de o ter encontrado quando ele esteve na Escócia, e ele disse:
— Sim, vim a uma Convenção. É o que as Igrejas chamariam "Assembleia", mas a Assembleia da Igreja carece do conhecimento vital desta verdade da comunhão. Carecem do conhecimento da possibilidade de uma fala de coração para coração como esta. Quando sabem que isto é possível, não perdem o pai, o filho ou o irmão na morte; sabem que eles estão apenas um pouco mais adiante de vós no caminho da vida.

O Sr. Sloan comentou então: — Acho que devia ir agora, amigo, e deixar que venham alguns dos familiares dos presentes; esta reunião está muito carregada.

O Holandês respondeu:
— Foi-me incumbido dizer a este homem na cadeira (Sr. Sloan) que ele é um homem ingrato.

O Sr. Sloan respondeu: — Lamento, amigo, não quis dizer uma palavra depreciativa para si. Apenas falou tanto tempo, mas não quis dizer nada contra si.

O cavalheiro holandês respondeu:
— Ele fala — só não acho que o queira dizer. Você é um ser ingrato.

O Sr. Sloan disse: — Estou mesmo muito arrependido, Holandês, aceite as minhas desculpas. — E a este pedido de desculpa o Holandês respondeu:

— Na Alemanha seria internado por isso. Embora eu tenha tolerância, continuo sem conseguir gostar dos alemães. Eles não são bondosos com o nosso povo, nem com nenhum povo nos países onde entraram; e isso será a sua perdição, tanto no vosso lado como quando chegarem ao lado espiritual da vida.

O Sr. Sloan disse: — Há coisas na vida, Holandês, que nunca consigo compreender, e qual será a solução talvez venha a saber, mais tarde, no Seu bom tempo.

O Holandês respondeu:
— Sim, compreendo — mas ela está lá — o que chamam "Solução". Há momentos em que os viajantes no Caminho da Vida encontram uma má estrada, uma estrada tortuosa, que torna difícil avançar, mas há uma Luz, uma Luz brilhante, que se chama "O Amor de Deus" — a Luz da Vida que nunca morre, mas arde mais intensamente, para que vejam melhor à medida que se aproximam deste lado, e vão ao encontro daqueles que vos iluminam e vos amam. Quando cá chegarem terão olhos espirituais que vos permitirão ver tão bem na escuridão como na luz. Estais todos perfeitamente visíveis para mim neste momento. Sois todos tão belos; as vossas palavras são tão belas, e a vossa aceitação das minhas humildes palavras é tão gratificante para mim. Deus vos abençoe.

Falámos então um pouco entre nós, e um de nós disse: — Conheceu a Rainha Alexandra, não foi, Sr. Sloan?

O Sr. Sloan respondeu: — Sim, lembro-me da Sessão que ela teve comigo, e, oh, era tão bonita e parecia tão jovem; diríeis que era uma mulher nos trinta, e o Sir William Barrett disse-me que ela já tinha mais de setenta anos nessa altura. Meu Deus, mas era bonita, e tão simpática. Disse-me que estava um pouco surda e pediu para se sentar do meu outro lado para poder ouvir melhor.

Perguntámos: — Quem mais esteve nessa Sessão, Sr. Sloan? — e ele respondeu: — Deixem-me pensar. (E a Sra. Lang ajudou-o a lembrar-se.) — O Sir William Barrett estava presente; Sir Arthur Conan Doyle, Sir Thomas Lipton, Dr. Abraham Wallace, Marconi, Sir Oliver Lodge e o Sr. Byrd, o cientista americano. O Sr. Byrd não acreditava nisto, mas veio de mente aberta, e lembro-me bem do seu espanto quando um amigo seu, que já tinha partido, lhe falou, recordando-lhe como tinham estado juntos na Ponte de Brooklyn, e repetindo partes da conversa que aí tinham tido. Recordo-me bem de o Sr. Byrd ter dito ao seu velho amigo: 'É tudo verdade, mas como podes falar comigo se estás morto?'

Esta interessante conversa foi interrompida por uma voz feminina que disse:

— Uma mente aberta é uma pedra de toque na direção certa, se a mantiverem aberta. É bom manter uma mente aberta quando vos é apresentado algo novo e estranho. Assim têm tempo de refletir e não rejeitar sem a devida ponderação. Quem tem a mente aberta pode levar as coisas à consideração íntima com vantagem. Creio que compreendem o que quero dizer.

Um de nós perguntou: "É amigo da Sra. Campbell?", e a voz respondeu:

"Não, aqui é a Shankschienne." (O nome soou algo parecido com isto.)

O Sr. Sloan disse: "É a Chassie? (como lhe chamavam). Caramba, que contente fico por a ouvir! Tem sido a Guia da minha querida (da Sra. Sloan) desde que ela era uma menina pequenina, e a senhora é também uma menina tão querida." A Sra. Sloan falou então do outro lado, dizendo: "Ela é uma senhora, uma bela senhora agora, Pai, encantadora na fala e encantadora nos modos."

Perguntámos ao Sr. Sloan se sabia a nacionalidade dela, se seria chinesa, japonesa ou indiana. Ele respondeu que não tinha a certeza, mas achava que era japonesa.

A própria Chassie falou então, dizendo:

"A Chassie veio para aqui quando era ainda uma menina. Sou realmente de origem japonesa, mas que importa isso, somos todos irmãos e irmãs aqui. Não há inimizade deste lado. Todos fazemos o que podemos para ajudar uns aos outros, pois todos têm dificuldades e assim cada um ajuda o outro, e, ao fazê-lo, estamos a ajudar-nos a nós próprios a avançar."

Uma voz masculina disse então:

"A morte não é o fim, mas o princípio — o seu amigo estava completamente certo no que disse, Sr. Moritz. Julgo que é uma marcha triunfal quando se deixa o físico, se a vida tiver sido vivida da maneira como deveria ter sido. Se assim for, é uma marcha triunfal para o lado espiritual da vida, que é um caminho de glória por todo o percurso. Falo por vós e por mim como eu fui até aqui.

"Quando se percebe, antes de partir, que se tem um dever a cumprir na vida terrena e, desde que o cumpram, passarão para um modo de vida mais luminoso e glorioso. Foi assim que eu fiz a marcha triunfal através da fronteira. Espero que essa venha a ser a vossa sorte quando chegue o vosso tempo. Sabem que não há aqui acerto de contas? Ficam todos acertados antes de virem e também o caminho fica nitidamente traçado — o caminho por que vieram e também o caminho por que deviam ter vindo. Lamento dizer que nem sempre andei pelo caminho certo, Srta. Colquhoun, mas isso é só comigo, pois não quero falar de mais ninguém."

A Srta. Colquhoun perguntou se podia saber quem falava, e ele respondeu:

"O Sr. Moritz deve saber. Vou mencionar o Central Hotel e ele pode juntar Greenock a isso."

E, dirigindo-se ao Sr. Moritz, que compreendeu perfeitamente: "Conhecia a minha mulher e a mim — Wink é o nome."

O Sr. Moritz concordou que assim era e declarou-se encantado por saber quem falava e por poder trocar algumas palavras com ele.

O Sr. Wink respondeu:

"Por vezes, não era propriamente uma bênção receber as suas palavras, embora fossem sempre palavras de sabedoria." O Sr. Wink mencionou também o centro da cidade, Saint Vincent Street, e concluiu dizendo:

"J. D. Wink, Union Bank."

(O Sr. John D. Wink, que morreu em junho de 1936, era o gerente da Sede do Union Bank of Scotland, 110 St. Vincent Street, Glasgow, e sucedeu ao Sr. Moritz, que anteriormente ocupara esse cargo.)

(O Sr. Wink prosseguiu, mas como as suas observações eram de carácter privado e pessoal, foram omitidas.) Depois começámos a falar entre nós sobre alguém dos music halls que afirmava ser leitor de mentes, e sobre o que os médicos tinham dito sobre o assunto, quando uma voz do outro lado disse: "Os médicos não são infalíveis; nem sequer os Doutores em Divindade; na verdade, são eles que cometem os erros mais flagrantes de todos com a sua Teologia confusa. No entanto, tudo correrá às mil maravilhas se obedecerdes às diretivas de Jesus. O ensino do Grande Mestre é tão claro e simples, tão cheio de amor, que, se seguirdes onde Ele conduz, nunca vos desviareis. Segui também as intuições que recebeis de ajudantes do lado espiritual da vida. Estou certo de que cada um de vós, por vezes, sentiu impressões e intuições, e pode muito facilmente discernir, se as levar ao tribunal da razão, se vêm de uma fonte correta ou não. A meu ver, não há nisto dificuldade alguma.

"Não é muito difícil ler-te, Crissie Colquhoun. Sei que às vezes eu pensava que bastava olhar-te nos olhos para saber exatamente no que estavas a pensar. Não falo em geral, minha querida; é o Pai. Só precisava de olhar para ti, Crissie, quando, nos velhos tempos, querias que algo fosse feito, e eu ficava sempre contente quando o podia fazer; e terás este amor, querida, até ao fim do caminho."

A Srta. Colquhoun respondeu: "Deus o abençoe, querido Pai; a Mãe está bem?"

O Sr. Colquhoun disse:

"Está, mas hoje não está aqui. Está a ajudar noutro lugar, e os outros estão todos ocupados. Fui nomeado o delegado deles para vir aqui para que a nossa

Crissie não pensasse que não havia ninguém para lhe falar. Estamos sempre perto de ti, e estaremos, a cada passo do caminho. Por vezes parece-te tortuoso, mas nós ficaremos ao teu lado; Deus te abençoe, minha querida. Vou-me embora agora, mas só por um bocadinho. Não quero com isto dar a entender que será apenas um bocadinho até vires para aqui. Vais ter ainda um bom longo tempo, e o mundo ainda te sorrirá."

A Sra. Lang disse então: "Não vão fazer com que algum dos amigos da Srta. Dearie lhe fale?", e a resposta foi:

"Vamos ver se estão à mão." Em muito pouco tempo uma voz disse: "Serve a Mãe? serve a Mãe?" e a Srta. Dearie respondeu: "Mãezinha querida, tu serves melhor do que ninguém. Como estás, querida?"

A Sra. Dearie disse:

"Estou bem, Jeanie. E os outros? Estão todos bem?"

A Srta. Dearie respondeu: "Sim, querida, estão todos bem."

Outra voz falou então, dizendo "Mary, Mary", e a irmã da Srta. Dearie falou-lhe: "Jean, não te consigo ver."

A Srta. Dearie disse: "Eu também não te consigo ver, querida, mas consigo ouvir-te", e a irmã disse: "Onde estás, Jean? Não conheço esta casa."

A Srta. Dearie disse: "Não, não conheces a casa, mas estou em casa de uma amiga. Estás feliz, querida?" — ao que a Mary respondeu:

"Sim, Jean, mas gostava era de te poder ver." Então a trombeta caiu ao chão, e o Sr. Sloan comentou: "Bem, de qualquer maneira deitaste a trombeta abaixo, rapariga, consigas ver ou não."

Rimo-nos, e, nesse momento, o Pai da Srta. Dearie falou, dizendo: "É o Pai — como estás, minha querida Jean? Estou tão contente por ter esta oportunidade de te falar. Como te tens saído nestes tempos?" A Srta. Dearie respondeu: "Estou bem, Pai, e como estão vocês todos?"

O Sr. Dearie respondeu:

"Está tudo bem connosco aqui; não tens de te preocupar connosco. Estou a tomar conta da Mãe e da Mary. São aqueles que amamos e que ficam para trás a lutar sozinhos que nos ocupam o pensamento, e queremos dar-vos toda a ajuda que pudermos."

A Srta. Dearie prosseguiu, dizendo: "Obrigada, querido Pai, mas vou-me safando muito bem. Tenho a certeza de que serei amparada", e o Pai respondeu:

“Muitas vezes estamos contigo. Não consegues pressentir a nossa presença às vezes?”, e ela respondeu: “Sim, consigo — muito frequentemente em casa”, e então o Pai repetiu:

“Em casa — como isso soa bonito.”

A Srta. Dearie perguntou: “O que estás a fazer, Pai?”, e ele respondeu:

“Estou a aprender imenso aqui. Na verdade, frequento o que se poderia chamar uma Universidade, aquela onde está o filho desta senhora”, e a trombeta dirigiu-se para a Sra. Lang, continuando o Sr. Dearie:

“Como acabei de dizer à minha filha, Sra. Lang, frequento o Colégio em que o seu filho dá aulas.” A Srta. Dearie perguntou: “O que estás a aprender, Pai?”, e ele respondeu:

“O Caminho da Vida.”

A Srta. Dearie perguntou então: “Pai, tens alguma mensagem para o Tom?”, e ele respondeu: “Não, Jean, não creio — não faria bem por agora, visto que o Tom não está a aceitar isto como pensámos que aceitaria, e não aceitaria que a mensagem fosse realmente minha.”

A Srta. Dearie respondeu: “Oh, acho que ele gostaria de receber uma mensagem na mesma, Pai”, mas ele reiterou a recusa nestas palavras:

“Não, Jean, não vou enviar mensagem, embora ele tenha, claro, todo o nosso amor. Temos outras maneiras de entrar em contacto com ele que talvez o influenciem mais. Temos maneiras de dar volta às coisas e puxar os cordelinhos. Deus te abençoe, minha querida, e ao Tom também. Meu amor, sabes que estamos sempre perto de ti — ou pelo menos muito frequentemente, e às vezes levo-te a Mary.”

A Srta. Dearie disse: “Soas muito jovem, Pai — refiro-me à voz”, e o Sr. Dearie respondeu:

“A idade desaparece aqui. A Mãe e eu estamos na flor da juventude. Pensaste que eu tinha acrescentado anos desde que vim para aqui?”

A Srta. Dearie respondeu: “Não, querido, bem pelo contrário. Soas como se os tivesses tirado”, ao que ele respondeu:

“A paz e a felicidade fortalecem-nos e renovam-nos.” Uma voz irlandesa falou então e fez algumas observações. Quando lhe perguntámos quem era, disse:

“Pois com certeza que vos digo. Sou o porteiro; um trabalho que assumi improvisadamente e só por agora. Não tenho muita experiência, mas faço o meu

melhor. Prefiro ser porteiro numa reunião deste tipo do que em qualquer capela do país. Vim de coração aberto para prestar os meus serviços. Sou porteiro e tenho de prestar contas ao meu superior, e tenho de dizer se está tudo limpo. Compreendes, escrivão — está tudo limpo."

Um de nós perguntou exatamente o que queria dizer com isso, e ele respondeu:

"Ora, agora, e estou admirado contigo. 'Tudo limpo' é suficientemente claro para qualquer um entender. Quer dizer, minha senhora, que quando está tudo limpo — bem, eu vou-me embora e não posso ser responsável por quem entrar depois."

Todos nos rimos, e ele continuou:

"É bem animador ouvir as vossas gargalhadas. Gosto de vos ouvir rir assim. Voltarei para ser o porteiro."

A Sra. Lang comentou que para nós também era um prazer ouvir o seu bonito sotaque irlandês, e pediu-lhe que trouxesse alguém para encerrar o Encontro, ao que ele respondeu:

"Obrigado pelo seu lindo elogio, minha senhora, e, olhe, se eu não conseguir arranjar alguém para encerrar o Encontro, fá-lo-ei eu mesmo, mas não saio enquanto não o vir encerrado. Prometi fazê-lo."

Alguém falou então numa língua estrangeira. Depois uma senhora falou, recitando alguns versos de poesia, cujos dois primeiros se perderam. Continuou então:

"Chegará o tempo em que todos nos voltaremos a encontrar nesta terra tão luminosa e sem dor. Deus vos abençoe a todos. Sou a Sra. Taylor. Por favor digam à Mary e à Jean que estive aqui. Penso nelas o tempo todo, e no meu amado rapaz que está aqui."

O Sr. Sloan disse: "Pois, esse era o Robert Taylor. Ele foi morto."

Uma voz falou então como que de muito longe, dizendo:

"Não morto; estou vivo e ainda a trabalhar — a fazer a Vontade do Pai — não morto."

O Sr. Sloan disse: "Obrigado por ter vindo, Robert, trocámos umas boas palavras com a sua Mãe."

Robert Taylor prosseguiu com voz clara e distinta:

“Boa tarde, fala Robert Taylor. Estou muito feliz por estar mais perto agora, Sra. Lang. É tão agradável estar ao pé de si. Não é todos os dias que tenho oportunidade de enviar uma mensagem. Estou a pensar na minha querida amiga, Mary Stope. Deus a abençoe pela amizade para comigo. Fica tudo vivo para mim quando volto e olho para todos vocês. Percorri o caminho por onde todos passam. Estais a avançar marco a marco, meus amigos, Senhoras e Senhores. Eu passei para cá antes de ter passado muitos marcos. Cheguei a um país tão maravilhoso, e tenho um trabalho tão maravilhoso para fazer.”

Alguém disse então: “Obrigado, Sr. Taylor”, e ele respondeu:

“Não ‘Sr. Taylor’; apenas Robert Taylor.”

Foi-lhe perguntado se via alguma vez a Sra. Sloan, e ele respondeu:

“Sim, com certeza, estamos muitas vezes juntos. Faço o meu melhor para compensá-la, Sr. Sloan, por toda a bondade que me mostrou. Estou muitas vezes com ela, e sei que o caminho, por vezes, tem sido duro para si desde que ela veio para aqui. Não se apoquente, Sr. John Sloan, se quer que a sua querida esteja feliz. Saia disso — saia disso. Não é para ficar num canto a falar com o bule e o pote do chá. Isso não é nada consigo. Nunca imagina como trabalhamos maravilhosamente consigo. Teria vindo para este lado antes da sua querida esposa, não fosse a assistência que recebe dos seus amigos deste lado.”

Uma voz disse então:

“Boas novas para si, Sr. Moritz. Não sei quais são as notícias, mas vejo a luz por cima da sua cabeça. Boas notícias, e não se preocupe com o seu rapaz. Ele ficará bem.” Depois, dirigindo-se ao Sr. Hart, que é professor, continuou: “A Terra é uma bela escola. Fazem aquilo a que chamam o currículo — é assim que lhe chama, Sr. Professor? — para a vida mais ampla, e, se passarem razoavelmente bem, tanto melhor para vós quando vierdes para este lado da vida. A Paz do Grande Pai esteja convosco agora e no tempo que há de vir, e que o Grande Mestre oriente os vossos pensamentos, a cada um de vós, para que vos regozijeis por terdes seguido o caminho do dever e trabalhado pelo bem, não só de vós mesmos, mas de todos — os vossos irmãos e irmãs na jornada.”

Uma voz de mulher disse então:

“Srta. Colquhoun, desde o berço tenho sido a sua Guia, minha querida irmãzinha. Sou a rapariga índia que agora lhe fala. Tenho sido sua irmã ao longo da vida, vigiando-a na sua carreira, nas suas alegrias e dores, ajudando-a quando não o sabia, nas suas aflições e cuidados, nas suas provações e tristezas, e estarei consigo até ao fim da viagem. Deus a abençoe, da parte de Orvalhinho

(Dewdrop). Alguma vez sentiu influências quando ia fazer alguma coisa, e parou e pensou — 'Não vou fazer isso agora' — e depois verificou que essa intuição era a correta? Eu estava por detrás de si aí, e não a desiludirei. 'Abrigar-te-ei à sombra das minhas asas.' Aqui fala Orvalhinho."

A Srta. Colquhoun disse que sentiu o que pareciam minúsculas asas a esvoaçar-lhe pelos cabelos.

Uma voz masculina falou agora, dizendo:

"Que todos sejais guardados no caminho direito e na larga estrada que conduz à luz, e à Luz Refulgente além, é o voto de Batedor (Pathfinder). Eu sou o Batedor, e assumirei a responsabilidade de montar guarda agora. Desejo-vos 'boa noite', e que Deus vos abençoe. Que estejais a salvo de todo o mal, que os vossos sonhos sejam agradáveis e o vosso descanso seguro. Eu sou o Batedor. Que a bênção do Grande Espírito Branco, o único verdadeiro Deus, vos mantenha no Seu caminho de verdade e amor por todo o vosso percurso de vida até ao fim, que é o princípio."

Outra voz falou então, dizendo:

"Estou tão feliz por me ser permitido falar contigo hoje, amigo John."

O Sr. Sloan disse: "Quem é, por favor?", e veio a resposta:

"Charles Robertson."

O Sr. Sloan respondeu: "Charlie, fico mesmo contente por voltar a ouvir a tua voz. Lembras-te, Charlie, do que aconteceu antes de ires para a Missão de Foo Chow? — mas não vou dizer o que foi."

O Sr. Robertson disse:

"Sim, lembro-me muito bem, e podes muito bem dizê-lo."

O Sr. Sloan contou-nos que o Sr. Robertson sempre gostara de orações à noite e, quando estivera hospedado com a família de Sloan antes de ir para o estrangeiro, quis que ele (John Sloan) fizesse as orações. Sloan recusou secamente: "De modo nenhum; posso ler a Bíblia, mas não vou fazer uma oração." O pai disse-lhe: "John, então não fazes isso para agradar ao Charlie?", e ele respondeu: "De modo nenhum — nem para agradar ao Charlie."

O Sr. Robertson começou então a cantar From Greenland's Icy Mountains, e todos nos juntámos. Depois falou da Jeanie, a sua esposa.

O Sr. Sloan estava a dizer-nos que grande homem o Sr. Robertson fora e que registo deixara, quando o Sr. Robertson falou e disse:

"Deixa lá isso, John, tu também estás a deixar um registo atrás de ti, um registo que trouxe alegria a muitos corações tristes; esperança a muitos sem esperança, e não apenas esperança, mas a certeza de vida eterna além. Deus vos abençoe a todos. C. R."

O Sr. Sloan contou-nos então que o Charlie Robertson fora um velho colega de escola, que seguira para o ministério e estivera muitos anos na Missão de Foo Chow, na China; que tinha um filho, o Dr. Gladstone Robertson, que exercia em Newlands, e que ele (Sr. Sloan) sempre tencionara visitá-lo e falar-lhe da velha amizade com o pai.

Depois disto, o Sr. Sloan entrou em transe por alguns momentos, quando a trombeta lhe deu o que soou como boas pancadas valentes na cabeça, e então uma voz disse:

"Desperta, Sloan, desperta."

O Sr. Sloan saiu do transe sobressaltado, dizendo: "Que se passa — que se passa?", para ouvir de uma voz:

"Encerrar, encerrar."

Cantámos então a Doxologia e o Encontro terminou.

Ficastes agora apresentados ao Médium, o Sr. John Sloan, aos seis participantes que estiveram presentes neste pequeno Encontro, ao modo como foi conduzido e ao que ocorreu. A sala utilizada era pequena para conservar o ectoplasma, e um hino dava início aos trabalhos, para fazer vibrar a atmosfera e pôr todos confortáveis e harmoniosos, porque a tensão e a desarmonia inibem os fenómenos. Pode cantar-se qualquer coisa, hinos e canções, mas o Sr. Sloan preferia hinos, e as suas palavras e melodias bem conhecidas tornavam-nos os mais populares.

Os participantes não tiveram de esperar muito. No meio da conversa, depois de cantado o hino, uma voz interveio e dirigiu-se ao Sr. Sloan, e depois à Sra. Moritz. A voz, que podia ser ouvida por todos, era bastante alta e natural. Por vezes uma voz era reconhecida como semelhante à voz terrena da pessoa que falava, ou era reconhecida por ter a mesma sonoridade que fora ouvida em ocasiões anteriores do mesmo orador. Vozes masculinas, femininas e de crianças eram reconhecidas como tal, e as conversas que tiveram lugar foram bastante naturais, salvo o facto de os Espíritos que falaram não poderem ser vistos. Ao telefone conseguimos manter uma conversa sem nos vermos. Eles, contudo, conseguem ver-nos, mas nós não os conseguimos ver. Ao falar, os Espíritos não

hesitam, a sua fala flui suavemente, e falam clara e distintamente para que todos possam ouvir.

Na maioria das sessões, luzes, do tamanho de uma moeda de meia coroa, flutuam pela sala, as trombetas batem umas nas outras e movem-se a grande velocidade. Uma faixa de tinta luminosa nelas permite seguir os seus movimentos, mas, sem isso, o assobio que produzem ao atravessar a atmosfera é facilmente ouvido. Chegam até ao teto e, por vezes, marcam o compasso de uma melodia nele. Nunca ninguém é ferido por elas, embora passem muito perto das cabeças dos presentes. O Sloan já levou muitas pancadas na cabeça, que soam alarmantes, mas nunca se magoou. Isto ajuda a aliviar qualquer tensão.

Os participantes acabam, com o tempo, por se habituar às mãos materializadas que acariciam as suas mãos e rostos. Parte do ectoplasma é usado para esse fim — o mesmo ectoplasma que os homens, mulheres e crianças do outro lado utilizam para materializar os seus órgãos vocais e assim conseguirem fazer vibrar a nossa atmosfera. Esse ectoplasma é misturado pelo químico etérico presente com ingredientes próprios e distribuído àqueles a quem é permitido falar. Não existe porta nem parede que impeça os Espíritos de entrar na sessão, mas reinam a lei e a ordem, e o diretor responsável tem poder para reservar o ectoplasma àqueles que entende deverem falar, sobretudo aos que têm parentes ou amigos sentados no círculo na Terra.

A Etéria é um lugar de lei e bom governo. Os seus habitantes são homens, mulheres e crianças como nós. São todos tão sólidos como nós, pelo que lhes chamar espíritos parece tolice. Referir-me-ei, portanto, a eles como Espíritos e ao seu mundo como Etéria. Quando vêm encontrar-se e falar connosco nestas reuniões, a que chamamos o círculo de Sloan, conseguem muitas vezes impressionar-nos, mesmo antes de falar, com a ideia de quem são. É por isso que, por vezes, um participante menciona um nome e, logo a seguir, o Etério fala. Pode ser telepatia ou clariaudiência da nossa parte, mas é assim que acontece.

Notar-se-á que eles conseguem manter contacto com amigos nossos distantes na Terra e relatar-nos nestas Reuniões como e onde eles estão. Durante a Guerra isto foi de grande ajuda, e muitos foram consolados com as notícias, especialmente aqueles que tinham parentes e amigos no Oriente. Chegaram-me ao conhecimento muitos exemplos deste serviço de notícias durante a Guerra, e a sua precisão era notável.

Outro ponto que ressalta na sessão em análise é que lá crescemos até à maturidade, mas nunca envelhecemos e, se morremos velhos na Terra, regressamos à maturidade. Isto é frequentemente sublinhado pelos Espíritos nas conversas que se seguem.

O afeto por aqueles que amaram na Terra é tão forte como quando viveram aqui connosco, e as suas memórias fazem regressar acontecimentos terrenos, sobretudo quando se aproximam das vibrações da Terra nestas sessões. Parece claro que lhes dá tanto prazer ver-nos, tocar-nos e falar-nos como nos dá a nós falar com eles.

Aqui gostaria de recordar o que foi dito sobre a Rainha Alexandra ter estado numa das sessões de Sloan e, se se consultar as edições pós-guerra de *On the Edge of the Etheric*, lá se encontrará a razão. Relatei ali as provas maravilhosas recebidas do seu marido pelo mordomo da sua Casa, que levei comigo a uma sessão com Sloan. Que poderia haver de mais natural do que ela também querer falar com aquele que na Terra fora conhecido como Eduardo VII, e onde melhor poderia fazê-lo senão no círculo de Sloan, onde a prova de que ele ainda vivia fora dada de modo tão claro?

Descobriremos, à medida que avançarmos, que homens e mulheres de diferentes nacionalidades falaram, e alguns falaram na sua própria língua, que por vezes não podia ser entendida. O papel de destaque desempenhado pelos índios americanos é notável, mas, como tinham sido espiritualistas na Terra, a comunicação entre os dois mundos não lhes era estranha, como é para aqueles que atravessam ignorando esta grande verdade. Lembro-me de quando o chefe índio Whitefeather só conseguia dizer algumas palavras em inglês. Agora verificaremos que o seu inglês é quase perfeito, e que ele se orgulha do seu progresso cultural.

Todos os outros índios aprenderam inglês convivendo com pessoas de língua inglesa na Etéria, onde todas as línguas da Terra são faladas. Verificaremos que a Etéria e os seus habitantes são em grande parte uma réplica da Terra, no que respeita aos planos que vibram logo além das nossas vibrações físicas, e, quando compreendemos isto, muito do mistério da vida e da morte, e das qualidades psíquicas que todos possuímos em maior ou menor grau, desaparece. O que era mistério deixa de o ser, e a aparente injustiça da vida para alguns aqui na Terra é corrigida quando passamos à etapa seguinte da existência.

Na Etéria existe harmonia entre indivíduos e raças muito mais do que na Terra. O que é necessário e desejado pode ser obtido com muito mais facilidade ali pelo pensamento do que aqui. Essa é uma das razões do estado harmonioso das

coisas e da sua saúde radiante. A ausência de dor e de doença, e a consequente felicidade que isso traz, são sem dúvida outras razões que causam a sua satisfação e contentamento com a vida.

Eles sublinham que esta felicidade vem para todos os que procuram viver uma vida boa e altruísta na Terra. Não são necessárias crenças teológicas nem cerimónias para alcançar na Etéria a posição que só o nosso caráter justifica. Ali a religião parece ser uma forma esclarecida de Unitarianismo; todos os credos, dogmas e rituais das religiões terrenas são rapidamente esquecidos, e, como semeámos na Terra, assim colheremos na Etéria.

O progresso e o desenvolvimento mental são incentivados e todos os homens, mulheres e crianças nascidos na Terra podem progredir lá e alcançar alturas que estão além da nossa imaginação. Existem escolas, colégios e universidades para esse fim, e todos nós, se quisermos, beneficiaremos, quando chegar a nossa hora, das instituições intelectuais e culturais que são disponibilizadas tanto para mentes ignorantes como para mentes instruídas, para simples e para sábios. Na Etéria não há limite para a cultura, a sabedoria e o conhecimento, e está aberto a todos o caminho para progredir na direção mais adequada a cada mente, nessa terra de oportunidades mais amplas, mais felizes e mais encantadoras.

Esta análise acompanhará o registo de cada sessão e, capítulo a capítulo, reunirei tudo o que quisermos recordar. Por fim, reunirei tudo o que é importante no último capítulo e então descobriremos que acumulámos muita informação vital sobre o modo como devemos viver na Terra e o que podemos esperar quando entrarmos na faixa mais elevada de vibrações chamada Etéria.

CAPÍTULO III

REUNIÃO EM CASA DA SRA. LANG, GIFFNOCK, GLASGOW

Quarta-feira, 20 de maio de 1942

Presentes: SRA. CRISSIE LANG, SR. ALEXANDER HART, SRA. MACFARLANE, SR. ROBERT CRAWFORD, SRTA. JEAN DEARIE, SRTA. ELIZABETH DUFF, SR. DONALD CAMERON, SRA. LILLIAS BOWES, SRTA. CRISSIE COLQUHOUN, SR. JOHN SLOAN.

Abrimos a Sessão com o hino *Nearer, my God, to Thee* e, em seguida, recitámos o *Pai Nosso*, uma voz do outro lado dizendo "Ámen" connosco.

Um de nós comentou: "Mostra que há alguém aqui por perto, pelo menos."

O Sr. Sloan respondeu: "Talvez isso seja tudo o que acontecerá esta noite."

Uma voz masculina do outro lado disse:

"Não lhe liguem."

A Sra. Sloan, do mundo etérico, falou então e recitou uma quadra de um hino:

"Não agora; mas nos anos por vir,
Talvez nessa terra melhor,
Leremos o sentido das nossas lágrimas,
Algum dia, algum dia, compreenderemos."

O Sr. Sloan, seu marido, começou a chorar, e a Sra. Sloan disse-lhe:

"Seja forte, papá, seja forte."

O Sr. Sloan respondeu: "Sinto muito, mas sempre que te ouço falar, mamã, não consigo evitar."

A Srta. Colquhoun então sentiu mãos na sua cabeça e rosto, e disse: "Obrigada, querido amigo — oh, obrigada."

Um de nós perguntou por que razão a Srta. Colquhoun parecia receber isto mais do que os outros. "Seria por estar sentada ao lado do Sr. Sloan?"

A resposta foi:

"Precisamente, não conseguimos estender o poder o suficiente para ir longe do instrumento — o Médium."

A Sra. Macfarlane disse: "Oh, mas eu já tive essa experiência uma vez e senti mãos na minha cabeça, e não estava perto do Médium."

A Srta. Dearie disse que também já as tinha sentido estando afastada do Médium, e a resposta foi:

"Bem, isso deve ter sido quando dois de nós estavam a trabalhar nisso."

A Srta. Colquhoun disse: "A Sra. Lang e eu vamos ter de trocar de lugar às vezes, para que outros também possam ter essa experiência mais vezes."

A voz respondeu:

"Não aconselho isso no vosso caso; a não ser que estejam cansadas disto."

A Sra. Bowes perguntou: "É o porteiro?", e a resposta foi:

"Não, não sou o porteiro."

O Sr. Cameron comentou então: "Bem, a voz é familiar; é alguém que já esteve aqui antes", e recebeu a resposta:

"Nunca estive aqui antes."

A Sra. Bowes disse: "Fala um inglês muito bonito", e a resposta foi:

"Estive na América — sou um Índio da América do Norte. O meu filho já esteve muitas vezes convosco nos velhos tempos."

A Sra. Lang perguntou: "Quem era esse? Quer dizer-nos o nome dele?", e a voz respondeu:
"Tenho a certeza de que conhecem o nome dele — Wallaho. Sou o pai de Wallaho."

O Sr. Sloan disse: "Lembro-me bem do Wallaho — foi o melhor índio que já tive."

O Índio respondeu:

"Obrigado, amigo. Estou há muito tempo na vida espiritual, a conviver com os do vosso país, e apliquei-me firmemente em adquirir fluência na vossa língua. Talvez esteja a atribuir demasiado mérito a mim próprio, mas faço o melhor que posso."

A Sra. Bowes perguntou: "Quando passamos para o vosso lado da vida, libertamo-nos dessa falta de memória que tanto nos aflige no corpo? Fala de aprender a nossa língua. Reteve tudo o que aprendeu sem esforço? Recordamos tudo quando partimos?"

A resposta foi:

"Sim, até certo ponto, mas as coisas que aconteceram no corpo e que não são úteis no lado espiritual desaparecem gradualmente."

A Sra. Bowes explicou que queria dizer: "Se quisermos aprender algo novo no lado espiritual, conseguimos reter esse conhecimento e não esquecer como acontece na vida terrena?"

Recebeu então a interessante resposta:

"Esquecer o que vos foi dito, ou ensinado, é puramente físico. Não esquecem nada do que vos é ensinado no lado espiritual da vida. Os Índios comunicam por sinais, mais particularmente nas nossas casas — símbolos ou sinais."

O Sr. Cameron perguntou: "Pode explicar como o pensamento se transforma em som?", e a resposta foi:

"Bem, isso é físico até certo ponto, ou tem a ver com isso. O som é uma projeção do pensamento, e são as ondas em que esses pensamentos são transmitidos que tornam por vezes difícil compreender o significado. Mas digo-vos uma coisa:

se pensarem com carinho em alguém que amaram na vida terrena e que já partiu — o pensamento chega aqui e nós recebemo-lo de imediato. Vejo que está a escrever tudo isto, meu caro escrivão. É um homem maravilhoso, e vejo também que tem uma oponente, a senhora de nome belo. Não vou embora. Fico por aqui um pouco, e gostaria que voltassem a cantar."

Cantámos *The Lord is my Shepherd*, e uma voz masculina juntou-se do outro lado. Agradecemos-lhe o canto, e ele respondeu:

"Oh, sim, ainda consigo cantar um pouco, e agora já afastei o nosso amigo por um instante, sem dificuldade."

(O Sr. Sloan estava agora em transe.) A Sra. Bowes disse: "Agora que o colocou em transe, espero que consiga ajudá-lo fisicamente um pouco. Ele não tem estado muito bem ultimamente."

A resposta foi:

"Bem, sabe pela sua própria experiência o que é uma perda. Às vezes vamos até ele à noite; ele nem sempre o sabe, e fazemos o melhor que podemos para o animar. Ele leva agora uma vida bastante solitária, como sabe."

A Sra. Sloan (chamada Mammy Sloan), cuja morte se referia, falou então, dizendo:
"Não quero levá-lo de vocês ainda. Quero que fique convosco mais um pouco."

Seguiu-se silêncio, quando um homem de voz muito poderosa disse ao Sr. Cameron:
"É um homem muito ponderado, Sr. Cameron. Tenho muito prazer em falar consigo. Pesa tudo e leva-o ao tribunal da razão, deixando espaço para o que o outro tem para dizer. Junta duas e duas, e do dois faz o todo. Estive a ouvir com interesse o que têm discutido. É muito belo ver-vos aí todos sentados tão felizes juntos."

A Sra. Lang respondeu: "Todos em harmonia", e ele disse:
"Receio que isso seja uma fase que nunca se alcança completamente no vosso lado da vida. Aqui temos harmonia completa, sem barreiras; esse amor que nunca morre. É algo que Deus coloca no vosso coração na vida terrena e, se for amor verdadeiro, nunca morrerá. Pode diminuir um pouco, ou cintilar como uma pequena estrela, mas no fim do caminho, quando se reencontrarem, será iluminado de novo e brilhante, quando as amarras de barro forem deixadas para trás e forem recebidos resplandecentes e belos nesta terra gloriosa. Sou um dos amigos índios."

Uma voz de criança irrompeu então dizendo:

"Twinkle, twinkle, little star,
How I wonder what you are,
Up above the world so high,
Telling us we never die."

Uma voz escocesa disse então:
"Suspeito que o vosso relógio perdeu a voz esta noite." (O relógio acabara de tocar, mas soara muito baixo.) "Admiro que mantenham uma coisa assim."

O Sr. Sloan respondeu:

"Ele (o relógio) foi-me dado pelo meu pai, e não me consigo separar dele."

A voz replicou:

"Pois bem, isso já faz diferença. Mas é estranho continuar a ouvir o velho relógio bater. É quase como se fosse parte da família."

Depois outra voz disse:

"Quero agradecer-vos a todos por se reunirem. Muitos de nós esperamos por estas oportunidades, e quando vocês se juntam assim, torna-se muito mais fácil para nós chegar até vós."

A Sra. Duff perguntou:

"É sempre o mesmo grupo de pessoas que vem falar connosco, ou varia?"

A resposta foi:

"Varia muito. Às vezes os vossos amigos mais íntimos não conseguem chegar, porque estão ocupados noutros trabalhos. Outras vezes podem vir logo. Há sempre ordem e disciplina, e nunca se perde tempo."

A Sra. Macfarlane disse:

"Gostava de saber se a minha mãe já conseguiu vir aqui."

A resposta foi:

"Sim, já cá esteve algumas vezes, mas não hoje. Ela vem sobretudo quando a sua filha está mais calma e recetiva."

A Srta. Dearie perguntou:

"Conseguem ouvir os nossos pensamentos, além do que dizemos em voz alta?"

E veio a resposta:

“Sim, muitas vezes apanhamos o pensamento antes da palavra ser proferida. É como uma corrente que chega até nós. Mas não é tudo o que pensam que conseguimos captar — apenas aquilo que se dirige a nós ou nos envolve no momento.”

Uma voz mais firme interveio então:

“Quero sublinhar que o que importa, no vosso lado, é manter a mente aberta e ser sincero convosco próprios. Isso cria a vibração que nos permite falar. Não é o muito saber de livros que ajuda — é a sinceridade do coração. É isso que abre a porta.”

O Sr. Crawford perguntou:

“Pode dizer-nos o que faz quando não está connosco nestas reuniões?”

A resposta foi:

“Claro. Tenho os meus trabalhos. Estou envolvido em ensinar aqueles que chegam ignorantes da vida do espírito. Muitos vêm ainda presos a ideias de punição eterna ou de um céu distante. É preciso ajudá-los a perceber que a vida continua, que o amor não se perde e que a oportunidade de crescer nunca acaba.”

Uma criança interrompeu com uma risada clara e disse:

“Estou aqui, estou aqui! Não se esqueçam de mim.”

A Sra. Lang perguntou:

“Quem és, querido?”

A resposta veio doce e breve:

“Sou apenas um amiguinho — gosto de brincar por aqui. Também ajudo a trazer alegria.”

Seguiu-se um momento de silêncio, até que a voz grave de um homem disse:

“Lembrem-se de que estamos convosco, mesmo fora destas sessões. Quando oram, quando pensam com amor nos vossos, estamos lá. Não precisam de esperar por uma reunião para nos sentir. O amor é a ponte.”

A Sra. Bowes comentou:

“É tão reconfortante ouvir isso. Às vezes sinto-me tão sozinha.”

E a voz respondeu:

“Nunca está sozinha, minha amiga. A solidão é apenas uma sombra que a mente cria. Mas do nosso lado estamos sempre a rodeá-la. Se pudesse ver, nunca mais teria medo.”

O Sr. Hart disse:

“Parece-me que cada vez mais aprendemos que a vida aqui não é separada da vossa — é a mesma estrada.”

E a resposta veio:

“Exatamente. Só que vocês caminham na parte mais densa, e nós já seguimos adiante para a parte mais luminosa. Mas a estrada é uma só, e todos se reencontram no devido tempo.”

O ambiente ficou mais leve, e outra voz brincalhona, em tom escocês, disse:

“Agora que estão todos tão sérios, vou embora antes que me adormeçam.”

E ouvimos o som da trombeta a rodar pelo chão, como que a despedir-se.

O Sr. Sloan, ainda em transe, mexeu-se levemente e depois ouviu-se uma última voz feminina a dizer:

“Deus vos abençoe a todos. Continuem em harmonia. Cantem mais, cantem sempre — o canto é uma oração que sobe e nos aproxima. Boa noite.”

Entoamos então o hino Abide with Me, e a sessão encerrou em completa paz.

Àquela observação algo descuidada a Sra. Lang disse:
“Bem, é muito difícil arranjar essas coisas nesta altura.”
A voz respondeu:
“Então o senhor não tem queda para a mecânica, Sr. Hart? Não podia fazer nada com isso?”
O Sr. Hart riu-se e disse:
“Não muito, por isso talvez seja melhor deixar como está.”

Perguntámos quem falava e recebemos a resposta:
“Somos todos filhos do Jock Tamson.” (A sua introdução habitual.)

A Sra. Lang disse:
“Oh, é o Sr. Lamont; estamos contentes por ouvi-lo. Diga-nos o que tem feito e como se encontra.”
O Sr. Lamont respondeu:
“Ah, pois, sabem que agora trato de coisas do físico; estão todos com muito bom aspeto.”

Perguntámos: "Consegue ver-nos?", e ele respondeu:
"Vejo-vos por vezes quando não gostariam que vos visse."

Wallaho falou então, primeiro para o Sr. Lamont, do seu lado, e depois para nós:
"Isso é uma coisa, Sr. Lamont, contra a qual o lado espiritual se precaveu; qualquer ato feito por amigos na vida terrena que tenham errado — se isso magoaria aqueles que amam e que já partiram antes — é-lhes velado, para que não saibam. Se for melhor para a felicidade deles, esse véu é colocado, e não lhes é permitido aproximar-se se isso lhes trouxer tristeza e travar o seu progresso deste lado da vida. O Grande Espírito de todo o Amor é demasiado previdente e demasiado amoroso para permitir o contrário. Os mais elevados sabem tudo, mas resguardam esse saber daqueles a quem faria mal. Eu sou Wallaho. Acabo de entrar porque recebi uma mensagem de pensamento do meu pai, que vos deixou há pouco. Faz muito tempo, penso eu, como contam o tempo, que não ouvia a sua voz, Sra. Lang."
A Sra. Lang respondeu:
"Anos e anos."
Wallaho disse:
"Para mim parece apenas um instante aqui. Mas para si deve ter sido longo, e alguns desses anos foram penosos e tristes; mas foi dito algo esta noite, enquanto eu estava junto de si. Ouvi a minha querida amiguinha repetir estas palavras: *'Então, ah, então, compreenderás.'* Vou permanecer por perto. Não vou embora, e talvez tenha a oportunidade de voltar a falar esta noite. Tem de se recompor, amigo Sloan; amigos amorosos vigiam-no daqui, e amigos amorosos vigiam-no também do vosso lado. Estou certo de que não fugirá ao seu dever se pudermos utilizá-lo. Faça o melhor para ter paciência. Não deseje que chegue logo o tempo de vir para cá; chegará a seu tempo, quando ouvir a voz do Mestre. Eu sou Wallaho."

O Sr. Sloan já estava fora do transe, mas antes de poder responder a este conselho outra voz disse:
"Ia pedir-vos que cantásseis."

E assim começámos a cantar *They are winging, they are winging*. Durante esse hino, e imediatamente a seguir, ouvimos um pequeno sino tilintar; um som doce e prateado. Era a pequena amiga do Sr. Hart, a dar sinal da sua presença.

Uma voz masculina (que se revelou ser a de Pathfinder, um índio americano) disse então:
"Acima das estrelas que vêem, há outros reinos de luz. Não se preocupem com onde fica o Mundo Espiritual; estarão lá quando chegar a hora, todos vós. O que quero dizer-vos é que vos prepareis, ainda do vosso lado da vida, para que

estejais aptos a ocupar um lugar razoável e uma responsabilidade razoável do lado espiritual quando vierdes para cá.

"Se tivesse vivido uma vida melhor no material, não teria ficado tão triste quando cá cheguei. Isso foi um belo exemplo de como um véu é colocado para que os entes queridos, deste lado, nem sempre saibam o que se passa entre os amigos na Terra. Só as coisas mais grosseiras são ocultadas deles. Espero que compreendam. Sou um homem simples e só transmito os meus próprios pensamentos, colhidos da experiência, e que sei, em grande medida, serem verdade deste lado.

"Só sabemos, até certo ponto, o que se passa no Plano Terreno. Os que estão nos planos mais elevados — os Anjos Ministrantes e os Resplandecentes — sabem tudo, sim, mas atenuam certas coisas que estragariam a felicidade dos que aqui vivem. Certamente, esse velamento também vos ajuda na vida terrena; no vosso caso, quanto ao futuro. Se tivésseis sabido de antemão as provas que vos caberia atravessar, não teríeis tido forças para prosseguir. É melhor que também na vida material seja lançado um véu. Portanto, ponde a vossa confiança em Deus e fazei o que é certo.

"No que toca ao que foi dito sobre certas coisas serem veladas aqui; podeis ter uma alma delicada deste lado — falo convosco todos em geral — alguém que amaram muito e que sempre levou uma vida protegida. Pois bem, não quereríeis que o progresso dela fosse travado por erros vossos. Essas não sabem pormenores de qualquer falta ou desgosto. No entanto, percebem de imediato quando algo vos corre mal, e ajudam-vos o melhor que podem com pensamentos de amor e orações; porque aqui lembramo-nos dos que amamos, tal como vocês. Sabemos instintivamente quando estão em apuros, mesmo que não saibamos detalhes, e então sois influenciados pelas nossas orações por vós.

"O livre-arbítrio, no entanto, existe mesmo deste lado, e fica ao vosso cargo quererdes progredir ou não. Sem essa vontade, não avançareis muito. Eu próprio já progredi um pouco; mas sou missionário, ajudando os meus irmãos e irmãs a passar o obstáculo sempre que posso."

O Sr. Sloan disse:

"Está a fazer uma obra nobre, amigo."

Alguém perguntou se trabalhava apenas no Plano Terreno, e ele respondeu: "Não, em ambos os lados — no Plano Terreno e também nos planos mais baixos daqui. Eu já progredi para um plano mais elevado, mas faço este trabalho por amor do Mestre. Os campos estão prontos para a ceifa, mas às vezes os ceifeiros

são poucos. No Jardim da Vida de Deus, porém, há muitos ajudantes e trabalhadores nos campos do Paraíso que saem para apoiar os irmãos e irmãs mais frágeis. É um dos amigos índios quem vos fala; eu sou Pathfinder. Encontrei um caminho que me levou a alturas mais elevadas, mais belas e gloriosas, à minha formosa casa, mas pensei nos que ficaram para trás e roguei que me fosse permitido, por algum tempo, servir de guia para os meus irmãos e irmãs que necessitam de ajuda quando chegam a este lado da vida."

A trombeta tocou então a Srta. Dearie e Pathfinder continuou:

"Tenho uma mensagem da tua Mãe para ti. A senhora diz: *'Diz à Jeanie que estou sempre a vigiá-la e a amá-la.'* Ela diz que és a sua querida filha, a sua menininha. Estará perto de ti, ajudando-te nas partes difíceis do caminho que ainda te possam caber. É o Chefe Índio que te entrega esta mensagem da tua bela Mãe. Eu sou Pathfinder."

A Srta. Dearie disse:

"Oh, obrigada, Pathfinder; é uma mensagem maravilhosa. Por favor agradece à minha Mãe por ma ter enviado."

Pathfinder disse:

"Assim farei. A Mary está aqui agora, a tua irmã."

A Srta. Dearie disse:

"Mary, estás aí? — vem falar comigo, querida."

Mary disse:

"Jeanie, Jeanie, vejo-te tão bem — vejo-vos a todos; estão tão belos."

A Srta. Dearie comentou:

"Gostava tanto de te poder ver, Mary. Espero que estejas muito, muito feliz, e que agora recebas alegria por todas as tuas antigas penas, querida."

Mary respondeu:
"Não tenho mais penas agora. Deixei-as todas para trás, e agora tentarei ajudar-te, Jeanie."

A Srta. Dearie disse:

"Sim, ajuda, querida — e o Tom também, não é?"

Mary disse:

"Sim — se pudesse afagar-te, adoraria fazê-lo, querida."

Várias vozes falaram então ao mesmo tempo e foi muito confuso. Uma voz escocesa, do outro lado, disse:

"Parece que estamos um pouco embaralhados."

O Sr. Sloan disse:

"Essa é nova para mim — nunca tinha ouvido essa palavra antes."

A voz respondeu:

"Onde foi que o criaram, Sloan? Essa é uma boa palavra escocesa."

E o Sr. Sloan replicou:

"Pois, sou escocês que chegue, Deus bem sabe."

A voz retorquiu:

"É só meio escocês — a sua mãe era uma mulher das Terras Altas."

(A Escócia divide-se entre os Celtas do norte e os Anglo-Normandos do sul.)

Uma voz feminina disse então:

"Sim, eu era uma mulher das Terras Altas", e a mãe do Sr. Sloan falou, dizendo:

"Oh, Johnnie, lembras-te da cançãozinha que eu costumava cantar-te à noite?"

O Sr. Sloan disse:

"Sim, querida Mãe, lembro-me bem; ó, mas tu foste tão boa para mim, Mãe."

Ela respondeu:

"Tu foste um bom rapaz, Johnnie. Tenho de ir agora. *Oidhche Mhath*." (Boa noite, em gaélico.)

Estávamos a falar de diferentes línguas, e o Sr. Hart fez alguns comentários.

Quando terminou, uma voz disse:

"Gosto de o ouvir falar assim, Sr. Hart. Eu também tenho um coração, mas o meu nome não é Hart."

O Sr. Cameron disse:

"E o seu coração funciona bem; continua a bater."

A resposta veio:

"Sim, funciona — todos os nossos órgãos funcionam, mas não exatamente como no corpo humano. Eu próprio não compreendo muito bem, mas gosto de

estar perto quando alguns dos belos, resplandecentes e avançados vêm falar connosco e ensinar-nos. Sabem, eu simplesmente me sento e ouço tão atentamente quanto vocês fariam."

Um de nós disse: "'*Plunk*' é uma boa palavra", e rimo-nos.

Ele disse então:

"Esse *plunk* fez-vos rir? Pois bem, sou escocês e ainda conservo o modo escocês de me exprimir; e se há algo que gosto de ouvir numa pequena reunião como esta, é o vosso riso. É bom saber que conseguem manter-se animados, ajuda tanto a aliviar a tristeza e a tragédia da vossa atribulada terra, o que nos perturba muito quando nos aproximamos do vosso plano. Eu também não vejo o fim disto, embora saiba que, quando chegar, será de repente."

A Sra. Bowes disse:

"Quando pensamos naqueles que sofrem com a opressão e a crueldade, deixa-nos muito tristes; e nos rapazes que passam para o outro lado em agonia e dor."

A isto ele respondeu:

"Sim, esse sofrimento sente-se aqui também de forma muito aguda, mas não precisam de se preocupar com os que estão a passar. Não há campo de batalha em todo o vosso plano, seja em terra ou no mar, que não tenha milhares de Anjos Ministrantes para ajudar os que sofrem. Mesmo os que estão muito mutilados não sentem dor. São levados muito suavemente para o outro lado por aqueles que se dedicam a esta obra misericordiosa. Não lhes será permitido sofrer nem entristecer-se. É por aqueles que ficam para trás, para os chorar, que temos tanta pena, especialmente por aqueles que não têm a esperança luminosa e o conhecimento que vocês têm aqui, que sabem que os entes queridos que partiram estão livres de cuidados e de dores, que a sua luta terminou, e que estão finalmente em casa, entre amigos."

Perguntámos quem falava, e ele respondeu:

"Apenas um velho pioneiro — Jock é um dos meus nomes. Nunca estive aqui antes. A maioria dos amigos que normalmente vos fala está neste momento ocupada noutros trabalhos, e fui honrado por me deixarem ocupar o lugar e fazer um pouco pelo amor do Mestre. Deus vos abençoe."

Outra voz disse então:

"Os amigos habituais estão envolvidos noutras tarefas. Gostaria de pedir a sua opinião, amigo Cameron. Quem é responsável pela situação do mundo de hoje?

Gostaria da sua opinião, e da sua também, Sr. Escrivão" (referindo-se ao Sr. Hart).

O Sr. Cameron disse:

"Quer saber quem é responsável pela guerra?"

E voltou a pergunta:

"Deixo isso consigo — qual é a causa?"

O Sr. Cameron disse:

"Na minha opinião não podemos ser responsabilizados. Somos um povo amante da paz e, embora estejamos a lutar neste momento, é para nos defendermos e não por ganância material."

O Sr. Hart discordou desta opinião, dizendo:

"Não posso concordar. Acho que trouxemos tudo isto sobre nós próprios por não estarmos devidamente preparados."

O Sr. Cameron acrescentou que pensava que a Igreja era responsável, na medida em que tinha falhado no seu dever de ensinar a verdade ao povo, a saber: que no corpo estamos numa sala de aula, por assim dizer, o ponto de partida de uma jornada eterna; que o homem colhe o que semeia, e que ninguém pode assumir as responsabilidades por outro.

A resposta veio do mundo invisível:

"Mas vocês são a Igreja, cada homem e cada mulher."

O Sr. Cameron explicou:

"Ao falar da Igreja refiro-me aos homens que deveriam ser os guardiões da verdade de Deus para o povo, e cabe a cada um deles cumprir o seu dever na medida da luz que Deus lhes deu. A pergunta foi: 'Qual é a causa da guerra?', e a minha resposta é: 'Cobiça de poder e cobiça de ganho, resultantes da falta de compreensão.'"

A resposta foi:

"Essa é a verdadeira causa — falta de compreensão. Há muitos no mundo de hoje que têm pés de barro, mas também eles algum dia compreenderão. O amor de Deus vence tudo."

Depois ouvimos vozes a falar entre si, muito baixinho e indistintas, e a trombeta tocou o Sr. Crawford. O Sr. Crawford perguntou:

“Obrigado, amigo, é alguém que deseja falar comigo? Ficarei muito contente por ouvi-lo.”

Uma voz muito baixa disse então:

“Meu professor.”

O Sr. Crawford disse:

“Oh, foste meu aluno? Podes dizer-me o teu nome, por favor?”

A voz disse várias vezes “John — John”, e mais alguma coisa que não conseguimos perceber. Talvez estivesse a tentar dizer o apelido, e, para o ajudar, o Sr. Crawford disse:

“Vem, John, se pudesses falar um pouco mais alto, ajudaria bastante.”

Depois ouvimos, tenuemente:

“Quero que me ajude.”

E depois:

“Meu professor.”

O Sr. Crawford disse:

“Claro que te ajudarei, John, se me disseres quem és. Queres que leve uma mensagem?”

“Não, não, não, nenhuma mensagem.”

O Sr. Crawford disse:

“Muito bem, não levaremos mensagem se não quiseres. Tenta falar um pouco mais alto.”

Então vieram as palavras:

“Líbia — acidente.”

“Então estiveste na Líbia. Foi aí que partiste?”, perguntou o Sr. Crawford.

“Sim, sim, Força Aérea; eu, dois, três, quatro — três de nós, todos embora.”

Ouvimos então o som de um avião a subir. Foi repetido três vezes e depois ouvimos um embate.

O Sr. Crawford disse:

“Foi assim que aconteceu? Podes dar-nos mais informações? Diz-nos os nomes?”

A voz baixa respondeu:

“Ainda não, ainda não.”

Alguém falou então:

“Seria melhor não insistir demasiado. Só iria magoar o amigo que tenta comunicar. Um dia voltará em melhores condições. O coração dele ainda está muito dorido.”

A Sra. Bowes comentou:

“Queridos rapazes, não admira. Sei bem como se sentem. Tinham toda a vida pela frente e serem cortados antes de terem oportunidade de a viver.”

Alguém ficou visivelmente comovido com esta observação e respondeu:

“Isso foi belo. Obrigado, minha querida, tem coração de Mãe e compreende. Os seus lares estão em choque pela tragédia da sua partida. Espalhe o seu amor por esses queridos que choram. Sei que os ajudará.”

Todos prometemos fazê-lo, e então ouvimos:

“Jim, o primeiro artilheiro da frente, John, o piloto, Jim, o segundo,” — e aqui ouvimos o Código Morse, pelo que deduzimos que o segundo Jim fosse o operador de rádio.

A voz disse então:

“Estamos a ir embora agora. Adeus. *Ars longa, vita brevis*.”

O Sr. Sloan disse:

“Que língua é essa?”

E o Sr. Hart respondeu:

“Isso é latim.” (*A arte é longa, a vida é breve.*)

Outra voz falou então, numa língua estrangeira, muito rapidamente.

O Sr. Sloan comentou:

“Que língua horrível é essa?”, quando outra voz disse:

“Isso é holandês, holandês, e não é uma língua horrível; é uma boa língua.”

O estrangeiro que tinha provocado o comentário do Sr. Sloan disse então:
“Eu, holandês, não falar inglês; duas palavras.”

A trombeta tocou depois a Sra. Bowes em todo o rosto, e um holandês que sabia falar inglês disse:
"Tu és minha amiga, Deus te abençoe. Eu cuido dos rapazes por ti — de todos eles."

A Sra. Bowes respondeu:
"Obrigada, querido amigo, que bondade a tua. Pergunto-me se me poderias dizer algo sobre o meu velho amigo. O nome dele é Sr. Beverslauss. Estava justamente a pensar se ele já estaria aí ao pé de ti."

O holandês respondeu:
"Não sei, mas vou tentar entrar em contacto."

A Sra. Bowes disse:
"A última vez que soube dele estava em Roterdão, mas já tem mais de oitenta, e fiquei a pensar como se teria saído."

Pouco depois, o holandês disse:
"O teu amigo, tentei entrar em contacto. Está tudo bem, nós cuidaremos dele."

A Sra. Bowes disse:
"Ele deve ainda estar no corpo, têm andado a perguntar. Obrigada, amigo."

O holandês respondeu:
"Ele ainda está convosco, mas muitos dos meus compatriotas já regressaram a casa."

Outra voz falou então:
"Há um doce lar onde maravilhosas belezas vos aguardam, esse Lar é agora a minha parte. Segui mais além disto; desculpai-me dizê-lo, mas significa voltar para entrar nos vossos ambientes. Há braços protetores estendidos para vos amparar e guardar, a vós e aos vossos queridos, sustentando-vos com súplica e oração, e faremos o melhor que pudermos por vós em todo o caminho. É um dos Chefes Índios que vos traz esta mensagem. Conheceis algo do poder do que chamais oração, mas ela tem um poder muito mais maravilhoso do que imaginais, por isso sabeis o que deveis fazer."

A trombeta tocou então o Sr. Cameron, passando por toda a sua cabeça.

Uma voz feminina disse:

"Don, Don, meu querido, gostaria de te acariciar. Don, consegues ouvir-me? Se pudesse usar as minhas mãos, meu amado, acariciava-te."

O Sr. Cameron agradeceu-lhe e perguntou quem era.

Pensámos ouvir o nome "Mary" (a esposa dele), mas não tínhamos certeza.

Um homem falou então, e o Sr. Cameron perguntou:

"Quem foi que acabou de falar?"

Veio a resposta:

"Não sei, mas em todo o caso uma belíssima entidade, uma senhora."

A trombeta tocou depois a Sr.ª Duff, e ela perguntou quem era.

Uma voz disse:

"Entra, William, e fala com a amiga com quem queres falar."

A Sr.ª Duff disse:

"É o Willie? Estou tão contente por falar contigo. Como estás, Willie?"

Ele respondeu:

"Estou muito bem. Se estivesses apenas com a mesma saúde que eu tenho agora, ficaria muito feliz, minha amada."

A Sr.ª Duff disse:

"Fico tão contente por isso. Pensaste, Willie, que eu poderia ter feito mais no momento da tua partida?"

Ele respondeu:

"Fizeste sobre-humano."

A Sr.ª Duff disse:

"Oh, não, querido Willie, nada disso."

Mas ele insistiu:

"Oh sim, fizeste, eu sei. Tenho pensado em ti tantas vezes desde então."

A Sr.ª Duff perguntou:

"Estás bem, Willie? Fico muito feliz por ver que pareces menos tímido do que eras."

Ele respondeu:

"Sim, deixei isso para trás, mas agora, ao entrar nestes ambientes, sinto a timidez a voltar."

A Sr.ª Duff disse:

“Não deixes que isso aconteça. Tu sabes como estou feliz por te ouvir falar comigo.”

Ele respondeu:

“Eu sei disso, e todos os teus queridos amigos aqui estão a enviar-me os seus pensamentos amorosos. Deus te abençoe. É a minha maior alegria ouvir-te. Estou muitas vezes perto de ti em casa e noutros lugares, mas aqui ouço-te falar melhor.”

A Sr.ª Duff disse:

“Muito obrigada por vires. Já agora, viste a minha Mãe, Willie?”

Ele respondeu:

“Acabei de a deixar, ela está aqui ao teu lado. Todos nós ouvimos a tua voz, e trazemos-te todo o nosso amor, e também o do David. Ainda gostas de mim, querida?”

A Sr.ª Duff respondeu:

“Sim, muito.”

Ele disse:

“Vou embora agora, mas hei de encontrar-te na Praia Dourada, e os anos não serão muitos. Vou esperar por ti, minha amada. Deus te abençoe.”

E concluiu:

“Não deves chorar, querida. Antes de partir digo-te que estou muito feliz por me ter livrado da timidez e poder falar contigo assim. É uma coisa maravilhosa, a partida; chegar ao ponto crucial e depois estar rapidamente com os entes queridos deste lado.”

A Mãe da Sr.ª Colquhoun falou-lhe então, parecendo um pouco perturbada.

“Crissie, estou tão preocupada contigo.”

A Sr.ª Colquhoun respondeu:

“Agora, querida Mãe, não tens de te preocupar comigo. Porque é que estás a chorar?”

A Sr.ª Colquhoun respondeu:

“Porque sentes tanto a minha falta e eu não quero que fiques sozinha. Tens de ter alguém por companhia.”

A Sr.ª Colquhoun disse:

"Tenho muitos amigos, querida Mãe, e não estou realmente só. Tenho a certeza de que os vizinhos pensam que nunca estou em casa."

A Sr.ª Colquhoun avisou-a então:

"Não deves ser como o Sr. Sloan, e ficar sentada sozinha."

A Sr.ª Colquhoun respondeu:

"Raramente tive tempo para estar sentada, querida."

A Mãe dela concluiu:

"Mas agora vais ter mais tempo."

Outra voz interveio então:

"Tempo, tempo — mais tempo, um belo pensamento. Mais tempo agora, deveis usar as vossas energias de outra forma. Não falo apenas para ti, Sr.ª Colquhoun, mas para todos. Quantos, no mundo de hoje, procuram um coração solitário? Quem procura encontrará muitos, e quem ajudar tais corações colherá uma colheita para além de todas as alegrias terrenas quando vier para este lado. Conheces este hino, Sr.ª Duff?"

"Canto-te uma canção, uma bela canção,
Do longínquo lar da minha alma,
Onde as tempestades nunca rebentam nas suas gloriosas areias,
E plenos mares de alegria sempre rolam."

As trombetas caíram então ao chão, e a Sr.ª Colquhoun e a Sr.ª Macfarlane tentaram levantá-las, mas voltaram a cair com estrondo.

O Sr. Hart comentou:
"Parece que está a haver uma luta renhida aí em baixo."

Uma voz veio de uma das trombetas, dizendo:
"É mais rápido do que tu para me apanhar."

A trombeta bateu então várias vezes na cabeça do Sr. Sloan, e uma voz disse:
"Madeira, Jock, madeira."

Vozes falaram depois através de ambas as trombetas ao mesmo tempo. Alguém falava com a Sr.ª Lang de um lado da sala, e alguém com a Sr.ª Bowes do outro lado. Era difícil seguir as conversas, mas a voz perto da Sr.ª Lang disse:

"David — sou o Dave, só a tentar falar através deste 'telefone' teu."

A Sr.ª Lang disse que estava muito contente por ouvi-lo e perguntou como se encontrava.

Ele respondeu:

"Estou muito bem. Consigo ver-vos a todos."

A Sr.ª Lang mencionou "Tom" e recebeu a resposta:

"Está numa esfera muito mais avançada do que eu por enquanto."

Foi também mencionado o nome "Letitia", e então a cunhada da Sr.ª Lang falou-lhe:

"Estás mudada, Crissie, mas estás mais perto de casa, de um belo lar. Eu tinha medo de passar, Crissie. Sou a Nellie. Já não preciso de nenhuma bengala."

O Sr. Sloan disse:

"Sim, rapariga, da última vez que te vi precisavas de uma bengala e eu estava bem, e agora sou eu que preciso de um par de pernas de pau e tu podes passar sem a tua bengala."

Uma voz masculina respondeu a isto:

"Vai levar muitos dias até que isso aconteça, Sr. Sloan. Tens muito trabalho para fazer, e a alegria que deste aos outros espalhar-se-á por toda a parte."

O Sr. Sloan perguntou quem falava e recebeu a resposta:

"Robert Barr, de Carlung."

O Sr. Sloan exclamou:

"Sr. Barr, estou mesmo contente por ouvi-lo falar, embora não concordasses nada comigo nos velhos tempos."

O Sr. Barr respondeu:
"Vamos deixar que isso se cole à parede."

A Sr.ª Bowes disse:

"E que tal agora os espiritualistas loucos, Sr. Barr? Sim, era assim que nos chamava."

O Sr. Barr respondeu:

"Eu era um completo imbecil nesses dias."

A Sr.ª Lang não deixou isso passar e observou:
"Oh não, nada disso, Sr. Barr."

Mas ele insistiu:

"Bem, Crissie, eu era estúpido. Podia ter sabido que pessoas sensatas como tu e o Bob (Sr. Lang) não me diriam disparates."

Outra voz, do lado do espírito, falou então ao Sr. Barr, e ouvimo-lo dizer:

"Espera um pouco, Robson, vejo-te mais tarde; estou ocupado agora."

Depois o Sr. Barr disse-nos:

"Esse era o Robson — um dos meus próprios inquilinos (na Terra). Como te estás a sair, Crissie? Deviam estar a sair-se bem, porque sabes muito mais do que eu sobre isto. Tenho muito para aprender, mas estou bastante disposto a aprender, e é por isso que estou a progredir."

A Sr.ª Lang perguntou:

"Não consegues entrar em contacto com o Bob? Sei que ele ficaria muito contente em ajudar-te."

Ele respondeu:

"Recebo mais ajuda do Arthur (o filho da Sr.ª Lang) do que do Bob; ele consegue chegar até mim mais facilmente."

Outra voz disse então:

"Tu ainda aqui estás, Sloan. O que achas do Barr?"

O Sr. Sloan respondeu:

"Essa é uma pergunta difícil de fazer. Sempre pensei muito nele."

O Sr. Barr disse então:

"Ah, bem, não guardas ressentimento contra mim; fico contente com isso."

O Sr. Sloan respondeu:

"Nenhum, de todo, Sr. Barr."

Outra voz disse então:

"O meu último sol estava a pôr-se depressa,
A minha corrida estava quase terminada,

Os brilhantes e gloriosos vieram
E levaram-me em segurança para casa.

"Um dia o meu último sol estava a pôr-se depressa, e pensei que se estava a pôr para sempre. Isso não é verdade, meus amigos."

O Sr. Crawford perguntou se alguém sabia que horas eram, visto que ele e o Sr. Hart tinham um comboio a apanhar.

Uma voz do outro lado disse:

"São exatamente 10h15."

E, como de costume, estava correta.

A Sr.ª Lang disse:

"Penso que devemos encerrar agora. Alguém quer encerrar por nós?"

Uma voz do outro lado começou o Doxology, que todos cantámos. Assim terminou a Sessão.

Esta reunião abriu com a bem-conhecida observação de Sloan, no sentido de que pouco iria acontecer. Quantas vezes ouvi essa frase, ou algo semelhante, durante os cinco anos em que investiguei os seus fenómenos de Voz Directa.

Durante cerca de cinquenta anos, Sloan deu sessões aos seus amigos e aos amigos destes, cada uma com a duração de duas a três horas, uma ou duas vezes por semana. Ao longo de todos estes anos manteve uma atitude indiferente em relação a tudo o que acontecia, evitou a publicidade de todas as formas possíveis e sempre recusou qualquer pagamento pela sua presença. Não recebeu nada pelas sessões registadas neste livro e, entre resmungos e queixas, declarou que os seus serviços eram prestados de boa vontade para o bem da humanidade e para consolar os enlutados.

Centenas de pessoas diferentes receberam esse consolo e satisfação ao longo destes últimos cinquenta anos e, agora, Sloan é um homem idoso de oitenta e dois anos, com a memória tão debilitada que necessita de cuidados e atenção especiais. Ao longo da série de reuniões registadas neste livro, a sua memória foi declinando e, para o fim, tão rapidamente que a sua nora, a Sra. Sam Sloan, teve de o acompanhar a essas reuniões, para garantir que chegava em segurança e regressava a casa. Não obstante, os fenómenos continuaram a ocorrer como dantes, e assim continuariam mesmo que ele fosse surdo, mudo, cego e fisicamente debilitado. Quando ele está presente, as vozes falam; quando não está, reina o silêncio.

Era o ectoplasma do seu corpo, em grau invulgar, que permitia aos homens, mulheres e crianças Espíritos materializar os seus órgãos vocais e fazer vibrar a nossa atmosfera. Era só isso, nem mais nem menos, e a sua mente nada tinha a ver com o que se passava. Apenas ocasionalmente, durante essas sessões, entrava em transe e, quando tal sucedia, fazia-se menção do facto. Falava por vezes enquanto as vozes etéricas se expressavam e participava nas conversas como os demais; por outras palavras, mantinha-se normal como o resto dos presentes, ouvindo e vendo tudo o que acontecia.

Não houve alucinação no que ocorreu: o que um ouvia, todos ouviam; de facto, isso foi provado noutras sessões, de tempos a tempos, através de gravações em discos de gramofone ou em ditafone. Recordo-me de uma ocasião em que uma voz gritou tão alto que um homem que vivia do outro lado da rua atravessou para perguntar o que se passava.

A Voz Directa não necessita de cientista para provar as suas afirmações. Nenhum biólogo, antropólogo, físico, químico, astrónomo, psicólogo ou outro especialista na sua área de investigação é necessário para dizer às pessoas o que é verdadeiro ou falso sobre o assunto. Não recorremos a esses homens eruditos para saber se nos ouvimos falar uns aos outros ou não. Do mesmo modo, não precisamos da sua ajuda para desvendar os mistérios da Voz Directa, porque já não há mistério: os próprios Espíritos explicaram-nos e, por nossa vez, colocamos as perguntas necessárias sobre o que queremos saber, obtendo respostas satisfatórias.

Portanto, que os cientistas continuem a dormir no seu mundo maravilhoso físico, acreditando, como tantos, que nada existe além da matéria e dizendo aos ouvintes da B.B.C., a maioria tão ignorante quanto eles, que o cérebro é um organismo físico e mecânico e que nada sobrevive à morte do corpo. O antropólogo pode saber tudo sobre o corpo e o cérebro físicos, mas o seu conhecimento termina aí. Quando disse a um eminente anatomista que possuímos um corpo e um cérebro Espíritos duplicados, controlados por uma mente imaterial, ele ridicularizou tal ideia porque é completamente ignorante de um assunto em que nunca adquiriu experiência.

Os assim chamados espiritualistas estúpidos, crédulos e iludidos adoptaram a verdadeira atitude científica, que é explorar todas as vias de conhecimento, seguir todos os factos conhecidos e, pela observação e experiência, dar conta de tudo, mesmo que contrarie teorias e crenças preconcebidas. Por adoptar esta que é a única atitude científica, os espiritualistas foram denunciados pelos teólogos e ridicularizados pelos cientistas, além de lhes ser negada a expressão

das suas descobertas pela British Broadcasting Corporation, dominada pela ciência e religião organizadas e ortodoxas.

As sessões aqui em análise deixam claro que a nossa mente, sede da nossa memória, e o corpo etérico duplicado que agora possuímos sobrevivem à morte, e que a memória é tão determinante na vida futura como é aqui na Terra. Do mesmo modo, a telepatia está muito mais desenvolvida na Etéria do que aqui, e os nossos pensamentos chegam aos nossos amigos de lá de uma forma que não conseguimos compreender. As orações fixas de todas as religiões ortodoxas têm, sem dúvida, um efeito mental de conforto, sobretudo em tempos de dificuldade, mas são os pensamentos e aspirações diários que chegam à Etéria, embora eu duvide sempre de que os nossos amigos Espíritos consigam orientar e ordenar as nossas vidas tanto quanto afirmam.

Não é prudente ser dogmático nesta questão, pois quem pode dizer porque nos surgem, por vezes, pensamentos estranhos que podem ter efeitos profundos nas nossas vidas? Os Espíritos reclamam tanto acerca da ajuda que nos dão que a única forma de explicar é tentar perceber porque se sentem superiores a nós, tanto mental como fisicamente. Sentem-se sólidos e tudo neles é real e tangível, enquanto nós, para eles, somos fantasmas frágeis, e tudo aquilo que consideramos sólido é intangível, podendo ser atravessado sem dar por isso. Convém recordar que o mundo deles é sólido para eles, tal como o nosso é sólido para nós, e que apenas quando nos encontramos em condições em que os dois mundos se tocam conseguimos comunicar.

Outra alegação que fazem é a de que vivem juntos em muito maior harmonia do que nós na Terra, que reinam a paz e a satisfação, sendo o desenvolvimento da mente, para os cultos, o seu maior desejo. O amor de uns para com os outros parece ser a sua palavra de ordem. Sendo assim, quão atrasados estamos nós na Terra em alcançar o seu padrão de vida, que é o único que traz felicidade, paz e contentamento a todos.

Os que nos falam parecem desejosos de seguir, e de se guiarem pelos desejos dos "mais elevados" — os que avançaram para esferas superiores. Nunca ouvi, nem li em parte alguma, nestes últimos trinta e cinco anos, a defesa de uma crença religiosa; sempre sublinham a importância das virtudes e de que, tal como semeamos na Terra, assim colhemos. Nunca ouvimos falar da necessidade de acreditar num sacrifício vicário, num salvador, ou da obrigação de crer em algo para podermos entrar na Etéria. Toda a superstição teológica é deixada em silêncio e o destaque é sempre dado à forma como vivemos. Alguns falam do "Mestre", mas sempre de modo vago, e constata-se que uns dizem seguir um

Mestre e outros outro; mas os que falaram nestas sessões parecem ter uma crença comum em Deus, sob diferentes nomes.

Contudo, não assumem a posição de que nós, na Terra, devemos preparar-nos para encontrar o nosso Deus, como tem sido o tema de todas as religiões sobrenaturais do mundo, mas sim a de que devemos viver na Terra de tal modo que nos tornemos bons e respeitados habitantes da Etéria. Nesta sessão, o conselho dado é o de que nos preparemos na Terra "para poder ocupar um lugar razoável e uma responsabilidade razoável no lado espiritual quando lá chegarmos." Isso parece razoável e racional, e totalmente destituído das crenças teológicas que tanto confortaram como entravaram a humanidade ao longo da longa era de ignorância em que a grande maioria ainda vive.

Todos são livres de viver na Etéria como desejam e, embora o progresso esteja aberto a todos, cada um tem a liberdade de escolher fazer o que lhe apraz desde que não interfira com a liberdade e a felicidade dos outros. Se não tiverem vontade ou desejo de progredir, então persiste a estagnação mental. O progresso consiste no desabrochar da mente e, à medida que esse prossegue, a Etéria torna-se, para o indivíduo, um lugar de maior beleza, maiores perspectivas, maiores oportunidades e maior alegria e felicidade.

É interessante ser-nos dito que todos temos coração, e todos os outros órgãos do corpo que possuímos na Terra, embora funcionem de forma algo diferente lá do que aqui. Isto confirma a informação tantas vezes dada acerca do nosso corpo etérico duplicado em que vivemos após a morte, e tudo encaixa para compor o quadro completo do homem, da mulher e da criança Espíritos. Temos os mesmos sentimentos lá como aqui porque temos a mesma mente, o factor comum entre os dois mundos. Tudo está num tom mais elevado, tudo é mais vívido e belo, o que torna a vida mais real e digna de ser vivida, sendo a ausência de doença e a libertação da dor e do desconforto que permitem à vitalidade do corpo expandir-se plenamente, sem cansaço nem fadiga.

Convém também referir que os Espíritos, quando descem ao nosso nível de vibrações, conseguem ver na nossa escuridão, que para eles não é escuridão alguma. Conseguem ver as horas nos nossos relógios de parede ou de pulso, e nunca os vi cometer um erro. Além disso, podem tocar em qualquer parte de nós com a trombeta ou com as suas mãos materializadas, e nunca falham. Muitas vezes pedi para ser tocado em diferentes sítios e isso foi feito de imediato, sem hesitação nem engano, precisamente no local indicado. Mantive a minha mão e dedos em diversas posições e pedi que fossem tocados diferentes dedos, e isso foi feito, tudo o que prova que estavam presentes pessoas inteligentes que me ouviam falar e faziam o que lhes era pedido.

Como estas sessões decorreram durante a Segunda Guerra Mundial, muito se disse sobre a ajuda que os Espíritos prestaram aos que passaram para o Além durante aqueles anos trágicos. Recordo-me de ter sido informado, a partir da Etéria, de que alguns Espíritos estavam sempre incumbidos de seguir todos os aviões que atravessavam o mar, de modo a que os seus ocupantes pudessem ser facilmente encontrados e socorridos caso fossem mortos ou afogados.

CAPÍTULO IV

REUNIÃO EM CASA DA SRA. LANG, GIFFNOCK, GLASGOW
Segunda-feira, 1 de Junho de 1942

Presentes: Sra. Crissie Lang, Srta. Mary Stove, Sr. Alexander Hart, Srta. Jean Dearie, Srta. Isobel McRobbie, Srta. Elizabeth Duff, Sra. Lillias Bowes, Srta. Crissie Colquhoun, Sr. John Sloan.

Abrimos a sessão com o hino *Nearer, my God, to Thee* e depois recitámos o Pai-Nosso.

Durante alguns minutos nada aconteceu, e o Sr. Sloan disse:
— Não me parece que vá acontecer nada esta noite — já estou acabado.

De repente, uma voz escocesa disse:
— Não liguem a ele; ele ainda não está acabado. Todos se sentem em baixo às vezes, sabem, e noutras alturas sentem-se como se pudessem saltar por cima de um muro. Que espécie de *cullivant* é essa que está a usar, Sr. Professor? (Sr. Hart.)

Perguntámos o que significava essa palavra e ele respondeu:
— Um lápis, um lápis; é uma nova espécie de lápis para mim, Sr. *Dominie* (mestre-escola). Está aqui uma menina que quer falar com a senhora professora; entre, minha querida.

Então, uma voz infantil disse:
— Tia Isobel.

A Srta. McRobbie respondeu:
— Anda, querida, fala comigo; estás a adoptar-me como tua tia? Que bonito.

A criança replicou:
— Tu és a minha tia; eu sou a tua menina.

A Srta. McRobbie perguntou:
— Podes dizer-me o teu nome, querida? Como te chamavas?

A criança respondeu:
— Eu não tenho nome na vossa Terra.

A Srta. McRobbie disse:
— Compreendo bem, querida, mas de quem és filha?

A resposta veio:
— Eu sou a filhinha do Willie.

A Srta. McRobbie pensou que pudesse ser filha de um dos sobrinhos e perguntou:
— Onde é que o Willie vivia no Plano Terreno?

E recebeu a resposta:
— Era longe de ti — na Austrália. O meu papá está a ajudar os soldados — está a trabalhar.

Depois ouvimos um som de sopro, como de uma máquina a arrancar.

O irmão da Srta. McRobbie falou-lhe então do outro lado, e ela perguntou-lhe quem era a criança que acabara de falar com ela.

Ele respondeu:
— Há agora uma família tão misturada, Isobel, que não os conheço a todos.

A Srta. McRobbie disse:
— Bem, ela disse ser da família, a filha do Willie.

Ele respondeu:
— Vou fazer averiguações.

A Srta. McRobbie disse:
— Talvez não consigas situá-los a todos: são tantos.

E o irmão replicou:
— Oh, sim, consigo situá-los todos deste lado, mas não ouvi nada sobre a criança. Acabei de estar com a Mãe e com os dois Pais. Estou muito feliz com ambos; acabámos de ter uma boa conversa juntos.

(Explicação da Srta. McRobbie sobre a Mãe e os dois Pais: a Sra. McRobbie, sua mãe, casara duas vezes, primeiro com o Sr. Thomson e depois com o Sr. McRobbie. A Srta. McRobbie foi a primeira filha do segundo casamento. Antes da morte da mãe, ambas tiveram uma sessão com a Sra. Helen Hughes, a conhecida médium, quando o Sr. Thomson, primeiro marido da mãe, se manifestou e disse que iria adoptar a Srta. McRobbie como filha. Desde então, sempre que ela tem contacto com o Além, é tratada como filha tanto pelo Sr. Thomson como pelo próprio pai, o

Sr. McRobbie, também já na Etéria, sendo conhecida como a que tem dois pais. Além disso, parece que a mãe e os dois maridos se dão bem, o que resolve a velha questão sobre uma esposa na Etéria com mais de um marido, e um marido com mais de uma esposa.)

A menina falou de novo:
— Ninguém me conhece; não pensavam que eu existisse. Eu sou a filhinha do Willie e tu és a minha segunda tia Isobel.

A Srta. McRobbie respondeu:
— Claro que sou. Deus te abençoe, querida. Virás outra vez falar comigo, não virás? Vais visitar-me em minha casa?

A pequena voz respondeu:
— Oh, sim, irei a tua casa.

E deu alguns beijinhos.

O porteiro, com a voz escocesa, disse então:
— A Srta. Duff compreenderá esse caso da criança. Sabe bem como isso pode acontecer. Ela não teve vida terrena nenhuma, e os pais nem pensaram que tivesse existido.

A Srta. Duff respondeu:
— Sim, compreendo muito bem, estava mesmo a pensar nisso.

(Explicação da Srta. McRobbie sobre a criança sem pais conhecidos: no domingo anterior a esta reunião, ela tivera uma sessão com o Sr. Phoenix, o conhecido médium de Voz Directa, onde apareceram várias crianças ligadas a alguns dos presentes. Essas crianças adoptaram como tias pessoas que lhes eram estranhas, e presume-se que a que se manifestou nesta ocasião fosse uma dessas.)

O escocês dirigiu-se então à Srta. McRobbie:
— Recebi os teus pensamentos. Estava a ouvir alguém dizer-me hoje que tivesse cuidado quando chegasse aqui; era um homem que, por acaso, é o teu Pai, e disse que tu serias capaz de esclarecer este assunto da criança. Isto não é uma casa para mim, sabes.

A Sra. Bowes comentou:
— Bem, é a casa da Sra. Lang.

E ele respondeu:
— Espero não estar a intrometer-me.

A Sra. Lang disse:
— Claro que não, temos muito prazer em tê-lo connosco.

Ele respondeu:
— Se pudessem ver a casa que eu tenho!

A Sra. Lang perguntou se o conhecíamos, e ele replicou:

— Bem, eu não sou anónimo, sabem.

O Sr. Sloan não ouviu bem e disse:

— Disse que o seu nome era Amos?

Obtivemos uma resposta indignada:

— Amos?! Ora essa! Que nome! Nunca reclamaria um nome desses.

A Srta. Duff perguntou:

— Não nos dará mais pormenores sobre si?

E ele respondeu:

— Conhece um lugar chamado Crieff? Pois eu vinha de perto de lá. Foi criada no campo, minha querida?

A Srta. Duff respondeu:

— Não, mas adoro o campo.

Ele perguntou:

— Ah, então não sabe o que é um *but and ben*?

Todos respondemos:

— Oh, sim, sabemos todos. (Significa uma sala e cozinha.)

E ele disse:

— Pois eu vivia num *but and ben*, com um *ingle neuk* (assento na lareira) e uma grande lareira que tinha um *swee* ou braço giratório para o *muckle pat* (grande panela). Lembro-me da minha mãe a cozer pão ali e, por Deus, posso dizer-vos que saía uma maravilha. Aqui vai uma dica de cozinha para as senhoras: põem a panela no *swee* com um bom fogo por baixo; viram a tampa da panela ao contrário e colocam fogo em cima da tampa — usávamos turfa — e assim coze-se a parte de cima do pão.

A Sra. Bowes comentou: "Isto é tão bom como o 'The Kitchen Front' na rádio."

O escocês continuou:

"O meu conselho para todos vocês é: 'Mantenham um sough (mente) calmo.' Ter-me-ia corrido melhor se, por vezes, eu tivesse mantido um sough calmo e guardado algumas coisas para mim. É bom ter autocontrolo e ser capaz de haud (segurar) a língua no momento certo. Com isto não quero dizer que devam hiddle (ocultar) coisas e ser falsos, mas não convém andar a desnudar o coração a toda a gente. Mantenham a língua refreada quando for preciso. Há um lugar, uma parcela, para todas as classes quando vocês sacudem esta mortalha mortal; cabe a cada um fazer o seu próprio Paraíso deste lado pela vida que vive enquanto está no corpo.

"A vossa receção, e o lugar ocupado imediatamente quando chegam a este lado da vida, estarão de acordo com a condição que construíram na Terra. Não há limite para a vossa expansão depois, mas eu adoro estar perto do Plano Terreno, porque sinto que posso ajudar os que estão a chegar. Deixo que as minhas súplicas se elevem ao Grande Governante de todos os mundos — Aquele que os fez a todos — para que esta velha Terra que eu costumava habitar encontre em breve a paz. Unamos as nossas orações; uma cadeia de oração é uma coisa boa, uma coisa poderosa, se tiverem fé para acreditar nisso. Vou despedir-me agora. Todos vocês parecem couthy (amáveis) e canty (bem-dispostos) e simpáticos. Deus vos abençoe."

A Srta. Stove sentiu então uma mão na sua e disse: "Oh, que mão tão quente e agradável: obrigada, amigo." Uma voz respondeu:

"É apenas o toque de uma mão desaparecida, e este é o som de uma voz que se calou. Mary, sou o John. Tentei segurar-te nos dedos, mas não tinha a certeza se me sentiste ou não."

A Srta. Stove respondeu: "Sim, senti-te, meu querido. Oh, muito obrigada por vires."

Ele respondeu:

"Quem me dera poder fazer mais por ti, mas está para lá do meu poder por agora. Vou sustentar-te com os meus pensamentos espirituais e energia tanto quanto puder. Perdoem-me, senhoras e senhores, estar a invadir assim o vosso tempo."

Respondemos que ficávamos encantados por o ouvir, e ele prosseguiu:

"Têm sido tão generosos e bondosos com a Srta. Stove. Gostaria de registar a vossa maravilhosa bondade. Deus vos abençoe. Houve muitos dias sombrios. Tu sabes o que são dias sombrios, Mary, e eu também sei o que são dias sombrios, mas há um dia glorioso a seguir, que já despontou para mim e que também há

de despontar para ti. O romper do dia há de brilhar; virá a claridade; tem bom ânimo, querida, eu ficarei ao teu lado."

A Srta. Stove respondeu: "Eu sei que ficarás, querido, muito obrigada por vires."

Ele disse:

"Agora vou pôr-me de lado, porque não gosto de invadir demasiado o vosso tempo quando outros amigos estão agora a chegar. Ficarei perto de ti esta noite. São todos de uma generosidade maravilhosa na vossa bondade. Posso agradecer-vos a todos? Fiquei tão feliz, Mary, quando o teu Pai veio e falou comigo. Gostaria… bem, agora não direi nada sobre isso, mas quando chegar o grande final, que espero que não seja por muito tempo ainda e que muita felicidade continue a ser a tua sorte na vida terrena, mas quando chegar o momento, querida, então, no fim do caminho, voltaremos a apertar as mãos. Não haverá mais separações, nem mais preocupações, nem mais cuidados. De mãos dadas, através dos éones da eternidade, com amor espiritual nos nossos corações, ajudaremos outros e encontraremos serviço e alegria nessa obra. Deus te abençoe, querida; por agora, nada mais."

A trombeta tocou então na Srta. Dearie, e a voz de um homem perguntou:

"Srta. Dearie, quem é a Mary, posso perguntar?"

A Srta. Dearie disse: "É minha irmã", e ele continuou:

"Pois bem, a Mary quer entrar. Fui empurrado para aqui para atuar como porteiro temporário. Espero estar a fazê-lo razoavelmente bem."

A Srta. Dearie disse: "Obrigada, sim, deixe a Mary entrar. Vem falar comigo, Mary."

O porteiro disse:

"Agora não a vejo. A Mary estava aqui a querer entrar, mas não sei para onde foi. Ah, ali está ela."

A Srta. Dearie disse: "Mary, querida, onde estás? Estavas escondida? Anda, fala comigo."

A trombeta tocou então na Srta. Dearie na cara e no ombro, e a Mary exclamou:

"Jean, estou a progredir maravilhosamente. Como estás, Jean?"

A Srta. Dearie disse: "Estou bem, querida. E a Mãe e o Pai? Estão contigo?" A Mary respondeu:

“Agora não, Jeanie. Não estou ao lado deles o tempo todo; eles estão muito mais avançados do que eu, mas permitem-me vê-los muitas vezes e, oh, como fico feliz quando estão comigo!”

A Srta. Dearie respondeu: “Tenho a certeza de que ficas, querida, e talvez consigas estar com eles em permanência em breve. Posso perguntar o que estás a fazer, Mary? O lugar onde estás é bonito?”

A Mary respondeu:

“Oh, Jean, é lindo, e tenho uma casinha tão querida para ficar, com um jardim maravilhoso. Nunca tinha visto um jardim tão lindo antes, com flores magníficas de todas as cores, flores que nunca vemos na Terra, e que não murcham. Floram o tempo todo e, quando as colhes, outras parecem simplesmente surgir no lugar delas. Que perfumes maravilhosos têm e, Jean, há madressilva a crescer de cada lado da minha porta, em massa. Gostava tanto que pudesses ver, é tão lindo, mas um dia hás de ver, querida. Eu vou mostrar-to.”

A Srta. Dearie respondeu: “Fico tão feliz, queridinha, por estares num lugar tão lindo.”

A Mary continuou:

“E agora vou ajudar-te, querida, em tudo o que puder. Não é ótimo podermos falar uma com a outra, e que tenhas vindo a saber disto?”

A Srta. Dearie disse: “Sim, querida, já sei disto há algum tempo, mas tu não sabias antes de passares para lá.”

A Mary respondeu:

“A Mãe e o Pai disseram-me e o meu primeiro esforço sério foi encontrar um meio de voltar para falar contigo.”

Depois a Srta. Dearie pediu: “Dá-me uma mensagenzinha de amor para o Tom, queres, querida?”, recebendo a resposta:

“O Tom sabe que tem o meu amor. Sempre o teve. Vocês os dois estiveram no meu coração o tempo todo.”

A Srta. Dearie disse: “Sim, querida, eu sei.”

O Sr. Sloan comentou então: “Vejo a tua irmã com toda a clareza — a formar-se ao teu lado”, e a Srta. Dearie disse:

“Espero que sejas muito, muito feliz, Mary, e que obtenhas alegria por todas as tuas tristezas, querida.” A Mary concluiu:

“Agora nada disso me pesa. Estou contente por estar longe de tudo. Estou tão feliz aqui. Amo-te, querida, e farei tudo o que puder para te ajudar e fazer-te companhia, porque por vezes sentes-te só.”

A Srta. Dearie disse: “Sim, querida, às vezes, e eu sei que me vais ajudar em tudo o que puderes.”

A voz de um homem falou então:

“Pergunto-me quem, entre vocês, percebe que conforto duas pessoas sós podem dar uma à outra quando se encontram e conseguem compreender-se e compadecer-se.”

Ouviu-se depois a voz da Mary em conversa com esse homem no seu próprio lado da vida, e escamámo-la dizer-lhe:

“Eu sei exatamente o que quer dizer — deve querer dizer que, quando se está só e triste e entra um amigo compreensivo para o ver, isso alivia o peso da dor.”

Ele respondeu-lhe:

“Obrigado, minha querida, isso foi dito de forma linda e exprime o que eu queria transmitir. Srta. Dearie, a senhora tem aqui uma irmã maravilhosa; ela está tão luminosa e feliz.”

— Obrigada — disse a Srta. Dearie.

O Sr. Sloan entrou então em transe e foi controlado por um dos índios. Aproximou-se da Srta. Stove, tomou-lhe as mãos e disse:
— Srta. Stove, é o Chefe Índio que lhe fala. Sou o Bobo. O seu amigo pediu-me que tentasse ajudá-la, que a estimulasse.

Outra voz falou ao mesmo tempo para a Srta. Stove, dizendo:
— Apenas ouça o que ele lhe diz e faça o que ele lhe disser.

Bobo prosseguiu:
— Não posso dizer-lhe muito, porque o seu amigo fez-me entender que não estava bem, mas eu encontro-a muito robusta. Pensei que ele queria dizer que não estava bem, mas vejo uma tez bonita, boa circulação e batimento cardíaco forte. Está com bastante saúde; muita gente gostaria de ter a sua vitalidade.

A Srta. Stove disse:
— Não pensei que estivesse assim tão bem; tenho andado tão preocupada ultimamente.

Bobo respondeu:
— Não consigo definir “preocupação”. Eu também tive muitas preocupações na

minha vida terrena; sabe o que quero dizer pelo meu passado. Mas já ultrapassei isso e agora tento aliviar os outros. Não poderia livrar-se das preocupações?

A Srta. Stove disse:
— Vou tentar.

E Bobo acrescentou:
— Tem de fazer mais do que tentar — tente o dobro e deposite a sua fé com muita força.

Outra voz interrompeu a conversa:
— Ajudá-la-ei em tudo o que puder.

Bobo prosseguiu:
— Faça o que o amigo que está atrás de mim a impressionar lhe diz para fazer, e tudo se resolverá. Dê-me a sua mão; eu sei que a minha mão, a mão do *Medibox* (o nome que ele dava a Sloan), está fria, não como a do outro homem que lhe apertou a mão antes. Desejo-lhe boa sorte; desejo-lhe tudo de bom. Deus a abençoe, da parte de Bobo.

A Srta. Stove respondeu:
— Obrigada, querido amigo, muito obrigada.

Depois ele aproximou-se da Srta. McRobbie e colocou-lhe as mãos na cabeça.

A Srta. McRobbie disse:
— Obrigada, Bobo, é maravilhoso. Já falei consigo antes.

Ele respondeu:
— Eu sei que conhece o Bobo. Não é como a outra senhorita com quem acabei de falar; não é tão robusta.

Alguém comentou:
— Oh, mas ela é rija.

Ele respondeu:
— Não conheço essa palavra, mas não é capaz de aguentar muito. Deve levar a vida com calma. Sei, pelo toque, que a sua constituição física não suporta muito. Talvez seja "rija", mas o que "rija" significa, não sei.

A Srta. McRobbie disse:
— Bobo, poderia ajudar a Sra. Temple? Ela está muito gravemente doente; é a senhora com quem vivo neste momento.

Uma nova voz interrompeu:
— Diga-lhe que o John está por perto e vai ajudá-la.

A Srta. McRobbie prometeu fazê-lo, e então Bobo perguntou:
— Ela ainda consegue andar?

E a Srta. McRobbie disse:
— Não, ela está muito, muito perto do seu lado, meu amigo.

Bobo prosseguiu:
— Não quero fazer o que vocês chamam lisonjas, mas falo a sério. Tem uma vontade firme, e quando decide fazer alguma coisa leva-a até ao fim. Mudou para melhor de onde estava; ficará melhor, mas tem de se alimentar mais. Sabe ao que me refiro.

Bobo dirigiu-se então à Sra. Bowes e disse:
— O Bobo gosta de vir à Sra. Bowes. O seu amigo holandês disse-me para vir.

A Sra. Bowes disse:
— Obrigada, querido amigo. Oh, que maravilha.

Ele parecia estar a fazer-lhe uma massagem. Ao mesmo tempo que Bobo falava, uma voz falou numa língua estrangeira, e Bobo disse:
— É o holandês. Ele diz que devo colocar as minhas mãos na sua cabeça. Não sinto nada de errado consigo, exceto que a vibração das suas mãos, quando as seguro, diz-me que tem aquilo a que chamam "nervos desfeitos"; a pensar em coisas que nunca vão acontecer. Confie mais nos amigos do meu lado da vida, e nos olhos amorosos que velam por si. Pense nele; é o William, não é, aquele que tanto ama?

William, o marido da Sra. Bowes, falou então:
— Nunca, nunca a deixarei. Deus a abençoe, querida.

A Srta. Duff, a quem se dirigiram em seguida, e que foi tomada pela mão, disse:
— Obrigada, Bobo.

E recebeu a resposta:
— Não foi o Bobo que tocou na sua mão; foi o seu Pai. Eu estou a trabalhar com esta senhora agora.

(Bobo estava a dar tratamento à Sra. Bowes.)

Bobo disse então à Sra. Bowes:
— A mão do Med (Sloan) não é demasiado fina para a tocar, mas receberá o poder na mesma.

A Sra. Bowes disse que sentia o poder, as vibrações a atravessá-la, e Bobo continuou:

— Fico muito satisfeito se puder ser-lhe de alguma ajuda, para que se sinta bem e desfrute das alegrias da vida.

Enquanto Bobo falava com a Sra. Bowes e lhe segurava as mãos, diferentes vozes falaram pelas trombetas. O pai da Srta. Duff falou-lhe e, com a sua mão materializada, segurou-lhe a mão. A Srta. Colquhoun foi também abordada e sentiu mãos na cabeça. Disse que eram quentes e muito naturais.

Bobo falou então à Srta. Duff:
— Pensei, Srta. Duff, quando o seu Pai estava aqui, que o Bobo devia deixá-lo falar diretamente consigo e dar-lhe a mensagem íntima.

A Srta. Duff disse:
— Obrigada, Bobo, foi muito gentil da sua parte.

Ele pareceu então colocar-se diante da Srta. Dearie e disse:
— Não sei como me dirigir à senhora aqui. É o nome.

A Srta. Dearie respondeu:
— É "Dearie".

E Bobo continuou:
— Eu sei, mas esse nome é por vezes usado de forma carinhosa, e não sabia se poderia usá-lo assim.

A Srta. Dearie disse:
— Terei muito gosto se quiser usá-lo dessa forma também.

Ele tomou então a mão da Srta. Dearie e disse:
— Poderia dar-me a outra mão, por favor?

A Srta. Dearie disse que parecia sentir uma espécie de vibração ou força a vir dele, e ouviu uma voz que parecia falar logo atrás dele, dizendo:
— Jean, querida.

A Srta. Dearie disse:

— Oh, é a Mary de volta?

Mas Bobo explicou:

— É o teu Pai; ele está atrás de mim para que as vibrações passem dele para mim, e de mim para ti, e assim receberás as nossas vibrações combinadas.

A Srta. Dearie disse:

— Oh, obrigada, querido Pai.

E sentiu mãos na testa.

Bobo continuou:

— Estás preocupada, mas não devias estar.

A Srta. Dearie disse:

— Não tenho consciência de estar preocupada.

E ele replicou:

— Não dormes muito bem — não é assim?

A Srta. Dearie respondeu:

— Sim, é verdade, às vezes demoro muito a adormecer.

Bobo respondeu:

— Isso é porque estás preocupada — talvez inconscientemente. Queres fazer muitas coisas que sentes não conseguir, mas não te preocupes; tudo se resolverá. Tens de dormir melhor, e então sentir-te-ás melhor e mais feliz.

Depois Bobo tomou as mãos da Srta. Dearie, colocou-as palma contra palma e abriu-as devagar, dizendo:

— Tudo correrá bem contigo; as coisas abrir-se-ão diante de ti como uma flor; assim.

Bateu-lhe várias vezes nas mãos e afastou-se dizendo:

— Tenho de ir agora, mas primeiro vou pôr este velho Medibox de volta na cadeira.

E ouvimo-lo a mover-se pela sala, dizendo:

— Ele ficará bem; posso deixá-lo se o sentar na cadeira.

Alguém perguntou:

— Bobo, não vai dizer nada à Sra. Lang?

E ele respondeu:

— Sra. Lang, a senhora está bem. Tem amigos tão maravilhosos que podem ajudá-la no lado espiritual da vida. Quando estiver em apuros, eles ajudarão de imediato. Quem disse que a senhoria precisava do Bobo? Ela é formidável; ofusca-vos a todos. A vibração que recebo dela é muito, muito boa.

A Sra. Lang disse:

— Obrigada, mas continuo a ter um joelho muito dorido.

Ele perguntou:

— O que tem o seu joelho?

A Sra. Lang respondeu:

— Penso que é um nervo; disseram-me isso, mas seja o que for é muito doloroso.

Bobo sugeriu:

— Não poderia arranjar alguém que lhe fizesse massagens? Não poderia banhá-lo?

Outra voz espiritual falou, e Bobo perguntou-lhe:

— O que quer?

A voz respondeu:

— Quero que a Sra. Lang cure esse joelho. Vou pedir ao Dr. Barrie que o veja, ou talvez consiga o Dr. Laidlaw do seu lado; ele seria bom.

Bobo respondeu:

— Quando deixar o meu Medibox entrarei em contacto com esse Dr. Barrie.

Outra voz falou então:

— Arranjem o Charles Laidlaw, Sra. Lang, ele era meu amigo.

A Sra. Lang perguntou:

— Ele está em Glasgow?

Ele respondeu:

— Não consigo situá-lo agora. Da última vez que ouvi falar dele, estava no Hospital de Dumfries.

Bobo falou de novo, dizendo:

— Agora vou despedir-me da senhoria; Bobo não quer médicos nenhuns. Não os conheço. Eu ajudo com a minha cura.

Cantámos então o hino They are winging, they are winging e ouvimos o sininho a tilintar muito claramente. O toque prolongou-se durante o cântico e por algum tempo depois. Era o pequeno amigo do Sr. Hart.

Outra voz falou então, dizendo:— Sou o Robert Taylor. A Sra. Sloan trouxe-me aqui.

O Sr. Sloan, já fora do transe, disse:

— Bob, fico tão contente por te ouvir.

Ele respondeu:

— Esta doce senhora trouxe-me. Foi ela quem me disse, no dia em que estava a partir (da última sessão com Sloan), que nunca mais regressaria à vida terrena, e assim foi. Disse-me que encontraria a minha Mãe, e encontrei-a assim que cheguei. Deus o abençoe, Sr. Sloan. Quem me dera poder animá-lo um pouco. Sempre foi ao contrário, sabe. O John Sloan é um homem de grande valor. É uma tragédia terrível, senhoras, esta guerra pavorosa, e só agora está a chegar ao pior.

A Srta. Duff disse:

— Oh, espero que não.

E a Srta. McRobbie disse:

— Sim, acredito que sim. Penso que deve chegar a um clímax antes de poder terminar.

Perguntámos quando acabaria, e ele respondeu:

— Não temos a certeza. Tem de começar nos corações dos homens do vosso lado.

O Sr. Sloan disse a Robert Taylor:

— Bem, tu sabias o que era da última vez — passaste por tudo.

O Sr. Hart perguntou então:

— Podes ajudar os rapazes que nos falaram no outro dia? Eram da Força Aérea e caíram na Líbia.

Ele respondeu:

— Estão todos a ser ajudados, mas tentarei entrar em contacto com eles.

Outra voz falou:

— Meu caro amigo Sloan.

O Sr. Sloan disse:

— Quem é? Tens uma voz muito agradável.

E recebeu a resposta:

— Nem sempre tens uma opinião tão elevada de mim; é o Whitefeather que fala. John Sloan — tem de cuidar melhor de si. Ele é, como eu diria, Sra. Lang, um pouco excêntrico nos seus modos. Se lhe pedem para fazer uma coisa, é precisamente isso que ele não faz. É um pouco do contra. Tenho pena dele.

O Sr. Sloan disse:

— Ora, Whitey, não sou assim tão mau, pois não?

Whitefeather respondeu:

— Não o digo depreciativamente. Tens um registo que te precede, meu irmão Sloan, e quando a jornada da vida terminar, certamente receberás a tua recompensa.

O Sr. Sloan disse:

— Não quero nenhuma recompensa, Whitey. Não fiz nada para merecer recompensa.

Whitefeather disse:

— Todo serviço recebe recompensa. A recompensa que eu recebi, Sra. Lang, pelo que tentei fazer, humildemente, do vosso lado da vida, foi ganhar um pouco mais de conhecimento da vossa língua, e consigo falar um pouco como o filho da Sra. Lang falaria; claro que não da mesma maneira, mas agora consigo fazer-me entender melhor. A senhora sempre disse que me entendia antes, mas por vezes era difícil compreender a minha forma de falar.

"Se eu pudesse carregar cada um dos vossos fardos, as pequenas preocupações e as grandes preocupações e cuidados que hoje pesam nos vossos corações, levaria tudo, e isso seria mais uma jóia na minha coroa, mais uma pedra brilhante no meu cinturão, a minha recompensa. Por isso chamem-me a qualquer momento e, se captar a vossa vibração e puder ser útil, virei até vós através das ligações aqui, da minha relação com esta casa e com o meu velho amigo que está sentado ao vosso lado. Chamem, e eu responderei."

A Srta. Stove disse:

— Acho que por vezes vens visitar-me, Whitefeather. Senti a tua presença junto de mim.

Whitefeather respondeu:

— Muitas vezes, nas noites de inverno no vosso plano, quando o vento uiva e o vosso coração se sente só, e estão sentados junto à lareira acesa, nós estamos convosco, e eu digo ao John: 'Ela está feliz.' Infelizmente não sabem que estamos lá. Saberão mais tarde. Srta. Stove, tenho a certeza de que no íntimo do seu coração percebe que este conhecimento que adquiriu da comunhão com o lado espiritual da vida tornou a sua vida mais suave. A cruz já não é tão pesada de carregar.

"Há um dia a chegar em que estará finalmente em casa para se reunir com todos os que ama, e também com os que a amam. Voltarei dentro de algum tempo. Gosto de vir, Sra. Lang. Gostava apenas de encontrar as palavras certas; se estivesse com o Sr. Lang, ele dar-me-ia as palavras apropriadas para lhe dizer, para exprimir o que sinto em relação a cada lar aqui representado. Não me refiro exatamente às casas separadas, mas à ligação com esta bela comunhão conjunta. Vi lágrimas de tristeza em muitas das vossas casas e também a luz da alegria. Estive perto de vós quando vieram as separações e tiveram de dizer adeus aos que amavam, e tentei apoiar-vos o mais que pude."

Pela vossa fé e pelo conhecimento que agora adquiriram, sabem que não é realmente uma separação, é apenas um pequeno passo à frente.
"Um dia o véu será retirado, e espero que seja retirado de uma forma bela, que vos introduza na terra espiritual junto daqueles que amam. Que a Paz, a Alegria, que vêm do grande 'Eu Sou', estejam hoje nos vossos corações e mentes, e nas vossas almas, e que guiem os vossos passos por toda a jornada da vida, preparando o caminho para o vosso belo lar, fazendo com que os que estão deste lado se alegrem com os vossos esforços e êxitos, e vos deem uma entrada jubilosa na vida deste lado."

Alguém do outro lado cantou então:
"Há uma luz na escuridão para ti,
Há uma luz no Vale,
Há uma luz na escuridão para ti,
Se cultivares a luz que está em ti."

Não tínhamos a certeza das últimas palavras e pedimos ao cantor que as repetisse. Whitefeather respondeu:
"Foi improvisado, e não penso que possamos pedir ao amigo que repita agora."

O Sr. Sloan comentou:
— Não sei do que estás a falar, Whitey.

Whitefeather replicou:
— Estás tão obtuso, meu velho amigo; não costumavas ser assim, mas há uma beleza na tua obtusidade — Deus te abençoe.

A Sra. Lang mencionou que "We twa" (Lorde e Lady Aberdeen) tinham falado com eles numa sessão anterior, assim como alguns dos generais da Guerra dos Bóeres, incluindo Lorde Kitchener, e de como "Ishbel" (Lady Aberdeen) tinha falado com tanta graça.

Um cavalheiro falou então do outro lado, dizendo:
"Tal como tu, minha querida. Gosto de ouvir-te falar assim da minha Ishbel. Gosto de prescindir de condecorações e títulos, prefixos e sufixos, e de ficar simplesmente contente com 'We Twa' (ou 'Nós Dois'). 'We Twa' estamos a trabalhar em conjunto para aliviar e mitigar a dor e o sofrimento no mundo de hoje, tanto quanto nos é possível, tentando impressionar nos corações dos que têm autoridade o que é certo fazer, para que esta luta possa terminar. Mas ainda levará algum tempo."

Após Lorde Aberdeen terminar, seguiu-se uma voz muito clara, distinta e masculina:
"Lutei pela paz na minha vida — tanto na Frente Interna como noutros lugares. Ela reside nos corações dos homens."

Perguntámos quem falava, e ele respondeu:
"Falo à distância. Talvez não fosse propício para a vossa felicidade se dissessem a alguém quem vos falou esta noite. A maioria só se riria de vós e chamaria 'Tolos'."

A Sra. Lang respondeu:
— Mas não o diremos a quem nos chamaria tolos, e gostaríamos muito de saber quem fala.

Àquele pedido veio a resposta:
"Sou William Ewart Gladstone, e vim com os 'We Twa'."

A Srta. McRobbie comentou:
— Um grande homem.

E ele respondeu:
"Muito obrigado, isso saiu-lhe com espontaneidade, mas o meu tempo foi antes do seu, não poderia tê-lo conhecido."

A Srta. McRobbie disse:
— Ouvi o meu pai falar de si, e é conhecido por esse nome, sabe.

(Mais será dito sobre o regresso dos Aberdeens e de Gladstone no final deste capítulo.)

O pai da Srta. Colquhoun disse-lhe então:
"Como estás, Crissie, minha querida? Estou perto de ti e ajudo-te tanto quanto posso. Mantém o ânimo; é o Pai."

A Srta. Colquhoun respondeu:
— Obrigada, querido Pai. Como está a Mãe?

O Pai disse:
— Ela está aqui, ao teu lado.

A Srta. Colquhoun perguntou:
— Como estás, querida?

E a Mãe falou-lhe:
"Não gosto de te ver preocupada, Crissie."

A Srta. Colquhoun disse:
— Já não estou preocupada, querida. Estou bem agora. Tenho tantas saudades tuas, mas fico tão contente por teres o Pai contigo.

A Mãe respondeu:
"O tio Cuthbertson estava a falar comigo e falámos sobre a tia Mary."

"Lembro-me dela quando estavam em Shields Road."

A Srta. Colquhoun concordou e depois perguntou:
— Estás feliz, não estás, querida?

E a Mãe assegurou-lhe:
"Gostava apenas que estivesses metade tão bem e feliz como eu; toda a minha preocupação é ver-te preocupada e sem companhia. Não queria voltar, Crissie, mas fico tão contente por poder vir falar contigo. Prefiro ficar aqui, a preparar tudo muito bonito para a tua chegada."

A Srta. Colquhoun perguntou:
— Mãe, alguma vez conheceste a tia Agnes?

A Mãe disse:
— Não, mas já falei com ela, tal como falarias com alguém ao telefone. Não é a mesma coisa, mas é a única forma que posso descrever. Quando consigo a condição, consigo falar com ela. Ela está para além de mim. Vais ter muitas surpresas com o que acontece aqui.

Outra voz falou então:

“Sou apenas um índio a falar. Não sou como o meu amigo Whitefeather. Não tive ensino, mas aprendi, convivendo com as pessoas que vêm das Esferas Superiores, algo sobre essas esferas avançadas onde vivem. Sabem, meus amigos, no Mundo Espiritual, o espaço é indescritível. Não o conseguimos medir nem limitar, e para além dele há mundos sobre mundos, todos habitados por aqueles que avançaram muito além de nós, e nós, deste lado, estamos apenas na orla dessa viagem para as esferas onde eles habitam, resplandecentes na sua luz, beleza e amor, de tal forma que falho ao tentar descrevê-las.

“Não quero avançar muito no meu caminho até ter comigo os membros da minha própria família. Entretanto compreendo que, assim que ultrapassarmos estas esferas em que estive por muito tempo, adquiriremos de imediato o conhecimento de uma linguagem que todos conhecem.”

(Comunicação por telepatia, que dispensa palavras.)

Perguntámos quem era, e ele respondeu:
“Não sei se todos me conhecerão neste pequeno grupo de amigos, tal como está hoje. É o Blue Moon que vos fala. Estou tão feliz por ter aprendido a falar a vossa língua e poder vir à casa (da Sra. Lang) da minha querida amiga e irmã (Arthur Lang), com quem trabalho deste lado da vida. Deus a abençoe, minha pequena anfitriã, e lhe dê alegria. Estão todos à espera no Portão Dourado, e quando o sol brilhar sobre ele a Terra desaparecerá.

“Uso o nome ‘Portão Dourado’ como expressão simbólica, como a entrada do físico para o lado espiritual da vida; onde todos se reencontram e não há mais separações; onde todos os mal-entendidos se dissipam, e as pequenas picadas já não picam, e cada fio embaraçado é endireitado para sempre; onde todos somos irmãos e irmãs, ajudando e animando uns aos outros na nossa eterna jornada pela vida. Este é o Blue Moon. É bem verdade, como já disse antes, que, quando chega a hora da separação, não se pode deixar de sentir tristeza por deixar os amigos na Terra. Como tentei explicar-vos antes:

‘Um último olhar enternecido dos amigos que ficam,
Um último aperto da mão que parte,
Antes que a barca deslize na brisa do entardecer,
Para as margens da Terra de Verão de Deus.’”

Outra voz falou então à Srta. Stove, dizendo:
“Srta. Stove, é o Faithful a falar. Fui incumbido pelos amigos, o John número um e o John número dois, de lhe falar e de a acompanhar no caminho de regresso a casa quando sair daqui. Farei isso com prazer. Eles estão todos ocupados, os

seus amigos aqui — não excessivamente, porque estar ocupado deste lado não é tarefa penosa. É uma terra maravilhosa."

(John 1 é o irmão da Srta. Stove, e John 2 é John Hardman, o seu noivo na Terra, que já lhe falou noutras ocasiões na presença do Sr. Sloan e do outro notável médium de Voz Directa de Glasgow, o Sr. Phoenix. Voltaremos a ouvir John Hardman, advogado e escritor na Terra, ao longo deste livro.)

Faithful prosseguiu sem interrupção:

"Se eu pudesse simplesmente levar-vos pelas águas tranquilas e através dos prados verdejantes, pelos nossos belos jardins, e mostrar-vos as nossas encostas, as nossas cordilheiras e todas as maravilhas deste país maravilhoso. Flores que desabrocham em todas as cores que nunca conhecerão na vida terrena, e que nunca murcham nem se deterioram. As belas aves que cantam nas árvores, sem medo. É um país maravilhoso, e eu venero o pensamento do Grande Chefe que fez tudo isto, o *Happy Hunting Ground*. Descobri, quando vim para este lado, queridos amigos, que não era um campo de caça, a não ser que fosse a caça por amigos conhecidos na Terra e que me procuravam ansiosamente."

O Sr. Sloan disse:
— Mudaste, Faithful. Já não falas como falavas.

Faithful respondeu:
— Preferias que eu falasse como antes?

E o Sr. Sloan disse:
— Oh, não, de modo nenhum, amigo. Acho que melhoraste.

Faithful replicou:
— Sabes que é o avanço da evolução, e uma evolução maravilhosa para mim, por me afastar dos cuidados e problemas do mundo, porque quando alimentas os olhos com as belezas da Terra do Espírito, a Terra desvanece na insignificância, exceto pelos entes queridos que ficaram. Não há nada a temer; o único conselho que vos dou é podar a vossa plumagem terrena com boas obras e ações, de forma calma e humilde. Descobrirão que nenhuma dessas pequenas ações será esquecida deste lado; jóias para o vosso traje, diamantes para o vosso lar. Todos colhem o trabalho de amor que semearam na vida terrena ao ajudar os outros; tudo isso fará parte da vossa herança na terra do espírito.

Seguiu-se silêncio. Faithful, numa voz clara e forte, sem hesitação, tinha-nos falado das belezas e felicidades que nos aguardam. Mas logo fomos trazidos de volta à realidade quotidiana quando a Sra. Lang perguntou se algum amigo

espiritual podia dizer-nos as horas. Explicou que não queria que as pessoas se fossem embora apressadas sem tomar chá, como da última vez. Em poucos segundos, alguém do outro lado disse:
— São exatamente vinte e cinco minutos para as dez.

Uma voz muito poderosa falou então. Disse à Srta. Colquhoun:
— Mantenha o coração alegre e bem-disposto, Srta. Colquhoun. Tem muitos bons amigos a ajudá-la; lance os seus cuidados e preocupações para o lado espiritual da vida.

Depois, dirigindo-se à Sra. Bowes, disse:
— Pense no seu grande chefe — se me é permitido dizer William, aquele que tanto ama; ele continua ansioso e disposto a ajudá-la. Não pode sobrecarregá-lo demasiado, é o preço que ele deseja pagar.

À Srta. Duff disse:
— A pequena senhora que está sempre a cuidar dos outros em sofrimento e dor — que também se anime. A sua vida mudou muito, entrou numa nova esfera, por assim dizer, e tenho a certeza de que a desempenhará com precisão. Desejo-lhe sorte e felicidade nessa esfera.

(A Srta. Duff era enfermeira de guerra.)

À Srta. McRobbie disse:
— A pequena senhora que precisa outra vez de ânimo — é a sua Mãe que está ao seu lado, minha querida. Ela está muito contente por saber que mudou de onde estava e veio para um lugar diferente; diz que será em seu benefício. O John ficará bem, e ela menciona Stranraer. Deveria ter dito Jim, não John. Ela corrigiu-me, e a senhora agora compreende.

A Srta. McRobbie concordou, e então ele falou à Srta. Dearie, com alguma hesitação:
— Estou com dificuldade quanto ao próximo nome, Dearie; posso tratá-la assim?

A Srta. Dearie disse:
— Claro, terei muito prazer.

— Obrigado, minha querida; a sua irmã está a progredir muito bem deste lado, está extremamente feliz. Tem um irmão na vida terrena? A sua irmã parece estar especialmente interessada nele neste momento. Diga-lhe para trabalhar com cuidado e tomar decisões com muita cautela agora.

A Srta. Dearie confirmou que era verdade. O orador sem nome dirigiu-se então ao Sr. Hart:

— Estou um pouco receoso de falar com o mestre-escola. Posso cometer um deslize gramatical.

O Sr. Hart respondeu:
— Isso não terá importância.

E ouviu como resposta:
— É um belo escritor. Escreve letras tão pequenas e tão cheias de significado, e tem uma mente brilhante, que, se me permite dizer, consegue exprimir melhor por escrito do que em palavras. Bem, sugeriria que, se for falar, ponha primeiro no papel e depois dê-lhe voz.

O orador disse então a alguém do seu lado:
— Não, ainda não vou embora. Vou falar a mais alguns aqui.

Aparentemente afastou-se um pouco, pois uma voz diferente falou então à Srta. Stove, dizendo:
— É o Pai que lhe fala. Como estás, minha querida? Sabes como me dói ver pelo que passaste. Estou tão feliz por saber que sabes que estamos felizes aqui, e muitas vezes contigo.

A Srta. Stove disse:
— Muito obrigada, Pai. E a Mãe — como está ela?

O Pai disse:
— A Mãe envia-te amor. Está ausente neste momento, a trabalhar entre os queridos que foram transportados do Plano Terreno para este lado por causa da Guerra. É uma mulher maravilhosa, a tua Mãe — e o meu amor.

A Srta. Stove respondeu:
— Sim, querido Pai, ela é maravilhosa. Deus te abençoe.

O orador anterior falou então à Srta. Stove, dizendo:
— Como o teu Pai estava ao teu lado, achei melhor que fosse ele próprio a dar-te a mensagem, por isso fiquei em segundo plano, Srta. Stove, mas partilho os sentimentos do que ele disse. Creio que devo partir agora.

Alguém perguntou:
— Não vai falar à Sra. Lang?

E ele respondeu:
— A Sra. Lang ficará satisfeita por saber que o Blue Moon lhe falou. Pode acreditar em mim, minha querida amiga, Sra. Lang, o tema que ele lhe trouxe faz parte das expressões minhas e dos seus queridos que estão muitas vezes

consigo; e quanto ao meu velho amigo aqui, não preciso falar-lhe, porque ele não acreditaria em mim.

O Sr. Sloan disse:
— Eu não diria isso, mas quem é que me fala?

Recebeu a resposta:
— Devia saber quem sou. Ficas contente por eu ter progredido; sabes que não compreendia muitas das coisas que costumavas dizer, mas agora compreendo tudo. Sou Pathfinder. Meus queridos amigos, queria ter o poder de vos conduzir a todos pelo caminho do descanso, pelo caminho da alegria e pelo caminho da felicidade, mas infelizmente, durante a vida terrena em que estão, nem sempre podem tomar esses caminhos. Tentei mostrar-vos a vereda que leva dos cuidados e tribulações da vida mundana ao descanso e à paz, ao lar e aos amigos, para nunca mais se separarem. Deus vos abençoe. Sou Pathfinder.

A Sra. Lang disse:
— Obrigada, Pathfinder. Quer encerrar a Reunião por nós?

E ele fê-lo nestas palavras:
"Espírito de Pureza, em Quem não há dolo, Que conheces cada coração e compreendes cada alma, que a bênção da Tua santa harmonia e a bênção do Teu santo amor repouse sobre eles e com eles permaneça. Sombra-os com as Tuas asas de amor, guarda-os com o Teu Poder Todo-Poderoso e protege-os de todo o mal e preocupação até que a jornada da vida termine, concedendo-lhes por fim uma entrada gloriosa no Teu Lar glorioso, e a Ti seja a Glória pelos séculos dos séculos. Ámen."

O Sr. Greenlees (pai da Sra. Lang) começou a entoar a *Doxologia* do outro lado, e disse depois:
— Crissie, tu própria consegues cantá-la melhor.

E assim fizemos, encerrando a sessão.

Quando tive as minhas sessões regulares com John Sloan, entre 1918 e 1924, aprendi rapidamente que era mais sensato não ser demasiado curioso e fazer apenas algumas perguntas de cada vez. Diziam-me para aceitar o que viesse, mas que, se quisesse fazer muitas perguntas, poderia ter sessões privadas para esse fim, em que estariam presentes aqueles mais aptos a responder-me. Além disso, percebi que os outros participantes não estavam interessados na informação que eu procurava; eles apenas queriam falar com os seus amigos do outro lado.

Assim se realizaram essas sessões privadas, para as quais levava comigo o meu secretário, que registava tudo o que era dito e feito. Grande parte da informação recebida pode ser encontrada em *On the Edge of the Etheric* e nos dois livros que lhe seguiram, *The Rock of Truth* e *The Unfolding Universe*. E, se o leitor, como eu, sentir que muitas questões lhe surgem ao ler os registos das sessões relatadas neste livro que agora lê, provavelmente encontrará as respostas ao consultar essas minhas obras anteriores.

Devido às condições da guerra, a maioria dos presentes nas reuniões relatadas neste livro, *Where Two Worlds Meet*, eram mulheres ansiosas por falar com familiares e amigos do outro lado. Estavam já familiarizadas com as condições, tendo participado em sessões anteriores, e as dúvidas que tinham tido foram, sem dúvida, já esclarecidas. Assim, sentavam-se, ouviam e falavam quando interpeladas a partir da Etéria e, no cômputo geral, obtinham grande quantidade de informações valiosas.

Consequentemente, neste livro, encontramos muitas conversas caseiras, entremeadas com pequenas prédicas e pequenas palestras, cada uma contendo algo de valor a reter. Vários dos presentes tinham, em certa medida, capacidades mediúnicas e percebiam a presença de determinados Espíritos, por vezes nomeando-os antes de estes se manifestarem.

Não é fácil nem natural para os Espíritos reproduzir o som das suas vozes terrenas, especialmente quando as vibrações dos seus órgãos vocais foram reduzidas pela absorção de ectoplasma e de outros ingredientes que lhe juntam, para descerem ao nível necessário para vibrar a nossa atmosfera. Assim, apenas ocasionalmente reconhecemos as suas vozes terrenas; e o que espanta é ouvi-los de forma tão clara que conseguimos distingui-los facilmente como vozes de homens, mulheres e crianças. Percebemos sem dificuldade o sexo do interlocutor e, por vezes, as vozes masculinas são tão fortes que os presentes receiam que os vizinhos sejam incomodados e pensem que se está a travar uma discussão.

Para o principiante, tudo é muito estranho, e a escuridão torna-o algo arrepiante, mas essa sensação depressa desaparece.

A conversa geral entre os presentes, além do cântico necessário para aliviar qualquer tensão e manter a atmosfera em movimento, evita que nos concentremos demasiado na estranheza da situação. Um indivíduo relaxado é mais facilmente "extraído" do que alguém tenso, pois, além de se retirar ectoplasma ao médium, também os presentes são solicitados em certa medida.

O médium fornece o ectoplasma em maior abundância, mas cada um contribui com a sua quota, que é devolvida tanto ao médium como aos presentes quando a sessão termina. Nem o médium nem os participantes ficam prejudicados. Por isso, somos instruídos a não cruzar as pernas, pois isso impede que os orifícios do corpo permaneçam naturalmente abertos, e, de tempos a tempos, um participante é convidado por um Espírito a colocar os dois pés no chão. Eles nunca se enganam, pois têm a sua própria luz e conseguem ver tudo, já que a nossa escuridão nada significa para eles.

As nossas mentes também podem ser lidas por eles sem dificuldade, conseguindo perceber todos os nossos pensamentos. Cada mente produz imagens que chamamos pensamentos. Imaginamos um cavalo, ou uma mesa, ou uma casa quando pensamos neles. É isso pensar, e eles veem essas imagens tal como nós vemos imagens num écran de cinematógrafo. Assim, podem ler os nossos pensamentos e dizer-nos o que estamos a pensar. Não só me disseram que veem as imagens criadas pela minha mente, como também os testei e inúmeras vezes me disseram exatamente quais eram os meus pensamentos. Foi isso que nos fez compreender o que o escocês quis dizer, no início da sessão relatada, quando afirmou: "Recebi os teus pensamentos."

Os nossos amigos na Etéria dizem-nos repetidamente que a nossa posição e condição, ao chegarmos até eles, depende de como vivemos aqui, e que, como semeamos, assim colheremos. Não encontraremos anjos ou demónios quando partirmos, mas homens e mulheres como nós, em forma, aparência e caráter, tanto bons como maus. O nosso caráter decidirá com quem viveremos, mas todos os que nos falam parecem ansiosos por progredir e desenvolver-se mentalmente.

É este desabrochar mental, que decorre na Etéria de forma muito mais marcada do que na Terra, que explica os diferentes planos em que vivem. É evidente que os nossos pensamentos influenciam o nosso corpo etérico de uma forma que aqui não compreendemos, e que as suas vibrações são afetadas pelo pensamento. Conforme pensam, assim vibram os seus corpos e, conforme vibram, assim vivem os Espíritos num lugar harmonioso com essas vibrações. Mas, ao baixarem as suas vibrações pelo pensamento, podem regressar à Terra e assumir condições terrenas.

A nossa memória, sendo parte da mente, acompanha-nos quando morremos, porque a mente está alojada no corpo etérico e envolve e interpenetra o nosso cérebro etérico, na nossa cabeça etérica. Notamos que os amigos que regressam até nós recordam o que aconteceu na Terra, e o afeto que nos tinham parece tão forte como antes de partirem. Ao longo dos últimos cem anos, foram

recebidas muitas informações probatórias dos Espíritos, registadas em centenas de livros diferentes com mensagens da Etéria. Eles lembram-se do que aconteceu na Terra e, quando um Espírito nos recorda algo que já esquecêramos, ou nos revela um acontecimento de que nada sabíamos, mas que depois se confirma verdadeiro, concluímos que a pessoa que fala não pode ser senão aquela que afirma ser.

Esta conclusão impõe-se à medida que lemos e ouvimos voz após voz a manifestar-se. Cada voz dirige-se à pessoa certa e traz algo que a interessa. Não há, nestas sessões relatadas, qualquer tentativa sistemática por parte dos oradores de lembrar os presentes de acontecimentos passados, mas, quando familiares ou amigos falam do outro lado, comunicam como se fizessem parte do círculo e dirigem-se àqueles que conhecem. Reconhecem os seus amigos aqui, e os amigos na Terra reconhecem-nos pelo que dizem, exatamente como acontece ao telefone, onde dois se entendem mutuamente. O primeiro nome é habitualmente usado em conversas telefónicas com familiares, pelo que talvez não seja tão estranho que, às vezes, os segundos nomes não sejam dados pelos nossos familiares Espíritos quando nos falam.

Uma única conversa entre mãe e filho, ou entre irmã e irmão, ou entre dois amigos — um aqui e outro na Etéria — não nos convenceria, mas, quando as temos às centenas, e tudo é compreensível e natural, temos de concluir que, somadas e reunidas, constituem uma massa avassaladora de provas de que aqueles que falam não são outros senão os que afirmam ser. Caso contrário, de quem seriam aquelas vozes? De onde viriam o afeto e a personalidade? E quem nos daria essas descrições da terra onde vivem, e de como melhor deveríamos viver na Terra para os reencontrar após a morte? Tem de ser tudo real e verdadeiro, porque, indubitavelmente, tudo isto aconteceu e continua a acontecer, e tudo o que lemos, e continuaremos a ler, nunca poderia ter ocorrido se homens, mulheres e crianças, embora invisíveis, não tivessem tomado parte nas conversas registadas.

Tomemos, por exemplo, o regresso de Lorde e Lady Aberdeen e do Sr. Gladstone. Como tudo é natural quando sabemos o que se passou antes. Lorde e Lady Aberdeen eram ambos espiritualistas e eu conhecia-os bem. Lady Aberdeen contou-me que Lorde Aberdeen, o primeiro Marquês, morreu na sua cadeira enquanto lia *On the Edge of the Etheric*. Mais tarde, o meu irmão levou Lady Aberdeen, que Sloan não conhecia, a uma sessão no círculo de Sloan, quando Lorde Aberdeen, Lorde Goschen, o Sr. E. Gladstone, Lorde Rosebery e o Sr. Bonar Law lhe falaram. No livro *Reunited*, o meu irmão relata como o Sr.

Gladstone fez diversas referências corretas à sua casa, Hawarden, das quais apenas Lady Aberdeen poderia ter conhecimento, pois lá se tinha hospedado.

Depois, Lorde Aberdeen disse à esposa: "Lembras-te, Ishbel, de 25 de julho? Foi um dia muito feliz. A Sra. Gladstone enviou-te um quadro." Esse foi o dia em que ficaram noivos e, nesse mesmo dia, desciam a Bond Street, em Londres, quando viram o Sr. Gladstone no passeio. Pararam e contaram-lhe do noivado, e nessa noite Lady Aberdeen recebeu uma carta de felicitações e uma pequena aguarela enviada pela Sra. Gladstone. As duas famílias ainda são amigas, e Gladstone afirmou ter sido levado à sessão que agora relatamos neste livro por "We Twa", o nome que Lorde e Lady Aberdeen se deram no livro com esse título, que registava a sua feliz vida conjugal.

CAPÍTULO V

REUNIÃO NA CASA DA SRA. LANG, GIFFNOCK, GLASGOW

Presentes: SRA. CRISSIE LANG, SR. ALEXANDER HART, SRA. HILDA MORITZ, SR. GEORGE MORITZ, SRTA. MILNE, SRTA. JEAN DEARIE, SRTA. ELIZABETH DUFF, SR. DONALD CAMERON, SRA. LILLIAS BOWES, SRTA. CRISSIE COLQUHOUN, SR. JOHN SLOAN.

Abrimos com o hino habitual, *Nearer, my God, to Thee*, e depois repetimos a Oração do Senhor. Uma voz do outro lado juntou-se ao "Ámen".

Falávamos sobre jardins, e o Sr. Sloan perguntou à Srta. Dearie se tinha um jardim.
A Srta. Dearie respondeu:
— Não, apenas um pequeno espaço nas traseiras que dificilmente se poderia chamar de jardim.

Ele perguntou à Srta. Duff se tinha um, e a Srta. Duff respondeu:
— Oh, é só um pequeno pedaço, mas tenho tentado cultivar alguns legumes nele.

Uma voz do outro lado interrompeu:
— Você própria é um doce pedacinho.

Rimo-nos, e a Srta. Duff disse:
— Muito obrigada, amigo.

A Srta. Milne disse então que lhe vinham muitos nomes — de lugares e pessoas —, mas que não sabia a quem pertenciam.
Uma voz disse:

— Bem, se os disser, isso pode trazer alguma outra pessoa que os consiga explicar, minha querida.

A Srta. Milne respondeu:
— Bem, estou a receber os nomes Benjie e John, e alguém está a dizer "o Coronel está aqui".

Não foi dada mais explicação naquele momento, por isso cantámos *The Lord is my Shepherd*.

Depois ouvimos duas vozes espirituais a conversar numa língua estrangeira, e as trombetas tocaram a Sra. Bowes, que disse:
— Oh, obrigada, amigos. Têm alguma mensagem para mim? Que amabilidade. Como gostava de compreender o que estão a dizer. Conseguem compreender o que vos estou a dizer?

Uma voz, num inglês muito imperfeito, disse então:
— Eu sou seu amigo. Eu índio.

A Sra. Bowes disse:
— Oh, obrigada, amigo. Era um índio norte-americano?

A voz respondeu:
— Não, não, índio oriental. Eu digo: "Tudo bem — tudo bem com Bill."

(Bill estava no estrangeiro, nas Forças Armadas.)

A Sra. Bowes disse:
— Oh, isso é maravilhoso, amigo. Muito obrigada. É o índio que acompanha o meu Bill?

Ele respondeu:
— Senhora, eu esse homem. Eu ajudo Bill quanto posso. Índia muito aflita e eu faço tudo o que posso para ajudar. Bom dia.

A Sra. Bowes disse:
— Deus o abençoe pelo que está a fazer.

Ele respondeu:
— *Tanks* (obrigado).

A Sra. Bowes disse-nos:
— O Bill sabe que tem um Guia Índio. Ele é um pouco psíquico e compreende estas coisas.

O índio acrescentou:
— Bill — muito psíquico.

Outra voz disse então:
— Perceberam o que foi dito? Entenderam?

O Sr. Sloan respondeu:
— Bem, por vezes é difícil perceber algumas das vossas conversas, amigo.

O Sr. Moritz disse:
— Oh, não, Sr. Sloan, esse amigo falou muito claramente, sim, compreendemos perfeitamente, amigo.

A voz replicou:
— Amigo Sloan, não está a ser muito elogioso comigo.

O Sr. Sloan disse:
— Peço desculpa, *freen* (amigo), não quis menosprezá-lo de forma alguma, mas alguns dos amigos estrangeiros são terrivelmente difíceis de entender — o 222 é um terror.

O Sr. Cameron disse:
— Oh, não, o 222 é ótimo e fala lindamente.

Outra voz do outro lado comentou:
— Continuas o mesmo John Sloan de sempre, tens mesmo de deitar cá para fora.

A Srta. Colquhoun comentou:
— É maravilhoso quando pensamos em todos os amigos que vêm falar connosco aqui. Devia fazer-nos todos muito felizes.

A isto uma voz respondeu:
— Obrigado, minha querida, esse é o verdadeiro espírito com que se deve vir aqui, minha menina. Batei, e abrir-se-vos-á. Procurai — e esperai, e vereis. Temos de obedecer; não podemos apressar nada aqui, nem ninguém. Se não estão presentes, bem — não podemos fazer nada.

Cantámos de seguida *Far, far away, like bells at evening pealing*, e um suave sininho tocou o tempo todo, acompanhando a música. Um de nós comentou que aquilo era obra do pequeno amigo do Sr. Hart, e como era bom ouvir o sino a soar tão harmoniosamente.

Veio uma resposta do outro lado:
— Quando amamos alguém, nada é um incómodo; nada é demais, e nenhum trabalho é demasiado cansativo para trazer alegria àqueles que amamos. Isto, no entanto, não é trabalho cansativo, mas uma grande alegria para nós, passar-vos estas pequenas mensagens.

Depois outra voz disse:
— Eu sou um desses. Oh, como anseio por enviar uma mensagem àquele que amo.

A Sra. Lang perguntou:
— Podemos enviar uma mensagem, amigo? Diga-nos quem fala.

A voz respondeu:
— Não estou aqui há muito tempo, e não conheço nenhum de vós, Senhoras e Senhores, mas, oh, como anseio que aquela que tanto amei saiba que ainda vivo, que não estou morto.

A Sra. Lang perguntou:
— Ela sabe disto?

E recebeu a resposta:
— Ela não sabe. Penso que não. Receio que não, mas, oh, como anseio poder dizer-lhe que ainda vivo.

Outra voz do seu lado falou-lhe então:
— Tens de ir agora. Apenas te trouxemos aqui para veres as possibilidades. Não te atormentes demasiado, e a porta abrir-se-á para ti. Poderás entrar em contacto mais tarde.

Ele respondeu:
— Deus vos abençoe por dizerem isso. Agradeço-vos. Sinto-me de facto privilegiado por me terem permitido ser espectador aqui, e isso dá-me alegria e alivia a minha alma, pois vejo que terei a possibilidade de chegar até àquela que amo.

A outra voz disse-lhe:
— Isso acontecerá, meu irmão.

Ao que ele respondeu:
— Estou disposto a deixar o meu caso em suspenso por algum tempo, até que aqueles que sabem mais do que eu considerem que estou mais apto a trazê-lo de novo.

A Srta. Milne disse:
— Ele fala como se tivesse sido advogado. O discurso dele tem um tom legal.

Ouvimos então o que soava como o nome "Robert" e perguntámos se estava correto.

Veio a resposta:

— É o Robert. Como está, Sra. Moritz? As suas responsabilidades estão a crescer constantemente.

A Sra. Moritz disse que compreendia o sentido desta mensagem.

Uma voz falou então ao Sr. Sloan, que perguntou quem era, recebendo como resposta:
— Sou apenas o teu velho amigo, e se te dissesse quem sou, dirias logo: "És um velho estorvo." É o Downie.

O Sr. Sloan disse:
— Eu não diria isso, Sr. Downie, embora fosse um pouco rabugento.

O Sr. Downie respondeu:
— Rabugento… bem, e quanto a si? Não seríamos humanos se não fôssemos todos um pouco rabugentos às vezes. Não gosto que alguém pense que é tão perfeito ao ponto de nunca se melindrar. As pequenas irritações da vida incomodam toda a gente. Não podemos todos ver pelas mesmas lentes, Sr. Hart. Não podemos todos apreciar da mesma forma as belezas que nos rodeiam. Algumas coisas parecem mais belas para uns do que para outros, e trazemos esse sentimento connosco para aqui, até avançarmos mais nesta terra maravilhosa rumo à perfeição.
— É uma fonte constante de espanto para mim perceber como consigo falar-vos aqui de modo a que me oiçam. Acho que devo estar a falar muito claramente esta noite, porque às vezes entro nos vossos ambientes, não só aqui mas também na vossa casa, e falo-vos da mesma maneira que estou a falar agora, mas não parecem ouvir-me. Tenho de dar o crédito de conseguirem ouvir-me agora ao nosso velho amigo aqui.

O Sr. Sloan respondeu:
— Bem, amigo, não sei se isso é um crédito ou uma aflição.

E, a este comentário característico, o Sr. Downie replicou:
— É uma aflição gloriosa.

A trombeta tocou então o Sr. Moritz, e uma voz disse:
— Como está, Sr. Moritz, e a Sra. Moritz?

O Sr. Moritz perguntou quem falava e ouviu a resposta:
— Devia saber quem é. Aqueles eram os bons velhos tempos. Ainda não consegui trocar as notas do banco, Sr. Moritz. Estou a dar-lhe uma pista, sabe, e o Sr. Hart está quase a adivinhar. Está a pensar em Greenock.

O Sr. Hart disse:
— É o Sr. Wink?

E a resposta veio:
— Precisamente.

Outra voz do outro lado disse então, de forma bastante firme:
— Seja breve, amigo.

O Sr. Wink disse:
— Como está, Sra. Moritz?

A Sra. Moritz respondeu que estava muito bem e contente por o ouvir falar.

Um de nós perguntou se o nome era Wink ou Winks, e recebeu a resposta:
— Wink, Wink. Eu não levaria um nome como Winks.

A trombeta caiu de repente, e a Srta. Colquhoun levantou-a, enquanto o Sr. Wink comentava:
— O vosso tubo de fala escapou-se e eu não conseguia falar. Obrigado, Srta. Colquhoun, por me ajudar a recuperá-lo.

Uma voz intrometeu-se então:
— Não era a trombeta do velho, por isso não precisa de se zangar comigo.

O Sr. Sloan disse:
— Para mim não faz diferença, amigo, qual trombeta está a usar.

E a mesma voz respondeu:
— Não foi o Sr. Wink quem disse "a trombeta do velho". Fui eu.

Um de nós perguntou:
— E quem é esse eu?

A resposta foi:
— Eu sou eu; e por agora é tudo o que vão saber.

O Sr. Cameron comentou que tinha uma voz dominante, e recebeu como resposta:
— Se se sentisse "eu sou isso", teria a mesma voz, amigo Cameron.

A Srta. Duff comentou que ele parecia bastante satisfeito consigo próprio, e ele respondeu:
— Cumpro o meu dever da melhor forma possível, Srta. Duff. Espero não estar a falar de forma rude consigo.

A Srta. Duff respondeu:
— De forma alguma, amigo, e espero que não se tenha ofendido com o que eu disse.

A esta desculpa ele respondeu:
— Claro que não, mas, quando dou uma ordem, espero que seja cumprida, e, quando recebo uma ordem, procuro cumpri-la o melhor que posso.

Cantámos novamente *They are winging, they are winging*, e várias vozes juntaram-se a nós no hino. Havia pelo menos três vozes espirituais a cantar ao mesmo tempo, duas delas muito claras e distintas; além disso, uma bela luz flutuava pelo espaço, acompanhando o ritmo da música.

Depois de termos cantado duas ou três estrofes, a voz de uma senhora disse:
— Oh, cantem de novo, meus queridos! Adoro ouvir-vos cantar e adoro juntar-me a estes hinos. Traz-me de volta os velhos tempos, quando estava no corpo.

A Sra. Lang perguntou quem tinha falado, e veio a resposta:
— Ina.

O Sr. Sloan exclamou:
— Ina! Conheci muito bem a Ina; que querida alma pequenina ela era. O marido dela esteve comigo há um par de meses, e ficou arrasado quando falámos dela.

A voz disse:
— O meu Jack, o meu querido Jack.

Outra voz disse então:
— Ora, ora, Sr. Sloan, não se deve emocionar. Sou o Billie, e estou a tomar conta da Mãe.

O Sr. Sloan disse:
— Pequeno Billie, estás a cuidar da Ina, tua Mãe? Fico muito contente por te ouvir falar. Eras apenas um rapazinho quando partiste. Vai procurar a "Mammy" (a Sra. Sloan). Ela tinha muito carinho por ti e vai ajudar-te a cuidar da tua Mãe.

Billie respondeu:
— Estivemos a falar com ela há pouco tempo.

Uma voz disse então:
— Margaret; boa noite, amigos.

Perguntámos para quem era, e recebemos a resposta:
— É a Margaret Cochrane a falar. Trago uma mensagem para Isobel McRobbie. Todo o nosso amor para ela. Ela saberá quem somos — James e Margaret Cochrane — e o nosso amor também para o Jim.

A mensagem foi transmitida à Srta. McRobbie, que mencionou mais tarde que James e Margaret Cochrane eram irmãos e seus parentes próximos, sendo o Jim o seu irmão mais velho, ainda na Terra.

Uma senhora falou então à Sra. Lang, dizendo:
— Sra. Lang, pode dar uma mensagem à Bessie? Aqui fala a Mãe dela. Diga-lhe que a ouvi pedir uma mensagem e, por favor, faça com que ela perceba que estive aqui esta noite. Estou muitas vezes com ela, e, em todas as curvas e voltas do caminho da vida, a minha mão a guiará. Diga-lhe isso, da parte da Mãe.

A Sra. Lang prometeu fazê-lo e recebeu a resposta:

— Muito obrigada. Talvez um dia eu consiga fazer algo por si. Também falou com a Bessie ao telefone, um dia. Tentei intrometer-me, mas não consegui. Diga à Bessie para manter o ânimo. Diga-lhe que a Mãe acha que ela se portou com grande nobreza. Deus a abençoe. Ela deve continuar. Nenhum de vós partirá antes de as suas tarefas na Terra estarem concluídas, e que Deus vos dê a graça de dizer até ao fim: "Seja feita a Tua vontade." É preciso um grande coração e uma grande fortaleza, por vezes, para dizer "Deus sabe melhor", mas verão que é assim quando chegarem a este lado. Deus vos abençoe.

A Sra. Lang disse:
— A Bessie receberá a sua mensagem, Sra. Stevenson, assim que conseguir falar com ela de manhã.

Uma voz masculina disse então:
— Ora bem, Sr. Cameron, o que acha disto agora?

O Sr. Cameron respondeu:
— Foi muito interessante e muito bonito.

E a voz replicou:
— Não foi maravilhoso ouvir essa bela mensagem enviada de uma mãe para uma filha?

O Sr. Cameron respondeu:
— Muito bonito, sem dúvida.

E a voz continuou:
— Como ouvi um dos índios dizer-lhe recentemente: "Se uma vez o amor perfeito fluiu no seu coração, nada poderá erradicá-lo. Ele queimará por toda a vida terrena e por toda a eternidade."

A Srta. Colquhoun perguntou:
— Quem fala?

E a voz respondeu:
— Devias saber, Crissie.

A Srta. Colquhoun perguntou:
— É o Pai?

E ele respondeu:
— Sou eu, o Pai. Sabes que o meu amor por ti nunca morrerá, minha querida. É mais forte do que nunca. Agora, coragem, minha menina.

A Srta. Colquhoun disse:
— Obrigada, querido Pai. E a Mãe, como está? Não está consigo, como de costume?

O Sr. Colquhoun disse:
— Não, Crissie, esta noite está a fazer outro trabalho.

E a isto a Srta. Colquhoun perguntou:
— E está a progredir, Pai?

A resposta dele foi:
— Magnificamente.

Ele então colocou mãos materializadas sobre a cabeça da filha, como se a abençoasse, e depois apertou-lhe a mão.

O Sr. Cameron fez uma pergunta sobre isso e também ele sentiu mãos sobre a cabeça.

O Sr. Colquhoun perguntou:
— Consegue sentir os meus dedos, senhor?

E o Sr. Cameron respondeu:
— Sim, sinto, senhor, e bastante firmemente.

O Sr. Colquhoun disse:
— Conhece o ditado: "Oh, pelo toque de uma mão desaparecida." Pois bem, teve isso esta noite.

O Sr. Cameron respondeu:
— Obrigado, meu amigo.

O Sr. Cameron comentou que se perguntava porque é que muitas vezes parecia haver uma condição de tristeza quando os amigos nos falavam, e recebeu como resposta:
— Nós não estamos tristes. Um dia talvez consigamos tornar o significado claro, e compreenderás.

O Sr. Cameron disse:
— Fiz agora uma pergunta muito natural: será que vocês absorvem algo da condição do médium quando por vezes parecem tristes?

Uma nova voz respondeu:
— Nós não estamos tristes — bem pelo contrário; apenas, quando vemos e sentimos a infelicidade dos outros ao contactar este plano, assumimos um sentimento semelhante. Não serias humano se não sentisses tristeza e compaixão pelos outros às vezes. Não seríamos irmãos e irmãs uns dos outros se não partilhássemos esta dor mútua, e isto aplica-se não apenas aos vossos próprios amigos, mas também a todos os anjos ministrantes que velam por vós. Eles partilham convosco os vossos sentimentos, entrando em todas as vossas tristezas e em todas as vossas alegrias, e procuram ajudar-vos sempre. No íntimo, sabeis. Fala-vos um índio.
— Cada coração aqui presente tem, por vezes, uma preocupação ou um cuidado de que não pode falar a ninguém. Então a memória voa e pensam em alguém que amaram muito, e dizem: "Oh, se ao menos tivesse aqui a Jeanie, o James, a Mary ou o John, podia contar-lhes tudo." E, provavelmente, a pessoa em quem pensam está mesmo ao vosso lado nesse momento, a tentar ajudar-vos e a enviar-vos amor. Deus vos abençoe a todos.

Ouvimos depois outra voz, aparentemente a dirigir-se ao índio que acabara de falar:
— Isso foi ótimo — muito bem dito.

Depois surgiu um ruído estranho através de uma das trombetas, como um foguete a subir, seguido de batidas semelhantes a código Morse. Em seguida, surgiu a palavra:
— *Poona.*

Isto repetiu-se duas vezes e depois parou. Não nos foi explicado o que significava, e a Sra. Moritz não conseguiu decifrar a mensagem em Morse — se é que era Morse.

Cantámos o hino *Count your Blessings*, e após o canto uma voz disse suavemente:
— Conta as tuas muitas bênçãos, conta-as uma a uma, e ficarás surpreendido com o que o bom Deus fez. Eu sou Walter Howell.

O Sr. Sloan disse:
— Sr. Howell, fico muito contente por o ouvir falar. Sempre tive muito carinho pelo Sr. Howell. Sempre foi tão bondoso e gentil. Um homem de bem.

O Sr. Howell respondeu:
— Obrigado, meu amigo. Posso devolver o elogio, irmão Sloan?

A Sra. Lang perguntou pelo Sr. e pela Sra. Anderson, e o Sr. Howell respondeu que estavam ocupados com outro trabalho e não poderiam vir esta noite.

O Sr. Howell perguntou então:
— Como está o meu amigo, o Sr. Thomson? Sabe?

A Sra. Lang respondeu:
— Oh, bem, ele está a envelhecer como todos nós, mas penso que está bem. Vejo a filha dele às vezes.

O Sr. Sloan acrescentou:
— Fico contente por ainda se lembrar de todos nós.

E ele respondeu:
— Sim, lembro-me muito bem. Não podia esquecer os velhos amigos. Estou apenas à espera de vos ver a todos quando vierem para aqui. Recordo com alegria muitos episódios da minha vida terrena, mas Deus concedeu-me uma grande bênção, Senhoras e Senhores. Deu-me visão para que eu possa ver e prestar algum serviço e auxílio a muitos dos meus irmãos e irmãs da vida terrena quando chegam aqui. Espero ter feito o meu melhor enquanto estive na vida terrena. Foi muito pouco, mas fiz o que pude.
— A todos aqui eu diria, nestes tempos turbulentos em que vivem, quando sentirem que tudo vos é contrário, entreguem todos os vossos problemas e preocupações ao amor de Deus. A vitória virá se perseverarem. Contem as vossas muitas bênçãos. Se fizerem uma retrospetiva, qualquer um de vós, tenho a certeza de que, no fundo da alma, dirá: "Já passei por muitos apertos e devo contar as minhas bênçãos pela orientação recebida." Deus permitir-vos-á encontrar solução para todos os problemas da vida. Eu encontrei-a, e todos vós experimentarão estas coisas boas se, pela fé, se mantiverem fiéis ao bom e velho caminho.

A trombeta tocou então o Sr. Cameron e uma voz disse:

— Jim.

O Sr. Cameron disse:
— Sim, conheço o Jim, venha daí.

A voz disse:
— O que tens para me dizer?

O Sr. Cameron respondeu:
— Estou muito interessado em ti, Jim, e muito contente por contactar contigo aqui. És o Jim Black, não és?

A voz respondeu:
— Sim, e o John também está aqui. Estamos os dois ao teu lado.

O Sr. Cameron disse:
— John, fico encantado por teres vindo. Como estás?

O John disse:
— Deita-nos os teus pensamentos de vez em quando, e se tiveres problemas… Não quero que te aconteçam problemas, mas, se acontecerem, não tenhas vergonha de deixar que uma pequena mensagem venha até nós. Deixar-nos-ia tão felizes poder ajudar-te de qualquer forma.

O Sr. Cameron comentou:
— Obrigado. Isso seria útil para vós?

E recebeu a resposta:
— Seria benéfico para ambos os lados.

Outra voz dirigiu-se à Sra. Lang:
— Sabe, doce senhora, hoje há tantos em apuros no vosso lado da vida. Eu caminho, às vezes, pelas estradas da vossa Terra e o meu coração fica triste. Sei que se admira por eu dizer "O meu coração fica triste", mas assumo os sentimentos de tristeza, de aflição e de pesar que estão à volta, e só desejava poder levar tudo isso embora. Só desejava que todos no Plano Terreno conseguissem entrar em harmonia com o amor divino e deixar para trás as suas dores e preocupações. Sim, amigo Sloan, vejo-o ali sentado a remoer. Sei que não me ouviria se soubesse quem está a falar.

O Sr. Sloan respondeu:
— Oh sim, amigo, estou sempre disposto a ouvir, e suponho que, se está a falar, terei de o ouvir, queira ou não, mas não prometo fazer o que me disser.

A voz de uma jovem interrompeu:
— Papá, meu querido Papá!

A Sra. Lang perguntou:
— É a Nessie ou a Peggy que está a falar?

E a voz respondeu:
— Eu não conheci bem o meu papá na vida terrena, mas, oh, como o amo agora.

Sou a Nessie, papá. Vi-te a olhar para a única fotografia que tens do que foi o meu pequeno corpo.

O Sr. Sloan disse:
— Deus te abençoe, minha pequenina. Estava mesmo a olhar para ela ontem.

A Srta. Dearie perguntou ao Sr. Sloan quantos anos tinha a Nessie quando partiu, e ele respondeu:
— Um ano e um dia.

O Sr. Sloan continuou:
— Estava a ver muitas fotografias no outro dia, e aquela que tenho do Sr. Lang. Não está muito nítida, Sra. Lang…

Uma voz interrompeu o que ele ia dizer:
— Perdeu o negativo e foi tirada de uma fotografia antiga.

O Sr. Sloan respondeu:
— Não me lembro de ter perdido nenhum negativo.

Mas a voz insistiu:
— Sim, perdeu o negativo e foi preciso fazê-la a partir de uma fotografia antiga.

A Sra. Lang exclamou:
— Sim, isso é verdade, Sr. Sloan. Lembro-me de que perdeu o negativo e procurou-o por toda a parte. Quem será que sabe tudo sobre as fotografias? Deve ser alguém que me conhece muito bem.

A Srta. Colquhoun disse:
— Sim, e é um orador muito claro.

A voz desconhecida respondeu:
— Obrigado, minha querida. É muito difícil sintonizar-me com as vossas condições neste momento. As vibrações à vossa volta são tão difíceis de gerir, e é necessário retirar mais energia das nossas reservas para tentar facilitar o caminho, mostrar a luz, abrir a porta àqueles que estão a fazer a travessia nesta Guerra, e isso é um dever maravilhoso — sentir que podemos trazer conforto a alguém, convencê-los de que já não são inquilinos do seu corpo terreno.
— O mais surpreendente para muitos é descobrir que são exatamente os mesmos e que não estão no Céu nem no Inferno. Estão apenas onde o bom Deus determinou que estivessem por enquanto. É um mundo maravilhoso. Aqueles que deixaram para trás são a sua maior preocupação, e o seu maior desejo é entrar em contacto com eles e fazê-los saber que ainda estão vivos. Esse desejo será concedido a seu tempo, quando tiverem algum descanso e se

tiverem recuperado da travessia.
— Como desejava poder descrever-vos o olhar espantado de alguns dos que fizeram a mudança e descobrem que estão de pé, firmemente ancorados. Tentamos explicar-lhes que passaram da vida terrena para o Mundo Espiritual. Como disse um jovem, um soldado: "Mas eu sou eu mesmo; é incrível — olhem — esta é a minha mão; estas são as minhas pernas; sou eu mesmo; ainda tenho o meu corpo." Então apercebem-se disso, e imediatamente o pensamento deles vai para os que deixaram e que amam. Pode ser a mãe, a irmã, o irmão, a esposa ou a namorada. Como entrar em contacto com eles e dizer-lhes que tudo está bem; que ainda vivem. O seu maior lamento é: "Ah, se ao menos pudesse dizer-lhes." Explicamos que isso pode ser possível mais tarde e então as coisas melhoram muito.
— Ninguém fica sozinho ao chegar aqui; ninguém atravessa a fronteira sem que alguém ministrante o receba, e são mais afortunados os que encontram os próprios amigos. Muitos dos que estão a chegar neste momento não têm consciência da sua passagem. Pensaram pouco, ou nada, no lado espiritual da vida enquanto estavam no Plano Terreno, e estão muito confusos. Não foram preparados para a forma de vida que vós, meus amigos, conheceram. Vós sabeis, em termos gerais, o que esperar, mas eles não tinham esse conhecimento.

A trombeta tocou então na Srta. Dearie, e uma voz disse:
— E como está, minha querida Dearie, oh?

A Srta. Dearie respondeu:
— Estou muito bem, obrigada. Quem fala?

Ele respondeu:
— Sou o Jim — James, sabes.

A Srta. Dearie disse:
— Obrigada, James, mas receio que ainda não saiba quem és. Gostava de saber o teu apelido.

Ele riu-se e disse:

— E como está, minha querida Dearie, oh?

A Srta. Dearie respondeu:
— Estou muito bem, obrigada. Quem fala?

Ele respondeu:
— É o Jim — James, sabes.

A Srta. Dearie disse:
— Obrigada, James, mas receio que ainda não saiba quem és. Gostava de saber o teu apelido.

Ele riu-se e disse:
— Não vou dizer-te, minha querida. Vou deixar-te a adivinhar.

A Srta. Dearie disse:
— Bem, ainda não adivinhei.

A trombeta bateu-lhe várias vezes no joelho, mas nada mais foi dito.

Depois outra voz exclamou:
— Bob, Bob, Bob.

Perguntámos quem era e recebemos a resposta:
— Sou o Bobbie. Onde está a Mãe? Eu costumava falar bastante contigo, John Sloan. Sou o Bobbie Humble.

A Sra. Lang disse:
— Bobbie, fico encantada por ouvir-te falar.

E ele respondeu:
— Sim, senti que devia vir ter contigo, Sra. Lang. Quando vires a Mãe, diz-lhe que o Bobbie continua a ser o Bobbie, com todas as suas maneiras traquinas, o mesmo riso que ela tanto amava. Diz-lhe que estou à espera, mas sem preocupação, até que as areias do tempo se esgotem e ela se junte a mim aqui.

A Sra. Lang prometeu fazê-lo. Depois alguém comentou que naquela noite não havia mensagem para a Srta. Stove.

A Sra. Lang disse que tinha recebido uma carta da Srta. Stove e que ela tinha resolvido muito bem os seus assuntos e estava novamente bastante feliz.

Uma voz do outro lado disse que era a mãe da Srta. Stove:
— Tenho a certeza de que lhe disse que tudo correria bem, Sra. Lang. Apenas precisava de ter paciência, e sei que confiou na minha palavra. Tudo acabará por se resolver com o tempo.

Outra voz disse:
— É uma coisa peculiar — a teia da vida; diferente para cada um, e mesmo assim deve ser tecida corretamente. Cada um de vós está a tecer a sua própria teia da vida. Estão a tecer personalidade e caráter na Terra. Estão a viver uma vida que vos acompanhará quando passarem a barreira e vos colocará na condição, deste lado, que prepararam para vós próprios aí na Terra. Fala-vos um índio que não é conhecido por vós.

Perguntámos:
— Conhece alguém aqui?

E recebemos a resposta:
— Não sou conhecido de ninguém da vossa associação imediata. É uma porta onde vi a luz e entrei. Chamo-lhe porta; não há porta; vi a entrada, Senhoras e Senhores. Sei que compreenderão o que quero dizer com isso; uma bela porta pela qual posso passar e estar na presença de espíritos afins. Gostamos de conviver com as velhas amizades que, na Terra, nos pertenciam, e esforçamo-nos e ansiamos por ser algum conforto.

A Srta. Milne disse:
— Não me conhece, amigo?

Ele respondeu:
— Tenho estado contigo muitas vezes. Tenho estado ligado a ti há algum tempo, e quando vi que podia entrar em contacto contigo aqui, vim. É difícil para mim falar numa língua que possas compreender. Eu sou a Névoa Azul (*Blue Mist*).

A Srta. Milne disse que "Névoa Azul é o que o seu nome significa. Ele costumava falar com a minha mãe e comigo. Teve de se afastar por um tempo, mas disse que voltaria, e que eu iria desenvolver-me, mas que não me devia deixar levar até ver a Névoa Azul diante de mim."

Névoa Azul disse:
— Pergunto-me se compreendes a beleza da palavra que acabaste de usar agora — 'Mãe' — 'Minha Mãe'. É bela. Tenho a certeza de que não há um de vós aqui que consiga dizer essas palavras sem pensar que não houve ninguém como essa Mãe para vós. Sabes quanta ênfase se pode colocar no 'Minha'. Estou a falar, senhora, agora consigo.

(À Sra. Bowes.)

A Sra. Bowes disse:
— Oh, obrigada, querido amigo. Que amável da sua parte falar comigo.

Ele respondeu:
— És tão gentil e bondosa como sempre foste.

A Sra. Bowes comentou:
— Não me lembro muito bem da minha própria mãe. Partiu quando eu era ainda muito pequena.

Uma voz feminina disse então:
— A mãe nunca esquece. Observei-te enquanto crescias, estudei a tua vidinha e

os teus pequenos modos. Eu sou a tua mãe. Abri os meus braços e abraço-te. Deus te abençoe, querida. Tudo o que puder fazer por ti, farei. Tudo será feito por ti até ao máximo. Estive presente em um ou dois episódios trágicos da tua vida e agarrei-me a ti, especialmente numa altura em que estavas muito em baixo.

A Sra. Bowes respondeu:
— Deus te abençoe, minha querida Mãe.

E recebeu a resposta:
— Minha filha.

A Sra. Bowes disse então:
— Mãe, podias transmitir o meu amor, querida, àquela que tentou ocupar o teu lugar?

E recebeu a resposta:
— Farei isso. É fácil transmitir amor. Não há lugar para ciúmes agora. Só podemos dar amor. Não poderíamos transmitir nada além de amor. Não poderia haver mensagem enviada a alguém deste lado se não fosse uma mensagem de amor. Deus te abençoe.

Outra voz falou, e ouvimos o nome "Winnie". O Sr. Moritz disse que seria a irmã dele. Ela falou novamente, embora não muito claramente, e o Sr. Moritz pediu-lhe que falasse um pouco mais alto, como tinha conseguido fazer da última vez.

Ouvimo-la responder:
— Da última vez tive a ajuda de um grande amigo, mas agora não consigo entrar em contacto com ele.

O Sr. Moritz disse:
— Winnie, escrevi ao Fred sobre isto na minha carta e dei-lhe a tua mensagem.

Alguém do grupo perguntou se ele (Fred) aceitava esta verdade, e o Sr. Moritz respondeu:
— Bem, está interessado e disse que tinha a mente aberta sobre o assunto.

Aqui a Winnie exclamou:
— Querido Fred, mas seria necessária uma grande demonstração para o fazer acreditar.

Uma voz masculina disse então:
— Isso será revelado a ele, trataremos disso. É o Geo.? Perdoa-me por chamar-te assim, mas ouvi tantas vezes aqui falarem de ti como Geo. Só te conheço, Sr. Moritz, por Geo.

O Sr. Moritz respondeu:
— Sou bem conhecido por esse nome entre os meus amigos.

E a isto veio a resposta:
— Fico contente por não te ofender usar esse nome. Parece que o amor emana daquela que usa a palavra 'Geo.'; é uma bela senhora com cabelos encantadores e, acima de tudo, com uma alma linda. Partiu em Los Angeles, penso eu — se não me engano, a tua querida irmã, Sr. Moritz.

— Isso é verdade — comentou o Sr. Moritz.

Depois ouvimos o que nos pareceu ser o nome "Edward", mas a voz repetiu mais distintamente:
— É Edwin. Tinha tanta vontade de falar consigo, Sra. Lang.

A Sra. Lang respondeu:
— Fico muito contente por ouvi-lo falar, Sr. Foster.

Ele perguntou:

«Eles ainda estão no mesmo sítio?»

A Sra. Lang disse: «Eles mudaram-se para Devonshire, sabe, Sr. Foster. Vê o Harold?»

Ele respondeu:

«Só às vezes. Estamos em trabalhos completamente diferentes, mas vejo-o com frequência. Enviamos os nossos pensamentos àqueles que mais amamos na terra e penso que eles os recebem.»

A Sra. Lang perguntou: «Vê, por vezes, o seu genro?»

Ele respondeu:

«Nunca o vi. Sei onde ele está. Penso que compreenderá isso por si mesma. Pode ler nas entrelinhas. Existem diferentes estágios de progresso aqui. Ouço falar dele mas nada mais do que isso. Não posso dizer que o vi como vocês se veem uns aos outros. Interesso-me mais pelos que amei tão profundamente.»

A Sra. Lang perguntou: «Como está o Harold?», e ele respondeu:

«O Harold está bem. É muito difícil para mim enviar uma mensagem à Ruth. Quero dizer, é difícil enviar uma mensagem do Harold, colocá-la em frases que ela compreenda, exceto que ele está bem e pensa sempre neles. A dificuldade é conseguir o contacto. É o melhor que podemos fazer.»

A Sra. Lang disse: «A mensagem será transmitida», e ele respondeu:

«Obrigado, sempre foi tão bondosa. Tenho a certeza de que os deveres e obrigações que assume devem ser muito difíceis de cumprir, Sra. Lang.»

A Sra. Lang disse que para ela era um prazer fazê-lo.

Uma voz bastante aguda disse então:

«Olá, como estão a viver: como estão a viver?»

A Sra. Bowes respondeu: «Essa é uma voz feliz que tem. Quem fala, querida?», e recebeu a resposta:

«Sou apenas eu. Sou a Bunty. Sr. Hart, escreva aí apenas Bunty, e a senhora, que está a rabiscar, escreva apenas Bunty», e a corneta saltava no joelho da Srta. Dearie.

Ela disse: «Está bem, Bunty, mas qual é o teu outro nome? Bunty quê?»

Bunty respondeu:

«Só Bunty, Bunty. Nunca tinha falado antes. Conseguem ouvir-me? A Bunty gosta deste cavalheiro aqui. É um homem tão simpático. Amo-o.»

Perguntámos se se referia ao Sr. Hart e ela respondeu:

«Não, é a ti, a ti, a ti, e a Sra. Moritz também te ama.»

O Sr. Moritz respondeu: «Muito obrigado. Conhecemo-la, Bunty? É uma menina?»

Ela respondeu:

«Não, sou adulta, mas a minha língua não se dá bem com as vossas palavras.»

O Sr. Moritz disse: «Onde vivia no plano terrestre?» e ela respondeu:

«Califórnia.»

O Sr. Moritz disse: «Conhece a Winnie?», e a Bunty disse:

«Sim. Tenho falado com a Winnie.»

O Sr. Moritz disse: «Então, ajudará a Winnie, Bunty?», e ela respondeu:

«Não, não, tenho de me ajudar a mim própria primeiro; descobri apenas hoje, esta noite, amanhã, como falar. Já falei convosco antes mas não ouviram a Bunty. Conheço o Whitey (Whitefeather). Ele está bem. Posso vir já?»

Ouvimos outra voz a falar-lhe, dizendo:

«Não é isso que deves dizer. Deves dizer: 'Posso voltar, Sra. Lang'.»

Então a Bunty repetiu:

«Posso voltar, Sra. Lang?»

E a Sra. Lang respondeu: «Claro, Bunty, podes vir sempre que quiseres. Ficaremos felizes por te ouvir.»

Ela respondeu:

«A Bunty não esquecerá.»

Depois disse à Srta. Milne:

«Olá, menina, continua sempre a rir como a Bunty. A Bunty também sabe chorar, mas ri-se através das lágrimas.»

Alguém do outro lado voltou a falar-lhe, e ela respondeu:

«Não quero contar-lhes todos os meus problemas. Não vou contar-lhes todas as minhas preocupações. A Bunty não vai embora.»

Depois disse:

«Gosto de si, Sr. Cameron. Sorri tanto. Amo-o. Sim. Amo-vos a todos, todos. Olho à volta e tento apanhar os pensamentos bonitos que vêm de vocês, da casa nas vossas cabeças, e às vezes não está tão cheia de conhecimento como pensam.»

Alguém comentou então: «Bem, estamos a recebê-lo de frente», e a Bunty respondeu:

«Não, estão a recebê-lo dos meus lábios.»

A Srta. Milne perguntou-lhe se era uma índia, e a Bunty respondeu:

«Eu fui uma papoose (uma criança índia nativa da América do Norte), não uma squaw.»

A Srta. Milne disse: «Não tinha chegado a esse ponto. Não era casada então.»

A Bunty respondeu:

«Casar não é o princípio e o fim de tudo. Às vezes é o início de problemas para vocês, e nunca sabem onde esses problemas vão acabar.»

Um de nós perguntou então: «De onde vem o teu conhecimento, Bunty?», e ela respondeu:

«Todo o conhecimento vem do Grande Chefe Branco de todos; fiz-vos sorrir e rir, mas a Bunty faria qualquer coisa por qualquer um de vocês. A Bunty vai ajudar. Há muitos corações tristes no vosso mundo. A Bunty suspira e chora com os cansados que não sabem o que pensar nem o que fazer. Sei que alguns de vocês têm amigos que estão longe e a Bunty tentará cuidar deles. Gosto de ti, Moritz, Chefe», e nesse momento ouvimos a voz de um homem do outro lado a dizer:

«Um momento, Bunty», e ela respondeu:

«Whitefeather, amo-te.»

Ele respondeu-lhe:

«Sei muito bem disso, Bunty. Estes são todos os meus amigos dos velhos tempos, e quero que sejas muito cuidadosa com o que dizes. És muito ousada em algumas observações e não compreendes totalmente, mas sei que não precisas de te preocupar porque eles compreender-te-ão quando eu lhes falar de ti.»

Depois disse-nos, na Terra:

«Ela não vos fará mal. É o Whitefeather que fala.»

A Sra. Lang interveio: «Ficamos tão felizes por o ouvir, Whitefeather, e enviou-nos a Bunty para nos fazer rir.»

Whitefeather respondeu:

«Não há muito riso no vosso mundo hoje, e não tenho muito conforto ou alegria para vos enviar. Apenas aguardamos a Vontade do Grande Chefe para que tudo fique bem, mas não é obra do Mundo Espiritual que estejam neste estado hoje. Senhoras e Senhores, isso é feito do vosso lado, e há um limite para o que o Whitey e os outros que trabalham comigo podem fazer para ajudar. Até aqui e não mais além, Sr. Cameron. Compreende, sei que sim.»

O Sr. Cameron respondeu: «Compreendo muito bem», e o Whitefeather continuou:

«Estou tão contente por, apenas por breves momentos, estar convosco, e espero que ainda se recordem de mim como o velho Whitey – apenas passei por uma pequena etapa de progresso, pela qual devo agradecer a muitos amigos do meu lado; em particular ao vosso amado filho, Sra. Lang. Ainda é o coração do velho Whitefeather que palpita e bate por qualquer um em dificuldade, e, se

houver algo que eu possa fazer para vos animar e confortar em qualquer altura, fá-lo-ei. Eu sou o Whitefeather.»

A Sra. Bowes perguntou então: «Whitefeather, reparei que disse 'que tudo possa ficar bem' e não 'que tudo ficará bem', como costuma dizer. Teve alguma razão especial para o dizer?»

Whitefeather explicou:
«Não pode ser "Tudo bem" para todos; se for "Tudo bem" para alguns deste lado do vosso plano, não pode ser "tudo bem" para os outros. Não haveria unificação, mas estou em dívida para com alguém que me deu essa palavra. Eu próprio não sei o que significa, mas talvez o que ia dizer explique a questão. Não haverá unificação dos povos do mundo até que todos cheguem a este plano de vida, onde nenhuma inimizade, nenhum ciúme ou ódio a alguém pode intervir. Foi isso que quis dizer com unificação, e então tudo estará bem para todos, mas até lá trabalhem e ajudem, com pensamentos de oração e atos de bondade, a trazer conforto e ânimo aos solitários. Bom dia.»

Em seguida surgiu um longo e estranho clamor indígena, e ouviu-se uma voz a falar:

«Lamento não ter podido vir ter convosco numa fase mais inicial da vossa reunião; outras coisas impediram-me, mas os meus pensamentos estiveram convosco. Espero que me ouçam, amigos, e também recebi os pensamentos que vinham das vossas mentes esta noite, ou o que vocês chamam de noite — este espaço, é assim que lhe chamo. O tempo não conta para nós aqui. Senti os vossos sentimentos, os vossos desejos, os vossos pensamentos e aspirações, e tu, menina (Srta. Milne), também recebi uma forte impressão para te dizer — "Caminha com cautela" — penso que entendes o que quero dizer. Há algo, mas não decidas demasiado depressa. Fico por aqui. Leva-o primeiro ao assento da razão e espera com paciência pela ajuda espiritual que o Grande Pai Deus enviará ao teu caminho. Deus te abençoe. Meus queridos amigos, sei que, no fugaz tempo da vida terrena, temos muitos deveres a cumprir, e não desejo reter-vos. Virei noutra noite. Sinto que a força está a baixar e a desaparecer, mas sinto o amor que está nos vossos corações.»

A Sra. Lang perguntou se ele iniciaria o Doxology para nós, e ele respondeu: «Dais-me uma honra, mas não sou cantor, e receio que a minha voz não seja muito melodiosa; talvez alguém o possa fazer. E agora — Que a Paz, que só Tu, ó Grande Espírito Branco, podes dar, desça e repouse sobre estes teus amados e lhes dê paz. Ámen. Deus vos abençoe a todos.»

Depois soltou novamente o seu estranho clamor indígena e afastou-se, sendo seguido por uma voz que gritou:
«O Alexander terá de se despachar ou ficará para trás.»

Isto referia-se ao Sr. Hart, pelo que a Sra. Lang iniciou o Doxology, e a Sessão terminou.

No fecho do último capítulo disse que este livro deve ser julgado no seu todo, e não apenas pela evidência da sobrevivência apresentada por oradores individuais. Quando julgado como uma série de dezanove dramas distintos, a evidência da sua origem supranormal é esmagadora, tanto que nenhuma outra conclusão pode ser alcançada senão a de que foram encenados e produzidos num mundo invisível por homens, mulheres e crianças invisíveis que desempenharam os seus papéis notavelmente bem. É certo que esses papéis não foram desempenhados por um ou mais indivíduos na Terra, porque fazê-lo teria sido absolutamente impossível.

Suponhamos que alguém tentasse encenar uma produção semelhante que durasse de duas a três horas, o tempo ocupado por uma sessão média do Círculo de Sloan. O que teria de fazer para produzir efeitos semelhantes aos que ocorriam no Círculo de Sloan? Antes de mais teria de contratar um argumentista. Entre os dois, teriam de preparar cada semana uma nova apresentação, demonstrando um conhecimento íntimo das vidas e antepassados de cerca de quarenta pessoas diferentes que assistiam ao Círculo a intervalos irregulares, mas que forneciam uma assistência semanal de seis a oito pessoas.

Estas pessoas mudavam de semana para semana, e quem viria só era conhecido no próprio dia da reunião. Consequentemente, o produtor e o argumentista teriam de estar continuamente a descobrir novas informações sobre o possível público, incidentes passados das suas vidas, os seus amigos e familiares falecidos, os diminutivos que usavam, e todas as intrincadas relações familiares dos vivos e dos mortos. Só quando seis ou oito dos quarenta estivessem efetivamente sentados no Círculo é que o produtor saberia quem estaria presente e o guião teria de ter sido escrito apenas para esses participantes. Muitas centenas de pessoas diferentes frequentaram o Círculo de Sloan ao longo dos últimos cinquenta anos para sessões semanais, muitos vindo anonimamente com participantes regulares, e poucos saíram desiludidos.

Quando o guião estivesse terminado e tudo pronto para ensaios, os atores e atrizes reunir-se-iam em número considerável, pois em média quarenta vozes diferentes falam em cada sessão. Além disso, a casa particular onde a sessão teria lugar era decidida em cima da hora. Ninguém podia visitá-la antes da

apresentação e não podiam trazer nada consigo. Receberiam as suas partes para aprender de cor e depois teria lugar o ensaio final, mas as partes variariam consoante os participantes presentes. Tudo na noite da sessão ocorreria no escuro, e não podia haver hesitações ou falhas. Os sinos tinham de tocar, e outros sons estranhos tinham de ser produzidos, sem nenhum aparelho para os gerar, e isto durante cinquenta anos, sem que os executantes fossem vistos, sem que nenhum vizinho se mostrasse interessado ou surpreendido, ou descobrisse que investigações secretas estavam a decorrer continuamente sobre diferentes pessoas. Além disso, o custo desta produção imaginária ascenderia a pelo menos cem libras por semana, mas nenhum dos presentes jamais foi convidado a pagar fosse o que fosse.

Alguém pode imaginar que tudo isto seja possível?

Mas no Círculo de Sloan acontece muito mais do que meramente conversas entre vivos e mortos. O nosso produtor teria também de organizar para que duas cornetas voassem pela sala, sem se chocarem, mas tocando frequentemente no teto e batendo nele, movendo-se a grande velocidade, sem fios, sem ligações ou quaisquer artifícios visíveis. Nunca poderiam magoar alguém ao tocarem, mas deveriam tocar, afagar ou acariciar os participantes e, noutras ocasiões, bater na cabeça de Sloan sem o ferir, ou bater ritmicamente no chão. Dedos teriam de passar pelos cabelos dos participantes e sobre os seus rostos. Luzes, que não podiam ser apanhadas nem sentidas, deveriam dançar pela sala, e qualquer parte do corpo tinha de ser tocada a pedido. Além disso, bastava a um participante perguntar as horas para estas lhe serem ditas corretamente. Tudo isto acompanhado por um fluxo constante de conversa íntima, e ocorrendo no escuro, onde ninguém podia ver sequer quem estava sentado ao seu lado.

Finalmente, os atores e atrizes tinham de estar presentes na sala sempre que a luz se apagava e desaparecer da sala instantes antes da luz se acender novamente. Como poderiam fazer isto é impossível de imaginar, pois numa sala pequena, com os participantes presentes, o movimento seria difícil. Porém, tudo isto mostra o absurdo de tentar explicar os fenómenos como se fossem produzidos por seres materiais. Isto pode ser definitivamente posto de parte, e voltamos sempre ao facto de que o que aconteceu não foi produzido por nenhum indivíduo vivo na Terra.

Só pode haver uma explicação para todos estes diversos fenómenos supranormais, a saber: que indivíduos inteligentes invisíveis estão em ação no Círculo de Sloan. Quem acreditar que estes acontecimentos podem ser produzidos por ventriloquia, prestidigitação, fraude ou quaisquer outros meios

enganosos, deve ter ou uma mentalidade distorcida ou ser um pensador irracional. É por isso que digo que este livro deve ser julgado no seu conjunto, e, como o seu conteúdo exclui uma explicação normal, apenas resta a explicação supranormal. Assim, leiam até ao fim, mantendo estas considerações em mente, e estou certo de que chegarão à mesma conclusão, quando um novo mundo vos terá sido revelado, um mundo no qual um dia habitareis.

No entanto, quando chegarmos a esse mundo, teremos muitas surpresas. Quando nascemos neste mundo, as nossas mentes tinham apenas começado a desenvolver-se. Por isso aceitámos tudo e, como não tínhamos experiência prévia, conformámo-nos com a vida sem questionar e acostumámo-nos lentamente às maravilhas em redor. Um bebé não tem surpresas e tudo é tomado como certo.

Na morte, porém, se partirmos após a infância, estamos mais mentalmente desenvolvidos e encontraremos muito que é diferente daquilo a que nos habituámos aqui, e ainda assim muito será semelhante. O que nos foi dito pelos nossos amigos na Etéria será de grande ajuda, não só para o resto da nossa vida na Terra, mas também quando chegarmos ao outro lado. Este lado educativo recebe muito destaque nas pequenas palestras e sermões incluídos neste livro, e, se recordarmos os factos que contêm, estes serão uma ajuda tanto aqui como no além.

Uma surpresa para alguns será encontrar crianças que os reclamam como pais. Essas crianças nasceram mortas ou tinham sido concebidas e depois abortadas. Muitos que têm opiniões religiosas ortodoxas talvez recebam a maior surpresa de todas ao encontrar aqueles que consideravam descrentes ainda no seu meio, ou até mais avançados do que eles, e que todas as crenças fabricadas por sacerdotes, às quais tanto valor davam na Terra, são tratadas como irrelevantes na Etéria. Igualmente surpreendidos ficarão aqueles que nunca pensaram em nada para além do material, e aqueles que acreditavam que a morte era o fim de tudo.

Outra surpresa será despertar de um sono onírico e encontrar tudo real, objetivo e sólido. Será uma grande surpresa olhar para o novo corpo e perceber que é perfeito, e igual em todos os aspetos ao antigo, do qual acabámos de nos separar. Para os que eram cegos, ver novamente; para os surdos, ouvir de novo; para os que perderam braços e pernas, ou eram débeis, indefesos, aleijados e doentes, encontrarem-se fortes e saudáveis, com mentes ativas e corpos perfeitos, sem deformações, será uma satisfação maravilhosa. Notar-se-á que ao longo destas reuniões os Espíritos mencionam quase todas as partes do corpo — mãos, dedos, rosto, lábios, boca, língua, garganta, pernas, braços, pés,

coração, cabeça, cabelo, olhos, lágrimas e órgãos internos — confirmando assim que o corpo etérico é uma duplicação do corpo físico.

Encontrar tudo real e objetivo, olhar em redor e ver amigos e familiares como eram na flor da vida, vivendo uma vida semelhante à da Terra, visitando-se mutuamente, vivendo em casas e saindo e entrando como fazemos aqui, deve ser uma grande surpresa e alegria. Descobrir que os nossos vizinhos não são nem anjos nem demónios, que não há julgamento, e que cada indivíduo se julga a si mesmo com justiça e encontra o seu devido lugar, será um grande alívio para todos.

Descobrir a ausência de dinheiro, que não é necessário ganhá-lo e que as nossas necessidades e desejos estão ao alcance de todos, será uma grande satisfação para muitos. Poder viver num clima encantador e contemplar a rica verdura do campo, as belas montanhas, colinas e vales, ver e banhar-se em rios, lagos e mares cintilantes, rodeados de belas aves, árvores, animais e flores requintadas, que florescem, desmaterializam-se mas nunca apodrecem; poder deslocar-se de um lugar para outro com rapidez e total liberdade, poder comer e beber e desfrutar plenamente da vida, deve ser algo bem-vindo e surpreendente.

Igualmente surpreendente deve ser ver edifícios majestosos, casas acolhedoras e confortáveis para viver, cidades-jardim, poder continuar aquelas coisas que nos interessavam na vida terrena, ter animais de estimação como os da Terra, poder montar cavalos, desfrutar de todos os tipos de jogos, desportos e diversões, e experimentar os prazeres que a ciência, a arte, a música e a literatura podem dar, além de poder cultivar e desfrutar de um jardim com frutos, legumes e flores.

Esta vida de harmonia e felicidade virá para todos os que não estejam sobrecarregados com a memória de uma vida de egoísmo ou maldade na Terra. Para estes últimos, cujas más ações na Terra os prepararam para algo muito diferente, a perspetiva é sombria, mas não desesperada, pois mesmo o pior pode progredir e abrir caminho para a companhia dos bons. Depois de muito sofrimento mental, é possível alcançar contentamento e felicidade.

Contudo, para todos os que vivem vidas honestas, decentes e íntegras, descobriremos, à medida que prosseguirmos a leitura, que a felicidade os aguarda. Porque, na verdade, não haveremos de ser herdeiros de uma grande e gloriosa herança após as provas da vida terrena, que existem com o propósito de nos preparar para essa vida mais feliz e harmoniosa que um dia iremos experimentar?

Por alguma razão insondável, uma parte da Mente Universal associou-se a vibrações físicas e, durante algum tempo, delas apenas teve consciência. Consequentemente, à medida que desenvolveu individualidade e produziu indivíduos, nós, seres humanos, ficámos cegos para essa terra mais intensa de maior deleite.

Uma fé incerta ajudou-nos, embora tenha vindo em grande parte do instinto e raramente de uma prova ponderada.

O motivo por que não conseguimos ver o outro mundo à nossa volta durante a vida física é porque vivemos dentro de um intervalo de vibrações que confina os nossos sentidos às coisas materiais, e estas compõem a nossa vida terrena. Em consequência, grande parte da realidade, da verdade e da beleza é-nos vedada durante a vida na Terra, e ninguém pode negar que este livro revela uma nova e alargada perspetiva do que será nosso um dia. O prodígio dos prodígios que revela tem sido negado à humanidade durante a sua vida terrena e, além disso, a natureza induziu-nos em erro ao levar-nos a pensar que a morte era o fim do pensamento consciente. Fomos privados das alegrias e belezas que nos aguardam devido ao nosso alcance limitado de visão, e a maioria de nós, bem como os nossos antepassados, viveu sob o manto da dúvida e da incerteza.

Hoje, essas dúvidas foram dissipadas, um novo mundo à nossa volta foi descoberto, e podemos animar-nos com o conhecimento de que uma das grandes certezas da vida é o facto de que a vida e a consciência não terminam com a morte. Muito pelo contrário, porque somos conduzidos a um novo mundo, muito mais belo e muito mais fácil de viver do que o que experimentamos aqui na Terra.

CAPÍTULO VI

ENCONTRO EM CASA DA SRA. LANG

GIFFNOCK, GLASGOW

Quarta-feira, 26 de agosto de 1942

presentes: SRA. CRISSIE LANG, SR. ALEXANDER HART, SRTA. JEAN DEARIE, SR. DONALD CAMERON, SRTA. ELIZABETH DUFF, SRA. LILLIAS BOWES, SRTA. CRISSIE COLQUHOUN, SR. JOHN SLOAN.

Abrimos a Sessão com o hino "Nearer, my God, to Thee" e, em seguida, recitámos o Pai-Nosso. Uma voz do outro lado juntou-se no «Ámen».

Estávamos a falar das peças de Barrie, e um de nós disse que ele devia ter compreendido esta verdade ou nunca poderia ter escrito peças como Mary Rose, The Well-Remembered Voice, The Boy David, etc., quando uma voz do outro lado disse:

«Foi o Barrie que as escreveu, ou foi o McConachie?» (o nome que Barrie dava ao seu guia invisível).

A Sra. Lang observou que achava que a maioria das pessoas tinha um "McConachie" algures, e o Sr. Sloan disse: «Nunca consegui entender nada desse negócio do McConachie.»

Uma voz do outro lado disse:

«Seria difícil encontrar o teu duplo em certos aspetos, de qualquer maneira.»

Cantámos então "O God, our help in ages past" e, quando terminámos, uma voz do outro lado comentou:

«Isso é para si, Sra. Bowes.»

A corneta foi direitinha para o colo da Sra. Bowes, entre as suas mãos, e uma voz disse:

«Agarre-a e veja como se sai.»

A Sra. Bowes respondeu: «Oh, obrigada, querido amigo, devo segurar a corneta?», e a voz de uma senhora respondeu:

«Segure-a por um bocadinho.»

A voz de uma criança disse então:

«Estou a pensar em ti, Mãe. Sou o Bobbie.»

A Sra. Bowes disse: «Sim, querido, queres que eu entregue essa mensagem a outra pessoa.» Outra voz respondeu:

«É o Bobbie. Ele veio ver se a Mãe estava aqui. É o Bobbie Potter.»

A Sra. Bowes respondeu: «Transmitiremos a mensagem à Mãe, querido.» A Sra. Bowes disse então que sentia como se estivesse a ser carregada com uma corrente elétrica através da corneta.

Uma voz concordou:

«Estou a dar-lhe vibrações para que as possa transmitir ao Jim. Sempre fui muito afeiçoada ao Jim; sou a Gladys. Tenho estado com ele algumas vezes ultimamente, e ele virá, sim. Um dos nossos amigos espirituais está junto dele.»

A Sra. Bowes disse: «O meu amor para ti, minha querida Gladdy; eu sei que sempre amaste o Jim, e ele também te ama muito», ao que a Gladys respondeu:

«Pode pousar a corneta agora, querida.»

Outra voz disse então:

«Deus o abençoe, Alex (Sr. Hart). Disse-lhe "Sr. Hart" várias vezes, mas não me ouviu. Perdoe eu tratá-lo por Alex.»

Era a Sra. Sloan quem falava. Uma luz linda flutuou enquanto a Sra. Sloan falava, e um de nós perguntou: «É a sua luz que estamos a ver, Sra. Sloan?»

Ela respondeu:

«Não sabia se a podiam ver ou não; é a minha luz. Tento mostrá-la ao Papá em casa, mas não consigo. Às vezes consigo mostrá-la melhor do que outras.»

O Sr. Sloan respondeu: «Não consigo ver a luz de todo, Mamã, mas ouço a tua voz e isso basta.» A Sra. Sloan continuou:

«Não estás cansado de mim, pois não, Papá? Deus te abençoe.»

O Sr. Sloan respondeu: «Cansado de ti, minha querida? Nunca, nunca», e começou então a chorar. A Sra. Sloan prosseguiu:

«Lamento tanto, Papá. Não quis magoar-te», e deu-lhe alguns beijinhos.

O Sr. Sloan disse: «Não me magoarias, Mamã, dissesses o que dissesses; está tudo bem.»

A Sra. Sloan falou então para todos nós:

«O Papá chama à sua casa o seu "Campo de Internamento" — quero dizer onde vive agora.»

A Sra. Lang começou a falar-nos da Sra. Culme Seymour (uma velha amiga), que viria a uma Sessão em breve, e falou da filha dela, a Marjorie, que se afogou em Fairlie em 1934.

A Srta. Colquhoun comentou que as pessoas com quem tinha estado hospedada deviam tê-lo sentido muito, quando uma voz do outro lado disse:

«Está tudo bem agora, não tiveram culpa, sabem; é a Marjorie quem fala.

Ouço-a a combinar, Sra. Lang, a vinda da minha querida Mãe. Oh, espero tanto ser autorizada a vir também.»

A Sra. Lang respondeu: «Tenho a certeza de que te permitirão fazê-lo», ao que a Marjorie respondeu:

«Estamos muito, muito ocupados neste lado, sabe. Eles estão a chegar aos milhares e milhares, e às vezes temos grande dificuldade em levá-los a perceber que estão realmente fora do corpo. Sra. Bowes — apanhei o seu nome e sei que se interessa pelo que a minha amada Mãe também se interessa. (Trabalho da Cruz Vermelha.) Os seus queridos rapazes serão cuidados deste lado. Que Deus os guarde e os proteja por si; e o seu querido rapaz em casa. Espero que recupere depressa. Vou rezar por ele.»

A Sra. Bowes agradeceu-lhe, e o Sr. Sloan observou: «Não me lembro de ter ouvido alguém desse lado dizer antes que rezaria por alguém.»

A Marjorie respondeu:

«Sr. Sloan, acha que nós não rezamos? Rezei por si muitas vezes.»

O Sr. Sloan disse: «Muito obrigado, minha querida», e ela respondeu:

«Como poderia ser de outra forma, quando trouxe tanto conforto à minha querida, querida Mãe?»

A Sra. Culme Seymour escreveu a dizer que é perfeitamente correto que a sua filha, Marjorie, lhe tenha falado em muitas ocasiões, e que o conhecimento da sua sobrevivência lhe trouxe grande consolo. «Tive as sessões mais maravilhosas com o Sr. Sloan», escreveu. Ela também viu a filha materializada em várias ocasiões. Desde o regresso da Marjorie na Sessão aqui registada, a comunicação entre mãe e filha tem sido frequente.

Depois, uma nova voz disse:

«George»,

e a Sra. Lang respondeu: «Venha, amigo, venha. Estamos muito felizes por tê-lo.» A voz continuou:

«Deus vos abençoe a todos. O meu filho, George.»

(Príncipe George, Duque de Kent, morto num acidente de avião no dia anterior, 25 de agosto de 1942.)

«Que Deus o ampare. Oh, Pai Deus, ampara-o agora, ampara-os a todos. Rezem pelo meu querido filho George, caros amigos, e por todos os que estavam com ele nesse acidente.»

Respondemos: «Enviaremos os nossos pensamentos para ele e também para os outros.» O rei Jorge V respondeu:

«Não é apenas o meu filho. Há milhares e milhares do meu Povo que estão a partir neste momento. Enviai os vossos pensamentos amorosos a todos eles. Há uma doce e sagrada influência que encontro na vossa presença aqui. Vejo que compreendeis o sentimento de tristeza que sinto pela forma como partiu o meu amado filho, e pelos entes queridos que ficaram. Sei que nenhum de vós deixa de sentir a dor da ferida que eles sofreram. Rezai para que possam ser consolados. Embora os vossos olhos físicos não os vejam, mãos auxiliadoras estão a ajudar e sustentar-vos-ão até que a jornada da vida termine e uma visão mais ampla do amor de Deus se abra ao vosso olhar. Boa noite. Que Deus vos guarde e vos abençoe, e a todo o meu povo amado. Eu fui Jorge, o Quinto.»

O Sr. Sloan perguntou: «Quem foi que falou?» e ficou muito surpreendido quando lhe disseram que tinha sido o rei Jorge V.

Falávamos entre nós, dizendo que bom rei tinha sido o falecido rei Jorge e que bom homem é o nosso atual Rei, e como trabalha bem pelo seu país, quando uma voz do outro lado disse:

«Isso está certíssimo e assim deve ser. Não ficaria bem sentar-se e deixar os outros fazer o trabalho por si. Devem prestar algum serviço enquanto estão no mundo, seja qual for a posição em que o grande Espírito Deus vos tenha colocado. Cada um deve estar disposto a ajudar os que estão à sua volta e precisam de auxílio, e não permitir que isso recaia apenas sobre um ombro. Além disso, não deveis deixar que alguém vos imponha demasiado; assegurai-vos de que tomam a sua parte de responsabilidade. É uma boa lição para cada um aceitar a sua quota de responsabilidade e ajuda a preparar-vos para a jornada aqui, permitindo-vos tomar o vosso devido lugar na vida plena que vos espera. Sou apenas um dos retardatários que por aqui passou, e queria ter cumprido melhor o meu dever na vida terrena.»

A Sra. Lang perguntou se o conhecíamos e se já nos tinha falado antes.

Ele respondeu:

«Nunca tive a honra de estar na vossa companhia, nesta bela companhia, antes desta noite. Já estive na vizinhança de uma reunião destas, mas nunca falei. Esta noite, porém, a luz estava tão brilhante e as condições tão favoráveis, que tomei a responsabilidade de pedir ao porteiro se podia entrar. Ele disse-me que sim, mas que devia vigiar a sua mão e, se ultrapassasse o que devia dizer ou fazer, ele dar-me-ia um sinal.»

A Srta. Colquhoun comentou: «Mas ainda não viu o sinal, pois não, amigo?»

Ele respondeu:

«Não preciso de ver o sinal; senti-lo-ia. Há tantas coisas deste lado da vida que ainda não podem compreender. Claro que não podem, porque eu próprio não as compreendia quando cá cheguei pela primeira vez. É um desdobrar gradual. Enquanto estava na vida terrena, costumava pensar em que género de vida seria esta, e que roupas teria no lado espiritual da vida. Na verdade, perguntava-me se haveria sequer um lado espiritual; esperava que sim, mas não tinha a certeza.

«No dia em que saí do corpo senti-me muito só. Sabia que estava fora do corpo e tive medo. Olhei para mim próprio e vi que estava nu, e então uma voz que vinha da névoa disse-me: 'Vem cá, meu irmão, e não tenhas medo.' Aproximei-me da luz e, imediatamente, ao chegar perto dela, fiquei instantaneamente vestido. Desde então tenho progredido, e agora consigo regressar aos ambientes da vida terrena e estar vestido com trajes semelhantes aos que usava.

«As roupas mudam. Não vos sei dizer como, mas, à medida que nos aproximamos do físico, as roupas mudam, disso não há dúvida. Talvez não o tenha explicado muito claramente, mas, quando me aproximo do Plano Terreno, encontro-me de pé nos ambientes onde costumava estar, com vestes semelhantes às que usava na vida terrena, e as túnicas que uso no outro lado da vida — o lado do Paraíso — mudam, impercetivelmente para mim, quando atravesso a fronteira pela névoa. Claro que há outros que podem vir, mais avançados do que eu, e esses vêm sempre nas suas túnicas espirituais. Quem me dera que os pudessem ver — são muito belas.»

A Srta. Duff perguntou: «Consegue ver-nos, amigo?», e ele respondeu:

«Consigo ver-vos a todos. Vejo-vos exatamente como estão sentados nessa cadeira e vestidos, tal como eu tinha roupas na vida terrena. Vejo que o seu cabelo tem um belo caracol e que tem uma bonita tez.»

O Sr. Sloan disse: «Receio que seja um pouco lisonjeador, amigo», mas a Srta. Duff não concordou. «Oh, não, Sr. Sloan, tenho a certeza de que não é lisonja; está apenas a tentar descrever-nos como nos vê.»

A voz disse então ao Sr. Hart:

«Vejo-o, meu digno amigo. Tenho algum receio de dizer o que penso de si. Espero que não pense que estou a lisonjear. Compreenderá, meu irmão, mas a sua disposição, tal como a vejo agora, é tão cheia daquela bela composição — daquela descrição de um rapaz na vida terrena que quer ajudar toda a gente.

Parece mover-se entre muitas pessoas. Não sei como está situado na vida terrena, mas encontra sempre uma desculpa para as falhas de todos. Deve deparar-se com alguns que não trabalham bem conforme o seu gosto, mas tem sempre uma desculpa para cada viajante.»

A Sra. Bowes disse: «Que descrição tão bonita, e é mesmo como o Sr. Hart.»

Uma nova voz disse então:

«Serviços prestados uns aos outros. Conversem um pouco entre vós, enquanto ajustamos as condições.

E como está o McConachie esta noite, Sra. Lang? Penso que a Srta. Colquhoun também tem um McConachie. O que vocês chamam uma impressão ou pensamento às vezes chega até si, Srta. Colquhoun, e altera a sua decisão. Isso é o McConachie; pode não ser parente, mas o McConachie será o seu amigo leal; talvez nunca sério, mas apenas para lhe dar um espírito de hilaridade que a levante da tristeza. Nunca lhe fará mal. Eu próprio tive alguns na vida terrena, na verdade eram um pouco incómodos para mim — os McConachies que tinha comigo e à minha volta — mas também me foram de grande ajuda. Muito do que me atribuem foi na realidade obra do McConachie. Deus vos abençoe a todos. Eu sou o James Barrie. Não é o McConachie que vos fala agora. Estou a falar-vos do meu próprio ser, qualquer que fosse o homem que eu fosse.»

Um de nós disse The Little Minister, e ele respondeu:

«Fiquei muito satisfeito com isso.»

A Srta. Colquhoun comentou então: «Tudo o que escreveu era maravilhoso», e ele respondeu:

«Não eu, mas o meu belo Inspirador que escreveu através de mim. Eu fui simplesmente um canal humano para transmitir esses magníficos pensamentos; pensamentos inspirados através de um instrumento humano, e penso que às vezes fizeram bem ao mundo. Se não conseguirem tornar o caminho trilhado na vida terrena mais luminoso para os que seguem atrás, falharam muito no vosso dever. Todos têm algo a dar, e estou certo de que procurarão dar o melhor de vós para que os que vos seguem possam dizer: 'Ela fê-lo bem', ou 'Ele fê-lo bem'. Façam-no, meus amigos. Façam-no, meus caríssimos amigos. Que registo maravilhoso para levar convosco. Deus vos abençoe.»

A Srta. Duff perguntou se poderia cantar quatro versos de um hino, e Sir James Barrie respondeu:

«Sim, cante, minha querida, e eu acompanharei — esse é o velho McConachie outra vez.»

«Then day today along life's way,

The seeds of promise cast,

And ripened grain from hill and plain,

Be gathered home at last.»

Ele disse então:

«Deus a abençoe, minha querida»,

e a corneta veio e tocou na Srta. Dearie de alto a baixo. Ela pensou que isto era destinado à Srta. Duff, em resposta ao seu canto, e disse: «Quem é? Isso é para a Srta. Duff?», quando uma voz respondeu num inglês entrecortado:

«É para si, minha pequena senhora. Não tenha medo. Estarei consigo em todo o caminho; em todo o caminho. Embora o caminho possa ser escuro, e a estrada por vezes sinuosa, nunca a deixarei. Ampará-la-ei. Guardá-la-ei o melhor que puder, querida menina. Tenho estado consigo a ajudá-la há já bastante tempo.»

A Srta. Dearie agradeceu dizendo: «Oh, obrigada, amigo. Que amabilidade. Onde viveu no plano terrestre?»

Ele respondeu:

«Sou africano.»

A Srta. Dearie perguntou: «Pode dizer-me o seu nome?», e ele respondeu:

«O meu nome é Koroo, e o seu nome — é Dear, não é?»

A Srta. Dearie disse: «O meu nome é Dearie — Jean Dearie.»

Ele disse:

«É Dearie por inteiro — o seu nome e todo o seu ser. Quando digo Dear — quero dizer exatamente você. Você é escocesa. Os ingleses são boas pessoas, mas os escoceses são melhores.»

O Sr. Sloan disse: «Receio que esteja a lisonjear-nos, amigo, e a dizer apenas isso», ao que ele respondeu:

«Falo a sério. Há mais amor no coração, em geral, nos escoceses. Entro numa vibração mais facilmente aqui do que no sul. São mais psíquicos, e as vossas colinas, a vossa bela terra, agradam-me. Dá-me muito prazer. São mais dispostos

a ajudar os outros menos afortunados do que vocês próprios. As vossas mãos prestativas nunca negam ajuda a ninguém. Deus a abençoe, minha pequena Dear, e que o Grande Chefe Branco vos abençoe a cada um e a todos no fim do dia, quando a jornada da vida no vosso plano terminar e derem o passo como almas livres para a glória adiante. Deus vos abençoe. Aleluia. Ámen.»

A voz de uma jovem falou então, dizendo:

«Esse é um espírito muito belo — aquele que acabou de vos falar. É a Nell a falar.»

A Sra. Lang disse: «Nell, que contente estamos por te ter connosco. Trouxeste os teus perfumes? Ah, sim, aqui está.»

A Nell disse:

«Sra. Lang, não posso fazer mais nada esta noite. Não posso ficar. Voltarei e trarei perfumes para todos. O mundo em que estão neste momento faz tantas chamadas a nós, e nós aqui estamos tão ocupados. Penso muitas vezes em vocês, e continuo a amar-vos. Amo-vos a todos. Diga ao meu querido e velho Chefe que gostaria de ficar, mas não posso.»

A Sra. Lang disse: «O perfume não está tão forte como às vezes está», e Nell respondeu:

«Não é o líquido. Hão de recebê-lo a seu tempo, quando eu tiver disponibilidade.»

Uma luz linda flutuou pela sala e depois pareceu expandir-se.

Uma voz exclamou:

«Não veem para que isto serve? É o "V" de Vitória. Espero que venha em breve.»

A Sra. Bowes perguntou: «Pode dizer-nos, amigo, quando virá?», e recebeu a resposta:

«Gostaria de poder dizer-vos, mas mantenham o ânimo. Continuem a sorrir.»

Neste momento o Sr. Cameron teve de sair da Sessão por causa de um telefonema urgente de negócios, e a Sra. Lang comentou: «Espero que o Sr. Cameron tenha algum amigo bondoso com ele.»

Uma voz respondeu:

«Eu sei o significado da cadeira vazia. O cavalheiro que a ocupava foi acompanhado por um ajudante que fará o que puder.»

A corneta tocou então na Srta. Duff, e uma senhora falou, dizendo:

«Minha querida, sou a Mãe. Recebi uma boa vibração esta noite, e estou a falar muito mais claramente, não estou?»

A Srta. Duff respondeu: «Está a falar muito claramente, querida Mãe. Estava precisamente a pensar em si.» A mãe disse:

«Recebo todos os teus pensamentos. Recebo-os muito, muito frequentemente.»

A Srta. Duff continuou: «Sabe quanto a amo, querida», e a sua Mãe respondeu:

«Eu sei, e tens todo o meu amor em troca.»

A voz de um homem disse então:

«E eu também penso muito em ti. É o Avô a falar, o Avô Dodds.»

A Srta. Duff respondeu: «É muito curioso ouvi-lo dizer isso, porque estava a pensar em si ontem, Avô.»

Ele respondeu num forte escocês:

«Eu sei disso porque estava bem perto de ti. Tens alguns trabalhos delicados para fazer às vezes. Eu não sou médico, sabes, mas tento ajudar-te. Recebo a inspiração aqui para te transmitir, e os teus dedinhos ágeis estão sempre prontos a aceitá-la. Eu não estou morto, sabes — nenhum de nós está morto. Apenas chegámos à terra da luz suprema que brilha tão fortemente ao longe. Chegámos à nossa casa eterna. Encontrámos os nossos entes queridos lá. Agora, senhoras, e você também, amigo — mas devia ter dito senhores, são dois de vós.»

O Sr. Sloan respondeu: «Não precisa de se incomodar comigo, rapaz.»

O Sr. Dodds respondeu:

«Rapaz! Isso é bom; é um elogio que me fez, senhor.»

A Srta. Duff disse: «Fico muito contente por ouvi-lo falar comigo, Avô. Sabe que não falei consigo muitas vezes antes», ao que ele respondeu corretamente:

«Falei contigo exatamente quatro vezes, minha querida.

Espero que recebas um bocadinho de inspiração de mim. Não será muito, mas ajudará.»

A Srta. Duff respondeu: «Muito obrigada, Avô», e ele disse então:

«Sei como as pequenas preocupações pesam às vezes. Há preocupações que se encontram no caminho da vida que são muito difíceis de enfrentar, mas lembra-te de que a esquina não está longe. Acredita em mim, não podes ver ao virar e é uma questão de contemplar o que está para além da esquina: o que está para além da esquina será muito brilhante para ti, minha menina. Tenho de vigiar-te com o maior cuidado, mas receio estar a ocupar demasiado tempo. A atmosfera nesta casa esta noite é muito agradável para mim.»

A Sra. Lang assegurou-lhe então: «Não pense que está a ocupar o nosso tempo. Estamos muito felizes por ouvi-lo», e a Srta. Duff observou: «Meu querido, fico de facto muito contente por ouvi-lo falar comigo.»

Ele respondeu:

«Gostaria apenas de dizer-vos que todos vós me sois muito queridos, e também aos outros no lado espiritual da vida, porque nos ajudais, quando chegamos à fronteira, a entrar em contacto com aqueles que amamos. Sem a vossa ajuda, aquela portinha ficaria fechada e trancada. Sabem o que quero dizer. É a fusão dos pensamentos, a simpatia recebida, que levanta o trinco e nos permite chegar até vós e dar-vos a saber que ainda vivemos — ainda vos amamos. Deus vos abençoe.»

A Srta. Duff disse: «Nunca ouvi o meu Avô falar-me com tanta extensão antes. Como vos disse, só falei com ele quatro vezes e ele teve de esperar setenta longos anos até conseguir um contacto que lhe permitisse falar com alguém deste lado.» O seu Avô respondeu:

«Estou a rir-me de ti, minha querida, ao ouvir-te falar de setenta longos anos. Não passa de um instante; apenas um piscar de olhos deste lado. Parece que foi há nada que eras uma rapariguita, um wee bit birkie (do tipo esperto), a correr por aí com as tuas saias curtinhas. Sinto-me muito feliz por ter conseguido as condições que existem aqui esta noite. Ouvi falar da cadeira vazia. Não conheço o digno cavalheiro que saiu, mas foram enviados amigos para cuidar dele e está tudo bem.»

Uma senhora falou então à Sra. Bowes, dizendo:

«Minha querida, quero falar-te sobre o querido Jim. Não deixes que o ânimo dele caia. Não o deixes ir abaixo. Ele ficará bem outra vez. É a Avó que fala.»

A Sra. Bowes respondeu: «Obrigada, querida Avó. O Jim sempre a amou tanto.»

A Avó respondeu:

«O Jim foi sempre o meu rapaz. É uma questão tão delicada — percebes o que quero dizer, minha querida. Espero, amigos, que me desculpem falar-vos assim porque isto não vos diz respeito, mas sei que te diz muito respeito a ti, minha querida. Deus te abençoe. O que eu puder fazer, farei para te ajudar. Dá o meu amor ao querido Jim. Ele era o meu rapaz. Eram todos os meus rapazes, sabes, mas o Jim especialmente. Minha querida, é tão difícil. Não direi mais nada. Mantém o coração firme. Ajudaremos a aplanar as coisas para ti, e agradeço-vos a todos por criarem as condições para que eu possa falar com a minha menina.»

A Sra. Bowes concordou com tudo e disse estar muito agradecida. Depois a corneta tocou na cabeça da Srta. Colquhoun e uma voz disse:

«Perdão, espero não a ter magoado.»

A Srta. Colquhoun respondeu: «Oh, não, não me magoou nada, amigo; gosto de sentir o seu toque.» A voz de um homem respondeu:

«Então fá-lo-ei outra vez, mas mais suavemente.»

A Srta. Colquhoun perguntou: «Posso perguntar quem fala?», e ele respondeu:

«É apenas uma voz da outra margem para a qual todos vós estais a viajar, mas sois mais afortunados do que alguns de nós. Fizemos a viagem em tempos idos sem o vosso conhecimento e compreensão. Quase todos vós tendes alguma compreensão da vida deste lado. Não me refiro aos presentes, mas as pessoas em geral sabem mais positivamente que há algo para além do terminal. Para mim era um problema. Não descria, mas não conseguia apreendê-lo completamente. Oh alegria das alegrias, quando chegou o momento em que cheguei ao fim do caminho, menina! Não tive dúvidas, nenhuma dubiedade, quanto ao outro lado da vida, então.

«Aquela luz radiosa que me saudou ao deixar o velho casebre de barro dissipou todas as dúvidas, e aquele rosto lindo que eu amara há tanto, tanto tempo foi o primeiro a sorrir-me. Eu entrevia a luz da outra margem ainda no corpo. Esperava por ela, mas não tinha certeza. Esperava e ousava pensar que as minhas esperanças se concretizariam e, oh alegria das alegrias, justamente aquela que eu mais queria foi o rosto querido que, através das brumas, baixou até mim.»

O Etéreo em controlo disse então a quem acabara de falar:

«Por agora chega, amigo», e ele respondeu:

«Já vou, já vou.»

A voz do controlador, agora falando para nós, continuou:

«Não me oponho a que ele fale, mas ele ainda não está preparado para ficar mais tempo, compreenderão.» De novo a voz lhe disse:

«Tens de ir agora»,

e o homem que nos havia falado respondeu-lhe: «Oh, obrigado, obrigado, meu irmão, por me permitires falar.»

Outra voz falou agora:

«Pensei que ouviria alguma música doce quando aqui entrasse. Sabem que adoro ouvir-vos cantar. Eu nunca fui grande cantor, mas gosto de vos ouvir.»

A Sra. Lang perguntou: «O que gostaria que cantássemos?», e ele respondeu:

«Façam apenas o que o McConachie vos disser.» Depois começou a cantar:

«O God, our help in ages past»,

num velho tom de salmo, e todos nos juntámos.

A Sra. Lang perguntou quem era, e recebeu a resposta:

«Não achavam que eu sabia cantar, mas ouviram um bocadinho agora (the noo — agora). Gostaram? Fala John Lamont. We're aw' Jock Tamson's bairns, sabem.»

A Sra. Lang disse: «John Lamont, fico encantada por o ouvir de novo. Gosto de ouvir os meus velhos amigos falar.»

O Sr. Lamont respondeu:

«Obrigado, Sra. Lang. É uma alegria para mim ouvi-la dizer isso. Tem-me sido muito querida e também os amigos que encontrei quer nesta, quer em qualquer outra casa ligada a esta. Sra. Lang, muitos daqueles que conheci no passado na sua casa estão agora deste lado, e quando os encontro falam dos tempos felizes que tiveram quando eu costumava vir falar com eles. Alguns dizem que nunca tiveram muita certeza de que era realmente eu quem falava, mas agora que estão aqui deste lado descobrem, para sua jubilosa surpresa, que é tudo verdade.»

A Mãe da Srta. Colquhoun falou-lhe então, dizendo:

«Crissie, deixamos todas as dúvidas para trás quando chegamos aqui. Como estás, querida? Sabes que te amo.»

A Srta. Colquhoun respondeu: «E sabes que eu também te amo, Mãe.»

A Mãe respondeu:

«Sei lá se não sei.»

A Srta. Colquhoun disse: «Leva o meu amor ao Pai também», e a Mãe disse:

«Sim, Crissie, farei isso, querida. Fico tão contente por conseguir deitar-te um olhar.»

A Srta. Colquhoun disse: «Quem me dera poder ver-te, querida.»

A voz de um homem disse então:

«Terás uma bela surpresa quando vieres para o nosso lado e vires a tua Mãe.»

A Srta. Colquhoun perguntou: «Recuperou assim tanto da sua juventude?», e ele respondeu:

«Ela é — não, não o posso dizer. Não o posso dizer.»

A Srta. Colquhoun disse: «Oh, por favor, amigo — diga o que quiser.»

Então ele comentou, algo tímido:

«Ia justamente dizer que é muito mais bonita do que tu. Quero dizer, com aspeto muito mais jovem. Não acreditarias na forma bela e direita que tem agora.»

A Srta. Colquhoun concordou: «Tenho a certeza de que sim e fico radiante por ouvir isso, amigo. Como eu queria poder vê-la!»

A sua Mãe continuou:

«Tenho agora a minha menininha e posso olhar bem dentro do teu coração. Enlaço-te com os meus braços e amo-te tanto, minha querida, mas tu agora não tens ninguém. Estás sozinha sem quem te ajude.»

A Srta. Colquhoun disse: «Oh, sim, querida, tenho muitos bons amigos, embora sinta muito a tua falta, minha querida», e a isto a Mãe respondeu:

«Tens muitas coisas, mas não me tens a mim»;

e depois disse ao Sr. Sloan:

«Você é tão mauzinho quanto ela, Sr. Sloan. Também se sente sozinho.»

O Sr. Sloan respondeu: «O mundo acabou para mim quando perdi a Mamã.»

A voz de um homem falou então:

«O mundo está apenas a começar para si, meu querido velho amigo. Um mundo maravilhoso está apenas a começar. Embora os seus amigos se percam de vista, estão apenas a iniciar de novo uma experiência nova e gloriosa de vida. Todos

vós tereis essa experiência a seu tempo. Não se preocupem, não desfaleçam pelo caminho. Tomem todas as pequenas cruzes que encontrarem na jornada. Suportem-nas com nobreza. São os degraus para o dia mais luminoso e para o mundo mais luminoso além, quando, cumprido o dever, findo o labor, regressardes enfim a casa. Deus vos abençoe. Eu sou o Pathfinder (Desbravador).»

A Sra. Lang disse: «Obrigada, Pathfinder. Poderia dizer-nos as horas ou pedir a alguém que o faça, já que o Sr. Hart tem de apanhar um comboio?»

O Pathfinder respondeu:

«Ouço alguém a fazer um pedido ao Pathfinder», ao que a Sra. Lang disse: «Era apenas para nos dizer as horas.»

O Pathfinder respondeu:

«Vou ver um relógio.»

A Sra. Lang sugeriu: «Não o daqui de dentro — o relógio lá fora.»

Um momento depois, o Pathfinder disse:

«É o grande? Está certo?»

A Sra. Lang respondeu: «Sim, está certo.» O Pathfinder explicou:

«Ora bem, sabem onde o ponteiro grande roda, um quarto de volta até ao fundo, e depois três quartos de volta. Pois bem, o ponteiro grande está aí, e o ponteiro pequeno quase por baixo dele.»

Disto concluímos que eram nove menos um quarto, o que se confirmou.

O Pathfinder concluiu:

«Tivemos dificuldade em conseguir o certo para vigiar a vossa porta hoje. Não que haja necessidade, mas temos de guardar o portal — é só isso.»

A voz de um Índio Americano disse então:

«Isto é o que chamariam um dever menor. Senhora da casa, a porta aberta tem de ser guardada, sabe, e eu não sou muito competente nesses deveres a menos que veja alguma luz guia que me ajude.

Espero, contudo, voltar a desfrutar da doce felicidade da bela presença dos que aqui estão esta noite, pelo pequeno espaço em que se reúnem, e receber a alegria que me chegou nesta breve associação convosco.

«Que esta alegria seja igualmente recebida por cada um de vós, e que o Grande Pai de todos, que compreende e conhece cada pensamento e aspiração de cada indivíduo presente, conceda os desejos dos vossos corações na medida em que estejam de acordo com a Sua Santa Vontade e propósito. Que possais, até ao fim, ser capazes de dizer: "Todavia, não a minha vontade, Grande Pai, mas a Tua seja feita." Deus vos abençoe a todos. Boa noite. Antes de ir, se me for permitido, gostaria de vos deixar os termos da minha súplica diante do Grande Pai Deus.

«Ó Tu, Príncipe da Paz, amoroso Pai Eterno, olha hoje para os Teus fiéis filhos e, de cada coração diante de Ti, oh, aceita os desejos e anseios que aí se mostram, e aqueles que estão de acordo com o Teu santo propósito, concede-nos o cumprimento dos mesmos. Abençoa os que estão na dor e que não se entristeçam como aqueles que não têm esperança, sabendo que os que amam apenas passaram da cena do tempo para a terra feliz dos que foram antes. Fica connosco esta noite e concede-nos a Tua bênção vespertina, e a Ti será toda a Glória e Louvor para todo o sempre. Ámen.

«A paz esteja convosco, caros camaradas. Deus vos abençoe. Boa noite.»

Quando o Índio Americano concluiu, o Sr. Sloan comentou: «Quanto mais vivo, mais solitária se torna a estrada. Acho que devo ser um grumblin' auld crater (velho rezingão), Srta. Colquhoun, mas quando penso na Mamã, quero estar ao lado dela, e depois penso em todos vós e nas perdas que também tivestes, e em todos os bons amigos que ainda tenho, e sei que não devia queixar-me. Penso no Sr. Lang — que bom amigo foi para mim, e sei que ainda é meu bom amigo. Nunca o esquecerei — nunca, nunca.»

Uma voz do outro lado comentou alegremente:

«Foi um bom amigo para nós aqui. Sim, está certo, John Sloan. Eu sei.»

A Sra. Lang perguntou então: «És tu, Bob?», e o marido respondeu:

«Sim, é o Bob.»

A Sra. Lang disse: «Oh, Bob, meu querido. Há tanto tempo que não me falavas.» Ele respondeu:

«Não é assim tanto tempo, minha querida. Às vezes não consigo passar. Tenho tanto para fazer, mas estou bem. Deixei-te uma incumbência — "Apenas continua" — e cumpriste-a tão fielmente, Crissie. Deus te abençoe.»

O Sr. Lang voltou-se então para o Sr. Hart e disse:

«Deus o abençoe, Alex»,

e o Sr. Hart respondeu: «Obrigado, Tio», ao que o Sr. Lang respondeu:

«Estou em casa de novo», querendo dizer que esta Reunião se realizava em casa da sua esposa.

O seu filho, Arthur Lang, falou então:

«Minha Mãe, estamos ambos ao teu lado, doce Mãe, o Pai e eu. Estive em silêncio a ouvir as belas palavras sentidas que esse amigo — esse amigo índio — acabou de pronunciar, e senti o meu coração rejubilar por os meus labores deste lado terem sido de alguma utilidade, porque ele é um dos meus pupilos. Oh, se eu pudesse afastar a cortina e retratar-te a bela imagem do que está para vir! Não nos é possível fazê-lo. Há certas coisas que não vos é permitido saber até se juntarem a nós aqui. É um tempo incrível este em que vivemos, queridos amigos, neste momento. Querida Mãe, estou precisamente a olhar para ti.»

A Sra. Lang perguntou: «Sim, querido, e vês diferença?»

Arthur respondeu:

«Vejo.»

Depois disse, em aparte:

«Por favor, cuidado com o que estão a fazer com essa corneta. Há alguém a andar à tua volta. Não voltes a fazer isso.

«Querida Mãe, podia ficar contigo por tanto, tanto tempo, mas sei que todos tendes ainda muito caminho a percorrer, e tu, Alex, tens o mais longo de todos. Alguém irá contigo, e sentirás o coração cantar por todo o caminho. Boa noite.»

A Sra. Sloan, com a sua voz clara e alegre, falou então à Srta. Colquhoun:

«Tens sido uma amiga maravilhosa para mim, e do Paraíso saúdo-te mais uma vez. Que Deus, na Sua misericórdia, te abençoe.»

Ao Sr. Sloan ela disse:

«Vês, passo apenas por ti, meu querido velho. Não vou falar contigo outra vez esta noite para não te perturbar. Limito-me a desejar-te boa noite antes de partir. Deus a abençoe, Sra. Lang. Quem me dera conseguir fazer-te pensar que estava sentada entre vós esta noite, como costumava.»

A Sra. Lang respondeu: «Consigo facilmente imaginar-te sentada nessa cadeira vazia, Mamã. Era mesmo aí que costumavas sentar-te.»

A Sra. Sloan respondeu:

«Também olhei para ela. Também tive algumas cadeiras vazias.»

O Sr. Sloan disse: «A tua velha cadeira não fica muitas vezes vazia, Mamã, pois sento-me nela muitas vezes, minha querida.»

Outra voz disse então:

«Sra. Lang, a Mãe virá aqui (a esta casa) em breve? É o Roy Richardson. Ouvi-a falar esta noite sobre alguns velhos amigos que virão em breve.»

A Sra. Lang disse: «A tua mãe não está aqui, Roy, mas dir-lhe-ei que falaste. Como estás?» Roy respondeu:

«Obrigado, estou muito bem e muito ocupado.»

O Sr. Sloan comentou: «O Roy não está a falar tão claramente como de costume.»

Roy respondeu:

«Meu querido velho amigo, lembre-se de que a força já está praticamente esgotada, mas continuo a ser o Roy. Além disso, não tenho aqui o meu íman especial a atrair poder para mim — quero dizer a minha Mãe. Sei que ela está a recuperar bem. Que Mãe!»

A Srta. Colquhoun interveio: «Que filho!», e ele respondeu:

«Sim, ela também tem isso, mas é sem dúvida uma grande Mãe, e Deus a abençoe também a si pela sua simpatia, bons pensamentos e palavras amáveis. Rezo para que a paz possa em breve voltar ao vosso mundo atribulado. Quando vir a Mãe, Sra. Lang, dê-lhe o amor eterno do Roy, e qualquer pensamento triste ou pequena preocupação que tenha por vezes, diga-lhe apenas que pense no Roy, e isso aliviará a tensão; a alavanca será usada de imediato. Tenho uma alavanca tão forte quando venho trabalhar para a Mãe. Boa noite.»

Uma nova voz irrompeu:

«Não passa de um passo para aqui, e não terão dificuldade em encontrar a porta. Estaremos atentos, e mãos amorosas vos acolherão na margem. Sabem que vos amamos e estaremos sempre convosco.»

Perguntámos quem falava, e ele respondeu:

«Não me é permitido dizer. Penso que compreenderão; coração fala a coração.»

Uma voz do outro lado iniciou então o Doxology, mas era demasiado alto para nós, por isso a Sra. Lang recomeçou num tom mais baixo. Uma luz maravilhosa flutuou enquanto cantávamos, e depois uma voz disse:

«Deus vos abençoe a todos. É o Pathfinder a desejar-vos boa noite e a brilhar a sua luz sobre vós. Que o caminho seja uma estrada luminosa para vós, durante toda a jornada, até ao fim, e que chegueis enfim a casa. Eu sou o Pathfinder.»

Uma voz com sotaque escocês disse então ao Sr. Hart:

«Tu, de Sugaropolis (Greenock), acho que vais um pouco mais longe do que Sugaropolis. Vais precisar de esporear a tua montada, rapazito.»

(O Sr. Hart vive em Gourock, a poucos quilómetros para além de Greenock.)

Isto terminou a sessão.

Nascemos e vivemos no que se chama o mundo físico, composto por matéria que podemos ver e tocar. Isso torna-o real e tangível para nós, e a razão é que o nosso corpo também é físico e está em sintonia com a Terra e o universo físico. Além do nosso corpo físico, temos um corpo etérico duplicado, invisível na Terra, e este corpo invisível e intangível é guiado pela nossa mente imaterial. Esta trindade, três em um, estas três partes que constituem o indivíduo na Terra, são todas necessárias para a nossa vida terrena, mas a natureza ordenou que chegasse um tempo em que ocorre a separação, e a mente e o corpo etérico deixam o corpo físico e funcionam noutro lugar.

Para nós, com os nossos sentidos físicos, isto é difícil de compreender. O que não conseguimos ver, custa-nos entender, e o que não entendemos chamamos de misterioso e remetemos para um aspeto do pensamento à parte da nossa vida prática quotidiana. O desconhecido e o misterioso na vida colocamo-los numa secção especial da mente sob o rótulo Religião, e com ela associam-se o Misticismo e crenças afins. Muitos foram ajudados e consolados na vida pelo que se chama crenças religiosas, ritual e cerimónia. Por outro lado, outros são completamente indiferentes e em grande parte ignoram esse aspeto do pensamento, vivendo como se nada existisse para além das perceções sensoriais.

Desde que o sub-homem se tornou homem primitivo, para evoluir até ao ser humano que hoje conhecemos, a religião influenciou profundamente a vida da maioria dos indivíduos, e os antropólogos só ocasionalmente encontraram uma tribo totalmente desprovida de sentimentos religiosos. Até aos tempos modernos, a humanidade em geral acreditava que era guiada pelos deuses, pelos santos ou pelos espíritos dos mortos, e nada podia ser feito sem os consultar através de oráculos, sacerdotes, adivinhação ou oração. O homem muitas vezes sentiu interiormente que era algo mais do que um ser material, e o

seu sentido psíquico tremeluzia, e por vezes ardia, para o guiar por um caminho que era escuro e difícil de trilhar sem tropeçar.

Hoje em dia o caminho é mais liso, a luz que nos guia é mais brilhante, e o conhecimento que adquirimos pelas revelações da ciência física e psíquica torna muito do que antes era misterioso em algo que já não o é. A Física, com a descoberta do átomo e do eletrão, e com a descoberta da radiação, reduziu a matéria a nada mais do que vibração do éter, esse algo que permeia todo o espaço. Todo o espaço, incluindo a substância física, é vibração, mas apenas percecionamos a pequena porção que vibra em harmonia com o corpo físico. Aquilo que está além, ou que é de frequência maior do que o universo material, os espiritualistas chamam de Etérico, que contém mundos invisíveis à volta e interpenetrando este planeta, e provavelmente também noutros pontos do espaço.

O mais próximo em atividade vibratória da nossa Terra chamamos Etérico, e aí vive, ou daí partiu adiante, todos quantos morreram na Terra e deixaram o corpo físico. Eles vivem, guiados pela mesma mente imaterial que era deles na Terra, cada um com um corpo etérico (invisível mas interpenetrando o corpo quando na Terra) que está em harmonia com a gama mais elevada de vibrações. Assim, o corpo etérico parece sólido e real para aqueles que fizeram a mudança, e consequentemente as condições que os rodeiam parecem sólidas e reais porque são feitas de substância a vibrar na mesma frequência que o corpo etérico.

Nós, na Terra, não temos o poder de aumentar a frequência das vibrações que compõem o nosso corpo físico. Se o tivéssemos, poderíamos visitar o mundo etérico à vontade. Os Espíritos podem reduzir as suas vibrações e regressar à Terra, ver e ouvir o que se passa. Podem fazer com que os seus corpos, pelo pensamento, reduzam a frequência e atravessem a sua própria superfície até à superfície terrestre. Há um constante ir e vir entre as duas superfícies, mas só revestindo os seus órgãos vocais com ectoplasma, e os outros ingredientes com que o misturam, é que podem ser ouvidos por nós na Terra. Alterando os ingredientes, podem tornar-se visíveis para nós, e a isto chama-se materialização.

A razão por que podem regressar à Terra é a memória. A sua memória da Terra e dos que amam aqui permite a cada mente baixar as vibrações do corpo e fazer contacto com a Terra. Mas os seus corpos ainda vibram a uma frequência superior à da matéria física e, sendo assim, paredes e portas não significam mais para eles do que paredes e portas etéricas significam para nós. Mas a ordem física e a ordem etérica podem comunicar entre si conversando, quando há ectoplasma fornecido por alguém na Terra e, depois de o tratarem, podem usá-

lo para nos falar. Quanto a verem e ouvirem coisas na Terra, isso parece ser possível sem ajuda de um médium. Normalmente nós não os conseguimos ver ou ouvir, mas eles conseguem ver-nos e ouvir-nos, e numa sessão dizem-nos o que dissemos e fizemos noutro local, se lá estiveram presentes no momento.

Certas das suas vibrações têm poderes de cura. Podem impregnar um lenço segurado por um médium que, quando colocado no corpo humano, ajuda a curar o que está mal. O apóstolo Paulo foi um médium de cura, e lemos nos Atos que ele segurava lenços que depois eram aplicados aos doentes. Assim, quando a Sra. Bowes disse na sessão anterior que sentia estar a ser carregada com uma corrente elétrica através da corneta, foi-lhe dito que estava a receber vibrações para transmitir ao seu filho, Jim, que sofria de uma mastoidite.

Passamos para o Mundo Etérico nus e somos recebidos por amigos que nos dão as boas-vindas, por vezes antes de estarmos vestidos, o que é algo embaraçoso. A nossa memória leva-nos a pensar em roupas, e em Etérico o poder vibratório da mente pode moldar a substância em conformidade com os nossos pensamentos. Assim, os Espíritos vestem-se pelo pensamento. À medida que progredimos, as roupas semelhantes às da Terra transformam-se em belas túnicas, mas, quando regressamos à Terra, as nossas túnicas voltam a tornar-se semelhantes às roupas terrenas. É por isso que tantos fantasmas são vistos com roupas semelhantes às usadas no período em que viveram na Terra. Este assunto do vestuário foi claramente explicado por um etérico neste capítulo.

Os espíritos afirmam sempre que nos ajudam e guiam, e isso encontra-se repetido nas suas conversas registadas neste livro. Certas pessoas dotadas psiquicamente no passado reconheceram esta orientação, Sócrates enfatizando sempre que as vozes que ouvia nunca o enganaram. Joana d'Arc seguiu a orientação das vozes que ouvia, mas o seu fim trágico não se deveu ao seu mau conselho. Se se tivesse retirado da vida pública depois de ver o seu rei coroado, teria cumprido a sua missão, e não temos prova de que as suas vozes a instigassem a ir a Compiègne, onde não fez esforço para escapar à captura. A influência psíquica é real para alguns e imaginária para outros, e ao indivíduo comum aconselha-se que permaneça sempre natural e racional. Use a razão com que foi dotado e tome as suas próprias decisões. Caso contrário, corre o risco de ser como um navio sem leme, sacudido e levado por todos os ventos. Mantenha-se sempre são e prático.

Desde os tempos antigos acreditou-se que os deuses podiam prever o futuro, e através dos videntes o povo na Terra era guiado no que fazer. Esta ideia não tem evidência científica, porque tantas das suas profecias estavam erradas como certas. Os deuses, ou Espíritos, podem dizer-lhe para esperar uma carta porque a

viram ser escrita e enviada. Podem anunciar um acontecimento, como uma morte, antes de receber aviso de que ocorreu, e coisas assim; mas alguns, que ousaram profetizar, acertaram e outros erraram sobre a paz ou a guerra em 1939. Notaremos que nas sessões registadas neste livro eles não puderam dizer quando acabaria a Segunda Guerra Mundial, e não se fez qualquer tentativa de o fazer. Isto leva-nos a sentir que os assistentes falavam com pessoas sensatas que só falavam daquilo que sabiam.

Passemos agora ao registo da próxima Reunião.

CAPÍTULO VII

ENCONTRO NA CASA DA SRA. LANG

GIFFNOCK, GLASGOW

15 de novembro de 1942

Presentes: SRA. CRISSIE LANG, SR. ALEXANDER HART, SRTA. ISOBEL McROBBIE, SRTA. LOTTIE ANDERSON, SRTA. MARJORY MILLAR, SRA. ELEANOR POTTER, SRTA. JEAN DEARIE, SR. DONALD CAMERON, SRTA. ELIZABETH DUFF, SRA. LILLIAS BOWES, SRTA. CRISSIE COLQUHOUN, SR. JOHN SLOAN.

Pouco depois de entrarmos na sala, e antes de a Sessão propriamente começar, uma voz do outro lado disse:

«Olá, amigos.»

Abrimos então com o hino Nearer, my God, to Thee e, em seguida, recitámos o Pai-Nosso. A voz de um homem do outro lado juntou-se ao «Ámen» com grande fervor.

Um de nós comentou que era bom saber que havia pessoas à nossa volta, quando uma voz disse:

«Temos convite aberto para entrar?»

O Sr. Sloan disse: «Porque é que se está a intrometer?» e a voz respondeu:

«Estou à espera do meu convite.»

A Sra. Lang disse: «Estamos mesmo muito contentes, amigo, por o ter connosco», e a voz perguntou:

«Srta. Millar, conhece algum Ralph nos seus círculos, ou pode ser "Alf"? Soa a isso. Ele não está aqui. Está bastante longe, mas recebo a vibração de um Ralph ou Alf, e ele quer que lhe transmita que está presente.»

A Srta. Millar ficou satisfeita e agradeceu-lhe.

Falávamos entre nós sobre os sinos da igreja que tocaram nessa manhã, e um de nós disse que era um pouco prematuro, outro disse que era em ação de graças pela libertação do mal que havíamos vencido. Uma voz do outro lado interrompeu com a pergunta:

«Mas já estão livres do mal até agora? Ainda há muito a fazer antes de poderem dizer que estão livres do mal.»

O Sr. Sloan comentou: «Acho que está um pouco desatualizado, seja quem for.»

Rimo-nos, e a Srta. Colquhoun disse: «É bom que o entendam do outro lado, Sr. Sloan.»

A voz respondeu:

«Entendo-o muito bem.»

Ouvimos então o nome «Peter, Peter», mas não conseguimos situá-lo.

Cantámos então The Lord is my Shepherd, e um homem do lado espiritual, com uma bela voz grave, juntou-se e cantou connosco, enquanto uma luz maravilhosa flutuava e parecia marcar o compasso da música. Todos parecíamos ver a luz, exceto o Sr. Sloan, que comentou: «Eu não vejo nenhuma luz; não vejo nada de nada.»

Uma voz do outro lado perguntou:

«Como é que não vê nada? Deve ter sido alguma coisa. Só pode ter uma visão extraordinária para conseguir ver nada.»

Todos rimos, incluindo o Sr. Sloan.

O Sr. Cameron comentou: «Foi uma voz muito bonita a que se juntou a cantar connosco», e o Sr. Sloan disse:

«Eu não a ouvi. Não podia ter sido grande coisa de voz.»

A Srta. Millar discordou: «Oh, sim, Sr. Sloan, tinha um belo timbre cristalino.»

A voz respondeu:

«Obrigada, minha querida.»

A Srta. Colquhoun começou a contar-nos acerca de uma casa em Clydebank onde se ouviam batidas contínuas de que ninguém conseguia dar conta, e onde ninguém queria morar.

O Sr. Sloan comentou: «Eu muitas vezes ouço batidas no meu campo de internamento (o seu quarto), mas deixo-os bater e não lhes ligo.»

Enquanto falávamos, começaram a ouvir-se pancadas por toda a sala, nas paredes e debaixo das cadeiras. A Srta. Dearie ouviu pancadas sob a cadeira em que estava sentada, e a maioria dos presentes também.

A Srta. Colquhoun observou: «Deve ser alguém a pedir ajuda. Consegue falar, querido amigo? Podemos ajudá-lo de algum modo?»

Uma voz respondeu:

«A culpa é minha. Eu não queria ir-me embora. Estava a tentar aproximar-me deles.»

A Sra. Bowes perguntou: «Refere-se aos que deixou para trás? Não consegue fazê-los ouvi-lo?» Ele respondeu:

«Tenho estado perto deles, mas agora nada há a fazer. Vou lá muitas vezes, mas eles não sabem. É Clydebank. Vivi lá.»

A Srta. Colquhoun disse: «E está a tentar chamar a atenção dos de casa?» Ele respondeu:

«Sei que já acabei com isso tudo — sim, eu percebo.»

A Srta. Colquhoun perguntou: «É da sua Mãe ou da sua Esposa que quer falar?», e a voz respondeu:

«É um mundo frio (cauld) para os velhos (auld). Ninguém podia cuidar deles como eu. Eu era tudo para eles.»

A Srta. Colquhoun inquiriu: «Deve referir-se à Mãe», e ele respondeu:

«Estou a cuidar dela, mas ela não sabe. Ela era o meu tudo em tudo.»

Outra voz falou-lhe então, dizendo:

«Tens de vir agora; vem embora.»

Após um breve silêncio, o Sr. Sloan comentou: «Eu bem sabia que hoje nada ia acontecer. Isto é uma reunião terrivelmente chocha.»

A Sra. Lang mostrou-se mais esperançosa: «Ora, ora, Sr. Sloan, isso não está certo. Tenho a certeza de que o Whitefeather e alguns dos outros virão em breve falar consigo.»

A Srta. Colquhoun acrescentou: «Vamos ter de chamar o Bobo para curar essa tosse.»

O Sr. Sloan respondeu: «Tenho a certeza de que nenhum deles está perto de mim. O Whitey não tem estado perto de mim há muito, e, mesmo que venha, já não é nada como o velho Whitey.»

O Whitefeather falou então, dizendo:

«Eu não tenho estado afastado de ti há muitas noites, meu irmão. É o Whitefeather quem fala. Conheço-te, e compreendo-te agora melhor do que alguma vez te conheci. Espero compreender-vos a todos um pouco melhor, e agradeço-vos a vossa amável consideração por me aturardes nos velhos tempos. Que o Deus da paz esteja com todos vós. Que as sombras da vida passem ao lado da vossa morada e que o Anjo do Amor vos cubra durante os tempos sombrios que estais a atravessar. Confiai no Deus de todo o poder, e deixai os vossos amados aos Seus cuidados. Todavia, não a nossa vontade, mas a Tua, ó Pai, se faça. Fala Whitefeather.»

A Srta. Duff cantou então um verso de um lindo hino: He doth Understand, e uma voz do outro lado disse:

«Quão verdadeiro. Se apenas conseguísseis perceber que, no meio de todas as vossas provações, cuidados e dificuldades, "Ele compreende"; que aqueles que mais amais e que passaram para além continuam perto de vós em todos os momentos da vida, tentando sempre ajudar-vos a compreender o caminho da vida, quão mais feliz seria a vida. Não podeis deixar de ter altos e baixos na jornada terrena, mas lutai com bravura. Na Sua força encontrareis um poder que nunca falha. Não vos detenho mais.»

A Sra. Lang perguntou quem falava, e ele respondeu:

«222.»

A Sra. Lang disse: «Oh, 222, ficamos muito contentes por ouvi-lo. Gostaríamos de ter ouvido o seu "apelo à paz", mas talvez o possamos ouvir no fim.»

O Sr. Sloan tossia muito, e a Srta. Duff comentou: «Pobre Sr. Sloan», quando uma voz do outro lado disse:

«Com tal herança, um dom tão grande, como pode dizer "pobre"?»

A Srta. Duff explicou: «Não foi nesse sentido, amigo. Disse "pobre" porque tinha pena de ele estar com uma constipação tão forte.»

O Sr. Cameron comentou que ouvira dizer que pessoas com dons psíquicos, como o Sr. Sloan, eram usadas de forma semelhante do outro lado, mas a voz não concordou:

«Não o acompanho, amigo Cameron.»

O Sr. Cameron disse: «A minha pergunta era — esse grande dom que o Médium tem acompanha-o para o outro lado da vida? Pode ele ser utilizado do vosso lado como é utilizado aqui?»

A voz respondeu:

«Nunca ouvi tal. Oh, não, oh, não, ele pode ser capaz de impressionar outros deste lado a tomar o manto que deixou, mas isso não é necessário aqui; é uma qualificação física.»

O Sr. Cameron respondeu: «Muito bem», e a voz prosseguiu:

«Não podemos voltar e passar pelo mesmo outra vez. Sempre que venho ter convosco nestas condições dependo do elemento humano — o amigo a quem chamais John Sloan. Sem ele, ou alguém igualmente dotado, não vos conseguiríamos fazer ouvir-nos, mas, embora não nos oiçais a menos que ele esteja presente, nós voltamos e velamos por vós de tempos a tempos. Ele é apenas o veículo de transmissão do som. Eu não vos poderia falar se não pudesse extrair de vós coletivamente. Eu não sou o Whitefeather.»

O Sr. Cameron observou: «Não creio que tenha percebido bem o meu ponto, amigo, mas não faz mal.» A voz respondeu:

«Pois diga-me de novo e tentarei o meu melhor.»

O Sr. Cameron disse: «Um indivíduo que desenvolve o poder ou dom do Sr. Sloan, se se mostra um instrumento digno aqui, será ele usado no estado seguinte das coisas da mesma maneira?»

A voz perguntou:

«Para vir e funcionar de novo no Plano Terreno?»

O Sr. Cameron disse: «Não, mas eu entendi que, nalguns dos planos mais próximos, usam o mesmo tipo de comunicação para contactar os que estão em planos mais altos.»

A voz respondeu:

«Não tenho visto que assim seja no que me respeita. Não é necessário aqui. Usamos as nossas próprias vibrações de pensamento para alcançar os planos mais elevados, mas pode ter-vos sido explicado assim para vos ajudar a entender, ou para clarificar de algum modo o método de comunicação usado aqui. Eu, porém, não ouvi falar disso. Sabem que há planos e planos do nosso lado da vida aos quais ainda não evoluí, e aos quais não posso esperar atingir por muito tempo, mas tenho tido conversas com, e a companhia de, aqueles que vivem nesses planos. Eles conseguem vir até nós, mas nós não podemos ir até eles até evoluirmos um pouco mais.

«Aqueles que vos amam do vosso lado da vida e que chegam aqui antes de vós, permanecerão junto do vosso plano e tentarão alcançar-vos exatamente como vos deixaram nos velhos tempos, e então todos progredireis juntos. Nada se perde. É apenas uma questão de "foi adiante" por um pouco. Nada é esquecido. Não há boa ação, nem pequena bondade demonstrada, nem bom pensamentozinho no íntimo do vosso coração que não seja tido em conta e que não contribua para aperfeiçoar e embelezar essa vossa alma emancipada quando ela passa do físico para o lado espiritual da vida.»

O Sr. Sloan comentou: «Pois, amigo, talvez isso seja verdade, mas é demasiado fundo para mim. Não consigo entender tudo o que quer dizer.»

A voz prosseguiu:

«Sr. Cameron, há muitos das esferas superiores que podem vir ao meu plano, mas eu não posso ir ao deles, e descobrirá que muitos dos vossos amados, que muito vos amam, estarão numa esfera diferente da vossa e, até subirem a uma condição de espírito igual à deles, não podereis estar em contacto constante com eles, embora os possais ter muitas vezes na vossa companhia. Vós tendes, nestes tempos atribulados que estais a atravessar…» Aqui foi interrompido por outra voz, dizendo:

«Tens de vir agora», e ele respondeu:

«Sim, senhor. Sim, senhor.»

O interruptor disse:

«Vem embora, é melhor não tocares nesse assunto agora»,

e ele respondeu:

«Obedeço. Obedeço.»

O Sr. Sloan disse então: «Tenho a certeza de que a Mamã me esperará. Eu sei que sim», e a Sra. Sloan falou:

«É verdade, meu querido. Sabes que te esperarei.»

Depois chamou:

«Lottie. Como estás, pequena Lottie?»

A Srta. Anderson não teve oportunidade de responder, pois a Sra. Sloan virou-se de imediato para a Srta. Colquhoun e continuou:

«Como estás? Vi-te a subir as escadinhas, minha querida, para ver o Papá.»

Esta observação referia-se a uma visita que a Srta. Colquhoun fizera recentemente ao Sr. Sloan.

A voz de um homem fez então um comentário, e o Sr. Sloan disse: «O que quer, amigo?», e a voz respondeu:

«Quero-te a ti.»

O Sr. Sloan disse: «Manda outro. Quase nenhum dos que têm falado vale grande coisa.»

Uma voz disse então:

«Gostava que cantassem outra vez»,

e nós cantámos I to the Hills Will Lift Mine Eyes e, depois, a voz disse:

«Gostava que cantassem outra vez, por favor. Podiam cantar algo alegre?», e cantámos Count Your Blessings.

Uma voz disse então:

«Eu próprio fico a pensar, quando olho para trás para aqueles a quem amei e ainda amo e que estão a passar por tempos tão difíceis, e nada posso fazer senão orar para que sejais assistidos e sustentados em tudo, embora eu saiba que por tudo isso sereis recompensados. São poucos hoje os que não têm a sua preocupaçãozinha particular. Penso que sabem o que quero dizer, apenas aquela pequena preocupação e mágoa que não podem contar a ninguém senão a vós próprios e aos vossos amigos do espírito; e eu, embora não tenha exatamente conquistado o direito de vos chamar meus amigos, estou ansioso e

disposto a ajudar-vos de todas as maneiras que puder. Sei que há outros acima de mim prontos a ajudar-vos.

«O espírito da brisa do entardecer, o espírito cujos ouvidos se esforçam por apanhar as súplicas daqueles a quem ama responder, por captar o apelo profundo do vosso coração e socorrer-vos, está sempre pronto para atender esse apelo. Nada está oculto, por isso não temais contar-lhes tudo e, se for possível, eles ajudar-vos-ão. Trilhámos o caminho antes de vós, conhecemos-lhe a aspereza, conhecemos o esforço da subida, sabemos como a planície — tão nítida e sorridente — pode de súbito transmutar-se numa montanha difícil de escalar, mas não desanimeis: mãos que ajudam, dedos que acenam, estão perto, tentando guiar-vos e ajudar-vos sempre em diante, sempre em diante.

«Era na quietude do anoitecer, quando eu estava no vosso Plano Terreno, que costumava buscar um recanto retirado no crepúsculo, deleitando-me com a aragem vespertina e escutando as vibrações daqueles que eu sabia estarem algures perto de mim, embora não estivesse fisicamente consciente da sua presença. Tinha a intuição de que seres superiores a mim estavam presentes, e que a minha alma imortal era atraída mais alto, em direção ao Céu, e mensagens de amor, embora não num sentido audível, eram derramadas no meu coração. Esse atributo é vosso, de cada um de vós, por isso reservai um tempinho para comungar com aqueles que amais, e que ainda vos amam, embora apenas um pouco adiante de vós na estrada da vida. Vamos todos para a mesma Casa. Deus vos abençoe.»

A Sra. Lang perguntou se poderíamos saber quem falara, e ele respondeu:

«Vocês não me conhecem, e eu não vos conheço pessoalmente, embora esteja muitas vezes nos vossos arredores. Sr. Cameron, tem um sentido apurado, meu amigo, mais agudo e mais fino do que o senhor próprio compreende. Aplique-o bem, meu irmão. Escute as vozes que o guiam em todas as questões cruciais.»

Após um silêncio, o Sr. Sloan comentou: «Isto está péssimo. Ouvem o relógio a fazer tiquetaque, amigos, e ainda não se passa nada. Não podem trazer alguns dos amigos de cada um?»

A este comentário de desalento respondeu o Pai da Srta. Colquhoun:

«Conseguem mesmo perceber esse homem, amigos? Mas ele não o diz a sério. Não se exalte assim, meu amigo, pensando que dependemos todos de si, embora, claro, sejamos de facto melhores por tê-lo, sabe. Está tão ansioso por brilhar que, se nem cada minuto estiver ocupado, acha que nada se passa.»

O Sr. Sloan respondeu: «Acho que está a ser um bocadinho duro comigo, amigo.»

O Sr. Colquhoun respondeu:

«O brilho do seu dom acabou por o dominar e, porque considera que já não é tão brilhante como antes, concluiu de facto que nada mais tem para dar. Eu conheço-o, amigo Sloan, mas deixe-me dizer-lhe, meu caro irmão — falo a sério agora e já não estou a brincar — está precisamente a começar a obter o melhor do melhor para dar aos que ama à sua volta. Está a alcançar uma fase da sua vida em que entrará em contacto com aqueles que estão deste lado há muito, muito tempo e, claro, com o que sabemos do seu dom maravilhoso, vamos fazer algo por si.

«As mensagens que receberá, embora não venham na forma obscura dos amigos índios, virão de amigos índios e de outros há muito fora do corpo, mais sintonizados com o fulgor do espírito onde alcançaram o seu saber. Afinal, alguma vez pensou que a vida é uma coisa nobre? As possibilidades que tem, na sua jornada, de fazer o bem — agarre-as com as duas mãos, porque cada uma delas é tida em conta, meu irmão, e ajudá-lo-á quando vier para este lado.

«As suas vestes brilharão com um fulgor maior e colocá-lo-ão na "Guarda Avançada", cingido com a armadura da justiça, por tudo o que fez para ajudar os retardatários pelo caminho à medida que atravessa a vida. Esses registos não podem ser ocultados quando vier para este lado. Trará o cunho das suas ações na vida terrena, e as que são boas ajudá-lo-ão tanto melhor quando vier para este lado da vida — cada um de vós. Vede, então, que façais todo o bem que puderdes, enquanto podeis. A vida é séria. A vida é real e interminável. É apenas um cenário que muda de uma fase para outra. Como poderiam todos, tão prontamente, retomar a ligação; os fios daqueles que por vezes julgaram ter partido para sempre. Está a aprender, Srta. Colquhoun, a retomar esses fios?»

A Srta. Colquhoun respondeu: «Essas poucas linhas que disse trouxeram-me uma lembrança.» O Sr. Colquhoun concordou:

«Eu sei. Captei os teus pensamentos.»

A Srta. Colquhoun disse: «Gostava de saber se podia dizer-me quem fala», e ele respondeu:

«Não é permitido, por agora, meus amigos. Sinto-me em contacto muito íntimo com todos aqui, mais íntimo do que nunca. A vossa visão da vida torna-se mais clara à medida que avançam, e espero poder ajudar-vos por todo o caminho.

Falo para todos os presentes e trago-vos uma mão amiga. Sei o que estás a pensar agora, Crissie. É o Pai — e a Mãe está aqui comigo também.»

Uma mão materializada foi colocada sobre a cabeça da Srta. Colquhoun: uma mão macia e quente.

A sua Mãe, a Sra. Colquhoun, falou então:

«Crissie»,

e ela respondeu: «És tu, Mãe? Estou a sair-me muito bem, sabes, querida. Não hás de estar triste.» A Mãe respondeu:

«Mas não estás tão bem quanto eu gostaria, Crissie.»

A Srta. Colquhoun respondeu: «Não, querida, não digas isso. Estou a ir lindamente.»

Uma voz disse então:

«Jim — Jim»,

e o Sr. Sloan pensou que isto era para a Lottie Anderson, mas o Roy Richardson, depois de dar o seu nome, falou agora com voz muito clara e distinta:

«Como está, Sra. Lang? Ouvi-a falar da Mãe ultimamente e disse coisas tão bonitas sobre ela. Obrigado.»

A Sra. Lang respondeu: «Oh, Roy! Que contente fico por ter vindo falar connosco. Acabei de terminar uma carta à tua…»

Ao que o Roy respondeu:

«Eu sei. Vi-a a escrevê-la na salinha de trás; uma sala mesmo atrás deste aparador — está certo?»

A Sra. Lang disse: «Está certo, Roy; por outras palavras, "a cozinha".»

Este comentário divertiu muito o Roy, que respondeu:

«Oh, Sra. Lang, que tenha descido tão baixo ao ponto de escrever na cozinha.»

A Sra. Lang riu-se e disse: «Receio fazer mais do que escrever nela, Roy. Passo lá grande parte do tempo agora para poupar carvão e luz, sabe.» O Roy respondeu:

«E faz muito bem, Sra. Lang. Claro que sabe que eu só estava a brincar quando disse isso.»

A Sra. Lang disse: «Claro. Tem alguma mensagem para a sua Mãe, Roy?», e ele respondeu:

«Qual seria a melhor mensagem para enviar a uma Mãe? Apenas dizer que a amo mais do que nunca. Mãe — não há nome mais precioso do que esse.»

Voltando-se para o Sr. Cameron, disse:

«Amigo Cameron, gosto de si.»

Então, voltando-se para a Sra. Lang, ele disse:

«Sra. Lang, diga à Mãe que eu espero, mas sem impaciência, para lhe dar uma receção real quando ela vier para aqui, embora eu espere que isso ainda demore muito tempo. Ela faz falta no mundo de hoje. Nunca conseguirá que a Mãe pense que está a fazer demais, sabe. Bem, algumas das Mães apanham a parte mais pesada do fardo a carregar do que os Pais, mas é agradável quando ambos podem puxar juntos. A vida fica mais fácil assim. Já enviou a sua carta, minha querida?»

A Sra. Lang disse: «Não creio que tenha sido ainda posta no correio. Vou abri-la, Roy, e dar à sua Mãe a sua mensagem.»

Roy respondeu:

«Obrigado, Sra. Lang, isso deixará a Mãe muito feliz. Ela é uma alma alegre, sabe. E como está, Srta. Colquhoun? A senhora também é uma alma alegre e fala de forma certeira quando fala. Tenho de o felicitar, Sr. Cameron, pela maneira lúcida como explicou a mim e aos meus amigos deste lado coisas que o senhor conhece melhor do que nós. Compreendi-o muito bem, mas não o incomodarei mais esta noite.»

(Isto refere-se a um assunto discutido numa sessão anterior, mas não incluído nesta série.)

O Sr. Sloan comentou que tinha estado a ver muitas fotografias e vira uma do Roy, e que muitas vezes olhava para as fotografias da Mamã quando estava sozinho.

Este comentário trouxe a Sra. Sloan de volta:

«Ora bem, Daddy, não é para fazer isso. Só o aflige.»

Dirigindo-se à Srta. Anderson, disse:

«Lottie, querida, está muito calada.»

Lottie respondeu: «Estou apenas a divertir-me, Mamã.»

A Sra. Sloan dirigiu-se então à Sra. Potter:

«Mamã Potter — vejo que tem a Marjory consigo. Lembra-se de mim, minha querida?»

Marjory Millar respondeu: «Lembro-me muito bem de si, Mamã», e a Sra. Sloan prosseguiu:

«Sra. Potter, o meu coração transborda quando me lembro de todas as suas bondades para com o meu velho, mas eu hei de recompensá-la.»

Uma voz disse:

«Jim, Jim», e a corneta tocou na Srta. Anderson.

O Sr. Sloan disse: «Tenho a certeza, Lottie, de que é o Jim.»

Lottie perguntou: «É o mesmo Jim em quem eu estou a pensar?», e a voz respondeu:

«Sou o Jimmy. É tão bom ver-te. Tão bom ouvir-te dizer que nos voltaremos a encontrar. Não há ciúmes aqui. Todos nos amamos e ajudamos uns aos outros — tanto aqui como no vosso plano — e eu ajudarei tanto quanto puder.»

O irmão da Srta. McRobbie falou-lhe então, dizendo:

«Isobel, não tive a oportunidade de falar contigo há muito tempo. Não ponhas demasiado o coração numa coisa que estás a considerar neste momento. Faz o teu melhor e penso que tudo correrá bem. Não será por falta de esforço da nossa parte em ajudar-te, embora eu lamente que não tenhas pensado nisso mais cedo, sabes, minha querida.»

A Srta. McRobbie respondeu: «Sim, eu sei disso. Deveria ter pensado mais cedo. Está bem.»

O irmão continuou, mas antes de prosseguir é necessária uma explicação. O pai da Srta. McRobbie partira em 1912 e a mãe em 1938. Enquanto o irmão falava, o pai estava ao lado dela, a tocá-la por todo o corpo com a outra corneta e a dar-lhe a conhecer a sua presença. A mãe também estava presente, mas permanecia ao lado do irmão que falava connosco. Isto explica o que o irmão queria dizer com «O Pai ainda está contigo», significando «ao teu lado», «e a Mãe está comigo».

«O Pai ainda está contigo, e a Mãe está comigo. Sabes o que quero dizer. É uma conjugação dupla. Estamos todos a puxar na mesma direção. O Jim está a sair-se bem, e sim, tenho o Roy aqui. Raramente nos separamos agora. Pensaste que poderia ser de outra forma?»

A Srta. McRobbie respondeu: «Não, não pensei que fosse de outra forma. Tomei-o como certo.» O irmão disse:

«Estas são coisas que deste lado ficam todas resolvidas e aqui não há tropeços. Deus te abençoe, boa noite.»

(Isto era algo compreendido entre irmão e irmã mas demasiado privado para os outros saberem.)

O Sr. Sloan disse então: «Pequena Srta. Millar, conhece alguém chamado Willie? Vejo-o ali mesmo ao seu lado.»

A Srta. Millar não tinha a certeza de o conseguir situar.

Uma rapariga falou-nos então, dizendo:

«Sou a Gertrude. Sei que todos são muito simpáticos.»

A voz de um homem disse então:

«Pensei em deixá-la entrar para vos ver, achando que isso a animaria um pouco. Encontrei-a mesmo à porta do vosso pequeno círculo e ela pediu-me que a deixasse entrar. Não sabia se devia ou não.»

A Sra. Lang disse: «Ficamos muito contentes por recebê-la. Venha, Gertrude. Tem algo de bonito para nos dizer?»

Gertrude respondeu:

«Não tenho nada de bonito para vos dizer. Não, não posso dizer nada de bonito, exceto que todos são tão bondosos.»

A Sra. Lang respondeu: «Bem, acho que acabou de dizer uma coisa muito bonita ao afirmar isso.»

Um de nós perguntou: «És uma menina pequena, Gertrude?», e ela respondeu:

«Não sou apenas pequena, nem sou apenas grande. É lindo ver a luz que brilha à vossa volta. Foi isso que me atraiu até vós. Quero encontrar a minha Mãe.»

Um de nós disse: «Tens andado à procura dela, Gertrude? Onde está a tua Mãe?» Ela respondeu:

«Não sei. Muitas vezes espreitei para casas de diferentes pessoas, mas não consegui que me ouvissem, e não entendo como me conseguem ouvir agora. Onde estou? Como se chama este lugar?»

O Sr. Cameron disse: «Estamos na cidade de Glasgow neste momento, Gertrude. Alguma vez a conheceste?»

Ela respondeu:

«Tenho uma vaga lembrança de ter ouvido falar de Glasgow quando estava na escola. Não sou da Escócia. Já estou há bastante tempo do meu lado, mas não vivi em Inglaterra.»

O Sr. Cameron disse: «Não consegues pressentir os teus?» Gertrude respondeu:

«Consigo pressenti-los mas não aqui mesmo, embora consiga sentir que todos são amigos aqui. Consigo sempre perceber de imediato se sou aceite como amiga.»

A Srta. Dearie disse: «Espero que sejas muito feliz, Gertrude», e ela respondeu:

«Obrigada. Hei de voltar aqui. Vê, estou à procura da minha Mãe. Ela não está do meu lado. Viveu na Califórnia.»

Alguém chamado Walker falou então — um parente da Sra. Sloan — e perguntou pelo irmão que ainda estava do nosso lado.

O Sr. Sloan respondeu: «Está exatamente como sempre esteve. Chegará ao vosso lado bastante desamparado. Tem muito a aprender.»

A Sra. Sloan disse:

«Isso não é nada simpático da tua parte, Daddy, dizer isso.»

O Sr. Sloan respondeu: «Bem, estou apenas a dizer a verdade, minha querida. Ele não dá uso nenhum ao outro lado, mas terá de ir para lá como todos nós, embora não lhe guarde rancor, tenho a certeza.»

A Sra. Sloan ficou satisfeita com isto:

«Assim já é mais o teu jeito, Daddy — ser bondoso.»

Um de nós perguntou: «Ainda estás aí, Gertrude? Conheces a Mammy Sloan?»

Gertrude disse:

«Oh, sim, e o Daddy Sloan. Ouvi muito falar dele. É um homem muito notório. Há muita gente aqui que o conhece.»

A Sra. Bowes comentou que talvez «homem notável» fosse mais adequado, pois a palavra «notório» tinha uma conotação desagradável.

Gertrude disse:

«Quando disse "notorious" não queria dizer isso. Ele é a entrada da porta e detém a chave que pode abrir a porta por onde pequeninos como eu podem passar.»

O Sr. Potter, marido de Eleanor Potter, falou então:
«Sim, tu abriste a porta, meu querido velho amigo Sloan, para a Eleanor e para mim. Estávamos a percorrer um caminho solitário, Eleanor — sabes bem aquela altura em que estávamos encostados a uma parede de pedra, por assim dizer, e os queridos velhos amigos (o Sr. e a Sra. Sloan) apareceram e ouvimos o Bobbie falar. Nunca esquecerei essa noite. Deus te abençoe. Vês agora a Sra. Motion?»
A Sra. Potter respondeu: «Ela tem estado em Largs há algum tempo.»
A Sra. Lang observou: «Não sabia que a Sra. Motion estava em Largs. Temos de a convidar para uma Sessão um dia destes.»

O Sr. Potter continuou:

«Isso é muito simpático da sua parte, Sra. Lang. Tenho a certeza de que ela gostaria de vir.»

A Sra. Potter acrescentou: «Ela não tem estado nada bem ultimamente», e o Sr. Potter dirigiu-se à Srta. Millar:

«Marjory, e quando chega a tua vez, minha querida? Estão todos à tua volta. Jimmie — James, estás aí?

Vem falar com a tua filha.»

James Millar disse então:

«Estás aí, querida? É o Pai a falar. Consegues ouvir a minha voz agora? Estou a tentar fazê-la soar mais parecida com a minha.»

Marjory respondeu: «Sim, Pai, tens uma mensagem para a Mamã? — mas não parece a voz do Pai.»

Outra voz disse então ao Pai:

«Fala mais alto, Jim; não tentes forçar. Fala direito», e Marjory disse: «Anda, Daddy, fala comigo.»

O Pai disse:

«Que tipo de mensagem gostarias de receber? Estou a tentar entrar em contacto com o Bob para que ele te dê uma ajudinha. Sou o James Millar — é tudo. Lamento todos os meus erros. Temos muitos deles ao longo da vida, Sra. Potter. Todos cometemos falhas, mas encontro-me numa condição muito feliz aqui. Só

estou ansioso por aqueles que deixei para trás. Só agradeço à Mamã e a todos vocês, minha querida.»

Marjory disse: «Obrigada, Daddy. Nós estamos a safar-nos bem.»

Ele respondeu:

«Sim, mas podiam estar melhor. Podiam estar melhor se conseguissem ouvir-me a falar diretamente convosco e a ajudar-vos.»

Após alguns minutos de silêncio, o Sr. Sloan comentou: «Desta vez foi uma reunião sem esperança.» Uma voz do outro lado disse:

«Voltem apenas um pouco atrás nas vossas vidas. Recuem com a mente e lembrem-se de todas as diferentes cenas e vicissitudes pelas quais acompanharam a carreira deste homem teimoso, e verão que, de vez em quando, surgiram jóias brilhantes que vos chegaram. Deus te abençoe, Crissie (Srta. Colquhoun). Não, desta vez não é o Pai. Sou o Willie. Estamos todos ocupados neste momento.»

O Willie foi reconhecido e depois outra voz disse:

«Receio que hoje não seja possível fazer muito mais. Não é que não queiramos ajudar-vos em todos os sentidos, mas penso que compreenderão, Senhoras e Senhores, que as condições do vosso lado da vida, neste momento, tornam difícil para nós manter as vibrações, e creio que todos entendem que devemos fazer a nossa parte para ajudar aqueles que estão a chegar em tão grande número através da guerra, em vez de vir aqui, quando tanta falta fazemos noutros lugares.

«Os vossos amigos estão todos a pensar em vós. Eles sustentam-vos, e aqueles de vós que têm entes queridos longe de casa, eles estão a cuidar deles por vós, e cuidarão de vós em todas as fases da vida. Refiro-me especialmente àqueles que estão afastados do seu lar. Há um olhar sempre vigilante, em sintonia com as vossas preces, que atravessa o espaço, transmitindo uma palavra carinhosa, uma expressão de pensamento, que lhes devolve a sensação de lar e os conforta nos seus momentos de solidão. Deus vos abençoe.

«Sr. Cameron, conhece o Harold? Tem de recuar bastante na vida para o encontrar. Ele está ligado ao lado da família da Sra. Cameron. Não me refiro à sua esposa, mas à sua Mãe. Pergunte-lhe sobre ele quando ela vier falar consigo.»

O Sr. Cameron respondeu: «Obrigado, mas não creio que ainda tenha falado com a minha Mãe através de um contacto como este. Ela era uma dessas almas tímidas, recatadas.»

A voz de uma senhora falou então:

«Não há nada que me tornasse demasiado reservada para falar contigo, meu filho. É da abundância de um coração que te ama que consigo ver-te e falar-te através da fronteira. Deus te abençoe, meu rapaz.»

O Sr. Cameron respondeu: «Obrigado, querida.»

Outra voz disse:

«Não é possível fazer muito mais esta noite, amigos. Não sou o amigo índio, mas pediram-me que guardasse a porta, e agora chamam-me, por isso despeço-me. Deixa-me muito feliz ter estado em contacto convosco e espero voltar, porque há tantas, tantas mensagens que têm de passar e que ficaram, por assim dizer, retidas no caminho. Não vos consigo explicar, mas conheço as condições e a dificuldade de comunicar enquanto as ondas etéricas estão tão confusas.

«Penso que alguns de vós compreenderão e terão paciência connosco. Estamos a tentar fazer o nosso melhor. Recordamo-vos e amamo-vos, e sabemos que nos recordareis. Se pensarem em nós, podem ter a nossa presença em qualquer momento. Deus te abençoe, Hércules (evidentemente dito em tom de brincadeira para o Sr. Sloan). Não quero que esta oportunidade passe sem vos desejar a todos um bom dia, e dizer a cada um individualmente: "Deus te abençoe." Fostes muito pacientes connosco.»

Ouvimos então algo que soava como um verso de poesia recitado numa língua estrangeira. Alguém chamado Barrett falou depois com a Sra. Potter; também foram mencionados Syd. Barrett e Harry Barrett; além disso, o amigo irlandês da Sra. Potter, chamado Brian, falou-lhe.

Cantámos então a Doxologia e, em seguida, um homem com uma voz muito bonita proferiu a seguinte Bênção:

«Que a Paz do Grande Pai Deus, e o amor abençoado e a comunhão que temos uns com os outros, vos guarde e vos proteja agora e para sempre. Ámen. Deus vos abençoe.»

Assim terminou a Sessão.

A substância básica necessária para a produção da Voz Direta é o Ectoplasma. Pode-se dizer que é o elo de ligação entre o físico e o etérico, pois é a substância fornecida pelo nosso corpo que, quando misturada com ingredientes Espíritos,

pode ser manipulada pelos Espíritos. É algo intermédio entre a substância física e a etérica, e funciona como uma ponte entre os dois mundos. Aqueles raros homens e mulheres, chamados médiuns de Voz Direta, possuem este ectoplasma em muito maior abundância do que o resto de nós — já que todos o temos em menor grau — e, sendo assim, a sua presença é necessária antes que a Voz Direta possa ser produzida a partir da Etéria.

Tão intrigado ficou J. Gilbert E. Wright, um químico investigador americano, com esta matéria evasiva, que se dedicou a estudá-la, chegando a registar noventa e seis observações diferentes sobre os seus efeitos e comportamento, mas aqui apenas se mencionarão as mais importantes.

Quando sob a influência de químicos Espíritos, o corpo do médium é usado como fonte de fornecimento do ectoplasma, e eles retiram o que podem dos assistentes, mas em condições normais não pode ser visto nem saboreado e não liberta cheiro algum.

Esta substância parece difundir-se pelos tecidos do corpo como um gás, emergindo através dos orifícios, porque passa mais facilmente pelas membranas mucosas do que pela pele, tornando-se, através do tratamento dos químicos Espíritos, um líquido amorfo (sem forma), viscoso (pegajoso), que pode por vezes ser visto sob luz vermelha. Agora possui algumas das propriedades da matéria, pois ocupa espaço e pode ser visto. O seu peso é difícil de determinar, mas, se o médium e os assistentes se sentarem em balanças durante a sessão, o peso deles diminuirá, especialmente o do médium, regressando ao normal quando a sessão termina. Isto foi comprovado por experiência.

No meu livro *On the Edge of the Etheric*, relato o que me foi dito pelos Espíritos presentes nas sessões que tive com o Sr. Sloan, com o objetivo de aprender algo sobre a Etéria e os meios que os seus habitantes utilizam para nos falar na Terra. Quando perguntei como era possível falarem connosco, fui informado por Greentree, um chefe índio na Terra, um cavalheiro culto, de quem ainda ouviremos antes de este livro terminar, sobre os métodos que eles utilizam, e nada melhor posso fazer do que dar a explicação nas suas próprias palavras, que foram registadas em estenografia pela minha secretária, que estava presente quando ele me falou:

«Farei o meu melhor para que compreenda como isto se faz, mas lembre-se de que não conseguirá perceber devidamente as dificuldades que enfrentamos até vir para o nosso lado. Contudo, explicarei os nossos métodos da forma mais clara possível. Do médium, e dos presentes, um químico do mundo etérico retira certos ingredientes que, na falta de melhor nome, se chama ectoplasma. A isto o

químico acrescenta ingredientes da sua própria produção. Quando estes se misturam, forma-se uma substância que permite ao químico materializar as suas mãos. Com as mãos materializadas, constrói então uma máscara semelhante à boca e à língua. O espírito que deseja falar coloca o rosto nesta máscara e descobre que ela se ajusta a ele, envolvendo-lhe a boca, a língua e a garganta. Ao início, é difícil movimentar este material mais pesado, mas com a prática torna-se fácil. Os órgãos Espíritos voltaram a revestir-se de matéria semelhante à matéria física e, com a passagem do ar através deles, a vossa atmosfera pode ser vibrada, e vocês ouvem a voz do comunicador.»

Quando o abastecimento de ectoplasma é abundante, um Etérico pode materializar parte, ou a totalidade, do seu corpo, que pode ser visto sob luz vermelha e tocado. A isto chama-se materialização completa, mas para a Voz Direta basta uma materialização parcial, ou seja, a materialização dos órgãos vocais, e eles usam ou o chão para construir, ou a grande abertura da corneta, que é sustentada a partir do chão por uma ou mais hastes ectoplásmico-etéricas. Tanto a máscara como as hastes foram fotografadas em luz infravermelha, e eu e outros vimos ocasionalmente as hastes. O que nos parece serem brisas frias é frequentemente sentido pelos assistentes, e isso pode ser o efeito da retirada de ectoplasma dos seus corpos.

Nenhuma lei natural é violada, e o que é retirado dos nossos corpos físicos é usado pelos Espíritos e depois devolvido, mas isso tem de ocorrer na escuridão, pois as nossas ondas luminosas, acima do infravermelho, desagregam o ectoplasma de modo a que não possa ser usado pelos químicos do outro lado. Muito mais poderia ser dito acerca desta substância esquiva, mas bem real, porém o suficiente foi dito para dar uma ideia do que ocorre, invisível para nós, numa sessão de Voz Direta. Nós, na Terra, somos os fornecedores passivos de ectoplasma, enquanto eles, do seu lado, fazem todo o trabalho de processo para tornar possível falar connosco.

Muitas pessoas acreditam na Reencarnação, mas, em todas as minhas numerosas conversas com Espíritos, nunca encontrei um que soubesse algo sobre isso. Do que falam é de progresso, mas nunca de regressar à Terra para assumir uma nova habitação física. Quem saiba algo de genética perceberá o absurdo da ideia, e é difícil entender por que razão esta crença oriental tem tanta força sobre muitas pessoas no Ocidente. Na sessão narrada neste capítulo, notamos que foi dito ao Sr. Cameron: «Não podemos voltar e passar pelo mesmo outra vez.»

Finalmente, chamo a atenção para o facto de que, na Etéria, parece possível viver e amar sem os ciúmes que se manifestam na Terra. A afeição na Etéria parece mais geral e menos individual; homens e mulheres, lá, parecem ter essa devoção em maior abundância do que nós na Terra e, consequentemente, maior felicidade decorre quando há amor desprovido de posse e egoísmo. O Jimmy, que falou com a Srta. Anderson, deixou isto bem claro.

CAPÍTULO VIII

ENCONTRO NA CASA DA SRA. LANG

GIFFNOCK, GLASGOW

19 de dezembro de 1942

Presentes: SRA. CRISSIE LANG, SR. ALEXANDER HART, SRTA. LOTTIE ANDERSON, SRTA. ISOBEL McROBBIE, SRTA. JEAN DEARIE, SR. DONALD CAMERON, SRA. ELEANOR POTTER, SRTA. ELIZABETH DUFF, SRA. LILLIAS BOWES, SRA. ELIZABETH CAMPBELL, SRTA. CRISSIE COLQUHOUN, SR. JOHN SLOAN.

Abrimos a Sessão com o hino Nearer, my God, to Thee e, em seguida, recitámos o Pai-Nosso. A voz de uma senhora, do lado do espírito, juntou-se ao «Ámen». Em seguida ouvimos vozes espirituais a falar entre si e perguntámos quem falava.

A voz de um homem respondeu:

«Estou apenas a visitar a Srta. McRobbie.»

A Srta. McRobbie perguntou quem falava, e a voz respondeu:

«Está tudo bem, sabes, minha querida.»

Depois ouvimos um som estranho através da corneta, quase como um assobio de pássaro. Isto prolongou-se durante bastante tempo e soou por toda a sala. O Sr. Sloan comentou que tinha tido dificuldade em chegar pela estrada nesse dia, e uma voz disse:

«Vocês todos têm problemas com os pés, vocês, gente. Se fizessem mair (mais) exercício, não seriam tão incomodados com pés sair (doridos). Sr. Hart, o senhor vinha hireling (a coxear) um bocado também quando estava a entrar. Eu vi-o. Nenhum de vós descansa o suficiente. Vão para a cama cansados e levantam-se cansados, mas essa é a carga dos tempos exigentes em que vivem atualmente. Sim, sim, sim, se procurarem apenas um "porto de abrigo", tudo ficará bem para

vós; tenham coragem e paciência e tudo ficará bem. Eu passei por tudo isso e sei o que é.»

A Sra. Lang perguntou se o conhecíamos, e ele respondeu:

«Não conheci nenhum de vós na minha vida terrena. Não tenho muito a dizer, embora sinta que prestam um serviço de algum modo quando todos se reúnem aqui. Receio que a minha fala não valha grande coisa. Não conheço ninguém aqui, nem ninguém nas vossas proximidades. Estava sozinho — apenas a passear, contemplando todas as belezas que me rodeiam aqui, quando vi a luz e vim até ela. Vou continuar o meu passeio agora. Bom dia.»

Entoamos então The Lord is my Shepherd, e vozes do outro lado juntaram-se e cantaram connosco. Uma dessas vozes cantou palavras diferentes, mas muito belas, com a mesma melodia que estávamos a cantar.

Uma voz disse então:

«John. John Cameron.»

O Sr. Cameron disse: «É para mim? És o meu irmão John?», e a voz respondeu:

«É o teu irmão. Como soubeste que era eu quem falava?»

O Sr. Cameron disse: «Ouvi-te dizer "John" e pensei que serias tu.»

A voz perguntou:

«Estás bem? Onde está o William? Onde está ele?»

O Sr. Cameron respondeu: «Penso que está bem. Está em Alexandria.»

O John respondeu:

«Tenho andado à procura dele. Está nas Forças?»

O Sr. Cameron disse: «Oh, não, John, ele já passou dessa idade, sabes. Esteve na última Guerra.» O John disse então:

«Mary.»

O Sr. Cameron respondeu: «A Mary está do teu lado», e ele concordou:

«Eu sei, eu sei. Ela está aqui agora — bem perto de ti.»

Mas nada mais foi dito.

Arthur Lang, que foi morto na Primeira Guerra Mundial, falou de seguida com a Mãe, recordando a primeira vez que lhe falou após a sua passagem. Disse:

«Foi um encontro maravilhoso, Mãe. Na altura não compreendeste quão perto eu estava de ti.»

A Sra. Lang respondeu: «Sim, Arthur, foi maravilhoso. Lembro-me bem.»

Arthur continuou:

«Sabes a diferença que fez para o Pai. Ele está comigo agora e tem tido experiências maravilhosas aqui e viu muitas coisas. Um dia talvez te mostre.»

A Sra. Lang respondeu: «Sim, meu querido Arthur, e cada dia traz isso mais perto.»

Arthur disse:

«Agora não penses nisso, querida Mãe. Ainda tens muito que fazer, mas o nosso amor é o mesmo. Parece-me tanto tempo quando olho para trás, para os meus dias de bebé a andar aos tombos.»

A Sra. Lang respondeu: «Tenho pensado muito nesses dias, Arthur. Tens-me vindo muito ao pensamento como eras então.»

Arthur respondeu:

«Estive a impressionar-te para pensares nisso, e quero agradecer-te, minha querida Mãe, pela tua bondade para comigo ao longo de toda a vida. Eu era por vezes errático nos modos, mas sei, Mãe, que percebias que eu era sincero. Deus vos abençoe a todos, amigos. Não vos importais que eu fale com a minha Mãe. Ela é-me tão preciosa, mais preciosa agora à medida que os anos passam. Minha Mãe, estou a velar por ti.»

A Sra. Lang disse: «E quanto à Daisy (na Terra). Tens estado com ela também?» Arthur respondeu:

«Tenho estado com ela muitas vezes. Estão a começar a pensar um pouco mais sobre isto, sabes. Não está longe agora. Lembras-te dos tempos felizes que tivemos, querida? — Eras sempre tão boa para mim e para todos os meus camaradas. Nada te era trabalho.»

A Sra. Lang respondeu: «Não, querido, era sempre uma alegria — esses tempos felizes em que éramos todos jovens.»

Arthur respondeu:

«Voltaremos todos a ser jovens, minha Mãe. Todos os traços de idade desaparecerão quando eu te encontrar. Estou no meu auge agora e tu também estarás. Talvez não esteja exatamente como me conheceste, mas hás de reconhecer-me bem.»

A Sra. Lang respondeu: «Sim, Arthur, hei de reconhecer-te, e como estão todos os teus camaradas que passaram contigo?»

Arthur respondeu:

«Estão todos ocupados em tarefas especiais. Eu apenas consegui vir hoje porque há algum tempo que não te falava, e agora vou apenas dizer boa noite, minha querida Mãe.»

Outra voz disse então, muito alta e claramente:

«Aguenta, Arthur, aguenta.»

A Sra. Lang disse: «És tu, John Inch?», e ele respondeu:

«Sim, Sra. Lang, mas como soubeste que era eu?»

A Sra. Lang respondeu: «Reconheci a tua bela voz clara. Como vais, John?»

O John respondeu…

«Muito bem, Sra. Lang, e muito ocupado, e como está, Srta. Colquhoun? Parece-me conhecê-la de antigamente. É uma das resistentes que costumava vir aqui.»

A Srta. Colquhoun respondeu: «Oh, sim, Sr. Inch, mas não creio que alguma vez o tenha encontrado em carne e osso.» Ele respondeu:

«Não, mas ouvi falar de si quando costumava andar por Cowglen House, e quem é este que está a escrever ali? Bem, receio que não estejamos a dar-lhe muito que possa registar no seu apontamento.»

A Srta. Dearie disse: «Por favor, dê-me uma pequena mensagem para registar, Sr. Inch. Gostaria muito disso.»

Ele respondeu:

«Bem, minha querida, gostaria de dizer algo bonito a uma senhora a qualquer momento, sabe, mas mal sei o que dizer. Não vejo ninguém que esteja intimamente ligado a si por agora.»

A Srta. Dearie respondeu: «Se os vir, Sr. Inch, transmita-lhes o meu amor.»

Uma voz então disse:

«Jenny, é a Jenny a falar. Oh, onde está ele? Tenho andado à tua procura, Alex.»

Isto era para o Sr. Hart, e depois outra voz disse:

«Tens sido uma ajuda tão maravilhosa para mim, Alex. És o meu consolo deste lado. É a Mãe a falar. Penso que sentiste, Alex, a sensação de que eu não estava longe de ti.»

O Sr. Hart respondeu: «Obrigado, Mãe», e ela continuou:

«Falei contigo antes, Alex, mas não me ouviste. Não creio que tivesse conseguido a vibração certa.»

A voz de um homem então disse:

«É isso mesmo. Quando vos falamos, são necessárias as condições certas. Acho que o tempo tem muito a ver com as condições. Nunca consigo tão bem o contacto desta forma se está muito tempestuoso.»

A Sra. Lang disse: «Bem, estamos a ouvi-lo muito bem agora. Quer dizer-nos quem está a falar?»

Ele respondeu:

«Não pensei que me estivessem a ouvir assim tão claramente. Conheço-vos por vir ocasionalmente a estas Reuniões. Por vezes atuo como vosso porteiro, se me promoverem a essa posição.»

A Sra. Lang perguntou: «É o nosso porteiro hoje?»

Ele respondeu:

«Oh não, entrei apenas como o vento da manhã. Apenas soprei para dentro, e como está, minha querida? (dirigindo-se à Srta. Colquhoun). Não está a andar muito bem. É uma sorte, sabe, eu ser um velho escocês, que não estamos um pouco mais perto do Natal ou eu teria dito que o vinho de gengibre estava demasiado forte para si. Não faz mal, virá um dia, um dia feliz, em que toda a agitação, tristeza, tragédia e dor passarão. Em breve se alegrará, e do caos, da agitação, da tristeza, surgirá um novo mundo onde, oramos, a paz e a pureza habitarão.»

Pathfinder, um índio norte-americano, falou então:

«Sou um dos índios. Deixem que os vossos corações se voltem para as miríades de aflitos, de sofredores, que não têm o consolo da alegria que todos aqui têm nas suas almas. A alegria de saber que não existe morte. Que aqueles que

amaram estão vivos para sempre e muito perto de vós. É um pensamento tão maravilhoso que o grande Príncipe da Paz tenha tornado possível que nós, criaturas da criação, possamos aspirar a uma posição e a uma porção da Sua magnitude e da Sua grandeza.

«À medida que a tarde dos dias se aproxima, na vossa curta divisão de tempo — não quero dizer nenhum de vós numa idade particular, refiro-me à estação do ano — que possam avançar com uma renovada coragem e esperança perfeita, que não vos será negada, de que no Novo Ano, já diante de vós, a luz surgirá. Aqui fala Pathfinder.»

O Sr. Sloan disse: «Eu não teria sabido que era o Pathfinder. Ele mudou em tudo desde os velhos tempos — ainda assim, não é tão desilusão como o Whitey.»

A Sra. Lang disse: «Ora, ora, Sr. Sloan, eles evoluíram. Não sei porque razão o Whitey ainda se mantém perto de si. As coisas que o senhor diz sobre ele.»

O Sr. Sloan respondeu: «Não quis dizer nada de depreciativo, tenho a certeza, mas eles mudaram. Ainda assim, penso que o Whitey tem estado perto de mim nas últimas duas semanas. Parece-me saber que ele está aqui.»

Whitefeather falou então, dizendo:

«Oh sim, estive contigo, meu irmão. Vi-te quando estavas a polir a pequena figura que a Sra. Bowes te enviou, irmão Sloan.»

O Sr. Sloan disse: «É verdade, mas eu estava apenas a tirar o pó, Whitey. Não estava a polir.»

Whitey disse:

«Dizes que é verdade, e ainda assim dizes que eu não estou perto de ti. Onde arranjaste a outra figura? Oh sim, há outra que não compreendi muito bem do outro lado.»

O Sr. Sloan disse: «Oh sim, esse é o homenzinho com a heid (cabeça) que sai. Não sei onde a Mammy arranjou esse yin (um).»

Rimo-nos, e o Whitey disse:

«Acho que deviam tentar cantar um pouco.»

Depois comentou para alguém do outro lado:

«Não podes entrar aqui agora. Conseguirás entrar noutra altura. Apenas sê paciente e espera um pouco.»

Cantámos então o hino Count your blessings, e depois a Srta. Duff disse: «Tenho pensado tanto numa pequena amiga indiana que partiu há pouco tempo com o seu bebé. Era uma jovem tão encantadora, e ela e o bebé faleceram. Esperava que pudesse receber alguma ajuda.»

A voz de uma jovem disse então à Srta. Duff:

«Estou aqui com o meu bebé. É a Salva Singh a falar. Obrigada, oh, obrigada, por toda a tua bondade e amor para comigo.»

A Srta. Duff disse: «Deus te abençoe, minha criança.» A jovem indiana disse:

«A Salva rezará por ti. A Salva Singh amar-te-á sempre.»

A voz de um homem disse então:

«Lottie, Lottie»,

e a Srta. Anderson perguntou: «Quem está a falar, por favor?» A voz respondeu:

«Não está muito bem neste momento, pois não? Deve cuidar de si.»

A Srta. Anderson disse: «Não reconheço a sua voz.» Ele respondeu:

«Mas há vozes que não conheces e que ainda assim te conhecem, e esta voz talvez não pudesse fazer muito por ti em vida terrena, mas pode agora fazer um pouco mais para te ajudar, para te dar conselhos que espero que aceites, para cuidares de ti. Refiro-me a ti — não precisas de te preocupar com a outra, ela estará melhor do que alguma vez esteve. És tu, Lottie Anderson. Aproveita o momento e trata disso já. Sabes, madame, é sempre certo tratar das coisas a tempo. Não me consegues ver, Sr. Sloan? Estou mesmo ao teu lado.»

O Sr. Sloan disse: «Não consigo ver nenhum de vós neste momento. Eu costumava conseguir ver-vos por perto, mas agora não consigo ver-vos.»

John Campbell, um conhecido comerciante de Glasgow, interrompeu então e falou com a sua esposa, a Sra. Campbell:

«Gostaria de ter compreendido melhor isto quando estava convosco. Percebo agora que perdi muito. Se tivesse aproveitado a oportunidade de conviver com estes bons amigos teus quando estava em vida terrena, teria compreendido melhor quando cheguei a este lado. Pergunto-me se me consegues ouvir. É o John a falar contigo, minha querida.»

A Sra. Campbell respondeu: «Não reconheci a tua voz, John», e o marido continuou:

«Mas vês, minha querida, estou a falar através de um canal estranho.»

A Sra. Campbell perguntou: «É difícil para ti?», e ele respondeu:

«É muito agradável para mim. Não tenho dificuldades agora.»

A Sra. Campbell disse: «A dificuldade foi na tua passagem», e ele respondeu:

«Está tudo acabado agora, minha querida. Não vou falar disso agora. Estou perfeitamente feliz e nada confuso. Não me preocupo com os rapazes. Sei que estão em segurança, mas contigo, minha querida, nem tudo está bem. É isso que me preocupa.»

A Sra. Campbell respondeu: «Não há nada de grave comigo, querido. Estou bem. Estás feliz?»

A voz de uma senhora então falou à Sra. Campbell:

«Não te preocupes com o John. Ele ficará bem. É a Mãe dele a falar. Estou com ele neste momento. Ele fica um pouco excitado às vezes.»

O Sr. Campbell disse então…

«Isso mesmo, minha querida. Eu sinto-o quando estou a falar contigo, mas não te preocupes com os rapazes. Nós tomaremos conta deles, e há muitos deste lado que também ajudarão dessa forma.»

A sua Mãe falou novamente para a Sra. Campbell:

«Quero apenas agradecer-te, minha querida, por todo o cuidado que me deste, e pelo cuidado que tiveste com o John, e por toda a felicidade que ele recebeu através do teu amor e dedicação.»

A Sra. Campbell agradeceu-lhe, e outra voz disse então ao Sr. Nisbet, do outro lado:

«Olá. Como é que entraste, Nisbet?»

Ele respondeu:

«Não interessa como entrei. Estou aqui, e estamos todos bem.»

A Sra. Lang perguntou: «O Willie está bem, Sr. Nisbet?» e ele respondeu:

«Há muitos amigos aqui a tomar conta dele, sabes. Ele está muito bem e muito feliz. A única coisa é que não consegue encontrar uma forma de comunicar convosco da maneira que eu consigo. Há muitas pessoas aqui apenas a olhar em volta e a tentar entrar em contacto convosco.»

Uma voz de rapariga disse então:

«Srta. Dearie, o Robert está aqui. O meu nome é Rosa.»

A Srta. Dearie disse: «Obrigada, Rosa. Podes dizer-me quem é o Robert? Qual é o seu outro nome? Será o meu tio Bob?»

Rosa respondeu:

«Não sei. Apenas recebi o nome 'Robert' para te dar. O meu nome é Rosemary, e quero que digas ao velho.»

O Sr. Sloan exclamou: «De que velho é que estás a falar? Não há aqui velhos nenhuns.» Rosemary disse:

«Refiro-me certamente a ele, mas não quis aborrecê-lo. Sei que ele não é realmente velho. Está tão cheio de energia para fazer o bem. Quero pedir ao velho que envie uma bonita mensagem à Mary Stove, da parte do John Hardman. Estive com ele antes de vir para aqui. Ele levou-me a dar um belo passeio no meu país, que disse não acreditar que existisse antes de chegar a este lado da vida. Quando veio para o nosso lado da vida encontrou um mundo que não sabia que estava ali, e eu contei-lhe tudo sobre ele. Então disse-me: 'Bem, serás a minha guia e levar-me-ás alguns dias a passear, e agora acredito neste lado da vida.'»

Um de nós perguntou se era a mesma Rosemary que era Guia de um músico, o Dr. Wood, no Norte de Inglaterra. Ela disse:

«Essa é outra Rosemary, mas referes-te ao homem cantor? Conheço-o muito bem, mas o velho aqui não gostava dele.»

A Etérea, Rosemary, tinha razão, e o investigador terreno estava errado. A Rosemary do Dr. Wood é o nome da médium com quem ele se senta, e, consequentemente, não é a sua guia. Nona é o nome do espírito que controla Rosemary, a médium do Dr. Wood.

Ouviram-se novamente sons estranhos através das trombetas, desta vez como acordes musicais, chamadas de clarim ou trompete. Esses sons prolongaram-se durante algum tempo e moveram-se por toda a sala.

A voz de uma senhora falou então à Sra. Lang:

«Pergunto-me se já me reconheces melhor agora. Sou a Nona. Não consegui falar contigo naquela noite com o Dr. Wood e a Rosemary. Não consegui entrar em contacto com eles naquele momento em particular, mas é tão belo saber que eles entendem que eu estou aqui.»

A Sra. Lang disse: «A senhora Nona — estou tão contente por ouvi-la. Vai dizer-nos alguma coisa? Pode dar-nos alguma informação?» A senhora Nona respondeu:

«Não estou inclinada para isso esta noite — para dar qualquer informação musical, quero dizer. Noutro momento talvez tenha a oportunidade de o fazer.»

O Sr. Colquhoun falou então:

«Conheço a Srta. Stove, e sei que se senta no assento da janela. Aproxima-se o momento em que ela precisará de todo o apoio possível. Está a chegar o aniversário da partida do seu amigo. Há sempre tristeza nessa altura, mesmo quando se conhece esta verdade, mas se conseguissem compreender a beleza dos nossos aniversários não se sentiriam tristes por nós.

«Também se aproxima a época triste do ano para ti, Crissie Colquhoun. Lamento pelo teu tornozelo, mas vai ficar tudo bem. Tens razão no que pensas. É o Pai. A tua Mãe está bem, sabes, e lembra-te disto quando te sentires triste e pesarosa — isso repercutir-se-á na Mãe e ela quer que estejas feliz e alegre. Não te preocupes, querida, sabes que o dia feliz virá para todos vós, para todos nesta bela sala esta noite, quando atravessarem a fronteira, e então compreenderão melhor tudo isto.»

A Srta. Colquhoun disse: «A Mãe está feliz agora, não está, Pai?»

A sua Mãe falou então e disse:

«Completamente feliz, Crissie. Estou completamente feliz. Estamos juntos, o teu Pai e eu, mas não o tempo todo. Não o desejaria, pois não poderia participar em todas as atividades que o Pai aprecia e em que se envolve, mas encontrei muitos amigos aqui, pessoas que não conheci na vida terrena, mas que reivindicam parentesco comigo. Somos todos mais íntimos uns dos outros deste lado.»

A Srta. Colquhoun perguntou: «Mãe, vês alguma vez a tia Agnes?»

A sua Mãe respondeu:

«Encontro-a frequentemente. Ela está noutro lugar, mas está feliz, e estamos muitas vezes juntas.»

A Srta. Colquhoun disse: «E os rapazes? Como estão eles?»

O seu Pai respondeu à pergunta, dizendo:

«Todos a cumprir o seu dever, minha querida.»

Um dos parentes da Srta. Colquhoun em Etéria perguntou então:

«Quem vai levar uma mensagem à tia May? (na Terra). Estamos todos aqui, sabes.»

A Srta. Colquhoun disse: «Qualquer um de vós — não importa.»

O seu Pai respondeu:

«Mas de quem gostaria ela mais de receber uma mensagem?»

e a Srta. Colquhoun respondeu: «Acho que gostaria mais de receber uma mensagem do marido.»

E foi isto que o marido disse:

«O Willie está a falar — o seu Willie. Já falei contigo antes esta noite, mas não penso que me tenhas ouvido, Crissie. Diz à May que vivo das memórias de todo o amor e dos momentos maravilhosos que me deu. São memórias que nunca desvanecerão nem desaparecerão. Vamos muitas vezes dar longos passeios — é um país maravilhoso. Gostava de poder explicar-vos as paisagens dentro de paisagens que se abrem perante nós, amigo Cameron. Gosto de ti. És um homem ponderado. Pois bem, Senhor, as perspetivas e cenários deste lado da vida — não posso chamar-lhes outra coisa senão mundos diferentes — são tão vastos; mundos e mundos além de mundos, e todos a vibrar a diferentes ritmos de movimento, cada vez mais elevados, mas tudo é felicidade e alegria completa. Por vezes radiamos no convívio daqueles que conhecemos há muito tempo mas que já partiram, e passamos momentos belíssimos com eles — tal como fariam na vida terrena quando visitavam amigos, e depois regressamos novamente às nossas convivências.»

O Sr. Cameron disse: «Quando vão viver nessas vibrações mais subtis, entendo que passam pelo que poderia ser chamado de outra morte e despertam para se encontrarem numa condição mais elevada?»

A isto Willie respondeu:

«Oh não, falo de visitar esses lugares, mas voltamos sempre. Tudo é feito por radiação, por vibração, e quando vamos de visita não podemos ir sozinhos, não temos esse poder, mas amigos dessas esferas vêm buscar-nos e emprestam, ou estendem, parte do seu próprio poder para nos permitir atingir esses níveis mais elevados apenas por um breve período. Não poderíamos permanecer até alcançarmos o grau de espiritualidade que nos permita viver lá sem desconforto. Desfrutamos muito dessas visitas breves. São tão edificantes, tão belas, mas fico sempre contente por regressar ao meu próprio ambiente, onde vivo entre amigos mais sintonizados com a minha condição.»

O Sr. Cameron perguntou: «Deslocam-se, claro, num corpo semelhante ao que tinham aqui?», e recebeu a resposta:

«Certamente — semelhante em muitos aspetos, embora não exatamente igual. Caminhamos, mas há outra fase disto que gostaria de explicar. Se estamos cansados — bem, não nos cansamos aqui como vós, mas se sentimos que gostaríamos de ir para um lugar distante, basta concentrarmo-nos nesse lugar e lá estamos instantaneamente. Existe uma força pela qual podemos projetar-nos até ao destino desejado, e visitar essas diferentes colónias.»

A Srta. Dearie observou: «Mas estão realmente lá no vosso corpo espiritual?» e ele respondeu:

«Sim, estamos realmente lá no corpo. Quando evoluímos o suficiente para viver totalmente num plano mais elevado, é apenas uma transição. Quando adquirimos esse poder vamos de forma bastante natural.»

O Sr. Cameron perguntou: «Entendo que fazem sempre essa mudança num estado semelhante ao sono. Fazem a mudança sem estarem conscientes disso.»

A resposta surgiu:

«Pode ser assim. O que irei alcançar em definitivo não sei, mas estou perfeitamente contente em permanecer onde estou neste momento, e em progredir lentamente, de tempos a tempos, e sentir a visão que se abre para mim de forma tão maravilhosa. Quando atravessamos os espaços com estes mais luminosos e comunicamos com aqueles que já partiram, temos vislumbres das glórias que virão. Contudo, não ficaria satisfeito em permanecer lá. Quero voltar para os meus companheiros e para os lugares onde estou estabelecido no presente, e esperar pelos entes queridos que ainda estão do vosso lado da vida.»

A voz de uma senhora falou então mesmo diante da Srta. Dearie e disse:

«Mãe.»

A Srta. Dearie disse: «É a minha mãezinha?» Ela respondeu:

«Jeanie — é apenas a Mãe. Como te tens arranjado?»

A Srta. Dearie respondeu: «Estou bem, querida. E tu, minha querida? Conta-me algo sobre ti. Vives numa boa casa aí?»

A sua Mãe disse:

«Sim, mas não tenho estado muito na minha própria casa ultimamente. Tenho andado numa ronda de visitas — ficando em casa de pessoas diferentes — por vezes durante tanto tempo que espero não abusar da hospitalidade.»

A Srta. Dearie disse: «Tenho a certeza de que nunca farás isso, querida.»

A sua Mãe respondeu:

«Não parece, pois todos ficam tão contentes por me ver. Encontrei aqui muitas pessoas que conhecia há muito tempo e de quem quase me tinha esquecido, mas todas me reconheceram e ficam ansiosas por me ter com elas. Tenho agora um corpo maravilhoso, Jeanie. Já não estou envelhecida, sabes, e posso desfrutar de andar por aí.»

A Srta. Dearie disse: «Tenho a certeza de que sim, querida. Estás muitas vezes com a avó Hunter?»

A sua Mãe respondeu:

«Acabei de a deixar antes de vir aqui falar contigo. Vejo-a frequentemente.»

A Srta. Dearie perguntou: «E vês alguma vez o tio John, Mãe?»

A sua Mãe disse:

«Ah, o John Hunter. Sim, vejo-o, mas às vezes é um estorvo. Não digo isto contra ele, mas sabes como ele é, e eu sempre fui franca e disse o que pensava das coisas, e continuo a ser assim. Também fiz muitos amigos aqui, pessoas que nunca tinha encontrado até chegar cá — como a Sra. McRobbie e outros que conheci através destes Encontros. Mas, oh, querida, sinto muito a tua falta.»

A Srta. Dearie compreendeu bem a sua Mãe e respondeu: «E eu sinto a tua falta, minha querida — minha própria Mãe. Tens uma mensagem para o Tom, querida?»

A sua Mãe respondeu:

«O Tom não anda muito bem agora. Está preocupado com várias coisas, e com uma em particular — tu sabes ao que me refiro, Jeanie — mas vamos ajudá-lo. Dá-lhe o nosso amor.»

A Srta. Dearie disse: «Sim, querida, darei.» A sua Mãe continuou:

«Jean, encontras muitas vezes os nossos velhos amigos, os Smiths e os Palmers e outros que costumavam vir?»

A Srta. Dearie disse: «Sim, querida, vejo-os frequentemente e dir-lhes-ei que perguntaste por eles.»

A sua Mãe concordou:

«Sim, faz isso, Jeanie, e envia-lhes o meu amor.»

A Srta. Dearie perguntou então: «E como estão o Pai e a Mary? Dá-lhes o meu amor, Mãe.» Uma voz interrompeu e disse:

«Estou aqui, Jeanie — é a Mary»,

e soltou uma risadinha feliz.

A Srta. Dearie disse: «Soas feliz, querida. Estás muito feliz?»

A voz de um homem disse:

«E porque não haveria de estar? Sabes quem te está a falar agora, Jean?»

A Srta. Dearie disse: «É o Pai?» e ele respondeu:

«Claro que é o Pai. Como te tens arranjado, minha querida?»

A Srta. Dearie respondeu: «Estou muito feliz, Pai, e a arranjar-me bastante bem.»

Ele disse:

«Refiro-me à tua vida diária. Consegues gerir-te bem sozinha?»

A Srta. Dearie respondeu: «Sim, querido. Claro que às vezes sinto-me só, mas estou a gerir-me bem e, de facto, bastante feliz.»

O seu Pai continuou:

«Sabemos que estás só e estamos a tentar ajudar-te o mais que podemos. Estamos muitas vezes ao teu lado, e também ao lado do Tom. Como ouviste a Mãe dizer — o Tom anda preocupado com algo neste momento, mas estamos a ajudar, e tu diz-lhe que tudo se resolverá, que não se preocupe, ele será amparado.»

A Srta. Dearie disse: «Pai, alguma vez conheceste o Sr. Wellington?»

O seu Pai respondeu:

«Vi o Sam (correto) uma ou duas vezes e falei com ele, mas não muitas. Deus te abençoe, querida menina. Boa noite.»

Uma voz chamou então:

«Eleanor, estás aí?» (para a Sra. Potter), e depois outra voz disse:

«Mãe, sou o Bobbie. Estiveste a pensar muito em mim esta manhã, querida, e perguntavas-te o que vai acontecer a… »

(A informação dada era de tal natureza privada e pessoal que foi omitida a pedido. Tudo o que foi dito estava correto.) Bobbie continuou:

«Estás a chegar a um tempo que te faz refletir um pouco, Mãe. Agora não deves ter pensamentos tristes. Segue o conselho do velho aqui — sê alegre e feliz.»

O Sr. Sloan disse: «De que velho é que estás a falar?»

Bobbie respondeu:

«Bem, quero apenas que a Mãe pense da mesma forma sobre mim e sobre o Pai como tu pensas sobre a querida senhora que já partiu, e que fique feliz por nós estarmos aqui. Nós não estamos mortos, sabes.»

A Sra. Potter respondeu: «Eu sei disso, querido Bobbie», e ele continuou:

«Sim, mas nunca penses em nós como se estivéssemos deitados em West Kilbride atrás do muro ali. Eu nunca estive lá, querida Mãe. Vivo no teu coração e na tua memória e, quando as sombras se dissiparem e as brumas se levantarem, então iremos receber-te aqui. Tenho tanto para te mostrar, tanto para te contar, querida Mãe.»

A Sra. Potter disse: «Sim, querido, e espero que seja em breve.»

Bobbie respondeu:

«Ainda não, Mãe — não por muito tempo ainda.»

(O Bobbie voltou a dar-lhe informações privadas e pessoais que foram omitidas a pedido. Tudo o que foi dito estava correto.)

Uma nova voz, dando o nome de John Scott, prosseguiu a conversa:

«Diz-lhe para manter a mente ocupada. Todos estão melhor quando trabalham.»

O Sr. Sloan observou: «Não tenho tanta certeza disso. Pode-se abusar do trabalho.»

O Sr. Scott respondeu:

«Ah, mas és um velhote preguiçoso.»

A Sra. Sloan falou então e disse:

«Mas tu trabalhaste bem no teu tempo, Pai. Tira as mãos dos bolsos, Pai.»

A sala estava em completa escuridão. O Sr. Sloan riu-se e disse: «Estava sentado com as mãos nos bolsos das calças.»

«Pode ser assim. O que acabarei por alcançar, não sei, mas estou perfeitamente contente por permanecer onde estou no presente e progredir devagar, de tempos a tempos, e sentir a visão que se está a abrir para mim de modo tão

maravilhoso. Quando atravessamos os espaços com estes mais luminosos e comunicamos com aqueles que já partiram, temos vislumbres das glórias que hão de vir. Eu, porém, não ficaria satisfeito em ficar lá. Quero voltar para os meus próprios companheiros e para os lugares onde estou estabelecido neste momento, e esperar pelos entes queridos que ainda estão do vosso lado da vida.»

A voz de uma senhora falou então mesmo à frente da Srta. Dearie e disse:

«Mãe.»

A Srta. Dearie disse: «És a minha Mãezinha?» Ela respondeu:

«Jeanie — é só a Mãe. Como te tens arranjado?»

A Srta. Dearie respondeu: «Estou bem, querida. E tu, meu amor? Conta-me algo sobre ti. Estás a viver numa boa casa aí?»

A sua Mãe disse:

«Sim, mas não tenho visto muito a minha própria casa recentemente. Tenho andado numa ronda de visitas — ficando com pessoas diferentes — às vezes por tanto tempo que espero não ultrapassar a minha permanência.»

A Srta. Dearie disse: «Tenho a certeza de que nunca farás isso, querida.»

A sua Mãe respondeu:

«Não parece, porque todos ficam tão contentes por me ver. Encontrei aqui muitas pessoas que conhecia há muito tempo e de quem quase me tinha esquecido, mas todas me reconheceram e estão ansiosas por me ter com elas. Tenho agora um corpo maravilhoso, Jeanie. Já não estou envelhecida, sabes, e posso desfrutar de andar por aí.»

A Srta. Dearie disse: «Tenho a certeza de que sim, querida. Estás muitas vezes com a avó Hunter?»

A sua Mãe respondeu:

«Acabo de a deixar antes de vir aqui falar contigo. Vejo-a frequentemente.»

A Srta. Dearie perguntou: «Vês alguma vez o tio John, Mãe?»

A sua Mãe disse:

«Oh, o John Hunter. Sim, vejo-o, mas às vezes é um estorvo. Não quero dizer nada contra ele ao dizer isto, mas sabes como ele é, e eu sempre fui franca e disse o que pensava das coisas, e continuo a ser assim. Também fiz muitos

amigos aqui que nunca tinha conhecido até chegar — como a Sra. McRobbie e outros que conheci através do contacto com eles nestas Reuniões. Mas, oh, querida, eu sinto muito a tua falta.»

A Srta. Dearie entendeu perfeitamente a Mãe e respondeu: «E eu sinto a tua falta, minha queridinha — minha própria Mãe. Tens uma mensagem para o Tom, querida?»

A sua Mãe respondeu:

«O Tom não está muito bem agora. Anda preocupado com várias coisas, e com uma em particular — tu sabes ao que me refiro, Jeanie — mas nós vamos ajudá-lo. Dá-lhe o nosso amor.»

A Srta. Dearie disse: «Sim, querida, darei.» A sua Mãe continuou:

«Jean, encontras muitas vezes os nossos velhos amigos, os Smith e os Palmer e outros que costumavam vir?»

A Srta. Dearie disse: «Sim, querida, vejo-os bastante e dir-lhes-ei que perguntaste por eles.»

A sua Mãe concordou:

«Sim, faz isso, Jeanie, e dá-lhes o meu amor.»

A Srta. Dearie perguntou então: «E como estão o Pai e a Mary? Dá-lhes o meu amor, Mãe.» Uma voz irrompeu e disse:

«Estou aqui, Jeanie — é a Mary»,

e soltou uma risadinha tão feliz.

A Srta. Dearie disse: «Soeas feliz, querida. Estás muito feliz?»

A voz de um homem disse:

«E por que não haveria de estar? Sabes quem te está a falar agora, Jean?»

A Srta. Dearie disse: «É o Pai?» e ele respondeu:

«Claro que é o Pai. Como te tens arranjado, minha querida?»

A Srta. Dearie respondeu: «Estou muito feliz, Pai, e a sair-me bastante bem.»

Ele disse:

«Refiro-me à tua vida diária. Consegues dar-te bem sozinha?»

A Srta. Dearie respondeu: «Sim, querido. Claro que às vezes sinto-me só, mas vou-me arranjando bem e, na verdade, bastante feliz.»

O seu Pai prosseguiu:

«Sabemos que te sentes só e estamos a tentar ajudar-te quanto podemos. Muitas vezes estamos ao teu lado, e ao lado do Tom também. Como ouviste a Mãe dizer — o Tom está preocupado com algo neste momento, mas estamos a ajudar, e tu diz-lhe que tudo se resolverá, que não se preocupe, será amparado.»

A Srta. Dearie disse: «Pai, alguma vez conheceste o Sr. Wellington?»

O seu Pai respondeu:

«Vi o Sam (correto) uma ou duas vezes e falei com ele, mas não muitas. Deus te abençoe, querida rapariga. Boa noite.»

Uma voz chamou então:

«Eleanor, estás aí?» (para a Sra. Potter), e depois outra voz disse:

«Mãe, sou o Bobbie. Estiveste a pensar muito em mim esta manhã, querida, e estavas a perguntar-te o que vai acontecer a… »

(A informação que foi dada é de tal natureza privada e pessoal que foi omitida a pedido. Tudo o que foi dito estava correto.) Bobbie continuou:

«Estás a chegar àquela altura que te faz pensar um pouco, Mãe. Agora não deves ter pensamentos tristes. Segue o conselho do velho aqui — sê alegre e feliz.»

O Sr. Sloan disse: «De que velho é que estás a falar?»

Bobbie respondeu:

«Bem, quero apenas que a Mãe pense da mesma forma sobre mim e sobre o Pai como tu pensas sobre a querida senhorinha que partiu, e que fiques feliz por nós estarmos aqui. Nós não estamos mortos, sabes.»

A Sra. Potter respondeu: «Eu sei disso, querido Bobbie», e ele continuou:

«Sim, mas não penses nunca em nós como deitados em West Kilbride atrás do dique ali. Eu nunca estive lá, querida Mãe. Vivo no teu coração e na tua memória e, quando as sombras tiverem partido e os nevoeiros se tiverem dissipado, então iremos receber-te aqui. Tenho tanto para te mostrar, tanto para te contar, querida Mãe.»

A Sra. Potter disse: «Sim, querido, e espero que seja em breve.»

Bobbie respondeu:

«Ainda não, Mãe — não por muito tempo ainda.»

(O Bobbie voltou a dar-lhe algumas informações privadas e pessoais que foram omitidas a pedido. Tudo o que foi dito estava correto.)

Uma nova voz, dando o nome de John Scott, continuou a conversa:

«Diz-lhe para manter a mente ocupada. Todos ficam melhor quando estão a trabalhar.»

O Sr. Sloan observou: «Não tenho a certeza disso. Pode-se ter demasiado da labuta.»

O Sr. Scott respondeu:

«Ah, mas tu és um velhote preguiçoso.»

A Sra. Sloan falou então e disse:

«Mas tu trabalhastes bem no teu tempo, Pai. Tira as mãos dos bolsos, Pai.»

A sala estava em completa escuridão. O Sr. Sloan riu-se e disse: «Eu estava sentado com as mãos nos bolsos das calças.»

A Sra. Sloan virou-se então para a Srta. Duff:

«Estou a olhar para ti, minha querida. Fico tão feliz por te ver. Por vezes passaste-as bem difíceis, sabes. Tens um coração amoroso, e há aqui muitos corações amorosos que te vão ajudar e apoiar no teu trabalho pelos que sofrem. Sempre foste tão bondosa e atenciosa para com os outros.»

A Srta. Duff disse: «Obrigada, — querida Tammy. Por favor, recebe o meu amor em troca.»

A Sra. Sloan prosseguiu:

«Mammy Potter, ouves-me a falar contigo? Muitas vezes penso nos dias felizes que tivemos no passado»,

para ser interrompida por Bobbie Potter, que falou à Mãe com voz alta e clara:

«A Mammy Sloan quer dizer-te, Mãe, que quando pensa em todos os dias felizes na casinha, só te quer agradecer por todo o teu amor. Diz que está além dela compreender como costumavas atravessar a neve. Diz que é maravilhoso

como te arranjavas na neve, e quer agradecer-te por tudo o que fizeste.»

A Sra. Potter disse: «Não me custava nada — era sempre uma alegria fazer tudo o que pudesse pelos meus velhos amigos.»

O Sr. Sloan comentou: «Lembro-me tão bem desses dias felizes e de como o Sr. Potter era boa companhia. Como ele cantava quando costumava descer às noites de sábado. Valha-me Deus, mas era um homem feliz.»

O Sr. Potter falou-nos então:

«Não há espetáculo sem o Punch. Todos seremos felizes de novo um dia, no doce porvir. Estás aí, Eleanor? Consegues ouvir-me agora? Bem, quero apenas dizer umas palavrinhas, caso não tenha oportunidade de falar outra vez esta noite. Desejo-te todas as alegrias que a vida te possa dar nesta próxima época festiva, e envio o meu amor a… »

(Quatro nomes foram mencionados corretamente, mas foram omitidos a pedido.)

«Deus te abençoe, Daddy Sloan. Meu Deus, abriste-me completamente o caminho da vida. Se não fosse por ti, nunca teria conhecido esta verdade. Nunca hei de esquecer a noite em que o Bobbie nos falou pela primeira vez. Lembras-te, Eleanor?»

A Sra. Potter respondeu: «Sim, querido, lembro-me, mas agora tens-no ao teu lado.»

O Sr. Potter continuou:

«Sim. Estou ao lado dele agora, mas foi o meu querido velho amigo aqui quem mudou a minha visão da vida e me tornou Deus real.»

O Sr. Cameron disse: «Há muitos do teu lado, Sr. Potter, que não sabem disto?»
O Sr. Potter respondeu:

«Peço desculpa, Senhor, não creio que o conhecesse antes. Como se chama?»

O Sr. Cameron respondeu: «O meu nome é Cameron», e o Sr. Potter prosseguiu:

«Sr. Cameron, há miríades aqui que não sabem nada deste meio de comunicação. Eu próprio não soube muito sobre isso, por algum tempo do vosso lado, até perder o meu rapaz, e o meu rapaz — Eleanor, sabes o que ele significava para mim — e naquele dia, em casa da Sra. Motion, quando ouvi o meu rapaz falar-me pela primeira vez, o mundo abriu-se de novo. Por tudo isso devo graças ao meu querido velho amigo, Daddy Sloan.» (Correto.)

Outra voz disse então:

«Estás aí, Lottie querida? Queres dizer à Mãe que o Charlie está aqui e te falou? Como está o George?»

Lottie Anderson disse: «O George está no exército», e o Charlie respondeu:

«Eu sei. Ele esteve em casa recentemente e sei que lhe fizeste uma grande receção na tua casa. Vocês, duas raparigas, foram tão bondosas para com ele. Tenho estado sentado ao lado da Jean e ela está a sair-se bem, sabes. Diz à Jean que estive muitas vezes com ela desde que entrou naquele lugar médico, e quando ela sair estará com melhor saúde do que alguma vez esteve na vida. Boa noite, Charlotte Pegott Anderson. Boa noite.»

A Srta. Anderson concordou que as afirmações acima estão corretas, e então outra voz lhe falou, chamando-lhe «Lottie».

Ele disse:

«Eu sou o Willie — o teu Pai sabe que estou vivo. Ele percebe muito mais sobre este assunto desde que tem andado a ler todos os livros. Meu, ele está mesmo a 'engoli-los (absorver) de empreitada'. Sim, diz-lhe que eu disse isso. Vai diverti-lo. Veja, Senhoras e Senhores, tem sido uma ajuda tremenda para ele. Foi uma revelação para ele. Deus te abençoe, minha pequenina. Lembras-te de mim?»

Lottie disse: «Sim, lembro-me de ti, Tio», e ele continuou:

«Mas vagamente; bem, minha querida, encontrei um velho amigo teu — um amigo muito querido teu; tu conheces o Jimmie; fiz a sua amizade e ele está muito bem e sempre a pensar em ti. Daqui a algum tempo, quando o vosso percurso estiver cumprido, então irás reencontrar todos os teus velhos amigos que conheceste nos velhos tempos, e todas as faltas, todas as loucuras e esquecimentos serão apagados, e todos sereis felizes juntos. Agora, boa noite, e sê feliz, minha querida.»

A Sra. Sloan falou então com a Lottie:

«Deus te abençoe, querida. Tenta mesmo ser feliz. Tenho de te agradecer tanto, e ao teu querido Pai e à tua Mãe, por terem sido tão bondosos para com o meu querido velhote. Deus te abençoe. Não te preocupes, terei uma casa — uma linda casinha; talvez uma casinha melhor do que a antiga, e convidar-vos-ei a todos quando vierdes para este lado. Teremos uma feliz reunião no lado espiritual da vida. O vosso cuidado e bondade admiráveis para com o meu querido velhote, cada um de vós, deixam-me muito feliz. Sr. Hart, Deus o abençoe, e Sr. Cameron, gosto muito de si. Srta. Colquhoun, Deus a abençoe, e Sra. Campbell — não só vi o seu querido marido como falei com ele muitas vezes.»

A Sra. Campbell disse: «Obrigada, Mammy, diz-lhe que deve estar muito feliz», e a Mammy respondeu:

«Ele está feliz e bem-disposto e quer que tentes estar feliz também. Há muitos amigos aqui que se interessam por ti, e querem que saibas que, embora não te falem, estão perto e olharão por ti.»

A Sra. Campbell disse: «Olharão pelos três?» e a Mammy respondeu:

«Pelos três todos.»

A Sra. Campbell perguntou: «Não vem ninguém falar com a Sra. Bowes? Ninguém lhe falou ainda.»

A Sra. Bowes respondeu: «Oh, está tudo bem. Estou perfeitamente contente», e uma voz disse:

«O dia ainda não acabou. Olá, minha querida, só porque não me fiz ouvir antes, não é para pensares que não falei. Tenho estado a falar contigo, mas tu é que não estavas a receber.»

A Sra. Bowes disse: «Bem, eu ouço-te agora. És tu, querido?»

Ele respondeu:

«É o Willie (o Sr. Bowes). Não deves estar ansiosa por causa do Bill. Estou apenas a tentar fazer-te chegar uma mensagem, minha querida. Não tens tido notícias há um tempinho, pois não?»

A Sra. Bowes disse: «Se me conseguires notícias de primeira mão dele, isso será simplesmente maravilhoso.»

Passado um ou dois momentos, o Sr. Bowes disse:

«Ainda não consigo contactá-lo. Estava em terra ou no mar? Não conseguem localizá-lo.»

A Sra. Bowes disse: «Em terra, sem dúvida. Ele estava no Ceilão, a menos que tenha sido transferido.»

O Sr. Bowes disse:

«Foi para Xangai ou Yokohama?»

A Sra. Bowes respondeu: «Não creio, mas é precisamente isso que eu tenho receado.»

Outra voz, com sotaque estrangeiro, disse:

«É o Foo Choo a falar, Sra. Bowes. Ânimo, querida senhora. Sim, sim, está tudo bem, carta a seguir. Ele não está em Xangai, mas não haverá alguém que conheça lá — um amigo do seu irmão Jim?»

A Sra. Bowes disse: «Sim, Foo Choo, um amigo do meu irmão está lá com a esposa. Se conseguires aproximar-te deles, pode ajudá-los.»

Foo Choo disse:

«Fui incumbido de cuidar deles, por serem seus amigos e do seu irmão Jim. Estão prisioneiros, e, na sua solidão, falam dos velhos tempos. O Foo Choo vai desligar agora.»

Outra voz falou então:

«Esperamos ter conseguido trazer-vos um pouco mais de conhecimento da vida do nosso lado e também uma pequena bênção para vós. Não estamos em posição de vos fazer tudo o que desejaríamos, mas estamos em posição de vos abrir um pouco o caminho à frente, e o nosso desejo é que, em cada dia da vossa vida terrena, possais progredir no conhecimento da verdade — o conhecimento de que, para além destas cenas passageiras, existe a Realidade Eterna, porque, como todos sabem, chegareis ao momento da passagem, a linha de demarcação, quando direis adeus às coisas terrenas e passareis às coisas mais belas, duradouras e perenes do mundo que jaz além, onde tudo o que amais e com que sonhais estará lá, no fim da estrada.»

«Penso muitas vezes naquela que se supõe ser uma canção de comediante; é uma das mais belas expressões que ouvi. Claro que não foi o amigo que canta a canção quem a fez. Foi composta para ele, e o significado por detrás dela exprime um pensamento belo. A estrada pode ser áspera, difícil e pedregosa, mas no fim — todos aqueles que amaste, e que te amam, estarão lá "no fim da estrada". Eu lá estarei. Eu lá estarei.»

A Sra. Lang perguntou quem falava, e ele respondeu:

«John Hardman. (Amigo da Srta. Stove) Houve muitas cartas que escreveste, meu amigo Sloan, e muitas cartas te foram escritas, tributos que viverão muito para além da tua passagem do lado terreno da vida. Sim, eu sei, Sr. John C. Sloan, e agora que estou aqui deste lado sei que diferença teria sido para mim se tivesse sido apenas um pouco menos céptico na vida terrena. Vês, eu não acreditava em nada desse género. Fala Hardman. Tive de alterar todas as minhas opiniões quando cheguei aqui. É uma vida desesperançada viver na Terra sem esperança, sem perspetiva de qualquer vida além. Ainda assim, lutei, mas quanto perdi nessa luta. Sim, entrei na luz que nunca se apaga.

«Por favor, dirás à Mary que estive aqui esta noite, e que vim de propósito? Bem, talvez não seja muito galante da minha parte dizê-lo, mas vim especialmente com a esperança de lhe poder enviar uma mensagem. Se houver algo que eu possa fazer por qualquer um de vós a qualquer momento, está feito. Tive uma conversa agradável com o Pai dela no outro dia — como lhe chamais, mas eu chamo-lhe "espaço". Diz à Mary que ele vai fazer um esforço especial para tentar dar-lhe a saber que está na sua presença na passagem do ano — ela sairá bem dos seus problemas. As coisas estão agora bastante seguras.

«És tu, querida senhora (Sra. Lang), quem vai escrever à Mary? Diz-lhe que tenho muita certeza de que as coisas correrão muito melhor do que ela pensou. Não há necessidade de se preocupar em demasia — tudo ficará bem. Claro, falta-lhe alguém que a ampare. Ainda assim, isso faz sobressair o caráter e brilhará tanto mais claro depois. Ela portou-se muito bem. Diz à Mary que o Pai está satisfeito com a luta valente que travou quando as coisas estavam tão negras, e eu também me orgulho dela.»

A Sra. Lang prometeu enviar a mensagem a Mary Stove.

Outra voz falou então:

«Boa noite a todos. Eu sou o porteiro, e estou a ser chamado.»

A Sra. Lang perguntou se ele desejava encerrar, e ele disse:

«Estou apenas a avisar que vou e que agora não posso ser responsável por nada, mas estais em boas mãos — tudo deverá correr bem. Não sou um índio. Estou a olhar em volta para vós neste momento.»

A Sra. Lang perguntou: «E está satisfeito connosco?» Ele respondeu:

«Estou encantado. Espero que isso seja melhor do que "satisfeito". É isso que pretendo. Não consigo articular muito bem a vossa língua, mas "encantado" não será melhor do que a palavra "satisfeito"? Pois bem, estou encantado por ter estado no vosso convívio, e espero que o escrito que tens estado a fazer nesse papel, minha querida, dê alegria a todos os que o lerem.»

A Srta. Dearie respondeu: «Obrigada, querido amigo, penso que sou capaz de entender tudo. Por favor, ajuda-me a lembrar os bocados que eu possa esquecer?»

Ele respondeu:

«Antes de te deitares esta noite, se pensares em mim, virei e tentarei impressionar-te com quaisquer incidentes que possas ter esquecido. Muitas

vezes fico ao teu lado quando estás a escrever e tento ajudar-te. Não sentes a minha presença?»

A Srta. Dearie respondeu: «Não posso dizer que sinta, querido amigo, mas tenho a certeza de que estás aí a ajudar-me e agradeço-te muito. Podes dar-me o teu nome? Diz-me em quem hei de pensar esta noite», e ele respondeu:

«Pensa apenas em "Escriba", e eu virei.»

A Srta. Dearie disse: «Obrigada.» Ele então disse ao Sr. Hart:

«O que aconteceu ao escriba aqui deste lado? Não estás a escrever esta noite? Estás cansado, pobre velhote? Espero que entendas que estou apenas a brincar quando digo isso.»

Outra voz falou ao Sr. Hart:

«Como estás, Alex? Fala o teu tio Willie. Sabias que tinhas um tio Willie?»

O Sr. Hart disse: «Não, nunca soube disso, mas fico muito contente de falar contigo na mesma.» O tio Willie disse:

«Vim como um relâmpago ao sol, e fui-me de novo. Das perspetivas do passado entro em contacto contigo esta noite e, quando olho nos teus olhos, traço o parentesco. Através de todas as vicissitudes da vida, e foram muitas as que atravessaste, a minha mão amiga esteve sempre estendida para ti, meu caro amigo e irmão.»

O Sr. Hart respondeu: «Muito obrigado.» O tio falou de novo, dizendo:

«No dia da dúvida, no dia da ansiedade, se pensares naquele que partiu como um clarão na luz da manhã, eu virei ter contigo e tentarei trazer-te socorro; basta chamares por mim em qualquer tempo de aflição ou necessidade. Deus te abençoe. Paz para todos vós. William.»

A Sra. Lang disse ao sobrinho, o Sr. Hart, que tinham havido gémeos na família, um dos quais morrera ao nascer, e que seria esse William quem falara. Era isso que ele queria dizer com vir e ir num relâmpago.

A voz de um homem com uma gaguez muito forte falou a seguir. Não conseguimos decidir se isto era para ser entendido como uma graça, ou se era alguém que realmente gaguejara na vida terrena e agora gaguejava para poder ser reconhecido. O Sr. Sloan disse lembrar-se de um homem gago há muito tempo.

O Sr. Sloan achou que estava na hora de terminar a Reunião, dizendo: «Ora bem, amigos, foi muito fraca esta noite», ao que ouviu, em resposta, alguém dizer do outro lado:

«Quero apenas dizer — será que algum de vós encontra a solução das resmungâncias deste homem, ou melhor, eu deveria dizer, da sua capacidade de raciocínio? Tenho, contudo, a satisfação de saber que todos vós o conheceis e compreendeis as suas excentricidades. Não poderia chamar-lhe outra coisa senão "excentricidade", mas suponho que ele fez o melhor que pôde.»

O Sr. Sloan disse: «Agora estás a fazer pouco de mim?»

Outra voz recitou então os seguintes versos:

«O dia acabou, correram as suas horas,

E caem as sombras da tarde.

Ó Pai, nesta hora vespertina,

Vem abençoar-nos a todos.»

«Espírito de Amor e Paz Divina,

Aproxima-te — e do Teu Santo Santuário

Abençoa estes nossos amigos que labutam cá em baixo,

E guia-os sempre em segurança até à nossa luminosa margem.»

«Ámen, do "Chefe Índio".»

Cantámos então "Louvai a Deus, de quem todas as bênçãos procedem", e isto pôs termo a uma Sessão com provas muito evidentes.

Esta Reunião deve ter dado grande satisfação aos presentes, pois contém informação interessante e boas evidências de sobrevivência. Vários pontos surgem que serão brevemente assinalados. Antes de mais, tanto pessoas de meia-idade como idosas ficarão satisfeitas por ler o que Arthur Lang disse à Mãe sobre todos os traços de idade desaparecerem quando chegam a Etéria. Ele morreu jovem e agora está, e permanecerá, no auge. As pessoas mais velhas, quando passam para lá, regressam ao seu auge e nele permanecerão, mas isso não impedirá que sejamos reconhecidos. O nosso caráter e individualidade permanecem e todos nos sentiremos jovens de novo.

Outro ponto merece menção, a saber a afirmação de um chefe índio de que era tão triste que as pessoas da Terra tivessem tão pouco conhecimento da vida futura. John Hardman, que morreu sem esperança, disse-nos também o quanto

mais feliz teria sido a sua vida terrena se soubesse o que o esperava. O índio falou sobre:

«A alegria de saber que não há morte, e que aqueles que amaste estão vivos para sempre e muito perto de ti.»

Prosseguiu dizendo quão maravilhoso futuro está diante da humanidade, e, no entanto, quão poucos dão ao assunto um pensamento inteligente, em grande parte por ignorância.

As religiões organizadas e ortodoxas, por todo o mundo, têm crenças muito vagas acerca do outro mundo; as suas Bíblias são contraditórias e insatisfatórias, o livro sagrado cristão, por exemplo, declarando num lugar (Eclesiastes ix, 5) que a vida termina na morte, e no Apocalipse que os crentes alcançam um Céu fantástico e ficam para sempre a entoar louvores e a tocar instrumentos musicais para glória de Deus. Mas, para a grande maioria, no mundo inteiro, de todos os credos, raças e línguas, a sua crença pode exprimir-se melhor pela curta frase tão comum em todos os cemitérios cristãos: «Descansa em Paz».

Mesmo isso seria melhor do que a realização das crenças teológicas que mentes clericais enovelaram em torno do misterioso tema da morte. As doutrinas da longa espera do corpo na sepultura, da sua reanimação numa data futura incerta, do Juízo, quando alguns são destinados ao Céu e a maioria ao Inferno, e, por fim — mas pior que tudo — a condenação de todos os infantes não batizados cujos «ossos pavimentam as ruas do Inferno», são todas revoltantes e desprezíveis. As crenças religiosas ortodoxas certamente confortaram muitos, mas, por outro lado, a firme ideia de Inferno para os descrentes causou muito medo e miséria desnecessários, tendo a intolerância daí resultante sido causa de incontáveis guerras, desunião familiar e muita dor inútil.

Cada religião afirma ser a única verdadeira revelação do Céu, mas não é revelação nenhuma e não passa de especulação teológica. Deveu-se à maldição da ignorância e só após a morte é que os crentes descobriram quão desviados tinham sido conduzidos por aqueles que reivindicavam representar Deus na Terra. Assim, tanto crentes como descrentes têm ficado surpreendidos ao despertar em Etéria, ao descobrirem-se num mundo muito semelhante a este, mas mais belo, e que o seu lugar lá não foi determinado pelas suas crenças teológicas, mas por como tinham vivido na Terra e como tinham procedido para com o próximo.»

«Em vez de vivermos a nossa vida na névoa da esperança, ou no medo do desconhecido, agora conhecemos os factos da vida e da morte. A revelação chegou-nos da parte dos que foram antes, que nos dizem que não há

necessidade de temer, que a vida vale muito a pena ser vivida, algo grandioso e glorioso, mesmo para os pobres, os doentes e os indefesos. Assim é porque esta Terra é apenas o berçário da humanidade que, se quiser, pode progredir e desenvolver-se sem fim aparente, sendo as suas provações e sofrimentos aqui apenas temporários, estando cada um destinado a um futuro tão feliz e luminoso que nós, na Terra, não conseguimos imaginar tudo o que nos está reservado.

Infelizmente, a maldição da ignorância ainda abunda, e a ignorância e os interesses instalados são responsáveis por colocar todos os obstáculos no caminho do conhecimento. Se os padres cristãos, para bem das suas próprias posições, não tivessem afastado o Médium da Igreja cristã primitiva, que mundo tão diferente estaríamos a viver hoje. Se, em vez de adotarem credos e dogmas, cerimoniais e eucaristias, tivesse seguido o exemplo dos gregos e protegido os Médiuns, em vez de os destruir, quão mais feliz teria sido a era cristã.

Em vez disso, Jerónimo, no século IV, com apoio clerical, influenciou o Papa Dâmaso a expulsar os Médiuns de qualquer participação nos serviços da Igreja, e aqueles que tinham sido chamados os "Oráculos de Deus" passaram a ser conhecidos, até aos nossos dias, como os "Servos do Diabo". A ira de Jerónimo contra esses oráculos de Deus nasceu das críticas que recebeu de Etéreos em sessões, que o culparam pela sua má tradução das Escrituras, trabalho que acabara de concluir e que, como eles sabiam e nós agora sabemos, estava cheio de inexatidões e em apoio das doutrinas pagãs que a Igreja cristã adotara de outras religiões dominantes do seu tempo.

A conversa da Rosemary sobre um passeio com John Hardman por um país formoso, cuja existência ele nunca conhecera quando estava na Terra, abre vastas perspetivas para a imaginação. Ao longo destes registos, apercebemo-nos de quão natural é a vida em Etéria e de como os contactos sociais continuam. Visitam-se uns aos outros, ficam nas casas uns dos outros, sentam-se em belos relvados e estão rodeados de jardins de flores primorosas, como não conseguimos imaginar na Terra. A sua paisagem é magnífica, composta por montanhas, lagos, mares e rios, enquanto aves de bela plumagem realçam o quadro que nos pintam em palavras, de

"paisagens para além de paisagens que se abrem à nossa vista… tão vastas; mundos e mundos para além de mundos, todos a vibrar a diferentes ritmos de movimento, vibrações cada vez mais elevadas, mas tudo é felicidade e alegria completas."

Os seus corpos em Etéria são semelhantes em muitos aspetos, embora não exatamente iguais, aos que tinham na Terra, e podem tanto caminhar como deslocá-los pelo pensamento para onde quiserem, sem se cansarem como tantas vezes fazemos na Terra. Os Etéreos têm vislumbres das glórias ulteriores que com o tempo os aguardam, e os que nos falam impressionam-nos com a ideia de que vivem numa terra de beleza, de felicidade e de harmonia. O progresso pelo desenvolvimento mental é o seu objetivo e propósito de vida, embora alguns se contentem em permanecer onde estão até que os seus entes queridos na Terra se lhes juntem, quando então todos estarão reunidos. Depois, à medida que os laços com a Terra se vão quebrando, um a um, seguem viagem de um plano de pensamento para outro.

É tudo uma questão de vibrações, a mente desenvolvendo-se e, por sua vez, sintonizando o corpo para harmonizar com vibrações de substância de maior frequência. Se conseguirmos imaginar este mundo maior como um de imensa gama de vibrações, tudo pode ser compreendido. Etéria é uma vasta gama de vibrações sempre intensificadas, tal como esta Terra é também uma gama de vibrações, mas a um nível mais baixo. Assim, não estamos a ser iludidos por contos de fadas, porque tudo o que nos é dito cai dentro da órbita da lei natural que se aplica no invisível como neste mundo visível da matéria.

CAPÍTULO IX

REUNIÃO EM CASA DA SRA. LANG

GIFFNOCK, GLASGOW

Sábado, 10 de fevereiro de 1943

Presentes: SRA. CRISSIE LANG, SR. ALEXANDER HART, SRTA. ISOBEL McROBBIE, SRTA. MARJORY MILLAR, SRA. ELEANOR POTTER, SRTA. JEAN DEARIE, SRTA. ELIZABETH DUFF, SR. DONALD CAMERON, SRTA. CRISSIE COLQUHOUN, SR. JOHN SLOAN.

Abrimos a Sessão com o hino "Mais perto, meu Deus, de Ti", e enquanto o cantávamos um sininho tilintou, marcando o compasso da música. Em seguida, recitámos o "Pai-Nosso", no qual uma voz do outro lado se juntou e o repetiu connosco. Outra voz acompanhou-nos a dizer "Ámen".

Ouviram-se as trombetas a voar pela sala, e um de nós comentou: «As trombetas começaram cedo hoje.»

Uma voz do outro lado disse:

«Se as trombetas estão ocupadas, que dizer das pessoas por detrás delas?»

O Sr. Sloan observou: «Já era tempo de fazerem alguma coisa, de qualquer maneira.»

Cantámos "O Senhor é o meu Pastor", e vozes do outro lado voltaram a cantar connosco. A voz de um homem disse então:

«Boa tarde a todos. Estava a tentar cantar.»

O Sr. Sloan disse: «Não o ouvi cantar. Não ouvi nada.»

A voz disse:

«É impossível não ouvir nada, amigo Sloan.»

O Sr. Cameron perguntou: «Cantam esses salmos do vosso lado?»

A voz respondeu:

«Claro que sim — muitas vezes. Juntei-me a esse porque foi a última canção que alguma vez cantei no corpo. Lembras-te disso, Eleanor?»

(O Sr. Potter estava a falar com a esposa, mas o que continuou a dizer era privado e pessoal. Por isso foi omitido a pedido. Tudo o que disse estava correto.)

O Sr. Potter continuou:

«Ouve-me, Eleanor? Estás a melhorar agora? Não deves pensar em juntar-te a mim já, sabes. Vai ver esse médico. Foi uma ajuda extraordinária, e eu sei que ele diria: 'Vai com calma por uns tempos.' Ele vai pôr-te bem. Leva as coisas com calma, isso, boa menina.»

Outra voz disse ao Sr. Cameron:

«É também um "down hamer" (um escocês de Londres), Senhor? Vem de Londres?»

O Sr. Cameron respondeu: «Não, Senhor, a minha casa é em Glasgow, mas desço a Londres com frequência. Vou lá no próximo sábado.»

A voz respondeu:

«Vai ter um trabalho duro.»

O Sr. Cameron disse: «Não percebo exatamente isso, Sr. Potter.»

Recebeu a resposta:

«Não sou o Sr. Potter. O que quis dizer foi — vai ter um trabalho duro para conseguir lá alguma coisa. Aquilo que procura, quero dizer. Não o vai conseguir.»

O Sr. Cameron disse: «Mas eu não vou buscar. Eu vou dar.»

A voz respondeu:

«Bem-aventurados os misericordiosos, os que dão, porque lhes será devolvido a mil por um.»

O Sr. Cameron respondeu: «Não apanhou bem o meu sentido, amigo. Eu vou vender. Vou em trabalho, sabe.»

O Sr. Sloan observou: «Eu não consigo ouvir de que estão a falar», e a voz respondeu:

«Preferíamos que não me ouvisse de todo. Queremos afastá-lo.» (Em transe.)

O Sr. Sloan respondeu: «Ah, é? Pois eu não vou a lado nenhum. Gostava era que se despachassem e avançassem com o assunto.»

A voz respondeu:

«Se acha que pode fazer melhor, amigo Sloan, faça favor.»

O Sr. Sloan disse: «Peço desculpa, amigos, não foi por mal dizer, mas acho que deviam sentar-se e deixar entrar alguém que consiga fazer alguma coisa.»

Um de nós comentou: «Está tudo bem, Sr. Sloan. Talvez estejam a juntar força.» (Toda esta conversa preliminar inconsequente serve para ajudar a pôr as coisas a andar.)

O Sr. Sloan continuava pouco satisfeito, e disse: «Bem, estão a demorar muito a fazê-lo.» No entanto, manteve-se normal e não entrou em transe.

A trombeta veio até à Srta. Dearie, deu-lhe palmadinhas nas mãos, e uma voz muito agradável disse:

«Tens o teu lápis pronto?»

Um de nós comentou: «As duas trombetas continuam a andar pela sala, de qualquer forma», e recebeu a resposta:

«A n.º 1 continua. A n.º 2 está em uso.»

Ouvimos então sons como de um pássaro a assobiar, e isso prolongou-se por algum tempo. A sala estava em completa escuridão, mas, para nossa surpresa, apareceu uma luz muito brilhante numa das paredes. Era como sol a entrar por

uma grade ou persiana. Ficou ali durante grande parte da Sessão, embora por vezes esmorecesse ou desaparecesse, mas voltava sempre novamente.»

«Começámos a cantar o hino They are winging, they are winging, e o Sr. Sloan entrou de repente em transe. Levantou-se da cadeira. Era um dos Índios que o controlava, um que não falava inglês muito bem, e era difícil perceber o que dizia. Parecia ser um curador, e percorreu o círculo, apertando-nos as mãos. Perguntámos o nome, e ele disse algo como "Matouche" e "your bruder".

Quando chegou à Srta. Duff disse-lhe:

"Tu curas, eu curo, tu tens um, dois, três pacientes ao teu cuidado, um muito mau, eu ajudo-te."

A Srta. Duff disse que era assim, e agradeceu-lhe. Depois de ter falado com a Srta. Dearie e com a Sra. Potter, que estava sentada ao lado dela, disse de repente:

"O irmão tem de ir. Não posso segurá-lo por muito tempo. Voltar à cadeira."

A Srta. Colquhoun ajudou o Sr. Sloan a sentar-se, e então ele saiu do transe e perguntou: «O que se passa? O que aconteceu?»

A Srta. Colquhoun disse: «Está tudo bem, Sr. Sloan. Esteve apenas a dormir um bocadinho, só isso.»

A voz de uma senhora disse à Sra. Potter:

«Minha querida Eleanor, ouves-me? Diz a…»

(O nome correto foi dado, mas tanto ele como a mensagem, que foi compreendida, são omitidos a pedido.)

A voz de um homem disse ao Sr. Hart:

«Olá, Sandy. Parece a minha voz? É o Pai. Como estás, Crissie?» (para a Sra. Lang).

A Sra. Lang disse: «É o tio Hart que fala? Fico muito contente por ter vindo falar ao Alex (Sandy). Ele recebe tão poucos amigos a falar-lhe.»

O Sr. Hart, Sén., respondeu:

«É por isso que fiz um esforço para chegar até ele esta noite. Não é, contudo, um esforço da minha parte. É apenas o esforço para conseguir uma condição que me permita falar-vos. E como estás a sair-te, Sandy? Quero dizer — como te trata o mundo hoje?»

O filho respondeu: «Oh, bastante bem, Pai, obrigado.»

O Sr. Hart, Sén., disse:

«Certamente não estás satisfeito com a vida neste momento, nas condições atuais.»

O filho respondeu: «Bem, temos apenas de tirar o melhor partido disso.»

O Sr. Hart, Sén., prosseguiu:

«Não demorará muito até que voltes a estar bem. A tragédia é que haverá tanto sacrifício antes disso. Observamos com o coração a sangrar o que acontece no vosso mundo hoje. Bem, sabes o que quero dizer, Sandy. Não consigo de modo algum explicar porque isto deve ser assim.»

Outra voz disse:

«Olá, Sandy, fala o Jimmie.»

O Sr. Hart disse: «Qual é o teu apelido? Conheço muitos Jimmies.»

A voz respondeu:

«James, Jimmie Fergie. Estive na tua turma.»

A trombeta tocou então na Srta. Dearie, e Jimmie Fergie, estando algo fora do seu elemento natural, falou ao acaso:

«Estás a escrever. Diz apenas às pessoas quanto as amo, se quiserem ver na tua cópia.»

O Sr. Sloan disse: «Isto é terrível — só uma série de disparates (blethers). Não conseguem trazer alguém que conheçamos?»

A voz de um homem respondeu:

«O que conseguem fazer dele afinal? É o homem mais impaciente que conheço.»

A Srta. Duff perguntou: «Posso perguntar se está alguém de pé no meio da sala? Tenho a impressão de uma presença ali, muito calma e reconfortante.»

A voz de um homem respondeu:

«Muito obrigado por me ter dado esse pensamento. Tento trazer paz, harmonia e amor a todas as pessoas, e recebo a vibração muito melhor quando venho para o meio do vosso convívio. Sr. Cameron, o seu irmão Jim está aqui a querer falar-lhe.»

O Sr. Cameron respondeu: «Não tenho irmão chamado Jim. O irmão da minha esposa chamava-se Jim.»

A voz respondeu:

«Ele será também o seu irmão, embora seja irmão da sua esposa.»

Mas as coisas não se esclareceram, as vibrações não estavam certas, e então a voz de uma senhora disse:

«Minha querida amiga, Srta. Dearie. Estou tão contente por a ver.»

A Srta. Dearie perguntou quem falava, e ela respondeu:

«Mammy, Mammy Sloan. Toda a gente me conhece aqui. Já tens a minha fotografia.»

A Srta. Dearie disse: «Sim, querida Mammy, tenho, e estou tão contente por a ter. Vou tratá-la com muito cuidado.» A Sra. Sloan respondeu:

«Obrigada. Sei que sim.»

O Sr. Sloan disse: «Não os podes abanar um pouco, Mammy? As coisas vão muito devagar hoje.» A Mammy respondeu:

«Preferia abanar-te a ti, querido Daddy. Não deves ser tão impaciente, mas ele não anda bem, Srta. Colquhoun, e não o quero aqui deste lado já.»

A Srta. Colquhoun disse: «Ele está a descuidar-se, Mammy; não está a alimentar-se.»

A Sra. Sloan respondeu:

«Está tudo bem. Não lhe fará mal enquanto não tiver fome. Muito obrigada por cuidares dele. És uma boa amiga, e tu também, Sra. Lang.»

E a Mammy deu alguns beijos.

Alguém comentou: «Se estivesse de volta à sua casinha, Mammy, podia cuidar dele.» Ela respondeu:

«A casinha já não me atrai, nem a região. Está tudo mudado. Já nada há de interessante ali, nada nos pomares, e nunca vou ao cemitério, por isso não deixes o Daddy ir lá. Nunca lá vou, a não ser quando tu vais, Sra. Potter.»

A Sra. Potter disse: «É apenas o Jardim da Memória.» (O que se seguiu é demasiado privado e pessoal para publicar. Tudo o que foi dito estava correto, mas é omitido a pedido.) Um parente da Sra. Potter fez então uma observação

humorística sobre o que acabara de ser dito. O Sr. Cameron riu-se e disse: «O seu sentido de humor continua bom, Senhor.»

Ele respondeu:

«Obrigado, Senhor. Sim, tinha e ainda tenho um bom sentido de humor.»

Outra voz disse:

«Na verdade, não era metade tão bom como o meu, sabe. É o Brian a falar.»

Brian é amigo da Sra. Potter, mas evidentemente perdeu o contacto e não conseguiu continuar a vibrar na atmosfera terrena.

Outra voz conseguiu então passar e disse:

«Fala o Tom — e como estás, Crissie?»

(Sra. Lang).

O irmão dela era o orador, e dirigiu-se ao Sr. Sloan:

«Bem, amigo Sloan, a última vez que lhe falei foi na gangway — bem, quero dizer, na escada, a descer para o salão no Letitia.»

A Sra. Lang disse: «Vieram ambos no Letitia da América.»

«Lembra-se de que partilhei a minha bebida consigo, mas talvez não a tivesse achado muito boa?»

O Sr. Sloan respondeu: «Foi muito, muito boa», e a Sra. Lang disse:

«Como vão as coisas contigo, Tom?» Ele respondeu:

«Lindamente. Se tudo estiver bem em casa, nós estaremos bem.»

A Sra. Lang disse: «Sabes que o Leslie (um prisioneiro de guerra) foi libertado?»

«Ele concordou:

"Sim, eu sei, porque dei-lhe uma pequena ajuda lá."

A Sra. Lang disse: "É uma coisa boa porque ele não estava nada bem. No entanto, agora está melhor e está colocado em casa, aqui em Glasgow."

Tom, o irmão dela, respondeu:

"Fico contente com isso. Digam-lhes que falei e enviei o meu amor."

Um homem com voz alta e clara começou a cantar:

“Sailing, sailing, over the bounding waves”, e cantou um verso e o refrão até ao fim. Rimo-nos, e a Srta. Colquhoun perguntou: “És tu, Pai?”, e ele respondeu:

“Sou mesmo eu, Crissie”,

e começou a cantar outra vez:

“Sailing, sailing, over the bounding waves, mas não consigo cantar.”

Todos nos juntámos e cantámos a canção com ele, e quando terminámos outra voz exclamou:

“Olá, Sandy. Olá, como estás, Sandy?”

O Sr. Hart perguntou quem falava, mas não obteve resposta.

O Sr. Sloan disse: “Vá em frente e faça alguma coisa.” A Sra. Sloan falou e disse:

“É difícil conseguir passar hoje. Há tantas almas ansiosas a tentar entrar para falar convosco. Sabem o que quero dizer.”

A Srta. Colquhoun perguntou: “Não há porteiro hoje, Sra. Sloan, para deixar entrar apenas os nossos amigos e familiares?”, e ela respondeu:

“Não vejo ninguém neste momento.”

A Srta. Duff começou a cantar There are lonely souls to cherish, as the days go by, e depois todos cantámos O send Thy Light forth and Thy Truth. O sininho que tínhamos ouvido mais cedo marcou o compasso da música durante todo o tempo em que cantámos.

A voz de um homem falou então:

“Estou a trabalhar em vosso favor, amigo Sloan, muito mais do que imaginas. Temos todos muito por que agradecer, muito mais do que se pensa, tanto no plano físico como quando passardes para aqui. Reconhecereis então que tudo o que digo é verdade.”

O Sr. Sloan respondeu: “Eu ficaria suficientemente agradecido se fizesse alguma coisa. É só o que peço.” A voz respondeu:

“Mas não pedes num tom de voz muito simpático.”

O Sr. Sloan disse: “Bem, amigo, detesto Reuniões que se arrastam, e se arrastam, e nada acontece.”

A voz disse muito suavemente:

"Está alguém a queixar-se, amigo Sloan?" E o Sr. Sloan respondeu: "Bem, estou eu."

A Sra. Lang disse: "Ele é demasiado impaciente. Devia dar-lhe uma lição."

A voz respondeu:

"Bem, poderia dar-lhe uma lição muito dura, mas não creio que servisse de nada. Seria, como dizem aqui, simplesmente entrar por um ouvido e sair pelo outro. Ele está tão ansioso que as coisas aconteçam que não tem paciência nenhuma. Entendem o que quero dizer, Senhoras e Senhores. Não preciso de vos dizer 'não liguem a ele', mas digo 'deixem-no ir falando'."

A voz de uma senhora falou à Srta. Colquhoun, dizendo:

"Consegues ouvir-me, Crissie? É a Mãe que fala. Minha querida, como estás? Estou de pé ao lado do Sr. Sloan e tão feliz por estar perto de ti. Vou chamar o Pai para vir falar contigo."

O Pai da Srta. Colquhoun disse então:

"Olá, Chris. Como estás? Estive a cantar A sailor's life is full and free. Ouviste-me bem?"

A Srta. Colquhoun disse: "Sim, de facto, Pai, todos o ouvimos muito claramente."

Outra voz disse:

"Fala o Archie."

A Srta. Colquhoun disse ao irmão: "Ora, Archie, isto é uma reunião de família", e ele respondeu:

"E por que não haveria de ser uma reunião? Gostava de vos dar uma reunião a todos se tivesse o poder de o fazer."

Uma nova voz disse então:

"Sou o Bob Telfer."

Perguntámos se conhecia alguém no grupo, e ele respondeu:

"Não, não conheço nenhum de vocês aqui."

O Sr. Sloan disse: "Se não nos conhece, para que entra então?"

Ele respondeu:

"Meu amigo, não estou a entrar. Já cá estou. Sr. Cameron, não o conheço, mas ouvi-o falar e os outros chamarem-lhe Sr. Cameron. Pensei que gostaria de ter uma conversa consigo."

O Sr. Cameron respondeu: "Muito prazer, Senhor. Conte-nos algo sobre si."

O Sr. Telfer respondeu:

"Não farei nada disso."

Rimo-nos, e o Sr. Cameron disse: "Bem, conte-nos algo sobre o seu ambiente. Pelo que percebo, não há limites para o seu ambiente."

O Sr. Telfer respondeu:

"Acertou em cheio, Senhor, de acordo com o que estou a aprender aqui. Claro que ainda não avancei muito e não tenho muita experiência.

O Sr. Cameron disse: "Bem, diga-nos exatamente, tanto quanto consegue, como é aí desse lado?" Ele respondeu:

"Bem, foi uma desilusão para mim quando cheguei, porque estive muito tempo no lado espiritual da vida antes de perceber que estava realmente fora do corpo. Os ambientes eram tão semelhantes aos ambientes terrenos, e não tinha sido ensinado a esperar isso. Depois pensei que estaria com os meus velhos amigos de quem tanto gostava, e não estava. A coisa mais notável foi que havia algumas pessoas de quem não tinha gostado muito na vida terrena que eram os meus melhores amigos deste lado. Sabem, eu queria estar ao lado da minha querida Mãe, mas descobri que tinha um longo caminho a percorrer antes de poder fazê-lo. Ela veio falar comigo. Foi a primeira a saudar-me quando cheguei aqui, mas não pude ir com ela."

O Sr. Cameron disse: "Não o compreendo bem aí, Senhor. Tinha entendido que podia estar com aqueles que amava imediatamente após passar, desde que tivesse vivido uma vida digna deste lado."

Ele respondeu:

"Não foi essa a minha experiência. Estou a contar-vos, claro, as minhas primeiras experiências deste lado da vida. Progredi bastante desde então e agora estou muitas vezes com a minha Mãe, embora não tenha avançado o suficiente para estar sempre com ela. Estou muito com o meu Pai também. É um país maravilhoso aquele em que vivo agora."

Evidentemente teria dito mais, mas perdeu o contacto com a nossa atmosfera.

Então a voz de uma senhora falou:

"Jeanie, sou a Jeanie Dearie,"

e a trombeta veio sobre a cabeça da Srta. Dearie e deu-lhe pancadinhas por toda a cabeça e rosto. Ela perguntou: "És tu, Mary?", mas tudo o que a voz disse foi:

"Estou à procura da minha irmã."

A Srta. Dearie teve a certeza absoluta de que era a Mary, sua irmã, embora a mensagem fosse um pouco confusa. A voz de um homem disse então:

"Robert Dearie,"

e a trombeta tocou de novo na Srta. Dearie. Ela perguntou: "Quem é?", e ele respondeu:

"Avô."

Ela disse: "Oh, és o meu Avô?", e ele respondeu:

«"Não, não o teu Avô, minha querida, o Avô do teu Pai. Viajei muito nas esferas da vida espiritual."

A Srta. Dearie disse: "Fico muito contente que tenhas vindo falar comigo. Encontraste o meu Pai, e estás alguma vez com ele?"

Ele respondeu:

"Certamente; vejo-o frequentemente, embora não vivamos no mesmo país, por assim dizer. Estamos em planos diferentes."

A Srta. Dearie disse: "Compreendo isso, Avô. Estarás muito mais avançado do que o Pai está agora."

Ele respondeu:

"Posso estar mais avançado agora, mas estava mais atrasado do que ele quando comecei. Ambos estamos em belos ambientes, mas diferentes. Tenho muito que agradecer a Deus, especialmente àqueles que me ajudaram quando aqui cheguei, porque não tinha a certeza, amigos, Senhoras e Senhores, de para onde ia. É uma terra maravilhosa em que vivo.

"A maioria das pessoas que chegam ao lado espiritual da vida espera estar sempre nos mesmos ambientes daqueles que amaram na Terra. Isso é, de facto, assim em muitos casos. Tudo depende de quão espiritualmente são afins uns dos outros, mas muitas vezes aqueles que amámos profundamente estão demasiado avançados para podermos alcançá-los. Eles podem certamente estar

connosco, mas não nos podem levar com eles. Temos apenas de esperar um pouco até atingirmos a condição que nos permita viajar e compreender os ambientes para onde vamos. Deus vos abençoe."

Outra voz disse:

"Fala o Jimmie — Jimmie Cameron." O Sr. Cameron perguntou: "És parente meu?", e a Srta. Millar disse:

"Eu conheço um Jimmie Cameron — amigo do meu Pai."

A voz disse:

"Claro, sou amigo do Jimmie Millar. Só vim dizer 'O meu amor para ti, minha querida'."

Uma senhora falou então à Srta. Colquhoun, e disse: "Crissie, não gosto de ver o teu cabelo a ficar grisalho. O que fizeste com aquele quadro meu?"

A Srta. Colquhoun disse: "Ora, é a Avó. O quadro está na parede da minha sala, querida." A Avó respondeu:

"Não o vi, e queria mostrar a alguns dos meus amigos aqui que belo retrato tinhas feito de mim. Estou a ficar cada vez mais perto de ti, Crissie. Agora, Senhoras e Senhores, não vos tomo mais tempo."

Algumas páginas atrás foi registado o que disse Bob Telfer. Evidentemente tinha mais a dizer, pois voltou e falou à Sra. Lang com voz clara e distinta:

"Boa noite, Sra. Lang. Acrescentei muito ao meu conhecimento do lado espiritual da vida através dos ensinamentos valiosos que recebi do vosso querido rapaz. Vou muitas vezes ouvi-lo falar quando faz palestras. Estou a exprimir-me bem, Sr. Hart? Não sei como teria compreendido tão bem as coisas se não tivesse ouvido alguém como o Sr. Arthur, e outros como ele, a explicar-me as questões quando aqui cheguei, e, valha-me Deus, todos vós também precisareis de ajuda quando chegardes aqui, embora, com o conhecimento que já tendes, compreendê-lo-eis muito melhor do que eu.

"Quando aqui cheguei, não era o que esperava. Pensei que iria diretamente para o Reino dos Céus, e fiquei desiludido, mas descobri que estava imediatamente no Reino dos Amigos. Estou apenas a falar da minha própria experiência, lembrem-se. Fui apenas um homem vulgar na minha vida terrena, e não pensava quase nada na vida futura, e quando aqui cheguei esperava ter todos aqueles que amara sempre ao meu lado, mas isso não aconteceu.

“Gostava que pudessem ver o belo lar onde moro, muito superior a tudo o que conheci na vida terrena, Sr. Cameron. Tinha uma posição humilde na vida terrena, mas o Bom Pai, como me disseram, preparara este lugar para mim, que alcancei em pouco tempo. Ouvi pacientemente tudo o que os grandes mestres tinham a dizer no Auditório, e encontrei o caminho, o trilho que levava à minha bela casa no lado espiritual da vida. É exatamente o lugar que teria desejado se o tivesse escolhido para mim.”

O Sr. Cameron disse: “Percebo que constroem o vosso lar pelas obras feitas no corpo?”

O Sr. Telfer respondeu:

“Sim, estava a tentar explicar-lhe isso. Qualquer pequeno bem que tenha feito na vida terrena e que me tivesse custado algum sacrifício tornou a minha casa, a minha bela casa, ainda mais bela, e qualquer pensamento bondoso que tivesse, qualquer ação bondosa que realizasse, tudo contribuiu para o embelezamento do meu Paraíso de Paz, o meu lar, o meu jardim, em toda a sua beleza, e as flores de que gosto de cuidar, como fazia na vida terrena. Elas crescem das pequenas plantas até à plena frutificação de toda a sua beleza e fragrância, e depois simplesmente desaparecem e outras crescem no seu lugar. Não há decadência; não há esforço na jardinagem. Tenho um lar maravilhoso e vim apenas contar-vos sobre a minha casa e o meu jardim.”

O Sr. Cameron disse: “Percebo que podeis estar com os amigos que amais imediatamente ao chegar — aqueles que amaram aqui podem estar convosco sempre?”

O Sr. Telfer respondeu, continuando o seu interessante discurso com estas palavras:

“Sim, se estiverem na mesma vibração espiritual, é assim. Se não, eles podem estar muitas vezes convosco, mas não podeis viver nos seus ambientes. Há aqui o que chamamos uma ‘classificação’. Estais imediatamente entre os amigos que sois dignos de ter convosco. Se tiverdes vivido uma vida boa e digna na Terra, ides imediatamente para uma condição compatível com a vida que levaste. Não serias feliz se estivesses numa condição para a qual não estavas sintonizado. Pode-se mudar de casa no mundo antigo, conforme os gostos e posição, mas aqui existe um método diferente, onde só podes ir para o lugar e condição que alcançaste espiritualmente.

“Quando aqui chegas, encontras-te possuidor de um corpo — quase uma réplica do que deixaste para trás, apenas com aparência mais jovem, embora não

imediatamente. Estive a descansar, como me disseram, durante bastante tempo quando aqui cheguei e, quando esse período de descanso terminou, descobri que tinha recuperado a juventude perdida, mas, como já disse, o que me preocupava era não poder ir imediatamente com aqueles que amava."

O Sr. Cameron disse: "Sim, compreendo isso perfeitamente", e o Sr. Telfer, lembrando o que dissera na sua primeira intervenção mais cedo na sessão, corrigiu diretamente o Sr. Cameron e lembrou-lhe a sua inconsistência:

"Mas disse-me há pouco que não me acompanhava. Estamos sempre dispostos a ajudá-lo, irmão Cameron, mas nem todos podem entrar nos ambientes daqueles que estão à sua frente. Compreenderá tudo muito melhor quando aqui chegar."

O Sr. Cameron perguntou quem falava, e a Sra. Lang perguntou: "É ainda o Sr. Telfer que fala?"

Ele respondeu:

"Sim, é o Telfer."

A Sra. Lang perguntou: "Está há muito no mundo espiritual?"

Ele respondeu:

"Não poderia dizer-lhe exatamente. É difícil calcular o tempo aqui, mas foi antes do vosso tempo. Vivi em Montrose. Sr. Cameron, penso que boas notícias estão a chegar para todos no mundo em breve. Claro que haverá corações tristes antes que isso aconteça, mas acontecerá rapidamente agora. O que tanto nos entristece aqui é ver os jovens, os nobres e os bons conduzidos para este lado da vida justamente quando teriam sido de tanta ajuda à humanidade. Sabem o que quero dizer. No entanto, eles ainda assim reagirão e influenciar-vos-ão deste lado quando aqui chegarem. Vou-me embora agora, bom dia."

A Srta. Duff começou a cantar: There comes to my heart the one sweet strain — Sweet Peace — the gift of God's Love.

A voz de uma senhora disse então:

"Mary (Mãe da Srta. Duff), minha querida menina; é a Mãe. Minha querida menina, consegues ouvir-me?"

A Srta. Duff respondeu: "Minha querida Mãe, consigo ouvir-te muito bem. Não te ouvia há muito tempo, querida."

A Mãe disse:

“Falo-te muitas vezes mas tu não me ouves. Está tudo bem. Vou mostrar-te a minha luz.”

Uma luz belíssima brilhou diante da Srta. Duff, e ela disse: “Oh, minha querida Mãe, consigo vê-la. Oh, muito, muito obrigada.”

A voz de um homem disse então à Srta. Duff:

“Deixaste a velha casa? É o Avô.

Sim, sim, sim, estou aqui. É o Avô Duff e mais ninguém, e não sou um ‘parvo’ como poderias pensar. Diziam que eu era um pouco excêntrico, e talvez fosse. Ouviste a tua Mãe a falar?”

A Srta. Duff respondeu: “Oh sim, e vi a luz dela, e estou tão contente.”

Durante o silêncio que se seguiu, a Srta. Duff comentou connosco: “Não reconheci a voz do Avô: é apenas a segunda vez que ele me falou.”

O Avô falou de novo, dizendo:

“E como pensavas que eu falaria, minha querida? Eu era sempre muito carregado na fala (gie broad), mas pode-se ser carregado e refinado ao mesmo tempo. Bom dia, minha querida.”

A luz na parede atrás de nós, já mencionada, tornou-se muito brilhante e perguntámos se alguém nos poderia dizer o que significava. Era como o sol a brilhar através de estores venezianos.

Uma voz disse:

«“Estamos apenas a olhar através destes espaços para todos vós aqui. Há muitos nos arredores, e trouxe-os para vos verem, e verem se conseguiam encontrar alguns amigos no pequeno grupo que aqui está sentado.”

Um de nós comentou: “É como se estivéssemos a olhar para um belo pôr do sol”, e recebeu como resposta:

“É exatamente isso. A nossa luz foi suavizada para se adaptar aos vossos olhos até se habituarem aos ambientes em que estamos.”

A trombeta veio para o colo da Srta. Dearie, depois deu-lhe pancadinhas na cabeça e no rosto, uma voz dizendo:

“Poderei eu esquecer? — ah não,

Pois a amorosa corrente da memória

Prendeu o meu coração ao que ficou em baixo,

Até nos encontrarmos e beijarmos de novo."

"Estas palavras são para ti, Srta. Dearie. Eu vivo na luz do amor de Deus; a Sua claridade toca a minha fronte; o meu coração liga-se em amor ao teu coração. É a rapariga índia a falar para a Dearie. Estou na vida espiritual há muito tempo, mas ainda tenho alguns amigos na terra feliz que amo."

"Poderei eu esquecer? — ah não,

Pois a dourada corrente da memória

Unira os nossos corações num vínculo de amor,

Até nos encontrarmos e beijarmos de novo."

A Mãe da Srta. McRobbie falou em seguida, e disse:

"Isobel — é a Mamã a falar. Conheces todos os meus amigos. Lembra-te de mim a todos eles, Isobel, e todo o meu amor para ti, querida."

A Srta. McRobbie prometeu fazê-lo e agradeceu à Mãe, que não pôde dizer mais nada porque a voz de um homem comentou:

"Estou à procura de alguém",

e a trombeta tocou na Srta. Duff. Ela perguntou quem falava, e ele respondeu:

"Estou aqui ao lado de amigos. Fui interno hospitalar. Lembras-te de mim?"

A Srta. Duff perguntou: "No Rotten Row?", e ele respondeu:

"Sim. Como estão a sair-se aí?" A Srta. Duff respondeu: "Estamos muito, muito ocupados, amigo. Muito obrigada por ter vindo. Pode ajudar-nos?"

Ele respondeu:

"Esse foi o meu objetivo ao vir falar contigo aqui. Fazemos o melhor que podemos por vós. Sei como é difícil com as condições em que trabalham agora, e sei como é difícil — bem, como direi? — aguentar tudo sem resmungar."

A Srta. Duff perguntou: "É possível eu saber o seu nome ou isso não ajudaria?"

O orador perdeu a vibração certa e ela não obteve resposta, mas outra voz disse:

"David",

e a Srta. Duff perguntou: "És tu, Pai?" Ele respondeu:

"É o Pai que fala. Esse será sempre o nome do teu Pai. Eu era um bocadinho rabugento e teimoso nos velhos tempos."

A Srta. Duff disse: "Oh não, querido Pai", e ele respondeu:

"Bem, embora nem sempre víssemos as coisas da mesma maneira, costumava gostar das nossas divergências de opinião."

A Srta. Duff comentou: "Sabes que te amo, Pai", e ele respondeu:

"Nunca duvidei disso, minha querida filha."

Uma nova voz irrompeu na conversa:

"O amor é algo que fica marcado no coração da humanidade e nunca pode ser erradicado. Vive por toda a eternidade, nunca morre, o amor que está no coração de uns pelos outros brilha cada vez mais. O Chefe Índio fala convosco, pois pode explicar isso."

A Srta. Millar comentou: "Foi uma mensagem muito bonita", e o Índio disse:

"O que disseste, pequena senhora? É tão satisfatório para mim ouvir-te falar assim ao Chefe Índio. O Chefe Índio gostaria de colocar esta pequena mensagem de forma tão clara diante do teu entendimento que soubesses e compreendesses tudo o que quero dizer. Há um pequeno episódio na tua vida ao qual te agarras com fervor, um pensamento que gostarias de ver amadurecido. O Chefe Índio diz-te que, se tiveres paciência, tudo ficará bem. Sabes o que quero dizer. Tem sido um caminho escuro de percorrer, mas estás mais perto da meta onde alcançarás o objeto do teu desejo, que te trará muita alegria."

A Srta. Duff perguntou: "Ainda está aí, Chefe Índio? Poderia dar o meu amor à minha pequena amiga índia e ao seu bebé?"

O Índio respondeu:

"Será registado para ti. Deus vos abençoe a todos por me darem o vosso ouvido, o ouvido atento da compreensão, e o Chefe Índio gostaria de dizer à senhoria (Sra. Lang) que há uma mensagem que lhe dará prazer transmitir à senhora — a Sra. Bowes — 'Está tudo bem'. Tudo o que podemos dizer por agora é — tudo será cuidado por ela. Refiro-me aos rapazes."

A Sra. Lang agradeceu-lhe e prometeu transmitir a mensagem.

John Campbell, a falar do outro lado, também tinha notícias que desejava fazer chegar à esposa:

"Fala John Campbell, Sra. Lang. Estou tão feliz, tão contente por poder, com clara perceção, dizer-lhe que sei do que falo. Ambos os rapazes estão bem. Diga à minha esposa que receberá notícias do Ralph em breve, e que o Peter também

está bem. Sabe, Sra. Lang, não era preciso muito para me agradar. Sempre fui um tipo contente."

Os nomes dos filhos da Sra. Campbell estão corretos, e a Sra. Lang prometeu transmitir a mensagem.

Então um de nós na Terra perguntou quando o Sr. Campbell tinha partido, e ele respondeu de imediato:

"Penso que foi a 21 de outubro de 1942."

A voz de um homem perguntou então:

"Tem alguma fotografia especial no bolso neste momento, Sr. Cameron?"

O Sr. Cameron respondeu: "Sim, tenho." A voz perguntou:

"Porque a colocou nessa posição em particular? O resultado foi alcançado? Obteve satisfação?"

O Sr. Cameron respondeu: "Não percebo bem, Senhor. É simplesmente uma fotografia da minha esposa e do meu neto que está há algum tempo na minha carteira."

A voz disse:

"Sim, verifiquei a fotografia e olhei dentro da sua carteira."

A voz de uma senhora exclamou então:

"Donald, Donald, é a Mary. Consegues ouvir-me?" O Sr. Cameron respondeu: "Sim, querida." A Sra. Cameron assegurou-lhe:

"És mais doce para mim do que nunca",

e o Sr. Cameron respondeu: "E tu és igualmente para mim." A Sra. Cameron continuou:

"Eu sei, Don. Somos almas gémeas em muitas coisas. Sabes o que quero dizer, e o grande mistério da vida é — tive de te deixar mais cedo do que gostaria. Foste tão corajoso, Donald, e tens sido tão bom para os que ficaram ao teu cuidado. Houve algumas coisinhas que te preocuparam, mas estou sempre a ajudar-te, Donald. Adeus. No fim do caminho, meu querido, quando o bom Espírito Deus te chamar para casa, a Mary estará à tua espera."

O Sr. Cameron respondeu: "Obrigado, minha querida." (O Sr. Cameron juntou-se à esposa cerca de dois anos mais tarde.)

Um homem com acentuado sotaque americano falou então em voz muito alta:

"É John B. Arrol que fala. John Benjamin Arrol."

Perguntámos se conhecia alguém aqui, e ele respondeu:

"Não, mas vi a luz e entrei. Só queria falar convosco. Como estão a sair-se? Não tenho estado convosco há muito tempo."

A Sra. Lang perguntou: "Esteve cá antes?", e ele respondeu:

"Claro, mas não há algum tempo. Bem, de que se ri, menina?" (para a Srta. Millar).

A Srta. Millar respondeu: "Foi apenas pela diferença na voz — a diferença entre a sua voz americana e as outras."

Ele respondeu:

"Tenho voz americana, mas não sou americano, e ainda digo: 'Mantenham-se afastados de Nova Iorque. Não é um bom lugar. Fiquem longe de Coney City, minha querida.'"

O Sr. Sloan disse: "Não há nada de errado com Coney City. Eu estive lá e não passa de um parque de diversões."

«Ele respondeu:
"Claro que sim, e acertou logo — um parque de diversões."

O Sr. Sloan perguntou: "Para que entrou aqui se não conhece ninguém?"

A Sra. Potter observou: "Pergunto-me se ele terá alguma relação com os Arrol deste país. O meu marido conheceu o Sir William Arrol."

Ele respondeu:
"Sou irmão do Sir William Arrol. Pois claro, é isso mesmo. Sou o John Benjamin Arrol, e fui para os Estados, onde passei a maior parte da minha vida. Estamos a trabalhar juntos agora — os dois irmãos."

Investigações posteriores confirmaram tudo o que Arrol dissera.

Um Índio americano falou então:
"Está tudo bem, Sra. Lang. Sei no que está a pensar; que a noite vai avançada. Bem, pelo que consigo perceber pelo vosso relógio lá fora, são dez para as seis, mas não tenho a certeza. Também fui americano, embora não falasse da maneira como aquele outro americano falou. Fui Chefe Índio norte-americano."

O Sr. Sloan disse: "Pergunto-me onde estão todos os Índios que costumavam vir falar. O *Whitey* desertou-me; pelo menos vem às vezes, mas não é o mesmo *Whitey* de antigamente."

A Sra. Lang disse: "Mas ele progrediu, Sr. Sloan."
Whitefeather, que devia estar por perto, justificou então a sua maior cultura: "Meu irmão Sloan, por certo não desejas que Whitefeather mantenha a mesma velha existência circunscrita que eu tinha quando vim até ti nos velhos tempos? Fui estudar um pouco para poder aumentar o meu conhecimento e ser capaz de conversar mais como os teus amigos aqui, e como alguns que conheci na vida terrena.

"Aprendi um pouco e presto essa homenagem, de todo o coração, ao teu amado filho, Sra. Lang, que me educou na língua que agora falo e no tom em que agora falo, mas continuo a ser o Whitefeather, o velho Whitefeather de coração. Apenas adquiri um pouco mais de conhecimento e progredi um pouco na vida do nosso lado. Deus vos abençoe, diz Whitefeather."

(Arthur Lang nasceu em 1892 e foi morto em ação em 1916. Foi medalhista em Matemática e Clássicos em 1909. Obteve *First Class Honours* em Clássicos e recebeu o seu M.A. em 1913, tendo sido *Honorary Exhibitioner* no New College, Oxford, 1913-1914. Deixou muitos belos poemas e estava, sem dúvida, destinado ao meio académico, onde a sua mente, devotada não apenas ao saber cultural, mas à felicidade dos seus semelhantes, poderia ter desenvolvido o seu poder latente de ensinar os outros. "Esse rapaz tem uma mente de Mestre" foi a expressão do capelão do seu regimento, os Argyll and Sutherland Highlanders.)

A Sra. Lang disse: "Obrigada, Whitefeather. Talvez possa encerrar a Reunião por nós", mas a escolha foi feita pelo outro lado, pois uma voz forte gritou: "Sr. Greenless; agora é a sua oportunidade", me ele (o Pai da Sra. Lang, em Etéria) entoou a Doxologia, na qual todos nos juntámos. Alguém do outro lado deu então a seguinte bênção:

"Traz a Paz no Teu bom tempo, ó Grande Pai. Olha com piedade, misericórdia e amor para estes Teus filhos no corpo, a viver tempos tão aflitivos, dias tão angustiosos, e põe fim a este terrível, terrível conflito no Plano Terreno, de modo conforme à Tua Santa Vontade, e a Ti sejam Honra, Poder e Glória para sempre. Ámen."

Todos os que estudam o tema apaixonante e abrangente chamado Espiritualismo chegam à conclusão de que existem mundos de densidade diferente a envolver e a interpenetrar o nosso globo. Cada um é muito maior do que esta Terra, mas não fazemos ideia do seu tamanho nem de quão distantes

estão as suas superfícies entre si. Ao pensar em termos de vibrações entramos numa região para além do nosso mundo tridimensional, onde tamanho e distância não têm significado comparativo. Esses mundos maiores, um para além do outro, estendem-se evidentemente muito longe no espaço, e, no entanto, cada um interpenetra o outro e esta Terra, formando uma vastíssima gama de vibrações, das quais as que constituem o nosso mundo poderiam ser tomadas como uma polegada em comparação com uma milha.

Dentro deste imenso espetro vivem miríades de homens e mulheres que outrora viveram na Terra, para morrer e começar a sua subida, sempre em frente e para cima, nesta escada cujos degraus são outros mundos, e cada mundo é composto de vibrações de frequência sempre maior. Esta vasta população está constantemente a subir e a descer entre as superfícies desses diferentes mundos onde vivem, e os que vivem nas superfícies mais próximas desta Terra, que conservam as suas memórias terrenas, são os nossos visitantes constantes, mas invisíveis, que ainda se interessam por nós e se mantêm em contacto com o que fazemos e pensamos. Este assunto é esclarecido por diagramas no meu livro *The Unfolding Universe*.

Desde tempos históricos remotos, esses visitantes eram conhecidos como deuses e deusas, a quem era atribuído o governo desta Terra e dos céus. Acreditava-se que nada podia acontecer sem a sua anuência, e os fenómenos da natureza, quando nos eram agradáveis, eram atribuídos aos deuses bons e, quando prejudiciais à humanidade, aos deuses maus. Pelo que transparece nas sessões registadas neste livro, é evidente que os Etéreos estão sujeitos às leis naturais, tal como nós, e que não são seus senhores como até aqui se pensou.

"Eu não consigo de modo algum explicar porque isto deve ser assim"
— foi a resposta que o Sr. Hart recebeu do seu Pai, que lhe falava de todo o sofrimento e tragédia causados pela guerra. Para mim, a resposta óbvia é a ignorância da humanidade quanto ao modo certo de viver.

A guerra parece estar confinada a esta Terra, e o poder da mente em Etéria sobre a substância etérica parece ser a razão disso. Quando é possível obter os nossos desejos pelo pensamento, quando, pelo pensamento, conseguimos o que queremos, quando, pelo pensamento, podemos estar onde desejamos e mover-nos livremente entre a nossa própria superfície descendo através de superfícies inferiores de volta à Terra, a luta organizada e regimentada parece impossível. Além disso, um padrão ético mais elevado e espaço amplo para todos se moverem à vontade são dois outros fatores que promovem a paz e a harmonia.

Lá, o desenvolvimento mental desempenha um papel muito maior na vida do que aqui na Terra. Fazer algo aqui, ir a algum lugar e fabricar seja o que for é uma tarefa que põe mãos e pernas em ação, mas lá a substância pode ser moldada pelo pensamento. Quanto mais poderosa e mais desenvolvida for a mente, mais se pode realizar lá, enquanto aqui precisamos de máquinas, ferramentas, instrumentos e todo o tipo de engenhos antes de podermos transformar a matéria física nas formas que desejamos.

Esse poder da mente em Etéria sobre a substância etérica é um dos factos mais notáveis que nos têm sido contados pelos nossos comunicadores do outro lado, e nada temos na Terra que corresponda a esse poder da mente sobre a substância. Porém, temos um vislumbre da influência da mente sobre a substância quando recordamos as descobertas recentes feitas pela mais jovem das nossas ciências, conhecida por Psicocinesia, ou P.K., abreviadamente. O Dr. Robert H. Thouless, *Reader* em Psicologia da Educação em Cambridge, disse-me recentemente que, depois de ter realizado 16.232 experiências com dados, está convencido de que a mente humana, só pelo pensamento, pode influenciar a queda destes e também o movimento de uma moeda a girar. Isto confirma as afirmações do Professor Rhine e dos seus colegas da Universidade de Duke, EUA.

A nossa mente, essa substância que cria imagens, vibrando com uma frequência muito superior à do nosso corpo etérico, influencia normalmente a substância na Terra através do nosso corpo físico e, por sua vez, é influenciada pela substância física. Em Etéria, o processo é mais direto e menos penoso, com o resultado de que a vida lá é mais fácil do que na Terra, e o dinheiro não é necessário. Poder pensar-se saudável, ser como se pensa e produzir pelo pensamento o que se deseja é uma ideia tremendamente fascinante, mas isto, e tudo o mais que este livro relata, não é mais difícil de acreditar ou imaginar do que os números astronómicos e descobertas que os astrónomos recentemente nos deram acerca do Universo.

Sendo assim, podemos compreender melhor como vivem as pessoas em Etéria, em diferentes planos de pensamento. A mente lá é tão poderosa que condiciona o nosso lugar de habitação. Mentes no mesmo estádio de desenvolvimento vivem juntas porque estão em harmonia com os pensamentos umas das outras. Os Etéreos não podem elevar-se a um plano de pensamento mais alto do que aquele para o qual estão mentalmente aptos, mas podem descer a planos mais baixos e visitar os amigos, tal como nós podemos entrar na sala de aula ou no infantário e estar felizes com as crianças. Podemos apreciar o seu modo de vida por algum tempo, mas regressamos ao nosso próprio ambiente depois da visita.

Aqui na Terra temos muitos graus de cultura e desenvolvimento mental, mas altos e baixos têm de conviver porque todos vivemos numa só superfície. Tal como outros, estive muitas vezes na companhia de pessoas que, com as suas inanidades, entediaram por completo uma pessoa.

Em Etéria, a linha de demarcação é mais evidente e, em vez de os avançados e cultos viverem lado a lado com os menos desenvolvidos, congregam-se numa superfície mais alta onde tudo está mais em harmonia com os seus pensamentos e, em todos os aspetos, é mais intenso. Contudo, visitam os amigos nos planos de pensamento inferiores, mas ficariam insatisfeitos se tivessem de permanecer sempre ali. Só pelo desenvolvimento mental é que o de baixo pode alcançar o nível superior de pensamento, e já podemos entender a razão por que Bob Telfer, como se relatou na sessão anterior, pôde encontrar-se com a Mãe de tempos a tempos, mas não podia viver com ela permanentemente.

Bob Telfer descreveu esta graduação dos Etéreos com a palavra "classificação", e talvez seja tão boa forma de a descrever como qualquer outra. Tomemos, por exemplo, uma escola, onde há crianças a serem educadas de todas as idades até, digamos, aos dezoito anos. As crianças dividem-se em turmas de acordo com o seu desenvolvimento mental. As das turmas inferiores não têm capacidade mental para serem educadas ao lado das das turmas superiores, mas as crianças das turmas superiores podem descer às turmas inferiores e compreender o que os menos desenvolvidos estão a aprender.

Isto, no entanto, seria apenas sob a forma de visita, pois não ficariam muito tempo, regressando à turma para a qual estão mentalmente aptas. Essa classificação, sob a influência do desenvolvimento mental, dá-se evidentemente em Etéria, onde cada um se situa a si próprio de acordo com o seu padrão mental. Todos, portanto, estão ajustados ao lugar que ocupam, e isso é aceite sem contestação, tal como as crianças aceitam a sua posição na escola. As crianças são felizes onde quer que sejam colocadas, e assim também os Etéreos, pois a felicidade não vem necessariamente do desenvolvimento mental, mas do contentamento mental.

Não se segue, portanto, que os Etéreos nas superfícies inferiores sejam menos felizes do que os que estão mais adiante, sendo provável que sejam igualmente felizes e, em muitos casos, igualmente bons do ponto de vista ético. Os que estão nas superfícies inferiores dizem que vivem em país formoso, mas que se torna cada vez mais belo à medida que avançam. Isto é razoável, porque, na Terra, quanto mais desenvolvida é a mente, mais ela pode apreciar. Historicamente é assim, pois os nossos antepassados não apreciavam a beleza

como os cultos apreciam hoje, e não esperaríamos que um rústico se entusiasmasse com uma paisagem bela como alguém de gosto artístico.

Consequentemente, chega-se a isto. Os que anseiam por progredir e alcançar reinos mais altos de pensamento frequentam Universidades, Faculdades e Escolas, para onde vêm os Mestres das esferas superiores ensinar-lhes as artes, as ciências e o modo de vida avançado que prevalece nos reinos onde os Mestres vivem. As mentes mais desenvolvidas dos Mestres influenciam profundamente os seus alunos que, por sua vez, influenciam os seus companheiros e vizinhos e, por este meio, a lei e a ordem mantêm-se. A influência dos Mestres desce assim até às esferas inferiores, porque em cada uma as pessoas são educadas e ajudadas a avançar.»

«Uma concentração mental unida contra a injustiça torna difícil realizar uma ação contrária ao bem-estar da comunidade. Aqueles com mentalidade criminosa, e os que perturbam a paz e a harmonia do povo, podem ser afastados pela força da vontade do seu meio, e esses retardatários reúnem-se, consequentemente, numa superfície em harmonia com a sua visão mental, a ser visitados por missionários e professores, que dedicam o seu tempo ao seu progresso. Como os povos e as raças da Terra se encontram em muitos estádios de desenvolvimento, e as pessoas de cada raça estão mais em harmonia umas com as outras do que com outras raças, Etéria, nas superfícies inferiores, fica, por conseguinte, povoada muito à semelhança desta Terra, vivendo juntas as pessoas de cada raça, e acima, no espaço, onde habitam os seus compatriotas na Terra.

Etéria é, portanto, um lugar muito diferente daquele imaginado pelas várias religiões do mundo. O que semeamos aqui colhemos lá, pois a nossa mente, que é o próprio eu, define o nosso lugar lá e determina a nossa felicidade. Por isso é que Bob Telfer ficou desiludido quando não foi conduzido ao Reino dos Céus cristão, e só gradualmente encontrou o caminho para avançar pelo seu próprio esforço paciente e determinado.

Encerrarei agora este capítulo fazendo três observações adicionais. A primeira é que alguma da poesia que eles escrevem é ao contrário da nossa. Cito dois versos como exemplo:

“Prendeu o meu coração ao que ficou em baixo

Até nos encontrarmos e nos beijarmos de novo.”

Isto, naturalmente, é como deve ser, e torna clara a sua origem. Certamente não foi composta por um poeta terreno.

Em segundo lugar, notar-se-á como pais e familiares foram mantidos informados, durante a guerra, sobre a situação dos seus filhos e parentes que combatiam no estrangeiro. Muitas vezes encontrei pessoas, com filhos ou familiares no estrangeiro, que receberam, em sessões, notícias exatas e fiáveis sobre a sua saúde e paradeiro. Etéria tinha, sem dúvida, um serviço de informações muito fiável, que deu grande conforto a muitos na Terra que tiveram a sorte de saber como entrar em contacto com ele.

Este serviço de comunicação não começou com a Segunda Guerra Mundial, como os dois exemplos seguintes deixarão claro. A Sra. Bowes enviou-me, para inclusão neste livro, pormenores de dois casos ocorridos em 1939, e eis o que ela vivenciou:

A Sra. Bowes fez uma viagem ao Canadá em 1939 para ver a irmã, e o seu filho Bill e a sua filha Margaret acompanharam-na. Numa sessão com o Sr. Sloan algum tempo antes de embarcar, um Etéreo, que deu o seu nome, falou-lhe e disse que, na vida terrena, tinha tido uma Sessão com o Sr. Sloan. Costumava estar nas imediações quando se realizavam Reuniões e ouvira as conversas sobre a viagem da Sra. Bowes ao Canadá.

A Sra. Bowes nunca antes ouvira falar dele e nada sabia a seu respeito. Ele disse que a sua esposa vivia no Canadá e deu o nome e a morada. A Sra. Bowes prometeu entrar em contacto com ela, e ele disse que ficava muito feliz por ouvir que assim faria.

A Sra. Bowes, conforme prometera, escreveu à esposa dele, em Vancouver, para o nome e morada que o seu comunicador Etéreo lhe dera. Explicou-lhe como obtivera o nome e a morada e perguntou se gostaria de marcar um encontro quando a Sra. Bowes chegasse a Vancouver.

A senhora em Vancouver ficou muito emocionada com o que leu e respondeu que teria o maior prazer em encontrar-se com a Sra. Bowes à chegada. E assim foi, num hotel em Vancouver, tendo passado um dia muito feliz juntas. Tudo o que fora dito pelo marido, do outro lado, provou ser absolutamente correto em todos os aspetos. A Sra. Bowes considera mais prudente não tornar público o nome e a morada da senhora sem a sua autorização.

O outro incidente aconteceu quando o seu filho, o Sr. Bill Bowes, fazia uma viagem à volta do mundo, pouco antes da Segunda Guerra Mundial, em 1939. Na sua viagem, o Sr. Bowes foi via Alexandria para visitar o Japão e depois contornou o Pacífico, visitando muitos lugares. Enquanto ele estava ausente,

amigos Espíritos comunicavam com a Sra. Bowes nas Reuniões semanais do Sr. Sloan, dizendo-lhe onde o Bill se encontrava na data das Sessões, que tempo fazia, o que estava a fazer e qual seria o próximo destino.

Todas as informações dadas, incluindo as indicações do local exato em que ele estava em cada data, foram confirmadas mais tarde quando chegaram cartas do filho à Sra. Bowes. Tudo estava correto.

Por fim, quanto à desilusão de Bob Telfer por não ter sido recebido no Céu como esperava, isso faz-me lembrar a primeira volta da minha Mãe à Terra, uma semana depois de ter partido. Morreu cristã ortodoxa e esperava ser recebida às portas do Céu por Jesus Cristo. Voltou e deu-nos, a mim e ao meu irmão, 188 factos como prova, todos eles corretos, não sendo nenhum conhecido do Médium, e, além disso, fez a seguinte observação interessante: "Quando acordei aqui vi uma figura luminosa de pé ao meu lado, e pensei que era Cristo que viera dar-me as boas-vindas, mas depressa percebi que era o vosso Pai, e isso deixou-me muito feliz."

Prosseguiremos agora para receber mais esclarecimento.

CAPÍTULO X

REUNIÃO EM CASA DA SRA. LANG

GIFFNOCK, GLASGOW

20 de maio de 1943

Presentes: SRA. CRISSIE LANG, SR. ALEXANDER HART, SRA. HARVEY (sén.), SRA. MARY HARVEY (jún.), SRA. ELEANOR POTTER, SRTA. JEAN DEARIE, SR. DONALD CAMERON, SRTA. ELIZABETH DUFF, SRA. LILLIAS BOWES, SRTA. CRISSIE COLQUHOUN, SR. JOHN SLOAN.

Abrimos a Reunião cantando o hino Nearer, my God, to Thee, e um homem com voz muito bela, do outro lado, juntou-se e cantou connosco. Depois repetimos o "Pai-Nosso", e alguém do outro lado uniu-se ao "Ámen". Ouvimos uma voz a falar e perguntámos quem era. A voz respondeu:

"Perdão, estava agora a falar com amigos aqui deste lado."

Cantámos The Lord is my Shepherd, e novamente vozes do outro lado cantaram connosco.

Uma voz irlandesa disse então:

"Boa tarde, Sra. Potter, só queria dizer-lhe que o Denny está aqui ao meu lado. Estou a mantê-lo sob apertada vigilância."

A Sra. Potter perguntou: "És tu, Brian? Estás a tomar conta do Denny?"

O Brian respondeu:

"Pois claro, posso dizê-lo sem fanfarronice. Alguma ideia de trabalho, Sr. Hart? Há por aqui muitos que se beneficiariam do olho de um professor em cima deles, e eu manteria o meu olho em si."

Riu de boa gana, e a Sra. Potter disse: "É bom ouvi-lo rir, Brian."

Ele respondeu:

"Claro que rio. Porque não haveria de rir? O mundo está cheio de tristeza, mas porque não hão de sorrir aqueles que sentem vontade de o fazer? Lembre-se sempre de que um sorriso seu pode aliviar a tristeza de alguma alma cansada."

Outra voz disse:

"Temos apenas um curto tempo no Plano Terreno, e cabe a vós, que aí estais, tirardes o melhor partido das vossas oportunidades, seguindo essa vereda de modo a trazer satisfação à vossa própria alma e alegria aos que vos rodeiam, e, no tempo sem fim, a alegria será vossa, vossa quando afinal alcançardes o Paraíso. Que o grande e bom Pai vos abençoe a todos. Eu sou Pathfinder."

Dirigindo-se à Sra. Harvey, jún., a voz de um homem disse:

"Mary, estou contigo. Tenho dificuldade, Mary, após tal transição. Meu amor, meu amor. Nunca estou longe, mas não pareces dar-te conta. Também por vezes estás triste. Estiveste muito feliz esta manhã?"

A Sra. Harvey respondeu: "Sim, estive bastante feliz." O marido respondeu:

"Eu sei. Vi-te. Estarei sempre contigo. Estou a falar agora de muito longe, mas há momentos em que posso aproximar-me bastante de ti — posso tocar-te."

Outra voz disse à Sra. Harvey, jún., cujo marido morrera num acidente de viação:

"Minha amiga, não deves pensar nada nessa tragédia. Já passou, e está tudo bem. Deus te abençoe. Aquele que amas estará muitas vezes contigo. O meu trabalho é com os soldados que chegam aqui, mas sou praticamente um novato: sei que tenho a tua compreensão nisso."

Um homem com sotaque estrangeiro falou então à Sra. Bowes e disse, em inglês macarrónico:

"Venho agora do Bill. Venho dizer-lhe — está tudo bem." (Bill, o seu filho, estava no estrangeiro nas Forças.)

A Sra. Bowes respondeu: "Oh, obrigada, querido amigo. Pergunto-me se será o amigo índio do Bill."

Ele respondeu:

"Não índio — não, dinamarquês, dinamarquês."

A Sra. Bowes disse: "Muito obrigada, querido amigo, e esteve mesmo agora com o Bill?" Ele respondeu:

"Bill bem, tudo bem. Vou de novo vê-lo."

Uma voz diferente, de homem, disse à Srta. Duff:

"Boa noite. Como está, Srta. Duff? Deu-me algum trabalho hoje, sem o saber, claro, mas passei apenas para lhe dizer que, na verdade, gostei."

A Srta. Duff perguntou: "Onde foi isso?", e ele respondeu:

"Em Rottenrow."

A Srta. Duff perguntou: "Oh, é o Doutor?", e ele respondeu:

«"Sim, claro, estou muitas vezes contigo lá. É tão agradável aproximar-me e ajudar no trabalho que interessou alguém na vida terrena; também gosto de te fazer rir e sorrir um bocadinho. És séria demais, sabes."

A Srta. Duff disse então: "Isso é muita gentileza da sua parte, Doutor", e ele respondeu:

"Para mim é um prazer, Srta. Duff. É tão bom, amigos, saber e perceber, quando se chega a este lado da vida — se não o perceberam antes — que ainda se pode manter contacto com o que vos interessava na vida terrena, entrando em contacto e falando com aqueles que conhecestes, deixando-os saber que a vida na Terra não é o fim da vossa jornada. É apenas o começo daquele dia perfeito que encontrais quando vindes para o meu lado. Que Deus vos abençoe, console e anime nestes tempos atribulados; que Ele anime os que se cansam e esperam por entes queridos que nunca mais verão no físico, muitos deles sem o vosso conhecimento do futuro radioso que os espera. Cabe a vós, que sabeis e compreendeis, que tendes a Luz, transmiti-la aos outros. Deus vos abençoe, e bom dia. Um bom dia especial para si, Srta. Duff."

Outra voz prosseguiu:

“Perdão, mas creio ter ouvido um de vós falar do privilégio de ter as suas próprias ideias e ideais. Pois bem, gostaria apenas de dizer que também é bom ouvir as opiniões e ideias dos outros à medida que se percorre o caminho da vida. Tentai ver claramente através dos óculos do vosso irmão, e então o mundo poderá parecer-vos um pouco diferente. Não falo para ninguém em particular, mas para todos vós — e para mim próprio. Quando estava no corpo, não tinha opinião senão a minha, e, claro, eu é que tinha razão. Como isso me parece tolo agora.

“Estou a falar da minha vida terrena, naturalmente, mas isso já passou. Lamento interromper-vos, mas entrei e gosto de olhar as vossas faces. Consigo ver-vos a todos perfeitamente, e quando me aproximo vejo-vos melhor. Vejo a escuridão da sombra em torno de alguns de vós, e a luz brilhante em torno de outros, mas sei que a sombra que paira sobre alguns de vós, e que parece um tanto opressiva, é causada pela preocupação com aqueles que amais. Não vos preocupeis em demasia. Querida senhora (para a Sra. Bowes), preocupa-se com os seus rapazes, mas eles estão a ser cuidados, e toda a preocupação desaparecerá, minha querida. Deus a abençoe.”

Logo após isto, um clarão brilhante percorreu a sala, e perguntámos o seu significado. Uma voz respondeu:

“Estamos a tentar sinalizar-vos por escrito, Sr. Cameron. Eu estava a tentar sinalizar ‘William’. Ele está fora da minha esfera e estou a fazer-lho chegar de que está aqui.”

Ouvimos então batidas como uma mensagem em Código Morse. A voz alegre de uma senhora disse então: “Boa noite, Sr. Hart.” O Sr. Hart respondeu: “Boa noite, Sra. Sloan.” Ela disse:

“É agradável pensar que reconheceu a minha voz. Vejo-o muitas vezes, mas você não me vê. E esta é a Sra. Harvey — reconheci-a, mas a sua nora não a conheço; mas sei, minha querida (para a Sra. Harvey, jún.), que passaste por provações e atribulações. Eu própria passei por muitas, e simpatizo contigo. E como está, Sra. Potter? Obrigada por toda a sua bondade para com o Daddy. Sei que ele está agora aos cuidados da Isa, mas agradeço-lhe por tudo o que fez por ele. Não tive oportunidade de falar com (nome correto dado mas omitido a pedido) ultimamente, mas diga-lhe apenas que a pequena Mammy mantém um olhar vigilante sobre ela.”

A Sra. Potter respondeu: "Obrigada, querida Mammy. Sinto sempre que está a cuidar de todos."

A voz de um homem disse à Sra. Potter:

"Deus a abençoe, minha Mãe, meu amor. Consegue ver-me, Mãe? Como eu gostaria que pudesse olhar e ver-me como sou. É maravilhoso poder ver-vos a todos quando entro em contacto convosco como agora. Está a ir bem, querida?"

A Sra. Potter respondeu: "Sim, querido. Estou noutra casa, sabes, Bobbie."

O Bobbie, referindo-se evidentemente à casa da Sra. Lang, comentou:

"Estou agora numa casa linda, querida Mãe, e o melhor canto dessa casa é onde me encontro com a minha amada Mãe."

A Sra. Potter disse: "Deus te abençoe, Bobbie. O Pai está contigo?"

O Bobbie respondeu:

"Estamos os dois juntos."

O marido da Sra. Potter falou então, dizendo:

"O Senhor tem sido o meu Pastor. Ânimo, Eleanor, mas eu próprio estou um bocadinho emotivo. Isso acontece ainda, sabes, quando nos aproximamos de vós assim."

A Sra. Potter disse: "Deus te abençoe, Daddy. Sei que estás a fazer bom trabalho."

O Sr. Potter disse:

"Dá um beijo do Avô a (nome correto dado mas omitido a pedido), queres?"

Um parente do marido falou então à Sra. Potter:

"Olá, Eleanor, é o Archie a falar contigo. O Bob (Sr. Potter) está um bocadinho emocionado esta noite. Está muito triste por não conseguires ouvir como costumavas. Por vezes a minha audição não era boa quando estava no corpo, mas agora ouço bem. Lembras-te daqueles velhos tempos magníficos em Pollokshields? Eram dias felizes, e a lembrança deles está ainda comigo. As memórias felizes do passado nunca se esquecem. Estou a falar para todos vós agora. As memórias felizes do passado compensarão, estou certo, Senhoras e Senhores, as memórias tristes que se vão intrometendo pelo meio." (Tudo correto e compreendido.)

"É reconfortante saber que, depois do tumulto e das tribulações da vida, podemos alcançar este porto de repouso, este lar de paz, e ainda fazer o que quisermos para nos ajudarmos uns aos outros ao longo do caminho da vida. Estou a cuidar de alguns dos queridos rapazes que estão a chegar agora e que têm mães na vida terrena tristes por causa deles, a perguntar-se como pode ser vontade de Deus que sejam levados. Procuramos incutir-lhes que os seus rapazes podem ainda estar muito perto delas, mas o meu dever não termina aí.

"Encontro esses rapazes e tento confortá-los com o conhecimento de que já terminaram com a vida terrena e entraram numa vida nova e mais plena. Refiro-me aos que não sabem. Deus te abençoe, Eleanor. Quando olho para ti, os velhos dias em Glasgow voltam-me nitidamente."

Outra voz disse ao Sr. Sloan:»

«"Estás sentado aí de pernas cruzadas e isso não é educado. Tira um pé de cima do joelho e lembra-te de que eu consigo ver-te, e isso talvez te faça ter mais cuidado com os teus modos quando pensares que as pessoas não estão a olhar para ti."

O Sr. Sloan disse: "Valha-me Deus, estou mesmo nas más graças esta noite, mas, de facto, estava sentado de pernas cruzadas como ele disse."

A voz respondeu:

"Está tudo bem, amigo. Só queria era acordá-lo um pouco."

Evidentemente, Sloan estava a ficar demasiado tenso, mas talvez houvesse outra razão, que será mencionada noutra ocasião.

Uma senhora falou então à Srta. Colquhoun, dizendo: "Como estás, Crissie, minha querida? É a Mãe."

A Srta. Colquhoun respondeu: "Estou bem, Mãe, querida. Sabias da Annie?"

A Sra. Colquhoun disse:

"Sim, ouvi falar dela, mas ela ficará bem. É o Archie a bater-te no ombro. Nem sempre é fácil falar. Há tanta gente aqui esta noite. Sinto a minha voz variar de vez em quando, mas não posso evitar. Está muito difícil esta noite, e tudo tem a ver com as vibrações."

A voz de um homem disse então:

"Olá, Chris. É o Archie a falar. Como estás?"

A Srta. Colquhoun respondeu ao irmão: "Olá, Archie. Estou muito bem. Suponho que estejas ocupado." Ele respondeu:

"Bem, sabes, sempre precisei de muito para ficar ocupado, Chris. Sim, estou totalmente ocupado. Sem tempo livre algum, exceto quando venho assim ter uma pequena conversa contigo."

A Srta. Colquhoun perguntou: "Estás feliz, Archie?", e ele respondeu:

"Só queria que todos vocês pudessem ser tão felizes quanto eu sou."

Outra voz disse:

"É a Crissie Colquhoun? É o James Cuthbertson a falar. O Archie abriu a porta para eu poder entrar e falar contigo. Diz apenas à Annie que continuo profundamente interessado nela e que farei o melhor que puder por ela. Acho que ela está ali ao virar da esquina. Ainda há muito trabalho para ela fazer no corpo, sabes. Estás com muito bom aspeto, e não seria James Cuthbertson se não tivesse um pensamento carinhoso por Crissie Colquhoun."

Tudo isto estava correto, e depois outra voz, muito gutural e estrangeira, falou à Sra. Bowes, dizendo:

"Ter visto Will. Ele está bem. Obrigado."

A Sra. Bowes disse: "É o amigo dinamarquês de volta outra vez?"

A voz respondeu:

"Nodre sie Danish—Kobe. Kobe. Tu tens dois rapaz. Bem. Dois bem."

A Sra. Bowes respondeu: "Obrigada, amigo. Pode dizer-me de que nacionalidade é?" Ele respondeu:

"Afrique. Africano. Tom-tom,"

e ouvimos então o som de tambores tom-tom a bater. Ele continuou:

"Eu falar inglês muito bom. Eu britânico. Britânico. Raça britânica melhor parte do mundo. Eu agora falar e escrever como tu."

Ouvimos então outra voz dizer-lhe:

"Anda, tens de ir agora. Lamento muito, Sra. Lang, que este africano tenha conseguido entrar na sua casa."

A Sra. Lang respondeu: "O africano foi muito simpático, e ficámos muito contentes por o receber."

Pathfinder respondeu:

"Fico-lhe muito agradecido por essa garantia, mas não conhece todas as razões, e a única pessoa presente que devia conhecê-las (o Sr. Sloan) é quem aparentemente não sabe. No entanto, esse africano esteve evidentemente em contacto com alguns dos vossos amigos. Ele esteve com eles e, ao que parece, estão todos bem.

"É muito difícil de compreender, Sr. Cameron, mas tenho de manter um olhar atento sobre alguns dos que entram pela porta. É para o bem deles. Não convém a todos deste lado da vida misturarem-se demasiado depressa com este contacto. Não estão ainda preparados para isso, e pode eventualmente trazer-lhes descrédito. É um dos amigos índios a falar. Sou Pathfinder.

"Procuro encontrar um caminho para os que lutam na vida terrena, um caminho agradável para eles percorrerem e que conduza ao dia glorioso. Na atmosfera angustiada em que viveis, rezamos para que seja possível, no tempo certo de Deus, trazer, do caos e da agitação, da dor e da tristeza, uma nova era — um dia melhor que surgirá das cinzas do desespero, uma nova felicidade que florescerá de novo, e a alegria virá, e a esperança, pela manhã.

"Que possais percorrer o caminho, o caminho que Pathfinder já percorreu antes de vós, com grande cuidado e diligência, até chegardes à vereda onde nenhuma escuridão pode subsistir — quando entrardes na gloriosa luz. Eu fui um Chefe índio, amigo Cameron, nos velhos tempos. Estou agora há muitos anos do vosso tempo no lado espiritual da vida, e alegra-me poder caminhar convosco ao longo do trilho das longas veredas da vida, tentando orientar-vos em tudo o que puder. Eu sou Pathfinder."

Após um breve silêncio, o Sr. Sloan comentou: "Está muito lento esta noite. Não sei para onde foram todos os índios — o Whitey e o resto deles."

A voz de um homem disse então:

"Olá, é o Nicol Cameron a falar. Valha-me Deus! Esta é a casa da Sra. Lang? Está completamente diferente. Está inteiramente mudada."

A Sra. Lang respondeu: "Deve estar a pensar na Cowglen House, Sr. Cameron," e ele respondeu:

"Valha-me Deus, sim, é a Sra. Lang que está a falar? Tive uma longa conversa com o Sr. Lang no outro dia — o que chamam de 'dia'. Isto é Giffnock, não é? Bem, onde eu vivia não ficava longe daqui."

(Correto — Nicol Cameron foi presidente da câmara de Pollokshaws, que não fica longe de Giffnock.) A sua voz estava muito fraca e, quando comentámos isso, ele disse:

"Podem esperar outra coisa nas condições em que o mundo se encontra hoje? Há correntes cruzadas e estamos a captar palavras de pessoas que estão a tentar chegar até vós, e não é possível apanhá-las corretamente neste momento."

Várias vozes falaram então todas ao mesmo tempo, muito excitadas. Depois, uma gritou bem alto:

"Cuidado! cuidado!! cuidado!!!"

e ambas as trombetas caíram no chão com estrondo. O Sr. Sloan disse: "Não gosto nada disto. Acho que devíamos encerrar já a Sessão."

A Srta. Colquhoun disse: "Está tudo bem, Sr. Sloan, acho que sei o significado disto." Uma voz do lado espiritual disse:

"Isso descrevia apenas um grande desastre na estrada,"

e outra voz disse:

"Não tivemos um segundo para nos salvarmos. Está tudo bem agora."

Como já foi referido, o marido da Sra. Harvey jún. morreu num acidente de viação.

A voz de uma rapariga disse então à Sra. Bowes:

"Sou a Molly. Não pertenço a ninguém aqui, mas entrei para a ver. Gosto muito de si."

A Sra. Bowes respondeu: "Obrigada, querida Molly.

Não me queres dizer quem és?"

Não obteve resposta, e a voz de um homem interrompeu:

"Há um Stanley Percy que quer falar consigo. Estou a tentar entrar em contacto, mas os nomes estão a ficar tão baralhados que não consigo. Há alguém chamado Dearie — William Dearie, que quer falar."

Os nomes foram reconhecidos, mas nem Stanley Percy nem William Dearie conseguiram estabelecer contacto. Depois surgiu a voz de Robert Barr:

"Sou o Robert Barr. O Stanley está aqui e disse-me para vir falar convosco — e como está, Sra. Lang?"

A Sra. Lang respondeu: "Estou muito bem, Sr. Barr, e contente por o ouvir falar-nos outra vez. O que acha agora dos espiritistas malucos?"

Ele respondeu:

"Lembro-me, lembro-me. Eu achava que vocês estavam completamente passados. Pois, há uma ou duas coisas que gostaria de esclarecer — isso é uma palavra muito grande para mim, mas o Arthur disse-me para a usar para manter a minha reputação.»

«"Bem, quero dizer-lhe que não fui eu o responsável por ter posto o pobre velho Sloan fora da sua casa, sabe, mas afinal não me escreveu essa carta, Sloan." (Esta afirmação é correta. Sloan teve de deixar a sua casa porque era necessária para trabalhadores agrícolas durante a guerra. Estava situada na propriedade do Sr. Barr, em Carlung, West Kilbride, Ayrshire.)

Ouvimos então a Sra. Sloan a falar com o Sr. Barr do lado deles, e ela prosseguiu a conversa:

"O Daddy não queria fazer isso. Foi apenas num acesso de irritação que disse que lhe escreveria essa carta, Sr. Barr."

O Sr. Barr respondeu:
"Sim, sim, sim — eu sei disso."

Disse depois à Sra. Lang:
"Tu nunca conseguiste convencer-me de que estavas no caminho certo, Crissie, mas fui eu, Senhoras e Senhores, quem foi tão obtuso. Olha que, quando comecei a avançar em anos, comecei a interrogar-me sobre o que iria acontecer e, nos meus momentos de silêncio, Crissie, muitas vezes pensei — bem, ela não está assim tão errada, afinal há qualquer coisa nisto."

O Sr. Sloan comentou: "Nunca admitiria que havia alguma coisa nisto, Sr. Barr."
O Sr. Barr respondeu:

"Valha-me Deus, não, amigo Sloan. Eu achava que tanto tu como a Sra. Motion eram malucos, mas tu eras o mais maluco dos dois. Quando senti que me aproximava do fim da minha carreira terrena, de acordo com os meus anos, acho que experimentei de tudo. Sabes, Crissie, eu ia à Igreja com bastante regularidade, mas percebi que isso não me trazia grande solução. Quando as areias do tempo se esgotavam, amigo Cameron, tentei procurar conforto de muitas maneiras. Mas agora estou bem, e estou disposto a esperar, ou a fazer o que me for permitido deste lado da vida, para superar as minhas falhas e os meus defeitos. Crissie, se eu tivesse tido a inteligência do teu Bob, nunca teria

cometido tais erros. O John está a dizer-me que o Kerr está aqui — o Findlay Kerr."

Tudo o que antecede está correto e compreendido. Depois surgiu outra voz: "Não estamos a chegar a lado nenhum esta noite. As condições não são satisfatórias. Por vezes é difícil compreender clara e adequadamente porque será assim, mas as condições não estão muito boas esta noite, provavelmente devido às vibrações que vêm do vosso plano neste momento."

A Sra. Sloan voltou a falar, dizendo:
"As condições estão muito, muito difíceis esta noite. Tentarei arranjar alguém para falar convosco noutra altura, Srta. Dearie."

A Sra. Dearie respondeu: "Obrigada, Mammy. Está tudo bem."

A Sra. Sloan continuou:

"Deus abençoe a querida Sra. Campbell. Talvez alguém lhe leve uma mensagem. Sabe, Sra. Lang, acho que está sempre a fazer tudo o que pode para nos ajudar. Deus a abençoe, e Deus o abençoe também, Sr. Hart. Gosto de lhe chamar Alex. Tenho vantagem sobre si, Alex, porque estou muito mais adiantada do que o senhor nesta vida, por isso serei sua professora em vez de ser o senhor o meu. Nunca conheci o seu rapaz, Sra. Lang, até há pouco tempo. Ele tem uma maneira tão encantadora de impressionar as pessoas. Boa noite."

Quando isto foi registado, a Sra. Sloan estava em Etérico havia pouco mais de três anos. Partira em 1940. Nunca conheceu Arthur Lang em vida terrena. A Sra. Lang perguntou-se então que horas seriam, e alguém do outro lado disse:

"De acordo com o relógio lá fora, são neste momento nove e quarenta e cinco." Isto estava correto.

Assim, cantámos a Doxologia e a Sessão terminou.

Pergunto-me porque razão ninguém entre os presentes nas Sessões registadas neste livro perguntou como é que Etérico obtinha a sua luz. Falaram-lhes das suas belezas, das suas belas casas e nobres edifícios, da sua deliciosa paisagem rural, das suas cidades-jardim, das suas flores requintadas, das suas cores deslumbrantes, das suas maravilhosas vistas e dos seus frutos maravilhosos. Os presentes ouviram falar da sua magnífica paisagem, dos seus rios, lagos, mares e árvores, onde se alojavam aves de plumagem impressionante. Tudo isto é impossível de imaginar sem luz e, como nunca perguntaram, tudo o que lhes foi dito é que não há escuridão no Etérico.

O Etérico é uma terra de luz variável. Uma superfície difere de outra. Há sombra e penumbra, brilho e opacidade, os montes são mais claros do que os vales, e essa luz vem de um sol etérico, não do nosso sol físico, mas do seu contraparte, vibrando a uma frequência superior à do nosso sol. O sol, como o nosso mundo, é constituído por vibrações de frequência cada vez maior. As suas vibrações físicas são vistas e sentidas na Terra, e a sua radiação, em frequências mais altas do que as que sentimos na Terra, é apreciada pelos espíritos, cada superfície refletindo a radiação com que está em harmonia.

Sei isto porque perguntei sobre o assunto, e foi-me dito, em resumo, o seguinte. Quem ler o meu livro *The Unfolding Universe* verá como tudo acontece, e como podemos relacionar tudo o que nos é dito sobre Etérico com o nosso conhecimento científico atual. Em termos gerais, as várias superfícies de Etérico recebem a sua luz de um sol etérico, tal como nós recebemos a nossa luz, e é porque os Espíritos vivem num mundo que vibra a uma frequência mais elevada do que a da Terra, mas em harmonia com o seu sol, que as suas cores são mais vivas do que as nossas na Terra.

Das muitas respostas às minhas variadas perguntas sobre o tema da luz citarei apenas uma:

"Recebemos as nossas emanações de luz do nosso sol etérico, concêntrico com o vosso sol, de onde vem uma luz de grande esplendor, e esta é refletida para os nossos olhos pela vibração da nossa substância, tal como a vossa luz é refletida pela vibração da substância terrestre. A razão pela qual não temos escuridão é porque os raios do nosso sol são refletidos pela nossa atmosfera a uma altura maior do que os raios do vosso sol."

Disseram-me que esta luz é suave, radiante, brilhante, bela e harmoniosa. A atmosfera de Etérico é mais luminosa do que a nossa na Terra e, consequentemente, as cores são mais brilhantes e variadas. Há luz do dia e crepúsculo, mas não há noite, embora, como não precisam de dormir, não sintam falta da noite. É por isso que numa sessão eles estão na sua própria luz, embora nós estejamos na escuridão.

A luz é radiação, e a substância é vibração que reflete a radiação a que chamamos luz.

Expliquemos em poucas palavras como vemos e como sentimos tanto o calor como o frio. Quando a nossa mente cria imagens é devido a vibrações, já que cada átomo de substância contém eletrões que se movem a velocidades imensas e diferentes, vibrando no éter do espaço. Uma casa é feita de muitas cores, que não passam de vibrações que nos chegam assim: as de maior frequência, ou de

menor comprimento de onda, chamamos violeta, e depois, por esta ordem, vêm o índigo, o azul, o verde, o amarelo, o laranja e o vermelho. Estes constituem o que chamamos luz e, quando uma substância os reflete a todos, como um lençol de algodão, temos a luz branca. Estas são as cores descobertas por Sir Isaac Newton através do seu instrumento, o espectroscópio, baseado num prisma, que decompôs a luz nas suas sete partes constitutivas. A cor consiste em cada uma destas isoladamente ou na sua mistura com outras.

Então, quando olhamos para uma casa, o que acontece? As suas várias partes, constituídas por inúmeros átomos vibratórios, vibram em frequências diferentes, do violeta ao vermelho. As ondas de luz do sol atingem-nas e cada parte reflete a luz com que está em harmonia, ou que tem a mesma vibração, sendo as vibrações da luz vermelha refletidas pelo que chamamos tijolo vermelho e assim por diante. A luz que atinge a casa é refletida por ondas etéricas para os nossos olhos, e essas inúmeras vibrações passam pelos nossos nervos e cérebro para se tornarem uma imagem mental, feita de substância mental. A nossa mente é como um filme a cores, em constante mudança enquanto olhamos em redor, com cada cor no seu lugar, formando os objetos que vemos.

A substância da nossa mente cria imagens do que vê em cor ou, para ser científico, vibra a diferentes frequências, a que chamamos cor, e todas essas cores juntas dão-nos uma imagem mental do que chamamos uma casa. Não é a casa mas sim a imagem mental que é real para nós. Se interrompermos as vibrações fechando os olhos, a casa desaparece. Levamos connosco para Etérico a nossa mente criadora de imagens que, através dos nossos olhos Espíritos, capta as vibrações da substância que compõe Etérico, de modo que o mesmo processo aí ocorre tal como aqui na Terra. O calor é igualmente causado por vibrações que afetam a nossa pele, são transmitidas pelos nervos e levadas ao cérebro, que pode fazer a mente sentir-se em harmonia ou em desarmonia com o ambiente.

Ver-se-á que a cor constitui em grande parte as nossas vidas, e o que não recebemos do sol durante o dia vem da eletricidade, do gás ou do petróleo, que produzem vibrações de luz. O crepúsculo e a aurora são causados pelos raios do sol refletidos pelas inúmeras partículas minúsculas suspensas na atmosfera terrestre. Assim, recebemos luz ao amanhecer antes de os raios do sol atingirem diretamente a Terra, e ao anoitecer quando recebemos a reflexão do sol depois de ele se pôr. A atmosfera em Etérico estende-se a maior altura e a reflexão é por mais tempo, de tal forma que há crepúsculo mas não escuridão.

Este é um vasto tema, mas espero que o exposto o torne suficientemente compreensível para aqueles que se perguntam como é possível tudo o que este livro relata, e até que ponto está de acordo com o nosso conhecimento científico atual. É tudo uma questão de vibrações etéricas a uma frequência mais elevada do que as que compõem esta Terra.

Passarei agora a outro assunto que está a exercer uma influência considerável nas pessoas pensantes de hoje, a saber, a Cura Psíquica. O amigo médico da Srta. Duff disse-lhe que estava muitas vezes no hospital dela, ajudando no trabalho que tanto o interessara em vida terrena.

Hoje estamos a descobrir que há muitos médiuns de cura entre nós. São conhecidos como curadores psíquicos, cujos corpos são usados por médicos Espíritos para fazer passar vibrações etéricas, ou o que se chama raios de cura. Os corpos destes médiuns podem ser comparados a um fio de cobre que conduz eletricidade, e não são mais do que isso. Os raios de cura são transmitidos através do corpo do médium por médicos Espíritos, que podem influenciar o médium a colocar as mãos no local a ser curado, pois é através das mãos que os raios são dirigidos para o ponto onde são necessários. Os médicos Espíritos conseguem avaliar a nossa saúde através das nossas auras e diagnosticar o que está errado, porque conseguem ver através de nós como uma câmara de raios X.

Estes raios Espíritos afetam o corpo etérico, que, por sua vez, estimula o corpo físico a recuperar a saúde. Muitos tratamentos notáveis foram conseguidos por estes raios de cura, que podem ser tão fortes que uma pessoa tem de retirar a mão se a colocar entre a mão do médium e a parte a ser curada. Eu próprio já senti isto e, na presença de um médium de cura, a minha coluna ficou desconfortavelmente quente, sentindo-se o calor a mover-se de cima para baixo e de baixo para cima.

A cura psíquica, tal como a Voz Direta, está registada na literatura mundial desde tempos antigos. Os gregos antigos conheciam-na e praticavam-na em diferentes centros. Jesus, Paulo e Vespasiano, o imperador romano — para mencionar apenas três entre muitos — foram curadores psíquicos, e Lívio, o historiador romano, reuniu muitos relatos de pessoas curadas de formas milagrosas pela mão curadora.»

«Na sessão abrangida por este capítulo encontramos outro caso de uma incapacidade terrena que ficou corrigida em Etéria. Numa Reunião anterior, alguém contou como agora podia ver de novo e, nesta, o Archie, falando à Sra. Potter, diz que agora consegue voltar a ouvir. Um homem falou-me certa vez desde Etéria, deliciado por agora ter novamente ambos os braços, tendo-lhe

sido um cortado na Terra. O nosso corpo etérico não pode ser danificado e, qualquer coisa que possamos perder, ou ver afetada, do corpo físico não atinge o corpo etérico. Alguns que perderam braços ou membros sentem, na Terra, que ainda os têm, mas o que sentem é o duplicado etérico.

Uma observação final que decorre da Sessão relatada neste capítulo. Como sabem as pessoas do outro lado quando estamos a realizar uma Reunião deste lado? A resposta é que alguém mantém vigilância sobre o Sloan, mas isto não significa que a vigilância seja constante ou próxima. Opera um sistema telepático, de modo que o vigia sabe imediatamente. Quando eu me sentava regularmente com o Sloan, o Whitefeather tinha essa função de vigia e chamava o diretor, o químico, o porteiro, o responsável pelas trombetas e os outros que sabia quererem estar presentes. Quando o diretor via as pessoas terrenas presentes, enviava mensagens telepáticas, ou por outros meios rápidos, aos seus amigos em Etéria, e a notícia espalhava-se depressa de que surgira novamente a oportunidade de falar a amigos na Terra.

CAPÍTULO XI

REUNIÃO EM CASA DA SRA. LANG

GIFFNOCK, GLASGOW

Quarta-feira, 27 de outubro de 1943

Presentes: SR. JOHN SLOAN, SRA. CRISSIE LANG, SRA. JANIE RICHARDSON, SR. ALEXANDER HART, SRA. MURIEL CLARKE, SRTA. JEAN DEARIE, SR. DONALD CAMERON, SRTA. ELIZABETH DUFF, SRA. MAY DEANS, SRTA. CRISSIE COLQUHOUN.

Mal nos sentámos na sala, vozes do outro lado começaram a falar pelas trombetas antes de termos cantado o hino de abertura. Um de nós comentou que os amigos tinham entrado muito depressa no nosso ambiente, e uma voz perguntou:

"Querem que nos afastemos?"

A Sra. Lang disse: "Oh, não, amigos. Fiquem e conversem connosco."

Cantámos então Nearer, my God, to Thee e, depois, repetimos o "Pai-Nosso". Uma voz do outro lado disse "Ámen" com grande fervor, juntamente connosco.

O Sr. Cameron observou que a sala estava num apagão perfeito e que não se via luz alguma.

Uma voz respondeu:

"Deixem a luz brilhar nas vossas almas e vereis a beleza de todas as belezas que vos rodeiam. Todos cometemos erros, mas os nossos erros purificam-nos por vezes, ao menos purificam a nossa perspetiva. Espero não estar a ser inconveniente ao apresentar-vos os meus pensamentos."

A Sra. Lang respondeu: "Nada disso. Temos muito gosto em ouvi-lo. Quem fala?" A voz respondeu:

"Vocês não me conhecem. Eu conheço muito bem o seu filho, o Sr. Arthur Lang; não na vida terrena, perceba, mas depois de ter vindo para aqui. Eu já cá estava há muitos anos antes do Sr. Lang, mas conheci-o aqui e gosto muito dele."

A Sra. Lang respondeu: "Isso é muito interessante. Conte-nos mais sobre si, por favor." Ele respondeu:

"Obrigado. Posso ficar e observar. Gosto de ouvir outros a falar, os que estão do meu lado, assim como os que estão do vosso. Adoro ouvir as vossas vozes a falar umas com as outras. Eu não era um homem instruído na vida terrena; o que chamariam um homem instruído, mas aprendi muito desde que vim para aqui. Espero que entendam se o disser à minha maneira: há muitas esferas diferentes, muitos estádios distintos de existência no lado espiritual da vida. Conheço o John Sloan desde os seus tempos de jovem e, se puder ser-lhe útil, terei muito prazer. Quando chegar a hora crucial e ele precisar de alguma ajuda, entrarei em contacto com outros que o ajudarão."

O Sr. Sloan disse: "Ora, amigo, muito obrigado, seja lá quem for, e, se vir a minha querida pequenita, diga-lhe que estou bem."

A Sra. Lang disse: "Ainda está aí, amigo?"

Ele respondeu:

"Esta é uma experiência que eu muito aprecio, Sra. Lang. Estou a observar as várias fases por que estão a passar agora, todos vocês neste pequeno grupo, muitas das quais me são estranhas. Refiro-me às belas auras que vos envolvem. Percorri muitíssimos espaços desde que vim para este lado da vida, e agradeço ao grande Espírito Deus por me conceder essa grande alegria e privilégio.

"Fui agora nomeado para atuar no vosso Plano Terreno por um período considerável, procurando aliviar a tristeza e afastar as mágoas daqueles que, no Plano Terreno, precisam de ajuda. Procuro ajudar os que choram por entes queridos por causa desta guerra e incutir-lhes que miríades de almas vêm aliviar o sofrimento dos que, passando pela guerra, chegam a este lado da vida. Fazem-

no retirando-lhes a consciência. Vou colocar-me de lado agora, Senhoras e Senhores, por um pouco, mas, com a vossa permissão, poderei voltar a entrar mais tarde se tiver oportunidade."

A Sra. Lang disse: "Talvez ajude alguns dos nossos amigos a conseguir falar connosco."

Ele respondeu:

"Não tenho poder para isso, minha senhora, mas tentarei contactar quem o possa fazer."

Após um breve silêncio, o Sr. Sloan comentou: "Estou completamente inútil agora. Não sirvo para nada."

Respondemos: "Ora essa, Sr. Sloan, estamos todos muito contentes."

O Sr. Cameron, dirigindo-se ao orador, disse: "Dir-nos-á quem é, Senhor? Seria interessante saber."

A voz respondeu:

"Eu não era do vosso país, meus amigos. Posso dizer-vos isso. Consegui dominar a língua de vossa fala entrando em contacto com muitos que vêm da mesma parte da esfera em que vocês rodam."

A Srta. Duff tossia e comentou: "Apanhei um constipado mandrião que nem faz uma coisa nem outra."

A mesma voz observou:

"Não a sinto a demonstrar esse defeito, minha querida. De todo o grupo, creio que 'atividade' é o seu nome. Não tem dever particular, mas, onde quer que haja necessidade, lá está. Deus a abençoe, irmã, e a auxilie."

A Srta. Duff respondeu: "Muito obrigada, querido amigo", e então uma voz muito alta e clara falou à Sra. Richardson:

"Olá, Mãe. É o Roy a falar, Mãe. Tenho desejado muito poder olhar para ti, e vejo-te melhor em casa da Sra. Lang do que em qualquer outro lugar. Estão a chegar, Mãe. Quero dizer os cabelos brancos. Não faz mal, querida, és para mim mais doce do que nunca."

A Sra. Richardson disse: "Obrigada, Roy. O Pai está contigo?"

Outra voz, mais grave, disse então:

"Olá, minha querida, é o Pai que te fala. Tenho estado perto de ti, minha querida, tentando decifrar o caminho por onde segues. Serás conduzida de modo inesperado, a porta abrir-se-á e conseguirás uma habitação que será, em todos os aspetos, conducente à tua felicidade, minha querida."

A Sra. Richardson andava à procura de casa. Depois, outra voz, mesmo em frente da Srta. Dearie, disse:

"Srta. Dearie, a senhora ao seu lado, a Sra. Clarke, não tem outro nome? Não tem três nomes? Quem é a Annie?"

A Sra. Clarke respondeu: "A Annie é minha irmã." A voz disse:

"Sim, bem, tem andado preocupada com a sua irmã do lado terreno?"

A Sra. Clarke respondeu: "Não, não preocupada." A voz perguntou:

"Tem uma Annie do lado espiritual — uma parente. Penso que é irmã da sua Mãe."

A Sra. Deans interpôs aqui que compreendia a mensagem. Pensou que a mensagem era para ela e que a Sra. Clarke tinha sido confundida com ela. Provavelmente era um mensageiro a transmitir um recado para outra pessoa. Porém, nada mais foi dito, e então ouvimos:

"Jim, Jim. É o Jim a falar."

Esta voz desvaneceu-se e nada mais foi dito. Cantámos então They are winging, they are winging, e uma voz do outro lado cantou connosco.

Outra voz disse então:

"Vamos afastá-lo por um bocadinho", referindo-se ao Sr. Sloan, que entrou em transe por breve tempo.

O Roy Richardson falou novamente e disse:

"Eu não fui embora, Mãe. É o Roy."

A Mãe disse: "Sim, querido Roy, tens alguma mensagem para a Nancy? Acho que ela gostaria de receber uma."

A sua resposta, algo críptica, foi…»

«"Tenho só de esperar mais um bocadinho."

Depois, uma nova voz disse ao Sr. Cameron:

“Irá ver isso elucidado, Senhor — aquela questão que estava a colocar na sua mente.”

O Sr. Richardson falou então à Sra. Richardson, dizendo:

“Sou o James, minha querida. Não me reconheces — James Richardson? Estou surpreendido por não me teres reconhecido quando falei pela primeira vez.”

A Sra. Richardson respondeu: “Oh, James, fico tão contente por te ouvir falar.”

Ele respondeu:

“Ainda te dá prazer, minha querida? Deus te abençoe. Estou contigo muitas vezes quando não o sabes. Estou contigo em todas as tuas pequenas preocupações, e o Roy também, ajudando-te quanto podemos a colocar-te numa condição que promova a tua felicidade em todos os aspetos, mas não tenhas pressa. Deus abrirá um caminho para ti.”

A Sra. Richardson disse: “Obrigada, querido. Estás com o Roy?”

Ele respondeu:

“Muito frequentemente, mas, claro, não estamos sempre juntos. Verás que a minha voz está agora muito diferente do que era nos tempos antigos. Verás, quando chegares a este lado da vida e puderes estar com os belos amigos que encontrei, que adquires outros sotaques. Estás a marchar através de um mundo cansado que está a passar por um tempo terrível, e é teu dever, na medida do possível, viver como sabes que Deus desejaria.

“Fá-lo-ás, eu sei, e encontrarás um lar tão belo e maravilhoso que a minha língua não o consegue descrever. Estive a cantar contigo esta noite quando cantaste aquele lindo hino que acabaste de cantar. A esse teu amigo — e meu — o John Sloan, por cujo dom me é possível falar contigo, envio os meus agradecimentos gratos. A minha voz pode soar-te diferente, mas eu sei, quando vejo o teu rosto iluminar-se com esse sorriso de reconhecimento, que sabes quem sou. Boa noite, minha querida.”

Outra voz, de senhora, disse então à Sra. Richardson:

“Oh, Janie, minha querida, é a Mãe. Deus te abençoe. É a primeira vez que consigo falar contigo.”

A Sra. Richardson respondeu: “Sim, querida, e fico tão feliz por voltar a ouvir a tua voz.”

A Sra. Lang observou: “Ficamos mesmo muito satisfeitos por ouvi-la falar, Sra. Chalmers.” A Sra. Chalmers perguntou:

"É a Sra. Lang? Deus a abençoe. Tentei falar em várias ocasiões, e estou tão contente por o ter conseguido esta noite."

Outra voz disse então:

"Willie Chalmers. Consegue ouvir-me? Olá."

O Sr. Sloan saiu então do transe e disse: "Acho que estive a dormir um bocadinho." Falaram depois à Sra. Deans:

"Há um Robert Smith que queria falar com uma senhora aqui. Não sei quem é. A sua Mãe falou-lhe na outra noite. Eu fui enviado por ela para lhe falar. O caminho tem sido pedregoso para si por vezes."

A Sra. Deans disse que percebia a mensagem. Em seguida ouvimos o Pai dela a chamar pela Anne, sua esposa, do lado dele:

"Onde está a Anne? Onde está ela? Onde estás, Anne?"

Depois, voltando-se para a Sra. Deans:

"É o Pai que te fala. Onde estás, minha querida?"

A Sra. Lang perguntou: "É o senhor, Sr. Nisbet?"

A voz respondeu:

"Sim, eu queria que a Anne falasse."

Mas, ao que parece, a Anne não conseguiu sintonizar a nossa atmosfera e nada se ouviu dela.

Depois, outra voz chamou:

"Robert Niven,"

e a trombeta tocou na Srta. Colquhoun, que perguntou se a mensagem era para ela, e ele respondeu:

"É a família Colquhoun que me interessa."

A Srta. Colquhoun disse: "Conheço os Niven, mas nunca conheci o Robert Niven."

A voz respondeu:

"Digo-lhe que sou o Robert Niven. Vivi há muito tempo no Plano Terreno, muito antes de você lá estar. É daí que veio o nome Christian — Christian Niven. Falo da Christian deste lado. Transportamos os nomes para identificação, mas recebemos outro nome aqui. Como vão todos lá por Dumbarton?"

A Srta. Colquhoun disse: “Oh, interessa-se por Dumbarton? É essa a ligação?”

Ele respondeu:

“Claro que me interesso por Dumbarton.”

A Srta. Colquhoun disse: “Não me lembro de ter ouvido falar de si lá,” e ele respondeu:

“Oh, mas tu és apenas uma franguinha.”

A Srta. Colquhoun riu-se e disse: “Receio é já estar a começar a mudar a pena.”

O Pai dela interrompeu então a conversa:

“Minha querida, não é uma palavra bonita de usar, e estás a tornar-te mais bela todos os dias. Eu ainda não mudei a minha, e tu estás a tornar-te, para mim, mais brilhante e mais bela a cada dia. A Mãe e eu esperamos que tenhas um tempo muito feliz no que resta da tua carreira terrena, e estaremos à porta à tua espera quando chegar o bom tempo de Deus. Deus te abençoe, minha amada menina. Tens tido ultimamente uma vida aos altos e baixos, bem o sabemos. Quero dizer, subidas e descidas, e sentes muito a nossa falta agora, a minha e da Mãe. Cuidaste muito bem da Mãe, e agora tenho-a aqui para cuidar, e creio que compreenderás, minha querida, quando eu disser que penso compreendê-la ainda melhor do que tu.”

A Srta. Colquhoun respondeu: “Tenho a certeza de que sim, querido, e compreendo perfeitamente, Pai. Quem era o Robert Niven que me falou?”

O Pai respondeu:

“Há tantas ligações aqui, Crissie. Levaria demasiado tempo explicar tudo agora, mas um dia tentarei traçar-te a árvore de família.”

A voz de uma senhora perguntou então:

“És tu, Crissie? É a Mãe a falar. Estou a fazer o meu melhor para que me oiças. Eu não esqueço, e nunca esqueço de vir beijar-te todas as manhãs antes de acordares. Às vezes sentes-me e outras não. Deus te abençoe, minha menina. Eu já te estava a ser de pouca utilidade, Crissie.”

A Srta. Colquhoun disse: “Não digas isso, querida. Nunca te ouça dizer isso.”

“Bem, sabes o que quero dizer, Crissie. Às vezes, quando envelhecemos, ficamos a estorvar. Sentimo-nos a estorvar. Eu sei, Crissie. Outra coisa — agora sei que te foi muito difícil quando perdi um pouco a memória.

"Desculpem-me, mas vejo uma luz belíssima sobre a cabeça daquele amigo. O senhor é um homem muito ponderado, Sr. Cameron. Aprofunda o estudo das coisas que pertencem ao lado espiritual da vida. É um tanto engraçado, Crissie, estar eu a falar assim, mas vi a luz e senti que tinha de dizer algo."

Voltando a dirigir-se ao Sr. Cameron, ela disse:

"Tem uma Janie deste lado da vida, Sr. Cameron — uma Janie Cameron?"

O Sr. Cameron respondeu: "Não tenho a certeza. Os meus pais morreram quando eu era jovem, e não conheço muito bem a ligação familiar."

A Sra. Colquhoun disse:

"É do lado de sua Mãe. Estou a receber o nome Janie. Pedirei ajuda para obter uma vibração que lhe permita falar consigo."

O Sr. Cameron agradeceu.

O Sr. Sloan comentou então: "Esta é uma reunião terrivelmente lenta. Nem vale a pena vir. Já não sirvo para nada agora. Não há grande coisa que eu possa fazer, a não ser resmungar."

A Sra. Lang disse: "Ora, Sr. Sloan, isso é disparate. Está de melhor saúde agora do que estava."»

«O Sr. Sloan disse: "Faço o melhor que posso, mas já não há muito que eu possa fazer agora." Porém, a memória do Sr. Sloan estava a enfraquecer bastante.

O Sr. John Hardman tomou então a palavra:

"Dona Lang, tenho a sua permissão para falar?"

A Sra. Lang respondeu: "Com certeza, teremos muito gosto em ouvi-lo."

Ele continuou:

"É um longo chamamento deste lado para o vosso, mas chamo-vos agora e agradeço-vos, a muitos de vós nos belos arredores desta casa, o conforto que me deram desde que vim para este lado da vida. Eu era uma das almas desalentadas da vida terrena, que tinha uma perspetiva muito pobre para o fim da vida. Parti na escuridão e no medo, mas fui trazido à luz deste lado da vida por meio dos amigos que encontrei no vosso convívio.

"Gosto das auras que vejo à vossa volta, porque sei, pelas cores, que não há aqui ninguém que não ajudasse onde fosse preciso, e digo-vos que nunca uma palavra ou um pensamento de amor dirigido a alguém do nosso lado deixa de

chegar imediatamente à alma a quem se destina, se for enviado da maneira certa. Podeis pensar que não ouvem, mas recebem-no de imediato.

"Não acreditava que houvesse vida, vida consciente, após a morte física, mas encontrei um lar eterno e agora aguardo o tempo do Grande Mestre para avançar ao Seu serviço. Rezo para que me seja permitido ajudar todos aqueles que deixei no corpo e que não conhecem esta verdade, para que não sigam o caminho que eu trilhei, mas sim aquele que lhes mostrará a via, como vós, nesta pequena reunião, compreendeis. Então, passarão para este lado da vida com confiança e alegria, e não com medo. Sou John Hardman."

(Lembremo-nos de que ele era o noivo da Srta. Stove, presente numa sessão anterior.)

Alguém perguntou ao Sr. Hardman: "Entrou em contacto com o Dr. McNish, Sr. Hardman?" Ele respondeu:

"Não está na minha esfera de todo. Ele encontra-se numa esfera muito, muito acima da minha. Sabem que vim por uma rua de dúvida, mas cheguei a um lar tão belo, tão belo, muito além dos meus méritos, Sr. Cameron. Há algum James em quem esteja a pensar agora? Recebi o nome James em ligação consigo. Tentarei contactá-lo e talvez consiga que venha. Recebi também o nome John. É o seu irmão John? Tentarei fazer o que vocês, na vida terrena, chamariam uma 'emissão'. Ele já partiu há algum tempo, não é verdade?"

O Sr. Cameron respondeu: "Partiu na Primeira Guerra Mundial, há vinte e cinco anos."

John Cameron falou então:

"É verdade. Contudo, sou eu que falo. É a primeira vez que falo para lá da fronteira. É verdade. É verdade. Vivo. Vivo. Deus vos abençoe."

O Sr. Cameron respondeu: "Claro que vives. Bem, foste uma boa alma quando aqui estiveste."

John respondeu:

"Obrigado por isso. Ao olhar para trás sei que podia ter feito mais."

O Sr. Cameron disse: "Tinhas uma bela casa e foste um bom filho para a tua Mãe", ao que ele respondeu:

"Deus abençoe a minha Mãe. Foi uma boa amiga para mim."

A voz de uma senhora interveio então:

"Não poderia ter sido outra coisa senão uma boa Mãe para um bom rapaz."

Uma voz masculina disse:

"John — foi para África, Durban. Olá, Sr. Cameron, os velhos amigos encontram-se novamente."

O Sr. Cameron perguntou: "Quem fala? É o John?"

O John tinha evidentemente perdido o contacto com as vibrações da Terra e uma nova voz falou por ele:

"Estou a falar por ele. Trouxe-o até si, amigo. Ele partiu em Durban e este é o primeiro contacto que tem com ele desta forma, não é verdade?"

O Sr. Cameron respondeu: "É verdade. Obrigado por tê-lo trazido para falar comigo."

John voltou então a estabelecer contacto:

"Durban já não me prende, embora ainda tenha lá um interesse muito querido."

O Sr. Cameron disse: "Fico feliz por ouvir isso, John", recebendo a resposta:

"Um interesse muito, muito querido. Receio que, por vezes, só quando nos separamos é que as almas afins batem como uma só. Estou a construir um lar, um paraíso, para a pessoa que amo. Nem sempre fui compreendido nesse aspeto, mas o conhecimento que adquiri aqui iluminou-me."

A Sra. Sloan falou então:

"É a senhora, Sra. Lang? Quero apenas agradecer-lhe mais uma vez por toda a sua bondade para com o meu querido velhote, e Deus a abençoe, Crissie (Srta. Colquhoun). Estou com a sua Mãe e demos um passeio tão lindo juntas antes de virmos para aqui, por uma parte muito bela do Paraíso. Sabe de que falávamos? A sua Mãe disse-me: 'Se a Crissie soubesse como estou feliz, tenho a certeza de que o seu coração se alegraria e não se preocuparia comigo.'

"Obrigada por toda a sua bondade para com o meu velhote, pois ele é apenas um homem difícil de lidar. Sim, eu sei tudo, querido Daddy. Por favor, lembra-te de que tentaste viver uma vida útil, e sei que o fizeste bem, e estou certa de que os amigos aqui o confirmarão. Não deixes que isso se estrague ao deixares o teu temperamento levar a melhor sobre ti. Há um velho ditado no querido Livro — 'Os moinhos de Deus moem devagar, mas moem muito miudinho.' Deixa nas mãos d'Ele aquele que tanto te aflige. Deus te abençoe, Daddy."

(A citação não vem da Bíblia, mas de um poema de Friederich von Glogau, monge alemão do século XVII, traduzido para inglês pelo poeta americano Longfellow.)

O Sr. Sloan disse: "Podes ajudar-me, Mammy? O que vai acontecer aí?"

A Sra. Sloan respondeu:

"Eu própria não sei como vai correr, querido, mas tenta não ser amargo. Ele (o Sr. Sloan) sempre teve grande apreço pela pureza desta bela verdade, e aflige-o, Senhoras e Senhores, vê-la degradada. Muitos de vós já tiveram a experiência de encontrar, do vosso lado, aqueles que foram instrumentos nas mãos de Deus para vos fazer saber que existe vida para além da cena terrena. Deus vos abençoe, e se um pensamento bondoso para aqueles que se desviam puder ajudá-los, tentai dar-lhes uma mão amiga.

"Todos somos humanos e todos podemos errar, mas penso que o maior pecado é degradar um dom espiritual. Pecar e encobri-lo com esta bela verdade que me trouxe até aqui é algo terrível. Temos de ser caridosos em tal caso. Querido Daddy, tenta não ser amargo com isso, e que a paz, o conforto e a consolação do Pai Deus e de todo o lado espiritual estejam perto de ti em toda a jornada da tua vida até nos encontrarmos nesta morada feliz."

(A Sra. Sloan falava em linguagem velada sobre um assunto particular, conhecido da família, que não é aqui necessário explicar.)

Ela continuou:

"Deus o abençoe, Sr. Cameron, e a si, Srta. Duff. Acabei de a ver agora mesmo. Não sabia que estava aqui, minha querida, querida amiga. Pedi agora mesmo ao diretor desta pequena reunião que viesse vê-la, Srta. Duff. Já encontrei muitas vezes o seu Pai e a sua Mãe deste lado da vida, sabe, e tive muitas conversas com eles. Contei-lhes como vim a conhecê-la, e talvez consigam falar consigo mais adiante. Deus a abençoe, fortaleça e conserve bem até ao fim da jornada."

A Srta. Duff respondeu: "Muito obrigada, querida Mammy."

Durante algum tempo não se ouviram vozes, por isso cantámos Ó pensa nos amigos de lá, e depois o Sr. Sloan comentou: "Vão ter de tentar fazer alguma coisa por nós, amigos. Isto está terrível."

Uma voz disse então:

"Consegue ouvir-me, Sra. Clarke? Não vai já embora, pois não? Consegue ouvir-me?"

A Sra. Clarke respondeu: "Não vou embora, e ouço-o muito bem."

A voz continuou:

"Está aqui alguém para si. Ele chama de uma boa distância. Alex é o nome, e está uma Mary com ele também. São dois Alex; é isso que me confunde. Estão ambos aqui, e a Mary está com eles. Não vi o seu Pai. São dois mais jovens, e ambos se chamam Alex. Um não é exatamente o que chamaria um amigo da família na vida terrena. É mais do que amigo, de certa forma. Espero estar a explicar-me bem. Um está muito próximo do convívio familiar, mais do que o outro. Sabe do que falo."

A Sra. Clarke respondeu que percebia muito bem.

A trombeta tocou então no Sr. Hart, e uma voz disse:

"Está aí, Alex? Não me afoguei. Diga-lhes que não me afoguei."

Ouvimos depois um som como de água a borbulhar, e a voz disse de novo:

"Sou o Donnie, e não me afoguei. Deviam ver-me. Façam-nos saber. Agora percebo que tinham razão, sei-o agora. Não pensava assim antes. Vivo, vivo, façam-nos saber. Não tenham medo de lhes dizer. Assumam a responsabilidade e digam ao meu Pai e à minha Mãe que não estou morto. Não sofri nada. Parti logo, sabem, direto para a bela margem antes mesmo de perceber onde estava. Só me aflige agora o sofrimento dos que ficaram. Estou bem. Fiz uma mudança gloriosa."»

O Sr. Hart disse:

"Teve contacto com algum dos seus amigos aí desse lado?"

Donnie respondeu:

"De vez em quando sou levado até um, conforme as circunstâncias o permitem. Ouve-me, Alex? Não deixes que pensem que sofri, porque não sofri. Apenas um pequeno mergulho e acabou tudo. Alex, Alex, que revelação!"

Donnie era um engenheiro de Clyde cujo navio foi torpedeado e ele morreu afogado. O Sr. Hart descobriu isto mais tarde e, ao reconhecer a voz, lembrou-se de que o conhecera.

Uma voz masculina disse:

"Srta. Dearie, não está a ter muito para escrever. Nenhum dos seus amigos está aqui nos arredores neste momento, mas tentarei contactá-los."

A Srta. Dearie disse: "Muito obrigada. Se vir algum dos meus amigos, mande-lhes o meu amor, por favor."

Ele respondeu:

"Vou ver se essa mensagem pode ser transmitida."

Outra voz falou:

"Está aqui alguém. Não sei para quem é. Não penso que conheça nenhum de vós, mas diz chamar-se Robert Morrison."

Uma voz muito aguda disse então:

"Quis dar a conhecer o meu nome, não fosse por acaso haver aqui alguém que me conhecesse. Vi a vossa luz e pensei que talvez me fosse permitido espreitar e dizer 'Como estão'."

Dirigindo-se ao Sr. Cameron, prosseguiu:

"Sr. Cameron, não o conheço, Senhor, mas gosto da aura que o rodeia."

O Sr. Cameron disse: "Obrigado, Senhor, conte-nos algo sobre si."

A voz respondeu:

"Não vos posso dizer muito sobre mim, porque não fui grande personalidade na Terra. Só sei que tenho muito a agradecer por ser cuidado por alguns entes queridos do lado espiritual, cuja missão é vir ajudar aqueles que precisam."

O Sr. Cameron perguntou: "Onde viveu na vida terrena?"

Ele respondeu: "Disse-vos o meu nome, mas não vivia onde vocês estão. Não teria vivido num sítio como Glasgow."

Alguém perguntou: "Conhece algum de nós aqui?", e ele respondeu:

"Não conheço nenhum de vós, exceto pelas vossas auras que vos rodeiam. São auras muito agradáveis e indicam que estariam dispostos a dar uma mão amiga a quem pedisse ajuda."

A Sra. Lang disse: "Bem, queremos ajudá-lo se pudermos, amigo", e ele respondeu:

"E eu também quero ajudar-vos. Não posso fazer muito, mas podia tentar entrar em contacto com amigos vossos que passaram do chamado plano terreno para o meu lado da vida e trazê-los para falarem convosco."

A Srta. Duff perguntou: "Não nos pode dizer, amigo, onde vivia quando estava no corpo?" Robert Morrison respondeu:

"Quem fala? Tem uma voz lindamente persuasiva. Sinto-me atraído por si. Não quero ser indelicado, sabe."

A Srta. Duff disse: "Não tomo isso como indelicadeza. Tomo-o como um elogio."

Ele respondeu: "O que me perguntou agora mesmo, você de voz doce?"

A Srta. Duff perguntou novamente: "Poderia, por favor, dizer-nos de onde era na vida terrena? Isso ajudaria a fixá-lo melhor nas nossas memórias."

Ele respondeu:

"Vim de Atlântida, e Robert Morrison é o meu nome; pelo menos, era o nome que me foi dado na vossa língua. Não era do vosso país."

O Sr. Sloan comentou então: "Acho que é um pouco tagarela, amigo, vá-se embora agora."

Provavelmente o Sr. Morrison não sabia o significado de blether (conversa fiada), mas ressentiu-se da observação nestas palavras:

"Que homem rabugento. Vai lembrar-se do que lhe digo. Descobrirá que há coisas que não consegue recordar muito bem quando vier para este lado."

Um amigo muito conhecido e estimado falou então:

"Sra. Lang, é o Peter Galloway a falar."

A Sra. Lang exclamou: "Oh, Sr. Galloway, fico tão contente por ouvi-lo novamente."

O Sr. Galloway, mestre alfaiate em Glasgow e espiritualista proeminente em vida, respondeu:

"Não estou bem em sintonia consigo neste momento, Sra. Lang. Não é a minha forma habitual de lhe falar. Estou bem disposto e muito feliz, mas há vibrações que se interpõem e dificultam que fale consigo como gostaria."

A Sra. Lang comentou: "Fico muito feliz por ouvir a sua voz, Sr. Galloway", e ele respondeu:

"E eu fico feliz por estar à porta aberta e, como costumava dizer, 'Agora teremos uma grande reunião.'

Acho maravilhoso, considerando todos os obstáculos no mundo de hoje. Se estivessem do meu lado, amigos, aperceber-se-iam de todas as correntes

cruzadas que vêm da vida terrena para o lado espiritual, das almas ansiosas, dos pensamentos ansiosos, dos pensamentos angustiados das pessoas da Terra que se perguntam o que está a acontecer aos seus entes queridos.

"Ser-lhes-ia uma consolação se soubessem o que vocês sabem sobre o lado espiritual da vida, a vida de paz, de segurança, como eu a encontrei. Já não tenho desejo pelo velho Arcade. Não preciso de me sentar à janela a olhar para as ruas de Glasgow. Sou livre de vaguear pelos vastos espaços da terra espiritual na medida em que a minha progressão permite, esta terra bela e maravilhosa, aparecendo de vez em quando para vos deixar uma pequena mensagem de amor no plano terreno. Deus vos abençoe."

A Srta. Colquhoun disse: "Sr. Galloway, acha que poderia ajudar a descobrir se há um rapaz chamado Nairn — descobrir se ele já partiu? Está desaparecido e a mãe está em grande angústia e sofrimento."

O Sr. Sloan comentou: "Sei bem o que isso é também."

O Sr. Galloway respondeu:

"Se puder ajudar, Srta. Colquhoun, fá-lo-ei. Se puder. Deus a abençoe, espere um momento."

Evidentemente, alguém que sabia de Nairn estava por perto, porque o Sr. Galloway, após uma pausa, continuou:

"Ele está finalmente em casa. Não é prisioneiro. Está finalmente em casa."

Mais tarde verificou-se que isto era verdade, e depois ouvimos um som como de Código Morse a ser transmitido. Outra voz disse: "Não pode contactá-lo neste momento."

A Srta. Colquhoun perguntou: "Quer dizer que não poderíamos entrar em contacto com ele?"

A voz respondeu:

"Exatamente. Há quem esteja destacado para esse serviço e transmitirá a mensagem."

Uma voz clara chamou então: "Robert, Robert. Estou aqui. Estou aqui. Digam à Mãe. A Mãe não sabe disto."

Os seguintes nomes foram chamados depois, em voz alta e clara:

Donald Smith – James Hislop – Tom Browning – Anne Browning – William Grant – Allenain MacDonald.

O Sr. Sloan perguntou: “De que disparates estão a falar agora? Não conhecemos nenhuma destas pessoas. Se alguns dos amigos índios viessem, Whitefeather e outros. Não é como nos velhos tempos.”

Uma nova voz disse então:

“Já ouviram falar de um velho tão resmungão? Os amigos índios dos velhos tempos não o satisfaziam, e agora estamos a dar o nosso melhor e ainda assim ele não está satisfeito.”

A Sra. Lang perguntou quem falava, e a resposta veio:

“James Hodgson.”

«O Sr. Sloan disse: “Eu faço o melhor que posso, mas já não há muito que eu possa dae noo (fazer agora).” A memória do Sr. Sloan, porém, estava a ficar muito fraca.

O Sr. John Hardman retomou então a conversa:

“Dona Lang, tenho a sua permissão para falar?”

A Sra. Lang respondeu: “Certamente, teremos muito gosto em ouvi-lo.”

Ele prosseguiu:

“É um longo clamor deste lado para o vosso, mas chamo-vos agora e agradeço-vos — a muitos de vós, no amável ambiente desta casa — o conforto que me deram desde que vim para este lado da vida. Eu era uma das almas desalentadas da vida terrena, que tinha uma perspetiva muito pobre para o fim da vida. Saí na escuridão e no medo, mas fui conduzido à luz deste lado da vida através da instrumentalidade dos amigos que encontrei no vosso convívio.

“Gosto das auras que vejo ao vosso redor, porque sei, pelas cores, que não há aqui presente quem não ajudasse onde fosse preciso, e digo-vos que nunca uma palavra ou um pensamento amoroso dirigido a alguém do nosso lado deixa de ser levado imediatamente à alma a quem se destina, se for enviado da maneira certa. Podem pensar que não ouvem, mas recebem-no de imediato.

“Eu não acreditava que houvesse vida, vida consciente, após a morte física, mas encontrei um lar eterno e agora aguardo o tempo do Grande Mestre para avançar ao Seu serviço. Rezo para me seja permitido ajudar todos quantos deixei no corpo e que não conhecem esta verdade, para que não trilhem o caminho que eu trilhei, mas para que os seus passos sejam conduzidos pela senda que lhes mostrará o caminho, como vós, nesta pequena Reunião, o compreendeis.

Então passarão para este lado da vida com confiança e com alegria, e não com medo. Eu sou John Hardman."

(Lembrar-se-á que era o noivo da Srta. Stove, que esteve numa Sessão anterior.)

Alguém perguntou ao Sr. Hardman: "Entrou em contacto com o Dr. McNish, Sr. Hardman?", e ele respondeu:

"Ele não está na minha esfera de todo. Encontra-se numa esfera muito, muito além de mim. Sabem que eu vim pela Rua da Dúvida, mas cheguei a um lar tão lindo, tão lindo, muito além do que merecia, Sr. Cameron. Há algum James em quem esteja a pensar agora? Recebi o nome James em ligação consigo. Tentarei contactá-lo e talvez o traga. Recebo também o nome John. É o seu irmão John? Tentarei fazer o que, na vida terrena, chamariam 'transmiti-lo'. Ele já está deste lado há algum tempo, não é assim?"

O Sr. Cameron respondeu: "Passou na Primeira Guerra Mundial, há vinte e cinco anos."

John Cameron falou então:

"É isso mesmo. Contudo, sou eu que falo. É a primeira vez que falo através da linha divisória. É verdade. É verdade. Eu vivo. Eu vivo. Deus vos abençoe."

O Sr. Cameron respondeu: "Claro que vives. Ora, foste uma boa alma quando aqui estiveste."

John replicou:

"Obrigado por isso. Ao olhar para trás, sei que podia ter feito mais."

O Sr. Cameron disse: "Tinhas um lar lindo e foste um bom filho para a tua Mãe", e ele respondeu:

"Deus abençoe a minha Mãe. Ela tem sido uma boa amiga para mim."

A voz de uma senhora intrometeu-se então:

"Eu não podia ter sido outra coisa senão uma boa Mãe para um bom rapaz."

Uma voz masculina disse:

"John — foi para África, Durban. Olá, Sr. Cameron, os velhos amigos voltam a encontrar-se."

O Sr. Cameron perguntou: "Quem fala? És tu, John?"

John tinha evidentemente perdido o contacto com as vibrações terrenas e uma nova voz falou por ele:

"Eu falo por ele. Trouxe-o até si, amigo. Ele partiu em Durban e este é o primeiro contacto que tem com ele desta maneira, não é assim?"

O Sr. Cameron respondeu: "É assim. Obrigado por o ter trazido para falar comigo."

John voltou então a fazer contacto:

"Durban já não me retém, embora ainda lá tenha um interesse muito querido."

O Sr. Cameron disse: "Fico contente por te ouvir dizer isso, John", recebendo a resposta:

"Muito, muito querido. Receio que, por vezes, só quando nos separamos é que as almas afins batem como uma só. Estou a construir um lar, um paraíso, para aquela que amo. Nem sempre fui compreendido nesse aspeto, mas o conhecimento que adquiri aqui iluminou-me."

A Sra. Sloan falou então:

"É a senhora, Sra. Lang? Quero apenas agradecer-lhe de novo por toda a sua bondade para com o meu querido velhote, e Deus a abençoe, Crissie (Srta. Colquhoun). Estou com a sua Mãe e tivemos um passeio tão lindo juntas antes de virmos para aqui, por uma parte muito bela do Paraíso. Sabe sobre o que falávamos? A sua Mãe disse-me: 'Se a Crissie soubesse quão feliz eu estou, estou certa de que o seu coração se alegraria e que ela não se preocuparia comigo.'

"Obrigada por toda a sua bondade para com o meu velhote, porque ele é apenas um velho difícil de aturar. Sim, eu sei tudo, querido Daddy. Por favor, lembra-te de que tentaste viver uma vida útil, e sei que te saíste bem, e creio que os amigos aqui presentes o confirmarão. Não deixes que isso se estrague deixando que o teu génio leve a melhor. Há um velho dizer no querido Livro — 'Os moinhos de Deus moem devagar, mas moem muito miudinho.' Deixa aquele que tanto trabalho te dá nas Suas mãos. Deus te abençoe, Daddy."

(A citação não é da Bíblia, mas de um dos poemas de Friederich von Glogau, um monge alemão que viveu por volta de 1650, traduzido para inglês pelo poeta americano Longfellow.)

O Sr. Sloan disse: "Podes ajudar-me, Mammy? O que vai acontecer aí?"

A Sra. Sloan respondeu:

"Eu própria não sei como vai correr, querido, mas tenta não ser azedo. Ele (o Sr. Sloan) sempre teve grande consideração pela pureza desta bela verdade, e aflige-o, Senhoras e Senhores, vê-la degradada. Muitos de vós tiveram a

experiência de conhecer, do vosso lado, aqueles que foram instrumentos nas mãos de Deus para vos dar a saber que há vida para além da cena terrena. Deus vos abençoe, e, se um pensamento bondoso para os que saem da linha os puder ajudar, tentai dar-lhes uma mão.

"Todos somos humanos e todos somos passíveis de errar, mas é, penso eu, o maior pecado degradar um dom espiritual. Pecar e encobri-lo com esta bela verdade que me trouxe até aqui é uma coisa terrível. Precisamos de ser caridosos com um caso destes. Querido Daddy, tenta não ser amargo com isso, e que a paz, o conforto e a consolação do Pai Deus e de todo o lado espiritual estejam junto de ti por toda a jornada da tua vida até nos encontrarmos nesta morada feliz."

(A Sra. Sloan falava em linguagem velada sobre um assunto privado, conhecido da família, que não carece de explicação aqui.)

Ela prosseguiu:

"Deus o abençoe, Sr. Cameron, e a si, Srta. Duff. Acabo de pousar os olhos em si agora mesmo. Não sabia que estava aqui, minha querida, querida amiga. Pedi agora ao diretor desta pequena Reunião que viesse vê-la, Srta. Duff. O seu Pai e a sua Mãe tenho-os encontrado muitas vezes deste lado da vida, sabe, e tive muitas conversas com eles. Contei-lhes como a conheci e talvez possam falar consigo mais adiante. Abençoe-a, fortaleça-a e a conserve bem até ao fim da jornada."

A Srta. Duff respondeu: "Muito obrigada, querida Mammy."

Durante algum tempo não se ouviram vozes, por isso cantámos Ó pensa nos amigos lá do além e, depois, o Sr. Sloan comentou: "Vão ter de tentar fazer alguma coisa por nós, amigos. Isto está terrível."

Uma voz disse então:

"Consegue ouvir-me, Sra. Clarke? Não vai já embora, pois não? Consegue ouvir-me?"

A Sra. Clarke respondeu: "Não vou embora, e ouço-o muito bem."

A voz continuou:

"Há aqui alguém para si. Ele chama de uma boa distância. Alex é o nome, e há também uma Mary com ele. São dois Alex; é isso que me confunde. Estão ambos aqui e a Mary está com eles. Não vi o seu Pai. São dois mais jovens e ambos Alex. Um não é exatamente aquilo a que chamariam um amigo da família na vida

terrena. É mais do que amigo, de certo modo. Espero estar a ser claro. Um está muito perto do convívio familiar, mais do que o outro. Sabe ao que me refiro."

A Sra. Clarke disse que compreendia muito bem.

A trombeta tocou então no Sr. Hart e uma voz disse:

"Está aí, Alex? Eu não me afoguei. Diga-lhes que eu não me afoguei."

Depois ouvimos um som como de água a borbulhar, e a voz disse outra vez:

"Sou o Donnie, e eu não me afoguei. Deviam ver-me. Façam-nos saber. Agora percebo que tinhas a ponta certa do pau, eu sei-o agora. Antes não pensava assim. Eu vivo, eu vivo, façam-nos saber. Não tenham medo de lhes dizer. Assumam a responsabilidade e digam ao meu Pai e à minha Mãe que eu não estou morto. Não sofri nada. Fui-me logo, sabem, direto para a bela margem antes de perceber onde estava. O que me aflige agora é o sofrimento dos que ficaram. Estou bem. Fiz uma mudança gloriosa."

O Sr. Hart disse: "Entraste em contacto com algum dos teus amigos aí desse lado?"

O Donnie respondeu:

"De vez em quando sou levado até um, conforme as circunstâncias o permitem. Ouves-me, Alex? Não deixes que pensem que sofri, porque não sofri. Só um pequeno splash e acabou-se. Alex, Alex, que revelação."

Donnie era um engenheiro de Clyde cujo navio foi torpedeado e ele morreu afogado. O Sr. Hart soube disso mais tarde e, ao reconhecer a voz, lembrou-se de que o conhecera.

Uma voz masculina disse:

"Srta. Dearie, não tem grande coisa para escrever. Nenhum dos seus amigos está no ambiente neste momento, mas tentarei contactá-los."

A Srta. Dearie disse: "Muito obrigada. Se vir algum dos meus amigos, mande-lhes o meu amor, por favor?"

Ele respondeu:

"Vou ver se essa mensagem pode ser transmitida."

Outra voz falou:

"Há aqui alguém. Não sei para quem é. Não creio que conheça nenhum de vós, mas diz que se chama Robert Morrison."

Uma voz muito aguda disse então:

"Quis dar a conhecer o meu nome não fosse, por acaso, estar aqui alguém que me conhecesse. Vi a vossa luz e pensei que me fosse permitido espreitar e dizer 'Como está'."

Dirigindo-se ao Sr. Cameron, prosseguiu:

"Sr. Cameron, não o conheço, Senhor, mas gosto da aura que o rodeia."

O Sr. Cameron disse: "Obrigado, Senhor, diga-nos algo sobre si."

A voz respondeu:

"Não vos posso dizer muito sobre mim, porque não fui grande personalidade na Terra. Só sei que tenho muito a agradecer por ser cuidado por alguns queridos deste lado espiritual, cuja missão é vir ajudar os que precisam."

O Sr. Cameron perguntou: "Onde viveu na vida terrena?"

Ele respondeu: "Disse-vos o meu nome, mas não vivia onde vocês estão. Não teria vivido num lugar como Glasgow."

Alguém perguntou: "Conhece algum de nós aqui?", e ele respondeu:

"Não conheço nenhum de vós, exceto pelas vossas auras que vos rodeiam. São auras muito agradáveis e indicam que estariam dispostos a dar uma mão a quem pedisse ajuda."

A Sra. Lang disse: "Bem, queremos ajudá-lo, se pudermos, amigo", e ele disse:

"E eu também quero ajudar-vos. Não posso fazer muito, mas posso tentar entrar em contacto com amigos vossos que passaram do chamado plano terreno para o meu lado da vida e trazê-los para falar convosco."

A Srta. Duff perguntou: "Não nos pode dizer, amigo, onde vivia quando estava no corpo?" Robert Morrison respondeu:

"Quem fala? Tem uma voz lindamente persuasiva. Sinto-me atraído por si. Não quero ser indelicado, sabe."

A Srta. Duff disse: "Não tomo isso como indelicadeza. Tomo-o como um elogio."

Ele respondeu: "O que foi que você, de voz doce, me pediu agora mesmo?"

A Srta. Duff voltou a perguntar: "Poderia, por favor, dizer-nos de onde era na vida terrena? Ajudaria a fixá-lo melhor na nossa memória."

Ele respondeu:

"Vim da Atlântida, e Robert Morrison é o meu nome; pelo menos, era o nome que me deram na vossa língua. Não era do vosso país."

O Sr. Sloan comentou: "Acho que és um bocado de conversa fiada, amigo; vai-te embora agora."

Provavelmente o Sr. Morrison não sabia o significado de blether, mas ressentiu-se da observação nestas palavras:

"Que velho resmungão. Vai lembrar-se do que lhe digo. Descobrirá que há coisas que não consegue recordar muito bem quando vier para este lado."

Um amigo muito conhecido e muito querido falou então:

"Sra. Lang, é o Peter Galloway que fala."

A Sra. Lang exclamou: "Oh, Sr. Galloway, fico tão contente por o ouvir outra vez."

O Sr. Galloway, mestre alfaiate de Glasgow e espiritualista de destaque em vida, respondeu:

"Não estou bem em rapport consigo neste momento, Sra. Lang. Não é a minha maneira habitual de lhe falar. Estou bem disposto e muito feliz, mas há vibrações que se interpõem e tornam difícil falar-lhe como eu gostaria."

A Sra. Lang observou: "Fico muito satisfeita por ouvir a sua voz, Sr. Galloway", e ele respondeu:

"E eu fico feliz por estar na porta aberta e, como costumava dizer, 'Agora teremos uma grande Reunião.'

Acho maravilhoso, considerando todos os contratempos no mundo de hoje. Se estivessem do meu lado, amigos, aperceber-se-iam de todas as correntes cruzadas que vêm da vida terrena para o lado espiritual, das almas ansiosas, dos pensamentos ansiosos, dos pensamentos angustiados dos terrestres que se perguntam o que está a acontecer aos que amam.

"Ser-lhes-ia um consolo se soubessem o que vocês sabem sobre o lado espiritual da vida — a vida de paz, de segurança — como a encontrei. Já não tenho desejo pelo velho Arcade. Não preciso de me sentar à janela a olhar as ruas de Glasgow. Sou livre de percorrer os grandes e vastos espaços da terra espiritual, na medida em que a minha progressão o permite — esta terra bela e maravilhosa — aparecendo, de vez em quando, para vos deixar uma pequena mensagem de amor no plano terreno. Deus vos abençoe."

A Srta. Colquhoun disse: "Sr. Galloway, acha que poderia ajudar a descobrir se há um rapaz chamado Nairn — saber se já passou? Ele está desaparecido e a mãe está em grande sofrimento e angústia."

O Sr. Sloan comentou: "Eu também sei o que isso é."

O Sr. Galloway respondeu:

"Se puder ajudar, Srta. Colquhoun, fá-lo-ei. Se puder. Deus a abençoe, espere um pouco."

Evidentemente, alguém que sabia do Nairn estava nas proximidades, porque o Sr. Galloway, depois de uma pausa, continuou:

"Ele está finalmente em casa. Não é prisioneiro. Está finalmente em casa."

Mais tarde verificou-se que era verdade, e então ouvimos um tilintar como de mensagem em Código Morse a ser enviada. Outra voz disse: "Não o pode contactar neste momento."

A Srta. Colquhoun perguntou: "Quer dizer que não poderíamos entrar em contacto com ele?"

A voz respondeu:

"Precisamente. Há quem esteja destacado para esse serviço e transmitirá a mensagem."

Uma voz clara chamou então: "Robert, Robert. Estou aqui. Estou aqui. Digam à Mãe. A Mãe não sabe disto."

Os seguintes nomes foram então proferidos em voz alta e clara:

Donald Smith James Hislop Tom Browning Anne Browning William Grant Allenain MacDonald.

O Sr. Sloan perguntou: "De que bletherin' (disparates) estão a falar agora? Não conhecemos nenhuma destas pessoas. Se alguns dos amigos índios viessem — o Whitefeather e outros. Isto já não é como nos velhos tempos."

Uma nova voz disse então:

"Já ouviram semelhante velho rabugento? Os amigos índios dos velhos tempos não o satisfaziam, e agora estamos a fazer o melhor possível e ele continua insatisfeito."

A Sra. Lang perguntou quem falava, e a resposta veio:

"James Hodgson."

O Sr. Sloan disse: "Bem, leva esta mensagem minha, amigo — estão a deixar-nos ficar muito mal. Podiam arranjar que viesse alguém ajudar a animar-nos um pouco. Lamento, Sra. Lang, tenho de pedir desculpa por eles, mas talvez não possamos culpar demasiado os nossos amigos do espírito quando pensamos no estado terrível do mundo e nas dificuldades que possam ter em chegar até nós."

A Sra. Lang respondeu: "Não há necessidade de pedir desculpa, Sr. Sloan. É o único que está a dizer alguma coisa. Nós estamos todos perfeitamente satisfeitos."

Uma voz disse então:

"Já não sou um Tomé descrente. Está aí, Sra. Lang? Permite que lhe fale? É o John Campbell. Na ausência da minha querida esposa, queria apenas falar consigo e agradecer-lhe a sua bondade para com a minha mulher."

A Sra. Deans perguntou: "O Sr. Campbell, quando na Terra, nunca veio a nenhuma Sessão, Sra. Lang?", e a Sra. Lang respondeu: "Não, não creio que alguma vez tenha vindo."

O Sr. Campbell voltou a falar e disse:

"Nunca consegui ganhar coragem suficiente para entrar numa Reunião. Ter-me-ia feito melhor se o tivesse feito, porque teria conseguido contacto mais depressa quando vim para este lado. Diga à minha querida que não se preocupe comigo. A passagem não teve quaisquer efeitos nocivos sobre mim. Mal consigo explicar por que nunca vim a uma Sessão. Tinha grande inclinação para vir, mas, de algum modo, não conseguia ter força de vontade para entrar. Os rapazes estão ambos bem e a ir bem — o Peter e o Ralph."

A Sra. Deans perguntou: "Como estão o teu Pai e a tua Mãe, Jack?"

O Sr. Campbell respondeu:

"Quem fala?"

e a Sra. Deans disse: "May Nisbet" (o seu apelido de solteira).

O Sr. Campbell disse:

"Oh, querida, querida, May Nisbet. A May Nisbet nesta Reunião."

A Sra. Deans respondeu: "Ora, Jack, já te falei aqui antes, Deus te abençoe."

Ele respondeu-lhe:

“Sim, eu sei, mas não sabia que estavas aqui agora. Deus te abençoe, minha querida. Fico muito contente por falar contigo. Deus a abençoe, e a si também, Sra. Lang.”

A Sra. Lang respondeu: “Obrigada. Transmitiremos a sua mensagem.”

Seguiu-se silêncio. O Sr. Sloan, que, à medida que o tempo passava, estava cada vez mais aborrecido com o desenrolar das coisas — e a familiaridade gera desprezo — já não se conteve. Após um intervalo de silêncio, exclamou impacientemente: “Isto é desesperante. Mais vale encerrarmos a Reunião.”

A Sra. Lang disse: “Bem, de qualquer modo teremos de estar atentos à hora para permitir que as pessoas cheguem a casa. Alguém começa a Doxologia por nós?” Uma voz percorreu então a escala, e a Sra. Lang disse: “Oh, é o senhor, Pai? Não comece demasiado alto.”

O Sr. Greenlees, seu pai do outro lado, então entoou:

“Louvai a Deus, de Quem tudo procede,” e nós juntámo-nos.

A Sra. Sloan disse então: “Que a Bênção de Deus Pai esteja com todos vós, queridos, e com os vossos queridos amigos, todos os vossos dias, guardando-vos e guiando-vos por todas as provações e tribulações até ao fim da jornada. Ámen. Desculpem falar outra vez. Quero apenas dizer ao Daddy: não sejas amargo, querido, e Deus te abençoe.”

O Sr. Sloan respondeu: “Sou apenas um velho bicho resmungão, Mammy, e não o consigo evitar.”

A Sra. Sloan pensava de outro modo:

“Consegues, sim, se quiseres, meu querido. Faz apenas o teu melhor.”

Outra voz chamou:

“Olá, olá, é só o Roy para dizer boa noite à Mãe, só isso. Acabei de me esgueirar pelo cantinho da porta para dizer boa noite à minha Mãe, e amor também do Pai. Estou muitas vezes contigo, embora não o saibas, Sra. Lang. Eu adoro esta sala. Venho por vezes de dia e penso nos tempos felizes que aqui passei. Hei de encontrar-te uma casa, Mãe. Não te preocupes.”

(A Sra. Richardson andava à procura de casa.)

Isto pôs fim à Reunião.

Chegámos agora a cerca de meio deste livro, e desejo agora discutir um assunto que um dia há de intrigar os nossos descendentes: a apatia da ciência oficial relativamente a tudo o que concerne aos fenómenos psíquicos. Desde a descoberta, no século XVII, de que o Universo é regido por leis naturais — e não pelos deuses — a ciência tornou-se cada vez mais materialista na sua perspetiva, atingindo o clímax no nosso tempo, quando a British Broadcasting Corporation transmitiu, em 1950, uma série de palestras científicas que faziam do homem um robô altamente especializado, sendo os seus pensamentos e memória pouco mais do que impulsos elétricos.

Esta tentativa lastimável de transformar o homem numa máquina, à qual nenhum Espiritualista pôde responder, e perante a qual a Igreja se manteve silenciosa por ignorância, teve decerto um efeito deprimente sobre a maioria dos ouvintes, que sabiam tão pouco acerca da constituição psíquica do homem quanto os professores de antropologia e biologia que proferiram essas palestras. Este estado de ignorância provém de a ciência ignorar a base em que assenta — a observação e a experiência de todas as coisas na natureza — e de se ter desviado, por preconceito, da busca da verdade. Infelizmente, a descoberta da lei natural e a destituição do governo dos deuses inauguraram a Idade Materialista, e o Universo passou a ser visto apenas como uma máquina, e a vida como uma chama que se extingue com a morte.

O materialismo tem resposta para tudo. Nada existe para além da matéria física, que é tudo em tudo, omnipresente, omnipotente e omnisciente. A matéria física é o Universo, e nada existe para além do que os nossos sentidos podem perceber. Ernest Haeckel, no século XIX, prosseguindo a tarefa iniciada por Darwin, propôs a sua conclusão de que todo o cosmos podia ser expresso numa palavra: "Monismo", e de que o próprio homem não é mais do que uma unidade material. Consequentemente, é ilusão acreditar que a alma do homem seja uma entidade separada que habita por um tempo no invólucro mortal, o deixa e vive após a morte.

Com este pano de fundo, não nos surpreende que os professores da Universidade de Glasgow — tornada célebre em toda a Europa no século XVIII pelo brilho do Professor Adam Smith — tenham esquecido a base de observação e experiência em que assenta a ciência e mantido, sem exame, a atitude de que tudo quanto respeita aos fenómenos psíquicos é indigno de investigação. Durante cinquenta anos ignoraram os fenómenos do Círculo de Sloan, que tinham lugar a menos de uma milha do seu imponente edifício.

Consequentemente, apenas um professor se mostrou suficientemente interessado para assistir a uma palestra que dei, em 1923, na sala da Glasgow

Philosophical Society, sendo o meu tema os fenómenos que ocorriam nas sessões de Sloan. Só um se tornou membro da Glasgow Society for Psychical Research quando fundei a sociedade em 1923. Além disso, quando Sir William Barrett, F.R.S., fundador da London Society for Psychical Research, veio a Glasgow nesse ano, a pedido da Glasgow Society for Psychical Research, para se dirigir a uma grande audiência no St. Andrew's Hall, sessão que presidi, a vida universitária de Glasgow marcou presença pela ausência, embora todos os seus dirigentes tivessem sido convidados.

As faculdades das nossas outras Universidades têm culpas semelhantes e o meu livro On the Edge of the Etheric, que circulou entre elas, foi ignorado. Não surgiu cátedra alguma de Ciência Psíquica em nenhuma Universidade britânica, e as revistas científicas britânicas, dedicadas às diferentes áreas da ciência, raramente, se é que alguma vez, mencionam o assunto, por ser tabu e não matéria de discussão científica. Milhares de livros — alguns de autores conhecidos — foram publicados sobre o tema ao longo dos últimos cem anos, milhões de diferentes sessões foram realizadas por todo o mundo, onde ocorreram fenómenos supranormais, e, no entanto, a ciência oficial mantém a sua indiferença a um assunto que contraria a sua conceção materialista do Universo.

Aquele corpo outrora esclarecido — a Society for Psychical Research — quando fundada em 1882, teve uma liderança entusiasta e a sua publicação oficial continha grande quantidade de material de primeira ordem, fruto de investigação cuidada. Infelizmente, os seus fundadores não foram seguidos por homens da mesma têmpera e, quando me tornei membro, por volta de 1920, o seu Conselho tinha-se tornado estático, com a consequência de a Sociedade perder uma das suas maiores oportunidades de melhor esclarecer os seus membros.

O Sr. Sloan, no início de 1925, foi a Londres de visita, e Sir William Barrett e eu organizámos diversas sessões a que os nossos amigos assistiram. Sir William ficou muito satisfeito com o que ocorreu e propus-lhe — para levar à Society for Psychical Research — que eu pagaria todas as despesas de Sloan em Londres se ele lá ficasse a dar à Sociedade uma série de sessões. Sloan concordou, e Sir William foi à reunião seguinte do Conselho apresentar a minha proposta.

Para sua grande desilusão, o Conselho rejeitou-a, sem explicação nem expressão de agradecimento; e, quando me comunicou a decisão de não investigar a mediunidade de Sloan, não ficou apenas desiludido — ficou zangado. O assunto terminou aí e nada mais foi feito. A minha reação foi demitir-me da Sociedade e, desde então, tenho observado, ao longo destes anos intermédios, com pesar,

que os seus dirigentes revelaram tamanha falta de iniciativa, confinando-se em demasia a um só ramo estreito de investigação e ficando muito afastados do verdadeiro espírito científico que animou os seus fundadores.

O que o Espiritualismo representa não chegará ao povo por iniciativa das nossas Universidades. O Espiritualismo será um dia geralmente aceite como verdade, não por causa do que a ciência oficial descobrir, mas porque as pessoas, através das suas sessões e das suas leituras, se estão a instruir numa das maiores descobertas do mundo: encontrámos os nossos mortos, falámos com eles e verificámos que estão bem vivos e muito semelhantes a nós. A mediunidade — e os que sobre ela escrevem — está a educar um público espantado e incrédulo, e os espiritualistas estão a levar a sua descoberta por todo o mundo, vasta e largamente, entre os seus semelhantes.

Só eles adotaram a verdadeira atitude científica: observar, inquirir e investigar, sem noções pré-concebidas acerca do que deve ou não deve ser. Assentaram uma base firme de factos científicos, mas os futuros historiadores, se se mantiverem fiéis ao que é verdadeiro, não darão crédito à ciência oficial. Em vez disso, a sua atitude negativa e obstrucionista perante este tema abrangente será universalmente condenada.»

A desculpa dos cientistas é que os espiritualistas lidam com fenómenos que não podem ser repetidos à vontade, que aquilo que eles — os cientistas — lhes interessa é algo que possam provar que acontece a qualquer hora do dia ou da noite. Essa atitude é estúpida, pois, para sermos verdadeiramente científicos, temos de tomar as coisas como a Natureza no-las dá e adaptar as nossas experiências em conformidade. O que aconteceu no Círculo de Sloan, e tem acontecido noutros lugares em muitas ocasiões, pode, no entanto, ser repetido. Durante cinquenta anos a Universidade de Glasgow poderia ter tido um ou mais representantes a fazer um registo textual do que ocorria no Círculo de Sloan e a verificar cuidadosamente tudo o que era dito ou feito. Poderiam ter enchido cem volumes tão grandes como este livro com os seus relatórios e dado ao mundo muito conhecimento científico que os cientistas Espíritos, incluindo os médicos, teriam tido o maior prazer em lhes fornecer.

Foi isso que aconselhei os nossos cientistas a fazer há trinta anos, particularmente os psicólogos, os biólogos e os antropólogos da Universidade de Glasgow, porque tinham um dos maiores médiuns de Voz Direta do mundo à porta de casa. Tudo poderia ter sido feito gratuitamente e de graça, porque Sloan nunca quis ganhar dinheiro com o seu maravilhoso dom. Teriam descoberto o ectoplasma, algo que realmente existe mas é desconhecido da ciência oficial, que sobre esta matéria espantosa é tão ignorante como um

recém-nascido. Poderiam ter tirado centenas de fotografias de ectoplasma com luz infravermelha e vê-lo a jorrar pela boca de Sloan, e pelos outros orifícios, como uma cobra contorcida. Poderiam tê-lo analisado, além de fazerem muitas outras coisas que ocorreriam a pessoas inteligentes, mas nada fizeram e permaneceram acampados em Gilmorehill, deliberadamente ignorantes dos acontecimentos maravilhosos que estavam a ter lugar numa certa casa no vale abaixo deles.

Por fim, chamarei a atenção para as coisas neste capítulo que gostaríamos de recordar. Um amigo de Arthur Lang, que não deu o seu nome, enfatizou a importância da educação e, permita-se-me acrescentar, aumentar o nosso desenvolvimento mental na Terra é das coisas mais sábias que podemos fazer, porque levamos connosco tudo o que aprendemos aqui. Outro ponto interessante mencionado por Robert Niven, falando a partir da Etéria, é que levamos os nossos nomes terrenos para identificação, mas cada um pode obter lá outro nome. Talvez seja por isso que às vezes dão apenas o primeiro nome e não o associam ao apelido, o que liga certamente com o que John Campbell tinha a dizer sobre o tema dos nomes, conforme relatado perto do fim do Capítulo XIV.

A Sra. Sloan fez uma observação interessante, a saber, que ela e os seus amigos eram todos humanos e passíveis de errar, e isto foi sublinhado por um orador no início da sessão. Este facto deve ser lembrado por aquelas pessoas simples que pensam que devem aceitar orientação dos Espíritos e não usar a sua própria razão.

No que toca a assuntos terrenos, os Espíritos cometem erros, como todos nós, e recordarei sempre que, numa ocasião, um amigo na Etéria me disse que lá são tão humanos como nós, sendo os seus habitantes todos provenientes desta Terra. A Etéria não contém anjos nem demónios teológicos, e nenhum ser não humano de qualquer espécie compõe a sua população. A Terra é o viveiro da Etéria.

CAPÍTULO XII

REUNIÃO EM CASA DA SRA. LANG

GIFFNOCK, GLASGOW

1 de dezembro de 1943

Presentes: SR. JOHN SLOAN, SRA. CRISSIE LANG, SR. ALEXANDER HART, SRA. JANIE RICHARDSON, SRTA. JEAN DEARIE, SR. DONALD CAMERON, SRA. MARY LONDON, SRA. ELIZABETH CAMPBELL, SRA. LILLIAS BOWES, SRTA. CRISSIE COLQUHOUN.

ABRIMOS a Sessão com o hino Nearer, my God, to Thee e, depois, repetimos a Oração do Senhor. Uma voz do lado do espírito juntou-se a nós no "Ámen". Algo caiu ao chão, e o Sr. Sloan disse: "Alguns dos nossos amigos do espírito tiraram-me o lápis do bolso e deixaram-no cair ao chão."

Uma voz disse:

"Para que quer um lápis, afinal? Você não sabe escrever estenografia."

A Srta. Dearie disse: "Talvez o estivesse a guardar para mim, caso o meu partisse." A voz disse:

"E você consegue sempre ver a ponta, minha querida?" A Srta. Dearie riu e respondeu: "Oh, sim, acho que costumo ver."

Ele replicou: "Seria pena, minha querida, se não visse. Somos bastante naturais deste lado da vida, como descobrirão quando vierem para aqui. Eu, pelo menos, acho que sim. Esta não é a Sra. London que está sentada aqui?"

A Sra. Campbell disse: "Sim, é. Conhece-a?"

A voz respondeu:

"Bem, eu conheço o marido. Já o encontrei deste lado."

A Sra. London disse: "Tem alguma mensagem para mim?"

A voz respondeu:

"Há tão pouco que eu possa dizer."

A Sra. Campbell disse: "Fale-lhe do marido. Tenho a certeza de que ela ficará encantada por ouvir notícias dele."

A voz respondeu:

"Seria muito melhor que fosse ele próprio a fazê-lo, sabe."

Mas não houve mais contacto porque outra voz interveio. O Sr. London, no entanto, estava por perto, pois falou mais tarde com a esposa.

"Jim, Jim está a falar."

O Sr. Sloan disse: "Isso não nos diz grande coisa. Jim é um nome vulgaríssimo. Qualquer pessoa podia reclamar um Jim."

A Sra. Lang disse: "Ora bem, Jim, teremos muito gosto em ajudá-lo, se pudermos."

Jim respondeu:

"Não se trata de me ajudarem. Estou mais inclinado a tentar ajudá-los. É o meu dever e o meu trabalho: tentar assimilar algumas das palavras da vossa língua e ajudar todos quantos eu puder. Não sou britânico, embora eu seja sempre britânico no coração, em todos os momentos. Somos todos uma família."

O Sr. Cameron perguntou: "A cor está ausente quando se deixa aqui a Terra?"

Ele referia-se à barreira racial, mas a sua vagueza levou o Etérico que falava a dizer:

"Não percebo. O que quer dizer com 'cor'? Somos todos uma família, todos irmãos e irmãs, e adquirimos o conhecimento que o Grande Mestre quer que obtenhamos. Temos de permanecer no ambiente em que nos encontramos até adquirirmos o conhecimento necessário para passar a planos superiores e, tendo capacidade para ascender, recebemos os conselhos dos grandes líderes. Há coisas que não pode saber, amigo Cameron, até vir para este lado da vida, instruído como é, como todos se tornam, e como todos nos devemos tornar a seu tempo."

O Sr. Cameron observou: "Parece que o amigo atingiu um grau de compreensão."

A voz respondeu:

"Isso cai sobre nós de forma esmagadora quando vemos inteligências tão à nossa frente, e desejamos seguir as pegadas do Grande Mestre Professor. Em método de progresso, significa assimilação da Verdade, que devemos tomar para nós, e que estejamos dispostos a obedecer à vontade dos que estão acima de nós e a seguir nas pegadas elevadas dos que avançaram muito além de nós. Não é tema de um dia, como lhe chama, de um mês ou de um ano. É de longa duração antes que alguns ascendam a este discernimento. Compreende o que quero dizer? O impulso de ascender não tem limite. Permanece connosco, o nosso desejo de seguir os passos dos grandes mestres que foram adiante."

A Sra. Lang perguntou: "Quem fala, amigo? Já esteve aqui antes?"

Ele respondeu:

"Jim, Jim, ou James. Gostei do nome e tomei-o para mim. Não foi o nome que tive na vida terrena."

A Sra. Lang disse: "Mas já esteve aqui antes, não esteve, James?"

Ele respondeu:

"Muitas vezes. Tenho tentado, há muito tempo, encontrar meios para conseguir as vibrações para vos falar, e outros estão a ajudar-me. Não sou capaz de falar como me ouvem falar. Estou a registar o som dos que estão acima de mim e me mostram o caminho. Amo-vos a todos. Sou apenas o ditador (intermediário) que pronuncia as palavras que me estão a ser transmitidas."

O Sr. Cameron disse: "Compreendo: o seu pensamento transforma-se instantaneamente em som."

Ele respondeu:

"Um pensamento no Plano Terreno transforma-se em som do nosso lado da vida." (Provavelmente queria dizer que os nossos pensamentos são captados telepaticamente.) "Se estiverem em amor e simpatia coiguais uns com os outros, isso é um laço que nunca afrouxa e nunca se quebra."

O Sr. Cameron perguntou: "Alguma vez recebem os nossos pensamentos em cor?"

A voz respondeu:

"Recebo-os primeiro em impressão e depois oiço. Parece-me que o compreendo muito bem. É muito lúcido na sua explicação, amigo. Adoro ouvi-lo. Entrei na sua Reunião e estou deliciado com a forma como me receberam. Por vezes entro numa Reunião noutro lugar e não sou tão bem recebido como aqui me receberam."

A Sra. Lang disse: "Estamos encantados por tê-lo connosco."

Ele respondeu:

"Este conhecimento deveria ser um conforto para todos no corpo. No mundo que percorreis hoje, Irmã, quando se tem parentes e amigos que se ama e adora, e o Mestre, na Sua sabedoria, por vezes os leva para casa, como vos afligis e vos entristeceis. Não o devíeis fazer, sabeis."

Outra voz, muito grave, disse:

“Muito difícil não o fazer.”

O primeiro orador disse:

“Estou a falar agora com esta senhorinha. Contudo, a sua mágoa já passou. Está mais suavizada agora.”

A Srta. Colquhoun perguntou: “É fácil, para todos do seu lado, captar os nossos pensamentos, ou é mais difícil para uns do que para outros?”

Ele respondeu: “Muito difícil para alguns.”

As trombetas tocavam na Sra. Campbell, e uma voz disse:

“Avô. É o Avô a falar.”

A Sra. Campbell disse: “É o meu Avô que está a falar?”

Ele respondeu:

“O pai do John. Estou surpreendido por não me teres reconhecido.”

A Sra. Campbell disse: “E como está o Jack? Vai falar comigo?”

O Sr. Campbell, Sénior, disse:

“Certamente te falará dentro em pouco. Ele envia os seus pensamentos, e eles são refletidos através de vários canais. Muitos que amas estão nas imediações, mas não consigo chegar a todos esta noite por ti, minha querida. É uma família feliz.”

Outra voz exclamou então:

“Margaret, minha querida Margaret.”

A Sra. Campbell perguntou quem falava, mas a conversa foi interrompida por uma nova voz que disse:

“Fala outro amigo — o marido da senhora ao teu lado.”

E perguntou:

“Fui um sujeito difícil para si, Sra. Campbell?”

A Sra. Campbell perguntou quem falava, e ele respondeu:

“Eu sou o Norman. Pensaste que eu não compreendia, que não te acompanhava, suponho. Que não acreditava no que me dizias. Agora constato que era tudo verdade. Muito obrigado.”

Depois dirigiu-se à esposa, a Sra. London:

"É o Norman a falar contigo. Minha querida, como estás? Estou do outro lado da sala para poder amplificar um pouco melhor a minha voz para ti. Ainda não está sintonizada como eu gostaria. O amor que está nas nossas almas, minha querida, continua a arder forte e, à medida que os teus dias passam, eu velo por ti. Deus te abençoe. Nunca serei verdadeiramente feliz até nos darmos a mão e nos abraçarmos quando chegar a boa hora de Deus. No intervalo, guardar-te-ei o melhor que puder, tanto quanto os amigos espirituais que me orientam aqui me permitirem fazê-lo."

A Sra. Sloan interveio e disse:

"Sra. London, fiquei tão contente por a ver aqui. Lembra-se quando veio visitar-me? Parece que foi há muito tempo. Lembra-se, Sra. Campbell, quando a Sra. London subiu à nossa casinha. Fico tão contente por continuar em contacto com os entes queridos que conheceu e que agora estão do nosso lado da vida. Prometi tentar ajudá-los a entrar em contacto consigo de tempos a tempos; esse é o meu trabalho, sabe, e é um labor de amor maravilhoso. Os seus queridos cercam-na frequentemente, embora não o saiba. Tem um constipado, Daddy?" (para o Sr. Sloan).

O Sr. Sloan respondeu: "Está tudo bem, querida. Não terei constipado nenhum quando for ter contigo. Faz com que o tempo seja curto, querida. Quando chegar a hora de Deus, estarei pronto para saltar."

A Sra. Sloan respondeu:

"Sim, eu sei, querido. Acho que a maioria das pessoas, quando chegam à tua idade e os que amam já foram antes, fica ansiosa por partir, mas tens de esperar a boa hora de Deus, querido, e então nos encontraremos e seremos um para o outro o que fomos na vida terrena. Deus o abençoe, Sr. Hart. Adorava vê-lo a trote pelo campo quando vinha à casinha, e eu sabia que seria uma boa Sessão quando o Sr. Hart vinha. Teremos outra grande reunião mais adiante. Teremos tanto de que falar e para contar uns aos outros. (Uma pausa e depois:) Não me perguntes isso, Daddy, porque não seria correto dizer."

O Sr. Sloan deve ter feito uma pergunta mental.

O Sr. Sloan respondeu: "Eu não perguntei, Mammy. Só estava a pensar nisso. Tenho mais juízo do que fazer essas perguntas. Estava apenas a imaginar se seria assim."

Outra voz, evidentemente falando com alguém do seu lado, disse:

"És tu, Harry? Estás aí, Harry? Tira só os pés do caminho, meu amigo."

O Sr. Sloan riu e disse: "Desculpa, amigo. Admito que estava sentado com as pernas esticadas. Desculpa, amigo. Não foi minha intenção ficar no teu caminho."

A voz respondeu:

"Sim, mas estou certo de que tenho a simpatia dos que estão do vosso lado se disser que estamos a trabalhar para manter as condições que aproximam um pouco mais os vossos amigos de vocês e, se te digo para tirares os pés do caminho, não ficarás aborrecido."

Dissemos: "Claro que não ficamos aborrecidos. Mantemos os pés recolhidos."

Ele respondeu:

"Não são as senhoras de todo. É o nosso velho amigo aqui. Tinha-os bem esticados, mas fico contente que o encare da maneira como foi dito — apenas uma dica."

Outra voz disse:

"É o Jim. Não é fácil falar. Reconheces a minha voz? Fiz o meu melhor para te falar antes. Continua a olhar para cima, minha querida. Estou muitas vezes ao teu lado e assim estarei por todos os dias que te restam no lado terreno da vida."

Esta mensagem destinava-se à Sra. London.

O Harry então conseguiu passar, pois uma voz disse:

"Fala Harry Wincombe. Esse era o meu nome."

O Sr. Cameron disse: "Viveu na Escócia, Sr. Wincombe?"

Ele respondeu: "Não, pelo menos não o tempo todo. Não conheço pessoalmente nenhum de vós."

O Sr. Cameron disse: "Conte-nos algo sobre si."

O Harry respondeu:

"Bem, não estou inclinado a fazê-lo. Não gosto de falar de mim. Isto é Glasgow, não é? Estou há muito tempo do lado espiritual da vida. Há descendentes da minha família que ainda estão em Inglaterra. Há um Dr. Wincombe. Algum de vocês o conhece?"

Um de nós perguntou: "Está em Glasgow?" Ele respondeu:

"Se soubesse isso não vos incomodava a perguntar. Pensei que talvez aqui viesse a saber algo sobre ele. Estou há algum tempo na vida espiritual e achei muito difícil convencer-me de que tinha acabado com o velho mundo. Custou-me a perceber que deixara o corpo físico quando me vi possuidor de um corpo tão real como aquele que tivera. Um com que podia viajar e ir ver pessoas que ainda estavam na vida terrena, até perceber que não me podiam ver. Achei isso uma coisa tão esquisita e, ao princípio, tive dificuldade em ser feliz do lado espiritual da vida. Foi uma luta muito dura para mim no início, mas acabei por esbarrar com alguém que me mostrou o caminho por onde podia entrar em contacto com os que ficaram e, a partir daí, fiz progressos. Não progredi muito, mas agora estou no bom caminho e estou feliz."

Depois um homem, que se veio a revelar ser Thomas Armstrong, dirigiu-se à Sra. Bowes:

"É o Thomas a falar agora. Reconhece-me? É a Sra. Bowes? É o Thomas a falar. Estive agora ausente a procurar entrar em contacto com os seus rapazes e farei tudo o que puder para cuidar deles por si e aliviar-lhe o fardo. A luz brilhará e voltará a ser feliz, mas o mundo está numa tragédia tal neste momento que não conseguimos contactá-la como fazíamos."

Outra voz, do outro lado, juntou-se e dirigiu-se ao Thomas antes que a Sra. Bowes pudesse responder:

"Ó, Thomas, vejo que arranjaste alguém com quem falar esta noite. Sou um velho colega de escola do Thomas. Reparo que as condições neste momento não estão tão boas. Penso que, se vocês cantassem algo em surdina, ajudaria a aplanar um pouco o caminho para aqueles que talvez ainda consigam vir falar convosco."

Cantámos The Lord is my Shepherd ao tom "Crimond" e, depois, uma voz muito clara disse…

"Eu estava apenas a observar-te, Mãe querida. É o Roy que te fala, Mãe. Vais a casa da Nancy? Pois bem, estarei lá quando chegares."

A Sra. Richardson disse: "Obrigada, Roy querido. Tenho muita pena de sair de Glasgow. Pensei que talvez passássemos o inverno aqui."

Roy respondeu:

"Bem, talvez haja um propósito nisso, Mãe querida. Sei que custa afastar-se, mas serás feliz em Stratford. É para mim uma alegria tão grande, amigos, falar assim com a minha Mãe. Quando descobri que podia fazê-lo, foi uma alegria imensa, e

tenho tentado ajudar outros a experimentar a alegria de falar com aqueles que amam no Plano Terreno. Faz-me muito feliz falar contigo e tentar ajudar-te."

A Sra. Richardson perguntou: "Vês-te com o teu Pai, Roy?"

Ele respondeu:

"Oh, sim, por vezes. Sabes que ele está numa esfera diferente, mas encontramo-nos de vez em quando e ficamos muito felizes, muito alegres juntos. Também vemos o James."

A Sra. Richardson perguntou: "James Chalmers?" Ele estava ao lado de Roy e agora falou:

"É o James Chalmers a falar. Encontrei-a, Sra. Lang, em casa de outra pessoa quando o Índio lhe falava. Não gostei muito deles, sabe. Quero dizer, dos Índios. Não me entendia com eles, mas descobri desde então que são um povo maravilhoso."

Uma nova voz continuou a conversa:

"Nós damos-nos bem, meu amigo, meu digno amigo escocês. O povo índio está sempre a tentar ajudá-los tanto quanto podemos. Todos puxamos com força e em conjunto, e oramos para que vós e nós juntos recebamos uma bênção do único Grande Espírito Deus."

Depois ouvimos uma voz a falar rapidamente numa língua estrangeira. Um longo grito estranho atravessou a trombeta, algo como "Boo-booo", e uma voz disse:

"Sou capaz de falar-te agora, Irmã Colquhoun, na tua própria língua. Estudei com muita assiduidade e consigo desempenhar as funções junto dos teus queridos soldados. Trabalho com eles do vosso lado, precisamente quando passam para cá."

A Srta. Colquhoun disse: "Ora bem, Bo-Bo. Pergunto-me se me poderias ajudar a saber acerca de um rapaz chamado Roy Mc—? (Nome completo dado, mas omitido a pedido.) Ele está desaparecido, e a Mãe dele está em grande aflição por causa disso, e pergunto-me se terá passado para o vosso lado."

Bo-Bo respondeu:

"Está nas mãos do Grande Pai descobrir isso. Captei os teus pensamentos e tentei localizá-lo. Ele não é prisioneiro de guerra. Temo, temo pela Mãe, que esteja connosco, mas não o encontrei. Bo-Bo, a fazer tudo o que pode por ti. Não há muita esperança de que esteja no físico. Não é prisioneiro de guerra, mas não o consigo ver. Foi o longo tempo no mar que nos fez perder-lhe o rasto."

O avião deste rapaz caiu no mar.

Outra voz disse:

"William — William Coltart."

A Srta. Colquhoun perguntou se tinha alguma ligação com os Coltart, comerciantes de tecidos na Queen Street. Ele respondeu:

"Um dos sócios. Não sei há quanto tempo estou deste lado. Não consigo falar-vos com muita clareza. Estou a transmitir os meus pensamentos através de outro canal para que os recebam. Estou a passar as minhas palavras por uma fonte intermediária para chegar até vós. É para mim uma grande alegria que, depois de ter terminado a vida terrena, tenha podido ser útil ao meu Criador, e ter-me sido permitido passar uma mensagem deste lado para vós. Quando deixardes o corpo, descobrireis que, se a vossa vida não tiver sido um serviço unilateral apenas para vós próprios, mas de serviço a Deus assim como ao homem, não apenas de boca mas com um esforço consciente para ajudar os outros, tudo estará bem convosco quando fizerdes a travessia. Estas são as coisas que contam."

Seguiu-se uma pausa e depois a Sra. Colquhoun falou com a filha:

"Olá, és tu, Crissie? O amor de Mãe está sempre contigo. Sinto-me tão feliz, e tenho a clara recordação e memória de todos os nossos tempos felizes juntas. Aproxima-se o que tem sido um tempo de provação para ti, minha querida. Gostava que fosses tão feliz como eu sou. Quando chegar o fim do ano, pensa apenas que é o início de um novo ano, e estarei sempre contigo para cuidar de ti e segurar-te a mão. Tenho estado contigo no teu tempo de sono.

"Está a aproximar-se o aniversário em que sei que estarás a pensar em mim, querida. Deus abençoe o Archie. Ele sempre foi tão bom para mim. Foi um bom pai, sabes, e também te amava. Preparou-me uma casa tão bela. Sra. Lang, obrigada pela sua bondade para com a minha menina. Não consigo ver todos os que estão aqui, mas Deus os abençoe a todos. Conheço a Sra. Bowes. Sei bem o que é, Sra. Bowes, ter um coração ansioso pelos que ama, e lembrar-me-ei de si nas minhas orações deste lado da vida."

A Sra. Bowes respondeu: "Muito obrigada, querida Sra. Colquhoun."

A Srta. Colquhoun perguntou: "Lembra-se da Nellie McWilliam? Perguntaram-me por ela."

O Sr. Colquhoun respondeu então à filha:

"Claro que me lembro dela. Também era minha amiga. A Nellie foi sempre boa e amável comigo. Bem, suponho que me perdoarás falar agora. Não creio que os amigos se importem, embora tenha ocupado um pouco de tempo. Deus te abençoe, Crissie. É o Pai a falar contigo. Aqui está alguém que conheces e que quer falar contigo."

Uma voz muito escocesa disse então à Srta. Colquhoun:

"Como (hoo) vais indo? Pois (aye), não me reconhecerás, rapariga, mas eu conhecia-te quando vinhas passar férias a Arran. Sou o John Cook, de Banchory Hill, Sliddery Coome. Dei uma volta pela quinta no outro dia, e ficámos tão espantados quando lhes falávamos e eles não nos ouviam. Pois (aye), pensei que gostaria de trocar umas palavrinhas contigo. Sempre (aye) tive um cantinho suave no coração por ti, e esperava com alegria pela altura em que vinhas em julho e agosto."

John Cook era agricultor na Ilha de Arran, onde a Srta. Colquhoun e a sua família passavam férias. Tudo o que foi dito era correto.

O Sr. Colquhoun falou então à Sra. Lang:

"É o Archie Colquhoun que fala. Agradeço-lhe, Sra. Lang, por permitir que estas pessoas viessem falar com a minha menina."

Uma das trombetas caiu ao chão e a Srta. Colquhoun ajoelhou-se para a apanhar, quando esta lhe foi arrancada da mão, e uma voz disse:

"Cuidado para que não morda, Crissie. Sim, esta é a minha trombeta. Estava a trabalhar com ela ali no chão. Estava a tentar ver se conseguia falar através dela. Consegues ouvir-me claramente?"

O Sr. Sloan disse: "Oh, ouvimo-lo perfeitamente, mas não está a dizer nada que valha a pena ouvir."

A resposta a esta observação tipicamente franca do Sr. Sloan veio de Thomas Armstrong:

"O que desejas que eu diga? Estamos a fazer o melhor que podemos por vocês. Não é fácil dirigir o curso das coisas no mundo de hoje, nem do nosso lado nem do vosso. É difícil contactar aqueles que estão a passar, e depois ir tentar consolar os que perderam os seus queridos por algum tempo, pois nem todos têm o belo conhecimento e a bela compreensão que vós tendes aqui, de que no corpo não temos cidade permanente e que todos passaremos, a seu tempo, para a Grande Realidade.

"É tal a massa de humanidade a entrar no lado espiritual da vida neste momento que está além da compreensão das vossas mentes entendê-lo, e não conseguimos traduzi-lo em palavras, mas posso dizê-lo desta forma: 'É difícil pô-los em ordem.' Acho que compreendes o que quero dizer, amigo Cameron. Alguns estão dispostos a ouvir e outros são tão obstinados e relutantes em ser conduzidos pelo caminho que sobe e avança. Digo que continua a ser possível para vós, na vida terrena, que compreendeis, lançar a vossa simpatia e o vosso amor àqueles que passaram por esta guerra, e deixar que os vossos pensamentos bondosos lhes cheguem como camaradas e amigos, porque é maravilhoso quão rapidamente, deste lado da vida, eles percebem que foi uma coisa tão tola, tão tola, andarem a matar-se e a odiar-se uns aos outros, e o sentimento de inimizade é logo esquecido.

"Os vossos pensamentos e orações de amor podem ajudá-los a chegar mais depressa a essa conclusão. Se pudessem apenas perceber a condição de caos em que chegam, enviariam todo o amor possível, mas são imediatamente colocados nas mãos dos que estão mais aptos a ajudá-los. Cada pensamento de amor que damos ajuda-os, e cada pensamento de amor vindo dos que estão do lado terreno da vida é imediatamente dirigido àqueles que mais o necessitam."

A Sra. Bowes perguntou: "Mesmo quando conseguimos dar amor ao nosso inimigo, o que acontece a esse amor?"

Recebeu a resposta:

"Se deres amor ao teu inimigo, bem, estás a dar amor em ambos os lados, onde pode ser usado. Se as nações do mundo tivessem tido mais amor umas pelas outras, o mundo não estaria no estado em que se encontra no presente. Deus a abençoe. Um pensamento de amor conta sempre a teu favor, querida senhora. Eu sou Thomas Armstrong."

Uma nova voz dirigiu-se então à Sra. Campbell:

"Sra. Campbell, quando esteve aqui pela última vez? Já vai bastante tempo. Acho que o seu John já terá passado desde então. Não esqueço a velha ligação. Tenho estado muitas vezes pela Praça a observar como as coisas iam correndo."

A Sra. Campbell perguntou: "O que fazia na Terra?"

A voz respondeu:

"Eu era o velho farmacêutico da firma Cockburn." (Os Srs. Cockburn têm farmácias em Glasgow.) "É uma grande empresa agora. Conheceu o Sr. Kelly?"

Antes que pudesse ser dada uma resposta, alguém gritou do outro lado:

“Está aqui alguém que tenha visto o Kelly?”

O Sr. Cameron comentou: “Parece que há aqui uma porta bastante escancarada para qualquer um entrar.”

Pathfinder falou então:

“É franco na sua opinião, amigo Cameron, mas compreendo o que quer dizer. Já não têm o porteiro que costumavam ter. Estão todos ocupados de mais a trabalhar com aqueles que passam de súbito para este lado da vida para terem tempo de vir aqui. Há de chegar o tempo em que teremos mais tempo; sabendo que o Grande Mestre, no Seu amor, e as boas almas no mundo de hoje, estão a trabalhar em harmonia com os que estão do outro lado da vida para trazer uma condição de paz, uma fraternidade de opinião para que a paz seja assegurada, Minhas Senhoras e Meus Senhores, e o mundo possa regressar à sua condição normal. Deus vos abençoe a todos. Eu sou o Pathfinder.

“Gostaria de abrir um caminho claro para vós, Minhas Senhoras e Meus Senhores, para percorrerdes os tortuosos trilhos da vida, o que, neste momento, é algo muito difícil. Custa ao coração humano. Hoje estou a falar mais como um dos vossos. Percebeis o que o Pathfinder quer dizer. Estou a esforçar-me por entrar nas vossas tristezas e nas vossas alegrias, e por ajudar os amigos que amais e que podem estar a passar apenas um pouco adiante de vós na estrada da vida. Procuro sustentar-vos nos braços do amor, elevar-vos para lá da sombra até à substância onde o Pathfinder vive, e onde um dia sereis co-parceiros na obra de amor.

“Voltarei quando tiver tempo para falar convosco. Tenho memórias, doces memórias, Irmã Lang, de alguns dos nossos amigos índios—eu fui um deles—quando podíamos falar convosco da forma como eu gostaria de falar agora. O Pathfinder está agora muito avançado, embora saiba que o seu velho amigo, o Sloan, aqui, parece não apreciar muito o seu progresso. Ainda assim, ama-o por tudo isso. Deus vos abençoe. Se alguma vez estiverdes em dificuldade ou aflição, ou perturbados, pensai no Pathfinder, e eu tentarei, se conseguir a condição, entrar em contacto convosco.

“Se algum de vós me chamar, procurarei mostrar uma pequena luz para vos deixar saber que estou perto. Não digo que consiga, mas algum dia conseguirei. Em qualquer caso, tereis uma impressão que pesará sobre vós. Encontrarei alguma forma de vos dar a saber que é o Pathfinder. Vi a mão, os belos dedos, a escrever no papel as palavras que retratam o que foi dito. O Pathfinder fala agora com a Srta. Dearie. O Pathfinder observa o teu labor de amor e serás abençoada, minha Irmã.”

A Srta. Dearie respondeu: "Obrigada, querido Pathfinder." Outra voz dirigiu-se então a ela:

"Fala Robert Dearie."

A Srta. Dearie disse: "Esse não é o Pai, porque o nome dele não é Robert."

A voz respondeu:

"Não, não é o Pai. É um antepassado, não o Pai do teu Pai, mais atrás ainda. Deus te abençoe. Não, Srta. Dearie, não sei que belo nome está aí apenso."

A Srta. Dearie respondeu: "O meu nome é Jean." Ele disse:

"Esse é um nome de família. Voltarei. Sim, sim, eu ouço muito bem o relógio do corredor, mas já não me incomoda. Estou apenas a observar-te e gostaria de fazer-te chegar uma mensagem que possas compreender, porque tu não entendes metade do que está a chegar. Não te é explicado com lucidez."

Como Robert Dearie propunha esclarece-la não sabemos, pois outra voz interrompeu a conversa:

"Amigo Cameron, é o Harry a falar. Não conheces o Harry?"

O Sr. Sloan disse: "Acho que o Tom, Dick e Harry estão a entrar aqui. Isto não serve para nada." Harry respondeu:

"Isso é muito feio da sua parte. Não gosto que diga isso do Tom, Dick e Harry."

O Sr. Sloan replicou: "Desculpa, amigo, não quis ofender-te. Não quis dizer isso."

A Sra. Lang disse: "Não, mas disseste na mesma." Harry continuou:

"Não gostarias que falássemos assim contigo."

Outra voz irrompeu então:

"Já alguma vez ouviste tal coisa! De que te estás a preocupar? Ele não quis. Esta é a minha casa."

A Sra. Lang disse: "Quem és tu, amigo, se esta é a tua 'casa' em que todos nós estamos?" Ele respondeu:

"Sou o pai do Moritz. Esta era a casa do meu filho."

(A Sra. Lang comprou a casa do Sr. George Moritz, em Giffnock, depois de deixar a Cowglen House. O Pai dele pode ter pensado que ainda era a casa do filho.)

O Sr. Moritz deixou de falar, e a Sra. Lang disse: "Bem, amigo, para aqueles que têm de regressar a casa, o melhor será encerrarmos." E assim cantámos a Doxologia.

A Sra. Campbell comentou: "Não agrada pensar que alguns aterram do outro lado em caos, quando se pensava que tudo era lei e ordem." Thomas Armstrong regressou para corrigir um mal-entendido:

"Eu não disse que eles aterravam em caos. Eu disse que havia uma condição de caos na sua passagem, os que estão a chegar por causa da guerra. Explicá-lo-ei noutra noite. Que a bênção do Grande Deus, o Pai, que conhece o segredo de cada coração, conhece os desejos e aspirações de cada alma, guie as vossas aspirações, os vossos desejos e a vossa vida, para que tudo corra bem convosco quando vierdes para o nosso lado da vida e percorrais esta bela terra, e que o Grande Pai Deus, a quem, sem termos visto, conhecemos e reverenciamos, e que, em certa medida, compreendemos, guarde os nossos corações e mentes em perfeita paz, agora e para sempre. Ámen."

Isto pôs termo à Sessão.

Uma das provas mais conclusivas de que as vozes ouvidas pelos assistentes terrenos nestas sessões eram as de homens e mulheres, com personalidades como as nossas, foi a forma como exibiam sentimentos humanos tal como nós o fazemos. Mostravam emoção, afeto, humor, aborrecimento, memória e por aí fora, mas, além disso, regressavam e corrigiam inexatidões se um assistente os citava mal ou fosse inconsistente nas suas observações. Por exemplo, o Sr. Cameron, numa ocasião, foi corrigido porque disse uma coisa a um Espírito no início da Reunião e, ao falar com o mesmo Espírito sobre o mesmo assunto mais tarde na sessão, disse o contrário. Assim, a inconsistência do Sr. Cameron foi exposta por um ser invisível pensante que se lembrou corretamente do que fora dito e lembrou ao Sr. Cameron o seu erro. Aqui temos um indivíduo invisível a comportar-se exatamente como nós agiríamos em circunstâncias semelhantes, mostrando-se humano como nós.

No final da Reunião relatada neste capítulo, a Sra. Campbell cita mal uma afirmação anterior de Thomas Armstrong, e isto fá-lo regressar à conversa para citar o que dissera mais cedo na mesma sessão. Não só ele tinha razão e a Sra. Campbell estava errada no que disse, como se verificará que ele repetiu quase palavra por palavra o que dissera, justificando-se assim.

Recorde-se que a Sra. Campbell disse: "Não agrada pensar que alguns aterram do outro lado em caos." Armstrong voltou e disse: "Eu não disse que eles aterravam em caos. Eu disse que havia uma condição de caos na sua passagem,

os que estão a chegar por causa da guerra." Ora, se recuarmos e lermos o que Armstrong efetivamente disse sobre este assunto, quando falava mais cedo na Reunião, encontramos as suas palavras: "Se pudessem apenas perceber a condição de caos em que chegam." O que ele queria dizer era que as suas mentes estavam em estado de confusão, ou muito perturbadas, mas não o mundo para o qual haviam passado. Isto prova que Armstrong tem boa memória e, embora não fosse visto, comportou-se em tudo como um ser humano corrente. Além disso, prova que a Srta. Dearie é uma estenógrafa muito rigorosa.

Quando me sentei regularmente com o Sloan, entre 1918 e 1924, por vezes pensava, na escuridão da sua pequena sala, que me encontrava exatamente na mesma posição em que estaria se fosse cego. Se tivesse levado comigo um cego, tanto ele como eu estaríamos no mesmo plano, exceto que ele não veria as luzes a flutuar e eu veria. De resto, eu não tinha faculdade que ele não possuísse, pois ele ouvia as vozes e sentia os toques tal como eu, mas não podíamos ver quem nos falava. Quando a sessão terminava, quando a luz voltava a acender-se e quando os Espíritos se calavam, eu teria vantagem sobre esse cego porque podia ver os assistentes e ele não. Ele podia tocar-nos, mas não ver-nos.

Ora, se ele começasse a argumentar que, porque só podia ouvir os assistentes e não os ver, estava ou hipnotizado ou sob alguma terrível ilusão de que nós estávamos com ele na sala, e que na realidade não estava a ouvir o que dizíamos, nós considerá-lo-iamos insano. Nenhum cego pensa assim das pessoas invisíveis com quem convive, mesmo que tenha nascido cego. Todos os cegos aceitam o facto de que outros como eles lhes estão próximos e lhes falam.

É perfeitamente natural que assim seja e, nas sessões de Voz Direta, aceitamos o facto de que alguém está presente quando ouvimos uma voz. Como um cego, figuramos mentalmente o que nos é dito e, quando uma voz dá um nome e morada, e se refere a incidentes da sua vida na Terra, naturalmente figuramos nas nossas mentes a pessoa que afirma estar a falar. Mesmo que o orador invisível nos induza em erro, e seja na realidade outra pessoa e tenha lido as nossas mentes, ou ouvido falar de nós por alguém, para assim nos iludir, ele não nos pode impedir de sabermos que é um indivíduo, uma personalidade com memória e qualidades que compõem o ser humano. Pode induzir-nos em erro devido à sua invisibilidade, mas não nos pode impedir de sabermos que alguém está presente que fala como nós, pensa como nós e age como nós.

Memórias ocultas, ou telepatia, não podem produzir uma voz que por vezes é reconhecida e que demonstra memória, afeto e emoção para com a pessoa a quem se dirige, mas não é só isso. Nas sessões de Voz Direta, raramente se

consegue ver o orador, mas, nas sessões de materialização, podemos ver e ouvir e reconhecer quem fala. Isto não é ilusão, porque podemos ser fotografados juntos, e o que o Espírito materializado diz pode ser captado, como tem sido feito nas sessões de Voz Direta, num disco de gramofone para ser repetido à vontade.

Infelizmente, médiuns de materialização são raros, pois poucas pessoas possuem a quantidade e qualidade de ectoplasma necessárias. Médiuns de Voz Direta são raros, mas mais numerosos do que os de materialização, porque a quantidade de ectoplasma necessária para materializar os órgãos vocais dos Espíritos não é tão grande como a requerida para uma materialização completa. Por fim, médiuns em transe, clarouvintes e clarividentes são ainda mais numerosos. Na presença de todos eles obtemos a mesma declaração, a saber, que o comunicador viveu um dia na Terra, escorregou para fora do corpo terreno na morte, para viver num belo e feliz mundo no corpo etérico duplicado que tinha na Terra. Além disso, que nós igualmente seguiremos, a seu tempo, e que como semeamos assim colhemos, que só conta o nosso caráter, e que cada um se julga a si próprio e vai para o lugar em Etérico para o qual está preparado.

O crítico que afirma que tudo o que os espiritualistas acreditam é pura patranha, que o seu disparate supersticioso resulta de mentes perturbadas, que sofrem de ilusões e que não têm nem prova nem razão para as suas crenças, é de tal modo ignorante e preconceituoso que lhe é impossível pensar racionalmente. Igualmente desequilibrado é o zelota religioso que imagina que o Diabo enviou os seus anjos, ou mensageiros, para nos enganar e iludir a fim de assegurar mais almas para arder no Inferno. Todas essas pessoas são indignas de atenção e devem ser tratadas com o desprezo que merecem.

Houve tempos, não há muito, em que abundavam tais pessoas estúpidas, por causa de tanta ignorância e preconceito. Lentamente, o conhecimento vai vencendo a ignorância, mas a verdade levará muito tempo a penetrar no couro da ortodoxia religiosa e do materialismo, tal como hoje imperam, apoiados tanto pela Igreja como pela ciência. Temos um corpo material e vivemos num mundo material, estando os nossos sentidos ajustados às condições físicas. Só assistindo a sessões, sentando-se em privado com médiuns, ou lendo sobre o assunto, poderão aqueles a quem falta o sentido psíquico apreciar as condições para lá do nosso ambiente físico. Caso contrário, não conseguem imaginar que exista algo para além do que os seus sentidos físicos percebem.

Os espiritualistas compreendem por que razão as suas opiniões recebem tão pouca consideração — a razão é a ignorância e o preconceito —, mas isso não desculpa todos os insultos e perseguições que sofreram no passado. Pelo

menos, têm direito a ser ouvidos e, até o serem, não deveriam ser julgados. Têm um caso tão forte para apresentar, mas os interesses instalados a favor da ignorância teológica e escolar são de tal modo poderosos que nem a B.B.C., nem a Imprensa em geral, lhes dá um tratamento justo.

O brado da humanidade ao longo das eras tem sido: "Se um homem morrer, tornará a viver?" (Jó xiv, 14), e, quando os espiritualistas se apresentam e dizem que encontraram a resposta a esta pergunta, é surely sensato examinar e discutir as razões desta afirmação. Em vez de discussão, a história passada da injustiça infligida aos espiritualistas é deplorável e, até 1951, eram classificados como patifes e vagabundos no direito penal da Grã-Bretanha e tratados em conformidade, sem acesso a um julgamento justo.

Na Reunião agora relatada temos mais um caso de leitura mental quando o Sr. Sloan pensou em algo. A Sra. Sloan viu esse fabrico de imagens mentais a ocorrer na sua mente e pediu-lhe que não falasse sobre isso. Sloan concordou que ela tinha razão em dizer-lhe para se calar mas, como lhe respondeu: "Eu estava só a pensar nisso." Ao assistir a sessões como as registadas neste livro, os psicólogos descobririam como a nossa mente funciona, porque, para compreender o que é a mente e como ela pensa, têm de consultar, como eu fiz, os cientistas de Etérico — que a podem ver a trabalhar e que conhecem todo o seu comportamento. A mente é imaterial e não pode ser descoberta por instrumentos materiais. Testar os impulsos elétricos do cérebro é lidar apenas com os efeitos físicos e não com a causa primária desses efeitos.

Espero que estas breves palavras de conselho sejam levadas a sério nos meios certos e que, algum dia, quando os cientistas descobrirem a mente pela única via em que ela pode ser descoberta, façam um reconhecimento agradecido aos espiritualistas que os puseram no caminho certo para a encontrar.

CAPÍTULO XIII

REUNIÃO EM CASA DE MISS COLQUHOUN

POLLOKSHIELDS, GLASGOW

Terça-feira, 11 de julho de 1944

Presentes: SR. JOHN SLOAN, SRA. LILLIAS BOWES, SRA. JANIE RICHARDSON, SRTA. JEAN DEARIE, SRTA. AILSA DOUGLAS, SRTA. WINNIE DOUGLAS, SR. ALEXANDER HART, SRA. MARY (MAY) CUTHBERTSON, SRTA. CRISSIE COLQUHOUN.

Abrimos a reunião com o hino habitual, Nearer, my God, to Thee, e, enquanto o cantávamos, a corneta veio até cada um de nós, por sua vez, e deu-nos leves palmadas. Em seguida repetimos a Oração do Senhor e uma voz do outro lado juntou-se ao "Ámen".

A voz de um homem perguntou então:

"Continua a ver aqueles rapazes franceses, Sr. Hart?"

O Sr. Hart respondeu: "Já foram todos embora." Ele prosseguiu:

"Estão a passar tantos neste momento, Sr. Hart, e um grande número deles encontra-se num estado de perplexidade — sim, os rapazes que estão a ser deitados abaixo neste momento."

Nada mais foi dito durante alguns minutos e o Sr. Sloan disse: "Hoje não vai acontecer nada. Já pensei nisso antes de vir, que nada iria acontecer, e bem podia ser a minha última vez."

A Srta. Colquhoun repreendeu-o: "Ora, Sr. Sloan, não diga isso. O que é que a Mammy lhe diria a esse respeito? Nós estamos perfeitamente felizes só por nos sentarmos e esperar um pouco."

Uma voz do outro lado falou então:

"Obrigada, Srta. Colquhoun. Meus caros amigos, não se pode dar ordens, sabem, Minhas Senhoras e Meus Senhores. A porta está aberta e isso é tudo o que podemos fazer. O mundo está, por agora, num estado terrível. Enviem então os vossos pensamentos àqueles que se encontram numa terrível aflição. Coloquem-se no lugar dos que têm entes queridos ausentes e não sabem o que lhes aconteceu e mandem as vossas orações, pois também são necessárias."

A Srta. Dearie observou que devia ser muito difícil, para os do outro lado, contactarem-nos nesta altura, estando eles tão ocupados a ajudar os rapazes que estão a passar por esta guerra.

Uma voz respondeu:

"Obrigada, Srta. Dearie, por esse belo sentimento",

e o Sr. Sloan comentou: "Imaginem, ele sabe o seu nome."

A voz respondeu:

"Porque não? Sei o seu nome tão bem como você o sabe, John Campbell Sloan."

O Sr. Sloan perguntou: "É o porteiro?", e a resposta veio logo:

"'Mais vale estar à porta da Casa de Deus' — oh, bem, o resto já sabem.

"Então, Sra. Richardson, esteve no Canto dos Poetas."

A Sra. Richardson inquiriu: "O Canto dos Poetas?", e ele explicou: "Ora, não esteve na casa natal de Shakespeare?"

A Sra. Richardson disse: "Oh, sim, estive em Stratford e foi lindo. Fiquei muito triste por vir embora." O Sr. Sloan comentou:

"Quem é que veio de lá? Não foi um dos poetas — não foi o Burns?"

Um homem do outro lado escandalizou-se:

"Oh, valha-me Deus, estou admirado com a sua falta de memória, Sloan. Já ouviu falar de Shakespeare — pois bem, era a sua terra natal."

O Sr. Sloan respondeu:

"Ó pois, já ouvi falar do Shakespeare, mas a minha memória está pavorosa agora."

Então ouvimos o seguinte do outro lado:

"Espere só até vir para o meu lado e perceberá o que a poesia realmente significa. Não tem noção da beleza do país onde moramos. Tomem as partes ásperas com as suaves, Minhas Senhoras e Meus Senhores, e façam a vossa pequena parte enquanto estão no corpo. Sirvam a Deus e ajudem os vossos semelhantes homens e mulheres, e tudo vos correrá bem quando chegar a separação. Pensem apenas nos amigos que conheceram em tempos idos, nos amados, nos especialmente amados, que estarão à vossa espera para vos dizer 'meu querido, vem para casa'."

Perguntámos se podíamos saber quem falava e ele respondeu:

"Estou apenas a encher o tempo até vermos o que podemos fazer. Nunca estive antes nas imediações, mas gostei das luzes que emanam das vossas auras.

"Oh, se algum poder nos concedesse o dom

De nos vermos como os outros nos veem.

Livrar-nos-ia de muitos erros

E tolas ideias."

A Srta. Dearie observou que não apanhara o último verso e ele repetiu-o.

Depois prosseguiu a conversa:

"Receio, minha cara, que não conheça bem o seu Burns."

Rimos e ele disse:

"Ah, isso tirou o ar sombrio das vossas caras."

Perguntámos: "Estávamos com ar sombrio?", e ele respondeu:

"Podem sorrir às vezes, sobretudo quando entra alguém que conhecem. No entanto, não seriam humanos se não se sentissem um pouco tristes neste momento. Mesmo supondo que não tenham ninguém dos vossos em perigo, outros têm. Ainda assim, tentem manter-se felizes."

Cantámos: They are winging, they are winging e, depois, a Sra. Sloan falou-nos.

"Daddy, querido, tenta manter-te feliz."

A Srta. Colquhoun observou que o black-out da sala não estava muito bom e a Sra. Sloan respondeu:

Não está tão escuro como costumávamos ter em West Kilbride, mas está tudo bem, querida. Eu costumava ver-te a vir pelos campos, Sr. Hart, e dizia ao Pai: "Ali vem o Sr. Hart, agora tudo ficará bem." Voltaremos todos a encontrar-nos no tempo certo de Deus. Será uma reunião magnífica. Pai, eu sei acerca do Sam.

O Sr. Sloan respondeu: "Eu sabia que tinhas sido tu a dizer-me para voltar, Mamã, e desci, e o Sam entrou imediatamente depois." A Sra. Sloan continuou:

"Bem, eu sabia que ele vinha e queria que estivesses lá quando ele chegasse. Deus a abençoe, Sra. Bowes."

A Sra. Bowes respondeu: "Deus a abençoe, Mamã, querida."

Cantámos O mundo sentiu um sopro vivificante, e depois a trombeta tocou na Srta. Dearie, quando uma voz disse:

"Então, Srta. Dearie, que Deus a abençoe."

A Srta. Dearie disse: "Obrigada, querido amigo. Pode dizer-me quem é?"

Ele respondeu:

"Não me conhece, mas alguém me disse, antes de ter vindo, que estaria aqui. Um amigo seu disse-me que a Srta. Dearie estaria aqui, e que eu deveria dizer-lhe que as coisas vão melhorar. Isso não se aplica a si, mas a alguém muito próximo de si e, para si, terá a sua recompensa, minha querida, pelo trabalho que está a fazer aqui. Estou a falar em nome de outro. Receberá a sua recompensa por tudo o que fez."

A Srta. Dearie compreendeu tudo isto e respondeu: "Muito obrigada mesmo."

A trombeta tocou então na Sra. Richardson, e o filho dela, Roy, falou-lhe.

"Olá, Mãe, olá, querida, então estiveste na terra do Willie."

A Sra. Richardson disse: "És tu, Roy? Sim, estive em Stratford, e tu disseste que estarias lá quando eu lá estivesse, que chegarias antes de mim."

O Roy respondeu: "E estive, querida Mãe, e agora estou contigo. Estou contigo muitas vezes quando não sabes, quando não pensas em mim. Sei que pensas em mim muitas vezes, mas muitas vezes, quando não o fazes, estou ao teu lado, a ajudar-te nas dificuldades, porque às vezes tens dificuldades, querida, e muitas vezes perguntas-te como é que as coisas se resolveram assim."

A Srta. Colquhoun comentou: "Pareces muito feliz, Roy", e ele respondeu:

"Porque não haveria de estar, Srta. Colquhoun? Estou cheio de amor e cheio de alegria, e procuro transmiti-la aos outros — um pouco da minha alegria — e, ao transmiti-la, recebo-a de volta cada vez mais. Venha, Mãe Colquhoun."

(Dirigindo-se à Sra. Colquhoun do seu lado e pedindo-lhe que falasse.)

A Sra. Colquhoun então disse:

"Deus te abençoe, Crissie. Como estás esta noite?"

A Srta. Colquhoun respondeu: "És tu, Mãe? Oh, estou tão contente."

A mãe respondeu:

"Estou sempre contente por estar aqui convosco todos, e por poder dizer que Deus vos abençoe."

A Srta. Colquhoun disse: "Vês quem está aqui, Mãe?", e a mãe respondeu:

"Sim, és tu, May?"

A Sra. Cuthbertson respondeu: "Sim, Annie. Estás feliz?"

A Sra. Colquhoun respondeu:

"Não te preocupes connosco. Estamos tão felizes, tão, tão felizes. Claro que sentimos a vossa falta e dos tempos felizes que costumávamos ter."

Depois distribuiu muitos beijos.

A Srta. Colquhoun perguntou: "Já viste…?" (A Srta. Dearie não apanhou o nome.) A Sra. Colquhoun respondeu:

"Não o vejo agora. Estamos todos tão ocupados. Agora, Sr. Hart, o senhor é o matemático. Saberá quantos milhares e milhares de queridos rapazes estão a chegar, e é difícil entrar em contacto com o certo. Esforçamo-nos por ajudar todos o mais que podemos. Estamos todos a caminho de casa. Estou a falar para todos vós. As pessoas que normalmente vêm ter contigo, Crissie, em casa da Sra. Lang, não podem vir agora facilmente. Estão ocupadas de outra forma. Já não me esqueço das coisas agora, Crissie. Tenho a certeza de que devo ter sido uma tremenda maçada para ti, querida, mas já tenho a minha memória de volta, Crissie."

A Srta. Colquhoun respondeu: "Agora, querida, não deves dizer isso. Nunca pensei assim, mas sei que agora estás bem, querida."

A Sra. Colquhoun respondeu:

"Deixava-te surpreendida se me pudesses ver de pé ao teu lado."

A Srta. Colquhoun disse: "Sim, agora és a jovem, Mãe. Consegues ver-me esta noite, querida?" A mãe respondeu:

"Não muito claramente esta noite."

A Sra. Cuthbertson perguntou: "O Archie está contigo?", e a Srta. Colquhoun perguntou:

"O Pai está contigo, Mãe?"

A mãe respondeu corretamente à dupla pergunta:

"Não agora. O Paton, o Willie e o Archie estão todos a trabalhar como os outros."

Alguém do outro lado disse então à Sra. Cuthbertson na Terra:

"É o Davie Johnston, é isso. Nunca teria pensado encontrar-te num lugar como este."

"O David Johnston é tio-avô da Srta. Colquhoun. A Sra. Cuthbertson então disse: "Não te surpreendas com nada", recebendo como resposta:

"Bem, agora não estou. Estás num lugar magnífico."

A Sra. Cuthbertson disse: "Vejo a Jessie de vez em quando." Ele respondeu:

"O que está a Jessie a fazer agora? O que se passa com a Jessie?"

A Sra. Cuthbertson respondeu: "Nada, a não ser reumatismo nos pés."

Ele respondeu:

"Não são os pés. É o motor (coração) que a incomoda. Sempre teve tendência para falar demais e o motor não aguenta isso."

A Sra. Cuthbertson disse: "Está a envelhecer, como eu", e depois outra voz falou à Srta. Colquhoun:

"Tu nunca envelhecerás, minha querida, e, quando vieres para aqui, o tempo ficará parado para ti e nunca serás velha. A casa que terás no lado espiritual da vida constrói-se com as tuas ações na Terra. Não estou a falar-te individualmente agora. Estou a falar para todos vós, e, quando deixardes os grilhões da vida terrena e passardes, não importa a idade que tiverdes, recuperareis a juventude e o vigor plenos. Nesses dias já não haverá memórias esquecidas. Deus te abençoe, Crissie. Vou-me embora agora."

A Srta. Colquhoun disse: "É a Mãe?", e ela respondeu: "Só a Mãe — que Deus vos abençoe a ambas."

A Srta. Colquhoun disse: "Obrigada por teres vindo, querida." A Srta. Colquhoun falou novamente sobre o blackout não ser suficientemente bom, e uma voz disse:

"Não tens uma sala mais pequena, amiga? Se tiveres, seria mais fácil para nós. Esforçamo-nos ao máximo por dar as mensagens, mas nem sempre conseguimos transmiti-las. É um esforço maior quando há alguma luz."

(Uma sala mais pequena conserva o ectoplasma.)

Uma voz infantil disse então ao Sr. Hart:

"Já não venho mais com o meu sino, Sr. Hart. Disseram-me que já sou uma menina demasiado grande para brincar com o sino agora. É ao Sr. Hart que estou

a falar, e o Tinkle Bell tentará tocar o seu próprio sino em casa, e ninguém me verá a fazê-lo."

Um de nós disse: "Não vais tocar o teu sino para nós agora, querida?", e ela respondeu:

"Não vou. Sabes, não o trouxe."

A Srta. Dearie disse: "Não faz mal, Tinkle Bell. És uma menina tão querida mesmo sem o teu sino." Ela respondeu:

"Muito obrigada por essa mensagem tão bonita."

Seguiu-se uma pausa, por isso cantámos Encontrar-nos-emos junto ao rio?

Quando terminámos, a Sra. Sloan disse:

"Pai, lembro-me da primeira vez que me levaste a ver o buraco na gruta."

O Sr. Sloan disse: "Obtivemos autorização do Sr. Clark, de Douglas Hall. Sim, levei lá muitos."

A Sra. Sloan perguntou:

"Mas tu lembras-te da primeira vez que me levaste lá, Pai? Compraste duas velas mas esqueceste-te dos fósforos."

Depois dirigiu-se a todos nós:

"Nessa altura ele não fumava. Era um homem decente."

O Sr. Sloan disse: "Não consigo mesmo lembrar-me disso, Mamã. Perdoas-me? Não tenho muita certeza." A Sra. Sloan respondeu:

"Meu querido, não tenho nada para te perdoar, querido."

O Sr. Sloan disse: "Meu amor, meu amor. Devo-te tudo, querida. Sim, chamava-se 'A Gruta do Gaiteiro' — lembro-me disso."

A Sra. Sloan perguntou:

"Lembras-te de quando toquei o teu órgão?"

O Sr. Sloan respondeu: "Lembro-me. Deus te abençoe, querida. Gostava que o fizesses outra vez, mas talvez não, pois podias assustar os outros lá em casa."

A Srta. Colquhoun comentou: "Tenho a sensação de que estamos todos sentados em volta de uma grande mesa", e a Sra. Sloan continuou:

“Sentar-se-ão a uma mesa do meu lado da vida, e teremos uma bela mesa posta para vós, a que mais gostais. Aqui não encontrarão velhos, costas curvadas, olhos turvos ou rostos cansados, mas sim um grupo de entes queridos, cheios de amor santo e gloriosa juventude, a dar-vos as boas-vindas para o nosso lado da vida, quando chegar o tempo certo de Deus. Isto é para todos vós, Deus vos abençoe. Compreendereis quando aqui chegardes e encontrardes aqueles que amais — pais e mães, tios e tias, irmãs e irmãos, alguns deles já em idade avançada quando deixaram o corpo. Vereis uma breve imagem deles como os conhecestes pela última vez, e depois virão até vós com a vitalidade da juventude, tal como agora são.”

Pathfinder juntou-se então: “Eles virão na estatura e no viço da masculinidade, na beleza da feminilidade. É o Pathfinder quem vos fala agora. Vi que estavam um pouco em dificuldades esta noite, e pensei que poderia, com as minhas humildes palavras, animar-vos um pouco.”

A Srta. Colquhoun perguntou: “A sala está demasiado clara, Pathfinder? É isso que torna as coisas difíceis?”

Pathfinder respondeu:

“A luz atrapalha um pouco, mas não é isso. É o estado perturbado do vosso mundo de hoje. Tenho a certeza de que, no caminho que todos tendes de percorrer, cada um de vós tem as suas preocupações e ansiedades, mas confiai naqueles que já partiram. Eles ajudar-vos-ão e cuidarão dos que amais e que estão afastados de vós. O caminho que tendes de trilhar na Terra, fazei-o com passos firmes, firmes e verdadeiros; um exemplo para os que vacilam pelo caminho, lembrando sempre que pode haver um irmão mais fraco a tomar exemplo de vós, para que não vos afasteis da senda direita que conduz à luz. Mantende a luz à frente e o rumo direito, e o objetivo surgirá à vista quando todos os que tanto amais estiverem convosco, e a paz eterna. Boa noite. Eu sou o Pathfinder.”

A Srta. Dearie comentou: “Essa foi uma bela mensagem do Pathfinder.”

A trombeta tocou então na Srta. Dearie, e o Pathfinder prosseguiu: “Que mente compreensiva tem, Srta. Dearie. Esta é apenas uma mensagem para a animar. Estava muito feliz antes de entrar aqui, e em breve terá ainda maior motivo para felicidade.”

A Srta. Dearie compreendeu e disse: “Muito obrigada, Pathfinder.”

Uma nova voz pediu-nos então que cantássemos Das geladas montanhas da Gronelândia.

Começámos a cantar este hino, e o homem que tinha falado cantou connosco.

Ele disse então:

"Fala Charlie Robertson. Deus te abençoe, John, meu velho amigo."

O Sr. Sloan respondeu: "Sim, eras tu, Charlie — apenas o meu querido e velho amigo."

O Sr. Robertson disse:

"John, prometeste-me vezes sem conta, pela tua alma, que irias ver a minha mulher."

O Sr. Sloan respondeu: "Mas não sei onde ela está, Charlie. Não foi ao teu filho que prometi ir ver, mas nunca fui ainda? Sim, pessoal, lembro-me de que o Charlie veio do outro lado e me disse que tinha falecido e deixado a mulher e três pequeninos, e no dia seguinte chegou um cabo da China a dizer que o Charlie tinha morrido na Missão de Foo-Chow, e deixado a Jeanie e três pequeninos."

Outra voz profunda falou então:

"'Conduz-me, luz benigna, guia-me para diante.' É o Fergus Ferguson quem fala."

Não disse mais nada e a Sra. Cuthbertson comentou que o Dr. Fergus Ferguson tinha sido o seu ministro. Quando a irmã da Srta. Colquhoun, Paton, morreu, tinham tido um caixão branco e o Dr. Ferguson tinha comentado isso no sermão. O Dr. Ferguson falou de novo e disse: "Sim, mas não viste a bela alma que deixou o caixão corporal, uma alma cheia de pureza e amor. Ela regressa e fala contigo às vezes."

A Srta. Colquhoun comentou: "Oh sim, muitas vezes."

A Paton falou então ela mesma, e disse:

"Deus te abençoe, Crissie. É a Paton. Sim, a minha presença sempre esteve contigo. Nunca estive muito longe de ti. Um dia

'Ao raiar da manhã

Desse dia brilhante e feliz,

Quando as névoas se tiverem dissipado

E as sombras se afastado',

encontrar-nos-emos de novo, e a Mãe, tu e eu nunca mais nos separaremos. Deus te abençoe, querida."

A Srta. Colquhoun perguntou: "Vês a tia May que está sentada ao meu lado?"

A Paton respondeu:

"Lembro-me da minha tia May. Deus a abençoe, querida", e deu muitos beijos.

A Srta. Colquhoun perguntou: "Como estão o Pai e os outros?"

A Paton respondeu:

"Estão muito ocupados agora. Terás de os desculpar por agora, Crissie, porque há tantos a chegar aqui, e tenho a certeza de que nunca nos pedirias para nos afastarmos."

As trombetas vieram e tocaram na cabeça e no rosto da Srta. Dearie, e uma voz disse:

"'E o Espírito disse-me: escreve, e eu escrevi.' Quando o Espírito lhe falar, Srta. Dearie, não hesite em escrever."

A Srta. Dearie respondeu: "Obrigada, querido amigo."

A Srta. Colquhoun perguntou-se se essa mensagem poderia ser para ela, e a voz disse:

"Srta. Colquhoun, a escrita que faz trar-lhe-á uma recompensa na vida futura, minha querida."

O Dr. Ferguson falou novamente e disse:

"Ainda não cantaram o meu hino, Srta. Colquhoun. É o Fergus Ferguson quem fala. Ainda não cantaram o meu hino",

e mencionou um antigo já esquecido; evidentemente o seu regresso à Terra trouxe-lhe velhas recordações. Tentámos cantar o que ele pediu, mas ninguém o conhecia nem a melodia. Por isso, não durou muito.

A Sra. Bowes perguntou: "Não está ninguém aqui pelas senhoritas Douglas?"

Uma delas respondeu: "Oh, está tudo bem. Estamos mesmo bastante felizes só a ouvir." Uma voz disse:

"É muito gentil da sua parte dizer isso, Irmã, porque, com a situação no vosso mundo de hoje, não temos tempo para vir atender a todos."

A Srta. Colquhoun comentou: "Muitas vezes pergunto-me se devemos ter estes encontros nestes tempos, ou se ajudamos ao tê-los."

A voz respondeu:

"Estamos todos, cada um de nós deste lado, felizes por vir, mas é difícil conseguir comunicar nas condições atuais. Se não conseguirmos falar convosco adequadamente agora, tentaremos regressar noutra altura."

As trombetas tocaram então na Sra. Bowes, e uma voz disse: "Não estava agora a pensar no Jim? Sim, tens um Jim, e tens um William. Que Deus te abençoe, meu amor. Continuas a ser a minha mais querida, a mais querida de todas."

A Sra. Bowes disse: "Oh, os teus dedos, querido. Sinto-os na minha cabeça e no meu rosto." O marido disse:

"Não me despedi de ti, mas um dia direi 'Bem-vinda a casa'."

A Sra. Bowes disse-nos que os dedos do marido estavam por toda a sua boca.

O Pathfinder disse então:

"Não há linha divisória entre os corações que batem em harmonia e amor, e a passagem de um do lado físico para o lado espiritual da vida não os separa. Fala o Pathfinder. A pequenina não me ouviu? Lamento. Sim, não há linha divisória nenhuma. Aqueles que mais amaste, pequenina, aqueles que te são mais próximos do coração — quero dizer, do teu coração da vida terrena — serão os que virão muito perto de ti quando passares, e tu reconhecê-los-ás, não importa há quanto tempo cá estão."

Uma voz continuava a chamar:

"Jim. Jim."

Perguntámos se podia dizer-nos quem era, e ele respondeu:

"Quero que o descubram por si, e tenho a certeza de que um dia o farão."

Outra voz repetiu:

"Ina. Ina."

A Srta. Colquhoun disse: "A Ina não está aqui esta noite." A voz respondeu:

"Eu sei que ela não está aqui, mas estou a chamar pela Ina. É o tio Tom."

Não disse mais nada, e então outra voz falou.

"Avó Johnston. Sou só eu, e é bom falar contigo através da linha de fronteira. As flores estão simplesmente lindas, minha querida" (para a Srta. Colquhoun), "mas não são nada comparadas com as que temos do nosso lado. Superam-nas por completo. Deus te abençoe, querida May."

A Sra. Cuthbertson perguntou: "É a Mãe?"

A Mãe respondeu:

"É a Mãe, e parece que foi ontem que eras uma coisinha tagarela a correr aos meus pés. Deus te abençoe, minha querida. Agora já vens a cambalear pela encosta abaixo."

Alguém disse "Jim", e, ao perguntar-se quem era, falaram com a Sra. Richardson:

"Se eu disser James, percebes melhor? É o James Richardson. Meu amor, queria poder encontrar palavras adequadas para te descrever o belo país em que, pelo amor e bondade de Deus, me foi permitido aportar. Do outro lado da linha de fronteira estou reunido contigo e com aqueles que tanto amei enquanto na vida terrena. Sê firme e verdadeira, continua a lutar, nunca desanimes. Vem aí um dia luminoso. Deus te abençoe, do James."

"Obrigada, James", respondeu ela, e então a trombeta tocou no Sr. Sloan, quando uma voz disse:

"És tu, John Sloan? Oh, conheço-te muito bem."

O Sr. Sloan respondeu: "Não quero a tua velha trombeta — mantém-na longe de mim."

O Sr. Sloan levou umas pancadas na cabeça em resposta. O Pathfinder falou de novo: "O Pathfinder gostaria de fazer mais por vós, mas as condições que envolvem o vosso mundo neste momento tornam muito difícil entrar em contacto com os amigos que desejais. Está alguém de pé ao lado da senhora ali agora." (A Srta. Douglas.)

A voz de uma senhora disse "Mãe, Mãe."

As senhoritas Douglas disseram: "Anda, Mãe, fala connosco, querida." Porém, ela pareceu perder a vibração e nada mais se ouviu. O Pathfinder perguntou:

"Lembram-se de um quadro que ficava de frente para vós mal entráveis numa certa sala? O vosso Pai tinha muito orgulho nele."

As senhoritas Douglas não conseguiam lembrar-se exatamente de que quadro se tratava.

Uma nova voz pediu desculpa por falar. O que disse foi entendido por todos os presentes.

“Desculpem intrometer-me, minhas senhoras. Andei num caminho em ziguezague na vida, sabem.”

Um de nós respondeu: “Muitos fazem isso”, e ele contrapôs:

“Mas eu devia ter sabido melhor.”

A Sra. Bowes disse: “Bem, querido amigo, agora poderás compensar.”

Alguém comentou que a voz soava irlandesa. Ele respondeu:

“Estou longe de ser irlandês. Glória a eles, mesmo assim — uma grande raça. Sou glasgóvio.”

Perguntámos-lhe se nos dizia quem era, e ele respondeu:

“Receio que, se vos dissesse, não me iríeis ouvir. Ah-ah-ah.”

O Sr. Sloan comentou: “Bem-vindo sejas, amigo.”

Ele respondeu:

“Sim, desde que não saibam quem sou. Sr. Hart, conheço o seu nome por o ter ouvido aqui uma ou duas vezes, e acho que pode ter ouvido falar de mim.”

O Sr. Hart respondeu: “Não saberia dizer, com certeza.” Um de nós perguntou: “É parente do Sr. Hart?”

Ele respondeu:

“Nenhuma relação, mas pode ter ouvido falar de mim. Suponho que todos vocês terão ouvido falar de mim. Eu era um sujeito notório, e era um bom cantor.”

A Srta. Dearie perguntou se ele era J. M. Hamilton, e ele respondeu:

“Não, não, eu não cantava como ele.”

Um de nós disse: “Bem, agrada-nos ouvi-lo falar”, e ele respondeu:

“Bem, veem, estou aqui quer me recebam quer não. Guardaram um exemplar? Comprou um exemplar, Sr. Hart?”

O Sr. Hart disse: “Sim, acho que sei quem é. Devo ter comprado um exemplar, pois li-o.” A voz comentou:

“Não gostou das minhas expressões.”

O Sr. Hart respondeu: "Eram muito originais, de qualquer forma. Não quer dizer às senhoras quem é?"

Ele respondeu:

"Não fui lá muito simpático para com elas, creio, e gostava de ser simpático, mas elas não levavam isso da maneira certa. Já ouviu falar de 'The Clincher — Petrie, o Barbeiro'?"

Era uma figura simpática e bem conhecida, que desfilava pelas ruas de Glasgow com um placard de homem-sanduíche, vendendo o jornal de sua autoria, The Clincher, que expressava as suas opiniões pessoais, bastante peculiares. Petrie, o Barbeiro, era conhecido por toda a gente em Glasgow como "The Clincher", e a sua referência a não ser simpático para com as senhoras era muito apropriada, pois granjeava fama de contar muitas histórias impróprias para uma sala de estar.

Quando disse o nome, o Sr. Sloan exclamou: "Velho Clincher, dos bons. Conhecia-te bem."

O Clincher respondeu:

"Poucos atravessam o mundo em linha reta, e muitos dos muito certinhos, quando chegam ao meu lado da vida, descobrem que também deixaram um rasto em ziguezague atrás de si."

A Srta. Colquhoun comentou: "Era um homem bem instruído e falava muito bem em público."

O Sr. Petrie apreciou o elogio:

"Curvo-me. Curvo-me. Curvo-me. É a única senhora que reconheceu os meus méritos, e agradeço-lhe. Andei por um trilho tortuoso, mas deixei isso para trás, e, de algum modo, havia tantos amigos deste lado da vida que eu não conhecia, mas que vieram ajudar-me quando aqui cheguei, e me têm ajudado a alcançar este estado de discernimento.

"Estou disposto a tentar ajudar os rapazes na frente, os rapazes no mar, os rapazes, onde quer que estejam. O meu coração sangra por eles e estou muitas vezes em casas quando chega a notícia triste, e digo aos que ali choram — pergunto-me se me conseguirão ouvir — digo-lhes: 'Ânimo, podem orgulhar-se dos vossos rapazes', mas eu era um caráter rebelde. Pedindo desculpa pela minha intrusão, e a minha profunda gratidão a si, Sr. Hart, por reconhecer tão nobremente que conhecia o seu humilde servo. Do fundo de um coração regenerado que o Bom Pai me deu, digo 'Deus o abençoe.'"

Respondemos: "Boa noite, Sr. Petrie. Deus o abençoe."

Ele falou de novo e disse:

"Agradeço a vossa condescendência em me reconhecerem. Não é a superfície, não é a casca exterior que conta. Muitas vezes, quando ia para casa — bem, chamava-lhe casa — pensava em toda a vaidade da vida e, então, entrei em sintonia com os belos espíritos do outro lado da vida, e um deles encontrou-me e tomou-me pela mão e permitiu-me falar-vos agora desta maneira. Mais uma vez, boa noite."

A Sra. Sloan disse novamente, para se despedir:

"Boa noite, Sr. Hart. Hoje não está a correr pelo campo acima, mas não deve perder o seu autocarro. Boa noite, Sra. Bowes. Não se preocupe com os rapazes. Eles serão cuidados. Deus a abençoe."

A Sra. Bowes respondeu: "Deus a abençoe, querida Mamã."

A Sra. Sloan disse:

"Boa noite, Srta. Colquhoun, sinto o coração cheio quando penso nos rapazes e nos perigos por que estão a passar. Obrigada por toda a sua bondade para com o meu querido velhinho. Boa noite, Pai, querido."

O Sr. Sloan respondeu: "Boa noite, docinho." Uma voz disse então:

"Confio que depois do Encontro se sentirão um pouco mais felizes e esquecerão as vossas preocupações e cuidados. O bom Pai cuidará dos vossos queridos amigos, e tudo correrá bem."

Cantámos a Doxologia e a Sessão terminou.

No Encontro acima várias observações foram feitas sobre como os Etéreos conduziam uma sessão do seu lado. Já sabemos o que acontece na Terra quando queremos entrar em contacto com os nossos amigos em Etéria. Sentamo-nos numa sala pequena para conservar o ectoplasma, excluímos a luz para evitar que o ectoplasma se dissipe, e temos connosco um médium que fornece esse ectoplasma. As trombetas ajudam os Etéreos a dirigir a voz para a pessoa a quem falam e, por vezes, usam-nas para formar a máscara ectoplásmica na qual entram, de modo a reduzir as suas vibrações. Isto é necessário para baixar as suas vibrações até a um ponto em que a boca e a laringe do comunicador consigam vibrar a nossa atmosfera, a qual, por movimentos ondulatórios ou vibrações, transporta a palavra dita na Terra.

Consideremos agora a situação do ponto de vista deles, o que só é possível ouvindo o que um Etéreo presente numa sessão nos tem a dizer. Durante as minhas muitas sessões com Sloan perguntei como eram as condições de uma sessão do lado deles, e tenho comigo as notas que tirei das respostas que me foram dadas. Nós somos os passivos e eles são os cooperadores ativos. Um lado não pode dispensar o outro, ambos são necessários, mas, depois de fornecermos a sala pequena e escura, o médium e as trombetas, eles fazem o resto.

Isso constitui a nossa parte no processo, enquanto o resto é feito pelos que trabalham connosco para além do véu. À medida que as minhas investigações progrediam, mais me impressionava a complexidade do procedimento em Etéria, necessária para produzir as condições que tornam possível a comunicação. Um grupo de Etéreos, peritos na manipulação de substâncias químicas orgânicas, trabalha connosco. Mal nos reunimos, eles começam a fazer a sua parte.

O grupo é composto por um diretor das operações, um ou mais químicos, alguém que move a trombeta na direção em que um comunicador etérico deseja falar, e alguém que recolhe a substância do médium e dos presentes, ligando-os ao químico que extrai deles o material necessário. Isso estende-se do médium e dos presentes até um ponto central, e a substância retirada é reunida pelo químico numa taça etérica à qual ele também adiciona substâncias etéricas próprias. Outro membro do grupo ajuda os recém-chegados Espíritos a falar, explicando-lhes o que fazer; outros afastam os que apenas têm curiosidade; e Whitefeather, no meu tempo, considerava-se o mais importante de todos, pois cabia-lhe avisar quando uma sessão ia ter lugar, para que todos os operadores estivessem presentes e nos seus postos. Quando veem quem está presente do lado terrestre, os amigos Espíritos dos participantes são avisados por algum método rápido usado em Etéria, e podem vir de longe a grande velocidade.

Antes de mais, devemos aceitar a afirmação de que o corpo etérico é em tudo idêntico ao corpo físico, tanto em termos de órgãos internos como externos. Na vida etérica, a comunicação dá-se do mesmo modo que na vida terrena. Os órgãos vocais vibram a sua atmosfera, a língua move-se, os pulmões inspiram e expiram o equivalente ao nosso ar, tudo decorre como decorre aqui na Terra, sendo a única diferença o facto de ocorrer numa substância de estrutura muito mais fina e a um ritmo de vibração muito mais rápido.

Assim, os seus órgãos vocais, embora operem no seu mundo etérico, não conseguem fazê-lo no nosso mundo mais grosseiro. A sua textura é demasiado delicada para produzir qualquer efeito na nossa atmosfera. Têm de ser criadas novas condições em que as vibrações sejam mais lentas. Para isso, é necessária escuridão total ou luz vermelha fraca, pois os raios de luz branca destroem e desintegram as forças e substâncias mais subtis com que trabalham. Obtêm-se melhores resultados quando as noites são límpidas e a atmosfera está livre de humidade. Mesmo assim, as condições que permitem a fala são muito delicadas, e, além disso, os presentes devem estar de boa saúde e em harmonia entre si.

Imaginemos agora que estamos sentados em círculo, com o médium connosco, que, ao cantar, fizemos vibrar a atmosfera durante cerca de cinco minutos, quando, de repente, uma voz, clara, distinta e afastada do médium, irrompe entre nós e, depois de dar o nome e a morada terrestre, inicia uma conversa com um de nós. O que aconteceu realmente? Essa era a questão que mais me ocupava o pensamento depois de me habituar a estas estranhas condições. Seria o médium a imitar alguém, ou um cúmplice entre os presentes? Por muitas razões fiquei convencido de que aquela voz não provinha de nenhum ser humano, mas que havia uma personalidade por trás dela, que não era deste mundo, presente na sala.

Propus-me então descobrir qual era a verdadeira causa desse efeito e, por meio de uma série de perguntas e respostas, ao longo do tempo, foi-me dito o seguinte, que, para ser breve, exponho agora pelas minhas próprias palavras. O químico, a quem já me referi, depois de misturar a substância que obtém do médium e dos presentes com os seus próprios ingredientes, toma a preparação finalizada e, com ela, primeiro materializa as mãos e depois forma uma máscara rudimentar à semelhança de boca, garganta e pulmões. Quando concluída, esta é colocada na parte mais adequada da sala, frequentemente no centro do círculo. O Etéreo que deseja falar então pressiona-se dentro dessa máscara, lenta em vibração, e com ela reveste a boca, a garganta, a língua e os pulmões. Esses órgãos adquirem então uma condição mais densa ou pesada, a língua exige maior esforço para se mover, mas com alguma prática tudo se torna possível. O comunicador, temporariamente, assume as condições necessárias para se tornar, até certo ponto, como nós, capaz de formar palavras que possamos ouvir.

Ele é novamente, até esse ponto, um habitante da matéria, mais lenta em vibração, de modo que, quando fala, produz os mesmos efeitos na nossa atmosfera que nós quando falamos. Ele e nós estamos na mesma sala, a poucos metros uns dos outros, ele de pé a falar connosco, e nós sentados, a responder.

Ele ouve-nos e nós ouvimo-lo. Esta condição dura apenas por pouco tempo, raramente mais de dez minutos. Quando a desmaterialização começa, a matéria cai, e, embora a boca dele possa continuar a mover-se, já não é ouvida. Isto, resumidamente, é o que querem dizer quando afirmam que assumem as condições terrenas a partir do nosso meio.

Todos os médiuns de Voz Direta possuem uma certa força vital, ou substância; todos os presentes a têm em menor grau; e a isso os químicos Espíritos adicionam outras forças ou substâncias etéricas, cuja combinação forma um material suficientemente lento em vibração para vibrar a nossa atmosfera. A única coisa que não conseguimos compreender é como o comunicador se reveste disso, ou o absorve. Qual é o efeito químico exato produzido quando ele se pressiona contra essa substância e fica coberto por ela? Um dia, sem dúvida, descobriremos a explicação, mas o que escrevo é, em substância, tudo o que me foi dito, e é suficiente para termos uma ideia inteligível do que se passa.

Finalmente, quero sublinhar as dificuldades que os Etéreos encontram para descer até ao nível das vibrações físicas. O ectoplasma com que revestem os órgãos vocais exige ajustes e, se vários se sintonizam na nossa frequência ao mesmo tempo, não nos deve surpreender o número de interrupções. Falam e não são ouvidos e, de repente, apanham a frequência certa e são ouvidos. Continuam a falar, às vezes dois ao mesmo tempo, mas o anterior geralmente interrompe, e por vezes mesmo no ponto em que todos estão ansiosos por ouvir o que ia ser dito.

Espero que esta explicação esclareça a razão dessas interrupções que ocorriam de vez em quando e que deviam ser tão dececionantes para o Etéreo interrompido como o eram para os presentes na Terra. Os nossos amigos e familiares estão tão ansiosos por provar-nos que ainda vivem como nós estamos por saber que não estão mortos e que nos voltaremos a encontrar.

CAPÍTULO XIV

ENCONTRO EM CASA DA SRA. BOWES

MAXWELL PARK, GLASGOW

Terça-feira, 25 de julho de 1944

Presentes: SR. JOHN SLOAN, SRA. LILLIAS BOWES, Srta. GRACE MCKINNON, SR. ALEXANDER HART, SR. GEORGE MORITZ, SRA. HILDA MORITZ, SRTA. JEAN DEARIE, Srta. AILSA DOUGLAS, SRTA. WINNIE DOUGLAS, SRTA. CRISSIE COLQUHOUN.

Quando entrámos na sala, um de nós comentou que o blackout que a Sra. Bowes tinha feito estava perfeito.

A Sra. Bowes disse: "Estive ocupada com ele esta tarde, e perguntei-me se teria ficado bem", quando uma voz do outro lado disse:

"Estive a ajudá-la."

A Sra. Bowes respondeu: "Obrigada pela sua ajuda, querido."

Abrimos então o Encontro cantando o hino Mais perto de Ti, meu Deus, e depois repetimos a Oração do Senhor. A voz de um homem do outro lado juntou-se ao "Ámen".

O Sr. Sloan disse: "Temos de estar atentos ao tempo esta noite e terminar a tempo para o Sr. Hart não ter de correr para o comboio."

Uma voz do outro lado disse: "Não é a si que cabe ditar quando devemos terminar. É à anfitriã da casa que cabe fazê-lo."

O Sr. Sloan disse: "Bem, amigo, lamento. Peço desculpa."

A voz respondeu:

"Está aceite."

A Srta. Colquhoun comentou que tinha recebido uma carta de Mary Stove, e seria bom se houvesse uma mensagem para ela esta noite. Uma voz disse:

"Está muito bonito em Stromness neste momento. Fala John Hardman, ao seu dispor."

A Srta. Colquhoun disse: "Oh, isso é magnífico. Tem uma mensagem para a Srta. Stove?" Ele respondeu:

“Tenho de pensar um pouco. Tenho algumas coisas doces para dizer. Compreende.”

A Srta. Colquhoun disse: “Ela ficará encantada quando souber que esteve aqui e a pensar nela.” O Sr. Hardman respondeu…

“É também belo saber que tu também pensas nela. Isso é para a Sra. Bowes, e para os restantes também. A minha gratidão ao Sr. Hart e à amiga da Mary, a Sra. Lang. Há dificuldade neste momento em aproximar-me deste plano. Gostaria apenas de lhe dizer, amigo Moritz, que as condições estão muito difíceis no presente. Creio que compreenderá. Sei que tem alguns amigos ausentes, e todos vós estais a pensar nos vossos, mas também tendes uma bela consideração pelos outros pais e mães que têm filhos ausentes.

“No último encontro que tiveram aqui, Sra. Bowes, não consegui entrar. Estava ocupada, e os outros que estavam à sua volta eram tão fortes que não consegui passar. Não faz mal. Posso esperar, e a Mary pode esperar. Sei que ela tem paciência. Adeus por agora. Há alguns amigos à espera para poderem passar. Sou John Hardman, mas ainda não parti realmente. Digam à Mary, numa carta — alguém a transcreverá para vós e lha enviará — digam-lhe que estou à espera no Portal Dourado até que chegue a alvorada, no tempo certo de Deus, quando o seu pequeno peregrinar tiver terminado. Estarei lá de braços abertos para receber a minha Mary. Deus te abençoe, Mary, do John Hardman.”

Esta foi uma mensagem para a Srta. Mary Stove, sua noiva.

O Sr. Sloan comentou então há quanto tempo o Sr. Hardman tinha morrido.

O Sr. Hardman disse novamente:
“Não morto, John Sloan, mas vivo, e estive durante muito tempo na terra da maravilha. Vou explicar-te, e espero que me desculpes por ocupar tanto do teu tempo. Vês, eu não acreditava na vida depois da morte e, quando aqui cheguei, fiquei aturdido com a maravilha do conhecimento de que era tudo verdade. Não merecia a bondade derramada sobre mim por aqueles que vieram ajudar-me. Soube então que tinha cometido um erro. Agora já passou, e tentarei ajudar-vos, a todos os que aqui chegarem, se a oportunidade surgir, de vez em quando.

“Sei o que é sentir solidão. Foi assim que me senti quando aqui cheguei pela primeira vez, até que alguns amigos me tomaram pela mão e me conduziram com bondade. Obrigado pela vossa gentileza e consideração ao ouvirem-me. Não vos interromperei mais agora. Quando digo ‘Deus vos abençoe’, não é um serviço de lábios. Digo-o com sinceridade.

"Que agrade ao Grande Mestre salvaguardar todos aqueles que amais, e que vos foram levados para uma condição de vida que não conheceis, e, se for Sua vontade, trazê-los todos em segurança de volta a casa. Sei o que é o amor de uma Mãe. Eu amava a minha Mãe, e ainda a tenho comigo, mais bela do que alguma vez foi na vida terrena. Adeus por agora."

Uma voz chamou então:
"Olá. Helen", e depois uma nova voz deu o nome John.

A Srta. McKinnon estava a ser tocada pelas trombetas, e uma voz muito das Terras Altas disse: "Olá, minha querida, John a falar."

A Srta. McKinnon perguntou: "Qual John é?" Ele respondeu:
"Seria mais claro se mencionasse o Mac, minha querida. Usas o tartan? Tenho de esperar até me ser permitido falar. Se me lançasse na minha língua nativa, sabes, ocuparia toda a vossa noite."

Falou então fluentemente em gaélico durante alguns momentos e, finalmente, disse:
"Oidche Mhath" (Boa noite).

Outra voz disse à Srta. McKinnon:
"O John tem estado há muito tempo à espera de lhe falar. É o seu avô; é isso que tem tentado dizer-lhe. Ele não consegue pronunciar as palavras muito claramente na sua língua. Tens um irmão John que recebeu o nome dele. A tua Mãe quis que se chamasse John. É o pai do teu Pai. Este é um dos Índios que está a tentar explicar-te."

Tudo isto estava correto.

O Sr. Moritz disse então: "Não me parece que seja um Índio Americano. Deve ser da Índia, um hindu, pela maneira como fala."

A voz respondeu:
"Hindu. Saúdo-o, senhor, por me reconhecer."

Falou então rapidamente algumas palavras numa língua estrangeira e, tocando no Sr. Moritz, disse:
"Vi-o a sair de 'Apnaghar'."

O Sr. Moritz concordou e disse: "Aliás, Apnaghar é um nome indiano, sabe? Significa 'a minha própria casa'. O meu Pai esteve algum tempo na Índia e disse: 'Se algum dia comprar uma casa, chamar-lhe-ei Apnaghar, pois significa "a minha própria casa", e eu gosto disso.'"

Uma voz muito clara e distinta disse:
"Sim, mas já não é a tua casa, George, meu amado filho."

O Sr. Moritz disse: "És tu, Pai? Muito obrigado. Isto é notável." O Pai respondeu: "Estou muito ocupado a cuidar de alguém que conheces — o teu rapaz. Teve aquilo a que se pode chamar fugas por um triz, escapadelas notáveis do perigo, e estou a fazer o possível para cuidar dele. O país que amo. Está profanado agora, George."

O Sr. Moritz respondeu: "De momento, muito mesmo."

O Pai, que nascera na Polónia, disse: "Esperemos por tempos melhores, mais adiante."

Uma voz disse "Jim" e a Srta. McKinnon disse que a trombeta a estava a tocar. A Sra. Bowes perguntou:
"Qual Jim é?"

A voz disse à Srta. McKinnon:
"Podes chamar-me Hamish (gaélico para James). Sou irmão da tua Mãe. Já terminaste a carta que estavas a escrever?"

A Srta. McKinnon reconheceu o interlocutor e respondeu: "Ainda não."

Ele continuou:
"Reflete bem antes de a terminares. Essa é a ideia que agora procuro transmitir-te. Não deves ter medo de pôr em execução os teus pensamentos. Ajudar-te-emos a realizar o que desejas. Tens algo que te preocupa há algum tempo. Sabemos tudo sobre isso. Tens percorrido um caminho difícil, mas está a aclarar agora, e em breve o caminho ficará livre para ti. Salve, salve, ao Chefe Eterno. É uma alegria para mim quando consigo trazer um pouco do sol de Deus a alguma das vossas vidas."

A Srta. McKinnon agradeceu.

Outra voz continuou a conversa, dirigindo-se ao Sr. Moritz:
"É também uma coroa de júbilo para mim, meu amigo do câmbio. Não sei o seu nome, mas sei que trabalha com dinheiro. É necessário do vosso lado. Não poderia atravessar a vida sem ele, mas, quando vier para o meu lado, não precisará de comprar nada. Terá justiça segundo o que fez na vida e fez em amor, segundo o que Deus desejaria que fizesse. Adeus, adeus."

Comentámos que era uma descrição bastante curiosa de um banqueiro, chamar ao Sr. Moritz "cambista", e esse comentário trouxe de volta o orador: "Quero explicar-vos que não conheço tão bem a definição de todos os

estabelecimentos, depois de estar tanto tempo afastado da vida terrena. Usamos o cordão de amor que vem daqueles do vosso lado que compreendem, e tentamos obter uma ligação por aí. Mais uma vez, bom dia."

A Sra. Sloan manteve então a conversa:
"É um espírito tão bondoso esse. Oh, como queria poder entrar em contacto com ele também. Deus a abençoe, Sra. Moritz, estou a falar-lhe através da linha de fronteira, e Deus abençoe também o seu querido marido, e abençoe todos os seus entes queridos. Posso de vez em quando fazer um pouco para a ajudar. Deus a abençoe, Sra. Bowes, minha querida, e Deus a abençoe, Crissie (Srta. Colquhoun). Adoro pronunciar agora esse nome. Não creio que antes a chamasse Crissie, mas parece que fico mais próxima de si quando digo 'Crissie' em vez de Srta. Colquhoun."

Deu alguns beijos e continuou:
"Estou muitas vezes com a tua querida Mãe."

A Srta. Colquhoun respondeu: "Adoro pensar que estão juntas, Mamã, e tenho a certeza de que ambas estão felizes."

A voz de um homem interrompeu:
"Não há dúvida disso. Se tu estarás na condição delas depende de ti própria e da tua vida aqui. Estou a falar de modo geral."

A Srta. Colquhoun respondeu: "Tentamos fazer o nosso melhor", e a voz disse: "Se fizerdes o vosso melhor, isso é tudo o que se espera, e o melhor não pode fazer melhor."

A voz de uma criança disse então:

"É a Tinkle Bell. Não tenho um sino, mas consigo falar às vezes quando tenho uma oportunidade. Olá, Alex" (para o Sr. Hart). "Ele é o meu irmão mais velho, o Alex. Gostarias de receber beijos meus?" e deu muitos beijos.

"Pedi-lhes que me deixassem trazer o meu sino, mas disseram 'vamos pensar no assunto'."

Outra voz disse ao Sr. Moritz:

"Harry, conseguia ser o Wink, senhor?"

O Sr. Moritz respondeu: "Conhecia o Wink, sim, mas não o Harry. O nome era John D. Wink." A voz respondeu:

"Sim, está certo, senhor. Conheceu o meu filho, senhor."

O Sr. Moritz disse: "Obrigado, Sr. Wink. Fico muito satisfeito por ouvi-lo falar. Vê muitas vezes o seu filho John?"

O Sr. Wink respondeu:

"Encontro-o ocasionalmente. Ele está a trabalhar no Plano Terrestre. Estão todos ocupados neste momento, mas há um brilho no horizonte. Tenho a certeza. É a minha opinião deste lado."

O Sr. Moritz respondeu: "Obrigado, Sr. Wink, isso é muito agradável e encorajador." (Recordaremos o Sr. John D. Wink a falar em 11 de abril de 1942. Tanto Harry Wink como o seu filho, John D. Wink, gostavam de fazer piadas com o seu apelido, por isso a troça acima de Harry Wink sobre o nome estava bastante de acordo com o seu carácter.)

Uma voz do outro lado disse:

"Tommy, onde está o Tommy? Alguém disse que o Tommy vinha até vós, mas não o vejo agora."

Contudo, o Tommy estava ali, pois uma voz muito clara gritou:

"Thomas Henry Douglas",

e a Sra. Sloan, do outro lado, disse ao Sr. Sloan:

"John, John. É o Tommy a falar."

Era um amigo do Sr. Sloan. O Sr. Sloan exclamou: "O meu — Tommy Douglas, eu conhecia-o bem!" Nada mais foi dito pelo Sr. Douglas nesse momento, mas voltou mais tarde.

Uma nova voz disse então ao Sr. Moritz:

"Sou o Henry, venho de uma linha muito antiga. Henrique seria a nossa pronúncia. Sou um dos teus antepassados de muitas etapas de vida atrás. Vejo e aplaudo o heroísmo do teu rapaz. Tem passado por muitos apertos por um triz. Deus a abençoe, Mãe Moritz. Mantenha esse belo espírito brilhante e ele regressará em segurança. Guarde-o com pensamentos de oração e para que o Pai de todas as misericórdias o mantenha a salvo. Ajudaremos quanto pudermos. Deus a abençoe. Vimo-vos há duas noites naquilo a que chamaríamos a aflição das calmarias, sabe do que falo. Tentámos manter-nos perto de vós e articular para que pudesse ouvir que tudo iria ficar bem. Peço desculpa pela falta de jeito da minha explicação. Vou-me embora dizendo 'ânimo', e faço aquilo a que chamam o sinal V do Churchill. A estrela da manhã brilhará para todos vós.

Vou-me embora agora e deixo a minha bênção de despedida convosco todos, cada um. Boa noite e Deus vos abençoe."

O Sr. Moritz compreendeu tudo isto, e não tivemos de esperar muito até ouvirmos a voz do Pathfinder:

"No meio de toda a tensão e tumulto da guerra, conhecemos as vossas dores, mas estais a alcançar o mar calmo, a paz, a luz e o sol, e tudo ficará bem. O chefe índio, Pathfinder, fala aos seus irmãos e irmãs. Todo o tumulto por que o vosso velho mundo tem passado — a dor, o sofrimento, a mágoa e a aflição — Deus permita que o sol brilhe em breve sobre cada um de vós que ouve a voz do Chefe Índio, e que o caminho que doravante percorreis seja na luz do amor e no sol da alegria, trazendo alento e conforto às vossas almas. Que vos conforte saber que, embora neste momento venham aos milhares e milhares, há multidões de espíritos ministrantes a trabalhar para os ajudar a entrar no caminho da paz. Emanem os vossos pensamentos e o vosso amor, e faremos tudo o que pudermos para ajudar. Eu sou o Pathfinder."

A trombeta tocou então na Srta. Dearie, e uma voz disse:

"É a Srta. Dearie? Tenho-a admirado muitas vezes pelo esforço minucioso e cuidado em transcrever os pensamentos que vêm do lado espiritual da vida. Ao princípio não percebi quanto valem. Sei que valem muito para todos vós, mas não entendi por completo que são encarados como relíquias por aqueles que os guardarão no futuro. Deus a abençoe. As coisas estão a melhorar no Plano Terrestre. Vejo e sinto, ao conversar e conviver com os entes queridos deste lado, que a estrela da paz brilhará para todos vós, e espero e oro com o maior fervor para que brilhe em breve. Deus vos abençoe a todos. Boa noite."

A Sra. Sloan disse novamente:

"Minha querida Sra. Bowes, e minha querida Crissie, sei o que é estar separada dos entes queridos. Não te preocupes com os joelhos velhos, Pai, eles ficarão melhores em breve."

O Sr. Sloan respondeu: "Eles não doem, Mamã, mas simplesmente não estão a funcionar como deve ser." A Sra. Sloan disse então à Srta. Dearie: "Srta. Dearie, a propósito das pernas fracas do Pai, ele disse-me uma vez, quando eu estava com ele, que viveria até aos cento e dez anos."

A Srta. Dearie respondeu: "Tenho a certeza de que ele gostaria, querida, se a tivesses aqui, mas agora não." A Sra. Sloan disse:

"Gostava era de ter ficado um pouco mais com ele, por ele, mas estou perfeitamente feliz, sempre pronta para fazer tudo o que puder por qualquer um de vós, por todos os que vêm a estes pequenos encontros. Deus o abençoe, Sr. Hart. O senhor foi sempre o meu amparo."

A Sra. Bowes disse: "Querida Mamã, ainda não conheceu a minha amiga, a Srta. McKinnon. É a primeira vez que ela está aqui."

A Sra. Sloan disse à Srta. McKinnon:

"Vai encontrar o Pai em ordem. Tenha só um pouco de paciência com ele às vezes."

O Sr. Sloan disse: "Isso mesmo, querida Mamã, sabes que sou um velho rezingão miserável." Ela respondeu:

"Dou-te agora o meu testemunho, meu querido velhinho. És o melhor homem que qualquer mulher alguma vez teve. Deus te abençoe."

O Sr. Sloan começou a chorar, e a Mamã disse:

"Não queria afligir-te, Pai."

O Sr. Sloan disse: "Não me estás a afligir, querida.

Foste sempre demasiado boa para mim, querida Mamã."

A Sra. Sloan disse então:

"Sra. Bowes e Srta. Colquhoun, e meus queridos amigos, Sr. Hart e Sr. e Sra. Moritz, vou tentar arranjar alguém mais apto e mais capaz de trabalhar por vós do que eu. Que tudo quanto está nos vossos corações, e que esteja de acordo com a vontade do Pai, vos seja concedido, a cada um."

Agora uma voz gritou "Tommy", e a Sra. Sloan disse:

"Pai, é o Tommy Douglas."

O Tommy Douglas disse então:

"Olá, John, consegui entrar em contacto contigo agora. Não me reconheces? Pensa na Isa."

O Sr. Sloan disse: "És o Tommy Douglas. Ah, eu conhecia-te bem."

O Sr. Douglas disse: "Estou a ajudar-te agora no que posso."

O Sr. Sloan respondeu: "Sei ao que te referes, Tommy, mas não deixes que esse assunto perturbe este Encontro."

O Sr. Douglas disse: "Isso dará novo ímpeto aos que te rodeiam."

Depois dirigiu-se às senhoritas Douglas:

"Tenho o mesmo apelido que vocês. Esteve aqui há pouco um vosso homónimo. Oh, acaba de entrar agora. Tem uma longa barba branca. Diz que é o vosso avô. Reconhecem-no pela minha descrição?"

Esta barba branca foi sem dúvida colocada para fins de reconhecimento.

As senhoritas Douglas disseram: "Sim, temos uma fotografia dele com a longa barba branca. Ele vai falar connosco?"

O Sr. Douglas disse: "Não estou em posição de o dizer. Sou praticamente um novato nisto. Toda a nossa energia está tomada pelos muitos milhares de almas a passar para este lado, agora a despertar. Sei o que é despertar do outro lado e não foi por causa da guerra. Contudo, estão agora em boas mãos. Lamento não vos poder dizer muito. Não sou um grande orador, amigo Hart. Ouvi dizer que o senhor consegue falar com muita precisão e com opiniões tão convincentes que quem o ouve é levado a atender ao que diz. Pode ser jocoso e pode ser severo. Às vezes é necessário."

A Sra. Sloan interveio aqui, e ouvimo-la dizer ao Sr. Douglas do seu lado:

"O Sr. Hart é simplesmente um cavalheiro, Sr. Douglas, e foi o meu amparo em West Kilbride. Quando o Alex Hart vinha pelo campo abaixo, eu sabia que estava tudo bem."

Depois voltou-se e dirigiu-se ao Sr. Sloan.

"Querido Pai, quando levaste os meus pobres restos já findos ao cemitério, o Sr. Douglas estava lá. Eu queria que não tivesses ido, porque eu não estava lá de todo. Claro que tu sabias disso. Perdoa-nos, Sra. Bowes, por falarmos de coisinhas do coração que não interessam aos outros presentes. Agora não chores, Pai."

O Sr. Sloan disse: "Sou apenas um velho ridículo. Devo-te tudo, Mamã. Deus te abençoe, rapariguinha. Vejo-te e sinto a tua mão na minha."

A Sra. Bowes disse: "Sinto dedos a tocarem-me."

O Sr. Bowes disse então, do outro lado:

"Quero que digas ao Jim que o Pai está a tomar conta dele. Não faltará muito agora, e estamos sempre a fazer tudo o que podemos, minha querida."

A Sra. Bowes disse: "E a Margaret, também tomarás conta dela."

O Sr. Bowes, seu marido, respondeu: "Não temas. Ela há de regressar bem. Estamos a velar por ela."

Outra voz disse:

"Muitas vezes tento falar-te aqui, minha querida. Estava a pensar onde arranjaste o nome da casa, 'Bonhard'."

A Sra. Bowes disse: "Bem, pertencia ao Walter Munro, e creio que foi ele quem lhe deu o nome."

O Sr. Munro anunciou-se então: "Quem está a falar do Walter Munro? Sra. Bowes, tem carvão em abundância?"

A Sra. Bowes disse: "O Sr. Munro era proprietário de minas de carvão, sabe."

O Sr. Munro interrompeu: "E um duro como os ossos, para mais."

A Sra. Bowes disse: "Eu achava-o um homem muito simpático. Penso que a casa foi batizada com o nome de uma das minas, não é assim, Sr. Munro?"

Ele respondeu:

"Conhece Bonhard, no Condado de Fife? Sim, é isso mesmo. Eu tinha um modo algo desagradável de prestar um favor, sabe, mas obtinha mais de cem por cento de juro, Sr. Banqueiro (Sr. Moritz), por qualquer bem que fiz na Terra."

A voz de uma senhora disse agora à Srta. Colquhoun:

"É exatamente o que tu fazes, rapariguinha. Nunca deixas que a mão direita saiba o que faz a esquerda. É apenas a Mãe."

A Srta. Colquhoun exclamou: "Oh, fico tão feliz, querida Mãe, por conseguires dizer-me uma palavra." Então uma nova voz disse:

"Sou James Bowes, como está?"

A Sra. Bowes disse: "Qual James Bowes é?", e ele respondeu:

"É de há bastante tempo, sabe."

A Sra. Bowes perguntou: "Tenho a sua fotografia?", e ele disse:

"É uma antiga."

A Sra. Bowes inquiriu: "Deve ser o bisavô dos meus rapazes?", e ele concordou:

"Sim, e fico tão contente por ter conseguido esta primeira palavra consigo. Voltarei, querendo Deus. A paz esteja com todos vós, e com todos os que não têm o grande privilégio do conhecimento que tendes. Deixai que as palavras

sussurradas da verdade penetrem nas suas mentes e digam: 'Não estamos mortos, estamos vivos.' Adeus."

A Sra. Bowes comentou: "Deve ser o avô do meu marido. Estive a ver um retrato dele há pouco."

James Bowes ainda acrescentou:

"Não o conheceste na vida terrena, e terias uma grande surpresa se o pudesses ver agora e compará-lo com aquela fotografia antiga de que falavas. Ele é muito mais bonito agora. Estás a rir-te da minha vaidade? Gosto de dizer coisas alegres e de te fazer rir. Se eu não pudesse ser feliz e jubiloso quando regresso às condições terrenas, então não viria de todo. A alegria limpa e o prazer limpo fazem parte do próprio Deus. Se tivesses estado todo este tempo — o que chamais anos — deste lado, como eu estive, e recebido tanta ajuda dos que progrediram mais, também estarias jubilosa e contente. Eu nunca fui rezingão e, enquanto fazemos a Vontade do Mestre (mantendo-nos dentro da lei), podemos viajar e fazer o que nos apraz."

A Srta. Colquhoun comentou: "É isso que eu gostaria de fazer quando passar — viajar." O Sr. Bowes respondeu:

"Bem, se é essa a tua disposição, Crissie — adoro dizer esse nome, pois não gosto tanto de Christian — a minha língua contorna-se tão bem em Crissie. Estou a falar demais agora. (Dirigindo-se à Srta. Dearie): É a Srta. Dearie? Pensei que gostaria de lhe dizer Dearie, mas não ousei."

A Srta. Dearie respondeu: "Não me importaria que o fizesse", e ele disse:

"Deus a abençoe, mas vai pôr-me a corar. Bem, deixarei de lado o frívolo por agora e direi a todos: 'Que o grande Pai vos guarde e guie, e vos conceda o desejo do coração, a alegria da alma, na medida em que esteja de acordo com a Sua Santa Vontade. Bom dia.'"

A Sra. Bowes foi então interpelada pela sua cunhada, que disse:

"Lil, é a Gladys. Deus te abençoe, querida. Sei do coração triste que tens por vezes. Estamos todos ao teu lado e, com a Santa Vontade de Deus, traremos todos de volta para ti. Se pudessem todos saber quão felizes estamos o meu Jim e eu. Ele foi o meu marido na vida terrena, e estamos juntos aqui. Até já, por um bocadinho."

Uma voz disse então:

"Terá de vigiar o tempo, Sr. Hart. É um trabalhador zeloso em tudo o que tem de fazer na vida terrena. Nunca deixa nada ao acaso."

O Sr. Hart respondeu: "Obrigado, mas ainda há muito tempo."

Uma voz começou então a cantar The Auld Hoose e cantou muitos versos, em grande parte de sua própria composição.

O Sr. Sloan disse: "Isso é The Auld Hoose, e ele estava 'assim-assim' a cantá-la." A voz respondeu:

"Como te atreves a dizer 'assim-assim' — eu estou a cantá-la.

'The auld hoose, the auld hoose,

Although its walls were wee,

There are kind hearts in the auld hoose,

That love baith you and me.

From the new hoose, the new hoose,

Which God has given to me.

I send my love, as do all my friends,

To bring you victory.'"

Outra voz disse:

"Vou levar-te agora à casa do Rab, e encontrarás 'Rowland Hart' escrito num livro antigo. Sou teu antepassado, Alexander Hart. Consegues descer pela árvore genealógica até chegares a Rowland Hart? Penso que sou o teu trisavô."

O Sr. Hart disse: "De onde é que veio?" Ele respondeu:

"Venho da esfera. Oh, não me é permitido dizer de que esfera venho."

O Sr. Hart disse: "Não me referia a de onde vem agora — referia-me à vida terrena."

O Sr. Sloan comentou: "Não era deste país, irmão, de qualquer maneira."

A voz respondeu: "Que sabes tu da Escócia? És escocês?"

O Sr. Sloan respondeu: "Claro que sou."

O Sr. Rowland Hart disse então ao Sr. Hart:

"Há de vir outra noite dizer-me que percorreu a árvore genealógica, essa extraordinária enciclopédia demi-semi, e encontrou o meu nome. Não há balanços deste lado, Sr. Moritz, o tilintar do dinheiro não compra nada aqui. É

engraçado pensar como alguns se agarram a ele por tanto tempo, e isso preocupa-os até deste lado, porque não conseguem usá-lo como querem.

"O ouro cintilante não vale aqui, mas o ouro cintilante do coração — os deveres cumpridos na vida terrena — esse fica contigo. Mesmo os mais pequenos atos de bondade contam. Uma palmada nas costas, meia dúzia de palavras de ânimo a um viajante cansado no caminho — isso não custa nada, mas significa tanto. Não estou a falar agora só para o Sr. Moritz, mas para todos vós. Deus vos abençoe. Sou apenas um antigo do lado espiritual da vida, à procura dos andarilhos cansados no plano terrestre, onde também fiz algum andar cansado nos velhos tempos, querendo dar-lhes, de vez em quando, uma palmada nas costas, e, ao fazê-lo, recebo eu próprio uma bênção. Pois, pois."

O Sr. Hart perguntou: "Onde pisou, quando estava na Terra?", e recebeu a resposta:

"Pelos lados de Mull of Kintyre e do promontório de Ardnamurchan."

O Sr. Sloan disse: "Gostaria de saber exatamente de onde veio, amigo", e recebeu a resposta seca:

"Bem, vais ter de gostar como está. Dir-te-ei noutro dia. Não há alma cansada do nosso lado da vida. Se há cansados quando cá chegam pela primeira vez, há sempre quem os ajude e lhes mostre o caminho. São agora cerca de dez minutos para as nove. Tens o relógio que dá as horas, Sr. Moritz? Creio que verás que está quase a dar as nove. Estou a considerar a longa viagem que o meu descendente, o meu amigo Sr. Hart, tem de fazer. Ouço dizer que viajar está difícil neste momento. Nós conseguimos deslocar-nos com muito menos trabalho aqui. O que poderias dizer, aniquilamos o espaço deste lado, aqueles que avançaram até certo ponto, entenda-se. Se estamos a cumprir o nosso dever e a fazer a Vontade do Mestre, com um pensamento podemos transportar-nos do lado espiritual da vida diretamente para as vossas próprias casas. Isso é sobretudo fazendo a vontade dos espíritos avançados que nos ajudam. Só conseguimos vir até certo ponto e depois eles pegam no fio e dão-nos a energia necessária. Boa noite."

As trombetas tocaram novamente em Mrs. Bowes, e uma voz disse:
«É a Mãe que fala. Minha querida filha, Deus te abençoe. Oh, minha querida, é a primeira vez que ouves a minha voz. Sei das pancadas duras que levaste na vida. Tenho uma bela casa, e William vem visitar-me muitas vezes. Tomaremos conta de todos por ti, e virei noutra ocasião. Obrigada, amigo, por me deixar falar.»

Esta palavra de agradecimento foi evidentemente dirigida a alguém do seu próprio lado. Mrs. Bowes compreendeu tudo o que a Mãe disse. Foi a primeira vez que Mrs. Bowes ouviu a voz da Mãe, pois anteriormente outra falava por ela.

A Mãe falou novamente e disse:
«Estou cá há mais de cinquenta e um anos e alguns meses. Nunca perdi a noção do tempo. Acabo de receber uma mensagem sobre o teu filho Jim – "Está tudo bem". Estavas preocupada?»
(Correto. Tinham passado cinquenta e um anos e alguns meses desde que falecera.)

Mrs. Bowes respondeu à pergunta da Mãe sobre Jim: «Bem, sabes, querida, ele tem um fardo a carregar.»
A Mãe respondeu:
«Diz-lhe que tente levar as coisas um pouco mais devagar.»

Um homem falou então, mas não deu o nome:
«A experiência do Jim e o conhecimento desta verdade deveriam ser mais do que suficientes para que ele entenda que qualquer mensagem transmitida a ti, Mrs. Bowes, é autêntica, e ele deveria tentar pô-la em prática e poupar-se um pouco. O esforço árduo das suas funções está a desgastá-lo. Gostamos de cuidar de todos, na medida do possível, e também do teu rapaz, Mr. e Mrs. Moritz; ele passou por muitos perigos. Sei tudo a esse respeito. Se Deus quiser, ajudá-lo-emos a superar todos.

«Temos um meio de investigar algumas destas coisas, Mr. Moritz, desconhecido por ti ou por qualquer outra pessoa na vida terrena. Manterei o contacto tanto quanto puder, enquanto o Diretor mo permitir. Manterei também aquilo a que chamam um "olho atento" sobre ele. Tento sempre impressioná-lo. Ele é daqueles que recebem logo a impressão no coração. Se lhe perguntares, verás que, por vezes, as impressões que recebe não correspondem exatamente ao que queria fazer, e isso poupou-o de muitos males sérios.»

Agradecemos-lhe a sua bondade, e então um de nós perguntou: «Não há amigos para Miss Dearie e para as senhoritas Douglas?»

Uma voz respondeu:

«São todas almas tão afáveis que não invejam esta oportunidade, esta oportunidade verdadeiramente excecional, pela qual conseguimos permitir que amigos de outrora viessem saudar-vos. Presumo que Miss Dearie e as outras senhoras esperarão com um pouco de paciência, e velaremos para que não fiquem sem recompensa.

«Direi a esta senhora (uma das senhoritas Douglas): recebeste hoje uma impressão para fazer algo, mas não tomes já uma decisão. Vai ser algo difícil para ti. Sabes o que quero dizer. Verás que surgirá e que será uma decisão definitiva que terás de tomar. Está a aproximar-se, mas não te preocupes. Confia nos teus sentimentos mais íntimos e na tua intuição, que virá do lado espiritual. Robert chama agora – um amigo teu. É o teu tio Robert.»

Então ouvimos:
«Voltarei outra vez. Tio Robert.»

A voz de uma senhora falou então com Mrs. Moritz:
«Hilda, é a Mãe que fala agora. Tentei tocar-te, passando a mão pelo teu cabelo. O meu amor à Nan (nome da filha de Mrs. Moritz). Diz-lhe que a Avó está sempre a cuidar dela. George (Mr. Moritz), és uma alma querida. Ela (Mrs. Moritz) está a rir, George, mas é isso mesmo que ela costuma dizer. Como seria mais bonito, falo agora para todos, se, ainda na vida terrena, vos abrissem e dissessem àqueles que vos rodeiam o quanto vos são queridos; exatamente o quanto vos são queridos ao longo do vosso caminho. Somos todos uma família feliz aqui, onde nos ajudamos mutuamente em doce comunhão nesta vida espiritual.

«Foi um longo discurso para mim, Hilda. Bem, vês, saiu espontaneamente dos meus lábios, George. Terás uma grande surpresa quando, no tempo de Deus, voltares a encontrar-me. Não verás então uma velha trôpega, mas alguém na flor da juventude mais radiante a vir receber-te. Os coxos, os mutilados, os cegos não levam nenhuma destas enfermidades para a terra do espírito, Senhoras e Senhores. Se passarem já velhos, regressam à flor da vida, e se chegarem muito, muito jovens à vida espiritual, atingem a maturidade. Mas reconhecer-nos-ão a todos, nunca esquecemos os entes queridos que deixámos para trás e fazemos tudo para vos ajudar na vossa jornada. Deus te abençoe, querida. Boa noite.»

John Hardman falou então:
«Mrs. Bowes, sou o porteiro. Disseram-me que se aproxima o momento de o nosso convidado especial, Mr. Hart, se preparar para a partida. Está dois minutos e meio atrasado, Mr. Moritz.»

Mr. Moritz olhou para o seu relógio luminoso e concordou com Mr. Hardman:
«Sim, senhor, é exatamente isso.»

John Hardman prosseguiu:
«Estou há muito tempo no lado espiritual da vida, e procuro sempre animar-vos e confortar-vos antes de partirem. Nunca tenham vergonha de dizer que sabem que existe uma vida superior, um Deus acima, um Pai – qualquer que seja o nome que Lhe dêem – que cuida de vós e vos guia, que espera que façais o bem,

que sigais o rumo certo na vida. Eu próprio não acreditava. Podem dizer à minha amada, quando lhe escreverem, que encontrei agora a prova, e que vim a esta pequena reunião para falar convosco e dar-vos ânimo e conforto. Fui o porteiro esta noite. Foi um amigo de Londres que me ajudou a falar. Direi agora "au revoir". Que Deus vos conceda aquilo que desejais, em propósito de coração e de mente. Sou John Hardman.»

John Campbell, um homem de negócios de Glasgow, que já falara muitas vezes, dirigiu-se-nos então:
«Boa noite, Mr. Moritz. Fala John Campbell. Alegra-me muito falar consigo, Mr. Moritz. Saí do turbilhão da vida e alcancei essa terra que, de forma difusa, sabia existir. Acreditava nela, mas de forma difusa. Não tinha consciência da sua realidade tão claramente como a minha amada companheira tinha, nem como ela gostaria que eu tivesse tido. Não tinha o conhecimento claro que ela possuía, mas sei agora que é a verdade. Encontrei aqueles que tanto amava.

«Há algo intrinsecamente certo e extraordinariamente precioso em cumprir o dever na vida terrena. Compreende o que quero dizer. Cada pequeno dever fiel cumprido, que pesava na consciência ou no espírito, será tido em conta. Reconheço, após a passagem, o quanto perdi daquilo que vós, caros amigos, fostes imbuídos de tempos a tempos: o conhecimento do contacto com o lado espiritual da vida.»

Mr. Moritz respondeu: «Isso é verdade, senhor.» Mr. Campbell disse: «Não me chame "senhor", Mr. Moritz. Sou John para si, e eu direi George para si, como dirá John para mim, quando vier para este lado. Deus a abençoe, Mrs. Moritz. Estou a dar uma mão aos que amo e tentarei também estender a mão àqueles que ama e que estão em circunstâncias semelhantes às minhas. Tanto quanto puder ajudá-los, fá-lo-ei. George, quando vieres para o meu lado da vida, será "Como estás, George? Como vais, John?" Estamos exaltados esta noite, porque vemos no horizonte dias mais brilhantes reservados para todos vós.»

Uma voz interrompeu, dizendo:
«Agora, caro amigo, tenho de o chamar a parar.» Mr. Campbell respondeu:
«Está bem, vou já, senhor. Adeus, sou John Campbell. Não esqueço Skelmorlie.»

Isto foi compreendido, e uma nova voz disse então:
«Olá, Mr. Moritz. Invermay, Skelmorlie. Sou Tom Smith, e guardo todo o amor e afeição pelos velhos amigos queridos de Glasgow que conheci.»

Mr. Moritz respondeu: «Deus o abençoe, Mr. Smith.»

Mr. Smith disse:
«Voltarei para ter uma longa conversa consigo noutra ocasião.»

Mr. Moritz respondeu: «Ficaremos muito satisfeitos em recebê-lo.»

(Mr. Smith, um velho amigo de Mr. Moritz, era um contabilista certificado de Glasgow muito conhecido. Deu corretamente a sua morada.)

John Spence prosseguiu a conversa:
«Fala John Spence. Aproxima-se a hora de terminar, como Mr. Campbell acabou de dizer, e ele pediu-me que vos transmitisse algumas palavras de bênção antes de partirem. Spence é o meu nome. Tinha um prefixo na vida terrena. Chamavam-me o Reverendo. Boa noite a todos. Faz pouco tempo que passei para o lado espiritual da vida. Sabem? (Foi dado o nome do lugar, mas omitido a pedido.) Foi aí que estava.

«Aceita, ó Deus, os agradecimentos do Teu humilde servo, e concede a estes nossos amigos toda a ajuda de que necessitam, todo o apoio e conforto de que necessitam para os assistir nestes tempos difíceis. Temos um conhecimento seguro, uma certeza definida de que o dia não está distante em que a tribulação terminará e voltarão a sorrir. Para aqueles que perderam, ou julgam ter perdido, entes queridos, que adquiram o conhecimento que vós tendes, de saber que os vossos queridos apenas passaram a fronteira da vida e foram para um mundo muito mais feliz. Deus vos abençoe, e que agora a paz e a bênção, a comunhão e o convívio dos que estão na vida espiritual possam vir e misturar-se com os que estão na terra, animando-os e sustentando-os no seu caminho pela vida, até que também eles passem para coisas melhores, e a Ti, ó Pai, seja toda a Honra, a Glória e o Louvor. Ámen.»

O regresso às vibrações terrenas do Rev. John Spence trouxe-lhe evidentemente de volta o seu modo clerical de falar e de se expressar. Quando terminou a sua oração, um velho e estimado amigo falou-nos então…

«Este é um dos Índios. Fala Greentree. Quando estiverem reunidos em casa, no lado espiritual da vida, teremos um reencontro. Refiro-me a todos aqueles com quem tivemos intimidade. Estamos dispostos a esperar, e todos os que, em tempos idos, conviveram connosco e ajudaram os chefes índios, como então nos chamavam, a encontrar o caminho para o círculo interior da vida espiritual, receberão de nós a recompensa pelo seu labor e terão uma receção real quando todos nos voltarmos a encontrar no lado espiritual da vida. Deus vos abençoe. Sou Greentree. Tenho estado muito, muito ocupado, e tem sido um trabalho de amor pela causa do Mestre, do Grande Chefe. Tentei, tanto na vida terrena como na espiritual, trazer alegria e ânimo a ambos os lados. Sabem o que quero dizer:

confortar e acalmar os aflitos. A bênção do Chefe Índio acompanha-vos a todos.»

A voz de uma senhora tomou então a conversa:
«Crissie, é a Mãe que fala. Deus te abençoe, Crissie, minha menina.»
Miss Colquhoun respondeu: «Minha querida Mãe.» A Mãe disse:
«Boa noite a todos. Fala-vos a Mãe de Crissie Colquhoun. É a primeira vez que consegui falar-vos a todos, e espero que não seja a última – refiro-me a toda a companhia. Foi-me permitido dizer-vos que dias luminosos estão a chegar para todos vós. Dias que vos trarão alegria. Digo-vos isto para vos trazer um pouco de ânimo e conforto. Deus vos abençoe a todos, e Deus te abençoe a ti, minha menina.»

Mrs. Colquhoun deu então muitos beijos.
Uma voz masculina disse:

«Boa noite, Crissie. Sou o Archie» (o irmão dela). E ainda outra voz da família surgiu, a da irmã:

«Boa noite, minha querida, sou a Paton. Boa noite a todos. Estamos todos felizes e queremos que sejam felizes também.»

A última voz a falar encerrou a Reunião:

«Agora, quanto a nós, terminou, Mr. Hart. Vou-me embora agora. Boa noite a todos. Recomendamo-vos aos cuidados e à guarda do Grande Espírito Branco. Ámen. Sou um dos Índios.»

Assim terminou a Sessão.

Nos meus comentários no capítulo anterior tratei do que ocorria no outro lado quando nos reuníamos com um Médium durante duas ou três horas para conversar com os nossos amigos em Etérico. Aqui desejo fazer algumas observações sobre as implicações destas conversas, que se realizam em todo o mundo. Delas nasceu uma literatura ampla e profunda que pode ser agrupada sob os nomes de Ciência Psíquica e Geografia Psíquica. A primeira abrange uma filosofia vasta e esotérica, e a segunda ocupa-se do chamado Mundo Maior. Aqui dedicarei algumas páginas à consideração destes mundos Espíritos que rodeiam e interpenetram esta Terra.

Na sessão anterior, John Sloan perguntou há quanto tempo John Hardman tinha morrido, recebendo deste a resposta:

«Não morto, John Sloan, mas vivo, e estive durante muito tempo na terra do assombro... Vês, eu não acreditava na vida depois da morte, e, quando cheguei aqui, fiquei maravilhado com a descoberta de que tudo era verdade.»

Uma implicação que podemos retirar destas conversas entre os dois mundos é que aqueles que nelas participam, deste lado, acreditam numa vida depois da morte e, quando um dia chegarem ao outro lado, não ficarão atordoados e surpreendidos como ficou John Hardman. Já ouviram falar de Etérico pela voz dos próprios Espíritos e, ao longo dos últimos cem anos, milhares em todo o mundo foram esclarecidos. Além disso, muitas pessoas que nunca se sentaram com um Médium adquiriram conhecimento psíquico através da leitura de parte da vasta literatura espiritualista hoje disponível.

Poucos, no entanto, tiveram a oportunidade de manter conversas diretas e claras como as relatadas neste livro, em que todas as condições que envolveram os diálogos foram integral e fielmente registadas, assim como tudo o que foi dito e feito de ambos os lados. Apenas alguns matemáticos mediram as distâncias entre a Terra e o sol, a lua e as estrelas, mas acreditamos que as suas conclusões são aproximadamente corretas. Da mesma forma, aqueles que não tiveram as experiências que eu e outros tivemos devem aceitar como verdade o que temos a dizer, porque, tal como os Astrónomos, somos pessoas honestas e sensatas que fazem da precisão o seu primeiro princípio, tal como outros cientistas.

Tive muitas conversas com amigos em Etérico sobre o Mundo Maior, e os meus livros *A Rocha da Verdade* e *O Universo em Expansão* oferecem ao tema uma consideração séria e abrangente. É um assunto vastíssimo, mas aqui irei condensar bastante o que me foi transmitido, pois não tenho espaço para tratar da matéria em detalhe. Até sermos capazes de pensar em termos de vibrações, a compreensão de mundos dentro de mundos é difícil de alcançar, e o enigma não pode ser apreendido de uma só vez.

Só com estudo e reflexão é que o Espiritualismo, e tudo o que ele representa, pode ser entendido.

Comecemos pela nossa própria Terra: devido a um abrandamento das vibrações, atingiu um estado a que chamamos "físico", mas isso não constitui o nosso mundo inteiro. Para as pessoas físicas, sim; mas a sua visão é muito limitada. Neste abrandamento de vibrações e na formação da Terra, não podemos imaginar como tudo aconteceu? Imaginem um mundo em tempos imensamente maior do que o nosso globo como o conhecemos. Imaginem essa massa giratória de substância fina, digamos dez mil vezes o tamanho da Terra. Ao

arrefecer, o centro vibrava com menos frequência do que a circunferência exterior e, assim, o processo de arrefecimento prosseguiu, formando-se um núcleo material duro – o que hoje chamamos Terra. À volta desse núcleo existem vários graus de substâncias que não conseguimos percecionar, mas que existem e fazem tanto parte do mundo maior como nós.

A Terra é o centro do Mundo Maior, mas a parte mais vasta estende-se muito para o espaço e não é de todo percecionada por seres físicos normais. O Céu não é um reino distante e fantástico, como nos foi pintado em lendas antigas. É um local astronómico e, sendo assim, dou-lhe o nome de ETÉRICO, em vez de Mundo Espiritual ou Mundo Etérico, designações usadas no passado para o mundo suprassensível.

Não se encontra numa região longínqua do espaço, mas faz parte do nosso mundo e gira em torno do sol juntamente com a Terra. Assim como a Terra gira sobre o seu eixo, o mundo etérico gira connosco. É tudo parte de um todo. A Terra é como o caroço de um pêssego, e Etérico como a polpa que o rodeia. Tal como o caroço, a Terra é a semente vital de Etérico. Outro bom símile é o de uma cebola, que, composta de várias camadas, forma um todo unido.

O mundo completo é constituído por uma imensa escala de vibrações, mas apenas uma pequena parte destas afeta os nossos sentidos. Com o tempo, subiremos os degraus da escada, deixando o físico para o primeiro plano além da Terra, e assim sucessivamente, sempre apreciando os ambientes em sintonia com o nosso corpo etérico; mas, embora normalmente apreciemos apenas um intervalo de vibrações, pela força do pensamento seremos capazes de as baixar e regressar para compreender novamente os níveis inferiores pelos quais já passámos.

No início remoto, a mente só podia entrar em contacto com a matéria física em estado rudimentar, mas, gradualmente, o físico foi-se adaptando a uma mente de qualidade cada vez mais elevada, ou, por outras palavras, de vibrações cada vez mais subtis. É lógico acreditar que regressaremos ao intervalo de vibrações de onde a nossa mente originalmente proveio, tal como os seres abaixo de nós alcançarão o intervalo de onde veio a sua mente. Parece como se parte da mente universal tivesse descido ao físico e, em cada indivíduo, regressasse ao ponto de origem, semelhante a semelhante. Assim pode compreender-se o dito: «Somos todos filhos de Deus, vimos de Deus e regressamos a Deus.» E assim também se compreende a razão de todas as crenças, ritos, cerimónias e rituais de todas as religiões.

Deste modo, a ação e reação prossegue, a mente encarnando-se por um tempo no físico e depois abandonando-o, levando consigo o corpo etérico, que moldou e que se achava revestido por um invólucro físico. Este último retorna à Terra física, para, mais tarde, servir de habitação a outras mentes. Assim se entende o verdadeiro significado da ressurreição do corpo morto.

Os nossos corpos físicos, tal como os conhecemos, na forma e figura em que a mente os construiu, não são reanimados em data futura pelo regresso da mente à sua antiga morada. As partículas, contudo, que compunham o corpo podem, sob outra forma, ser reanimadas por outras mentes e voltar a dar forma física a uma criatura viva. Isto acontece através das plantas, que fornecem alimento à vida animal. Esse alimento repõe o desgaste dos corpos físicos de todos os seres, e aquilo que outrora foi um corpo animado decompõe-se para voltar a constituir parte de outros corpos. O arcabouço, o corpo etérico, que mantém o físico unido, porém, abandona-o na morte para nunca mais regressar a ele.

Este processo de ação e reação prossegue dia após dia, e cada um de nós aguarda a sua vez de passar pela mesma metamorfose por que já passaram todos os que viveram antes de nós. Este entrelaçamento dos dois estados de movimento, a que damos os nomes de mente e matéria, tem ocorrido na Terra desde que o primeiro protoplasma surgiu numa poça estagnada. Avançou lentamente até que a mente se desenvolveu o bastante para atuar de forma independente do físico e, por meio do seu correspondente etérico, se tornar, na morte, um ser humano etérico com uma carreira aparentemente interminável diante de si.

Com este corpo etérico, o indivíduo pode desenvolver-se de forma metódica e atingir estágios mais elevados. Mente e corpo etérico são inseparáveis; imaginar a mente sem corpo é impensável. Pouco após a morte, o corpo etérico atinge o nível de vibrações a que a mente pode responder através do cérebro etérico. Chega a uma superfície que vibra à mesma frequência, e essa superfície é tão real e tangível para o corpo etérico como o era a superfície física para o corpo físico enquanto viveu na Terra.

Sem dúvida, esta individualização da mente ocorreu lentamente, e foi preciso muito tempo até que a individualidade pudesse ser mantida, mas chegou o momento em que isso foi possível, e então Etérico passou a ser o verdadeiro lar do homem. Passo a passo, à medida que a mente se foi desenvolvendo, o mundo etérico foi sendo habitado, e hoje falam-nos de sete planos distintos de habitação, reais e tangíveis. Cada plano sucessivo é mais belo, e cada um, por sua vez, é habitado por mentes cada vez mais avançadas, em proporção ao grau de refinamento da matéria envolvente.

O lugar a que chegamos imediatamente após o Plano Terreno é de substância mais fina do que a matéria física, mas mais grosseira do que o plano seguinte, e assim sucessivamente, cada plano sendo formado por matéria cada vez mais subtil. À medida que a mente se desenvolve, sobe automaticamente para o lugar com o qual entra em sintonia. A mente deve atingir um estado de harmonia com o ambiente, caso contrário não há felicidade e, como em Etérico nos podemos harmonizar mais facilmente do que na Terra, atingimos naturalmente o plano do nosso desejo. Consequentemente, Etérico pode ser, para todos os que possuem disposição feliz e serena, um mundo mais alegre e mais satisfatório do que o físico. Assim como é a mente, assim é a nossa felicidade ou infelicidade.

A mente responde sempre às vibrações para as quais está preparada, do físico ao etérico, e do etérico ao supra-etérico. Diz-se que existem oito planos conhecidos que compõem o Mundo Maior, incluindo a superfície da Terra, e que existe ainda uma região além deste mundo maior, na qual entraremos eventualmente. Então este mundo deixará de existir para nós, e deixaremos de nos mover com ele. No entanto, quando atingirmos esse ponto, todas as memórias terrenas terão desaparecido, e, consequentemente, ninguém regressa para nos contar algo a esse respeito.

Onde quer que haja vida, tudo é natural, e assim a vida no plano seguinte do pensamento é natural e racional. Assim como a mente é sintonizada pelo corpo às condições da Terra, assim se harmonizará com as condições mais brilhantes e vívidas do etérico. É a mesma mente e, naturalmente, adapta-se às vibrações a que o corpo responde. A Natureza opera todas as mudanças lentamente, e a mudança chamada morte não é exceção. É pouco notada por alguns. Muitos passam para lá e quase não percebem de início que ocorreu uma transformação, porque a mente se ajusta de imediato às novas condições, e estas condições, ao princípio, são muito semelhantes às que conhecemos nos nossos ambientes terrenos.

CAPÍTULO XV
REUNIÃO EM CASA DE MISS COLQUHOUN
POLLOKSHIELDS, GLASGOW

Presentes: MR. JOHN SLOAN, MRS. ELIZABETH CAMPBELL, MRS. MAY DEANS, Miss ANNE DEANS, MISS MARJORY MILLAR, MR. DONALD CAMERON, MISS JEAN DEARIE, Miss FLORENCE YEATES, MISS CRISSIE COLQUHOUN.

Abrimos com o hino habitual, "Nearer, my God, to Thee", e depois repetimos o "Pai-Nosso". Uma voz do outro lado juntou-se no «Ámen».

Miss Colquhoun e Mrs. Campbell tinham trocado de lugar, para que Miss Colquhoun pudesse ficar no seu sítio habitual, à direita de Mr. Sloan. Mrs. Campbell disse que alguns Médiuns insistiam em ter sempre os mesmos assistentes e que estes deviam ocupar sempre a mesma cadeira no círculo, pois verificavam que assim se obtinham melhores resultados. Mr. Cameron observou que nunca fora provado cientificamente que assim fosse e discordou dessa opinião.

Uma voz do outro lado disse:
«Nós não provamos nada cientificamente deste lado.»

Mrs. Campbell disse: «Talvez nos possa dizer, amigo, se se obtêm melhores resultados quando os assistentes ocupam sempre os mesmos lugares num círculo», e recebeu a resposta:
«É inteiramente ao vosso critério.»

Mr. Sloan comentou que, no que lhe dizia respeito, não importava nada onde alguém se sentasse, «não fazia diferença nenhuma».

Então ouvimos:
«Jim, Jim», e Miss Deans recebeu pancadinhas das trombetas.

Ela perguntou: «És o Jim em que eu estava a pensar?» A voz respondeu:
«Anne, Anne, ouves-me?»

Miss Deans respondeu: «Sim, querido, ouço-te muito bem. O que queres dizer-me?»

Não houve resposta, por isso cantámos "They are winging, they are winging" para elevar as vibrações, e Mr. Sloan comentou: «Eu sei que esta noite não vai servir de nada. Estou só um velho acabado.»

Uma voz do outro lado disse:
«Tens apenas setenta e muitos anos de juventude, meu amigo.»

Mr. Sloan respondeu: «Bem, podem esquecer o "e muitos".»

(Mr. Sloan nasceu em 1869. Tinha 75 anos na altura desta sessão e 82 quando morreu.)

Ouvimos então um som como muitos pássaros a assobiar, mas nada foi dito. Assim, cantámos "I to the hills will lift mine eyes".

Mr. Sloan comentou: «Acho melhor ir para o banco de trás. Vocês safar-se-iam muito melhor sem mim.»

Uma voz de Etérico observou:
«Sim, que coisas maravilhosas obteríamos sem ti. O que acha, Miss Colquhoun?»

Miss Colquhoun respondeu: «Acho, amigo, que não conseguiríamos fazer grande coisa sem ele.»

Uma voz respondeu:
«Ele é o instrumento através do qual conseguimos provar que não deixamos de existir, embora estejamos fora do físico. Boa noite, Mr. Cameron, gosto da forma como exprime as suas opiniões. Há um peso nelas, sustentado pela maneira como as defende.»

Mr. Cameron respondeu: «Obrigado, senhor, apenas desejamos aqui obter um pouco mais de informação sobre a vida do vosso lado.»

A voz respondeu:
«Também deste lado temos desejos, sabem, mas posso dizer-vos que nem todos os desejos que tenho aqui são satisfeitos ou atendidos. Longe disso, e, não tenho dúvida, convosco será igual. Recebi mais do que merecia, ainda assim. Se tivesse recebido o que merecia, Deus sabe onde estaria hoje.»

Mr. Cameron respondeu: «Bem, amigo, deve ter aceite cedo a lei natural.»

A voz respondeu:
«Bem, sabe, foi-me ensinada deste lado da vida. Não acreditava nem pensava muito numa vida após a morte enquanto estava na vida terrena, mas amigos queridos ensinaram-me cedo o caminho que devo seguir para progredir aqui. Não conheço nenhum de vós pessoalmente. Fui atraído pelas auras à vossa volta. Gosto da aura que envolve cada um de vós. Boa noite.»

Miss Deans comentou: «Pensei ao princípio que era o Avô. Soou um pouco como ele, mas lembro-me de que ele estava sempre a "puxar-me a perna".»

A voz disse:
«O que foi que disseste, minha querida?»

Miss Deans respondeu: «Disse que o meu Avô costumava sempre puxar-me a perna por brincadeira.» A voz respondeu:
«Receio, receio não te compreender, minha querida.»

Miss Deans disse: «É só uma expressão de gíria», e Mr. Cameron comentou: «Usada metaforicamente, percebe.»

A voz respondeu:
«Sou apenas um estranho. Vi as luzes. Atraíram-me e entrei para ver se podia ser de alguma pequena utilidade a qualquer um de vós, queridos amigos. Rejubilaria se os meus entes queridos soubessem que me é possível contactá-los e falar-lhes, mas nada sabem disto. Às vezes falo-lhes, mas não me ouvem. Como é maravilhoso vocês ouvirem-me. Que Deus Pai vos conduza à luz que manterá a porta aberta para prosseguirem esta verdade ao longo do vosso caminho de vida até que a jornada termine. Façam o melhor possível para manter um registo limpo e terão uma entrada jubilosa na vida espiritual quando chegar a vossa hora.»

Mr. Cameron perguntou se ele era inglês, e obteve a resposta:
«Não, não sou exatamente da vossa nacionalidade. Adquiri e aprendi um pouco da vossa língua, e procuro falar o melhor que sei e conforme ouço amigos das vossas vibrações a falar convosco. Há alguém, Harry, a chamar. Harry está aqui por alguém. Não sou capaz de fazer muito por vós. Limitei-me a entrar na brecha para vos ajudar um pouco.»

Perguntámos se não nos podia dar o seu nome, e recebemos a resposta:
«Não me é permitido dizer. Encontrarão razões curiosas quando vierem para o meu lado, meus amigos. Há uma espécie de censura, se me entendem, mas somos todos irmãos e irmãs deste lado, dispostos a ajudar-nos mutuamente por todas as formas possíveis.»

Uma voz disse:
«Anne, é o Avô. May, é o Pai.»

Anne respondeu: «Olá, Avô.» Ele respondeu:
«Fazes de mim um homem muito velho quando dizes "Avô". Se me visses agora, ficarias surpreendida. Sempre tive uma disposição jovial. Fui sempre um rapaz entre os rapazes e, claro, um rapaz entre as raparigas, entre as minhas próprias raparigas, entenda-se.»

Mrs. Deans perguntou: «A Mãe está contigo, Pai?», e ele respondeu:
«Está aqui.»

A voz de uma senhora disse então:
«Minha querida, e Anne, é a Avó, Deus te abençoe. Que rapariga tão bonita e crescida tu és.»

Um homem com voz muito alta disse então a alguém do seu próprio lado:
«Venha por aqui, Nisbet, por aqui», e outra voz disse a Mrs. Deans:
«Minha querida, é o teu Avô, Hay Nisbet. (Certo.) Não sou tão frágil como a minha voz me faz parecer. Sim, pensei que sabia muito antes de chegar aqui, mas ainda tenho muito a aprender, amigo Cameron. É um homem de inteligência bastante apurada e avaliou com razoável justeza as condições da vida terrena e também as condições que espera encontrar aqui. É um género de homem científico, que pesa os prós e os contras. Não engole tudo sem antes o conseguir digerir como deve ser. Pois bem, Deus vos abençoe a todos, e Deus as abençoe a ambas, minhas queridas.» (Para Mrs. Deans e Anne.)

Mrs. May Deans é neta e Miss Anne Deans é bisneta de Mr. Hay Nisbet, que falou. Ele era editor em Glasgow e, em 1875, concluiu o registo do conhecido livro *Hafed, Prince of Persia*, a partir das declarações em transe de David Duguid, o famoso Médium.)

A voz de uma senhora disse agora:
«Crissie, é a Mãe a falar. Deus te abençoe, minha menina.»

A voz dela esmoreceu novamente, e Mr. Sloan disse: «Vamos, amigos, eu sei ("ken") que sou inútil, mas vamos lá.»

Uma voz masculina respondeu:

«Tenho a certeza de que não quererias que fizéssemos o teu trabalho por ti. Se por acaso formos capazes, de alguma forma, de deixar uma palavrinha que te seja útil, estamos sempre dispostos a fazê-lo, mas não estamos em posição de impressionar alguns de vós, porque os vossos pensamentos são um tanto elevados para nós. Falo por mim, claro. Há aqui muitos muito acima de mim que poderiam ajudar-vos nesse sentido. Têm de compreender que, no vosso mundo, tudo é "causa e efeito", e há certas coisas que não posso explicar-te, amigo Cameron. Esse é um belo nome escocês.»

Mr. Cameron perguntou: «Consegue ver-nos?», e recebeu a resposta:
«Pois claro que consigo ver-vos. É um homem muito bonito.»

Mr. Cameron perguntou: «Consegue ver-nos tal como somos no corpo físico, ou está a referir-se às nossas auras?»

Ele respondeu:
«Vejo-te exatamente como és, mas tu não me consegues ver como eu sou.»

Mr. Cameron inquiriu: «Pode dizer-me isto? Suponhamos que ia ao teatro comigo; veria tudo o que se passava, através das imagens formadas pela minha mente?»

A resposta foi:
«Bem, não estudei esse ponto, Mr. Cameron, por isso não gostaria de afirmar. Não tenho contactado com um teatro há algum tempo, exceto quando entro em ligação através desta pequena senhora aqui.» (Miss Deans.) «Queria dizer-te, Anne, que ainda tens um bocadinho de caminho a percorrer antes que tudo saia a teu contento. Creio que me entendes. Isso tem-te dado um pequeno transtorno há algum tempo, mas mantém bom ânimo. Refiro-me ao que te está mais perto do coração, sabes, aquilo que ocupa sobretudo a tua mente. No fim, endireitar-se-á. Espera só um pouco. Compreendes o que quero dizer?»

Miss Deans compreendeu.

Mr. Cameron disse então: «Pergunto-me se poderia fazer uma pergunta. Como é que perceciona isso? Está a dar a esta jovem uma orientação de pensamento que vai prender o seu interesse, e é capaz de lhe dizer que o resultado final será do seu agrado. Como chega a essa conclusão?»

Veio a resposta:
«Estive perto há umas noites e ouvi-a a ela e à Mãe conversarem, por isso pensei simplesmente em tomar um interesse afetuoso e ver o que poderia fazer para ajudar. Tem coragem, pequena, se eu conseguir entrar em contacto contigo de vez em quando, e também com a tua Mãe, ajudar-vos-ei a ambas quanto puder. Terá de ser tratado com cuidado.»

Anne Deans respondeu: «Muito obrigada, de verdade. Podia dar-me um nome por que o conheça? Qualquer nome serve.»

Ele respondeu:
«Jim Dois. Jim era o nome do teu Pai, e obtive a permissão do Jim Um para falar contigo e ajudar-te um pouco, se puder.»

Outra voz disse:
«Deus te abençoe, Anne. É o Avô. Tem bom ânimo, e tudo ficará bem.»

Após um intervalo de silêncio, Miss Colquhoun comentou: «Gostava que alguns dos amigos de Miss Yeates viessem falar com ela.»
Miss Yeates respondeu: «Está tudo bem. Estou perfeitamente feliz só a sentar-

me a ouvir tudo.» Uma voz disse então para ela:
«Obrigada por essa observação, minha senhora. Se está a ajudar outros a passarem, está a fazer uma obra nobre.»

(Provavelmente era uma boa fornecedora de ectoplasma.) A avó de Miss Anne Deans falou então com ela:

«Fala Anne Nisbet. Não consegui antes. Onde está a Anne? Voltei para te dizer que fiques só mais um pouco antes de agir.»

Uma voz masculina juntou-se e disse: «Não sejas demasiado impaciente, minha querida — dá tempo, dá tempo.»

Miss Deans perguntou quem falava, e recebeu a resposta:
«Terias de recuar muito para saber quem sou. Acho algo difícil articular de novo depois de estar há tanto tempo do lado de cá. Não sou a pessoa que está a dar essa mensagem. Limito-me a transmitir os pensamentos que me foram passados. Não conheço os teus amigos.»

Mr. Cameron disse: «É transferência de pensamento?», recebendo a resposta:
«Geralmente é a passagem de mensagens de uns para outros, através de canais, cordões comunicantes. Só quando a pessoa que deseja falar entra em rapport com aquela a quem se quer dirigir é que se obtém a Voz Direta.»

Mr. Cameron observou: «Parece que ainda temos muito a aprender, mesmo com o conhecimento que já adquirimos.»

A voz respondeu:
«E hão de estudar muitos anos ainda antes de compreenderem totalmente. Nunca começarão a compreender devidamente até virem vocês próprios para este lado.»

Mr. Cameron perguntou se poderia saber quem falava, e ouviu o seguinte:
«Sou Bob Hannah. Não conheço nenhum de vós. Andava simplesmente por aí e pensei em entrar quando vi as luzes, as luzes muito brilhantes que vos rodeiam, para ver se podia ser de alguma ajuda a qualquer de vós. Não o digo com qualquer sentimento de exaltação, mas às vezes consigo ver um nadinha mais longe. Gostei das vossas auras e as condições pareciam-me tão harmoniosas que só pensei que gostaria de entrar. Gostei do vosso ar a todos. Vi tantas luzes a dançar à vossa volta que soube que havia muitos amigos, amigos adiantados, a projetar as suas vibrações para vós.»

Mr. Cameron disse: «Obrigado, Mr. Hannah. Agora, pode dizer-me isto? Quando passou para lá, as condições em que se encontrou eram de algum modo parecidas com aquilo que pensava que seriam?»

Mr. Hannah respondeu:
«Na vida terrena, não tinha pensado quase nada nisso. Quase não pensava na vida depois da morte.»

Mr. Cameron disse: «O que quero dizer é — como é o lugar onde está? Há árvores, montanhas, rios, etc.?»

Mr. Hannah respondeu:
«É tal e qual o vosso mundo, e nunca desejei progredir mais até conseguir que alguns dos meus venham ter comigo. Foi um conforto para mim ter alguns dos meus a receber-me, embora não tenham ficado comigo e eu não possa ir onde eles estão, mas, por agora, estou perfeitamente contente onde me encontro. É um lugar belo o em que estou, e faço o meu pequeno melhor para ajudar os rapazes que vão chegando, para lhes mostrar a melhor maneira de ultrapassar as suas dificuldades.

«Sim, amigos, ainda estou longe de onde vocês estão espiritualmente. Tive muitos tropeções no meu caminho pela vida e confessei plenamente as minhas faltas quando aqui cheguei, aos Grandes acima de mim, e fui colocado numa condição muito melhor do que merecia.

«Agora esforço-me humildemente, pelo pouco que posso fazer para ajudar, por compensar as minhas faltas e falhas da vida terrena, e recebo a visita de belos amigos que vêm aconselhar-me, ensinar-me e conduzir-me no caminho para uma esfera mais elevada. Entretanto, estou perfeitamente contente por fazer aqui o meu pequeno melhor pelos rapazes que estão a chegar. Vi as luzes e soube que estava no, ou perto do, Plano Terreno, e pensei que poderia trazer-vos um pouco de conforto.»

Mr. Cameron observou: «É assim que progride», e ele respondeu:
«É a única forma de progressão. Ajudando os outros, ajudamos a nós próprios. Há muitos, muitos amigos que eram muito superiores a mim na sua postura espiritual e que ainda não alcancei. Vi-os e falei com eles tal como vocês falam comigo agora, e estou a fazer o melhor que posso para me tornar apto, para me sintonizar com a sua esfera. Quando o fizer, estarei com eles, e será um dia jubiloso quando chegar.

«Deus vos abençoe a todos, e que o Grande Mestre de tudo tenha piedade do velho mundo de hoje, e dos corações tristes nele, dos que sofrem e de todos os

que sofrem com eles, e que esta contenda seja rapidamente trazida a um fim. Ámen. Ámen. Não conheço nenhum de vós aqui, mas direi agora que conheci o vosso Pai, John Sloan, e ele era melhor homem do que tu és. Não quero com isto diminuir o Johnny Sloan, mas conheci o Pai dele, e homem mais digno nunca houve.»

Mr. Sloan respondeu: «Qualquer bem que haja em mim devo-o ao meu Pai e à minha Mãe, à educação que me deram.»

Mrs. Sloan falou então algumas palavras de encorajamento ao marido:
«Abriste a porta, Daddy, de uma forma que a Granny e o Grandpa nunca teriam conseguido.»

Isso agradou muito a Mr. Sloan, e então uma nova voz falou:
«É um grande dom, Mr. Cameron, poder abrir a porta e permitir que os amigos à vossa volta troquem pensamentos e opiniões que vos possam ser benéficos e favorecer o vosso progresso na vida. Sempre que emitis um pensamento, tentamos ajudar-vos de todas as maneiras que conseguimos. São todos amigos que tenho encontrado aqui de tempos a tempos e tenho conhecido um bom número de pessoas com perspetivas diferentes sobre a vida, mas todos estão muito dispostos a dar ouvidos a tudo o que possamos dizer-lhes, e o que contamos parece ser aceite. Podemos assegurar-vos que é a verdade.»

«Estamos apenas a contar-vos as nossas próprias experiências, que tivemos desde que viemos para a vida espiritual, e que vos podem ajudar quando chegar o momento de fazerdes a travessia para este lado da vida. Isso é algo que me dá grande felicidade, Mr. Cameron — o pensamento de que aqueles na vida terrena ainda podem vir falar connosco e permitir-nos ajudar-vos a todos no caminho difícil da vida, a ajudar a carregar o fardo que está tão perto dos vossos corações e que talvez não queirais contar a ninguém.»

Depois ouvimos vozes a falar em conjunto, e uma disse:

«Não é permitido agora.» Uma voz feminina chamou então:

«Crissie, Crissie, conheces-me bem. Não me é permitido dizer nada agora. Deus te abençoe», e deu muitos beijos. Uma voz masculina ouviu-se então dizer:
«Está bem, Irmã. Vem embora. Não posso permitir isso. Tens de vir comigo.»

Ouvimo-la responder:

«Estou a ir», e depois disse:

«Conheces-me, Crissie. Sou a Nellie.»

Miss Colquhoun disse: «Oh, é a Nellie McWilliam? Querido amigo (para o homem que dissera a Nellie para não falar), ajude-a, por favor.»

Antes de partir, Nellie ainda conseguiu dizer:
«Oh, Crissie, oh, minha querida, é horrível estar sozinha» (e parecia estar a chorar).

A voz do homem voltou a falar com Nellie:
«Não podes falar agora. Isso vai afligi-los. Virás comigo, minha querida, e eu levar-te-ei aos teus amigos. Estarás bem dentro de pouco tempo. Não te preocupes mais, Miss Colquhoun. Alegro-me que tenhas reconhecido a tua amiga, e tomaremos conta dela. Sim, aqui está um William McWilliam que acabou de vir encontrá-la agora. Enviei os meus pensamentos a chamar alguns dos seus amigos, e este William McWilliam veio e está a levá-la consigo.»

Assim terminou este pequeno drama, e depois outro homem falou:
«Está a fazer um trabalho maravilhoso, Miss Dearie. É um verdadeiro prazer vê-la de novo com o seu lápis. Através de si foram transmitidas algumas belas mensagens para alguém que eu amo muito.»

Miss Dearie respondeu: «Creio que sei quem fala. É o Mr. Hardman, não é?»
Ele respondeu: «Obrigado, Miss Dearie, por me reconhecer. Sou John Hardman. Escreverá e dirá à minha amada que estive a falar consigo diretamente, Miss Dearie, sem qualquer trombeta, apenas diretamente consigo? Diga-lhe isso, e que envio o meu amor à minha Mary. Custou-me lembrar o seu nome, mas, por toda a sua bondade para com a Mary, Deus a abençoe e aceite os meus agradecimentos.»

Miss Dearie respondeu: «Obrigada, Mr. Hardman. Fico encantada se lhe dei algum prazer.»

Mr. Hardman prosseguiu:
«Tenho também de agradecer-lhe, Miss Colquhoun, por todo o amor e carinho que deu à minha Mary.»

Miss Colquhoun respondeu: «É apenas um prazer para mim fazer tudo o que posso por ela. Recebi hoje uma carta tão bonita dela, e estava tão feliz com a bela mensagem que lhe enviou da última Reunião.»

Mr. Hardman disse:
«Diga-lhe que agora procuro cumprir a Vontade de Deus tanto quanto posso. Não sei exatamente o que é a Vontade de Deus. Nunca a compreendemos totalmente, nem mesmo deste lado, mas avançamos, etapa a etapa, fazendo a Vontade do Pai tanto quanto a conseguimos apreender, procurando seguir o

caminho que nos é indicado pelos Luminosos acima de nós, sabendo que o único caminho para o progresso é cumprir a vontade dos Grandes.

«Já pensaram alguma vez, meus amigos — claro que não posso entrar em pormenores — mas quando falam da Palavra de Deus, referem-se à Bíblia? Se não, receio ter mal-entendido o vosso sentido. A Palavra de Deus existia muito antes dos tempos bíblicos. Não devem ter apenas o vosso próprio entendimento da Vontade de Deus. Não falo daquilo em que acreditais, mas daquilo que sois. (Disse-o enfaticamente.) Permitam-me dizer isto: não é o que o mundo pensa que sois, não é o que os vossos amigos em redor pensam que sois, é o que sois dentro de vós mesmos.

«Logo após a passagem para este lado, e quando os amigos vos conseguem realmente despertar, chegais a uma condição adequada ao vosso desenvolvimento espiritual, no estágio em que ficastes no Plano Terreno. Depois, depende de vós próprios, e daqueles que trabalham convosco, como progredireis a partir daí. Para cada um que passa, há entes queridos à espera para os receber, mas não podem levá-los a uma condição que eles próprios não atingiram. Só podem encontrá-los no "Pórtico", e depois têm de se despedir até que os recém-chegados atinjam a condição que eles já alcançaram. É o serviço que é a alavanca que nos eleva a todos através dos planos espirituais. A Igreja é apenas um símbolo dos que a frequentam, sabem. Claro que está tudo certo. Faz muito bem.»

Mr. Cameron respondeu: «Sim, para aqueles que não conseguem pensar por si próprios.»

Mr. Hardman respondeu:
«Se todos os que lá vão seguissem os conselhos que às vezes recebem dessas igrejas, seria melhor para eles na vida aqui.»

Após uma pausa, uma voz masculina disse:
«Mrs. Campbell, a minha esposa está presente consigo? Fala Swan.»

Mrs. Campbell respondeu: «Não, Lady Swan não está comigo esta noite. Tem alguma mensagem para ela?» Ele respondeu:
«Alguém diz-me que não devo enviar mensagem. Obrigado, Mrs. Campbell, por toda a sua bondade para com ela.»

Mrs. Campbell disse: «Mas não tem mesmo nenhuma mensagem que eu possa transmitir-lhe? Sei que ficaria encantada em receber uma.»

Ele respondeu:
«Deixe-me pensar agora. Ela está um pouco perturbada de momento, nos seus

pensamentos, sabe, e hesito em dizer algo que a possa afetar de qualquer forma. Ela sabe disto, claro. Sabe onde ir buscar a informação, e não quero incomodá-la agora. Sabe o que quero dizer. Creio que seria sensato não falar muito deste assunto a menos que ela venha ter consigo. Gostaria que ela tivesse um interesse especial nisto.»

Mrs. Campbell disse: «Ela está um pouco preocupada neste momento.»

Sir Alexander Swan respondeu:
«Bem, todos temos de carregar os nossos fardos, sabe. Também tive as minhas preocupações, e a senhora também, mas agora tem alguém que a ajuda a atravessá-las, minha querida. Também perdeu alguém que veio para o meu lado, e ele é-lhe de grande ajuda. Vem, John.»

O marido de Mrs. Campbell falou-lhe então:

«Deus te abençoe, minha querida, sou o Jack. Estou tão contente por estar perto de ti, e tenho estado especialmente junto de ti há pouco tempo. Foi-me dado compreender que tenho de ser um escudo para ti e permanecer perto de ti apenas por algum tempo agora, e nenhum mal virá aos nossos entretanto. Quem me dera que pudesses receber os meus pensamentos, a minha profunda gratidão pela bela vida que passei contigo, sabes. Muitas vezes pensei que não entendias porque é que eu me mantinha afastado de vir a estas Reuniões. Eu queria ir, e, no entanto, sentia que às vezes não podia.»

Mrs. Campbell perguntou: «Lembras-te de toda a ajuda que recebeste do querido Dr. Kahesdi?» Mr. Campbell respondeu:

«Lembro-me, e tu lembras-te, minha querida, de como costumávamos ser felizes? Bem, espero que a vida dos nossos rapazes seja tão brilhante como a nossa foi. Se eles percorrerem um caminho tão feliz como aquele que tu, minha querida, me ajudaste a percorrer, tenho a certeza de que serão muito, muito felizes.»

Mrs. Campbell perguntou: «Jack, estás contente com as raparigas encantadoras que eles têm?», e ele respondeu:

«Extremamente feliz. Às vezes gostava, mas há muitas coisas que estão fora do meu alcance agora e de que não me é permitido falar. Espero que compreendas que estive em sintonia contigo o tempo todo. É muito bom saber que me compreendes assim. Não posso fazer nada quanto a essas coisas agora. Custa-me não ter sentimentos de ressentimento em relação às ações daqueles em quem confiava. Eu queria que as coisas fossem diferentes. Não foi culpa minha, minha querida, mas vamos esquecer isso por agora.»

E deu muitos beijos. Tudo o que antecede foi correto e aceite.

Mr. Campbell continuou:
«Foi uma vida maravilhosa a que tivemos juntos, querida. Muitas pessoas não nos compreendiam, mas nós compreendíamo-nos mutuamente. É algo difícil na vida, quando descobres que aqueles em quem confiavas, amigo Cameron, te falharam.»

Mrs. Campbell disse: «Não te preocupes com isso agora, querido. Não deves afligir-te com isso. A mim não me importa nada.»

Mr. Campbell respondeu:
«Mas foste tu quem teve de sofrer por isso. Isso significou tanta diferença para ti. É isso que me preocupa, e agradeço à amiga que está ao teu lado pelos seus belos pensamentos. May Nisbet, Deus te abençoe.»

Mrs. Deans, que antes de casar era May Nisbet, respondeu: «Deus te abençoe, Jack.»

Outra voz disse a Mrs. Deans:
«Pois bem, nem sempre cumprimos o nosso dever na vida terrena, mas não sou quem tu pensas.»

Mrs. Deans perguntou quem era, e recebeu a resposta:

«Tu sabes muito bem quem eu sou. A vida devia ter sido melhor para ti, mas vou compensar-te por isso mais tarde. Vejo-te, Anne. Deus te abençoe sempre. Parece estranho sair dos meus lábios, mas agora vem do meu coração dizer "Deus as abençoe às duas". É exatamente assim que me sinto, e tentarei fazer reparação. Há coisas, Miss Dearie, na minha vida de que me arrependi profundamente ao chegar ao lado espiritual da vida, e agora quero ajudar aqueles a quem, na minha ignorância e tola vaidade egoísta, magoei. Falo de mim próprio e da minha carreira na vida terrena. Falhei no meu dever para com aqueles que devia ter amado mais, e também tive de sofrer por isso.»
(O locutor foi reconhecido e tudo o que disse foi compreendido.)

Miss Dearie respondeu: «Creio que todos teremos arrependimentos quando passarmos para o lado espiritual, porque a maioria de nós falha de muitas maneiras.»

Ele respondeu:
«Muito obrigado. Agora estou a tentar fazer tudo o que posso, direta e indiretamente, por aqueles a quem devia ter feito mais na vida terrena.»

Depois ficámos algum tempo em silêncio, e Mr. Sloan comentou: «Isto é terrível. Não creio que valha a pena continuar. Eu sabia que não ia servir de nada.»
Miss Colquhoun disse: «Ora, Mr. Sloan, isso é disparate. Esta noite foi simplesmente esplêndida», e todos concordámos.

Uma voz disse:
«Ele será rezingão até ao fim da corda», e Mr. Sloan respondeu: «Bem, estou muito perto do fim da corda agora.»

A voz respondeu:
«Ainda tens um bocado de fibra em ti. Ainda há qualquer coisa nessa velha tola» (cabeça).

As trombetas tocaram Miss Dearie por todo o lado, e uma voz disse:
«Nessie, Nessie. É a Nessie.»

Miss Dearie perguntou: «Qual Nessie é?», mas a Nessie parecia ter perdido a vibração, pois não obteve resposta.

Uma voz masculina disse então:
«Olá, Ralph. É um bom rapaz, o Ralph. Eu conheci o Ralph. Olá, Bill, vem cá. Estou a falar com o Ralph. O Will e eu não queremos ouvir-te agora. Estou ocupado. Não quero discutir isso agora.»

Mrs. Campbell perguntou: «Refere-se ao meu Ralph?», e ele respondeu:
«Sim, Ralph Campbell.»

Mrs. Campbell disse: «O Ralph não está aqui. Eu sou a mãe do Ralph. Tem alguma mensagem para ele? Como se chama?»

Ele respondeu:
«Marinheiro de Primeira 124. Diga ao Ralph Campbell que eu estava completamente longe das gruas. O Derek era o n.º 2. Eu não estava lá de todo.»

O Ralph estava na Marinha, e o Derek era o seu grande amigo que tinha passado. Ele não conseguiu lembrar-se de quem era o Marinheiro de Primeira 124, o que não era de esperar.

A voz de uma senhora disse então: «Nellie, Nellie McWilliam.»

É a mesma pessoa que fora levada por se ter tornado tão emotiva. O incidente foi referido algumas páginas atrás, e agora regressou para dizer a Miss Colquhoun:

«Estou a sentir-me um bocadinho mais feliz agora. É sempre bom ouvir a tua voz, Crissie. Deus te abençoe.»

A voz do homem falou de novo e disse:
«Está tudo bem. Agora tomaremos conta dela, e ela poderá vir falar contigo mais tarde.»

Outra voz falou agora:
«É o mais longe que podemos ir esta noite, Mr. Cameron. O poder — lamento desiludir qualquer um de vós — mas o poder por meio do qual podemos manipular a força à vossa volta está a ir-se. Está a esgotar-se, e qualquer coisa que vos pudesse chegar agora, eu não vos pediria que nela confiásseis. Percebe o que quero dizer. Está a vir de canais diferentes e não foi, por assim dizer, censurada. Compreende o que quero transmitir. Há tantas coisas hoje no vosso Plano Terreno a caminhar para uma crise, tantas correntes cruzadas, que nos é difícil simplesmente contactar-vos como gostaríamos, mas isso está a chegar ao fim, e o mundo despertará de novo para a gloriosa consciência do "bem" e do "mal".

«Não está no meu poder dizer-vos, porque não me foi dado dizê-lo, mas está a chegar muito depressa agora. É o mais longe que me é permitido ir, mas, ao percorrermos hoje o vosso mundo, sentimos que esse tempo de agonia está rapidamente a chegar ao seu termo. Tenho sido um colaborador daqueles que estão a ajudar, a estar ao lado dos queridos que estão a ser empurrados para o meu lado da vida. Alguns não entendem nada disto, e estamos a tentar ajudá-los.

«É por isso que, agora, não vos conseguimos dar aquilo que gostaríamos. Há tantas solicitações sobre nós. Por isso direi agora: que todos os pensamentos e desejos não expressos que estão nos vossos corações, se estiverem de acordo com a Vontade do Pai, vos sejam concedidos, e que o melhor da vida espiritual venha até vós agora, aquilo que sabeis ser Verdade e Justiça e Amor. Deus vos abençoe.»

Cantámos a Doxologia e, depois, Pathfinder disse:

«Que a paz e a bênção que procedem dos Altos e Santos que vos rodeiam vos auxiliem e confortem agora e por toda a jornada da vossa vida. Ámen. E ao nosso Deus Pai daremos todo o louvor agora e para todo o sempre. Eu sou o Pathfinder. Só vim ajudar o meu velho amigo a sair da dificuldade. Deus a abençoe, Miss Dearie.»

Miss Dearie respondeu: «Deus o abençoe, querido Pathfinder», e ele continuou: «Digo-vos a todos: se tiverem um pensamento no coração, um pensamento na mente, ou um desejo que queiram levar para o lado espiritual da vida, o Pathfinder ouvirá. Só têm de o pensar no coração, e eu transmiti-lo-ei aos que estão do meu lado da vida. Boa noite.»

Greentree falou então:
«Deus vos abençoe a todos, e que vós, quando a jornada terminar e as sombras do entardecer cairam em vosso redor, como também caíram sobre Greentree na sua vida terrena, encontreis os belos ambientes do Mundo Espiritual tão encantadores para vós como o foram para o Chefe Índio quando passou. Fala Greentree.

«Eu não poderia falar na vossa língua como falo agora, e digo: oh, eu vos adoro pelos vossos pensamentos gentis e pelas vossas disposições amorosas. Que o Grande Espírito Branco, Deus, a Quem todos adoramos, vos guarde em perfeita paz e vos conceda os desejos do vosso coração na medida em que estejam de acordo com a Sua Santa Vontade, e a Ti, ó Grande Amor do Espírito, Tu, Espírito dos Espíritos, Tu, Deus, nosso Deus Pai, encomendamos estes nossos amigos amados aos Teus ternos cuidados, e protege todos aqueles que eles amam e que estão em perigo. Que Tu os sustentes com a Tua grande bênção, e a Ti seja toda a Glória, e ao Teu Nome todo o Louvor. Ámen. Fala Greentree.»

Pathfinder concluiu então dizendo:
«Caros amigos, lamentamos deixar-vos, mas temos o nosso trabalho a fazer e os nossos belos deveres a cumprir. Que vós também tenhais alegria e conforto, plenitude de vida e plenitude de júbilo, e que Deus vos abençoe a todos. Que os caminhos que encontrardes na vida sejam caminhos de bem-aventurança, e todas as veredas, caramanchões de paz onde possais repousar pelo caminho. Deus vos abençoe de novo — é o voto de Pathfinder.»

Quando John Hardman falou a Miss Colquhoun acerca da Bíblia, mostrou-se ainda agnóstico quanto à Vontade de Deus. Duvidava do que ela seja, e os Espíritos, diz-nos ele, nunca sondam esta questão eterna. São finitos, tal como nós, e quão sensato é não sermos dogmáticos acerca do Infinito, que nenhum ser finito pode compreender. Contudo, Hardman resolveu um dos seus problemas, e a isso se refere repetidamente nos seus muitos comentários extensos. Na Terra, diz-nos ele que não acreditava na sobrevivência após a morte, mas agora experimenta-a, e este homem ponderado dá-nos, na Terra, alguns conselhos muito sábios.

Os cristãos sempre acreditaram que a Sagrada Bíblia contém a Palavra de Deus, nome que dão a este livro antigo e sagrado. Para os muçulmanos, o Alcorão ocupa essa posição. Os hindus consideram sagrados os Vedas e a *Bhagavad-Gita*, enquanto para os budistas os *Suttantas* são a mais sagrada de toda a literatura divina. O *Zendavesta* é a Palavra de Deus para os parsis, enquanto os chineses consideram que *A Grande Aprendizagem* e *A Doutrina do Meio* não poderiam ser substituídas pelo homem.

Estes livros sagrados ajudaram a humanidade a encontrar certa medida de paz e conforto na vida, mas cada religião pensou que os seus próprios escritos sagrados eram as únicas instruções que Deus dera à humanidade. Não obstante, como Hardman nos lembra:

«A Palavra de Deus existia muito antes dos tempos bíblicos. Não deveis ter apenas o vosso próprio entendimento da Vontade de Deus.»

Assim, ele passa ao lado dos credos, dogmas e doutrinas de todas as religiões do mundo e afirma enfaticamente que o que importa, tanto na Terra como em Etérico, é aquilo que cada um de nós é:
«É o que sois dentro de vós mesmos.»

Isso, diz-nos ele, e só isso, determina o nosso lugar para lá do véu e, a partir de então,
«depende de vós próprios como progredireis daí em diante.»

Isto, dito de forma simples, é o ensino do Espiritualismo. Os seus Sete Princípios, que foram dados a partir de Etérico, abrangem o essencial do que foi dito nas sessões registadas neste livro. Aqueles que se intitulam espiritualistas creem que se pode aceitar como verdade que:

(1) O Universo é governado pela Mente, vulgarmente chamada Deus. Tudo o que sentimos, sentimos agora ou viremos a sentir não passa da Mente a exprimir-se de uma forma ou de outra.

(2) A existência e a identidade do indivíduo continuam após a mudança chamada morte.

(3) A comunicação, em condições adequadas, ocorre entre nós aqui na Terra e os habitantes do mundo etérico, para o qual todos passaremos na morte.
Sobre estes três princípios fundamentais, que os espiritualistas acreditam poder ser razoavelmente aceites, extraem-se naturalmente as seguintes deduções lógicas, a partir das informações que nos chegam daqueles que passaram para esta vida mais ampla.

(4) Que a nossa conduta ética deve ser guiada pela regra de ouro, dada primeiro ao mundo pelo grande Confúcio: «Tudo aquilo que quiseres que os outros te façam, faz tu também a eles.»

(5) Que cada indivíduo é o seu próprio salvador, e que não pode esperar que outrem carregue os seus pecados e sofra pelos seus erros.

(6) Que cada indivíduo ceifa o que semeia, que faz a sua felicidade ou infelicidade conforme se harmoniza com o seu ambiente, e que gravita

naturalmente para o lugar, no mundo etérico, em harmonia com o seu desenvolvimento mental.

(7) E, por fim, que o caminho do progresso nunca se fecha, e que não há fim conhecido para o avanço do indivíduo.

A mensagem do Espiritualismo é que nos afastemos da mitologia antiga, que derrubemos a crendice, a intolerância e o nacionalismo estreito, removamos pela educação honesta a maldição da ignorância, incentivemos a amizade entre as nações, acabemos com a pobreza e a miséria, nos oponhamos à guerra e a todas as formas de crueldade, elevemos o padrão de vida, incentivemos o desenvolvimento da sabedoria e uma maior compreensão da vida e do seu significado, em toda a parte do mundo. Afastemo-nos das loucuras e das interpretações erróneas do passado e recordemos que, no Egito, há 6000 anos, e não na Palestina, temos o mais antigo registo da perceção humana de valores morais e de que o homem está destinado a ser um ser etérico.

O nosso Antigo Testamento não passa de um eco tardio da moralização dessa antiga raça que viveu durante tanto tempo nas margens do Nilo.

Pondo de lado a sua história do povo hebreu, o conteúdo do Antigo Testamento veio ou da Mesopotâmia ou do Egito, ambos países em que os hebreus foram cativos, e de onde trouxeram as leis, mitos e lendas correntes nos dias do seu cativeiro. O Livro dos Provérbios, na totalidade, foi copiado do Egito, onde tais ideias e preceitos elevados eram correntes mil anos antes de os hebreus existirem, e onde viveu um povo com um código moral muito superior ao que se afirmou falsamente ter vindo de Moisés.

A civilização nos países em redor da Palestina existia há milhares de anos antes de chegar aos incultos e selvagens hebreus, que os cristãos, por erro, afirmam ter sido os primeiros destinatários da única revelação que alguma vez veio do Céu. Foi no Egito que as virtudes foram praticadas primeiro, e o carácter e a retidão elevados acima da força e do poder. O código moral da humanidade sabemos hoje ser o resultado da longa e acidentada experiência social do próprio homem, e não o efeito de uma revelação especial e privilegiada aos hebreus quando vagueavam no deserto sob a liderança de Moisés.

Do selvagismo pré-histórico, porque é um ser etérico em desenvolvimento, o homem emergiu. Ao princípio, a força — e só a força — é que era o direito. Isso continuou talvez durante meio milhão de anos. Só há 6000 anos, no Egito, encontramos o primeiro vestígio da insistência na retidão. Isto desenvolveu-se e, de uma bolota, cresceu lentamente a árvore, cujos frutos alimentaram a Mesopotâmia, a Grécia e, muito mais tarde, a Palestina. Os deuses, deixando de

ser deuses da força, como Rá e Jeová, tornaram-se deuses do amor, como Bel, Prometeu, Dioniso, Osíris, Hórus e Cristo, que, compadecendo-se dos pecados da humanidade, vieram à Terra salvar e purificar estes seres errantes, vencer o mal e dar vida eterna a todos os crentes.

Da força, até então senhora do Universo, desenvolveu-se a ideia do amor triunfante, contada aos antigos nesses mitos e lendas. Podemos pôr de lado essas lendas, como fizemos com as histórias de fadas dos nossos dias de infância, mas o que importa é a descoberta de que o homem chegou a reconhecer a diferença entre o certo e o errado, o egoísmo e o altruísmo, a força e a justiça. Quanto mais reconheceu a importância de considerar o seu semelhante, maior foi o avanço moral e social da raça humana.

Descobrimos que esta grande descoberta tem apenas seis mil anos e que o homem, ou os seus ancestrais imediatos, está nesta Terra há pelo menos meio milhão de anos! Embora este conhecimento nos dê grande esperança para o futuro, também explica como as nossas ações ficam tão aquém dos ideais que temos, mas que tantas vezes falhamos em praticar. A raça, na obtenção das virtudes, percorreu apenas algumas etapas em comparação com a longa estrada que o homem trilhou na Terra. A luta para conquistar o mundo material recua muito para lá da pré-história. A tentativa de desenvolver a mente, de se vencer a si mesmo e de descobrir as suas responsabilidades sociais é, em comparação, história recente, ao passo que aqueles que foram, na Terra, os líderes do desenvolvimento mental são agora os Mestres, os Grandes, em Etérico, os adiantados a quem é prestado tanto respeito.

O Espiritualismo ensina, antes de mais, que o que conta é o carácter, é o que somos; que o desenvolvimento do carácter, do sentido moral, e o aumento do conhecimento e da sabedoria são as coisas absolutamente importantes da vida. A riqueza material, por importante que seja, é apenas uma posse passageira; as virtudes, o conhecimento e a sabedoria são eternos, pois são sempre nossos, aqui e no além. Tal tem sido o tema dos grandes mestres do passado e, se a Igreja Cristã tivesse pregado e praticado isso — e só isso — ao longo da era cristã, quão maior seria hoje o seu prestígio!

Somos herdeiros da herança que primeiro lançou raízes no Egito, uma herança que enfatizou a importância da retidão, o facto da sobrevivência e que, como semeamos aqui, assim colhemos depois. O *Livro dos Mortos* egípcio deixa claro quão importante era a retidão para os egípcios, e que tal como se vive na Terra, assim se viverá no além. Sobre este tema da vida reta, a nossa sabedoria e conhecimento aumentaram nos séculos intermédios, e foram transportados para Etérico, onde são mais facilmente praticados do que na Terra. Os egípcios

lançaram a semente, e hoje estamos a colher a colheita, mas muito há ainda a recolher. Isaías, Sócrates, Séneca, Cícero, Zenão, Epicuro e Epicteto — para mencionar apenas alguns cujas opiniões nos foram fielmente transmitidas — eram, mesmo no seu tempo, apenas ecos de homens que viveram antes deles, de sabedoria e conhecimento não menores, como o faraó Khufu, que expôs a sua sabedoria há uns cinco mil anos.

Que grande perspetiva podemos agora contemplar retrospetivamente! Isto foi revelado pelas escavações no Egito, na Assíria e na Babilónia. Que grande perspetiva podemos, como seres Espíritos, contemplar agora para o futuro! Isso revelou-o a mediunidade. Não só podemos antever esta Terra transformada pelas descobertas da ciência, mas também pelo desenvolvimento do sentido moral do homem. Não só podemos considerar uma felicidade crescente para a raça humana na Terra, mas felicidade, harmonia e contentamento ao longo de toda a nossa existência eterna, à medida que nos desenvolvemos em conhecimento, sabedoria e retidão. A evolução prossegue em Etérico e não se limita à Terra.

Desenvolvimento é apenas outra palavra para a história da raça, e aplica-se tanto a Etérico como a esta Terra. Olhamos para trás e vemos, como uma espiral, um progresso constante e contínuo no homem, no animal e na planta. Olhamos para a frente e percebemos que isto tem de continuar; caso contrário teríamos estagnação ou retrocesso, o que significa decadência. Apesar do aviso da natureza, a Teologia nunca avança e mantém-se presa aos credos e dogmas de um passado ignorante. O povo deve libertar-se deles. A Igreja do futuro deve libertar-se destas muletas e grilhões antigos e, pondo de lado tradições antigas e falsas, dizer a verdade ao povo. Deve abrir um novo caminho ou, em última análise, perecer.

Esforcemo-nos por seguir a vida da retidão e esquecer a religião do mistério. Sigamos o caminho do conhecimento e da razão, que resultará na civilização e no desenvolvimento mental da humanidade. Preguemos o evangelho da humanidade e que cada um seja nobre o bastante para viver por todos. Encorajemos a sabedoria, o conhecimento e a verdade. Pensamentos puros, palavras valentes e atos generosos nunca morrerão. Uma vida nobre e abnegada aumenta a riqueza mental do Universo; uma vida bem vivida corre como uma videira à vista de todos, e cada ato puro e altruísta é como uma flor perfumada.

A mensagem do Espiritualismo para todos os vivos é esta: do mundo que um dia será a nossa casa vêm mensageiros trazendo palavras de bom ânimo a todos os que vivem na Terra. Dizem-nos que só precisamos de fazer o melhor que pudermos, e, se o fizermos, nada mais é esperado. Devemos, portanto, deixar de

desperdiçar o nosso tempo e riqueza em observâncias e cerimónias religiosas desnecessárias e dedicar-nos a coisas úteis que desenvolvam a nossa mente e o nosso carácter, e nos tornem cidadãos dignos do país que um dia será a nossa casa. Não nascemos para viver apenas sobre esta bola de substância chamada Terra. Um país grande e glorioso, de beleza e variedade vastas e infindas, aguarda-nos após a morte. A mente não conhece limitações, e cada um de nós é mente e nada mais.

Quando o fim da vida terrena chegar, não pensemos que alcançámos o crepúsculo, ou que, pela última vez, o céu dourado esmorece no ocidente. Não pensemos que chegou a noite, mas que algo maravilhoso nos aguarda numa terra mais bela e mais feliz do que esta Terra. Devemos enfrentar a morte como enfrentamos o sono, sabendo que a manhã sucede à noite. Assim devemos entrar na aurora chamada morte, que é apenas uma mudança na perceção do nosso ambiente.

CAPÍTULO XVI
REUNIÃO EM CASA DE MRS. BOWES
MAXWELL PARK, GLASGOW

Presentes: MR. JOHN SLOAN, MRS. LILLIAS BOWES, MR. ALEXANDER HART, Miss ELIZABETH DUFF, MISS JEAN DEARIE, MR. DONALD CAMERON, Miss AILSA DOUGLAS, MISS WINNIE DOUGLAS, MISS CRISSIE COLQUHOUN.

Abrimos a Sessão com o hino habitual, "Nearer, my God, to Thee", e depois repetimos o "Pai-Nosso". Depois falámos do tempo, e um de nós comentou que já se tinha visto neve nas colinas.
Um espírito observou:
«Há neve em algumas colinas o tempo todo.»

Falámos a seguir dos tartans dos clãs, e Mr. Cameron comentou que as cores de alguns dos antigos tartans dos clãs eram muito belas.

Uma voz perguntou: «É um Cameron?» e a trombeta tocou em Miss Colquhoun. Ela respondeu: «Não, sou Colquhoun.»

A voz perguntou então a Mr. Cameron: «E a que clã pertence, senhor?»
Mr. Cameron respondeu: «Sou Cameron», e o Espírito comentou:

«Pensei que havia algo de Highland em si, e aprecio o seu belo elogio aos tartans, amigo Cameron. Também sou Highlander, mas já não luto por nenhum clã em particular. Estamos todos a lutar sob a mesma bandeira, pela verdade e

pela liberdade para todos os homens e todas as mulheres, para que todo o mundo seja livre, independentemente de clã, nação ou cor — todos uma só irmandade do grande "Eu Sou", a Quem, não O tendo visto, amamos e adoramos: a Sua Majestade, a Sua Pureza e a maravilha do Seu Amor.

«Que as vossas almas e os vossos íntimos sejam revigorados e renovados pelos que vos rodeiam esta noite, Irmãos e Irmãs. Espero que me compreendais. Lamento não poder tornar isto mais nítido. Sabem, estou um tanto desligado do vosso lado da vida. Estive muitas vezes nas imediações das vossas Reuniões, mas não tive a oportunidade, ou o poder, de articular um som para vós. Dou graças a Deus por agora poder falar convosco.»

«Foram os pensamentos sinceros daqueles de vós que estais ansiosos pelos entes queridos que, neste momento, estão fora do vosso alcance que me levaram a ficar tão desejoso de falar, e pensei que, se eu conseguisse trazer apenas um pequeno raio de esperança, um pequeno raio de consolo e uma palavrinha de amor, estaria a fazer algo ao serviço do Mestre. Deus vos abençoe a todos. Não acho a minha voz tão clara como gostaria, mas, quando nos aproximamos dos arredores do Plano Terreno, temos de usar as vibrações que estão em redor, e pode ser impossível sintonizarmos as nossas vozes no tom que considerais inconfundível.

«Não é minha vontade que não entendais, nem meu desejo causar-vos incómodo. Quero apenas que saibais — como estou certo de que todos vós, na Terra, já sabeis — que aqueles dos vossos amados que partiram estão muitas vezes muito perto de vós e, embora não os possas ver, amigo Cameron, percebes o sentimento da sua presença, o toque da mão, o som da voz, o cuidado amoroso da Mãe e o pensamento bondoso do Pai. Deus vos abençoe, amigos.»

Agradecemos-lhe e Miss Duff começou a cantar o hino "They are winging, they are winging", e depois Mrs. Sloan falou:

«Estás aí, Mrs. Bowes? Esse era o meu hino favorito. Obrigada, Miss Duff. Deus a abençoe, minha querida.»

Miss Duff respondeu: «Obrigada, querida Mamã Sloan.»

Mrs. Sloan disse então:

«E como estás, Daddy? Sei que me ouviste na outra noite quando te falei.»

Mr. Sloan respondeu: «Oh, sim, Mamã, ouvi-te bem. Disseste-me ("tel't") para ir a casa do Sam, que eles estavam em dificuldade, mas tive de esperar um bocado, Mamã. Não pude ir então. Eram 2h30 da manhã. Fui mais tarde e tratei do Sam.»

Mrs. Sloan respondeu:

«Não pretendia que fosses naquela altura, Daddy, e sei que trataste bem dele.»

Uma voz mesmo à frente de Miss Dearie disse:

«Vim agradecer-lhe, Miss Dearie, pela carta, linda, linda, que enviou à minha querida.»

Miss Dearie respondeu: «Obrigada, Mr. Hardman.» Ele respondeu:

«Agradeço que me tenha reconhecido, Miss Dearie.»

Mr. Sloan comentou: «Ah, eu também escrevi à Miss Stove e dei-lhe a mensagem da última Reunião. Não me conseguia lembrar de muito, mas contei-lhe tudo o que pude.»

Mr. Hardman respondeu:

«Não é necessário, amigo Sloan. Claro que aprecio os seus valiosos serviços, que consiga fazer passar estas mensagens. Deus abençoe cada um de vós. A paz esteja consigo, Miss Dearie. Obrigado pelo conforto e pela alegria que trouxe à minha Mary.

«Será uma pedra bonita, uma joia na bela casa que a espera no lado espiritual da vida. Todos os belos pensamentos que tem enviado serão um adorno dessa casa. Não vai tão longe o tempo em que eu considerava impossível semelhante coisa. Eu pensava que não havia vida depois da morte, mas, oh, estou aqui, e é de uma beleza para lá de toda a imaginação.

«Deus vos abençoe a todos e, por cada pequena palavra e pensamento que me enviastes durante o meu tempo de teimosia após a passagem — que sei que muitos de vós me enviaram então — digo obrigado. Serão um adorno nas casas que o Grande Pai preparou para vós no lado espiritual da vida e, pelo amor e ajuda que tendes dado à minha Mary, agradeço-vos a todos.»

Miss Colquhoun disse: «Creio que a Miss Stove virá cá abaixo em breve por um bocadinho.»

Mr. Hardman respondeu:«Tenho estado a impressioná-la para vir, mas creio que as regulamentações o impedem neste momento.» (Orkney, onde ela vivia, era uma zona fechada durante a guerra.)

«Peço desculpa por ocupar tanto do vosso tempo, e tudo com assuntos pessoais. Lamento, mas senti como dever e prazer pedir-lhe, Miss Dearie, que aceite os meus largos agradecimentos, por os retratar e transmitir à minha Mary.»

Miss Dearie respondeu: «Muito obrigada, de verdade, Mr. Hardman.»

Outra voz masculina disse:

«Mr. Hart, depende de vós, de cada um de vós, ter uma bela morada no lado espiritual da vida, um belo lar. Estais a lançar os alicerces dele enquanto percorreis a Terra, cada um de vós. É o Chefe Índio que vos fala agora, não do modo habitual como costumava falar convosco, mas com o mesmo coração amoroso e o mesmo interesse afetuoso por cada um de vós. Eu sou o Pathfinder, e que o vosso caminho pela vida seja agradável. Mantende a luz límpida e radiosa do Pai diante de vós enquanto percorreis os trilhos sinuosos da vida terrena, até que, a seu tempo, Ele diga: "Vem para aqui; e assume os teus novos deveres no lado espiritual da vida."

«Então encontrareis os adornos do vosso labor retratados na morada que está preparada para vós. Deus vos abençoe e vos ajude a fazer um lar bonito. Fico tão contente, Mrs. Bowes, por estar a ter um bocadinho de alegria na sua casa de novo e, ao ter essa alegria, isso reflete-se em mim e dá-me alegria também. Deus abençoe a sua menina, e estou a manter um olho nos dois rapazes nas Forças, tanto quanto o Grande Pai permite, e farei o melhor para que tudo corra bem. Falo-lhe agora e transmito essa mensagem. Ouve-me, Mrs. William Bowes, a pedido do seu querido marido, que está ao seu lado neste momento.»

Mr. Bowes falou então e disse:

«Lillias, minha querida. A Gladys está aqui. Estamos todos juntos.»

Mrs. Bowes respondeu: «Deus te abençoe, querido. Tomarás conta da Margaret.»

Mr. Bowes respondeu: «Claro que tomarei. Faremos tudo o que pudermos» (e deu alguns beijos).

«Ela é um orgulho para mim, um orgulho para nós ambos.»

Mrs. Bowes disse: «E ela não te esqueceu, querido?»

Ele respondeu:

«Não, Deus a abençoe.»

Uma voz escocesa disse então:

«Sabem, Miss Colquhoun, pensei que estavam a rir-se do cavalheiro. Vou chamá-lo meu irmão em vida espiritual, e não havia necessidade de rir dele, Mrs. Bowes.»

Miss Colquhoun respondeu: «Mas não nos estávamos a rir dele, caro amigo. Estávamos apenas felizes por o Mr. Bowes estar a falar com a esposa.»

A voz respondeu:

«Perdoem-me, continuo um velho bloco rabugento e tropeçante, mas estou a fazer o melhor que posso para alisar o caminho para aqueles que o acham áspero, tal como fazia na vida terrena. Eu era "roadman", sabem, e continuo "roadman", e estou a tentar conseguir uma oportunidade, para lá da fronteira, de falar com os que ficaram, para lhes dizer que há uma estrada melhor à frente, e para continuarem, para manterem a luz radiosa diante deles até Deus terminar a viagem.»

Mr. Cameron comentou: «Está a fazer o melhor para progredir, amigo», e recebeu a resposta:

«É isso mesmo, amigo Cameron, e não pense que sou contra o riso. Gosto de vos ver a sorrir. Boa noite.»

Mrs. Bowes disse: «Oh, fale connosco mais um bocadinho. Gostamos muito de o ter.»

Ele respondeu:

«A minha história está contada agora. Não posso falar com autoridade, exceto para vos dizer que fico muito contente por estar nos vossos arredores e, se puder ser de alguma ajuda em qualquer altura, pensem no "roadman". Sempre gostei de manter uma estrada bonita, com um talude jeitoso para os pequenitos brincarem. Os meus faziam isso, e alguns já cá estão deste lado.»

Um de nós comentou que ele falava como um verdadeiro velho escocês.

Ele respondeu: «É apenas a minha própria ("ain") linguagem.»

Mr. Cameron perguntou se poderia dizer-nos o que estava a fazer.

Ele respondeu:

«Quando não sou necessário para o trabalho do Grande Irmão Mais Velho, venho para este lado da Terra e procuro ajudar os meus, não exatamente amigos —

embora sejam todos meus amigos — mas, se puder dar a alguém uma ajuda para passar um portão, sou eu próprio recompensado mil vezes.»

Mr. Cameron observou: «É assim que progride», e ele respondeu:

«É a única maneira, mas não quero progredir muito longe por agora. É meu desejo ficar aqui porque tenho alguns amigos por quem quero esperar. Oh, amei-os muito. É-nos concedido, se fizermos o que nos mandam e nos portarmos bem, e todos trabalharmos para o Mestre e para os Irmãos Mais Velhos, ficar um pouco onde estamos até que eles cheguem. Deus me ajude, amei-os terrivelmente.»

«Por vezes, amigos, aqueles que ficam sem os cuidados de um pai não conseguem manter-se no caminho direito, e eu estou a tentar trazê-los de volta à estrada certa, aqueles que se desviaram um pouco da reta. Sabem, pode-se exagerar nas coisas da vida terrena, às vezes. Creio que me entende, amigo Cameron, e é tão, tão fácil sair de lado.»

Depois falámos entre nós acerca de cura e de Ciência Cristã.

Uma voz do outro lado disse: «Não conheço a ética da Ciência Cristã, mas creio que direi: "Deus os abençoe nos seus esforços por fazer aquilo que julgam, se a sua conceção das coisas está correta." Fico por aqui.»

Mr. Cameron disse: «O que estávamos a tentar transmitir era: quando se lida com o material, é preciso ter em conta meios materiais de remédio.» A voz respondeu:

«De forma muito enfática.»

Uma das trombetas caiu e, depois de a levantarmos, uma voz disse:

«Então, Mr. Cameron, quer tentar com a trombeta? Acreditava que amigos espirituais fossem capazes de vir à vida terrena, senhor?»

Mr. Cameron respondeu: «Não até bastante recentemente, meu amigo, mas tem sido uma grande fonte de conforto e companhia para mim poder experimentá-lo pessoalmente.»

A voz disse:

«Quando eu estava na vida terrena, não podia dizer que acreditava, mas tinha a consciência, Senhoras e Senhores, no fundo da alma, de que havia pessoas à minha volta a falar comigo. Parecia sentir a sua presença e até saber como eram, e, quando cheguei a este lado da vida, reconheci-as perfeitamente quando vieram falar comigo — e não eram família, de modo nenhum, eram amigos. Um

amigo é um amigo que permanecerá sempre amigo, se for um verdadeiro amigo. Bem, há muitos "amigos" nessa frase. Boa noite e Deus vos abençoe.»

Uma voz chamou: «Jim, Jim.»

Mrs. Bowes disse: «Tenta dizer-nos quem és, Jim. Podemos ajudar-te?»

Uma voz fraca respondeu:

«Não preciso de ajuda, mas quero ajudar-vos, amigos. De certo modo talvez precise de ajuda, Irmã, mas posso ajudar outros, apenas através de vós na Terra, de tempos a tempos. Não sou parente, mas sou um verdadeiro amigo. Podem aceitar-me nessa base?»

Mrs. Bowes respondeu: «Claro que sim.» Ele disse:

«Então é-me permitido o júbilo e o prazer de prestar algum pequeno serviço quando precisarem, em qualquer altura. Farei tudo o que puder para vos ajudar e tentarei também ajudar aqueles que amais.»

Mrs. Bowes respondeu: «Obrigada, caro amigo.» Estávamos a falar da Mrs. Deans quando uma voz disse:

«Disseste que eu tinha sido morto? Eu não estou morto. Fala George Deans, mas não me é permitido dizer mais nada agora. Tenho de ir.»

Uma voz disse a Mr. Hart:

«Alex, como estás? É a Mãe. Deus te abençoe, meu rapaz. Como eu sinto, às vezes, vontade de estar de novo ao teu lado e de te levar pelo braço! Com quanta firmeza te conduziria. As mãos de Mãe e os braços de Mãe são muito sustentadores e muito animadores para um rapaz, mesmo supondo que ela está deste lado do tempo. Tenho a certeza, Alex, de que ficarás sempre feliz por teres o apoio da tua Mãe.»

Mr. Hart respondeu: «Sempre, sempre.» A mãe comentou:

«Estão a começar a misturar-se um bocadinho, Alex. Há alguns branquinhos» (referindo-se ao cabelo), «mas cada um está cheio de honra. Há honra num cabelo grisalho.»

Mrs. Colquhoun falou de seguida e disse:

«Deus te abençoe, Crissie. É apenas o meu coração a transbordar de amor por ti, minha menina. Quero só dizer-te que muitas vezes estou contigo quando não sabes, minha linda menina.»

Miss Colquhoun perguntou: «Mãe, estiveste comigo na semana passada?»

A mãe respondeu:

«Estive contigo ao telefone ontem à noite, na tua própria casa.»

Miss Colquhoun disse: «Mas estiveste comigo na semana passada, Mãe?»

A mãe respondeu: «Não estive lá, querida.»

Nada mais foi dito, e uma nova voz falou: «Fala o Tom.»

Perguntámos: «Qual Tom?» e recebemos a resposta:

«Estou à espera para ver se me conseguem reconhecer.»

A voz esmoreceu, pois evidentemente perdeu o contacto com a nossa atmosfera.

Miss Duff estava a receber toques das trombetas, e uma voz disse:

«É a Mãe a tocar-te, e como tens passado, minha querida? Espero que não te tenhas magoado muito.» (Miss Duff recuperava de uma queda grave.) «Não vês o Pai de pé ao teu lado? Está logo atrás de ti, e eu estou do teu lado esquerdo. Quem me dera poder lançar os braços à tua volta e abraçar-te como deve ser. Parece muito tempo agora — não assim tão longo, sabes — mas parece-me muito tempo. Mr. Hart, não faz muito que passei, mas ainda assim estou ansiosa por ver a minha filha.»

O Pai de Miss Duff continuou:

«Quem me dera poder transportar a vossa visão para as grandes belezas da Paraíso e vo-las mostrar a todos. Não há palavras minhas — não consigo dizê-lo como gostaria — que descrevam a beleza e a calma majestosa e grandiosa das belas terras que visitamos. O nosso é um mundo belo, é simplesmente magnífico. O Jardim Botânico de Glasgow não se compara com os jardins exquisitos que temos aqui. Fala o Pai.»

Uma voz masculina disse então a Mrs. Bowes:

«Diz ao Jim» (o seu filho) «que perguntei por ele, e diz-lhe que farei o melhor que puder para velar por ele. É o Jim.» (o irmão dela). «Deus te abençoe, minha querida. Embora eu já não esteja do vosso lado da vida, estou a trabalhar por ti mais do que alguma vez trabalhei na vida terrena. Ajudarei o Jim quanto puder porque o amo muito. Perdoem-me, Senhoras e Senhores, por ser tão pessoal. Estás a ser vigiada, minha querida, e nunca ficarás verdadeiramente sozinha. Deus te abençoe.»

O seu marido, Mr. Bowes, falou então:

«Estamos a fazer o nosso melhor para te ajudar nos tempos difíceis da vida e, mesmo que não me possas ver, pensa apenas que não estou muito longe. Ainda tens o teu trabalho para fazer. Hás de tê-los todos em casa de novo, e tens o teu dever a cumprir aí também.»

(Foram então feitas por Mr. Bowes a Mrs. Bowes algumas observações muito pessoais e privadas. Tudo foi correto e compreendido, mas foram omitidas a pedido.)

Miss Colquhoun recebeu então toques, e Mr. Bowes disse:

«Fala William Bowes. Obrigado por toda a sua bondade para com a minha querida. É belo, o afeto mútuo entre vós. Não direi boa noite. Não há noite onde eu estou, não há apagões aqui, Mr. Cameron. Vejo que tem uma perceção clara do que o outro lado da vida lhe abrirá. A sua vida tem sido muito limpa e correta. Não falo em tom lisonjeiro, sabe. Consigo ver essa disposição na aura à sua volta. Há muitas formas luminosas do outro lado da vida à espera de o saudar quando vier, todos o amando como eu amo aqueles que deixei na vida terrena. Não poderia deixar de amar, tendo eu uma como a que tenho para amar.»

Mr. Cameron respondeu: «Sinto, no que diz, uma profundidade e doçura que é um encanto ouvir», ao que Mr. Bowes observou:

«Obrigado. Olhe para os meus rapazes, olhe para as minhas raparigas» (a esposa e a filha), «não há ninguém como os nossos, e, ainda assim, pode trabalhar tanto melhor e mais arduamente pelos que o rodeiam quando ama dessa maneira. Boa noite.»

As senhoritas Douglas receberam então toques das trombetas, e uma voz disse:

«Vi-vos aí sentadas tão quietinhas, minhas queridas. É a Mãe.»

As senhoritas Douglas disseram: «Oh, Mãe, vem falar connosco.»

Contudo, deve ter perdido a vibração, porque nada mais foi dito. Mr. Sloan, porém, disse que a via de pé ao lado delas, com belas vestes brancas, e descreveu também um irmão que tinha passado quando era muito novo, mas que crescera na vida espiritual.

Uma voz disse então: «Mary, Mary», mas não conseguimos perceber para quem era, pois ninguém recebeu toques das trombetas.

Outra voz disse a Mr. Hart:

«Sandy, recebeste uma carta dececionante?»

Mas o contacto estava difícil, e alguém disse então:

«O Willie está a falar consigo, Mr. Cameron. William Cameron. Houve um William Cameron, mas é de há muito tempo.»

Outra voz disse: «Annie.»

A voz de um homem disse então que estava a tentar melhorar as condições:

«Estava apenas a tentar ver se conseguia pô-los em sintonia consigo. É difícil, por vezes, sintonizar. Dê-lhes todos os seus pensamentos bondosos tanto quanto puder. Não emita um pensamento triste e, talvez, assim seja mais fácil. Caso contrário, não podemos fazer muito mais, sabe. É o melhor que conseguimos. É um assunto difícil contactar todas as diferentes vibrações neste momento. É uma delícia e uma alegria para nós saber que ouve e reconhece alguém que veio falar-lhe desta forma. É uma recompensa monumental para os trabalhadores que ajudam a tornar isto possível. Há muitos de nós a tentar o melhor para ligar os dois mundos, mas neste momento é uma questão difícil, dadas as circunstâncias adversas em que o seu mundo se encontra presentemente.

«Se estivesse a rever a sua vida e as ligações familiares, quantos de vós poderiam recuar mais do que a geração anterior? No entanto, há dezenas à sua volta que estão ligados a si, talvez duas ou três gerações atrás, todos a tentar reconstruir a árvore genealógica, todos a tentar ajudá-la, embora não tenha conhecimento deles. Deus a abençoe, Sr.ª Colquhoun. A mãe está muito próxima de si hoje.»

A voz de outro homem disse à Sr.ª Bowes:

«E o pai está muito próximo de si, minha querida.»

A Sr.ª Bowes respondeu: «Meu amado Pai», e ele disse:

«Obrigado por me reconhecer, minha amada filha. Diga ao Jim que lhe envio o meu amor, e a todos os outros. Não gosto de os perturbar, sabe, nos seus pensamentos, mas é a verdade, e é uma verdade que eu próprio não compreendia muito bem e que chegou até mim como uma revelação celestial quando descobri que podia voltar e falar consigo de novo. Nunca, nunca a deixarei até que as sombras desapareçam e o sol nasça, e nos encontremos outra vez na vida mais perfeita e no mundo mais perfeito. Tenho de voltar para lhe agradecer por ter dito "Meu amado Pai", minha adorável filha (e deu muitos beijos).

«Deus a abençoe. Será um dia feliz, Sr. Cameron, quando todas as preocupações terrenas acabarem e todos nos reunirmos de novo no outro lado da vida. Não quero apressar nenhum de vós a partir, mas cada um de vós sintonizar-se-á com

o lado espiritual da vida quando atravessar, e renovará as amizades com aqueles que costumava encontrar no ambiente terreno, até na nossa casa "Bonhard". Deus vos abençoe a todos.

«É o pensamento dessa grande Verdade, e o conhecimento de que têm uma compreensão perfeita do facto de que ainda vivemos e amamos, que nos ajuda a esperar pacientemente por aqueles que amamos, para que se juntem a nós deste lado. Estamos simplesmente à espera do dia, não ansiando por ele, porque ansiar por esse tempo poderia encurtar a vida terrena daqueles que amamos e desejamos, mas aguardando o tempo de Deus, até que o dia amanheça e as sombras desapareçam, e todos nos encontremos e voltemos a apertar as mãos. Quando o trabalho terminar, o Jordão for atravessado, e a vida na Terra chegar ao fim, haverá Verão e luz do sol e, por fim, um lar de repouso.»

Quando o pai da Sr.ª Bowes terminou, Pathfinder falou:

«Não pode imaginar, não pode compreender — espero não estar a interromper agora — mas cada pequena palavra que transmite hoje no mundo, dos seus pensamentos e das suas ideias sobre o lado espiritual da vida, se as mostrar àqueles que viajam pela longa jornada da vida, àqueles que não conhecem esta verdade, isso ajudá-los-á a compreender quando os dias escuros surgirem no seu caminho. Não têm o conhecimento que vocês têm, e será mais uma pedra preciosa brilhante na estrutura da casa onde irão habitar do lado espiritual da vida.

«Pensamento é uma palavra estupenda. Os vossos pensamentos, eles alcançam tão longe, e os tentáculos desses pensamentos não chegam apenas ao Norte, Sul, Este e Oeste, mas chegam a toda a parte. Tenham pensamentos bondosos, Senhoras e Senhores, tenham pensamentos de amor e, acima de tudo, tenham pensamentos puros. Deus vos abençoe e vos guie sempre nesse caminho luminoso onde não caminha nada de mau, e para dentro da luz clara, a luz do amor que culmina no repouso do dia eterno. Sou Pathfinder.»

Outra voz disse:

«Já faz muito tempo que não falo convosco. Sou aquele a quem o meu amigo, o meu amado e respeitado amigo, costumava chamar "Velho Whitey".»

O Sr. Sloan exclamou: «Oh, Whitey, és mesmo tu? Tenho a certeza de que nunca te chamei isso.»

Whitey respondeu:

«Não estou a repreender-te, meu querido velho amigo, só que já me chamaste "Velho Whitey" muitas vezes, e disseste que já não era tão simpático como costumava ser. Penso que todos irão confirmar a afirmação que vou ousar fazer, de que tenho razões para estar orgulhoso da elevação ao estado em que me encontro agora. Fiz o meu melhor para progredir, para servir, como o Mestre deseja que eu sirva, e agradeço-lhe a Ele e só a Ele pela posição que agora ocupo.

«Espero e rogo sinceramente poder ser de algum pequeno serviço para todos vós que fostes tão bondosos e generosos comigo quando ainda pouco sabia sobre a Luz. Apenas o "Velho Whitey" elevado pelo amor, pela graça e pelas mãos ajudadoras do Grande, para trabalhar e amar mais perto do Seu Reino. Deus vos abençoe, e Deus abençoe e proteja todos aqueles que amais, e que o Grande Pai estenda os Seus braços protetores em redor de todos os que sofrem.»

O Sr. Sloan comentou então: «Ele não está assim tão mal esta noite» — um comentário que muito nos divertiu.

A Sr.ª Duff cantou depois o hino Doce Paz, dom do Amor de Deus.
Seguidamente, uma voz chamou:

«Charlie, onde está o Charlie?»

Perguntámos quem era, mas não obtivemos resposta. Outra voz falou, dizendo, antes de terminar, que era um chefe índio chamado Estrela Ardente:

«Muitos estão próximos do Plano Terreno, que veem as luzes ao vosso redor e estão desesperadamente ansiosos por entrar em contacto. São os pensamentos bondosos provenientes de um encontro como este que os atraem. É certo que voltarão de novo. É uma porta a que podem vir, para tentar estabelecer contacto com aqueles que amam na vida terrena, mas há tantas vibrações diversas, tantos amores e ódios misturados nas vibrações que vêm do Plano Terreno neste momento, que dificultam a passagem de qualquer mensagem amorosa.

«Aqueles de vós na vida terrena que sabem algo sobre este assunto conseguem cooperar com os que estão do nosso lado da vida. Agradecemos isso muito, e faremos o que pudermos por vós quando o tempo for mais oportuno. O dia está a nascer e as sombras estão a desaparecer, por isso que os pensamentos nos vossos corações sejam de amor para todos, embora seja difícil fazê-lo, eu entendo isso.

«Sou um Chefe Índio, venho falar-vos na vossa própria — creio que será a vossa própria — língua, tanto quanto a estudei. Na minha vida terrena costumava ser feroz e veemente contra o homem branco, e agora o homem branco é a alma branca que mais amo. Podemos trabalhar lado a lado, um com o outro, puxando com igual força e grande vigor para realizar a obra e a Vontade de Deus, para ajudar aqueles que ficaram para trás no Plano Terreno.»

«Tenho um grande desejo de vos agradecer pela vossa simpatia e consideração em me ouvirem. Posso dizer que não conseguia falar a vossa língua de forma tão fluente como consigo falar-vos agora. Estou a progredir cada vez mais na minha caminhada, a tentar conceber, a elaborar um plano através do qual eu possa fazer algo para aliviar o sofrimento da humanidade na Terra, para expressar algo da gratidão no meu coração, o meu coração agradecido, ao Grande Espírito de Amor, para mostrar que aprecio toda a sua bondade. Deus vos abençoe. Voltarei noutra ocasião.»

A Sr.ª Bowes perguntou se gostaria de nos dizer o seu nome, e recebeu como resposta:

«Na vida terrena chamavam-me "Estrela Ardente". Bem, não me assentava muito bem, porque eu não era uma estrela ardente de todo. Era antes retraído nos meus modos, mas conheço-vos a todos muito bem por estar no ambiente destas Reuniões, e tento incutir-vos os belos pensamentos que recolho daqueles muito acima de mim.

«Sr. Cameron, talvez tenha tido uma experiência assim. Pergunto-me apenas se já teve tal experiência. Quando está sentado a pensar profundamente sobre algum assunto, de repente surge-lhe outra coisa na mente, algo sem relação com isso, e quase instantaneamente surge o pensamento ou a forma de alguém que conheceu em tempos idos.»

O Sr. Cameron respondeu: «Sim, meu amigo, já tive muitas dessas experiências. Penso que a maioria de nós já teve.»

Veio a resposta:

«Estou profundamente grato, Senhor, pelo seu interesse, e agora direi: 'Aleluia — toda a honra e glória ao Grande Pai Deus, tudo por todos. Ámen.'»

Uma voz chamou novamente:

Jim.

A Sr.ª Bowes respondeu: «Diga-nos mais se puder, Jim. Gostava que pudéssemos ajudá-lo.»

A voz respondeu:

«Muito obrigado, mas não preciso de ajuda. Quero apenas ser reconhecido.»

Ninguém o reconheceu, mas, quando uma nova voz falou e deu o nome de Jim, foi reconhecido pela Sr.ª Bowes como sendo o seu irmão, que trouxera consigo Gladys, que fora sua esposa quando vivera na Terra.

(O irmão da Sr.ª Bowes, Jim, faleceu subitamente no comboio que ia de Londres para Glasgow. A Sr.ª Bowes estava com ele. Numa das sessões anteriores de Sloan, não incluída nesta série, Jim referiu-se a este episódio bastante trágico nestas palavras dirigidas à irmã: «Deixei-te de uma forma muito difícil — de uma maneira muito embaraçosa e difícil, sobretudo nas circunstâncias trágicas da minha partida. Lamento que a minha transição tenha sido tão súbita, minha querida, e te tenha causado tanta preocupação. Deus te abençoe.»)

Jim falou agora à irmã:

«Lillias, tenho dificuldade esta noite em falar contigo. Estou muito feliz por te falar. Sou o Jim. Estamos os dois aqui, a Gladdie e eu.»

Gladys disse então:

À Sr.ª Bowes:

«Deus te abençoe, Lily. Que agradável é ouvir a tua voz. Serás sempre querida para nós deste lado. O Jim e eu estamos tão felizes juntos aqui. O nosso tempo na vida terrena foi curto, mas doce, oh, tão doce, o tempo em que estivemos juntos. Querida, vi a Margaret (a filha da Sr.ª Bowes) hoje. Vi-a a entrar. Fiquei assustada de lhe falar com receio de que se sobressaltasse, mas cheguei tão perto, quase que lhe poderia ter puxado o cabelo. Há bons tempos a chegar.

«Oh, minha querida, que maravilhosa rapariga tens. Não penses que estamos afastados do que há de bom na vida e da alegria da vida, porque encontrámos uma vida assim e tal felicidade e harmonia entre todos os amigos queridos com quem nos vamos reunindo. Juntar-nos-emos todos mais cedo ou mais tarde. Deus te abençoe e te guarde, querida — isto é do Jim e meu.»

Tudo isto foi compreendido pela Sr.ª Bowes, e então a voz de um homem disse:

«Sabe, Sr. Cameron, não sei se é o organizador da Reunião, mas terá de vigiar o que eles estão a fazer e ver que não se excedam e adormeçam.»

O Sr. Cameron respondeu: «Oh não, não sou o organizador da Reunião. Sou apenas um convidado, honrado por ter sido convidado, e estamos longe de adormecer, posso assegurá-lo.»

Recebeu como resposta:

«Não é a questão de adormecer, é a questão de ter de ir para casa. Pense no pobre Sr. Hart, a ir para Doubly Dykes, ou algo parecido, ou será "Sugaropolis"? (Greenock) Espero, Sr. Hart, que chegue a casa e se sinta tão doce, porque tenho outros deveres a cumprir. Não valho grande coisa, mas ainda assim chamam-me de vez em quando para dar uma ajuda, e estou bem disposto a trabalhar. Sempre fui guloso pelo trabalho — isto é, se me agradava.»

O Sr. Cameron perguntou: «E está satisfeito com o trabalho que faz aí desse lado?»

Com emoção, respondeu:

«Satisfeito, Sr. Cameron, não é palavra suficiente para o exprimir. O meu trabalho é para mim uma alegria indizível, a glória do serviço enche-me de uma felicidade que não consigo explicar. Deus esteja consigo até nos encontrarmos de novo, e que o Grande Espírito vos envolva e proteja a todos do mal. Boa noite e que Deus vos abençoe.»

O Sr. Sloan comentou: «Pergunto-me onde se terão metido todos os índios? Já há muito tempo que não aparecem.»

Uma voz respondeu:

«És incansável, meu irmão. Wayfarer tem estado muito, muito próximo de ti nos últimos meses, e eu tenho tido um tempo muito trabalhoso a cuidar de ti. Caminha com cuidado durante algum tempo, e tudo ficará bem.»

O Sr. Sloan respondeu: «Estou bem, Wayfarer, se não fossem as minhas pernas. Estão só um bocadinho trémulas para andar.»

Wayfarer respondeu:

«Esqueces-te de que já passou o tempo em que podias correr com a lebre e caçar com os cães. Sabes o que quero dizer, Sr. Cameron. Estas são as palavras certas, creio eu — "correr com a raposa e caçar com os cães". Eu próprio cheguei a esse tempo na minha viagem terrena, e todos vós chegareis ao tempo em que encontrareis as dificuldades da vida a aproximarem-se de vós, mesmo para andar e para falar — transmitir os vossos pensamentos da forma concisa como gostariam. Parece que perdem esses dons por algum tempo, mas todos eles são devolvidos deste lado da vida.

«Deus vos abençoe, e para a Sr.ª Duff tenho apenas uma palavra para si, minha Irmã. Deus a abençoe. Ninguém parece ter prestado a mínima atenção a si esta noite. Tenho estado a olhar para si com muita atenção, e tem sido uma torre de

força para aqueles em dificuldade, por isso penso ser meu dever dizer — Deus a abençoe e obrigado pelo trabalho que tem feito.»

A Sr.ª Colquhoun disse: «Não poderia ajudar o reumatismo dela, amigo?»

Wayfarer respondeu:

«Estava precisamente a chegar a isso. Já experimentou as aplicações quentes, não demasiado quentes, sabe, e depois aplicar uma ligadura apertada por algum tempo? Experimente durante uma ou duas noites e veja como consegue andar. Teve alguma queda?»

A Sr.ª Duff respondeu: «Sim, tive uma queda bastante má há algum tempo.»

Wayfarer perguntou:

«Tem a certeza de que não há ossos pequenos deslocados?»

A Sr.ª Duff respondeu: «Não, não creio. Dizem que não.»

Wayfarer disse:

«Bem, então ficará tudo bem. Se conseguir enfaixar bem apertado por algum tempo, verá que ajudará. Estou apenas a dar-lhe isto. Não sou enfermeiro diplomado como a senhora, mas tenho conhecimento destas coisas e vejo o que é necessário aí. É uma ligadura de reforço que é precisa. Acha que reconheceu os sintomas que estou a tentar descrever?»

A Sr.ª Duff disse: «Oh sim, amigo, compreendo perfeitamente. Muito obrigada.»

Ele concluiu:

«Espero ouvir que está melhor. Boa noite e que Deus a abençoe.»

A Sr.ª Sloan falou então ao Sr. Sloan, mas as suas observações sobre um assunto familiar, que eram corretas e compreendidas, foram omitidas a pedido, por serem demasiado pessoais para publicação.

A Sr.ª Sloan continuou:

«É um mundo tão pequeno quando pensamos nisso. Aqui estou eu do outro lado da vida, Sr. Hart, no novo mundo, e ainda assim consigo vir, apenas pelo pensamento, praticamente de forma instantânea, ver-vos como vos via nos velhos tempos em West Kilbride. Era a vós que recorria. Quantas vezes disse ao Daddy: "A reunião vai correr bem, aí vem o Sr. Hart", e algum dia direi ao Daddy: "Aqui vem a Mammy ao teu encontro, e estaremos todos juntos outra vez para sempre."»

O Sr. Sloan respondeu: «Faz com que seja o mais depressa possível, Mammy.»

A Sr.ª Sloan discordou:

«Oh não, Daddy querido, não por enquanto. Ainda tens trabalho a fazer. Deus te abençoe.»

Outra voz disse:

«Agora o dia já vai adiantado. Não estou a falar de cansaço de partir, mas pensámos apenas que talvez já tivessem tirado demasiado de vós, porque sabe que, enquanto está aqui sentado numa Reunião — não sei como lhe chama — em comunhão com as pessoas que amava na vida terrena e que foram promovidas para o nosso lado da vida, perde muita da substância da sua energia física. Por vezes conseguimos devolvê-la de novo, mas por vezes falhamos em fazê-lo. Não é pela nossa vontade, mas pela nossa incapacidade de completar aquilo que gostaríamos de completar, ao devolver-vos o que foi retirado. Nunca, contudo, será prejudicado de qualquer forma.»

O Sr. Sloan estava, porém, mais interessado no passado do que no presente. Não se mostrou interessado nesta declaração importante e vital, e prosseguiu a queixar-se: «As coisas já não são como eram nos velhos tempos. As Reuniões eram muito melhores, acontecia tanta coisa.»

O Sr. Cameron disse: «Bem, Senhor, não sei o que acontecia nos velhos tempos, mas não poderiam ser melhores do que o que está a acontecer agora.»

A Sr.ª Sloan disse então:

«Penso que devia reconsiderar essa afirmação, Daddy. Não creio que alguma vez tenha tido melhor do que o que tem tido recentemente. Não é assim, Sr.ª Bowes? Sei que tem tido tempos difíceis ultimamente, mas tudo ficará bem.»

O Sr. Sloan continuava muito sombrio: «O mundo acabou para mim quando partiste, Mammy.»

A Sr.ª Sloan respondeu:

«Mas eu não parti, Daddy.»

E o Sr. Sloan disse: «Não, tu não partiste. Não partiste, querida», e começou a chorar.

A Sr.ª Sloan tornou-se então severa:

«Agora olha, Daddy, se não te animares, sabes, não voltarei mais.»

O filho do Sr. Sloan na Etéria disse então:

«Fala o Dougal. Não me perdeste nada, Pai. Estou muitas vezes contigo e muito frequentemente ajudo-te. Porque não haveria de o fazer? Sou o Dougie.»

O Sr. Sloan respondeu: «Dougie, quando me despedi de ti nos Cais não pensei que fosse pela última vez.»

O filho respondeu:

«É melhor que não saibamos essas coisas, Pai, mas espera apenas até chegar o momento em que venhas para junto de nós. Percorreremos todas as cenas gloriosas do passado e caminharemos no novo país e na nova terra que Deus preparou para todos os Seus filhos. Sou o Dougal Sloan. Se andares segundo as leis de Deus, terás uma vida maravilhosa na terra da luz. Deus te abençoe. Obrigado, Pai, pois foste um bom Pai para mim. Sei que sentes falta da Mãe, mas ela está aqui, e ficará tudo bem. Encontrar-nos-emos todos outra vez mais tarde. Continua apenas a fazer o melhor que puderes. Ainda tens forças em ti por mais algum tempo.»

O Sr. Hardman falou então à Sr.ª Dearie:

«Queria manifestar-lhe o meu apreço, Sr.ª Dearie. O meu sincero agradecimento vai para si pela forma bonita como transcreve os meus pensamentos e sentimentos para a minha querida amiga nas Órcades. Que Deus a abençoe por isso. Farei o meu melhor para demonstrar o meu reconhecimento. Penso que tem alguém que lhe é muito querido, em quem os seus pensamentos se concentram grandemente. Tentarei ajudá-la também aí, tanto quanto puder, deste lado da vida. Fala-lhe John Hardman.

«Pela forma lúcida como retrata os meus pensamentos, agradeço-lhe muitíssimo, e pelo seu modo gentil de lidar comigo, a todos vós, um descrente cambaleante. Oh, como me hei de chamar, na verdade não sei. Não sei como dizê-lo, amigo Cameron, mas eu não acreditava numa vida para além da morte. Não acreditava, mas não conseguia afastar o pensamento de que pudesse haver algo. Muito rapidamente descobri que havia algo — e algo muito mais real do que alguma vez experienciei na minha vida terrena. É meu dever para com a minha amiga, a Sr.ª Dearie, expressar o meu profundo reconhecimento por retratar os meus pensamentos com tanta minúcia. Obrigado.»

A Sr.ª Dearie respondeu: «Muito obrigada, Sr. Hardman.»

O tio-avô da Sr.ª Colquhoun, David Johnston, e o seu avô, William, que é irmão de David, falaram então com ela. Desde que partiram, ela veio a conhecê-los tão bem que são para ela aquilo a que chama «amigos íntimos». Primeiro, David, às vezes conhecido por Davie, falou-lhe com voz clara e distinta:

«Olá, Crissie, fala o Davie Johnston. Estive a tentar dar-te uma marradinha no nariz com a trombeta, mas não consegui. Eu não te magoaria, Crissie. Estou feliz, tão feliz quanto poderias desejar que eu estivesse — e isso já diz muito — e agora, minha querida, querida Crissie, queria tanto que pudesses ver a tua Mãe — o Davie e a Sr.ª Colquhoun a irem dar um passeio. De que é que te ris? Temos paisagens muito mais belas do que as que alguma vez vês do teu lado da vida. São semelhantes, mas muito mais bonitas. As cores são magníficas, e não há decadência. Parece simplesmente desvanecer-se. Vês o crescimento desde a base, tal como na vida terrena, e quando atinge a plena maturidade, simplesmente desvanece.»

A Sr.ª Colquhoun perguntou a Davie Johnston: «Conseguem colher as flores?», e ele respondeu:

«Oh, certamente, podes decorar os teus lares, as tuas casas onde vives, com tudo o que quiseres e, se estiveres a passar por algum lugar e tiveres visto uma flor em particular, e pensares "Gostaria de ter essa flor no meu jardim", quando regressares a casa irás encontrá-la lá. O Supervisor Espiritual das várias plantas e flores trará a mesma planta para crescer no teu jardim, sem que te tenhas de incomodar com isso.»

O Sr. Cameron perguntou: «Onde é que colocam as flores quando decoram as vossas casas com elas?»

Recebeu a resposta:

«Colocamo-las num vaso, tal como na tua própria casa, e não precisas de te preocupar com partir os vasos, porque não os podes partir.»

O Sr. Cameron disse: «As flores não precisarão de água», e veio a resposta:

«Temos um líquido, mas não é exatamente água. Temos o equivalente de muitas coisas materiais aqui. Não seria uma verdadeira vida doméstica se não tivesses as mesmas coisas que tinhas na vida terrena. Vês as flores a crescer aqui, tão belas, e a desvanecer quando chegam à plena maturidade. Não há desperdício nem decadência.»

Agora falou o avô da Sr.ª Colquhoun, William:

«Sou o William.»

Depois, com ênfase:

«William Johnston. É William Johnston que fala para a Crissie Colquhoun. Olá, estive agora a falar com a tua Mãe e a dizer: "Oh, se a Crissie nos pudesse ver a todos sentados aqui neste lindo dia, neste relvado encantador, como ela haveria

de gostar de conviver connosco." Foi apenas uma reunião para comemorar — algo que o teu Avô gosta de recordar hoje, como lhe chamarias hoje. As nossas lembranças vão agora até ti, e a Mãe quer que eu tente projetar os meus pensamentos até ti para que possas aperceber-te e compreender o que está a acontecer.»

A Sr.ª Colquhoun percebeu perfeitamente o que se queria dizer, e o tio-avô voltou a falar, chamando-se desta vez David:

«Agora é o David a falar outra vez. Quero que entendas que a tua Mãe está "ótima". Desculpa a expressão, mas porque não hei de dizer "ótima"? E espero que tu também estejas. Olá, Sr. Hart, como está? Não o conheci na vida terrena, mas gosto de si porque traz sempre um sentimento de simpatia e amor às Reuniões quando vem. Há uma aura à sua volta e sentimos-nos impressionados por ela.»

A Sr.ª Sloan falou novamente e disse:

«Ele foi sempre o meu apoio, Daddy. Lembras-te de quando costumavas dizer: "Hoje é noite de Reunião e não sei como me vou safar", e eu dizia: 'Espera, Daddy, até chegar o Sr. Hart, e vai correr tudo bem'.»

(O Sr. Hart era um bom participante e fornecia mais do que a sua parte de ectoplasma.)

O Sr. Sloan respondeu: «Lembro-me bem, querida, eu era sempre um velho resmungão. Tenho de admitir. Costumava dizer: "Hoje é noite de Reunião, e eu não sirvo para nada — e ainda não sirvo para nada."»

A Sr.ª Sloan consolou-o:

«Estás bem, Daddy, desde que consigas manter a cabeça erguida enquanto estiveres na vida terrena, e caminhar pela estrada que Deus tencionou que percorresses. Serás recompensado por isso aqui. Deus te abençoe.»

A voz de um homem disse:

«Vou-me embora agora. Tenho outro compromisso. Vou até à linha fronteiriça entre a Holanda e a Alemanha para tentar ajudar aqueles que estão a chegar. Alguns deles não entendem de todo que já passaram. Na vossa vida terrena há

"Dias de júbilos e dores,

Dias de lágrimas e sorrisos,

Que se misturam de tal maneira

Nestes longos e cansados trilhos;

Oh, que a Luz da Sabedoria,

Que vem do alto,

Brilhe agora sobre todos os filhos de Deus

E lhes traga Luz e Amor."

«Receio, meus amigos, que tenha de ir agora. Fui o porteiro. Aparentemente não tenho dado muita atenção, mas tenho feito o melhor por vós. Sinto que devo dizer adeus, porque sou necessário noutro lugar. Boa noite, meus Irmãos e minhas Irmãs, e que a bênção de Deus repouse sobre vós. Aos que são menos afortunados do que vós, dai-lhes todos os vossos pensamentos e a vossa simpatia, e Deus vos recompensará por isso.

«Não sinto que esteja suficientemente apto para vos falar, Senhoras e Senhores, da forma como deveriam ser abordados. Foi uma alegria e um grande alento para mim hoje ter sido beneficiário das alegrias e dos prazeres que recebestes nesta pequena Reunião esta noite. Também eu fui elevado, e a minha alma foi retemperada e fortalecida no labor da obra que me espera, por ter estado hoje na vossa presença.

«Como alguém que percorreu o Plano Terreno muito antes do vosso tempo e que tem percorrido os planos e espaços durante muitos anos, conforme contais o tempo, tenho estado em contacto, vezes sem conta, com os vossos ambientes, mas nunca consegui articular ou falar convosco até hoje. Hoje sinto-me elevado e tenho alegria no pensamento de que obtive um contacto e oro para que o Grande Espírito de Amor me permita manter o contacto convosco, para vos fazer algum pequeno bem de quando em quando. Deus vos abençoe a todos.»

Perguntámos se poderíamos saber o seu nome, e ele respondeu:

«Nenhum de vós me conheceria. Sou demasiado antigo. Com isto quero dizer que, conforme o tempo é contado no Plano Terreno, há muito que deixei de lá caminhar. Não falava a vossa língua, nem conhecia o vosso país. Conheço a vossa língua agora porque fui incumbido de trabalhar nos vossos arredores e, recentemente, fui dirigido para este encontro para cuidar de vós. Fazei o melhor para viver a vossa vida terrena como estava destinado que a vivêsseis, e aguarda-vos uma alegria maravilhosa. Não há nada no universo de Deus que não seja utilizado. Ele é demasiado sábio para haver algo que não seja necessário. Há

utilidade para todas as coisas e um propósito para cada um dos que vêm à vida terrena.

«Manterei o contacto convosco e virei sempre que vir que posso ser-vos útil e ajudar um pouco. É sempre tão agradável e tão grato para mim oferecer-vos isso. Adeus. Isso mesmo, Sr. Cameron, exatamente o que estava a pensar. Anos e anos parecem-vos muito tempo, mas estais a chegar ao tempo em que anos e anos nada significarão. Apanhou o meu pensamento com bastante fluidez. Fico contente por ter conseguido seguir os meus pensamentos agora mesmo; simpatizo consigo e com a sua visão de ambos os lados da vida.

«Continuai, amigos, no vosso caminhar pela vida a ajudar os outros, e tudo vos correrá bem. Sabem, amigos, se o mundo pudesse perceber hoje que é Vontade de Deus que os homens se auxiliem uns aos outros ao longo do caminho, o mundo seguiria bem feliz sem guerras, tumultos e perturbações — mas ainda está longe disso. Sr.ª Bowes, conheço os seus amigos de muito atrás.»

A Sr.ª Bowes perguntou: «Conhece o meu Pai?»

Ele respondeu:

«Sim, perfeitamente. Converso muitas vezes com ele e faço belos passeios nos planos. Boa noite agora. Receio ter ocupado demasiado do vosso tempo. Deus vos abençoe a todos.»

Wallaho, um chefe índio, falou então:

«Boa noite a todos. Fala Wallaho. Antes de encerrarem, há aqui tantos de vós que me conheciam nos velhos tempos, e que eu conheço, e muitos de vós em quem tenho interesse, que passastes pela fornalha da aflição, a fornalha de provas e tristezas desde a última vez que nos encontrámos, e eu Oro para que Deus vos abençoe e vos dê coragem para continuar no bom caminho em que ides. Voltarei.

«Passei apenas um momento. Enviem as saudações de Wallaho aos meus amigos de longa data e à minha boa amiga, a Sr.ª Lang. Tenho estado sem contacto com ela há algum tempo. Parece que não a tenho encontrado recentemente. Sei que não tem estado bem fisicamente e que, por agora, não está em condições para estas Reuniões, mas Wallaho e todos os outros têm sempre um pensamento afetuoso por essa cara amiga, e pelo querido velho lar, e pelos muitos momentos felizes ali passados. Muitos, pela primeira vez, encontraram o portal para o outro lado da vida e a via correta de progresso lá.»

«Deus abençoe a minha irmã Lang e, à medida que a tarde do dia cai e as sombras se adensam, como acontece a todos com o passar do tempo, que o Espírito de toda a vida esteja muito próximo da amiga Lang e a ampare, a ajude e a fortaleça até certo ponto de utilidade ainda. Deus a abençoe e Deus vos abençoe a todos. Eu sou Wallaho.»

Outra voz disse à Sr.ª Colquhoun:

«Fala Robert Lang. Olá, Alex (para o Sr. Hart), sou o tio Bob. Gosto de o ver e de ouvir a sua voz, Alex. Penso que, em tempos, não acreditava muito nisto. Eu percebia esse sentimento, mas, minha nossa, sabe agora que é verdade. Foi uma bênção para mim e para a sua tia quando perdemos o nosso rapaz. Achei que o mundo tinha acabado quando ele partiu, mas agora estamos felizes e juntos.

Abençoo-o, Alex. Tenho uma mensagem de amor da sua Mãe. Encontrei-a há pouco tempo, a passear. Falarei consigo outra vez noutra ocasião. Tem de cuidar do seu tempo. Já não é tão ágil como era, sabe. Como está o meu amigo John Sloan? Sempre foi um resmungão, sabe.»

O Sr. Sloan respondeu: «Isso não é nada próprio de si, Sr. Lang. Sempre foi o melhor amigo que alguma vez tive.»

O Sr. Lang respondeu:

«E ainda sou.»

Outra voz disse:

«Agora, Sr. Hart, falo em nome dos viajantes de longa distância. Não quero que fiquem presos. Uma caminhada de trinta e cinco quilómetros é mais do que qualquer um de vós consegue enfrentar. Eu próprio o carregaria, Alex, antes de o deixar fazer isso. (A distância mencionada está correta)

Ó Tu que vives e reinas na vida dos homens, aproxima-Te agora do Teu povo. Eu sou um dos retardatários do outro lado da vida que vê o sofrimento e a dor que existem no mundo de hoje. Rogamos que, na Tua sabedoria, ponhas fim a todo o tumulto e conflito e que a paz volte a habitar a Terra.

Abençoa estas Tuas pessoas amadas e concede que sejam poupadas para difundir o conhecimento da verdade da continuidade da vida, e a Ti seja toda a glória agora e para sempre, Ámen; e ao nosso Pai Deus, que me permitiu participar na glória e no prazer da vida, nesta terra de espírito, percebendo que a vida terrena não acaba com tudo, dou-Te louvor, ó Eterno, Ámen.

Já não tenho necessidade das trombetas agora. Obrigado por as ter usado.»

Assim terminou uma Sessão notável. Quando o Sr. Cameron perguntou se as flores em Etérico, usadas para decorar as casas, precisavam de água, a resposta foi:

«Temos um líquido, mas não é exatamente água. Temos o equivalente de muitas coisas materiais aqui. Não seria uma verdadeira vida doméstica se não tivéssemos as mesmas coisas que tínhamos na vida terrena.»

Etérico parece ser tão semelhante ao nosso mundo em muitos aspetos, mas há uma diferença devido à frequência mais elevada das suas vibrações. Consequentemente, quando a minha cunhada em Etérico disse ao marido na Terra como era a sua água, contou que podia mergulhar as mãos nela mas que não ficavam molhadas. Repetiu isto através de outro médium, noutra ocasião, não se conhecendo os dois médiuns entre si. Assim, quando nos dizem que se banham como nós, acrescentam também que não ficam molhados como quando estavam na Terra, mas saem secos.

Outra coisa que devemos lembrar é a observação de que:

«Há uma utilidade para tudo e um propósito para cada um que vem à vida terrena.»

Quão reconfortante isto deve ser para muitos que acham este mundo tão duro e solitário e se perguntam frequentemente para que serve tudo isto. Ninguém cuida deles, ninguém os quer, mas agora é-nos dito que há um plano para tudo e para todos. Mais cedo ou mais tarde, o seu lugar no grande esquema eterno tornar-se-á claro para eles, e a sua confiança e autoestima voltarão.

Constantemente, ao longo destas Reuniões, é feita referência pelos Espíritos às auras dos participantes. Cada um de nós tem uma aura, que é uma radiação permanente em torno do corpo humano. Isto já era conhecido dos antigos, porque era vista pelos seus videntes, tal como é vista no nosso tempo. Quando estamos zangados, dizem-nos, torna-se vermelha; castanha quando somos gananciosos; cor-de-rosa quando afetuosos; púrpura ou azul quando religiosos ou devotos; verde quando falsos e ciumentos; a aura do intelectual é amarela.

O Dr. Walter Kilner, do Hospital de St. Thomas, em Londres, investigou bastante a aura humana e publicou The Human Atmosphere em 1911. Afirmou que podia ser vista a olho nu se uma solução de corante de alcatrão fosse colocada entre duas peças de vidro hermeticamente seladas. A sua afirmação foi justificada, mas poucos tiveram oportunidade de comprová-la porque o sujeito observado tinha de estar nu. Alegou ainda que essa radiação em torno do corpo físico

provinha do nosso corpo etérico duplicado, que irradiava as cores acima até cerca de trinta centímetros em redor do corpo humano.

As correntes magnéticas, a saúde boa ou má e as nossas emoções afetam a aura, que desaparece com a morte, não se vendo aura em torno de um corpo morto. Outros médicos publicaram as suas próprias conclusões sobre a aura e, no essencial, concordaram. Evidentemente está relacionada com o nosso corpo etérico, que irradia numa frequência harmoniosa às suas vibrações etéricas. Consequentemente, os Espíritos conseguem observar estas radiações de uma forma que nós não conseguimos na Terra e, assim, diagnosticar e tentar curar a parte que a cor mostra estar doente. Mas, no capítulo seguinte, dizem-nos mais sobre o que veem.

CAPÍTULO XVII

REUNIÃO NA CASA DA SR.ª COLQUHOUN

POLLOKSHIELDS, GLASGOW

12 de dezembro de 1944

Presentes: SR.ª CRISSIE COLQUHOUN, SR. JOHN SLOAN, SR.ª LILLIAS BOWES, SR.ª SAM SLOAN (ISA), SR. DONALD CAMERON, SR.ª ANNIE CRICHTON, SR.ª MCDONALD, SR.ª JEAN DEARIE

Abrimos a Sessão com o hino habitual Mais perto, meu Deus, de Ti e, depois, recitámos o Pai Nosso.

Pouco depois, uma voz do outro lado disse:

«Boa noite. Receio que não possamos prometer muito esta noite. As condições não estão muito boas lá fora.»

Um de nós perguntou se se referia às condições causadas pela guerra e recebeu a resposta:

«Exatamente; são as condições gerais por todo o lado.»

Logo a seguir, falou a Sr.ª Sloan:

«Deus o abençoe, papá. Deus te abençoe, Isa querida, e a todos. O meu querido velhote perdeu hoje o caminho.»

O Sr. Sloan respondeu: «Precisei de ti para me guiar, querida.»

A Sr.ª Sloan disse: «Ajudei-te, papá. A Isa não conhecia muito bem o caminho. Boa noite, Sr. Cameron, és o meu nunca-me-falhes, e a minha querida, querida Sr.ª Bowes.»

A Sr.ª Bowes respondeu: «Deus a abençoe, mamã querida», e a Sr.ª Sloan disse:

«A Isa devia apontar o número da próxima vez, e não será tão tola como o papá. Mas não podes evitar, papá querido, a tua memória já não é tão boa como era. Vejo isso.»

O Sr. Cameron comentou: «A mamã deve estar a observar o que faz, Sr. Sloan, e a conseguir vê-lo. Compreendo que, às vezes, conseguem vê-lo, mas não sempre.»

A Sr.ª Sloan respondeu:

«O nosso alcance de visão é muito poderoso por vezes. Às vezes recebemos uma vibração dos que estão à nossa volta.»

O Sr. Cameron perguntou: «Quer dizer dos que avançaram mais do que vós?»

A Sr.ª Sloan respondeu: «Sim, e os amigos anjos nunca se enganam.»

A Sr.ª McDonald estava a sentir toques da trombeta e uma voz masculina disse:

«Como está, Sr.ª McDonald? O Doutor acaba de prescrever os ingredientes corretos que eu queria que ele prescrevesse.»

A Sr.ª McDonald respondeu: «Obrigada, amigo. Sim, acabei de mandar preparar uma receita antiga do meu médico anterior. Oh, vejo algo como nuvens de material luminoso, quase como cortinas a serem levantadas, uma a uma.» Isto era provavelmente ectoplasma.

A voz respondeu:

«Sim, está a ver as coisas como eu as vejo, sombras e cores. Aconselhei-a a mandar preparar esse frasco.»

A Sr.ª McDonald perguntou se podia saber quem falava e recebeu a resposta:

«Ora, sabe tudo sobre mim.»

A Sr.ª McDonald perguntou: «É o Dr. Cameron?»

Ele respondeu:

«Claro que é o Cameron. A pequena senhora que ama era uma querida amiga minha — a sua Mãe.»

O Sr. Donald Cameron, na Terra, perguntou há quanto tempo o Dr. Cameron tinha falecido e outra voz respondeu:

«Cinco anos e três meses, penso eu. Não, eu não sou o doutor.»

A trombeta tocou no Sr. Cameron e a voz disse:

«Deus o abençoe, senhor. Está um bocadinho ralo em cima.»

O Sr. Sloan perguntou o que queria isso dizer e, quando lhe disseram que se referia ao cabelo do Sr. Cameron, comentou: «Não devia ter dito isso, amigo, foi indelicado.»

A voz respondeu:

«Oh, bem, o seu é uma selva de qualquer maneira. Sem ofensa. Gosto de o fazer rir. Há miséria suficiente no vosso mundo hoje, Sr. Cameron, sem precisarmos de acrescentar mais. Vamos todos enviar uma vibração de felicidade para reconfortar os que sofrem. Sabem, estas ondas de pensamento podem, e de facto conseguem, afetá-los. Não há dúvida disso.»

A trombeta tocou de novo na Sr.ª McDonald, e uma voz feminina disse:

«Os meus pensamentos confortam-te, querida, quando não te apercebes disso. É a Mãe que fala. Acaricio-te a cabeça, minha querida, minha menina. Os meus dedos passam da tua testa por toda a tua cabeça à noite. Não estavas a dormir bem durante uma ou duas noites, e tentei adormecer-te. As mães nunca esquecem.»

A Sr.ª McDonald respondeu: «Não, Mãe, sempre foste um encanto», e a Mãe replicou:

«E tu foste sempre um encanto para mim.»

Depois conversámos entre nós sobre como o Sr. W. T. Stead tinha vindo à última Sessão, e alguém comentou que teria sido bom se a Sr.ª Dearie estivesse presente em pessoa para registar o que foi dito.

Uma voz masculina disse:

«Terei de vir em pessoa para que a Sr.ª Dearie me registe corretamente (presumivelmente o Sr. Stead). Sim, teria de voltar à minha prisão.»

Dissemos que não entendíamos o que queria dizer com isso, e o Sr. Stead respondeu:

«Existem muitas vibrações diferentes quando alguém se aproxima do Plano Terrestre. Penso que todos compreenderão o que quero dizer com isso. Ouvem

alguém falar e fazer uma afirmação, e outra pessoa ao vosso lado também ouve a mesma afirmação, mas raramente é interpretada da mesma forma.»

Evidentemente, as suas vibrações entraram em desarmonia com a nossa atmosfera, pois a trombeta tocou na Sr.ª Bowes, e a Sr.ª Sloan disse:

«Pensei que fosse a Isa.»

A Sr.ª Bowes respondeu: «Vem só um pouco mais para a esquerda, mamã querida, e apanharás a Isa.»

A trombeta tocou então na Sr.ª Sam Sloan, e a Mamã disse:

«Não te preocupes, Isa, com o doutor. Eu irei contigo.»

Uma voz masculina falou então:

«É o Tommy a falar.» (Irmão da Sr.ª Sam Sloan.)

A Sr.ª Sam Sloan disse: «Deus o abençoe, Tommy querido. Dá o meu amor ao Pai.»

Outra voz interrompeu:

«O teu velho Pai nunca anda muito longe, Isa. Vais conseguir, Isa, não te preocupes. Tenho a certeza de que receberás bom alento. Deus vos abençoe, amigos. Gostava muito das minhas meninas, mas penso que a Isa estava entrelaçada no meu coração mais do que as outras. Bem, o vosso mundo está num estado bem estranho neste momento, Senhoras e Senhores, e é muito doloroso para os nossos corações discernir algumas das coisas que vemos, mas temos de tentar ajudá-los tanto quanto pudermos. As coisas estão a melhorar. Vejo isso. Estão a melhorar. Mas ainda há muito a fazer.»

Um de nós perguntou: «Não estará já próximo o dia em que ficaremos livres das hostilidades?»

Ele respondeu:

«Não posso dizer. Longe de mim, amigos, fazer uma afirmação definitiva sobre isso e garantir que está correta. Posso ter, às vezes, um campo de visão um pouco mais amplo do que vós, mas podeis ter maior conhecimento ou uma visão mais luminosa do que eu. Mas receio estar a ocupar demasiado do vosso tempo.»

O Sr. Cameron disse: «De modo nenhum, senhor, adoro ouvir a sua voz», e recebeu a resposta:

«É muito lisonjeiro comigo, senhor.»

A Sr.ª Sloan falou:

«Também gostamos de ouvir o tom das vozes que amávamos.»

A Sr.ª Bowes perguntou: «Mamã, ouvem realmente o tom das nossas vozes como se lembram delas?»

A Sr.ª Sloan respondeu:

«Nem sempre, mas às vezes apanhamos os tons, e vejo o belo espírito de amor, o espírito envolvente dos pensamentos que recebemos de vós, e o amor que recebemos de vós. Vejo-os a formar-se diante de vós agora, e Deus a abençoe, Crissie, minha querida (Sr.ª Colquhoun). Tenho-a amado há muito, muito tempo. Espero talvez conseguir fazer algo em reconhecimento de todos os pensamentos tão belos, tão belos e amorosos e das bondades para com o meu querido velhote. Estive muito perto de si, Crissie, ontem à noite. Estava a olhar para a chaminé, na altura, para o retrato da sua Mãe, e eu disse: "Estou aqui, Crissie. Boa noite", mas não me ouviu.»

A Sr.ª Colquhoun disse: «Sim, estava precisamente a pensar se estaria com ela no meu estado de sono e a desejar poder trazer comigo alguma recordação disso.»

A Sr.ª Sloan respondeu:

«Penso que talvez possa explicar um pouco, Crissie. Muitas vezes, afastas-te no teu estado de sono e, ao regressares, sabes que encontraste muitas pessoas do outro lado, mas não consegues reter essas memórias ou colocá-las na ordem correta. Isso será mais fácil com o tempo. Não há muitas noites tiveste um sonho muito vívido com aqueles que amas.»

Mas a Sr.ª Colquhoun não teve oportunidade de responder, pois outra voz disse à Sr.ª Bowes:

«E o mesmo para ti, minha querida. Estava mesmo à tua cabeceira. Sou o Willie (Sr. Bowes). Estive lá pouco antes de vires ter connosco.» (Durante o sono.)

A Sr.ª Bowes respondeu: «Estava precisamente a desejar poder dizer-te "bom dia", querido, em vez de "boa noite", e a desejar que nos encontrássemos.»

O marido respondeu:

«Não precisas de desejar, querida; vamos encontrar-nos. Encontram-nos muitas vezes no vosso sono. Tenho a certeza de que todos sabem isso. Muitas vezes trazem recordações, mas ficam tão baralhadas ao acordar que não conseguem juntá-las.»

O Sr. Sloan comentou que muitas vezes tinha recordações muito vivas do que acontecera no seu sono, mas não conseguia formar um quadro completo porque tudo parecia confuso.

Outra voz disse à Sr.ª Colquhoun:

«Tens, por vezes, um sonho muito vívido, mas não consegues juntá-lo.»

A Sr.ª Colquhoun respondeu: «Sim, sei a qual se refere», e a voz respondeu:

«Ajudar-te-ei numa dessas noites e torná-lo-ei tão vívido que me verás.»

A Sr.ª Colquhoun disse: «Quem fala? Pode dizer-me quem é?»

A voz respondeu:

«Não sou alguém que alguma vez tenhas conhecido na vida terrena, mas estou sempre muito perto de ti, porque sou muito atraído por ti por causa do teu querido Pai.»

A Sr.ª Colquhoun respondeu: «Obrigada, querido amigo.»

Ouvimos então várias vozes etéricas a conversar entre si, e uma voz disse:

«Vem cá, Bob.»

A Sr.ª Bowes recebeu toques da trombeta e disse: «É alguém que conheço? Esse Bob é para mim?»

Recebeu a resposta:

«Estás a aquecer agora. Dá mais um passinho e vais apanhar. É do lado da tua Mãe.»

A Sr.ª Bowes respondeu: «Do lado da minha Mãe. Oh, está a dificultar-me mais agora.»

Ele respondeu:

«Não é difícil para nós cuidarmos de ti, minha querida. Conheço-te há muito, muito tempo. Estou antes do Pai da tua Mãe. Encontrar-nos-emos deste meu lado, na plenitude e beleza da compreensão, onde sabemos e somos conhecidos. Estamos apenas a tentar desfazer a teia emaranhada, aliviando o teu coração e esforçando-nos por manter-te bem. Estou um pouco sem palavras para expressar o que quero dizer. Sempre foste muito encantadora. Espero que me perdoes.

Foste uma senhora tão generosa, tão bondosa, que muitos de nós queremos ajudar-te. Terás muitas belas surpresas quando vieres para cá, e uma delas será

quando encontrares a tua Mãe. Foi a melhor senhora que alguma vez conheci na vida terrena. Sabes que o Jim tinha um lugar especial no seu coração. Sabes o que quero dizer com isto. Não quero com isso inferir, Senhoras e Senhores, que esse rapaz em particular fosse mais querido para a sua Mãe do que os outros. Compreendem o que quero dizer, mas havia algo de semelhante ao coração da Mãe que estava mais nele do que nos outros.»

Uma voz chamou:

«Henry, Henry.»

O Sr. Sloan disse: «É para alguém aqui? Não conheço nenhum Henry que venha cá.»

A voz respondeu:

«Mas a tua memória não é lá muito boa, de qualquer maneira.»

O Sr. Sloan concordou: «Não está nada boa agora, amigo.»

O Sr. Cameron comentou: «As suas memórias serão uma alegria para si, senhor, quando passar para o outro lado.»

Uma voz feminina disse:

«Sim, obrigada, Sr. Cameron. Será uma bela recordação que terá quando vier para o outro lado, saber que trouxe esperança e alegria aos corações de muitos. É só a Mamã.»

O Sr. Sloan disse: «Sinto muito a tua falta, Mamã, desde que me deixaste. Foi em 1940 que a Mamã morreu.»

A Mamã respondeu:

«A Mamã nunca morreu. Está viva.»

O Sr. Sloan disse: «Eu sei disso, querida, mas mesmo assim sinto muito a tua falta.»

A trombeta tocou na Sr.ª Crichton e uma voz disse:

«Isso que tens ao peito é uma lembrança, querida, esse pendente que estás a usar? Pensei que sim. Vi um dedo sobre ele.

Alguém que muito te ama está a afagar-te a cabeça.»

A Sr.ª Crichton perguntou: «É o Pai?» A voz respondeu:

«É outro — não o Pai — alguém que te conheceu nos dias felizes que já lá vão.»

A Sr.ª Crichton perguntou: «Quem é?», e a voz respondeu:

«Ora, tu conhecias-me bem.»

A Sr.ª Crichton perguntou: «É o Willie?»

A voz respondeu:

«Quem te deu o medalhão está a pensar em ti hoje. Ele está, por vezes, muito perto de ti.»

Depois, falando para alguém do seu lado, chamou:

«Olá, Willie. Willie. Vai até ela.»

Não se disse mais nada nessa altura, por isso cantámos Conta as tuas bênçãos. Logo a seguir, a Sr.ª Sam Sloan sentiu dedos no braço, e uma mão massageou-lhe o braço desde o pulso até ao ombro. Enquanto isso acontecia, a Sr.ª Bowes sentiu mãos materializadas na cabeça e nas faces e, do outro lado da sala, a Sr.ª Colquhoun sentiu mãos na cabeça. Pouco depois, uma mão passou pela face da Sr.ª Dearie, da face inteira até à bochecha. Isto acontecia ao mesmo tempo que as outras mãos ainda trabalhavam na Sr.ª Sam Sloan e na Sr.ª Bowes, no lado oposto da sala. Assim, quatro participantes estavam a ser tocados por mãos materializadas ao mesmo tempo.

Uma voz disse então a Isa, Sr.ª Sam Sloan:

«Vais ficar bem. Vamos dar-te um bom relatório. Por favor, não te entusiasmes agora, mantém a calma. É difícil para uma rapariga manter a calma, sabes.»

A Sr.ª Sam Sloan disse: «Tens dedos muito macios», e a voz respondeu:

«Tem fé e tudo ficará bem.»

A trombeta bateu então quatro vezes na cabeça do Sr. Sloan. Rimo-nos e dissemos: «Oh, tenha cuidado!»

O Sr. Sloan disse: «Oh, não me magoou nada. Limitou-se a bater na cabeça.»

A voz disse:

«Oh, nós sabemos que é dura.»

A trombeta deu depois uma pancada na cabeça da Sr.ª Dearie, mas não a magoou, e uma voz disse:

«Peço desculpa, peço desculpa. Perdão.»

A Sr.ª Dearie respondeu: «Está tudo bem. Não me magoou.»

Depois ouvimos os nomes «Jim» e «Bob» chamados, e a trombeta tocou na Sr.ª Crichton. Ela disse: «Bob quem? É para mim?»

A voz respondeu:

«Claro que é para ti. Bob quem? Bob quem? Como se não soubesses.»

A Sr.ª Crichton sugeriu quem poderia ser, e recebeu a resposta:

«Oh, estás toda a sonhar acordada agora, de uma ponta à outra. Sr. Cameron, há aqui um Nichol Cameron. Não me parece que seja para si, mas recebo o nome Nichol Cameron. As vossas mentes estão tão ocupadas com outras coisas, que é difícil manter o contacto convosco todos, e há tantos retardatários junto do vosso mundo agora, que se esforçam desesperadamente por entrar em contacto com qualquer canal através do qual possam comunicar com aqueles que amam, para lhes dizer que não estão mortos.

Querem dizer àqueles que deixaram para trás que estão vivos e não mortos, a viver uma vida mais livre e mais plena, livres dos grilhões do corpo terreno, a viver num ar mais puro, numa atmosfera mais pura e em ambientes mais puros. Estamos a fazer o nosso melhor para trazer convosco um elemento dessa pureza, para fortalecer as vossas almas na luta da vida, na luta que ainda vos está pela frente.»

Durante um intervalo de silêncio, o Sr. Cameron falou do relato da última Sessão feito pela Sr.ª Dearie com o Sr. Sloan, dizendo quanto tinha gostado de o ler, e que estava cheio de mensagens úteis como as que tinham acabado de ser dadas.

Então o orador anterior continuou:

«Quem lho leu, pergunto-me?» (Evidentemente não se apercebia de que depois tinha sido dactilografado a partir da estenografia.)

O Sr. Cameron respondeu: «Fui eu próprio que o li. Foi falado por vós que aqui vindes, e a Sr.ª Dearie escreveu-o.»

O orador continuou:

«Foi muito bom. Fico muito contente. É uma grande satisfação para nós sabermos que os pequenos pensamentos, que conseguimos transmitir do nosso conhecimento da vida aqui, vos são agradáveis, Sr. Cameron. Muito obrigado. Descobrirá, quando vier para o meu lado, que havia tanto que podia ter feito na vida terrena se apenas tivesse aberto o coração. Não falo para si pessoalmente,

sabe, de modo nenhum. Estou apenas a dar voz aos pensamentos que estão na minha alma pela minha própria experiência.

Nós aspiramos ao melhor, sabe, a maioria de nós, e se apenas deixar que a luz, o conhecimento da verdade do Grande, penetre na sua alma e transmitir esse conhecimento a outros menos afortunados do que si, sentiremos que cumprimos algo ao serviço do Mestre. Não sou muito bom a falar, amigo Cameron. O senhor é muito mais eloquente e muito mais capaz de discutir as coisas do que eu. Adquiriu esse conhecimento enquanto ainda está no corpo, enquanto eu só recolhi o pouco conhecimento que tenho deste lado da vida. O senhor tem uma capacidade recetiva que Deus lhe deu, e aquilo que recebe pode reter e transmitir a outros. É isso que eu aprecio em si.»

Um índio americano, chamado Estrela da Tarde, falou então com precisão e clareza, mantendo o fluxo da conversa sem hesitação. Este foi o início de uma notável contribuição para a conversa geral, feita por vários Espíritos, uns a seguir aos outros.

«Significa algo na vida, sabe, e significará algo na vida do meu lado quando vier cá, saber que foi o destinatário de mensagens que lhe foram dadas de tempos a tempos, que transmitiu depois a outros e que os ajudarão ao longo do caminho da vida. Há muitos amigos no Plano Terreno que não tiveram as oportunidades que o senhor e alguns dos presentes podem ter tido para obter conhecimento desta verdade, e as suas experiências serão uma bênção para outros.

Deus o abençoe e o proteja agora, nesta altura. Penso que sabe ao que me refiro. Claro que, pequena senhora (para a Sr.ª Colquhoun), há coisas que não lhe contaria diante de outros, e há coisas que pertencem só ao Sr. Cameron, tal como há coisas que pertencem a si — compreende. É destinado ao recôndito espiritual da sua própria alma, para o ajudar a prosseguir rumo à meta da grande vocação, que está para além do vale e da sombra das lágrimas.

É um dos Índios que fala, e alguém que aprendeu um pouco através do contacto com os Mais Elevados, e que tenta humildemente transmitir-vos, queridos Irmãos e Irmãs, um pouco do conhecimento e da luz que recebi dos Luminosos nesta terra feliz. Nunca deixe, Sr. Cameron, de dizer uma boa palavra onde quer que vá. Tem esse dom de repreender devidamente qualquer um que fale depreciativamente desta grande verdade. Continue nesse trabalho, meu Irmão, que o aproximará do coração do grande "Eu Sou". Prossiga sempre para cima e em frente, fazendo a Vontade do Mestre. Deus vos abençoe, amigos. Agora não vos detenho mais.»

O Sr. Cameron respondeu: «Não nos está a deter, amigo. Ficamos deliciados por ouvi-lo falar.»

Depois conversámos entre nós sobre o corpo etérico e como o possuímos ainda durante a vida física.

Uma nova voz disse:

«Estais a dar espaço a um edifício de natureza mais refinada.»

A Sr.ª Colquhoun comentou: «Gostaria que as Igrejas proclamassem a verdade como nós a conhecemos, e como muitos ministros devem conhecê-la, mas não a ensinam dos seus púlpitos.»

Estrela da Tarde voltou e disse:

«Veja, minha querida, minha querida Sr.ª Colquhoun, eles estão tão presos às suas próprias denominações e à tradição da Igreja. Estão realmente em cativeiro. Não lhes é permitido ensinar esta verdade, embora a possam reconhecer no íntimo das suas almas. Só, por vezes, quando passam para este lado da vida e entram em contacto com o lado espiritual da vida é que despertam e conseguem fazer algo que ajude os outros.»

O Sr. Cameron observou: «Só então poderão progredir.»

Estrela da Tarde continuou e disse:

«Isso é muito verdade, Sr. Cameron. Não é apenas no nosso próprio progresso, do lado espiritual da vida, que devemos pensar, mas entramos em contacto com muitos que não chegaram tão longe quanto nós e tentamos ajudá-los. Depois, por sua vez, entramos em contacto com aqueles que estão muito à nossa frente na estrada da vida, e o conhecimento que obtemos devemos-lho a eles.»

Outro Espírito interrompeu então e disse:

«Podias dizer-lhes que é o Jimmie Armstrong.»

Estrela da Tarde falou agora com o Jimmie, do seu lado:

«Bem, Jimmie, vou tomar conta de ti agora. Outro dia trago-te de volta. Nunca quebro uma promessa feita e trar-te-ei outra noite. Nunca quebro uma promessa. Ainda não consegues falar.»

Voltando-se para o Sr. Cameron, disse o seguinte com clareza e distinção:

«Sr. Cameron, penso que, por vezes, se o senhor pudesse apenas deitar um olhar para além do véu, neste momento, e ver o caos entre os dois mundos, isso fá-lo-ia refletir, e o grande impulso de todos estes rapazes que estão a ser atirados para aqui neste momento é encontrar alguém, alguma forma, de dizer aos seus amigos que não estão mortos. É um mundo muito real, amigos, um mundo muito real, e não aquilo que me levaram a esperar, um céu onde só havia cânticos e orações. É um mundo vivo neste momento, e eu trabalho arduamente nele.»

O Sr. Cameron respondeu: «Diz que é um mundo muito real e um mundo vivo. Poderia dizer-nos algo em forma de quadro? Sabemos que é um mundo real e que têm árvores e colinas, mares, lagos e aves, etc. Poderia acrescentar algo a esse quadro?»

Estrela da Tarde não se deixou desviar com perguntas e prosseguiu. Evidentemente tinha preparado as suas observações de antemão e queria completar o que decidira dizer.

«Estou a falar do caos e da confusão das milhares de almas que passam para o lado espiritual da vida, atiradas antes do tempo. Percebe o que quero dizer. Só poucos conseguem entrar em contacto com eles, e são poucos, em comparação com o número dos que chegam aqui, os que se encontram para se dedicarem a este trabalho. É tão antinatural para nós, e para mim pessoalmente. Considero uma tragédia este matar, matar, matar, introduzindo na margem eterna da vida milhares de pessoas que não estão preparadas para a viagem, e cabe a humildes servos, como eu, tentar indicar o caminho. Há um ponto belo nisto, agora, se é que pode haver um ponto belo, e é o pensamento de que eles rapidamente se apercebem de que já não estão no corpo, e de que passaram para este lado.»

O Sr. Cameron observou: «Mas percebo que nem sempre se apercebem disso depressa, meu amigo.»

Estrela da Tarde respondeu:

«Falo daqueles que encontro dia a dia, quando descobrem que aquilo a que chamavam "morte" é apenas a porta de entrada para a vida real, que a passagem do corpo significa a entrada numa vida mais plena, com a esperança e a certeza de uma elevação gradual para uma vida e uma condição mais nobres. Mesmo o pouco que sabem é como uma alavanca a tentar levantar uma grande pedra. Permite-lhes começar, aliviando o fardo, para que possam ganhar vontade de subir mais alto. Agora que transpassaram a barreira, apercebem-se rapidamente de que entraram numa vida mais plena, mais nobre e mais elevada, e de que têm a oportunidade de progredir, sem mais nada a temer.»

O Sr. Cameron comentou: «Mas nem todos chegam a esse estágio logo de início», ao que recebemos a resposta:

«Depende muito da condição da sua vida antes de virem para este lado, e da sua inclinação para aspirar à vida superior. Se não tiveram esse desejo na vida terrena, não avançarão tão depressa, mas receio estar a detê-los por demasiado tempo.»

O Sr. Cameron disse: «Não é o caso, ficamos encantados por ouvi-lo. Ajuda-nos.» Estrela da Tarde continuou:

«Terei todo o gosto em ajudar-vos a qualquer momento, a qualquer um de vós e, se não puder responder às perguntas, posso levá-las a alguém que as possa ilustrar e responder por vós, na medida em que esteja de acordo com a Vontade Divina. Não tenho relação com nenhum de vós em qualquer ligação terrena, mas sois meus irmãos e irmãs, e estou decidido a ajudar-vos de todas as formas que puder. Talvez eu não saiba muito, mas coligi um pouco de conhecimento sobre o tema do progresso eterno da alma humana rumo ao Eterno. Compreende o que quero dizer.

Talvez esteja um pouco mais adiantado do que alguns de vós, mas tenho ainda um longo, longo caminho a percorrer, e espero ser capaz de fazer algo para vos ajudar nessa bela jornada, na estrada que conduz para cima e para diante, para o Grande e Eterno. É um dos Índios que fala. Eu sou Estrela da Tarde.»

O Sr. Sloan comentou: «Costumávamos ter imensos Índios por aqui, mas agora não parece haver muitos.»

Outra voz disse:

«Eu sou Healing Star, mas penso que nenhum de vós está a sofrer.»

Outro Espírito disse a Healing Star:

«Estás enganado. Há aqui alguém a sofrer. Na verdade, há um ou dois presentes que não estão com saúde perfeita. Gosto de ver todas as pessoas em perfeita e robusta saúde. Nós vemo-lo mais do nosso lado.»

O Sr. Cameron disse: «Gostaria de lhe perguntar algo acerca disso.»

Healing Star respondeu:

«Pergunte-me o que quiser. Não estou suficientemente avançado para lhe dizer muita coisa, mas farei o meu melhor.»

O Sr. Cameron disse: «Vê espíritos em vários graus de perfeição? Quero dizer nos seus corpos espirituais? Alguma vez vê corpos, no seu mundo, que estejam subdesenvolvidos?»

Healing Star respondeu com voz clara e distinta:

«Não subdesenvolvidos. O estágio de desenvolvimento vê-se pela luz ou pelo brilho, pelas gradações de luz. Vemo-los em diferentes estágios de avanço e falamos com eles. Há muitos belos viajantes que conversam connosco por vezes, e recebemos grande esclarecimento deles.

O corpo espiritual (corpo etérico) tem a mesma formação que o corpo material, e não há ninguém que não tenha um corpo espiritual perfeito. Nunca vi ninguém doente ou a sofrer de forma alguma. Aqueles que pouco desenvolveram na vida terrena têm apenas de subir gradualmente, e os que não tiveram qualquer desenvolvimento espiritual são geralmente levados a esferas onde podem ser assistidos da forma de que mais necessitam.»

O Sr. Cameron comentou: «Isso é evolução espiritual.»

Healing Star respondeu:

«Precisamente, evolução; essa é a palavra correta. Nem todos estão no mesmo estágio de avanço. É assim que acontece o tempo todo. Estamos a evoluir de um estado de existência espiritual para outro e tornamo-nos mais perfeitos, e assim mais capazes de ajudar os que estão abaixo de nós. No momento, trabalho entre aqueles que estão a passar pela guerra. Muitas vezes convivo com eles, e digo-lhes, oriento-os, para onde devem ir. O plano em que vivo é um pouco mais belo do que o deles. Quero dizer, eu deveria estar num plano mais exaltado, mas escolhi fazer esse trabalho e ficar com eles, por agora.»

O Sr. Cameron perguntou: «Pode levar almas menos desenvolvidas do que a sua para o seu plano?»

Outra voz, masculina, respondeu, clara e distintamente e sem hesitação:

«Nós não os podemos levar, mas dizemos-lhes o que os espera, e que, quando se tornarem mais esclarecidos, poderão ir para lá. Não é o Índio que fala agora, mas não estou a falar depreciativamente de forma alguma. Muitos Índios são mais avançados e têm almas mais luminosas do que eu. Somos todos irmãos e irmãs, e todos temos um tempo a que se poderia chamar estrela da tarde — esse tempo da derradeira despedida do Plano Terrestre, e dizemos adeus a todas as coisas terrenas, por assim dizer.

Fica-se um pouco à deriva por algum tempo até se encontrar o rumo, ou, devo dizer, até que alguns dos belos seres luminosos o encontrem, indiquem o caminho e lhe digam para onde deve ir. Todos tendes de trabalhar o vosso próprio destino. Não há dúvida, trabalhai o vosso próprio Céu, e descansai seguros de que o Grande Pai verá o vosso labor e vos recompensará por ele.

É isso que acontece, como descobrireis quando vierdes para o meu lado da vida. Ainda tendes de procurar mais conhecimento. Não seria um mundo real deste lado se não houvesse progresso e sempre mais progresso, e os que foram um pouco adiante, à frente, podem sempre ajudar os retardatários a subir à medida que avançam. Nem todos estão aptos a começar num nível elevado, precisam de uma mão amiga, e essas mãos amigas nunca estão longe.

Encontram-se todas as classes e condições de amigos deste outro lado da vida, e todos, sem exceção, precisam de uma mão que ajude. Não se pode transformar uma alma imediatamente do grau inferior que deixou para um grau celestial. É um progresso espiritual gradual, e estão sempre a obter novo conhecimento e nova esperança daqueles que estão um pouco mais adiantados do que eles e que estão sempre muito dispostos a ajudar um irmão mais fraco a subir para a luz mais brilhante e mais resplandecente.

Se tiverdes vontade de viajar pelas esferas ao serviço de Deus, do lado espiritual da vida, encontrareis ampla oportunidade, se estiverdes dispostos a trabalhar para o Mestre, mas tereis de cumprir as suas leis e as condições de vida que existem do lado espiritual. Não podeis dar um salto em frente, por assim dizer, do lado da vida em que estais agora diretamente para as esferas celestiais do lado espiritual da vida. É o Trabalho, o Serviço e o Amor que trarão alegria, harmonia e paz às vossas almas mais íntimas e, naturalmente, tereis sempre o saber de que estais a ajudar alguém que sabeis não ter ainda chegado ao estágio a que chegastes, e estendereis uma mão para o ajudar a erguer-se, e os que estão no plano superior acima de vós estenderão imediatamente as suas mãos para vos ajudar a dar mais um passo.»

«Progresso o tempo todo, até que, no bom tempo de Deus, alcances a plenitude de uma alma purificada, capaz de trabalhar em harmonia com o Grande Espírito de Toda a Vida. O progresso continuará até que o tema completo e a realização da Vontade do Mestre se cumpram, e tu possas conviver com aqueles Luminosos, em condição glorificada, a quem esperas juntar-te um dia.»

O Sr. Cameron perguntou: «Refere-se a Jesus?», e recebeu a resposta:

«Oh, ele é o Grande Mestre, sabe. A influência de Jesus, sabemos, está incorporada em muitos que trabalham do lado espiritual da vida. Não muitos,

como sabe, foram chamados "Jesus de Nazaré", mas houve muitos Cristos, e haverá muitos mais Cristos enquanto existirem muitos mundos. Há um estágio em que alguns de nós já não podemos saber mais. Há um mundo dentro de outro mundo, mas não progredimos até esse conhecimento, nem o faremos, até termos avançado para um estágio muito acima do nosso conhecimento presente.»

O Sr. Cameron perguntou: «Tem mais conhecimento de Deus do que nós temos?»

A voz disse:

«O Reino de Deus, essa consciência interior que emana do espírito do Grande Eterno, está dentro de vós, e está em todos vós elevá-la a uma compreensão que vos ajudará e ajudará outros. Deus vos abençoe, vos guarde e vos ajude a compreender. Tenho de ir agora, mas voltarei. Tenho de me afastar apenas das vossas imediações, mas considerarei um favor vir outra vez, noutra ocasião, para vos saudar de novo. As vossas experiências terrenas são apenas uma etapa no vosso progresso espiritual.

Falarei agora consigo pessoalmente, Sr. Cameron, e espero que não se ofenda. Sente que quer lançar-se para fora, e fá-lo-á. Há coisas que não sondou suficientemente fundo, e que não compreende como gostaria de compreender. Isso virá a seu tempo, Sr. Cameron, se tiver paciência. As Grandes Autoridades virão até si e envolverão a sua alma numa luz brilhante que iluminará a sua mente e lhe dará grande força de carácter.

Há aqui agora um James Cameron, amigo seu. Não vai falar, mas quer que saiba que está aqui. E agora, meu amigo, tenho de ir. Tenho tentado explicar, humildemente, o que senti na minha própria alma do lado espiritual da vida, e o progresso de um estágio para outro. Não se conhece tudo num dia.

É um processo lento, e nós, que trabalhamos perto do Plano Terrestre, não sei bem como lho dizer, não quero dizer que nos deterioremos de forma alguma, mas antes que, de nossa livre vontade, abdicámos por um pouco do nosso próprio avanço, para podermos ajudar os nossos irmãos mais fracos, como nós próprios fomos ajudados no passado. Não permanecemos perto do Plano Terrestre, mas vimos e trabalhamos nele. Penso que nenhum de vós presentes se arrependeria de dedicar um pouco de tempo a ajudar um irmão ou irmã atrasado a alcançar um nível de vida mais elevado. Tenho de ir. Sou agora chamado por um emissário, de um dos Luminosos, para um nível de vida superior.»

O Sr. Cameron disse: «Fala dos Luminosos, pode dizer-nos algo sobre eles?»

Ele respondeu:

«Um espírito avançado que, tendo cumprido a Vontade do Mestre, adquiriu um grau de perfeição para ajudar outros no seu caminho ascendente. É um guia, por assim dizer, e a sua aura é de um brilho extraordinário. Todos têm uma aura, e alguns têm auras tão brilhantes que é quase impossível para alguns de nós fitá-las.»

O Sr. Cameron perguntou: «Que tipo de aura tem alguém que não progrediu muito? Diz que todos têm auras; qual é a diferença entre a aura de tal pessoa e a de um espírito avançado?»

A voz respondeu:

«A aura de quem não progrediu muito não é tão límpida e brilhante como a dos outros, mas as auras mudam à medida que o avanço espiritual se desenvolve, e aqueles que vão progredindo mudam gradualmente em brilho ao esforçarem-se por seguir as pegadas dos espíritos que vão à sua frente.»

O Sr. Sloan observou: «Perdi esse ponto, amigo. É melhor repetir isso.»

A resposta veio de uma nova voz:

«Ele estava a sonhar agora mesmo.»

O Sr. Sloan respondeu: «Oh — pois, estou a falhar, amigo, mas penso que isso já acontece há muito tempo.»

Alguém discordou:

«Alcançou um grau de perfeição, meu amigo, que nunca se apercebeu que possuía.»

O Sr. Sloan respondeu: «Sinto que, deste lado, estou acabado no que toca a fazer muito», e a resposta foi:

«Não posso permitir que seja juiz competente desse assunto, de modo algum.»

O Sr. Sloan disse: «Bem, agora sei que estou em contacto com alguns com quem, há muito, desejava estar em contacto, mas não fico muito tempo nas suas imediações. Tenho vislumbres ocasionais, mas gostaria de conversar com eles.»

A esta observação, a sua esposa, Sr.ª Sloan, respondeu:

«Isso virá, papá, no bom tempo de Deus.»

O Sr. Sloan concordou: «Sim, mamã querida. Vi-te em casa no outro dia. Consigo falar contigo de certa forma, mas não da maneira como gostaria de falar contigo, mamã.»

Ela respondeu:

«Compensarás tudo isso mais adiante, papá. Isa, querida, como está o meu pequenino Ian?»

A Sr.ª Sam Sloan respondeu: «Deixei-o em casa, sozinho.»

A sua sogra, Sr.ª Sloan, comentou:

«O meu pequenino vê muitas coisas de que alguns de vós nada sabeis. Se ele tivesse apenas alguém que o guiasse e orientasse no caminho que deve seguir, o Papá nunca teria conseguido acompanhá-lo.»

A Sr.ª Sloan considerava, evidentemente, que o neto possuía dons psíquicos.

Por fim, ouvimos:

«Agora, amigos, receio que tenha de ir. Há outros deveres à minha espera e tenho de ir por hoje, por isso terão de arranjar alguém para tomar a direção.»

Então cantámos: Oh, envia a Tua Luz e a Tua Verdade, e depois a Sr.ª Colquhoun disse: «Como o porteiro se foi embora, penso que devemos encerrar.»

Cantámos a Doxologia, e isto terminou uma sessão das mais instrutivas.

Surgem alguns pontos interessantes na sessão acima, sendo o primeiro que o Dr. Cameron, do outro lado, se interessou pela saúde da Sr.ª McDonald. Aqui é-nos apresentado um Espírito que, tendo sido médico na Terra, continua interessado em curar. No Capítulo X disse-se algo sobre o chamado Curar Psíquico, e aqui temos um vislumbre do que se passa em Etérico. É irrazoável pensar que os médicos terrenos, ao passarem, percam o interesse no seu desejo de curar, sobretudo quando tanto pode ser feito por eles, com os seus múltiplos raios que curam, e enquanto há tanto a necessitar de ser feito pela pobre humanidade sofredora na Terra.

O Sr. Donald Cameron, na Terra, teve uma conversa instrutiva com Healing Star, que provavelmente foi um curandeiro quando vivia na América. Healing Star adiantou a observação:

«Nunca vi ninguém indisposto ou a sofrer de forma alguma» em Etérico, e, sendo assim, não surpreende que tantos antigos médicos terrenos usem os poderes que possuem para curar pessoas na Terra. Como os métodos que utilizam foram brevemente explicados no Capítulo X, não repetirei o que ali foi dito, mas

gostaria de chamar a atenção para algumas afirmações de Healing Star. Em Etérico, diz-nos ele, o corpo é perfeitamente desenvolvido:

«O corpo espiritual (corpo etérico) tem a mesma formação que o corpo material, e não há ninguém que não tenha um corpo espiritual perfeito.»

O grande exército de aleijados na Terra deveria acolher com agrado a notícia de que um dia possuirá um corpo bem formado, mas quem lho dirá e, se lho disserem, acreditarão? Não obstante, há uma perspetiva luminosa diante dos cegos e dos surdos, dos sem pernas, dos sem braços, dos corcundas, dos deformados e de todos os que sofrem de corpos disformes e que são curiosidades entre os seus semelhantes.

O nosso corpo etérico nasce perfeito, mas por vezes é retorcido pela matéria que se acumula à sua volta. No entanto, quando o corpo físico é descartado, o corpo etérico assume a forma que a natureza destinou, para constituir uma habitação perfeita para homem, mulher ou criança. Consequentemente, os que chegam a Etérico enviaram esta mensagem a todos na Terra. Foi dirigida à Sr.ª Crichton durante a Reunião relatada neste capítulo:

«Querem dizer aos que deixaram para trás que estão vivos e não mortos, vivendo uma vida mais livre e mais plena, livres dos grilhões do corpo terreno, vivendo num ar mais puro, numa atmosfera mais pura e em ambientes mais puros.»

Além disso, insistem no facto de que é um mundo muito real, mas a surpresa que a maioria terá é descobrir quanto os nossos pensamentos determinam a nossa condição lá e também o poderoso efeito que os nossos pensamentos terão sobre o nosso meio. Na Terra, pelo nosso edifício mental, estamos a moldar a mente que determinará o nosso futuro. Quando deixamos a veste de carne, chegamos a Etérico no mesmo estado mental em que estávamos na Terra. Se isso produz felicidade e contentamento, seremos felizes e contentes, mas, se não, seremos exatamente o oposto até aprendermos a maneira correta de viver. Felizmente, esse caminho está aberto a todos.

Já me referi à ausência de credalismo e dogmatismo entre os Espíritos que vêm falar connosco na Terra, e a observação feita ao Sr. Cameron acerca dos muitos Cristos que foram adorados na Terra revela o latitudinarismo que prevalece em Etérico. Bem sabem os Espíritos mais avançados que toda a religião terrena está em constante mudança, e o que foi acreditado numa geração é questionado na seguinte, para ser abandonado mais cedo ou mais tarde. Onde quer que haja desenvolvimento mental, e não estagnação, há mudança nas crenças religiosas.

Por vezes é impercetível e, noutras, drástica, como aconteceu com a perspetiva cristã ao longo dos últimos cem anos.

As ideias mudam, devagar ou depressa. Nenhuma religião é rejeitada de uma só vez, por atacado, pelos seus adeptos. Nenhuma geração vê uma religião nascer ou morrer. As ideias mudam a cada nova descoberta, mas, numa vida, o seu efeito é geralmente pouco percetível. Por um lado, podem ser necessários mil anos para produzir qualquer mudança notória ou, por outro, cem anos podem bastar para que isso aconteça. A religião sobrenatural organizada e ortodoxa, em todo o lado, como todas as coisas feitas pelo homem, tem os seus períodos de nascimento, crescimento, decadência e morte.

Só em períodos históricos é que se podem traçar essas épocas, à medida que, gradualmente, as crenças e os deuses de uma era são transformados, para serem transportados por gerações sucessivas sob um novo nome. Assim, por exemplo, surgiu o Cristianismo, mas passaram-se quatrocentos anos antes de a transição se completar e de o Cristianismo ortodoxo terminar a tomada das crenças do Paganismo. É verdade, como disse o Espírito: «Houve muitos Cristos» com nomes diferentes ao longo da história, e esses seres celestes imaginários, transformados por mentes místicas de homens humanos em deuses sobrenaturais, têm consolado a humanidade, incapaz de aceitar, por ignorância, os simples factos da natureza que, quando compreendidos, revelam que a única religião verdadeira e permanente, tanto aqui como em Etérico, é a Religião Natural.

O Espiritualismo é religião natural, além de ser a mais antiga e a menos alterada, fundamentalmente, de todas as crenças religiosas do mundo. Em certa época cobriu a Terra e, acompanhado por muitos e variados ritos rudimentares, conforme o desenvolvimento mental dos povos, foi aceite na América do Norte e do Sul, na Europa, Ásia e África, até ficar conhecido como Culto dos Antepassados.

CAPÍTULO XVIII

REUNIÃO NA CASA DA SR.ª COLQUHOUN

POLLOKSHIELDS, GLASGOW

18 de janeiro de 1945

Presentes: SR.ª CRISSIE COLQUHOUN, SR. JOHN SLOAN, SR.ª LILLIAS BOWES, SR. DONALD CAMERON, SR.ª JEAN DEARIE.

Mal nos sentámos na sala, e antes de a Reunião ter efetivamente começado, a Sr.ª Colquhoun sentiu toques na cabeça e, em seguida, a Sr.ª Bowes sentiu dedos a tocar-lhe na cabeça e no rosto. O seu marido, o Sr. Bowes, falou: «É o Willie.» Abrimos então com o hino habitual, Mais perto, meu Deus, de Ti, e depois recitámos o Pai-Nosso. Uma voz do outro lado juntou-se no «Ámen». Uma bela luz flutuou então pela sala.

O Sr. Bowes falou de novo e disse: «Ouviste a minha voz através da trombeta? Deus te abençoe, minha querida. É o Willie. Foi através da tua trombeta?» A Sr.ª Bowes respondeu: «Não, a trombeta é da Sr.ª Colquhoun.» Ele replicou: «Ah, bem, está tudo certo. Pertence a uma amiga. Obrigado, Sr.ª Colquhoun, por emprestar a sua trombeta.» A Sr.ª Bowes disse: «Conseguiste aproximar-te do Robbie?» O Sr. Bowes respondeu: «Vou tentar, mas receio não conseguir.»

A Sr.ª Bowes disse: «Espero que consigas, querido. Sabes que ele não está bem.» Uma voz estranha respondeu: «Eu sei. Estive com ele. Não é o Willie que fala agora. Sou um dos auxiliares, e penso que ele ficará bem. Não te preocupes nada, minha querida. Sei que estás preocupada, e podes dizer-lhe que vou tomar um interesse especial nele.» A Sr.ª Bowes disse: «Oh, obrigada, querido amigo. Ele tem o coração muito magoado, além de estar doente.» A voz respondeu: «Eu sei.»

A Sr.ª Bowes disse: «Se ele exercitasse o seu próprio poder psíquico, seria um grande conforto para ele.» A voz respondeu: «Sim, mas ele não está em condição de ser usado agora. Espero que compreendas. Primeiro terá de ficar um pouco mais forte para que isso possa acontecer.»

Uma voz chamou então: «John, John», mas nada mais se ouviu. Depois, uma senhora disse: «Deus te abençoe, meu querido», e a trombeta tocou no Sr. Cameron. «Muitas vezes me apoiei no teu ombro, Donald.» O Sr. Cameron respondeu: «Sim, querida, e estou feliz por falar contigo.» A esposa replicou: «Foi há muito, muito tempo. Parece-me muito tempo.» A voz anterior chamou

novamente: «John, John, eu sou o John.» Outra voz disse: «Agora, Senhoras e Senhores, não fiquem tensos, por favor.»

O Sr. Sloan disse: «Eu sou o John, se isso ajuda, mas não sirvo para nada.» Uma das trombetas tocou no Sr. Cameron e depois tocou na Sr.ª Dearie, suavemente, por toda a face. O Sr. Sloan comentou: «Parece que todos estão a receber toques menos eu», e logo a seguir a trombeta deu-lhe quatro pancadas na cabeça. O Sr. Sloan disse: «Sim, amigos, já se lembram de mim agora muito bem, mas não me magoou.» Outra voz disse: «Está muito difícil esta noite, Sr.ª Colquhoun, muito difícil, mas as condições aqui estão boas.» Ouvimos então Espíritos a sussurrar entre si, mas não conseguimos perceber o que diziam.

A trombeta tocou de novo no Sr. Cameron e uma voz disse: «Ansiava há muito falar contigo. Deus te abençoe, Donald. É o Pai a falar.» O Sr. Cameron respondeu: «Fico muito contente por ouvi-lo. Gostaria de conversar consigo.» O Pai respondeu: «Pode acontecer. Pode acontecer. Estamos ambos aqui, a tua Mãe e eu.» O Sr. Cameron disse: «Sempre tive por si uma consideração muito sincera e senti a sua falta nos meus primeiros anos.» O Pai respondeu: «Para mim parece que foi ontem.»

O Sr. Cameron disse: «Bem, foi levado muito jovem, mas agora terá a Mãe para cuidar de si.»

Uma voz feminina disse: «Sim, sim, tenho cuidado dele e ele tem cuidado de mim. Estamos felizes juntos.»

O Sr. Cameron disse: «É a primeira vez que a minha Mãe me fala.»

A Mãe disse: «Falo contigo, meu querido rapaz, através do processo mental da tua mente. Tenho a certeza de que recebes essas mensagens de tempos a tempos. Deus te abençoe, meu querido, querido rapaz. Boa noite.»

O Sr. Sloan comentou: «Pergunto-me para onde foram todos os Índios. Já não ouço o Wallaho. Acho que me deixou de vez.»

Uma voz muito digna disse: «Nunca o deixarei, Irmão, até vires para este lado. É o Wallaho que fala. Sei muito bem como te sentes. Já me sentei no solitário wigwam e sei o que é quando aqueles que amas se foram, mas não tardou até que a minha querida viesse ter comigo.»

O Sr. Cameron disse: «Então tinha essa verdade enquanto estava no corpo?»

Wallaho respondeu:

«Sempre soube que iria para a Paraíso e que um dia voltaria a encontrar a minha squaw. Descobri que era assim. É um pensamento belo, Senhoras e Senhores,

saber que vão reencontrar os vossos entes queridos do outro lado da vida e, oh, gostaria de vos falar das belezas do país.

Faltam-me palavras para descrever as maravilhosas glórias desta terra tão bela para onde estão a caminho. Deus vos abençoe, meus amigos. Correreis sem vos cansar. Caminhareis sem desfalecer. Beberão das águas cristalinas que correm ao longo do caminho. Comereis frutos ainda mais gloriosos do que a uva do mundo. Uma profusão de frutos e flores que eu não vos poderia descrever.»

A Sr.ª Colquhoun disse: «Mas vocês não os comem, pois não?»

Wallaho respondeu:

«Claro que os comemos. Não da forma como vocês os comem aqui no corpo, mas desfrutamos deles.»

A Sr.ª Colquhoun perguntou: «Podia dizer-nos, amigo, quanto tempo demora a atravessar o Plano Astral? Quanto tempo se permanece nele?»

Wallaho inquiriu: «O que quer dizer com "Plano Astral"?»

A Sr.ª Colquhoun disse: «Compreendo que é o plano entre os dois mundos, e alguns permanecem nele por algum tempo.»

Wallaho respondeu:

«Bem, isso depende da vida que se viveu na Terra. Ireis para o plano mais adequado ao ambiente da vida que levaste. Espero que compreendas o que quero dizer. É apenas o Wallaho que fala, e digo-te da melhor maneira que consigo.»

O Sr. Cameron observou: «Por vezes pergunto-me se não serão os anjos ministradores de Deus a dirigir-nos para o lugar para onde temos de ir.»

Wallaho respondeu:

«Oh não, uma mão superior guia isso. Depende primeiro da vida que tiveste na Terra, e da atitude da mente do teu corpo espiritual quando chega ao outro lado da vida, em que condição chegarás. Isso depende inteiramente de ti, da própria pessoa — sabes o que quero dizer. Depende da vida que tiveste no corpo, e do que fizeste para ajudar os outros e servir a causa do Grande Mestre, sem qualquer pensamento em ti mesmo, mas para a grande glória de Deus e para a expansão do Seu Reino.»

O Sr. Cameron comentou: «Quanto ao corpo espiritual. Compreendo que é uma força propulsora.»

Wallaho respondeu:

«Tens um corpo tal como tens agora. O amor é a "força propulsora". Aquela que mais amas atrair-te-á como um íman quando vieres para aqui. Ela está a preparar-te uma casa neste momento. Onde aterrares depende da vida que viveste no corpo. Não vos exalteis convosco próprios, nem dirijais os pensamentos para o que podem fazer por vós, mas confiai no grande Pai Deus para vos guiar corretamente.

Foi dito: "Na casa de meu Pai há muitas moradas." Essas são "estados", não o que muitos pensam que a palavra implica, e não se pode adquirir esses estados sem antes se harmonizar, mesmo do lado da vida em que estão agora, e depois de passarem para cá, pois lembrem-se, há progresso mesmo na vida terrena. Gosto de falar consigo, Sr. Cameron. É um homem estudioso e gosta de virar um assunto do avesso.»

O Sr. Cameron respondeu: «Sim, é verdade. Se estou a falar sobre este tema, gosto de poder raciocinar sobre ele.»

Wallaho respondeu:

«Nunca discuta. Não o faça, se aceitar o meu conselho, meu Irmão. Antes conte-lhes das belezas desta vida que descobrirá. É realmente apenas um explorador a procurar um novo país, e adquiriu uma mente capaz de ver e colher algo da beleza desta terra que muitos outros não conseguem. Irá ligar-se com os que avançaram mais do que si, pouco a pouco, e aprenderá com eles.

Como disse o Grande Mestre: "Na casa de meu Pai há muitas moradas", e só irá para o lugar que na vida terrena, pela vida que levou, preparou para si, e depois progredirá ao entrar em contacto com aqueles que estão mais avançados e prontos a ajudá-lo, a dar-lhe conhecimento de coisas que não sabe, mas que lhe serão dadas à medida que as possa assimilar e compreender. Estou apenas a dizê-lo da melhor forma que consigo, e espero que compreenda o que quero dizer.»

O Sr. Cameron respondeu: «Aqui sentimos apenas que este é o único verdadeiro interesse que a vida tem para nós, compreender um pouco para onde vamos.»

Wallaho respondeu: «Compreendo o que quer dizer, Irmão. Aqui sente que está perto dos que amou muito na vida terrena. Sente que praticamente pode ser um com eles.»

A sua esposa, a Sr.ª Cameron, disse então:

«E eu estou a falar-te à noite, na quietude do espírito, a dizer-te que estou perto de ti, querido. Sempre gostei de depender de ti para me dizeres o que fazer, e tentei fazer o melhor que pude por ti e pelas crianças.»

O Sr. Cameron respondeu: «Fizeste isso, de certeza, minha querida, muito mais do que eu merecia.»

A Sr.ª Cameron disse: «Não, não, querido. Às vezes penso que falhei um pouco contigo no fim. Não tive capacidade, mesmo no final. Claro que falo de mim fisicamente, querido. Nunca te falhei em espírito, e sinto que compreendeste plenamente e me perdoaste a falta de compreensão dos teus elevados pensamentos, que não consegui acompanhar. Por vezes, percebes, não te conheci devidamente no fim, mas estive bem consciente da tua proximidade o tempo todo, e havia uma falta de consciência na minha visão.

Estou a tentar dizer da melhor maneira que consigo, Sr.ª Colquhoun. Gosto de si. Amo-vos a todos, meus queridos. Não te preocupes agora, Don. Continua como tens estado. Cuida dos rapazes e leva-os a seguir os teus passos tanto quanto possam. Diz-lhes que a Mãe lhes enviou o seu amor. Diz aos rapazes para seguirem os teus passos e tudo lhes correrá bem, e a Mary estará à porta para te receber um dia.»

Deu então muitos beijos e continuou:

«Não consegui falar contigo no fim, mas estive bem consciente da tua amorosa presença. Deus te abençoe, Don. Não me demorarei mais. Não quero intrometer-me no Grande Mestre que está a dirigir esta Reunião. Não quero ir demasiado longe, mas voltarei. É um pensamento belo saber que a morte não nos separa. Pensa apenas no tempo, querido, em que todos os teus esforços e preocupações cessarem, e eu e todos os teus amigos aqui te receberemos no belo jardim da paz de Deus. Boa noite.»

O Sr. Cameron compreendeu e concordou com tudo o que foi dito. A trombeta tocou então na Sr.ª Colquhoun, e a sua Mãe falou:

«E como estás hoje, minha querida? A Mãe fala-te agora. Estou sempre junto de ti, Crissie. Deus te abençoe, minha querida. Se soubesses o quanto gosto de ti, ficarias feliz.»

A Sr.ª Colquhoun disse: «Obrigada, Mãezinha querida. Sabes que dia é hoje?»

A Mãe respondeu:

«É um dia memorável, Crissie. Foi um dia memorável para mim e para o Pai também. Estava apenas à espera de uma oportunidade, minha querida, para te vir desejar "muitos parabéns" até chegar esse aniversário em que virás para o nosso lado da vida, e tu e eu estaremos juntas por toda a eternidade. Quero apenas que compreendas.»

A trombeta tocou agora no Sr. Cameron e a Sr.ª Colquhoun falou-lhe:

«Que tempos felizes Crissie e eu teremos quando ela deixar o físico. Já não consegui partilhar todos os divertimentos em que ela podia entrar antes de eu partir. Fui um pouco esquecida às vezes, mas antes disso éramos como irmãs, não como mãe e filha» — e deu muitos beijos à filha.

«Deus o abençoe, John Sloan. É a si que devo tanto.»

O Sr. Sloan disse: «Oh, não me agradeça, Sr.ª Colquhoun. Não fiz nada por si, mas era uma querida alma.»

A Sr.ª Colquhoun respondeu:

«E muitos dirão que o senhor também era uma querida alma. Pergunto-me às vezes, Crissie, se consegues apanhar as entoações da minha voz? Não penses que estou hesitante ou fraca agora, mas apenas tomo as vibrações de como me sentia antes de deixar o corpo. Hei de mostrar-te os meus lugares favoritos. Venho muitas vezes buscar-te e levo-te no sono, e gostava que conseguisses trazer alguma memória das belezas do país em que estou.

Temos jardins por toda a parte, sabes. O Pai está muito, muito ocupado. Sabes que ele é um homem que nunca estaria em repouso a não ser a fazer algo por alguém, e continua assim. Neste momento tem muitas oportunidades, sabes, Crissie, de trabalhar por aqueles do nosso lado. O lado espiritual está repleto dos que vagueiam, nem sei bem como o dizer, mas chegam tão depressa através desta terrível luta, e precisam de alguma orientação, e o Pai está a ajudar aí.»

O irmão da Sr.ª Colquhoun falou então:

«Sou eu, Archie, minha querida Crissie. Como estás?»

A Sr.ª Colquhoun respondeu: «Não me vais dar os parabéns, Archie?»

O irmão respondeu:

«Dei-te os parabéns esta manhã, mas não me respondeste.»

A Sr.ª Colquhoun disse: «Desculpa, Archie, mas não te ouvi.»

Ele respondeu:

«Tenho a certeza de que deves sentir os meus toques à noite quando acaricio o teu cabelo.»

A Sr.ª Colquhoun respondeu: «Sim, é só um toque de pena», e o Archie replicou:

«É isso que faço muitas vezes, minha querida.»

Pathfinder disse então, evidentemente para alguém do lado espiritual:

«Porque me dizes para voltar, se eu só estava a tentar olhar para a Sr.ª Dearie?» E depois repetiu-nos estes versos:

«Ó Luz da Luz, brilha sobre estes amigos
Que me são tão queridos,
E guarda-os seguros no caminho
Rumo à Tua eternidade.

Ó Luz da Luz, brilha sobre estes amigos,
Ajuda-os a fazer a Tua Vontade,
Para que possam saborear as alegrias da vida
Até que os seus corações transbordem,
e saibam que os entes amados, que deixaram este vale de lágrimas,
estão felizes na Paraíso, para além de todas as dúvidas e medos.

Deus vos abençoe a todos. É Pathfinder que vos fala.
Que o caminho que os vossos pés hão de trilhar
vos traga sempre alegria.»

A trombeta tocou em toda a Sr.ª Dearie, e uma voz disse:

«Jim, Jim. Sou o Jim.»

A Sr.ª Dearie perguntou: «Que Jim? Podes dizer-me quem és?»

Ele respondeu:

«O teu irmão.»

A Sr.ª Dearie disse: «Mas eu só tenho um irmão, o Tom, e ele ainda está no corpo.»

Ele respondeu:

«Pergunta à tua Mãe quem é o Jim.»

A Sr.ª Dearie disse: «Sim, querido, mas a Mãe está do vosso lado.»

Ele respondeu:

«Sim, eu sei, mas ela dir-te-á quem eu sou.»

Este é provavelmente o mesmo Jim, desconhecido de todos os presentes, que, por teimosia, se tornou incómodo numa sessão anterior.

A trombeta então bateu na cabeça e na cara da Sr.ª Dearie, e depois tocou no Sr. Cameron. Voltou de novo à Sr.ª Dearie e acariciou-lhe as faces, e uma voz de criança disse:

«És tão bondosa e amorosa, e eu amo-te. Sim, amo. Amo-vos a todos.»

A Sr.ª Dearie respondeu: «Obrigada, querida», e a Sr.ª Colquhoun perguntou:

«És uma negrinha? Parece-me ter essa impressão.»

Ela respondeu:

«O meu coração é branco. O Mestre tornou-o limpo, e eu amo-vos a todos.»

A Sr.ª Bowes disse: «Quem te trouxe aqui, querida?», e a criança respondeu:

«Fui trazida pelo grande chefe soldado que está a trabalhar com os queridos homens que vêm desta terrível guerra. Ficariam surpreendidos se soubessem que exército de pequeninos está a ajudar neste trabalho, pois eles chegam à nossa bela terra sem saber absolutamente nada do que os espera. Vêem-nos felizes e querem juntar-se e ser felizes também.

A minha pele era negra nos tempos antigos, o meu coração é branco agora. Amo-vos a todos. Há uma luz brilhante nas vossas frontes. Já não tenho cor nenhuma em particular. Perdemos as cores da vida terrena à medida que avançamos, e assumimos as vibrações e a beleza do corpo espiritual que construímos para nós mesmos, e isso torna-nos brilhantes ou baços, conforme o caso. Adoro cores e tento tornar-me bela quando venho ver-vos. Já não sou uma menina negra. Não gostava disso. Estou contente por já não o ser.»

Um de nós perguntou: «Estás deste lado há muito tempo, querida?»

Ela respondeu:

«Há muito tempo. Sei que é muito tempo porque fui ensinada a falar a vossa língua, e as línguas de outros países. Às vezes baralho-as.»

Depois começou a falar fluentemente em francês. Uma voz chamou:

«Sunshine. Vem cá, Sunshine.»

A Sr.ª Colquhoun disse: «Oh, nós conhecíamos uma Sophie Sunshine. Ela veio a reuniões anteriores e ligou-se à Sr.ª McRobbie.»

Uma voz masculina respondeu:

«É a Sophie Sunshine. Ela foi trazida aqui para vos ver.»

Sophie falou de novo e disse:

«Claro que sou a Sophie Sunshine, e amo-vos a todos.»

O Sr. Cameron perguntou: «Consegues ver-nos, Sophie?» Ela respondeu:

«Claro que vos vejo, e és um homem muito bonito.»

O Sr. Sloan disse: «Não devias dizer isso; isso é ousado.»

Ela respondeu:

«Não estava a falar consigo. Não disse que era um homem bonito, mas não está mal, passa.»

Uma voz feminina disse então:

«Deus a abençoe, Sr.ª Colquhoun, por pensar na Isobel (Sr.ª McRobbie). Agradeço-lhe esse pensamento amável. É a Sr.ª McRobbie que fala. Estou contente por a ver.»

A Sr.ª Colquhoun disse: «A Sr.ª Dearie contou-me que o seu filho (na Terra) esteve muito doente.»

A Sr.ª McRobbie respondeu:

«Sim, mas está a melhorar. O Jim terá apenas de ter algum cuidado.»

O Sr. Sloan disse: «É a Sr.ª McRobbie? Estou muito contente por ouvi-la falar.»

Ela respondeu:

«Acho que é um homem maravilhoso, John Sloan. Trouxe-nos pensamentos e aspirações belos quando ainda não compreendíamos bem, mas fizeram-nos bem quando chegámos a este lado da vida.»

O Sr. Sloan disse: «Não sabia que o seu filho tinha estado doente.»

A Sr.ª McRobbie respondeu:

«O Jim não é muito forte, mas está em boas mãos. Vim aqui com a sua Mãe, Sr.ª Colquhoun, mas tive de sair por um pouco, pois precisava-se de mim noutro lugar. Muitas vezes falamos dos velhos tempos.»

Tudo isto sobre o Jim foi compreendido e dito corretamente.

Depois disse a Sr.ª Sloan:

«Vim apenas falar-vos e trazer-vos uma palavra de ânimo e conforto, pois sei que o mundo está atribulado, e sei que cada um de vós, nas vossas próprias almas, tem as suas pequenas vicissitudes e provas e coisas a suportar, mas Deus ajudará a cada passo se n'Ele confiarem, e o Sr. Cameron, cuide um pouco de si durante algum tempo. Acho que me conhece, Sr. Cameron. Sou a Mammy Sloan. Não me conheceu na vida terrena, mas eu agora conheço-o.»

A observação da Sr.ª Sloan, advertindo o Sr. Cameron quanto à sua saúde, revelou-se bastante necessária, como os acontecimentos mostraram.

A Sr.ª Colquhoun disse: «Mammy, posso perguntar-lhe uma coisa? Falou enquanto eu estava ao telefone no outro dia?»

A Sr.ª Sloan respondeu:

«Falo muitas vezes enquanto estás ao telefone, mas nessa ocasião talvez me tenhas ouvido mais distintamente.»

Greentree, um dos índios americanos, companheiro de longa data do círculo dos Sloan, homem de rara cultura e refinamento, falou então:

«Há uma vibração, uma vibração consciente na alma dos que se amaram na vida terrena, quando um sussurro no ar pode chegar ao coração, embora pensem que não. Um belo pensamento, mesmo que não vejam o resultado, tem efeito na mesma.

Não é preciso pôr-se de joelhos a fazer grande esforço para chegar ao Grande Pai Deus. Lançai os vossos pensamentos e dizei: "Grande Pai, preciso da Tua ajuda. Cheguei a uma parte do caminho em que já não consigo avançar sem o Teu auxílio. Guia-me pela mão", e o Mestre virá em vosso socorro, e alguém será enviado para vos ajudar. Falo para todos vós. Há momentos em que as dificuldades parecem esmagadoras. Então dizei: "Vem, querido Pai, nas Tuas mãos entrego o meu caminho", e os amigos espirituais, Pathfinder e outros como ele, virão e guiar-vos-ão. Fala um dos Índios — sou o Greentree.»

Pathfinder falou então:

«Há pensamentos no teu coração, por vezes, amigo Cameron, e ninguém pode sondar a profundidade desses pensamentos, a não ser alguém que agora está deste lado. Penso que sabes de quem falo. Ela esforça-se muito, por vezes, por

te guiar e guardar. Toda a alma e pensamento dessa pessoa estão centrados no teu ser, e naqueles que deixou para trás e que são parte integrante de ambos.

Deus te abençoe, meu Irmão. Que o amor do Grande Pai esteja contigo e te guie. Houve caminhos difíceis que tiveste de trilhar, e há ainda algumas pequenas dificuldades pelas quais terás de passar. Estende a mão ao Grande Pai Deus, e o Espírito guia virá conduzir-te e dizer-te como proceder. Eu sou o Pathfinder.»

A Sr.ª Colquhoun perguntou então a Pathfinder: «Tens alguma mensagenzinha que possamos transmitir à Sr.ª Lang?»

Pathfinder respondeu:

«Não tenho estado em contacto com a amiga Lang há algum tempo. Não tive o cordão de ligação, mas conheço o estado do corpo físico dela.»

Foi aqui interrompido pelo Sr. Greenlees, mas continuou depois de o Sr. Greenlees e a Sr.ª Sloan terem falado:

«Ela ficará feliz por saber que estou a cuidar dela. É o Pai dela quem fala (o Sr. Greenlees). Ela tem passado por um tempo muito difícil, sabes, mas compreendes, amigo Cameron, que quando se sobe a colina da vida estas provas aparecem e não as podemos evitar, mas ela sempre foi valente, sempre, por toda a sua vida.»

A Sr.ª Sloan falou de novo, dizendo:

«Não sou grande ajuda, Papá. Não irei embora até a vossa Reunião terminar. Não sou grande ajuda, mas gosto de estar ao lado. Desfruto disto tal como quando estava na Terra. Consigo sintonizar-me convosco tão bem e ouvir o som familiar das vossas belas vozes que me eram tão doces nos velhos tempos. Crissie (Sr.ª Colquhoun), a tua querida Mãe já não se esquece das coisas, sabes, e eu dou muitos passeios agradáveis com ela.

Se eu pudesse apenas descrever-vos os passeios encantadores que por vezes fazemos. Nunca nos cansamos. Para atravessar os belos lagos, podemos ir numa coisa semelhante a um barco, ou simplesmente ser levados de través. E os frutos e as flores, e a beleza da verdura do país, a sensação magnífica de bem-estar que se tem. Quem me dera que pudessem senti-la. Não há desperdício nem decadência. As flores apenas esmorecem. Nunca as vêem apodrecer, e depois vêm outras novas no seu lugar, não em plena floração, mas a brotar da raiz.

Há crescimento perpétuo, e não morte, apenas um esvanecer, e outra surge, exatamente um fac-símile da anterior, ou mais bela às vezes, tal como no corpo humano. Quando sacudirdes este invólucro mortal e vestirdes a imortalidade, é

então que ireis expandir-vos e avançar para a paz, as belezas da terra, a Paraíso de Deus.»

A Sr.ª Colquhoun perguntou: «Têm música aí?», e recebeu a resposta:

«Toda a espécie de música que desejarem, podem ouvir. Há muitos coros que cantam aqui, tal como vós cantais no Plano Terrestre.»

Um de nós perguntou: «Uma bela voz aqui no corpo continua a ser uma bela voz no corpo espiritual?»

Ela respondeu:

«Quem tem uma bela voz continuará a ter uma bela voz do lado espiritual, mas uma bela voz pode ser cultivada aqui, mesmo que não a tivesses no corpo, e, com uma bela voz, qualquer um pode cantar, e cantar belamente, e adquirem-se todas essas coisas muito depressa.»

Pathfinder retomou então o que dizia quando foi interrompido pelo Sr. Greenlees:

«O Chefe Índio gostaria de ter a oportunidade de ver a amiga Lang. Diz-lhe que o Pathfinder continua a cuidar dela e muito interessado nela. Será dada força às pernas que estão fracas e força aos braços ainda por algum tempo. Deus a abençoe.»

Seguiu-se silêncio e cantámos o hino They are winging, they are winging. A Sr.ª Sloan juntou-se e cantou connosco. Conhecia todas as palavras, apesar de a maioria de nós só conhecer a primeira estrofe.

Depois falou, dizendo:

«É a Mamã que vos fala. Como é belo estar de novo no pequeno círculo. Ainda o desfruto como nos dias passados, quando me encontrava convosco nestas pequenas Reuniões de tempos a tempos. Deus a abençoe, Sr.ª Bowes, e aos que ama. Que Deus os ampare no trabalho esforçado e nos caminhos difíceis da vida agora e, ó Pai, se for da Tua vontade, põe fim a esta luta e traz os entes amados de volta a casa. Traz de novo harmonia e paz a este mundo atribulado.

Esta é a oração da Mamã ao Grande Pai Deus. Que Ele abençoe os teus rapazes, Sr.ª Bowes, e os guarde em segurança, e que a paz e a prosperidade e o amor de Deus estejam contigo em todo o tempo. Sempre foste uma boa amiga do Papá e minha, e Deus te abençoe, Crissie, minha querida. Foste sempre tão amável e boa para comigo e para com o meu querido velhote. Quem me dera poder fazer algo para te retribuir toda a bondade. Agradeço-vos a todos por virem aqui e por apoiarem o meu querido velhote.»

A Sr.ª Colquhoun comentou: «Deus o abençoe. Está melhor do que estava há pouco tempo, Mamã.»

A Sr.ª Sloan respondeu:

«Ele está a amuar demasiado. Limita-se a ficar sentado toda a noite e, por vezes, até de manhã, levantando-se às vezes e olhando para a minha fotografia. Não quero que ele faça isso.»

O Sr. Sloan disse: «Deus te abençoe, querida. Só quero falar contigo, querida. É bom falar contigo. Em casa não consigo falar contigo tão bem como aqui, querida, mas sei que estás lá. Sinto muitas vezes os teus dedos a passarem pelo meu cabelo.»

O Sr. Sloan disse-nos então: «Ela traz o Dougal (o meu filho) e a Peggy (a minha filha) muito frequentemente com ela também. Eu vejo-os.»

O Dougal comentou:

«Ora, Pai, porque não haverias de me ver? Somos suficientemente reais, por isso não sei porque não nos hás de ver.»

O Sr. Sloan respondeu: «Deus te abençoe, Dougie. Foste um bom rapaz, Dougal.»

O Dougal disse:

«Ah, mas Pai, todos os rapazes são bons rapazes para os seus Pais e Mães, sabes. Tenho muito que agradecer a Deus.»

Outra voz profunda e bela recitou então três estrofes de um hino, anunciando-se por fim como a do Dr. Ferguson:

«Dá-me as asas da fé para subir

Para além do véu, e ver

Os amigos no alto, quão grande o seu galardão,

Quão brilhantes as suas glórias são.

Oh, por uma fé que não recua,

Uma fé que não teme inimigo,

Que não treme à beira

De qualquer desgosto terreno;

Uma fé que brilha mais clara e forte

Quando as tempestades rugem fora,

E que, em perigo, não conhece medo,

Na escuridão não sente dúvida.»

Concluiu:

«Deus vos abençoe a todos. Pai, dá-lhes tal fé, para que enfrentem o que vier. Deus te abençoe, Crissie Colquhoun. Fala o Fergus Ferguson. Deus vos abençoe a todos. Eu sou o Fergus Ferguson.»

A Sr.ª Colquhoun respondeu: «Deus o abençoe, querido Dr. Ferguson.»

Ele foi ministro em Glasgow, e a Sr.ª Colquhoun tinha sido membro da sua igreja. O Sr. Sloan deixou cair o lenço e não o conseguiu encontrar no escuro.

A Sr.ª Sloan disse:

«Não te preocupes, Papá. Eu vou fazer-to ver.»

Uma bela luz pairou e espalhou-se pelo chão por instantes, e então o lenço foi colocado nas mãos do Sr. Sloan por alguém do outro lado.

A Sr.ª Sloan disse:

«Aí está, Papá.»

O Sr. Sloan começou a chorar e disse: «És a mais querida menina que já houve. Simplesmente não consigo passar sem ti, Mamã. Quem me dera que me levasses contigo.»

A Sr.ª Sloan respondeu:

«Oh, mas, Papá, ainda há pessoas aqui que precisam de ti.»

A Sr.ª Colquhoun disse: «Ele está só, Mamã. Sente a tua falta.»

A Sr.ª Sloan, mulher de disposição tão doce na Terra como agora em Etérico, respondeu:

«Ele não está sozinho. Digo-lhe muitas vezes, quando falo com ele, que nunca estará sozinho enquanto a Nanna (o nome da Sr.ª Sloan) estiver com ele.

Acho, Sr. Cameron, que a maioria de nós tem uma ou duas pessoas que são o nosso tudo. Receio ser um bocadinho abrangente na minha maneira de pensar, porque havia muitos, na vida terrena, a quem eu queria muito, e para mim eles são como o mundo inteiro. É para mim um tal deleite poder aproximar-me deles

de novo e, meu querido, querido velhote, nunca estou longe de ti. Deus te abençoe, Crissie. Deus a abençoe, Sr.ª Dearie, e Deus o abençoe, meu querido velhote.»

A Sr.ª Colquhoun disse:
«Mammy, não estão por aqui alguns amigos da Sr.ª Dearie? Não podias trazer alguns deles para lhe falarem?»

A trombeta então aproximou-se e acariciou as mãos da Sr.ª Dearie, e a Sr.ª Sloan disse:
«Deus a abençoe, minha querida. Não tenho estado em contacto com os teus amigos tanto como com os outros que aqui estão. Não tive o cordão de ligação. Compreendes, mas se conseguisses apenas trazer o teu irmão até aqui, se ele estiver interessado, isso poderia fortalecer o elo. Agora é mais difícil, dadas as condições atuais no vosso mundo.»

A Sr.ª Dearie respondeu: «Compreendo bem, Mammy querida.»

Outra voz disse:
«John Sloan.»

O Sr. Sloan disse: «Sim, esse é o meu nome.»

A voz disse-nos a todos:
«Eu sou o John Sloan, o John Sloan de quem ele recebeu o nome.»

Tratava-se de um irmão, chamado John, que morreu antes de o nosso John Sloan nascer.

O Sr. Sloan disse: «Não demorará muito até estar entre o resto de vós. Anseio pelo momento. Será um tempo feliz.»

O irmão disse:
«Sim, mas não esquecerás os teus amigos da vida terrena, mesmo então. Não te será permitido esquecê-los depois. Voltarás e falarás com eles.»

Uma voz disse então:
«Willie», e a trombeta tocou na Sr.ª Dearie.

Ela perguntou quem era, e a voz respondeu:
«Se eu disser William, reconhecer-me-ás melhor?»

Outra voz disse à Sr.ª Dearie:
«São os teus amigos a tentar entrar em contacto contigo agora.»

A trombeta tocou-a novamente, e a voz disse:
«Olá, querida criança.»

A Sr.ª Dearie disse: «É o Pai?»

A voz respondeu:
«William Dearie, mas não o teu Pai. É o Avô. Ambos os Avôs estão aqui, e ambos se chamam William.»

Outra voz disse:
«Estou apenas a tentar ajudá-los a chegar até ti agora, mas é difícil. Há aqui um James e um William. São irmãos da tua Mãe, e há também um John. O James ajuda-te de muitas formas que não conheces, refiro-me a escrever e a trazer pensamentos do nosso lado da vida. Conheces esses pensamentos que surgem na tua mente por vezes, Sr.ª Dearie, em que não tinhas pensado antes. Parecem impor-se na tua consciência, e ajudam-te, e ajudam outros quando os transmites.»

A Sr.ª Dearie respondeu: «Obrigada, querido amigo.»

Todas as informações anteriores sobre os vários parentes da Sr.ª Dearie estavam corretas.

A trombeta tocou na Sr.ª Bowes, e o seu irmão e a cunhada falaram.
A cunhada falou primeiro:

«Sou a Gladys. Tens saudades minhas, por vezes? É a Gladys e o Jim. Estamos os dois aqui. Como estás, Lil querida? Sinto muito a tua falta, e anseio pelo momento em que estaremos juntas.»

O irmão da Sr.ª Bowes falou agora:
«Jim, sou o Jim. Tudo há de correr bem, querida.»

A Gladys falou de novo e disse:
«Estou tão feliz aqui com o Jim, mas também quero estar perto de ti, e tento dividir-me entre os dois mundos, por assim dizer, para te ajudar a ti e aos rapazes. Quero estar perto deles até que toda esta carnificina e tormento acabem, e não quero afastar-me deles. Faço tudo o que posso para os proteger.»

O Rev. Dr. Fergus Ferguson regressou e disse:
«É uma tragédia. Vai além de todas as palavras, e não é a Vontade do Grande Pai. São os pensamentos do homem e a sua desumanidade que a trouxeram. Não é o desejo dos Grandes deste lado da vida, mas sim os pensamentos confusos que estão nos corações das pessoas no mundo de hoje que originaram esta tragédia. Se tivessem conhecido esta Verdade, aqueles que trouxeram esta catástrofe nunca o teriam feito. Deus vos abençoe, amigos.

Que a paz do Grande Pai Amoroso se aproxime de vós, de cada um individualmente, e conceda a cada um o desejo do cumprimento daquilo que está mais próximo do coração, se for conforme a Tua Vontade, ó Santo, e, se for da Tua Vontade, dá-lhes coragem, força e capacidade para espalhar esta Verdade entre os homens, para os ajudar na sua jornada para este lado da vida. Fazei tudo com amor, se posso pô-lo assim, e entregai os vossos caminhos à Vontade do Grande Pai, e o que for para o vosso bem e para o bem de todos na vida terrena ser-vos-á concedido segundo a Sua Vontade. Deus vos abençoe a todos. Estamos todos felizes aqui. Apenas a trabalhar, e a fazer o nosso melhor para que aqueles que deixámos saibam que não sentimos tanto a separação, porque podemos estar em contacto com eles, embora nem sempre o saibam. Muitas vezes, embora não vejam os amigos, eles estão a ajudar-vos dia após dia, enquanto seguis o vosso caminho, abençoando-vos e guiando-vos, embora não o saibam. Que a Paz do Grande Pai, e o conforto e a consolação que só dessa fonte advêm, estejam muito perto de todos vós neste dia, e muito perto de ti, Crissie Colquhoun. Ámen. Eu sou o Fergus Ferguson.»

Pathfinder continuou:
«Ó Deus, para o nosso bem-estar, o nosso conforto e o nosso bem, concede àqueles que deixámos para trás a força para viverem uma vida que seja uma bênção para a humanidade. Assim ora Pathfinder.»

A trombeta voltou a tocar na Sr.ª Dearie, e John Hardman (noivo da Sr.ª Stove) falou agora. Já tinha falado longamente em ocasiões anteriores, e desta vez deu à Sr.ª Dearie uma mensagem para transmitir a Mary Stove:

«Deus a abençoe, querida Sr.ª Dearie, por todo o seu trabalho cuidadoso ao escrever os registos que trazem conforto a muitos. Sr.ª Dearie, sei que estará a escrever, e gostaria que transmitisse à minha amada, à minha melhor metade, à minha Mary, o meu amor eterno, e a si, a cada um de vós, envio o meu amor grato por tudo o que fizeram para me ajudar. Não compreendi esta Verdade na vida terrena — sabe o que quero dizer — e agora ela pressiona a minha alma com uma alegria e felicidade avassaladoras. Estou ansioso por vos contar as belezas desta terra cuja existência eu não acreditava.

Que a paz que sinto, a paz que o Pai dá àqueles que fazem a Sua Vontade, se aproxime das vossas almas e esteja convosco agora e para sempre. Deus vos abençoe, e pelas belas lembranças que recebo por vezes. Não sei bem como dizê-lo para que compreendam, mas sinto uma devoção avassaladora por aqueles que pensaram em mim com amor, e pela minha Mary, Deus a abençoe. E a si, minha querida amiga Sr.ª Dearie, pela sua bondade em transcrever os meus pensamentos tão fielmente e transmiti-los à minha Mary, que o Pai a

abençoe, e se algum dia precisar da ajuda que eu possa dar, esteja certa de que a terá. Deus a abençoe, e guarde a si e a todos os que ama e que a amam. Boa noite, e boa noite à minha amada, à Mary.»

A Sr.ª Dearie respondeu: «Obrigada, Sr. Hardman.»

Pathfinder disse então:
«Boa noite, amigos. Estou com uma vibração diferente, mas é o Pathfinder que vos fala.»

O filho do Sr. Sloan disse então umas palavras, que deram por encerrada a Reunião:
«É o Dougal Sloan que vos fala. Boa noite, Pai. Adeusinho a todos. Voltarei, e encontrarei todos vós deste lado novamente. Sejam alegres, felizes e contentes.»

Cantámos a *Doxologia*, e assim terminou a Sessão.

Quando escrevia a minha história da humanidade intitulada *A Maldição da Ignorância*, calculei que a Religião tinha sido a causa de, pelo menos, metade dos feitos da raça humana. Não são tanto as crenças religiosas do povo que são historicamente importantes, mas o que são levados a fazer por causa delas. De onde vieram essas ideias? Certamente não surgiram sem razão. O homem é um ser religioso e devocional, mas porque é que assim é, e porque é que a religião tanto significou para ele no passado? Porque é que, de facto, significa tanto para tantos de todas as terras e climas no tempo presente?

Este livro dá a resposta. Se Etérico não existisse, não haveria igreja, templo, pagode ou sinagoga em todo o mundo. Se cada um de nós não possuísse um corpo etérico, que um dia habitará Etérico, nunca teria havido padre, rabino, mulá, pongi ou qualquer outro «homem de Deus». A nossa vida na Terra teria sido tão diferente, a história estaria privada de metade dos seus incidentes, e o nosso passado e a perspetiva presente seriam tão distintos do que são agora, que viveríamos num tipo de mundo completamente diferente.

Em tempos passados, todos eram religiosos, muitos profundamente, embora alguns apenas aceitassem as crenças dominantes sem grande reflexão. Até há cerca de duzentos anos, as raças mais avançadas da humanidade aceitavam como facto que a Vontade de Deus, que podia ser influenciada pela oração, regia o Universo, e noutros lugares acreditava-se que isso acontecia devido à ação dos deuses ou dos espíritos. A ideia de um Universo natural, ordenado, controlado por leis naturais, é apenas uma conceção recente entre as raças mais

desenvolvidas, mas o facto permanece: a grande maioria da humanidade ainda acredita num Universo controlado por poderes sobrenaturais.

Porque será que, desde os tempos primitivos, seres divinos foram invocados para explicar todas as dúvidas e perguntas que o homem fazia sobre si próprio, sobre a Terra e sobre os céus? Porque foram construídas igrejas e templos, e contratados sacerdotes para elaborarem credos e conduzirem eucaristias e rituais, com o objetivo de dirigir e satisfazer um anseio inato nas mentes humanas por algo além das coisas materiais? A razão é óbvia, e esse fluxo psíquico vem do passado nebuloso até ao presente com força infalível. O homem é um ser etérico e sente a necessidade de algum simbolismo material que lhe represente o mundo invisível e imaterial que instintivamente acredita existir à sua volta.

Sempre houve médiuns que, em transe, ou através de vozes, clarividência e clariaudiência, revelaram outro mundo de seres invisíveis. Médiuns existiram desde os primeiros tempos históricos, e provavelmente antes disso, na presença dos quais esses seres Espíritos se materializavam ou falavam pela Voz Direta. Foi sobre essa base que a Religião se desenvolveu, primeiro através da magia, quando os magos imitavam os prodígios esporádicos que aconteciam na presença dos médiuns. Os magos evoluíram gradualmente em sacerdotes, que primeiro protegiam os médiuns em edifícios separados, agora chamados templos, e depois os descartaram em favor dos seus próprios rituais e teologias, baseados nos fenómenos psíquicos que tinham aprendido através da mediunidade.

Todas as religiões do mundo, os seus credos, rituais e cerimónias nasceram de fenómenos psíquicos. Começando com o Culto dos Antepassados, até chegarmos às religiões do deus-salvador, as crenças a elas associadas tiveram origem na sala de sessões espiritualistas. Este lugar, onde os dois mundos se encontram, tornou-se o Santuário, ou o Santo dos Santos. O Templo era o local de reunião onde o povo se juntava para ouvir o que os deuses tinham a dizer, e a doutrina da Trindade, presente na maioria das religiões do deus-salvador, teve origem no próprio homem. Cada um de nós é uma trindade em unidade, composta por corpo físico, corpo etérico e mente. Tal como o homem cria Deus à sua imagem, assim a teologia postulou um ser sobre-humano feito à sua semelhança.

Com o desenvolvimento da consciência surgiu a ideia do pecado, que teria levado os deuses a castigar o homem com a morte. A teologia imaginava que, originalmente, o homem fora criado perfeito e não morria, vivendo os deuses no céu e o homem na Terra em harmonia e bem-aventurança. O surgimento da

noção de certo e errado produziu o sacrifício: a tentativa de aplacar os deuses oferecendo-lhes o corpo etérico da vítima humana ou animal. Como o homem era então canibal, acreditava-se também que os deuses o eram, e que se deleitavam com o corpo etérico. Em troca dessa iguaria, prometiam, através dos sacerdotes, satisfazer os desejos dos seus adoradores.

De tempos a tempos, ao longo das eras, o corpo etérico da vítima humana sacrificada era visto, como aparição, após a morte, levando à crença de que ele tinha quebrado a maldição da morte e aberto o Céu a todos os crentes. Os deuses tinham sido apaziguados, e o homem salvo da destruição pela morte graças a esse sacrifício. O altar de sacrifício tornou-se o símbolo da salvação, onde vítimas escolhidas eram mortas e comidas, transferindo-se assim a sua mana, ou virtude, para os adoradores. Gradualmente, este serviço eucarístico mudou: quando apenas animais eram mortos e comidos, transformou-se numa refeição sagrada de pão e vinho, que os sacerdotes afirmavam ter transmutado no corpo e no sangue do salvador. Esta cerimónia pré-cristã foi adotada pelos cristãos a partir do Paganismo.

Assim foram adorados e venerados os vários deuses-salvadores pela sua misericórdia salvadora, cada um tornando-se conhecido como o Cristo, o Mediador, o Redentor, o Salvador, o Filho de Deus, o Cordeiro de Deus sacrificado para tirar os pecados, entre muitos outros nomes conferidos por devoção e gratidão. A palavra Cristo significa «o ungido». Originalmente, a vítima era ungida com óleo para cozinhar melhor e ser mais saborosa, sendo o nome «Cristo» atribuído mais tarde à vítima cuja aparição após a morte a elevava à categoria de deus no Céu. Essa transformação de homem em deus devia-se à crença de que a sua reaparição era um sinal do Céu de que a maldição da morte fora quebrada pelo seu sacrifício, e que os deuses estavam agora satisfeitos. Durante milhares de anos estes Cristos consolaram a pobre humanidade errante, que se sentia incapaz de carregar as responsabilidades das suas próprias falhas, e temia que o pior lhe acontecesse após a morte.

Consequentemente, em todo o mundo, as Religiões do Deus-Salvador trouxeram consolo ao longo dos tempos, e as crenças sobre cada uma delas encontram-se no meu livro O Fluxo Psíquico. Aí é contada a história de Osíris, o deus-salvador sofredor do Egito; de Bel, o deus-salvador morto da Babilónia; de Prometeu e Dioniso, os deuses-salvadores sofredores da Grécia; de Mitra, o deus-salvador moribundo da Pérsia; de Krishna, o deus-salvador da Índia; de Cristo, o deus-salvador cristão; de Quetzalcóatl, o Cristo dos Astecas do México, e de outros. As crenças relativas a todos eles eram semelhantes e relatavam como esses homens-deuses tinham vindo do Céu, vivido boas vidas na Terra,

sido sacrificados como vítimas sacerdotais, e vistos após a morte, a partir do que se acreditava que a maldição da morte tinha sido quebrada e o Céu aberto a todos os crentes. Cada vítima sacerdotal fora primeiro um homem, elevado após a morte à categoria de igual do Pai-deus no Céu devido a essa reaparição.

Os hinos cantados em louvor de todos eles, e as orações dirigidas a todos eles, eram semelhantes aos hinos e orações cristãs, e os sacerdotes, para manterem viva a sua memória, continuaram a eucaristia e encenaram dramas da paixão, tal como acontece hoje em Oberammergau, na Baviera. O programa completo de um desses dramas encenados para representar a paixão de Bel, o salvador dos Babilónios, foi descoberto há não muito tempo, escrito em tijolos de barro exatamente como fora registado há cerca de quatro mil anos. Este foi copiado pelos autores dos Evangelhos, tornando-se conhecido como o Drama da Paixão Cristã.

Disseram-me os Espíritos que as numerosas crenças religiosas terrenas só prevalecem em Etérico entre os menos desenvolvidos, mas mesmo estes acabam por esquecê-las. Muitos cristãos ortodoxos, por exemplo, esperam após a morte uma grande receção diante do trono de Deus, e ficam muito surpreendidos ao descobrir que, além do plano mais baixo, as crenças religiosas que tinham na Terra não despertam qualquer interesse nos seus novos companheiros, numa terra onde não existem igrejas, sacerdotes nem organizações religiosas como as que temos na Terra.

Então os ortodoxos aprendem, lentamente, que o que importa é aquilo que são, e que cada um deve depender de si mesmo, ou de si mesma, para se desenvolver em mente e carácter, a fim de progredir para reinos mais elevados. Da mesma forma, a crença de que algum salvador pagou o preço das nossas transgressões, essa mais imoral de todas as doutrinas religiosas, é abandonada com o tempo; essa muleta terrena é descartada, e os ortodoxos de todas as fés acabam por compreender os muitos erros que cometeram, e os muitos enganos que aceitaram sem reflexão racional durante a sua vida terrena. Então começa o progresso.

Um dos muitos erros cometidos pela religião organizada em todo o mundo foi limitar os benefícios prometidos pelos sacerdotes apenas à religião em que os crentes tinham sido batizados, considerando todos os fiéis de outras crenças como párias. Essa ignorância e intolerância levaram a guerras, perseguições e crueldades durante milhares de anos em todo o mundo, mas, como a sessão anterior revelou, Wallaho e a sua companheira chegaram em segurança ao belo Verão Celestial, tal como os outros índios americanos não-cristãos. Em sessões anteriores, além de japoneses, também os nativos da Índia, de África e de outros

povos não-cristãos relataram a sua felicidade no seu novo e belo mundo. O Espiritualismo rompe certamente o isolacionismo e a intolerância religiosos, que causaram tanta miséria no mundo quanto qualquer outra falha humana.

Os crentes na Reencarnação não encontrarão confirmação das suas opiniões na série de sessões relatada acima, e devem atentar para a observação feita pela Sr.ª Colquhoun em Etérico à sua filha, a Sr.ª Colquhoun na Terra. A Sr.ª Colquhoun afirmou que, quando a filha partisse, ambas estariam juntas por toda a eternidade. Progresso, sempre progresso em direção a um objetivo longínquo, é o que os nossos amigos Espíritos dizem que acontece a todos os que o desejarem, e isso é muito mais satisfatório do que as repetidas encarnações em que metade da humanidade acredita sem um pingo de prova.

Um último parágrafo relativamente à cor dos nossos corpos. As nossas peles na Terra têm cor, de acordo com o lugar onde habitamos, mas essas peles coloridas ficam na Terra quando morremos, sendo a cor do corpo etérico a mesma para todos — brancos, vermelhos, negros, castanhos e amarelos. Assim, a Sophie Sunshine já não é negra, e o Sr. Cameron, numa sessão anterior, recebeu mais informações sobre este assunto.

Passemos agora a ler o que aconteceu na sessão seguinte.

CAPÍTULO XIX

REUNIÃO EM CASA DA SR.ª BOWES

MAXWELL PARK, GLASGOW

Sábado, 10 de março de 1945

Presentes: Sr. John Sloan, Sr.ª Lillias Bowes, Sr.ª Crissie Colquhoun, Sr.ª Crissie Lang, Sr. Alexander Hart, Sr.ª Jean Dearie, Capitão Edward Altree.

Estávamos prestes a abrir a Reunião quando o relógio bateu as três. A Sr.ª Bowes observou: «Não era minha intenção dar corda às badaladas desse relógio. São um pouco desafinadas. Claro, é muito antigo. Pertencia à minha Avó.»

Uma voz do outro lado disse:

«Não digas isso do meu relógio.»

A Sr.ª Bowes riu-se e disse: «Adoro o teu relógio, Avó, como sabes, mas o badalo não está a funcionar bem, acho eu.»

O Sr. Sloan disse: «Que relógio é esse — o do átrio? Oh, esse é um belo relógio.»

A Avó respondeu:

«E ele tem uma bela voz. Deus o abençoe.»

Cantámos então Mais perto quero estar, meu Deus de ti e repetimos o Pai Nosso.

Uma voz feminina disse:

«É uma grande estranha, Sr.ª Lang, embora na verdade não seja estranha, pois muitas vezes a vejo quando não me vê.»

A Sr.ª Lang respondeu: «Gostava de a poder ver e de saber exatamente quando está comigo.»

A Sr.ª Sloan (pois era ela) disse então:

«"Oh, pelo toque de uma mão desaparecida e pelo som de uma voz amorosa"»,

e a Sr.ª Lang sentiu dedos a bater-lhe suavemente no alto da cabeça. Disse: «Quem é que me está a tocar?» e a voz respondeu:

«Sou só eu a tocar-te. Nanna (a Sr.ª Sloan), sabes. Alex, como estás? É a Mammy. E o meu querido velho, como estás?»

O Sr. Sloan respondeu: «Estou muito melhor. As minhas pernas estão muito melhores. Muito obrigado.»

A trombeta tocou suavemente a Sr.ª Dearie na cabeça e no rosto, e uma voz disse:

«Jean, Jean, sou apenas a Mary. Querida, como estás?»

A Sr.ª Dearie respondeu: «Estou bem, Mary. Vais dizer-me o que andas a fazer?»

A trombeta caiu nesse momento, e a Sr.ª Bowes apanhou-a.

Mary disse:

«Talvez a culpa tenha sido minha. Não sei dizer.»

A Sr.ª Bowes respondeu: «Oh, não, querida. Vem falar connosco», mas parecia ter perdido a vibração, pois nada mais foi dito.

O Sr. Sloan, que é tanto clariaudiente como clarividente, disse:

«Está um rapazito de pé ao lado do capitão Altree, e recebo o nome Billie.»

O capitão Altree respondeu:

«Eu consigo situar um Willie. Ele era conhecido aqui como Willie.»

Uma voz feminina disse então ao capitão Altree:

«Mammy Annie. Meu querido rapaz, Deus te abençoe.»

O capitão Altree respondeu: «Deus a abençoe, querida. Diga-me, Mãe, já encontrou o meu sobrinhosinho, o Teddie Craw?»

Ela respondeu:

«Não me é permitido vê-lo por agora. Está a ser cuidado pelas Irmãs.»

O capitão Altree disse: «Ele recebeu o meu nome, sabe.»

A sua Mãe respondeu:

«Sim, eu sei.»

Uma voz de rapaz disse então:

«Sou o Teddie. Tio Teddy. Tio Teddy. Estou a falar-te do outro lado da fronteira. Amo-te, tio Teddy.»

O capitão Altree respondeu: «Estás bem, Teddie.»

O rapaz respondeu:

«Sabes que sinto isso. Tenho saudades deles.»

O tio disse: «A tua Mãe e o teu Pai sentem muito a tua falta.»

O sobrinho disse:

«Vai levar algum tempo, tio, mas sei que compreendes, e oh, é maravilhoso sentir que podemos falar através da fronteira. Não há morte nesta grande terra de amor. É simplesmente uma experiência grandiosa — simplesmente sublime.»

O capitão Altree disse: «Tens alguma mensagem para o teu irmãozinho, Teddie?»

Teddie respondeu:

«Diz-lhe apenas que muitas vezes o vejo e muitas vezes lhe falo, mas ele nem sempre me ouve. Às vezes acho que sim. Diz-lhe que, se olhar para o espelho, eu tentarei espreitar por cima do ombro dele, mas que não deve assustar-se.»

O tio disse: «Por vezes ele olha para a tua fotografia.»

O rapaz respondeu:

«Sim, vejo-o a fazer isso, e às vezes ele beija-a, e eu digo: "Deus te abençoe, querido."»

Outra voz disse:

«Sabem, senhoras e senhores, é tão bom saber que o amor que temos na vida terrena nos acompanha para cá, e nunca perdemos o contacto convosco. Que os vossos caminhos sejam caminhos de bênção e de paz. Não era o Teddie quem vos falava, capitão Altree. Outro falou por ele.»

O capitão Altree respondeu: «Compreendo perfeitamente. Foi transmissão de pensamento.»

A voz respondeu:

«Exatamente. Fico contente que compreendas isso, meu irmão.»

Outra voz disse:

«Tom. Sou o Tom. Estou feliz por te ver aqui, Crissie» (Sr.ª Lang).

A Sr.ª Lang respondeu: «Qual Tom é?»

A voz dirigiu-se ao Sr. Hart:

«Alex, Alex, fiz o possível para pôr as coisas a funcionar para estar aqui hoje. Pensei que conseguiria vir. Sou o teu irmão Tom, Crissie. Deus te abençoe, querida. Pensei que terias reconhecido a minha voz.»

A Sr.ª Lang disse: «Não, Tom, não a teria reconhecido, mas suponho que é a vibração que tens.»

Ele respondeu:

«Não é tanto a vibração, mas estou a falar de muito longe. Não é transmitido. Estou a falar eu mesmo, mas não tenho a habilidade do Arthur para conseguir fazê-lo passar.»

Arthur Lang falou então e disse:

«Minha Mãe, estou sempre em contacto consigo. Deus a abençoe, minha preciosa Mãe.»

A Sr.ª Lang disse: «Obrigada, querido. Há muito tempo que não ouvia a tua voz.»

Arthur respondeu:

«Falo-lhe muitas vezes, Mãe, mas não me ouve, e eu tento fazê-la sentir-me perto de si.»

Outra voz disse:

«É o Pai agora» (Sr. Greenlees).

A Sr.ª Lang disse: «Outro Tom. Como estás, Pai?»

Ele respondeu:

«Ótimo, ótimo, mas estás a ficar mais magra, Crissie, e, sim, um bocadinho mais branca.»

A Sr.ª Lang disse: «Bem, os anos vão passando, sabes, e não podemos ficar sempre iguais.»

O Pai respondeu:

«É verdade. É assim para todos vocês. Deus a abençoe, Sr.ª Bowes. Alegra-me ver a Crissie em sua casa, e isto está a aproximá-la de alguém. Melhor dizendo, de alguns, não apenas de um, mas muitos estarão lá para a receber no devido tempo de Deus.»

O irmão da Sr.ª Bowes disse então:

«Sim, no Seu tempo certo, e quando isso acontecer estarei lá. Sou o Jim. Vai encontrar uma diferença quando vier para o nosso lado. Todos os novelos emaranhados serão desfeitos, e já não terá de se preocupar com nada.»

Outra voz disse à Sr.ª Lang:

«Sr.ª Lang, estou a falar pela Nellie.»

A Sr.ª Lang disse: «Oh, isso é bom. Diz-me como está a Nellie.»

Nellie falou então:

«Já não caminho coxeando, Crissie, e nunca me canso. É tão lindo passear por aqui. A vida estava a tornar-se bastante difícil para mim, Crissie, e todas as minhas provações acabaram agora. Oh, é finalmente o Céu — estar em casa.»

Uma voz que parecia estar mesmo em frente da Sr.ª Dearie disse:

«Já acabou de escrever?»

A Sr.ª Dearie respondeu: «Bem, querido amigo, estou apenas a registar o que está a ser dito.»

A voz disse:

«Oh, não me refiro a si, Sr.ª Dearie. Estava a falar com o cavalheiro aqui, com o Sr. Altree, creio eu. Está ocupado a escrever alguma coisa neste momento?»

O capitão Altree respondeu: «Não, muitas vezes sinto vontade de escrever, mas vou adiando e ainda não o fiz.»

A voz disse:

A voz disse:

«Não precisas de ter o mínimo receio. Receberás inspiração e conseguirás fazer disso um sucesso. Não deixes escapar nada do que te vier. Basta que reserves um momento para apontar à medida que os pensamentos surgem e, quando os vires por escrito, saberás exatamente como os colocar e articular entre si. Há pensamentos que te chegam de tempos a tempos da parte dos teus amigos do nosso lado, mas não os consegues reter por muito tempo. Tentar memorizá-los não resulta, mas, se os apontares no papel, então lembrar-te-ás deles. Eu ajudar-te-ei nesse trabalho.»

O capitão Altree respondeu: «Obrigado, amigo. Sim, vou certamente tentar isso. Obrigado pelo conselho.»

A voz disse:

«Sabe, meu caro amigo, esqueci o seu nome outra vez. É capitão Altree? É um nome bonito. Que a árvore da vida, com os seus frutos e flores a florir tão brilhantes, esteja bem perto de si, Sr. Altree, e que o seu descanso ao cair do dia seja doce e lhe permita sonhar e compor os seus pensamentos para os outros. Agora, não perca nenhuma oportunidade. Depois, serão uma leitura belíssima.

Sou um dos Diretores, Sr.ª Lang. Queria apenas dar um pequeno conselho a este seu querido amigo, se ele o aceitar. A mente dele está tão cheia de belos pensamentos e aspirações que seriam benéficos para os outros, mas ele esquece-os e, se os for apontando à medida que lhe chegam, serão ajuda e alegria para outros, nos dias que hão de vir.

Sr. Altree, o seu mundo quer essas joias, os pensamentos que recebe e tenta memorizar, por isso quero que os escreva. Tem alguma tendência para dizer: "Bem, não vale a pena incomodar-me." Está a semear, sabe, se apontar o que recebe. Está a semear e a fazê-lo com nobreza. Nunca receie escrever, ou falar, sobre este assunto quando sentir que está impressionado.»

Quando o Diretor terminou, o capitão Altree disse-nos: «É estranho eu, às vezes, sentir-me impelido a falar. Por exemplo, num vagão de comboio, no outro dia, começámos a falar deste assunto e eu pus-me a falar fluentemente, e depois perguntei-me o que me teria levado a fazer isso.»

O Diretor disse:

«Foi impressionado a fazê-lo, meu irmão, como o é muitas vezes, e aconselho-o a que, quando tiver essas impressões, simplesmente exprima os seus pensamentos e, se tiver dificuldade em memorizá-los, que os aponte.»

O capitão Altree disse: «Quer que pegue num lápis e escreva simplesmente o que me vier — escrita inspirada?»

A voz disse:

«É exatamente isso que quero dizer, e nós ajudá-lo-emos, meu irmão.»

O Sr. Sloan comentou: «Está fraquinho esta noite, de facto.»

Uma voz disse:

«Ingratidão personificada.»

O Sr. Lang disse então à Sr.ª Lang:

«Há muito tempo que não tinha o prazer de falar contigo, Crissie.»

A Sr.ª Lang perguntou: «Quem é que fala?», e ouviu em resposta:

«Bob. Olá, Alex.»

O Sr. Hart disse: «Olá, tio Bob.»

O Sr. Lang disse agora à esposa:

«Lamento ver-te um pouco frágil, não faz mal.»

A Sr.ª Lang respondeu: «Não, não me importo — muito.»

O Sr. Lang disse:

«Ouviste isso? — "Não me importo — muito." Acho-te excecionalmente corajosa. Olá, Sr.ª Colquhoun, é o Robert Lang que lhe fala. Fico muito contente por falar com a Crissie (Sr.ª Lang) em casa da Sr.ª Bowes. Muito obrigado, Sr.ª Bowes. É muito, muito bom voltar a falar com a Crissie, e estás bem melhor agora, Crissie.»

A Sr.ª Lang disse: «Bom, talvez», ao que o Sr. Lang observou:

«Não estás assim tão certa, hein! Claro que estás, mas, sabes, quando se sobe a colina da vida é difícil perceber que estamos a avançar na idade. Não podemos continuar sempre ao mesmo ritmo, sabes.»

O Sr. Sloan disse: «Eu, de qualquer maneira, vou a descer a colina, e senti-me muito frágil por um tempo, mas agora estou melhor.»

O Sr. Lang animou:

«Oh, John Sloan, está tudo bem. Vais recuperar tudo outra vez.»

O Sr. Sloan disse: «Se não fossem os meus joelhos velhos, ainda conseguia fazer tudo.»

O Sr. Lang exclamou:

«Alguma vez ouviram esse homem satisfeito?»

O Sr. Sloan disse: «Tenho a certeza de que não é o Sr. Lang a dizer-me isso.»

A Sr.ª Lang perguntou: «Foste tu, Bob?», e ele respondeu:

«Eu próprio era um bocadinho impetuoso, sabes, e, se não conseguia que as coisas fossem feitas exatamente como queria, de imediato, perdia logo a paciência. Sr.ª Colquhoun, é o Robert Lang quem fala. Tenho a honra de ter aqui comigo a sua querida Mãe.»

A Mãe da Sr.ª Colquhoun disse então à filha:

«Fiquei tão contente por vir aqui com o Sr. Lang e dar um passeio com ele. Deus te abençoe, querida.»

A Sr.ª Colquhoun perguntou: «Mãe, já viste o James, o James Cuthbertson? Sabes que ele partiu.»

A Mãe respondeu:

«Oh, Crissie, eu não sabia que ele estava aqui. Leva-lhes o meu amor, por favor. Não te esqueças de dizer que veio deste lado. Isso esteve-me apenas velado por um bocadinho, mas vou tentar entrar agora em contacto com ele, já que sei.»

A Sr.ª Colquhoun e a Sr.ª Bowes sentiram então dedos na cabeça, e uma voz masculina disse:

«Nas minhas mãos, no meu coração e nos meus olhos, trago-te todos os dons que Deus pode enviar, e, nos dias em que chegar a iluminação, sabereis e compreendereis porque vos chegam estes benefícios, meus amigos. É uma senhorinha maravilhosa, Sr.ª Dearie. O seu serviço aos outros, ao registar as nossas palavras, será amplamente recompensado.»

A Sr.ª Dearie respondeu: «Muito obrigada, querido amigo.»

Um de nós perguntou quem falava, e a resposta soou como:

«Archie Lees»,

mas não conseguimos perceber exatamente o primeiro nome. Pode ter sido R. J. Lees, autor de Through the Mists e de outros livros psíquicos. O Sr. Lees prosseguiu:

«Está difícil nestes tempos. As vibrações deste lado não estão tão límpidas como gostaríamos.»

O Sr. Sloan disse: «Isto é terrível. Vais notar a diferença, Sr.ª Lang. A velha caixa acabou, acabou mesmo desta vez.»

Uma voz do lado espiritual disse, em tom de brincadeira:

«Oh, mas tu já estavas acabado há muito, muito tempo.»

Whitefeather costumava chamar "a sua caixa" ao Sloan quando o controlava.

Depois outra voz disse:

«Estão todos um tanto melancólicos esta noite. Porque não cantam?»

Então cantámos: They are winging, they are winging e, depois, a Sr.ª Sloan disse:

«Foi muito bonito. Obrigada, Sr.ª Bowes. Foi amável cantar o meu hino, e fico muito contente por a ver, Sr.ª Lang, entre todos os queridos amigos hoje. Que lhe seja dada força para continuar por muito tempo ainda. Abençoe-a, querida, gostaria de dizer umas palavras a cada um de vós, porque todos foram tão bondosos e bons para com o meu querido velhote, e ele está muito sozinho.»

O Sr. Sloan disse: «Estou bem, Mammy querida. Não estou nada sozinho. Estou bem. Não te preocupes comigo, querida, que agora estou bem.»

A Sr.ª Sloan continuou:

«Deus o abençoe, capitão Altree. Nunca tem um coração solitário como o meu querido velhote.»

Uma voz masculina disse:

«Altree, que belo nome, e você é "all three" (todos três).»

O capitão Altree riu-se e disse:

«Sim, é verdade. Como soubeste?»

A voz respondeu:

«Eu sei, porque te vejo muitas vezes.»

O capitão Altree perguntou: «Quem é agora, pergunto-me?»

A voz respondeu:

«Coça de novo a cabeça. Os velhos amigos nunca devem ser esquecidos — Mac. Força, diz Betty. Há vários deste lado que neste momento estão a ajudá-lo. Estás a cumprir um dever nobre no que estás a levar a cabo. Sabes ao que me refiro, e isso não será esquecido.»

O capitão Altree compreendeu e respondeu: «Ah, está bem», e o seu amigo etérico continuou:

«Eu sei que está bem, mas quero dizer-te que estas coisas nunca se esquecem. Regressam a ti em incontáveis bênçãos, que reconhecerás quando chegarem. Bênçãos supremas, que, como sabes, não vêm deste lado terreno da vida, mas da fonte para onde as tens enviado há muito tempo. Acho que por isso saberás ao que me refiro.»

«Obrigado», disse o capitão Altree, e logo Arthur Lang falou:

«Minha própria Mãe. Fala o Arthur. Deus abençoe a minha querida Mãe.»

A Sr.ª Lang disse: «Como vão as coisas contigo aí do teu lado, Arthur? Estás ocupado?» Ele respondeu:

«Estou sempre ocupado. Sabes, Mãe querida, como me encontrei praticamente na mesma situação em que muitos dos rapazes estão agora, e estou a ajudá-los e a cuidar deles tanto quanto posso. É um dever muito agradável. O teu cabelo, querida, está a ficar demasiado branco para o meu gosto.»

Arthur Lang fora morto na Primeira Guerra Mundial. O pai da Sr.ª Lang falou primeiro ao neto, Arthur, do seu lado, e depois à filha:

«Arthur, não deves pensar nela dessa maneira. Ela tem de acompanhar os tempos, sabes. Sou o Tom Greenlees. Estou a tentar pousar a minha mão na tua cabeça. Deus te abençoe, Crissie.»

A Sr.ª Lang disse: «Oh, que mão forte a pressionar-me a cabeça! Parece até pesada.»

O pai disse:

«Não queria magoar-te, querida.»

A Sr.ª Lang respondeu: «Oh não, não me magoas. Foi maravilhoso sentir essa mão forte.»

Uma voz feminina intrometeu-se:

«Bem, sabes, Sr.ª Lang, ele vai tentar dar-te um pouco de força porque precisas dela. É a Nanna (Sr.ª Sloan) que fala.»

A Sr.ª Lang disse, um tanto surpreendida: «Nanna», e a Sr.ª Sloan, notando a hesitação, perguntou:

«Deixaste de me chamar Nanna aí do teu lado? É a Mammy Sloan, Sr.ª Lang. Tens andado muito trémula de pernas há algum tempo. Tenho-te visto a andar, e já não és exatamente o que eras.»

Arthur Lang continuou:

«Não faz mal, querida, se conseguires andar. Ainda podes vir ao portão encontrar-me. Mãe, é o Arthur. A voz calma e suave do Arthur a falar apenas à sua Mãe querida. Deus te abençoe, Mãe.»

A Sr.ª Lang perguntou: «São os teus dedos que me estão agora na cabeça, Arthur?», e ele respondeu:

«Um, dois, três, quatro, cinco.»

A Sr.ª Lang disse que os dedos a tocaram na cabeça, um a um, enquanto ele contava.

A trombeta tocou então a Sr.ª Bowes, e uma voz disse:

«Jim, Jim. Sou o Jim. Minha querida, como estás, minha querida?»

A Sr.ª Bowes respondeu ao irmão: «Oh, querido Jim, Deus te abençoe. Estou tão feliz que tenhas vindo falar comigo», e ele prosseguiu:

«Tens saudades minhas, querida? Sim, achávamos que era suficientemente mau na altura, minha querida, mas, quando olhamos para os dias que passaram e vemos a tragédia do mundo de hoje, achamos que a nossa é leve. A Gladdie (a esposa dele) e eu estamos juntos agora, e já não sinto tanto a separação porque estamos a velar por ti, e sabemos que, no tempo de Deus, voltaremos a encontrar-nos, logo para lá da fronteira. Isso não torna a vida muito mais digna de ser vivida?»

A Sr.ª Bowes respondeu: «Realmente torna, querido.»

Jim, o irmão, continuou:

«Capitão Altree, tenho a certeza de que também o compreende. O conhecimento de que aqueles que amámos na vida terrena podem voltar e tocar-vos e falar-vos é realmente uma grande dádiva, e uma grande bênção, não é?»

O capitão Altree respondeu: «Uma grande dádiva, sem dúvida, e está apenas no começo.»

Jim disse:

«Cabe a cada um de vós, valentes, espalhar a semente da verdade e assegurar que caia em boa terra. Mostrem ao mundo que não há morte no grande jardim do amor de Deus.»

O capitão Altree disse: «Acredito que daqui a cinquenta anos tudo isto será aceite como algo natural, tal como hoje se aceitam coisas que, no tempo dos nossos avós, seriam tidas por impossíveis.»

Então ouvimos uma nova voz, que antecipava o futuro:

«Muito bem! Está precisamente a chegar a isso. Entraremos durante a noite, falaremos convosco e partiremos de novo, e tudo será considerado perfeitamente normal. Façam apenas o vosso melhor para difundir esta verdade, por mais difícil que seja: uma palavra amável, um pensamento bondoso, uma boa aspiração ou atos de bondade. Tudo isso ajuda.»

A trombeta tocou suavemente a Sr.ª Dearie, e uma voz masculina fez a seguinte previsão correta:

«Quaisquer palavras que escrevas viverão depois de ti, minha querida.»

Ela perguntou quem falava, e ele respondeu:

«Pai.»

A Sr.ª Dearie disse: «Oh, obrigada, querido. Vem falar comigo, Pai», mas ele deve ter perdido a vibração, pois ela não obteve resposta.

Cantámos o hino Loved ones in glory looking this way e, depois, a Sr.ª Colquhoun recebeu toques da trombeta.

Uma voz feminina disse então:

«É apenas a Mãe, Crissie, a falar contigo. Deus te abençoe, minha querida filha. Como gosto de olhar para ti. Estou a acariciar-te o cabelo e gostaria apenas de levar comigo uma pequena madeixa. Mas está bem, direi que te afaguei a cabeça.»

A Sr.ª Colquhoun perguntou: «Como está o Pai?», e de imediato uma voz masculina disse:

«Alguma vez me ouviste queixar-me? Estás bem, Crissie?»

Ouvimos a Mãe da Sr.ª Colquhoun dizer:

«Eu ouvi», evidentemente em resposta à pergunta sobre queixas.

O Pai disse então:

«Não te preocupes, Crissie, o jubileu soará em breve, e a paz está próxima. O problema são os corações doridos que ficam para trás, mas estão todos guardados pelo Pai, e não os retenhas com pensamentos tristes — mantém-te animada. Só nos é permitido ir até certo ponto e não mais em dizer-vos quando vem a paz, mas ela está a chegar muito em breve.»

Outra voz disse:

«Deus vos abençoe a todos, e ao Sr. Altree. Ele tem pensamentos e aspirações maravilhosos que lhe vêm à mente, nas horas tranquilas da noite, e que tenciona escrever, mas esquece-se de pôr essa intenção em prática. Nós, que sabemos um pouco mais sobre o assunto, devíamos ser capazes de conduzir os outros em frente. Refiro-me a pessoas como o senhor, Sr. Altree, e aos que têm longa experiência.»

O Sr. Sloan ficou muito aborrecido com tudo aquilo e exclamou: «Eu sabia que nada aconteceria esta noite», quando uma voz disse:

«Ouçam este homem terrível.»

Pathfinder falou então à Sr.ª Lang:

«Fala Pathfinder. Sei que o teu caminho tem sido um tanto difícil. Acho que sabes ao que me refiro, amiga Lang, e vou apoiar-te e conseguirás ultrapassar tudo. Não temas, tem coragem e fortaleza, mantém a tua fé firme, e aqueles que te amam estarão contigo e tudo correrá bem. Deus te abençoe. Acabei de deixar o teu querido filho, Arthur. Ele está agora mesmo entre os rapazes soldados.»

Evidentemente, o Pathfinder não sabia que Arthur Lang tinha deixado os rapazes soldados por um tempo para falar com a sua Mãe. Há um constante ir e vir do outro lado durante uma sessão, e eles não ficam sentados quietos como nós nas sessões na Terra. O Pathfinder continuou:

«Não tens ideia da multidão de espíritos que está a chegar ao outro lado da vida neste momento, e é uma tarefa enorme tentar ajudá-los a todos.»

O capitão Altree disse: «Alguns deles não hão de saber onde estão.»

Pathfinder respondeu:

«É isso mesmo, fazê-los compreender, porque alguns chegam com ideias tão confusas acerca do outro lado da vida que é difícil, muito difícil, ajudá-los. Sou o Pathfinder.»

Outra voz disse:

«Sabem que não vos estou a apressar a terminar, mas às vezes chega a altura em que a força se esgota, e sinto agora que não resta muita força, uma força satisfatória, sabem. É apenas um velho amigo do vosso círculo a falar.»

Pathfinder voltou e disse:

«Sou o Pathfinder. Deixo isso ao vosso critério. Não vos causeis qualquer inquietação por nossa causa. Eu não vos deixarei. O Pathfinder fará o possível para dar-se a conhecer a cada um de vós, pouco a pouco, em vossas próprias casas, na tranquilidade da noite, tentarei, com a cooperação e a ajuda do Grande Mestre.»

A Sr.ª Bowes disse: «Isso é amável, Pathfinder. Muito obrigada.»

Ele respondeu:

«Deus a abençoe, Sr.ª Bowes. É tão bom ouvir o meu nome dito dessa forma. Que eu possa trilhar um caminho no qual ninguém que siga as pegadas do Pathfinder venha a errar.»

O Sr. Sloan concordou: «Nunca teremos receio de seguir os índios, qualquer um deles. Foram os amigos mais queridos que já tive.»

John Lamont falou então:

«É John Lamont que fala agora. Estou a falar de muito longe. Quero que, Sr.ª Dearie, registe, o melhor que puder, as aspirações que gostaríamos de enviar àqueles que estão à espera lá fora (o público em geral). Diga-lhes apenas, Sr.ª Dearie, que neste círculo e nos círculos ligados a este e a outro círculo (o círculo do Sr. Phoenix) têm o núcleo de uma grande força, dos cujos belos ambientes podem receber mensagens de tempos a tempos, e a esse núcleo serão acrescentados novos membros de vez em quando, do nosso lado, que foram amigos vossos, amados e amantes.»

Arthur Lang falou de novo:

«Espero que eu possa ser um dos escolhidos, Mãe querida. Tenho notado que o teu coração ansiava, por vezes, por uma palavrinha nossa, Mãe querida. Como eu queria que pudesses compreender que vivemos em ti e através de ti na tua vida quotidiana, tentando socorrer-te e esforçando-nos por te fortalecer de todas as formas. Deus te abençoe, e Deus te abençoe, Alex.»

Depois ouvimos o Arthur a chamar alguém:

«Elliot, Elliot, depressa»,

e pouco depois outra voz disse:

«Oh, olá, Sr.ª Lang. Fala Dan Elliot. Recebi uma mensagem instantânea do Arthur para vir ver-te. Lembro-me sempre desses belos dias de outrora. Oh, dias, dias queridos, essas memórias dos tempos felizes na querida e velha Cowglen. Lembro-me da gravação da pedra no relvado.»

A Sr.ª Lang disse: «Ainda tenho essa pedra.»

Ele respondeu:

«Eu sei, Sr.ª Lang. Hei de vir mais vezes até ti, conforme se proporcione. Não estou em contacto, capitão Altree. Perdi o cordão, o cordão que costumava usar. Acho que compreenderás, Sr.ª Lang.»

A Sr.ª Lang respondeu: «Que pensas agora do Walter?»

Dan Elliot disse:

«Oh, o que disseste, Sr.ª Lang?»

A Sr.ª Lang repetiu: «Perguntava-me se sabias o que o Walter tem andado a fazer.»

Ele respondeu:

«Tem-se divertido à grande.»

A Sr.ª Lang disse: «Ah, então sabes disso.» Dan respondeu:

«Claro, sei tudo sobre ele. Estamos a cuidar dele o melhor que podemos. Fala Dan, Dan Elliot. Claro que não podemos simplesmente agarrá-lo e obrigá-lo a fazer o que queremos. Ele continua tão teimoso como sempre foi, mas fomos os melhores amigos. Oh, esses eram dias felizes naquela velha biblioteca.»

Depois, dirigindo-se ao Arthur Lang, do seu lado:

«Oh, esses é que eram os dias, Arthur, velho amigo.»

Arthur respondeu:

«Sim, dias queridos, queridos.»

A Sr.ª Lang concordou e perguntou depois: «Chegas a ver a Daisy?»

Arthur respondeu:

«Sim, vejo-a muitas vezes.»

Outra voz intrometeu-se então:

«Não é para nós trazermos isso à frente agora. Requer toda a tua atenção, Sr.ª Bowes, e tenho a certeza de que me dás razão, Sr. Altree. Não deve haver indolentes no mundo de hoje. Todos temos um dever a cumprir e, se não o cumprimos, temos simplesmente de sofrer. Não há nada como ser direto e claro.»

O capitão Altree disse: «Agora pergunto-me quem será?» A voz respondeu:

«Ora, de certeza que sabes. Blairgowrie, a velha e querida Blairgowrie»,

e ouvimos o som de uma locomotiva a bufar lentamente. Desconhecido dos presentes na altura, o comboio bufante de Blairgowrie, a andar devagar, é uma piada local.

Quando o bufar terminou, a Sr.ª Dearie comentou: «A voz soa como a de um Fifer» (um natural de Fife), e a resposta veio de imediato:

«E o que há de errado com um Fifer, a não ser que sejam um pouco espertos demais para todos vós? Terão de levantar-se cedo para levar a melhor a um Fifer, mas nunca conseguirão melhor amigo na vida, se arranjarem um Fifer honesto. Uma boa consciência é uma grande posse, mas não há mal que não possa ser erradicado pelo Poder do Grande Espírito Branco. Depende do barro que o oleiro tem para trabalhar. Alguns são tão teimosos.

Não sou um Fifer e, embora se possa levar um cavalo ao bebedouro, por minha fé, não se pode obrigá-lo a beber. O mundo hoje é egoísta. Está cheio e misturado com tantas tragédias da vida que nós, deste lado, não sabemos bem como agir ou como lidar com as multidões que vagueiam por aqui à procura da nossa ajuda. É uma experiência terrível, e precisamos da vossa ajuda. Todos vós, nas vossas almas, podeis elevar uma oração ao Grande Espírito Branco para ajudar e socorrer os que estão em grande aflição — a vaguear nas regiões desconhecidas da Terra do Espírito, sem saber para onde ir.»

Outra voz perguntou:

«Capitão Altree, conheceu um William Altree? — há muito tempo, sabes. Este é alguém que viveu muito antes de ti. Não é alguém que tenhas conhecido na vida terrena, mas é alguém de quem ouviste muitas belas histórias.»

Outra voz interrompeu:

«E agora acho que é altura de parar. Foi-vos exigido bastante hoje, sem que o soubessem, e alguns de vós não estão na melhor condição para serem sugados. No entanto, deveis julgar por vós próprios se já foi suficiente. Não nos considerem, pois estamos ao vosso serviço para fazer o que pudermos. Há tão pouco que possamos fazer por ti, Sr.ª Colquhoun, mas fazemos o nosso melhor por ti em todos os momentos. Fico feliz por ver que fisicamente estás muito melhor. Gostaríamos apenas de ver todos vós, queridos amigos, em perfeita saúde física.»

Então, uma nova voz intrometeu-se:

«Olá, Ted.»

O capitão Altree perguntou: «Quem é?»

A voz disse:

«Jimmie, ouviste falar do Jimmie Altree? Ah, bem, James, se preferires. Era conhecido como 'Jimmie'.»

O capitão Altree perguntou: «É o Avô?» A voz respondeu:
«Claro que é o Avô, então não reconheces o teu próprio Avô?»

O capitão Altree disse: «Sabes aquela coisa com que estiveste ligado nesta vida terrena. Pois, nunca consegui dar-lhe seguimento desde então.»

Avô disse:
«Não é nada fácil. Não achas surpreendente como, hoje em dia, sem esforço nenhum, te chega informação, espontaneamente, sem que faças nada? Já experimentaste escrever?»

O capitão Altree disse: «Pensei nisso muitas vezes, e hoje falaram-me disso.»

O Avô disse:
«Sempre que sintas vontade de te sentar a escrever, fá-lo, e vais receber algo.»

O capitão Altree disse: «Queres dizer no meu próprio quarto, no meu quarto de dormir?»

A resposta foi:
«Em qualquer lugar, desde que estejas em silêncio e te consigas relaxar, e nós dir-te-emos o que escrever.»

O capitão Altree disse: «Queres dizer escrita inspirada, Avô?», e recebeu a resposta:

«É isso mesmo. Não te posso dizer quem te vai ajudar, mas isso ser-te-á dito depois.»

O capitão Altree disse: «Obrigado, Avô. Vou tentar.»

Uma voz feminina disse então à Sr.ª Lang: «Estás a sentir-te melhor agora? Estás a ganhar um pouco de forças, querida? Sim, estou a falar contigo, Crissie Lang. Estiveste muito frágil por um tempinho, quase tão frágil como eu. Fala a Nellie. Estou a olhar para o Alex aqui, e ele está aprumado e forte e bem, e nunca o ouves resmungar. Ele está sempre "tudo bem" e todos os outros estão bem. Ele é sempre assim.»

O Sr. Hart disse: «Obrigado. Consegue dizer-nos que horas são?»
Ela respondeu:

«São quase cinco horas», e isso confirmou-se.

O Sr. Lang encerrou então os trabalhos, dizendo:

«Bem, senhoras e senhores, sou apenas eu a falar. Creio que já prolongaram o suficiente. Não falo por mim — eu poderia continuar por muito tempo —, mas, para benefício dos que não estão, por agora, muito bem de saúde, exorto-vos a terem cuidado, sabem ao que me refiro. Fala o velho Bob Lang. Boa noite.»
A Sr.ª Bowes disse: «Bem, amigos, alguém fecha por nós?»

Uma voz disse:
«Que a luz e o conhecimento da Verdade sejam o teu caminho; que as mãos guias das Entidades Rutilantes lá do Alto te tomem pela mão e te conduzam suavemente na direção certa, e por todos os benefícios que recebeste nos dias e horas da tua vida, dá graças ao Grande Deus, como nós damos. Ámen.»

Cantámos a *Doxologia* e assim terminou a Sessão.

A sessão registada neste capítulo apresenta-nos outro aspeto do Espiritualismo. Ao longo dos séculos lemos sobre escrita inspirada e sobre aqueles que diziam possuir a faculdade de escrever com coerência, sem esforço consciente. Hoje chama-se a isto escrita automática, mas nós, na Terra, apenas experimentamos o efeito sem vermos a causa. Aqui, nesta sessão, revela-se-nos o outro lado da escrita automática, e podemos agora perceber algo acerca da causa.

Pelo visto, alguém do outro lado percebeu que o capitão Altree era um bom médium para a transmissão de mensagens escritas de Etérico para a Terra. Assim, esse Etérico disse-lhe o que fazer e que ele, ou outro, forneceria as ideias que ele passaria ao papel. Esse é o lado etérico do problema; mas o que têm para nos dizer esses autores de escrita automática? Stainton Moses, um dos mais conhecidos, explicou que, quando o fenómeno lhe surgiu pela primeira vez, o seu braço direito era firmemente controlado sensivelmente a meio do antebraço, e que, gradualmente, a sua mão escrevia inglês inteligível sem qualquer controlo da sua parte. Outros tiveram experiências semelhantes no início, mas qualquer sensação desagradável desaparecia com o tempo.

Há muitas modalidades de escrita automática, como: (1) escrever em transe; (2) quanto mais indiferente estiver o automatista, mais facilmente escreverá; (3) escrever conscientemente com a mão direita e, inconscientemente, algo diferente com a esquerda, ou vice-versa; (4) escrever em línguas estrangeiras desconhecidas do automatista; (5) escrever com caráter e estilo totalmente distintos do normal do automatista; (6) escrever com coerência sobre assuntos que o automatista desconhece; (7) escrever de cabeça para baixo; (8) escrever ao contrário, cada palavra soletrada da última letra para a primeira, mas legível e com sentido ao virar a folha e, nessa posição, levantá-la à luz; e, por fim, (9) escrever a grande velocidade, tendo Miss Geraldine Cummins produzido partes dos *Scripts of Cleophas* a uma cadência de 2000 palavras por hora.

Ao lermos a literatura antiga, deparamos constantemente com ocorrências anómalas, sendo a alegação de escrever inspiradamente apenas uma delas. Outra é o ouvir vozes, crendo quem as ouvia que Deus, ou um dos deuses, lhe tinha falado. Na Bíblia, por exemplo, a audição da Voz Direta é mencionada em setenta ocasiões. Muitos grandes do passado foram, sem dúvida, médiuns, sendo os seus dons especiais a clariaudiência e a clarividência.

Ou reclamavam tais dons para si, ou outros o faziam por eles — como sucedeu com figuras conhecidas como Sócrates, Débora, Samuel, Moisés, Paulo, Jesus, Cícero, Apolónio, Maomé, Plotino, Porfírio, Apuleio, Joana d'Arc, Swedenborg e Florence Nightingale. Filão podia escrever durante horas a grande velocidade, sem pensar nem se esforçar. Muitos mais terão sido igualmente dotados, mas não se tornaram figuras históricas. Contudo, esses homens e mulheres de tempos idos foram precursores dos médiuns notáveis que ganharam fama nos últimos cem anos.

Em 1848 nasceu o chamado Espiritualismo moderno: a mediunidade de duas raparigas americanas, Margaret e Kate, que viviam em Hydesville, no Estado de Nova Iorque, filhas de John David Fox, atraiu a atenção pública. Felizmente para

elas, e para a humanidade em geral, a queima ou o afogamento de bruxas já tinham sido abandonados, e foi-lhes permitido viver e demonstrar o seu maravilhoso poder psíquico, que se manifestou primeiro por pancadas invisíveis. Depressa se verificou que por detrás dessas pancadas estava uma ou mais inteligências, soletrando-se palavras — por exemplo, uma pancada representava a letra «A», duas pancadas «B», e assim por diante. Componham-se, assim, frases, e fornecia-se informação importante e desconhecida que, mais tarde, se confirmava verdadeira. Comissão atrás de comissão foi nomeada para desmascarar essas crianças como fraudulentas e, não o conseguindo, para descobrir a causa do fenómeno.

Assim começou o Espiritualismo moderno, fruto da investigação científica. Pela primeira vez na história, os fenómenos psíquicos foram estudados através da observação e da experiência — base da ciência —, concluindo-se que o medo do inferno, pelo qual a religião ortodoxa prosperara no passado, era infundado e que a forma como vivíamos na Terra determinava o nosso lugar no outro mundo. A religião natural e uma nova filosofia avançada nasceram, assim, a que se deu o nome de Espiritualismo; e hoje há igrejas espiritualistas e sociedades de Investigação Psíquica por todo o mundo, especialmente na maioria das cidades da Grã-Bretanha, Estados Unidos, França, Suécia, Dinamarca, Brasil, Canadá, África do Sul, Austrália e Nova Zelândia.

Nos primeiros tempos, os espiritualistas sofreram perseguição, ostracismo e deturpação. O seu inimigo figadal foi a Igreja Cristã, que via os seus alicerces cederem e as suas paredes racharem. Este enorme edifício de credos, dogmas e doutrinas, erguido ao longo dos quatro primeiros séculos cristãos, é um sepulcro caiado, abrigando os ossos mortos do passado. Por conseguinte, os que se chamavam espiritualistas concluíram que, se a felicidade no Céu derivava de uma vida boa na Terra, um salvador do Inferno era desnecessário, a Eucaristia era uma cerimónia sem sentido e todo o esquema cristão de salvação era apenas mais um dos equívocos construídos pela teologia por causa da ignorância humana e do medo da morte.

Tão grave se tornou a perspetiva para a Igreja Cristã que o Arcebispo de Cantuária nomeou uma comissão para averiguar a questão. Esse órgão, composto por dez sacerdotes e eclesiásticos, apresentou as suas conclusões em 1938 e, para surpresa e consternação do Dr. Lang e dos bispos, sete assinaram o relatório maioritário a favor das pretensões do Espiritualismo, enquanto três reservaram opinião. Se o resultado tivesse sido o contrário, teria sido publicado de imediato; não sendo assim, o relatório, com a aprovação de todos os bispos, foi suprimido e nunca publicado. Só em 1947 o *Psychic News* conseguiu uma

cópia, fornecida por um membro da comissão, que o publicou, para grande aborrecimento do Dr. Fisher, então Arcebispo de Cantuária.

Seja o que for que os defensores da ignorância digam, por mais que tentem impedir as pessoas de adquirir conhecimento da vida após a morte, o facto é que, em vez de a morte ser uma maldição a temer, como a Teologia proclamou no passado — em vez de salvadores serem necessários para resgatar a humanidade errante da ira de Deus —, acontece precisamente o contrário, pois o homem não é um ser decaído, mas em evolução. Após o nascimento, que nos torna conscientes deste mundo, a morte intensifica a consciência de viver e corrige o que aqui está errado. Mesmo os que morrem jovens, ou antes da velhice, saem a ganhar com a mudança. Se a morte não ocorresse, todos deslizaríamos para a velhice, a fraqueza, a pobreza, a dor e a miséria. Os desvalidos não podem permanecer indefinidamente na Terra; têm de desfazer-se do corpo físico para desfrutar as delícias de Etérico no corpo etérico, que nunca envelhece.

As sessões registadas neste livro mostram-nos que a morte não deve aterrorizar-nos, porque é a porta por onde alcançamos outra fase, mais feliz, da nossa existência. Os que morrem bebés, ou natimortos, são trazidos de volta à Terra para lhes serem ensinadas as experiências que perderam. A morte é apenas a perda da sensação das vibrações físicas e a apreciação de uma gama mais elevada das vibrações que compõem o Universo.

O nosso conhecimento do que se segue à morte intensifica a confiança na lei natural e aumenta a dignidade do homem, porque agora sabemos que a vida na Terra — com os seus arrebatamentos e as suas pungências, o seu êxtase e as suas lágrimas, os seus clarões e sombras, as suas coroas e grinaldas, os seus espinhos e rosas, as suas glórias e fracassos — é apenas uma preparação, uma escola por que todos têm de passar para aprender a lição da vida, lição que não termina na Terra, mas que está sempre a ser ensinada. Quanto mais se amplia a nossa compreensão, mais progredimos.

CAPÍTULO XX

REUNIÃO EM CASA DA SR.ª COLQUHOUN
POLLOKSHIELDS, GLASGOW

Terça-feira, 10 de julho de 1945

Presentes: SR. JOHN SLOAN, SR.ª CRISSIE COLQUHOUN, SR.ª CRISSIE LANG, SR.ª JANIE RICHARDSON, SR.ª SAM SLOAN (ISA), SR.ª JEAN DEARIE, SR.ª LILLIAS BOWES.

Iniciámos a sessão com o hino habitual, *Nearer, my God, to Thee*, e uma voz masculina do outro lado cantou connosco durante todo o tempo. Depois recitámos a Oração do Senhor e, quando terminámos, a Sr.ª Colquhoun perguntou se as condições eram boas.

Uma voz respondeu:
"Está tudo bem."

E o Sr. Sloan observou:
"Alegro-me que esteja tão otimista."

A voz disse:
"Onde foi buscar essa palavra, amigo Sloan?"

O Sr. Sloan respondeu:
"Não sei. Simplesmente saiu."

A Sr.ª Dearie comentou a voz que tinha cantado connosco durante o hino inicial, mas a maioria dos outros disse não a ter ouvido. A trombeta tocou nela, e uma voz masculina disse:
"Quem é que tem um ouvido tão apurado para distinguir o meu canto?"

Depois, voltando-se para a Sr.ª Lang, acrescentou:
"Olá, quer que eu diga quem é, Mãe?"

E a trombeta tocou na Sr.ª Lang. Era evidentemente Arthur Lang. A trombeta então tocou na Sr.ª Bowes, e uma voz disse:
"É a Sr.ª Bowes? Há alguns amigos do seu rapaz deste lado. Não consigo dizer já quem são. Está por aí um Willie Boyd?"

A Sr.ª Bowes respondeu:
"Não tenho a certeza."

Seguiu-se silêncio, e a Sr.ª Bowes perguntou:
"Está aí o David Buchanan?"

A voz respondeu:
"Ia mesmo falar do David, querida amiga. Só estranhei não o ter mencionado antes. Ele está bem."

A Sr.ª Bowes disse:
"Quer transmitir o meu amor ao David? O Bill (na Terra) ficou muito triste ao saber do que aconteceu."

A voz respondeu:
"Eu sei. Todos ficámos tristes com isso."

A Sr.ª Bowes acrescentou:
"Penso que o Bill poderia ajudar o David, se ele precisar."

Então o próprio David falou:
"Eu não estou morto. Estou bem vivo, Sr.ª Bowes. Deus a abençoe. Gostava que esta mensagem pudesse ser levada a casa."

A Sr.ª Bowes disse:
"Sim, querido, mas receio não conseguir expressá-la a não ser que surja uma oportunidade."

David respondeu:
"Não, não é possível agora."

A Sr.ª Bowes perguntou:
"David, vais ajudar o Archie o mais que puderes?"

Uma nova voz respondeu:
"Oh, estamos a cuidar bem dele. Não é o David a falar agora. É o Pai."

A Sr.ª Bowes disse:
"Qual Pai? Pode dizer-me? Não é o Pai do David, pois ele ainda está no corpo."

A voz disse:
"O seu Pai."

Após um curto silêncio, o Sr. Sloan começou a assobiar; e uma voz disse:
"Creio que nem sabia que estava a assobiar, Sr. Sloan."

O Sr. Sloan respondeu:
"Pois não sabia, porque eu não sei assobiar de todo."

A Sr.ª Lang disse:
"Isso faz-nos lembrar o Sr. Galloway. Ele era sempre tão alegre e bem-disposto numa sessão, e ficava sentado a assobiar."

O Sr. Sloan disse:
"Pois, o velho Sr. Galloway era um bom homem."

Então o Sr. Galloway falou e disse:
"Menos do 'velho', John — aí estás tu outra vez. E quanto a ti próprio?"

O Sr. Sloan disse:
"Bem, Sr. Galloway, já estou a ficar um homem velho."

As trombetas bateram umas nas outras, e a Sr.ª Lang comentou:
"O Sr. Galloway sempre disse que voltaria e faria as trombetas bater depois de chegar ao outro lado."

O Sr. Galloway falou de novo:
"Gostava de as fazer bater mais um bocadinho."

E voltou a agitá-las vigorosamente. Depois disse a alguém do seu lado:
"Anda cá, que eu levo-te até ela. Anda."

Outra voz então disse à Sr.ª Lang:
"Sou eu, o Bob (Sr. Lang). Deus a abençoe, minha querida. O Sr. Galloway trouxe-me para a ver."

A Sr.ª Lang disse:
"Não podia vir sozinho, Bob? Vê algumas das tuas rosas — e são de Cowglen também."

O Sr. Lang disse:
"Estou a ver, e são muito belas. Cowglen já não está tão bonito agora, Cris."

A Sr.ª Lang concordou:
"Já não há Cowglen. Quase desapareceu tudo."

O Sr. Lang respondeu:
"Tivemos lá memórias tristes, Cris, mas também dias muito felizes."

Arthur Lang então interveio na conversa:
"E voltaremos a ter momentos felizes, minha querida Mãe. É o Arthur a falar. Deus a abençoe, minha querida."

A Sr.ª Lang disse:
"O teu velho amigo está aqui ao meu lado."

A Sr.ª Richardson disse:
"Oh, és tu, Arthur?"

E ele respondeu:
"Deus a abençoe, minha querida, sou apenas o Arthur."

A Sr.ª Lang perguntou:
"Como te tens arranjado, querido? Estás tão ocupado como sempre?"

Ele respondeu:
"Ainda mais."

E então uma voz bem diferente falou:
"Boa noite, Sr.ª Lang. Como está? Fico feliz por a ver. Já a conheci antes, em vida terrena, sabe? Doyle a falar. É um privilégio poder vir aqui e dizer algumas palavras."

A Sr.ª Lang respondeu:
"É muita gentileza sua, e estamos muito contentes por saber que está aqui."

Ele replicou:
"Estou apenas a olhar em volta para vos ver a todos. Sr.ª Dearie, vejo que está a escrever. Já terá ouvido falar de Doyle."

A trombeta aproximou-se da cabeça da Sr.ª Dearie, e depois uma mão acariciou-lhe o cabelo.

A Sr.ª Dearie disse:
"É amigo do Arthur?"

A Sr.ª Lang disse:
"É o Sir Arthur Conan Doyle."

A Sr.ª Dearie, um pouco confusa, respondeu:
"Oh, claro, agora sei quem é, Sir Arthur. Claro que já ouvi falar muito de si, e li alguns dos seus livros."

Ele respondeu:
"Sou apenas aquilo a que chamam 'Sir Arthur', mas não liguem ao 'Sir'. Estou aqui agora para prestar algum serviço a qualquer de vós, se puder. Deus vos abençoe a todos."

A Sr.ª Bowes perguntou:
"O que pensa da situação mundial agora, Sir Arthur? Da luta que ainda continua?"

Ele respondeu:

“Está a chegar rapidamente ao fim agora, minha querida.”

A Srta. Dearie perguntou: "Acha que esta verdade se difundirá e será mais geralmente aceite quando a guerra terminar?"

Sir Arthur respondeu:

"Não há dúvida de que haverá mais compreensão sobre isso. Será mais completamente compreendido, devo dizer. Bom dia."

Cantámos o hino Loved ones in Glory looking this away, e enquanto o cantávamos, um amigo do outro lado cantou connosco mas usou palavras diferentes.

Uma voz chamou então:

"Fanny, Fanny."

A Sra. Lang respondeu: "Vem, querida. A Janie está aqui."

A voz disse então:

"Deus te abençoe, Janie. Sou a Fanny (irmã da Sra. Janie Richardson). Oh, minha querida, estou tão feliz por te ver."

A Sra. Richardson disse: "Fanny, estou tão feliz por te ouvir falar. Estás feliz?" Fanny respondeu:

"Estou tão feliz, querida, tão feliz. Oh, como queria poder abraçar-te e dar-te um grande abraço. Gavin — vem cá."

Evidentemente estava a chamar alguém. Gavin falou então:

"Olá, Janie, sou o Gavin. Acabei de chegar. Estou a incomodar, Sra. Lang? Não sou bom a falar. Ainda não me habituei a falar assim. Olá, Janie, sabes que estou aqui. Consegues ouvir-me? A vida para nós é simplesmente maravilhosa, embora eu ainda saiba pouco sobre ela, querida. Podemos ir até certo ponto e não mais além. Estou a falar de muito longe de ti neste momento, embora te veja como se estivesse a olhar por um telescópio."

A Sra. Richardson disse: "Estás bem agora, Gavin? Estás curado?" Ele respondeu: "Não tenho mais dor. Nesta terra de luz e liberdade a dor não existe. Já não há dor."

A Mãe da Sra. Richardson falou então:

"Minha querida Janie, tiveste as tuas preocupações e os teus desgostos, mas o amor de Mãe e o cuidado de Mãe nunca te deixarão, e eu hei de receber-te quando chegar o tempo de Deus, e o Pai também. Muitas vezes estamos contigo, sem tu o saberes, a animar-te quando estás abatida. Tiveste fases de

grande melancolia, sabes do que falo. Pois bem, estivemos muito perto de ti nessas alturas. Confia em Deus, Janie, e tudo ficará bem. Deus te abençoe, minha menina. Mantém-te perto do Mestre e Ele levar-te-á avante."

A Sra. Richardson disse: "Isso não soou como a voz da Mãe", ao que Fanny respondeu:

"Janie, é muito difícil para nós conseguirmos que as nossas vozes soem como tu as conheceste na vida terrena. Ainda estou ao teu lado, querida. É a Fanny a falar agora."

A Sra. Richardson disse: "Falávamos muitas vezes sobre a sobrevivência, não era, querida?"

Fanny respondeu:

"Sim, mas acho que não compreendi bem. Penso que tu percebias melhor do que eu, Janie, mas quando cheguei à realidade, ao belo lar deste lado da vida, então soube que era real."

A Sra. Richardson perguntou: "A Aggie está contigo?", e Fanny respondeu:

"Hoje não, mas vejo-a de vez em quando. Muitas vezes vamos — é difícil explicar-te — ia dizer longos passeios no belo Paraíso. Ambas gostávamos de caminhar, como sabes, e não esquecemos, querida. Quando sentimos que temos uma colina a subir, basta pensarmos em estar no cimo, e isso leva-nos logo lá acima, onde podemos contemplar as belezas da terra do espírito. Partimos sempre do ponto que nos é mais adequado, e ainda não vimos o Grande Mestre, mas os que já estão aqui há muito tempo contam-nos as maravilhas e os esplendores que ainda havemos de contemplar."

Então ouvimos uma voz do outro lado dizer a Fanny:

"Que tal é falares de novo em casa, Fan? Olá, estás aí, Janie? Como estás?"

A Sra. Richardson respondeu: "Mais ou menos bem, obrigada. Quem me fala?"

Não houve resposta porque o seu Avô interrompeu:

"Bom dia, minha querida. O melhor dos dias para ti."

A Sra. Richardson respondeu: "E o melhor dos dias para si também, se ao menos me disser quem é."

Ele respondeu:

"É um caminho comprido o que não tem volta, sabes."

A Sra. Richardson disse: "Ora bem, isso é bonito. Está feliz, seja quem for?"

Ele respondeu:

"Claro que estou feliz. Não creio que me recordes bem. Sou o teu Avô. É melhor dizeres que não tinhas nenhum, porque tenho a certeza absoluta de que nunca me viste na vida terrena, e talvez até tenha sido melhor assim. A tua avó costumava dizer que eu era um velho rabugento às vezes, mas não o dizia a sério. Ela era um encanto, simplesmente um encanto."

A Sra. Richardson disse: "O meu Avô nunca me falou antes", e ele explicou porquê: "Não creio que me tenhas dado muita oportunidade, ao pensares em mim. De outro modo, talvez me tivesse aproximado mais de ti. Deus te abençoe, minha querida."

Outra voz disse:

"Desci perto do teu plano. Não é o teu Avô que fala agora. Só quero dizer que é uma alegria para todos esses teus amigos de tempos distantes quando conseguem contactar contigo. Sou um dos trabalhadores, um dos demonstradores, apenas a fazer o que posso para manter as portas abertas e mostrar-lhes o caminho. Por vezes os teus amigos podem estar a falar contigo e tu não os ouves. Fazemos tudo o que podemos para ajudar, ligando as vibrações."

A Sra. Sam Sloan foi a seguinte a ser interpelada:

"Olá — a Isa sabe tudo sobre falar. Muitas vezes recebes um toque, mas não o sentes."

Tinkle Bell interveio então e uma voz infantil cantou:

"Twinkle, twinkle, little star,
How I wonder what you are,
I used to wonder what you are,
but now I know all about you,
and I sing you a beautiful song.
It is Tinkle Bell."
A Srta. Colquhoun disse: "O Sr. Hart não está aqui esta noite, Tinkle Bell."

Tinkle respondeu:

"O que fizeram com ele? Pois bem, digam-lhe que o amo na mesma, e hei de ralhar bem com ele quando o vir."

O Sr. Bob Douglas falou então:

"Está aí sentado o Sr. Hart?"

A Srta. Colquhoun disse: "Não, o Sr. Hart não está aqui esta noite, amigo", e a resposta veio: "Não sei se ele me conheceria bem, mas encontrei-o em West Kilbride, em casa do John (a casa do John Sloan). Olá, Isa, sou o Bob, o teu Pai."

O Sr. Sloan disse: "Deus o abençoe, Sr. Douglas. Nunca pensei que fosse você."

O Sr. Douglas disse:

"Ouvi falar da Sra. Lang há muito, muito tempo. Sim, e conheci também o Sr. Lang nos velhos tempos. Pois sim, claro que o conheci. Ele possuía umas belas casinhas à beira do canal. Está tudo bem. É a Sra. Lang? Hei de dizer ao meu querido velho amigo que a vi, e esta é a sua casa?"

A Sra. Lang respondeu: "Não, não é a minha casa. É a casa da Srta. Colquhoun."

O Sr. Douglas disse:

"Também conheço a Srta. Colquhoun. Obrigado, Srta. Colquhoun, por me deixar vir aqui. Estava a falar com a Isa ontem à noite."

Isa disse: "Não foi ontem à noite. Foi há duas noites, Pai."

A trombeta tocou então a Srta. Colquhoun, e uma voz masculina disse:

"Diz à Annie que ainda a amo. A minha partida não quebrou o laço entre nós. Oh, minha querida, oh, é maravilhoso. É o James a falar. É maravilhoso podermos entrar aqui, e eu ter conseguido. Estava com receio de não me conseguir fazer ouvir, e estive ao teu lado, Crissie, para esse fim. Estou bem e oh, tão feliz, embora, claro, ainda sinta saudades de alguns que deixei. Sabes do que falo, mas trabalho o mais que posso para que aqueles que deixei tenham paz e felicidade. É tão difícil."

A Srta. Colquhoun reconheceu-o e compreendeu-o. Respondeu:

"Vou tentar transmitir isso, mas, como dizes, é difícil."

A Sra. Colquhoun falou então à filha:

"Sim, sabemos que é difícil, mas talvez não precises de dizer nada. Ajudaremos em tudo o que pudermos. É a Mãe a falar, Crissie. É a Mãe, e, embora eu não te consiga ver neste momento, sinto a tua querida cabeça, minha querida menina."

A Srta. Colquhoun respondeu: "A tua mão está agradável e quente, querida."

A Mãe respondeu:

“Não tão agradável e quente como o meu coração está por ti.”

A Srta. Colquhoun perguntou: “Vieste com o James, querida?”

A Mãe respondeu:

“Não, encontrei-o aqui quando cheguei. Foi também uma surpresa para mim. É a Sra. Lang? Aqui fala a Mãe da Crissie. Quero agradecer-lhe a sua grande bondade para com ela quando foi a sua casa. Costumava ser esquecida, mas agora tenho uma memória esplêndida. Agora conseguiria baralhar-te, Crissie.”

A Srta. Colquhoun riu-se e disse: “Tenho a certeza de que sim, querida.”

O Sr. Sloan perguntou: “É a Sra. Colquhoun? Ora, era uma querida alma.”

A Sra. Colquhoun respondeu-lhe:

“Agora, John Sloan, menos ‘querida alma’. Tu também já não és uma alma muito jovem.”

O Sr. Sloan riu-se e disse: “Essa foi boa. Estou a rir-me com isso.”

A Sra. Colquhoun também riu e disse:

“E eu também. Também estou a rir-me.”

A Srta. Colquhoun perguntou: “E como estão todos os outros, Mãe? Não os ouço falar há algum tempo — o tio Archie, o James e o Paton — todos eles?”

A Sra. Colquhoun respondeu:

“Estão todos ocupados neste momento, demasiado ocupados para virem ver-te. Esperamos que os grandes organizadores façam com que as coisas (a guerra) cheguem ao fim em breve. Pelo menos, é essa a nossa esperança.”

Arthur Lang falou então:

“Parece que foi ontem que parti, mas a minha querida mudou muito desde esses dias. Deus a abençoe, minha querida Mãe. É o Arthur. Deus a abençoe, e aqui está também o Pai, mesmo ao seu lado.”

O Sr. Lang disse:

“Crissie, sou o Bob. Estou tão feliz apenas por estar perto do querido lar por mais algum tempo. As memórias desse querido lar são-me muito queridas. Mas agora já não existe.” (Cowglen House foi demolida.)

“Lá tivemos tempos tão felizes, e também tempos trágicos, Crissie.”

Arthur falou então:

"Não estás triste agora, Mãe, pois sabes que não estou longe de ti. Deus te abençoe, minha querida, minha doce Mãe. Gostava tanto de poder deixar-te ver-me. Pois dirias que me tornei num belo e robusto rapaz agora. Sabes, as mães nunca veem defeito nos filhos e estão sempre a elogiá-los. Sei que recebi elogios quando não os merecia, embora também tenha levado algumas repreensões."

Outra voz masculina chamou: "Jim, Jim, o James está a falar."

Não se ouviu mais nada, e para ajudar as vibrações cantámos uma estrofe de I to the hills will lift mine eyes, depois da qual o Sr. Lang voltou a falar:

"Tivemos tempos muito felizes nos velhos dias, Crissie. Aqui fala o Bob. Sinto-me tão feliz, só queria poder transmitir-te um pouco disso."

Então a Sra. Lang perguntou: "Sabias que estive com a Daisy durante algum tempo?"

O Sr. Lang respondeu cautelosamente acerca de um assunto privado:

"Vi-te com ela. O tempo não foi o melhor — a Daisy e o Willie — também o vi algumas vezes, mas ele não tinha noção disso. Não faz mal, vai correr tudo bem. Sei exatamente o que está para vir e o que ele anda a fazer, e vai correr tudo bem. Tenho a certeza absoluta de que vai correr tudo bem."

A Sra. Lang disse: "Oh, isso é ótimo. Gostava de poder transmitir essa mensagem, mas não consigo fazê-lo."

O Sr. Lang disse:

"Não te peço que tenhas fé suficiente para o fazer, mas vai mesmo correr tudo bem. Podes guardar isso para ti, Crissie."

A Sra. Lang respondeu: "Bem, fico contente por saber que as coisas vão correr bem. Ele próprio está um pouco inseguro, sabes."

Uma voz chamou novamente:

"James, James,"

e a Sra. Lang disse: "Ora bem, Bob, não poderias ajudar esse James? Ele tem vindo tantas vezes."

A voz disse: "Hei de vir até ficar satisfeito. Sou o jovem James Colquhoun, mas nunca sabes nada de mim. Tenho vindo durante o que vocês chamam meses e anos, às vezes. Sou um dos ramos antigos, muito antigos, da árvore da família, minha querida, e estou a trabalhar para o vosso bem. Hás de ouvir mais de mim

agora que consigo pôr isto numa forma que podes cristalizar e perceber o que quero dizer. Estou aqui há o que vocês chamariam muito, muito tempo."

A Srta. Colquhoun comentou: "Ora bem, estamos encantados por tê-lo", mas o assunto terminou aí porque a trombeta tocou a Sra. Bowes, e uma voz disse:

"Há aqui alguém que diz ser a tia Bella, do lado do espírito. Ela está do meu lado, aquele de que falo. Veio há muito tempo, e diz que nunca conseguiu articular-se contigo."

A Sra. Bowes disse: "Oh, sim, consigo situar uma tia Bella, embora nunca a tenha visto. Penso que faleceu antes de eu nascer."

A tia Bella falou então:

"Pouco mais de um ano antes de nasceres."

A Sra. Bowes disse: "Sim, e tenho a tua fotografia, tia Bella."

A tia Bella agradeceu primeiro à Gladys, cunhada da Sra. Bowes, que do outro lado a tinha ajudado a manifestar-se, e depois continuou:

"Deus te abençoe, Gladys. Ela consegue ouvir-me. É uma sensação agradável saber que posso tocar-te (Sra. Bowes) e que sabes que estou aqui. Pensa em mim de vez em quando, e farei o melhor que puder por ti, e cuidarei dos rapazes."

A Sra. Bowes disse: "Obrigada, querida. Pergunto-me se poderias ajudar a tua outra sobrinha (nome omitido a pedido), porque ela precisa muito de ajuda."

A tia Bella respondeu:

"Ela não parece compreender isto da mesma forma que tu, e é difícil aproximar-me dela, mas farei o melhor que puder."

A Sra. Bowes disse: "Sei que é mais difícil para ti, mas ela tem passado por tempos muito duros e precisa mesmo de ajuda."

A tia respondeu:

"Sim, sei, e não é culpa dela. Essa é a parte trágica, carregar os fardos de outros que não devia ter tido de carregar. Farei tudo o que puder por vocês. O teu rapaz, o Bill, está na Birmânia? Tentarei encontrá-lo."

A Sra. Bowes respondeu: "Sim, isso seria maravilhoso. Obrigada, querida."

A tia Bella falou então à Gladys do seu lado, e depois à Sra. Bowes:

"Consigo tocá-la, Gladys. É apenas o toque de uma mão desaparecida, uma mão que nunca conheceste na vida terrena toca-te agora."

A Sra. Bowes sentiu uma mão a tocá-la. Disse então: "Estarás agora perto da minha Mãe", ao que a tia respondeu:

"Sim, estamos muitas vezes juntas."

Após um intervalo de silêncio, o Sr. Sloan disse: "Oh, vá lá, amigos, mantenham isto a andar e façam alguma coisa."

Uma voz masculina disse:

"Estou surpreendido com o meu irmão John a falar dessa maneira. Isa (nora de Sloan), corrige-o e faz com que se porte bem."

Isa respondeu: "Estou cansada de o corrigir. És tu, John? Deus te abençoe, querido, sinto-te a tocar-me."

(O John Sloan tinha um irmão chamado John que morreu antes de ele nascer.)

Uma voz feminina tomou então a conversa:

"É uma coisa curiosa, muito curiosa, as memórias que nos ficam quando voltamos entre pessoas como vocês. Traz de novo à memória os belos dias que se esbateram um pouco. Deus te abençoe, Lillias, é a tua Avó a falar."

A Sra. Bowes perguntou: "És tu, Avó?", e uma voz masculina respondeu:

"Estás só a dizer 'És tu' como se fosse quase impossível. Aqui fala o Avô."

A Sra. Bowes perguntou: "Qual Avô? Tenho dois avôs, sabes." Ele respondeu:

"Sou aquele que conheceste quando eras apenas uma pequenita, o Avô David."

A Sra. Bowes respondeu: "Oh, lembro-me do Avô David. Sempre o amei. Era tão querido." Ele respondeu:

"É muito simpático da tua parte dizer isso, minha querida, porque algumas pessoas na vida terrena diziam que eu era um velho rabugento, mas o Jim dir-te-á que eu era um homem decente. O Jim era o teu Pai James — mas eu chamava-lhe Jim. Para mim, ele era o Jim."

A Sra. Bowes disse: "Sim, eu sei, e ele sempre teve grande respeito e admiração por si, Avô. Ouvi-o dizer isso muitas vezes."

O Avô prosseguiu:

“Vais ficar surpreendida com a quantidade de pessoas que encontrarás quando vieres para o nosso lado, pessoas que praticamente tinhas esquecido.”

A Sra. Bowes perguntou: “Muitas vezes pergunto-me, Avô, se, quando passarmos, veremos o nosso passado representado diante de nós”, mas ele não entendeu:

“O que disseste, minha querida?”

A Sra. Bowes respondeu: “Perguntava-me apenas se teríamos imagens do passado representadas diante de nós. Serão os episódios da nossa vida recordados dessa forma?”

O Avô disse:

“Todas as belas cenas do passado que esqueceste, cenas da tua vida terrena, passarão diante de ti como uma visão panorâmica e hão de trazer tudo de volta. Muitas vezes é revelado àqueles que estão a partir, no último momento. Tenho a certeza de que já ouviste pessoas dizerem que alguém que morreu falava de velhas cenas mesmo antes de partir. Isso foi apenas uma visão panorâmica a passar diante dele. Deus te abençoe, minha querida. Boa noite.”

Uma voz feminina, a Mãe da Srta. Colquhoun, falou então:

“Eu sei, Crissie, o que é viver no passado, mas tu foste sempre tão boa e bondosa para comigo, Crissie. É a Mãe. Nunca tive boa memória, sabes, Sra. Bowes. Esquecia-me das coisas e às vezes fazia disparates, mas a Crissie foi sempre bondosa. Foi isso, Crissie, a minha memória parecia simplesmente esvair-se, mas tu foste sempre boa para mim e ajudaste-me. Deus te abençoe.”

Uma voz masculina, a do Avô do Arthur Lang, falou então à Srta. Colquhoun:

“Esses atos de bondade, minha querida, ficam registados. Não penses mais nisso. Hás de ver a tua Mãe do outro lado da vida, com plena saúde e a recordar-se de tudo muito bem.”

A Srta. Colquhoun respondeu: “Estou ansiosa por isso”, e ele continuou:

“Mas não virás já. Todos vocês têm ainda trabalho e deveres a cumprir na vida terrena, e penso que é belo sabermos que está oculto de nós o como e o quando da passagem. Tenho a certeza de que todos concordarão comigo nisso. Basta deixá-lo nas mãos do Grande Mestre, confiar naquele que disse que nunca vos deixaria nem vos abandonaria, e verão que tudo estará bem quando chegar a hora da separação dos caminhos. Fala Robert Lang Sénior, sim, Sénior — o Avô do Arthur Lang.”

Pathfinder falou então:

"A memória é uma coisa maravilhosa, uma coisa bela, e é tão bom se tiverdes guardado pensamentos belos e bondosos nos quais possais meditar depois. Não tenho vindo às vossas reuniões há algum tempo. Aqui fala Pathfinder, que ora para que os vossos caminhos sejam guiados e protegidos, e todos aqueles que amais sejam trazidos de volta em segurança quando chegar a paz. Continuo interessado em vós. Conheço todos os que estão aqui, e muitos mais que não estão aqui agora, mas que passaram para outras paragens e estão a vigiar e a guiar os vossos passos com olhos amorosos até que se reencontrem."

Andrew Bowes enviou então uma mensagem:

"Fala Andrew Bowes. Terás de recuar bastante no tempo. O Andrew não está a falar, mas sim um dos seus amigos, e ele disse: 'Se conseguires chegar a esse lugar (esta sessão) onde eles estão a falar de um lado para o outro, diz-lhes que o Andrew Bowes virá um dia e lhes fará um pequeno discurso.'"

Não houve oportunidade de responder porque a Sra. Sloan tomou a palavra:

"Quando as sombras tiverem partido e os nevoeiros se tiverem dissipado. Aqui fala a Mammy. Que Deus a abençoe, Sra. Lang. Estive em Cowglen, como costumavam chamar-lhe. Não encontrei a tua casa, mas encontrei a casa onde estás agora, e um dia hei de entrar e bater nas paredes por dentro."

O Sr. Sloan disse: "Nunca bates nas minhas paredes, Mammy. Mais vale vires bater lá."

A sua filha, do outro lado, falou então:

"Pai, não digas isso outra vez. Estou muitas vezes em tua casa, mas tu não me vês. Sou eu, a Peggy."

O Sr. Sloan disse-lhe: "Já não é grande coisa de casa, querida", e Peggy respondeu:

"Não é a casa que venho ver. É para te animar, e falo contigo muitas vezes."

O Sr. Sloan respondeu: "Foste a mais querida das alminhas. Gostava imenso de ti. Peggy, a pequenina Peggy, e a pequenina Nessie era ainda mais nova. Já não consigo recordá-la bem. É terrível quando nem sequer se consegue lembrar da própria família."

O Sr. Richardson falou então à sua esposa:

"Janie, aqui fala o James, James Richardson. Consigo falar quando tenho poder, mas ele diminuiu um pouco. Estás aí, Janie, consegues ouvir-me de todo? Não consigo agora obter a vibração que queria."

Ele perdeu a vibração e outra voz falou: "Sou o Willie. Parti pela água. Estava em Calcutá. (Certo.) Vejo-te, Janie, e estás tão bela como sempre."

A Sra. Richardson respondeu: "Duvido." Willie respondeu:

"Não duvides de nada. Estou a dizer-te. O James e o Willie estão ambos a falar. Estamos a olhar para além da aparência exterior e a ver a tua mente e o teu coração."

Arthur Lang voltou então e prosseguiu:

"É o Arthur a tocar-te, minha querida Mãe."

(A Sra. Lang sentiu dedos a acariciar-lhe a mão.)

"Não é uma mão tão quente, Mãe. Está mais fresca agora. O toque de uma mão desaparecida por um instante, e o som da voz como a conheceste silenciou-se há algum tempo, mas estou muito perto da minha preciosa Mãe. Deus te abençoe. Vá, Avô, fala-lhe tu."

O seu Bisavô falou então nestas palavras:

"Talvez seja ainda mais maravilhoso para nós recebermos o toque da vossa mão quente e sentirmo-nos na presença real daqueles que tanto amamos. Aqui fala o Avô de há muito, muito tempo, o Avô do teu marido. Tu não podes lembrar-te de mim, mas eu conheço o nome e vigio-te de vez em quando. Não tens estado na melhor saúde física ultimamente, e hei de arranjar alguém para cuidar de ti. Já não dormes tão bem como dantes."

A Sra. Lang respondeu: "Oh, não durmo assim tão mal, mas estou bastante inútil. Já não consigo andar como antes."

Ele respondeu: "Ora, eu agora consigo andar. Agora que já não tenho o corpo físico a atrapalhar-me. Era como tu, e pior, porque não era metade tão ativo como tu, sabes."

A Sra. Lang perguntou: "Era o Avô que costumava ter uma bengala?"

Ele respondeu:

"Sim, a minha bengala. Era bem grossa. Mantinha-os em ordem, mas nunca lhes bati." (E deu uma grande gargalhada.) "Sabes, tinha uma voz algo estentórea, e não gostavam de me ouvir quando eu me zangava. Tens tido dor de cabeça

ultimamente, minha querida. Uma dor mesmo acima do olho direito. É apenas um nervo. Vai passar com o tempo."

Dedos foram colocados na cabeça da Sra. Lang e da Srta. Colquhoun ao mesmo tempo, e depois uma mão passou sobre a cabeça do Sr. Sloan, apenas uma ligeira pressão.

A irmã da Sra. Sam Sloan, Marjory, falou-lhe então:

Uma voz masculina disse:

"Isa, Isa, não me reconheces? O papá (o Sr. Sloan) não me reconhece. Acha que devia conhecer toda a gente. Oh, mas o papá conhece-me muito bem. Eu só estava a dizer isso. É a Marjory a falar. Esforcei-me muito para entrar. Espero que me perdoem, Sra. Lang e Sra. Bowes. Eu era irmã da Isa e continuo a ser a sua irmã."

A Isa perguntou: "Como está o Jack?", e ela respondeu:

"Oh, o Jack está bem."

O Jack falou então:

"Isa, não estou a intrometer-me agora nesta companhia, mas desejo a todos a bênção de Deus. Dá-me simplesmente prazer poder entrar e falar contigo."

A Isa disse: "Eras tão feliz, tu e a Madge (Marjory) juntos."

Ele respondeu: "Continuamos felizes. É apenas a continuação da vida que tivemos na Terra, prosseguida para o outro lado da vida também para nós. Deus te abençoe, Isa."

Houve silêncio durante algum tempo e então o Sr. Sloan disse aos presentes do outro lado: "Gostava que fizessem qualquer coisa para animar isto um pouco, amigos. Eu sei que não vos posso ajudar. Não sirvo para nada."

Um homem na Etéria discordou:

"Tem uma visão sombria das coisas. Nós sabemos tudo sobre si, amigo Sloan. Não creio que tenha o direito de dizer isso. Deve deixar que os seus amigos digam se é útil ou não. Tenho a certeza de que ainda é muito, muito útil de muitas maneiras. Tem o poder de levar conforto àqueles com quem convive. Agora, está ali uma bela senhora. No íntimo, ela sabe que está a receber muitas belas mensagens do lado do espírito. Tentamos retribuir-lhe (Srta. Dearie) os pensamentos amorosos e as suas ações caridosas ao escrever tantos belos registos nossos e transcrevê-los por nós."

As trombetas deram toques e pancadinhas por todo o corpo da Srta. Dearie.

"Aprecio os seus pensamentos e o seu trabalho, e o seu sacrifício pelos outros ao escrever todas estas coisas. Não imagina a bênção que hão de trazer a alguém que precise de esclarecimento e de simpatia. Nunca há uma mensagem que receba do lado espiritual da vida que não seja importante. Se vem do lado espiritual da vida é porque tem um propósito e um objetivo em vista, e nunca regressa a casa sem ter cumprido essa missão. Oh, como eu gostaria de poder trazer todos os pensamentos amorosos que aqueles que a rodeiam agora parecem ter por si. Que a força dos Grandes lhe dê poder na mão por muito tempo, minha querida, para retratar esses belos pensamentos do outro lado da vida que nós não temos poder para retratar, não fosse pela instrumentalidade dos seus belos pensamentos e da sua escrita."

As trombetas continuaram a acariciar a cabeça e o rosto da Srta. Dearie, e ela respondeu: "Obrigada, querido amigo, mas isso é mais do que mereço."

A resposta veio do seu admirador do outro lado:

"Nada disso. É uma grande honra podermos contar consigo como nossa ajudante, para retratar os nossos pensamentos."

A Srta. Dearie respondeu: "Obrigada, querido amigo."

A Sra. Sloan falou então:

"Deus a abençoe, Sra. Lang, quero vir falar-lhe eu própria. É a Nanna (a Sra. Sloan). Estou a recordar os muitos tempos felizes que costumávamos ter nos velhos dias. Está a subir a encosta agora, Sra. Lang, e, a seu tempo, pela graça de Deus — não quero que venha demasiado cedo — eu estarei lá para a receber, com todos os outros, e rejubilaremos, e o seu querido marido e o seu querido filho também lá estarão. É simplesmente maravilhoso ter todos os seus entes queridos à sua volta. Tenho muitos dos meus ao meu lado e, claro, ainda tenho o meu querido velho resmungão do seu lado, mas ele não o faz por mal." (A Sra. Lang faleceu em outubro de 1948.)

O Sr. Sloan disse: "Eu é que queria era estar aí ao pé de ti, Mammy."

A Sra. Sloan respondeu:

"Sim, mas tens o teu trabalho a fazer e os teus deveres a cumprir, papá. Não podes vir antes do teu tempo. Precisas é de alguém que te dê uma repreensão e te diga o que deves fazer."

O Sr. Sloan disse: "Deus te abençoe, Mammy. Eu ouviria cada palavra tua. Ela era uma querida alma."

A Sra. Sloan discordou:

“Hoje tens demasiado ‘velha’, papá, porque eu estou a rejuvenescer o tempo todo. Tu talvez estejas a envelhecer, mas dentro de ti o teu espírito está a renovar a sua juventude, e hás de sentir o benefício quando chegar a hora de passares para cá, e todos os que amaste aqui te ajudarão.”

O Sr. Sloan continuava taciturno: “Deus te abençoe,

minha querida Mammy, o meu sol apagou-se quando te foste embora.” Uma voz masculina falou-lhe então:

“O teu filho está mesmo aqui, pai.”

A Srta. Dearie perguntou: “Qual filho é?”, e ele respondeu:

“Obrigada, Srta. Dearie, por fazer essa pergunta. É o Dougal. Sei que sentiu que o meu pai devia tê-lo sabido.”

O Sr. Sloan comentou: “Dugie, Deus te abençoe. Sim, a minha memória falha-me por vezes.” Dougal continuou:

“Agora, se estou a demorar-vos demasiado, amigos, retiro-me já. Boa noite, pai. Não vou embora, fico só de lado. Deus a abençoe, Sra. Lang e Sra. Bowes. Deus a abençoe, Srta. Colquhoun, e Deus a abençoe, Srta. Dearie. Não gosto muito de dizer Dearie. Tenho a certeza de que as belas palavras que escreve hão de ser uma bênção para muita gente.”

O Sr. Sloan disse: “Deus te abençoe, Dugie. Foste um bom rapaz, Dugie.”

Dougal concluiu:

“Boa noite, Sra. Richardson, já a encontrei antes, embora não muitas vezes. Sei que tem um rapaz do lado espiritual, porque o vi de pé ao seu lado, embora ele não falasse esta noite. Creio que partiu ainda muito novo.”

Roy Richardson interrompeu então:

“Oh, Mãe, agora sou um grande e possante rapaz. Consegues ouvir-me, Mãe? É só o Roy — o Roy Richardson.”

Depois outra voz cantou:

“I was sailing, sailing, over the sea, and I have come back home to thee. Is that you, Roy?”

dirigindo-se ao Roy do seu lado. Depois falou-nos a nós, na Terra:

“Olá, Crissie e Janie. Janie, eu sou o teu irmão Ikey.”

A sua irmã, a Sra. Richardson, exclamou: "Ikey, estou tão feliz por te ouvir. Tenho pensado muito em ti ultimamente."

Ele respondeu:

"É assim mesmo, querida. Eu recebia os teus pensamentos, mas foi difícil para mim conseguir passar. Deus te abençoe, Crissie (Lang). Olhei para ti muitas vezes quando estavas sentada nestas reuniões e desejei poder deixar-te ouvir-me. Agora reconheces-me — sabes quem sou? Deus te abençoe. Obrigado, tio Bob, por me ajudares. Eu estava a navegar pelo mar e estava a deixar-te saber que estava a navegar, a navegar pelo mar, de volta para ti."

A Sra. Richardson perguntou: "Tiveste maus momentos, Ikey?"

Ele respondeu:

"Não, estou tão bem agora e tão feliz. Pensa em mim como o rapaz feliz, muito feliz, que conheceste há muito tempo. Não perderei uma oportunidade de vir falar contigo outra vez. Esforcei-me muito para conseguir passar. Tenho de agradecer ao Bob por me mostrar o caminho. Isaac — nunca gostei do nome Isaac. Gostava mais de Ikey. Tinhas uma maneira bonita de o dizer que, de certa forma, lhe tirava a aspereza."

A última voz a falar concluiu a reunião do seguinte modo:

"Não há noite na grande terra do Amor de Deus. Bom dia, e uma manhã radiosa para todos vós depois do vosso descanso. Que vos levanteis fortalecidos e reanimados para cumprir os deveres de mais um dia. Deus vos abençoe. Creio que será melhor fecharem agora, se me perdoarem a ousadia de vos fazer esta sugestão.

O poder que tem estado nas vossas redondezas ultimamente dissipou-se bastante e eu não vos aconselharia a continuar muito tempo, porque eu não conseguiria controlar tantos deste lado que querem vir falar convosco, e poderia ser prematuro deixá-los entrar já. Fico contente por compreenderem. Fechem como de costume, e nós diremos a nossa bênção e a nossa bênção final sobre vós deste lado, para que vos acompanhe quando partirdes. Deus vos abençoe."

Cantámos a Doxologia, e assim terminou uma sessão memorável.

No prefácio deste livro afirmei que Bliss Dearie estivera presente em vinte e quatro sessões do Sr. Sloan, durante as quais tomou notas taquigráficas, palavra por palavra, de tudo o que foi dito ou feito nessas reuniões. Desses vinte e quatro registos selecionei dezanove, o que significa que este capítulo, que regista a décima nona sessão, contém o relato da última reunião a incluir neste

livro. Sendo assim, não desvirtuará acrescentar aqui algumas considerações gerais sobre elas.

Estes registos ocupam a maior parte do livro, e notar-se-á que as observações feitas pelos Etéreos ocupam de longe o maior espaço no relato de cada sessão. Por outras palavras, os Etéreos falaram muito mais do que os presentes. Em média, cerca de quarenta vozes etéricas falaram em cada reunião, o que significa que, ao longo das dezanove sessões, falaram quase oitocentas vozes. Algumas foram reconhecidas, e percebeu-se claramente, pelo timbre das vozes, se quem falava era um homem, uma mulher ou uma criança. O que os assistentes notavam sempre eram as personalidades dos oradores — de facto, cada um tinha personalidade e características diferentes, de modo que aqueles Etéreos que vinham regularmente eram reconhecidos só por isso. Para as pessoas da Terra que estavam presentes, isto era muito convincente, e espera-se que, até certo ponto, tal tenha sido transmitido em letra de forma ao leitor. A personalidade da Sra. Sloan é bastante distinta da das outras mulheres que falaram, tal como a personalidade de Arthur Lang. Os Índios Americanos são precisos e dignos no falar, e a "pawkiness" (graça trocista) de certos escoceses é muito evidente.

O desenvolvimento de Whitefeather é particularmente interessante, pois, quando veio pela primeira vez controlar Sloan em transe, há cerca de quarenta anos, falava um inglês muito rudimentar e era um Índio Vermelho ignorante, algo infantil. Estas sessões também nos fazem perceber as emoções que existem entre os Etéreos. A Sra. Colquhoun divertiu-se muito com algo que Sloan disse e riu com ele, enquanto, por outro lado, Nellie McWilliam ficou muito perturbada e parecia à beira das lágrimas.

O que deve impressionar toda a gente é o afeto ou amizade que todos os Etéreos demonstram pelos assistentes presentes, e por toda a humanidade na Terra, além de se mostrarem tão ansiosos por curar as nossas mazelas e ajudar-nos nas dificuldades. Lembram-se das suas experiências terrenas, e dá-lhes prazer voltar e aproximar-se tanto da Terra mais uma vez. Este contacto íntimo que os Etéreos estabelecem com a Terra, baixando as suas vibrações pelo pensamento e podendo falar aos seus amigos terrenos, ser ouvidos por eles, tocá-los e senti-los, e serem sentidos por eles, é para eles um grande privilégio. Quantas vezes nos falaram depois da passagem e não receberam resposta, e agora, por meio de ectoplasma, são ouvidos e sabem que já não são considerados mortos.

Um dos pensamentos mais amargos que têm ao chegarem à Etéria é a sensação de que os seus amigos na Terra os consideram mortos. A crença geral na Terra,

de que tudo o que resta deles está sob um metro e meio de terra num cemitério, repugna-lhes e faz-lhes muitas vezes mal até que tal se apague da memória.

Infelizmente, esta visão materialista continuará aqui até que a ignorância seja vencida pelo conhecimento, mas quão poucos se dão conta de que esta falta de compreensão causa grande infelicidade aos entes queridos que já partiram.

Uma coisa que todo o leitor notará é a felicidade e a serenidade que predominam na Etéria. Nessa terra maravilhosa, os seus corpos são fortes, saudáveis e sem defeitos; não têm dor nem doença e não se cansam. Requerem pouco sono, se é que algum, e o seu trabalho é-lhes agradável. Além disso, são mais intensos e ativos do que nós. As suas casas são mais belas, mais confortáveis e melhor organizadas do que foram as casas da grande maioria na Terra, e possuem muitas coisas que não conseguimos imaginar. Vivem num país de beleza viva, e as suas flores parecem dar-lhes o maior prazer, sendo frequentemente referido o facto de se desmaterializarem e nunca apodrecerem.

O desejo de progredir para reinos superiores parece prevalecer entre os que regressam e nos falam. Se os chineses, ou outras raças famosas pela sua visão conservadora, têm o mesmo desejo, não nos foi dito, mas, na Etéria, cada mente determina o seu próprio lugar e, se não tem remorsos, cada indivíduo pode ser feliz e encontrar-se em ambientes afins e felizes. Este maior conhecimento que agora possuímos eleva a dignidade do homem. Não somos as fracas criaturas mortais que parecemos ser, e a nossa existência consciente não se limita ao curto intervalo entre o berço e a sepultura. Na verdade, somos deuses e deusas em potência, conhecimento que um dia há de melhorar a nossa maneira de viver na Terra e aumentar o nosso respeito por toda a humanidade.

Durante estas últimas sessões, a memória de Sloan estava a falhar, e, numa ocasião, saiu para um pequeno passeio e não se lembrava de como regressar a casa. A sua nora, a Sra. Sam Sloan, por isso, às vezes acompanhava-o às diferentes casas onde as suas sessões eram realizadas. Ele encontra-se agora confortavelmente instalado num lar de idosos e é visitado regularmente por alguns dos seus muitos amigos, que sentirão sempre gratidão pelo homem que trouxe tanta satisfação e consolo às suas vidas — e às de muitos milhares — sem qualquer desejo de recompensa e independentemente da própria conveniência. A sua fraca memória é hoje o seu principal problema e, se ele puder lembrar-se da Sra. Colquhoun, que tinha a mesma aflição na Terra e agora diz ter uma memória esplêndida, perceberá que a sua aflição é temporária e que um dia tudo lhe voltará na Etéria.

As conversas que tiveram lugar entre os dois mundos foram simples e caseiras. Eram como as que decorrem numa sala de visitas e revelam o mesmo padrão de pensamento que é geral no mundo ocidental. Consequentemente, os assistentes interessavam-se mais por pessoas e pelo seu modo de vida do que por factos científicos. Quando os amigos se encontram na Terra, falam-se de assuntos simples e caseiros, e não dos problemas mais profundos da vida. As "sermonettes" revelam que os Etéreos que falaram são devotos mas não dogmáticos, não havendo credos na sua religião. Insistiam sempre em que o que importava era o que as pessoas faziam e pensavam, e que, conforme semeássemos, assim colheríamos. As "lecturettes" não eram profundas, mas antes semelhantes a um relatório apresentado sobre um novo país e o seu povo por quem lá chegou. Dizem-nos o que o homem ou a mulher médios na Terra querem saber — não o que os seus cientistas pensam —, mas antes como a Etéria impressiona o recém-chegado, como é a sua vida e o que sentem em relação a tudo isso.

São estas as coisas que a maioria dos que lerem este livro recordarão — não tanto as conversas privadas e íntimas entre mãe e filho, pai e filha, amigo e amigo, mas sim as descrições da vida quotidiana que levam, a paisagem, as suas casas e jardins, a sua saúde, o seu aspeto e as suas atividades sociais. Têm demonstrado ser humanos como nós, e asseguram-nos que, se fizermos o que é certo, um dia estaremos com eles e partilharemos tudo o que o seu maravilhoso país tem para oferecer. Isso, de facto, são boas notícias que, um dia compreendidas, hão de iluminar a perspetiva e dar consolo à grande maioria que até aqui viveu na Terra com medo ou sem esperança.

O próximo capítulo concluirá o livro e resumirá o que aprendemos.

CAPÍTULO XXI

CONCLUSÃO

Uma conclusão a que todos devem chegar depois de ler este livro é que muito se passa à nossa volta que nem vemos nem ouvimos. Nós próprios e o que nos rodeia contêm muito de que não temos consciência, e só ocasionalmente alguns têm o privilégio de experimentar contacto com o mundo maior e os seus habitantes. Além desse resumo geral, temos direito a ir ainda mais longe e penso que podemos, com segurança, formular as seguintes conclusões com base no que já lemos:

(1) Os nossos sentidos na Terra são limitados por causa do nosso corpo físico, que os confina dentro dos limites das vibrações físicas. Não obstante, sabemos que muita coisa se passa à nossa volta que não conseguimos ver, ouvir, tocar, provar ou cheirar.

(2) Sem fenómenos psíquicos nada teríamos que nos guiasse para além do Universo físico. Contudo, pelo facto de os fenómenos psíquicos ocorrerem efetivamente, podemos concluir razoavelmente que há outras regiões de habitação à nossa volta que contêm indivíduos inteligentes como nós.

(3) Essas pessoas invisíveis intrudem-se no mundo físico que habitamos e tornam-nos cientes da sua presença. Apenas observamos o que fazem e ouvimos o que dizem, nada mais. Nós, na Terra, não criamos fenómenos: tudo é feito por eles. Como uma plateia no teatro, ficamos quietos e observamos o que se passa.

(4) Quando ouvimos uma ou mais vozes a falar do vazio, registamos o que é dito. Quando vemos uma figura aparecer ou materializar-se diante de nós, fotografamo-la; quando ocorrem ruídos antinaturais, anotamos que tais coisas acontecem. Quando alguém de nós entra em transe e fala e age como outra pessoa, assinalamos o facto e registamos o que é dito. Por fim, os que são clariaudientes e clarividentes relatam o que ouvem e veem. Nós, na Terra, somos os que somos alvo da ação: fornecemos as condições, mas nada fazemos para produzir esses acontecimentos e apenas os podemos registar.

(5) Os nossos antepassados certamente relataram tais acontecimentos, mas apenas de forma geral. Não tinham inteligência suficiente para registar os fenómenos em detalhe e, além disso, faltavam-lhes o conhecimento e os meios para o fazer. Consequentemente, surgiu o sacerdócio para produzir religião organizada a partir desses acontecimentos psíquicos, que simbolizaram, pois só assim as massas ignorantes podiam receber o consolo e a satisfação de que necessitavam para suportar as provações e tribulações da vida.

(6) A partir de registos cuidadosos feitos ao longo dos últimos cem anos, podemos extrair certas inferências lógicas. Quando ouvimos fala inteligente de um orador invisível, supomos que está a falar um indivíduo. Quando ele dá o seu nome, pedimos então mais pormenores. Quando diz que viveu na Terra e morreu, pedimos informações da sua vida terrena até que nos dê provas suficientes para concluirmos que a voz só pode vir da pessoa que na Terra usou esse nome.

(7) Quando seres Espíritos, a que chamamos aparições ou fantasmas, são vistos e fotografados, concluímos que são homens e mulheres como nós, vivendo

invisíveis no nosso meio, sobretudo quando, pelas suas ações, mostram ser seres humanos. Concluímos que tais indivíduos são aqueles que nos falam pela Voz Direta quando têm oportunidade, ou através de um médium em transe, ou por meio de escrita automática ou clariaudiência. Basta observarmos certas condições e eles farão o resto. Eles são os participantes ativos no drama representado entre os dois mundos, e nós somos apenas os passivos. Eles são os atores e atrizes e nós a audiência. Eles sentem-se sólidos e substanciais, enquanto nós, para eles, parecemos fantasmas, sendo o nosso ambiente, para eles, bastante insubstancial.

(8) Quando alguns de entre nós são usados para a transmissão, pelas mãos, de uma corrente psíquica que cura doentes e sofredores, perguntamo-nos de onde vem e qual a explicação. Depois, um tal curador entra em transe e diagnostica corretamente o que aflige o doente. O curador torna-se como um fio de cobre por onde passa eletricidade, e a sua visão psíquica é como um aparelho de raios X que consegue ver dentro do nosso corpo. Somos apenas os instrumentos de transmissão de raios de cura oriundos de inteligências superiores — assim no dizem quando nos falam, seja por Voz Direta, clariaudiência ou transe. Isto leva-nos de novo a concluir logicamente que os que falam são homens e mulheres como nós, que se compadecem dos que sofrem e tentam curá-los pela sua própria radiação, passada através de um corpo humano adequado ao seu transporte.

(9) Além de serem por vezes vistos e de efetuar muitas curas que os médicos terrenos não conseguem, os Etéreos mostram emoções como as nossas. Em sessões de Voz Direta ouvem-se rir e chorar, estar alegres e tristes, gritar e sussurrar, assobiar e cantar, zangar-se e acalmar-se, serem afetuosos, compassivos e conhecedores do modo como vivemos, do que pensamos e do que fazemos.

(10) De todas as formas, transmitem-nos a impressão de que são homens, mulheres e crianças, semelhantes a nós, mas só os clarividentes presentes nas sessões os conseguem ver a falar connosco. Em raras ocasiões, o rosto de quem fala materializa-se diante da pessoa a quem se dirige, e estive numa sessão em que isso aconteceu.

(11) Sendo assim, não temos nós o direito de concluir que o que nos dizem pode ser aceite como verdadeiro? Creio que a maioria das pessoas sensatas concordará que sim e, sendo este o caso, consideremos agora o que é que eles nos dizem.

(12) Ao longo dos últimos cem anos, a mesma informação foi dada em todas as ocasiões por aqueles que falam, a saber: que em tempos viveram na Terra e agora vivem, com os seus antigos amigos terrenos, noutro mundo que envolve e interpenetra este. Isto é possível porque agora têm um corpo semelhante ao que tinham na Terra, mas sem as suas imperfeições, e esse corpo, quando viviam na Terra, era um duplicado invisível do seu corpo físico. A morte significa o abandono do corpo físico, do qual o corpo etérico escapa, levando consigo tanto a mente como a memória.

(13) Este corpo etérico duplicado, dizem-nos, é perfeito e assemelha-se ao corpo físico, mas não mostra velhice e mantém boa saúde. Os que morrem jovens atingem a maturidade, enquanto os velhos regressam à maturidade. Assim, os Etéreos pensam, falam e deslocam-se tal como nós, embora possam transmitir pensamentos uns aos outros por meio de telepatia, sem fala, se assim o desejarem, e também, quando o pretendem, podem deslocar-se a grande velocidade.

(14) O mundo em que vivem assemelha-se a este mundo; é muito belo e tem montanhas, colinas, vales, mares, lagos, árvores, campos, animais, casas, edifícios públicos, bibliotecas, colégios e tudo o que temos na Terra.

(15) A sua luz é mais luminosa do que a nossa e provém de um sol etérico concêntrico com o nosso sol, sendo a sua atmosfera mais elevada do que a nossa, de modo a produzir crepúsculo, mas não noite como a que experimentamos.

(16) Os habitantes da Etéria estão separados uns dos outros pelo pensamento e não, como na Terra, pela riqueza, porque lá as coisas não se compram nem vendem por ouro. O acesso ao que os rodeia é mais livre para todos do que o é na Terra, e eles podem influenciar a substância etérica através do pensamento de uma forma que nós não conseguimos com a matéria física. O pensamento é muito mais poderoso lá do que aqui, e os que pensam de forma semelhante vivem juntos na mesma vizinhança, mais do que fazemos na Terra.

(17) Etéria é o nome que dou ao Grande Mundo, que gira juntamente com a nossa Terra e é composto por mundo dentro de mundo, cada um com uma gama diferente de vibrações. À medida que os Etéreos aprendem e progridem, à medida que cada mente se torna cada vez mais senhora da sua habitação e do seu meio, assim sobem a planos superiores que vibram a frequências mais elevadas. Não podem ir para um plano mais alto do que aquele para o qual estão preparados, mas podem voltar a superfícies inferiores a partir da superfície onde residem e também visitar a Terra. A mente de cada Etéreo determina onde cada

um deve viver, pois tem de estar em harmonia com o seu ambiente para ser feliz e sentir-se contente.

(18) Os pensadores avançados são conhecidos como os Mestres, cujas instruções são seguidas por aqueles que desejam harmonia e felicidade. Os que perturbam a harmonia são excluídos por força do pensamento do seio dessas comunidades amantes da paz. Disseram-me que a Etéria é justamente e bem governada.

(19) Além disso, dizem-nos que, quando morrermos, nos juntaremos aos nossos amigos e familiares, que nos virão receber e saudar à chegada. O processo de morrer é em si natural e fácil, nada mais do que adormecer e despertar no novo ambiente.

(20) A nossa felicidade e contentamento na Etéria dependem de nós próprios. A personalidade que cada um tem na Terra terá na Etéria; o nosso caráter e temperamento permanecem inalterados porque se centram na nossa mente, que é o indivíduo real. A mente e o corpo etérico não morrem, por isso cada pessoa é exatamente a mesma imediatamente após a morte como era antes da morte.

(21) Tal como é a mente, assim é a nossa habitação. Instalamo-nos num lugar harmonioso com o desejo da nossa mente. Aí podemos ser felizes e contentes, mas, à medida que a nossa mente se desenvolve e os nossos desejos aumentam por condições mais avançadas, progredimos, estando tudo disponível para que qualquer pessoa avance mentalmente sempre que o desejo surja.

(22) O desenvolvimento mental advém da educação e, na Etéria, há escolas, colégios e universidades. A música e as artes merecem grande atenção. Publicam-se e leem-se livros; se o desejarem, os livros da Terra são fotografados a partir das nossas mentes enquanto os lemos. Existem livros de todos os tipos — sobre a sua história, geografia, ciências — tal como temos na Terra. A vida social continua como na Terra, as pessoas visitam-se e apreciam a companhia umas das outras, estando as suas casas situadas em jardins belamente desenhados, com flores primorosas.

(23) Não há morte na Etéria como na Terra. Os indivíduos aumentam as suas vibrações por desenvolvimento mental e atingem uma etapa mais elevada de vida, mas podem voltar e visitar os amigos que deixaram para trás. As flores desmaterializam-se e rematerializam-se. Não há morte nem decomposição. Por toda a parte há uma vividez e um lustro na paisagem que acrescentam encanto e beleza.

(24) A religião, tal como a conhecemos na Terra, só persiste entre os Etéreos menos desenvolvidos. As religiões terrenas são esquecidas à medida que progridem, e cada um pensa e crê de acordo com o seu desenvolvimento mental. A maioria dos que regressam e nos falam são unitários esclarecidos, sem crenças teológicas ortodoxas fixas como as das gentes da Terra.

(25) Ao falarem connosco, sublinham o facto de que, conforme semeamos na Terra, assim colhemos na Etéria. Se na Terra formos pessoas bondosas, íntegras, justas e de boa vida, viveremos com os bons na Etéria; mas, no caso inverso, viveremos com os maus, semelhantes com semelhantes; porém, os maus podem tornar-se bons, embora, para começar, muitas vezes sejam infelizes por causa das lembranças dos seus atos malvados na Terra. Cada um é o seu próprio salvador, cada um é o seu próprio juiz, e vamos muito naturalmente para o lugar para o qual nos preparámos na Terra.

Esta, em resumo, é a mensagem do Espiritualismo à humanidade. É aquilo a que se chama Religião Natural, que rejeita todas as teologias e credos e se mantém no que se sabe ser verdadeiro pela observação e pela experiência. Só assim, e apenas assim, religião e ciência poderão um dia encontrar-se e, quando tal acontecer — como certamente acontecerá —, o crédito dessa união será dado aos espiritualistas que, pelos seus verdadeiros métodos científicos, expuseram, por um lado, os erros da religião ortodoxa e, por outro, o materialismo da ciência ortodoxa.

A assimilação do que o Espiritualismo representa só pode beneficiar a humanidade. Ensina-nos tolerância e a valorização do indivíduo. Aprendemos a considerar cada pessoa individualmente — não como nação ou massa —, cada uma como um ser cuja mente não morrerá, mas progredirá a alturas desconhecidas. Para o Espiritualismo não há barreiras nacionais, nem credo religioso, e o que realmente importa é a fraternidade humana. Um dia, a sua influência poderá tornar a guerra impensável, mas, infelizmente, a maldição da ignorância pesa tão fortemente sobre a humanidade que esse tempo tão ansiado ainda não chegou.

Este livro, como já disse, deve ser tomado como um todo, na sua totalidade, e, feito isso, o seu grande valor para a humanidade será apreciado. Do muito que traz das conversas que relata, podemos extrair um atrativo prospeto para cada um de nós como potenciais emigrantes. Não precisamos de temer a morte em qualquer idade, embora os que morrem jovens percam muita experiência terrena e sejam como crianças que deixam a escola demasiado cedo. Isso, porém, não retarda o seu progresso do outro lado, e nunca encontrei ninguém que desejasse voltar e retomar a sua vida na Terra. Os idosos não precisam de

temer envelhecer, pois, quando avançarem, hão de encontrar-se de novo no auge, aptos e bem, livres das limitações da velhice. A passagem é fácil, tal como adormecer e acordar para se encontrar na Etéria, o destino.

A Etéria é um lugar muito mais maravilhoso do que podemos imaginar. Do mesmo modo, o indivíduo é uma criação muito mais extraordinária do que alguma vez se contemplou. O nosso maior conhecimento aumenta certamente a dignidade de homens e mulheres. A mente pode agora ser considerada o fator comum dos dois mundos; a mente de cada um, que somos nós próprios, é a mesma lá e cá; apenas o veículo terreno — o corpo — muda e, consequentemente, vivemos em novo ambiente. A nossa personalidade permanece inalterada e seremos sempre nós próprios, para progredir a alturas que nem sequer podemos contemplar.

Para o conhecimento, todos os factos são amigos; a ignorância não tem amigos e prefere a escuridão à luz. Até aqui, a humanidade viveu na escuridão mental quanto ao seu destino. O Cristianismo retrata-nos como seres caídos, quando, na realidade, é o contrário e temos diante de nós uma vida progressiva sem fim. Diz-se-nos que confiemos num salvador e não em nós próprios, quando, novamente, é o contrário e não encontraremos nenhum barco de salvamento à espera para nos levar em segurança à outra margem. Conforme semeamos, assim colheremos.

O Espiritualismo representa a evolução mental, pois não só o corpo evolui, como também a mente. É a mente em evolução que tem evoluído o corpo. A mente que evolui eleva alguns em direção a um objetivo invisível, que todos poderão afinal alcançar se o desejo persistir. As velhas tradições religiosas estão a ser ultrapassadas; são demasiado estreitas, demasiado falsas e demasiado cruéis para que pessoas inteligentes as aceitem hoje; mas algo terá de as substituir, para não soçobrarmos num materialismo vazio e vivermos na Terra sem expectativa de coisas melhores. Isso, o Espiritualismo certamente fará.

Não nascemos para sermos seres conscientes apenas pelo breve intervalo entre o berço e a sepultura. Sabemos agora que a vida é algo muito mais vasto, grandioso e nobre do que alguma vez se imaginou. A morte já não nos causa terror, porque não é mais do que o nome dado à porta pela qual passamos para experimentar vida continuada num mundo de saúde radiante, livre de dor, doença e limitações, onde há menos tensão, maior felicidade, maior harmonia e uma vividez que torna o que nos rodeia muito belo.

Os que tiveram as experiências registadas neste livro, ou semelhantes noutros lugares, podem ser vistos como "os iluminados", porque viram e ouviram coisas

que muito poucos tiveram o privilégio de ver ou ouvir. Aprenderam, a partir de um mundo invisível envolvente, que cada indivíduo tem possibilidades ilimitadas e, num corpo novo, pode atingir alturas desconhecidas. Este facto há de, com o tempo, melhorar a nossa maneira de viver na Terra, pois aqui devemos preparar-nos plenamente para a vida ampliada e mais intensa que nos espera.

Como em tanto mais, a Natureza engana-nos muito no que respeita à vida e à morte, e não admira que muitos pensem que o nosso breve vislumbre de consciência na Terra não passa de um clarão entre duas eternidades sombrias. Em vez disso, alguns descobriram agora que grandes perspetivas se abrem à imaginação quando pensamos no nosso progresso eterno através das esferas. Quão diferentes são realmente as nossas perspetivas do que parecem ser, agora que sabemos que o maior facto da vida, a sua maior certeza, é que cada um de nós é um indivíduo que compreende muito mais do que pode ser visto com olhos físicos e com um horizonte aparentemente interminável pela frente, à medida que a mente se desdobra.

Se ordenarmos bem a nossa vida, aqui e no além, espera-nos um futuro mais pleno e encantador, enquanto o progresso — sempre progresso — está aberto a todos e negado a ninguém.

Fim